

ДЕЛО

№ 1-Г-23



О Гитлере и его окружении
Вашими расследованиями

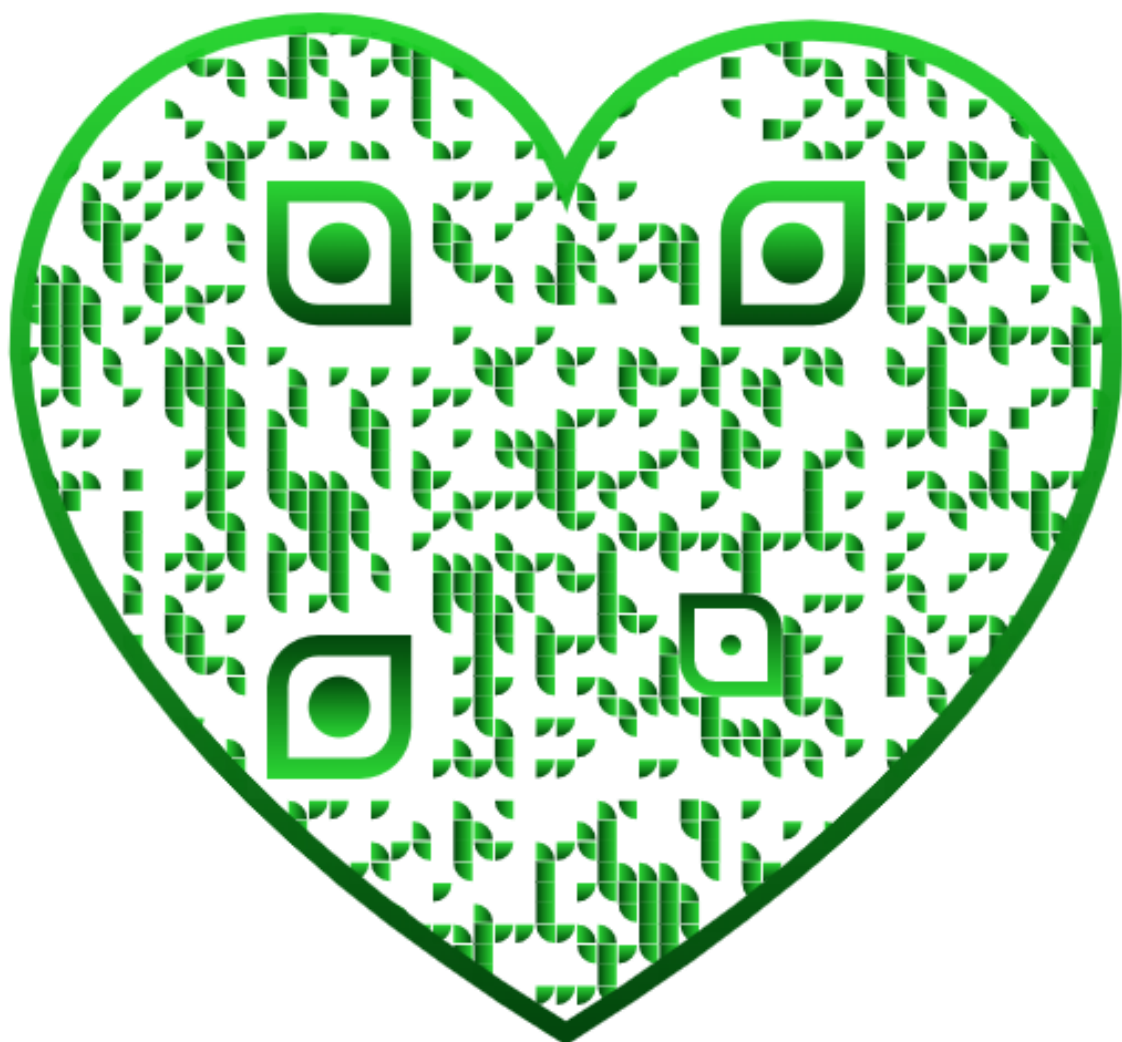
O DOSSIE HITLER

Начало: 482

O FÜHRER SEGUNDO AS INVESTIGAÇÕES
SECRETAS DE **STALIN**

HENRIK EBERLE & MATTHIAS UHL (ORGS.)





HENRIK EBERLE (ORGS.)
& MATTHIAS UHL

O DOSSIÊ HITLER

Tradução de
KRISTINA MICHAELLES

Revisão técnica de
MAURÍCIO PARADA

2ª EDIÇÃO



Minha Impalpável Biblioteca



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2008

D762 O dossiê Hitler / [organizadores] Henrik Eberle e Matthias
2ª ed. Uhl; tradução de Kristina Michahelles; revisão técnica de Maurício
Parada. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2008.

Tradução de: Das Buch Hitler
Contém dados biográficos
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-01-07439-3

1. Hitler, Adolf, 1889-1945 – Fontes. 2. Guerra Mundial, 1939-
1945 – Alemanha – Fontes. 3. Alemanha – História – 1933-1945
– fontes. I. Eberle, Henrik, 1970- . II. Uhl, Mathias.

07-1267 CDD – 943.086
CDU – 94(43)“1933/1945”

Título original em alemão:
DAS BUCH HITLER

Copyright © 2005 by Verlagsgruppe Lübbe GmbH & Co. KD, Bergisch Gladbach

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento
ou transmissão de partes deste livro através de quaisquer meios, sem
prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição em Portugal
e resto da Europa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil
adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-07439-3

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052
Rio de Janeiro, RJ – 20922-970



Sumário

O Dossiê Hitler: <i>Tentativa de uma explicação</i> , por Horst Möller	7
<i>Prefácio dos organizadores</i>	21
1. Verão 1933 — Verão 1934	31
2. Verão 1934 — Fevereiro 1936	37
3. Março 1936 — Outubro 1937	49
4. Novembro 1937 — Fevereiro 1939	59
5. Março — Novembro 1939	79
6. Dezembro 1939 — Maio 1941	93
7. Junho 1941 — Janeiro 1942	119
8. Fevereiro 1942 — Fevereiro 1943	131
9. Fevereiro — Verão 1943	153
10. Verão 1943 — Fevereiro 1944	179
11. Fevereiro — Junho 1944	197
12. Julho 1944 — Janeiro 1945	217
13. Janeiro — Março 1945	245
14. Março 1945	265
15. Abril — Maio 1945	291
<i>Posfácio dos organizadores</i>	371
<i>Notas</i>	407
<i>Biografias</i>	471
<i>Bibliografia e indicação das fontes</i>	593
<i>Agradecimentos</i>	613
<i>Fotografias</i>	615
<i>Índice</i>	617

O DOSSIÊ HITLER
Tentativa de uma explicação
Horst Möller

Dois ditadores: Aliança e guerra

Que motivos levariam dois ditadores a se interessarem um pelo outro? Por que isso aconteceu justamente com os dois ditadores campeões de brutalidade, seguidores de duas ideologias fanáticas que conduziram a Europa para o precipício no século XX? Teria sido por causa do fascínio que ambos nutriam pelo totalitarismo? Ou talvez por um certo parentesco d'alma de dois poderosos, apesar de toda a inimizade entre ambos? Teria sido pelo desejo de desvendar a técnica de poder do adversário, a fim de aprender um com o outro? Seja como for, devemos o *Dossiê Hitler* — uma fonte insólita — à curiosidade de Stalin acerca de Hitler, curiosidade que não arrefeceu nem mesmo quando Hitler cometeu suicídio na Chancelaria do Reich no dia 30 de abril de 1945, eximindo-se dessa forma da responsabilidade pela terrível catástrofe para a qual levou a si próprio, o regime nazista na Alemanha e os países vizinhos. Pelo menos uma explicação já pode ser descartada de antemão: o interesse de Stalin por Hitler não foi motivado pelo horror aos seus crimes, pelos quais aparentemente ele não tinha especial interesse — aliás, neste particular, era absolutamente capaz de concorrer com o ditador alemão. No entanto, Stalin era superior a Hitler no tocante à atitude cautelosa e ao raciocínio calculista. Stalin jamais improvisava. Mesmo assim, pode estar aí o motivo do seu especial interesse por Hitler. Afinal, ele já se enganara completamente a respeito do *Führer*. Foi durante a primavera de 1941, quando Stalin ignorou todos os alertas do marechal Zhukov sobre um possível ataque por parte da Alemanha hitlerista, arriscando praticamente, assim, a derrocada total da União Soviética — provavelmente por supor que Hitler tinha os mesmos parâmetros de raciocínio de poder que ele próprio. Essa

superestimação de Hitler era proporcional à subavaliação, por parte de Stalin, da fanática ideologia racista do ditador alemão.

Seja como for, não só apenas os dois ditadores entre si, mas também os historiadores se interessaram pelas suas diferenças e semelhanças e pela influência que tiveram sobre o século XX — tanto a influência que ambos exerceram em comum quanto aquela em que foram antagônicos entre si. Esse interesse da historiografia gerou até mesmo uma biografia dupla dos extremos neles personificados — hostis entre si e, no entanto, parecidos. Refiro-me ao grande historiador inglês Alan Bullock, que publicou em 1952 a primeira biografia em bases científicas sobre Hitler. Durante décadas, o livro foi a principal obra de referência. Mais tarde Bullock publicou outro livro sobre Hitler e Stalin juntos.¹

Os paralelos não existiam apenas nas técnicas de poder semelhantes, mas também no fato de que, desde 1939, suas vidas estiveram interligadas na prática, e essa interligação era mais forte do que sua oposição ideológica. A cooperação parcial entre Hitler e Stalin marcou a primeira fase da Segunda Guerra Mundial, logo depois do ataque conjunto contra a Polônia. Sua adversidade ideológica básica levou à reviravolta secular da guerra depois do ataque alemão à União Soviética, no dia 22 de junho de 1941. Aquela guerra, como Andreas Hillgruber constatou em 1965 em sua importante obra *Hitlers Strategie. Politik und Kriegführung* (*A estratégia de Hitler, política e condução bélica*), foi planejada e conduzida para ser uma “guerra de destruição ideológica”.

Ao ato “diplomático” — o Pacto de Não-Agressão teuto-soviético de 23 de agosto de 1939 com o Adendo Secreto (o Pacto Hitler-Stalin) — seguiu-se imediatamente o ato militar. O pacto serviu como preparativo para a guerra² e abriu caminho para que Hitler pudesse cumprir o planejado ataque à Polônia, já com menor risco. Stalin imitou Hitler e, de certa forma, favoreceu a expansão alemã rumo ao leste pela expansão correspondente da União Soviética rumo ao oeste: a divisão da Polônia entre os ditadores foi selada definitivamente quando Stalin, depois do bem-sucedido ataque alemão de 1º de setembro de 1939, não hesitou e mandou o Exército Vermelho invadir a Polônia oriental no dia 17 de setembro. Os maus-tratos infligidos aos prisioneiros poloneses e à população civil pelos dois lados eram semelhantes, ainda que os motivos de

Stalin não fossem de ordem racial, e sim política e imperialista. Stalin tampouco hesitou em imitar Hitler ao incorporar outras partes da Europa Oriental que Hitler não queria para si, como os Estados Bálticos e partes da Finlândia.

Ainda no início da guerra, o regime de terror das forças de ocupação alemãs encontrou analogias no Exército soviético. O caso mais emblemático é o de Katyn, na Polônia oriental, onde, depois da invasão soviética por ordem de Stalin e decisão do Politburo do Partido Comunista, foram assassinados 25.700 oficiais e civis poloneses pelo NKVD (Comissariado do Povo para as Questões Internas). Quando, em fevereiro de 1943, soldados alemães descobriram milhares de cadáveres, Stalin tentou atribuir a matança às forças alemãs que ocupavam o país. Nenhuma das duas hipóteses era despropositada, pois crimes deste tipo cometidos pelos invasores frequentemente eram atribuídos ao adversário e instrumentalizados pela guerra mútua de propaganda. Já naquela época a União Soviética violou a Convenção de Genebra de 1929 que definia o tratamento a ser dispensado aos prisioneiros de guerra: como a União Soviética não tinha declarado guerra à Polônia, o Exército Vermelho não tratou os soldados poloneses presos em respeito a princípios humanitários, e sim como criminosos, enviando-os para campos de concentração.

“As pessoas na zona de ocupação soviética eram submetidas às condições mais duras. A sovietação era organizada enquanto luta de classes, cujas vítimas eram as elites burguesas, notadamente as de nacionalidade polonesa. O regime de terror da polícia secreta soviética chefiada por Lavrenti P. Beria é objeto de pesquisa da nova historiografia polonesa desde os anos 90. Assim, existem hoje claros indícios de que, em suas conseqüências, pouco se diferenciava da política assassina conduzida do lado adversário por Heinrich Himmler com seu aparato de SS e polícia...”³

Com o ataque duplo contra a Polônia e a divisão da Europa Oriental em uma esfera de poder alemã e outra soviética, os dois ditadores se tornam vizinhos, geograficamente falando. A barbarização inimaginável da guerra, que tinha um único objetivo — o aniquilamento do inimigo —, excluiu de antemão qualquer tipo de harmonização de interesses, ou seja: quem não salsse vitorioso tinha de ser destruído. A vitória militar decidiu sobre o destino dos ditadores, e depois do maior erro militar de Hitler — o ataque à Rússia Soviética

tica — esta última aliou-se a países ocidentais ideologicamente contrários, como Estados Unidos e Grã-Bretanha.

Essa constelação gerou ódio no plano pessoal? Embora isso pareça mais do que lógico, tanto as *Conversas de Hitler à mesa* quanto os diários do ministro de Propaganda do Reich, Joseph Goebbels, contêm vários relatos testemunhais diferentes. É bastante elucidativa a afirmação generalizante de Hitler sobre os comunistas, poucas semanas depois do ataque à União Soviética: “O pacto com a Rússia jamais me obrigou a assumir uma outra postura em relação ao perigo que vem de dentro. Mas prefiro mil vezes os nossos comunistas a, por exemplo, um Starhemberg.⁴ Eram homens de natureza robusta, os quais, se tivessem passado mais tempo na Rússia, teriam voltado totalmente curados.”⁵

No dia 23 de março de 1942, Hitler afirmou que era preciso reconhecer em Stalin uma virtude: ele não permitia aos judeus se aproximarem das artes.⁶ No dia 11 de abril de 1942, ele elogiou seu antípoda dizendo que somente através da violência seria possível formar uma comunidade, e que, “se Stalin, nos últimos anos, aplicou ao povo russo os mesmos métodos que Carlos Magno usou em relação ao povo alemão, então, considerando o nível cultural dos russos não se deve condená-lo por isso”. Ele afirmou ainda que Stalin agira daquela maneira “por entender ser necessário unir os russos em uma estrutura de Estado rígida, a fim de assegurar a existência política de todos os povos reunidos na União Soviética”.⁷

De fato, Hitler viu em Stalin um gênio⁸ que tinha de eliminar necessariamente o marechal Mikhail Tukhatchevski a fim de consolidar o seu poder, uma vez que havia um fosso intransponível entre os oficiais czaristas antigos e ele próprio.⁹ De seu jeito particular, Stalin era “genial”, achava Hitler, e era preciso nutrir um “respeito incondicional” por ele. Na opinião de Hitler, suas políticas econômica e social também mereciam reconhecimento.¹⁰

“Liderança carismática” — Apreço pessoal na guerra de extermínio?

Ainda mais significativa é a afirmação de que “se Churchill é um chacal, Stalin é um tigre”.¹¹ De fato, chamam a atenção em todas as observações de Hitler o ódio e o desprezo com que tratava os estadistas democráticos de sua época,

como Churchill ou Roosevelt, ao passo que só muito raramente se manifestava criticamente em relação a Stalin. Esta “afinidade de almas” baseava-se ideologicamente na exaltação do despotismo carismático que transcendia o plano das ideologias e, por isso, esvaziava seus conteúdos em vista da glorificação do respectivo déspota.

Não foi nenhum acaso que, nos anos logo após a Primeira Guerra Mundial, um Oswald Spengler rendesse homenagem a um socialismo de Estado baseado em um séquito de seguidores, que ele considerou como uma herança prussiana e que incluía a disposição bélica. Exatamente nesse aspecto se manifestava, segundo Spengler, a funcionalidade do Estado.¹² “*É preciso existir um líder* que resuma e melhore as qualidades criativas do povo com vistas à sua situação histórica...” Segundo Spengler, este líder de um Estado “estruturado com base em ordem e obediência” deveria corporificar a sinergia das forças do povo e representar seus verdadeiros valores e objetivos. Os exemplos históricos por ele apontados revelam que os conteúdos ideológicos não tinham tanta importância para fins de avaliação: “A União Soviética *era* Lenin, a África do Sul *era* Rhodes, Mussolini *é* a Itália.”¹³ Portanto, não se trata aqui de saber até que ponto o nacional-socialismo se encantava pela ideologia inimiga do bolchevismo e, por isso, podia ser compreendido como reação à missão global da Revolução Russa de outubro de 1917. Nem mesmo o papel exemplar que Stalin e os excessos de brutalidade bolchevique tiveram para Hitler é o elemento preponderante neste caso,¹⁴ e sim o princípio político de uma ditadura que ambos tinham em comum, entre cujos instrumentos estava o exercício de um poder cujos limites eram determinados apenas pelo respectivo ditador. Este tipo de liderança germinou, no período entre as guerras, no solo fértil de um pensamento antidemocrático que se voltava contra o Estado liberal de direito e as diferentes formas que este assumiu na Europa. Havia, sim, um parentesco entre a autonegação dos bolcheviques de Lenin da Revolução de outubro de 1917 como a vanguarda social, política e intelectual que, enquanto minoria, tinha a consciência social “certa”, e a teoria das elites do economista e sociólogo italiano Vilfredo Pareto, que influenciou o fascismo italiano de Mussolini.

Na prática, esse paradoxo entre princípios semelhantes de poder e ideologias antagônicas gerou violentos combates de rua entre comunistas e nacional-

socialistas, bem como as ações conjuntas de destruição da democracia de Weimar, fosse através da instrumentalização de minorias para obstruir votações no Parlamento ou na forma de manifestações organizadas de comum acordo ou enfrentamentos com a polícia.

Aquilo que, à primeira vista, parece uma sobrevalorização paradoxal de Stalin por Hitler, mesmo durante a guerra de extermínio, pode ser descrito como “espírito de camaradagem entre ditadores” (Percy Ernst Schramm). No entanto, a questão é mais profunda e está enraizada na crença na onipotência do ditador e a violência como instrumento determinante do exercício do Poder. E, para ambos, combate e guerra eram leis motrizes da História, luta de classes para os comunistas e conflito racial para os nacional-socialistas, como já apontou Hannah Arendt.¹⁵

A maneira como Stalin, por um lado, e Hitler e seu porta-voz Goebbels, por outro, avaliavam um problema que ambos tinham no exercício do seu poder — o papel do corpo tradicional de oficiais e do generalato — também é característica para as conseqüências práticas desse tipo de compreensão do poder. Além da declaração citada de Hitler, podem ser encontradas, por exemplo, no diário de Goebbels, várias descrições positivas a respeito de Stalin, que revelam o seu papel de exemplo para o ditador alemão. Num trecho, Goebbels escreve que Stalin era “um calculista muito frio (...) que acima de tudo sabe avaliar corretamente as possibilidades e os efeitos no seio de um grande movimento popular”.¹⁶ Em outro trecho, Goebbels explica que Stalin agiu corretamente ao mandar assassinar o grupo de generais reacionários, comentando ainda que o mesmo deveria ter sido feito na Alemanha. Sintomaticamente, depois do atentado do dia 20 de julho de 1944 Stalin reagiu com incompreensão ao fato de que Hitler ainda não tinha mandado eliminar as tradicionais elites militares. Não existem dúvidas de que Hitler e Goebbels acompanharam atentamente as técnicas de exercício de poder empregadas por Stalin. Da mesma forma, Stalin estava fortemente interessado no sistema de dominação de Hitler. Por isso, o NKVD ordenou que os ajudantes pessoais presos de Hitler, Otto Günsche e Heinz Linge, reunissem apontamentos e declarações sobre Hitler e, sob a supervisão do tenente-coronel Fiodor Karpovitch Parparov, elaborassem o *Dossiê Hitler* nos anos de 1948 e 1949.

Comparação entre ditaduras e modelo de totalitarismo

Embora a análise comparativa da dominação ditatorial dependesse da respectiva conjuntura, os cientistas políticos da década de 1930 (utilizando-se de conceitos do fascismo italiano dos anos 1920) conseguiram elaborar as semelhanças estruturais da dominação totalitária e relacionaram o conceito de totalitarismo em primeira linha com a ditadura bolchevista e a nazista — ou seja, com Stalin e Hitler. Naquele momento — portanto, antes da Segunda Guerra Mundial — já haviam ocorrido diversos massacres comunistas na União Soviética (a matança, respectivamente a morte por fome conscientemente provocada de vários milhões de latifundiários russos, os *kulaks*, a “limpeza partidária” através de detenções arbitrárias e processos públicos que apenas em 1937/38 comprovadamente custou a vida de 681.692 funcionários do Partido e do setor econômico),¹⁷ enquanto os maiores massacres da ditadura nazista (a matança sistemática de milhões de judeus europeus nos países ocupados, o massacre dos ciganos e outras minorias, finalmente os crimes de guerra) somente ocorreram a partir de 1939, respectivamente 1941. Esses crimes, principalmente a singularidade do massacre dos judeus, mas também o antagonismo das duas ideologias e, finalmente, a característica estática do modelo totalitário, foram as razões para a crítica virulenta a esse modelo.

Depois que essa interpretação se manteve inconteste ao longo de várias décadas, tendo sido fortalecida durante a Guerra Fria entre as democracias ocidentais e as ditaduras comunistas, nos anos 60 começaram a se tornar mais frequentes as dúvidas sobre se o conceito de totalitarismo se aplicaria à realidade histórica das duas ditaduras. Diferentes razões — tanto de ordem historiográfica quanto político-social — explicam esse ceticismo.

Diferentemente do que aconteceu com as ditaduras comunistas, a crescente investigação sobre a ditadura nacional-socialista beneficiou-se de fontes abundantes, em sua maior parte acessíveis logo depois da derrocada do regime. Dessa forma, ampliou-se a noção da dimensão dos massacres, e, mais do que isso, a análise da estrutura social e de poder começou a ficar diferenciada. Assim, muitos historiadores começaram a pôr em xeque o conceito de “totalitário” como caracterização mais adequada da realidade histórica.¹⁸

De um lado, o regime não logrou realizar uma abrangência realmente total da população. Por outro lado, começou a ficar evidente o caráter policrático da estrutura de poder, com vários subcentros de poder que em parte concorriam entre si e o caráter improvisador de várias decisões de Hitler. Em parte, esse traço característico do seu exercício do poder foi tão acentuado que Hitler, ao seu lado, parecia um “ditador fraco” (Hans Mommsen). Sem dúvida, Stalin não compartilhava desse juízo. Caso contrário, seu interesse por Hitler teria sido bem menor, e ele dificilmente teria conseguido levar a cabo investigações tão intensas sobre o seu adversário. Afinal, sabia muito bem que um ditador fraco dificilmente o ameaçaria tanto e dificilmente exigiria tantas mortes na população soviética.

A crítica política moralista afirma equivocadamente que, ao se fazer a comparação, o denominador comum de “totalitarismo” aplicado às ditaduras de Stalin e de Hitler acaba por inocentar os crimes nazistas. Mas os questionamentos comparativos fazem parte do instrumental normal da tipologia sociológica e das ciências políticas na História.¹⁹ Não se trata de tornar inofensivos os crimes do nazismo.

Afinal, a crítica ao modelo do totalitarismo como suposto produto da Guerra Fria não só era falsa do ponto de vista historiográfico, uma vez que esse modelo foi desenvolvido muito antes nos EUA, em parte por imigrantes da Alemanha nazista, mas tinha um condicionante político: no contexto do neomarxismo cada vez mais fortalecido, moralmente as ditaduras comunistas tinham que aparecer melhor, uma vez que até a repressão da rebelião húngara por tropas soviéticas em 1956 e a prestação de contas com o stalinismo por Nikita Kruchev no XX Congresso do Partido Comunista em 1956, numerosos intelectuais de esquerda continuavam se agarrando à idolatria a Stalin, vários deles cultivando uma espécie de “comunismo reformador”. Investigações levadas a cabo por ex-comunistas acabaram com estas ilusões — tendência que começou com os livros de Arthur Koestler,²⁰ mas só alcançou um efeito de longo alcance e de profundidade com a obra do grande historiador francês François Furet, *O fim de uma ilusão, o comunismo no século XX*²¹ bem como o *Livro negro do comunismo*,²² editado por Stephane Courtois.

Essas obras não apenas evidenciam o caráter totalitário das ditaduras comunistas como também desmascaram os massacres, entre eles os assassinatos

de milhões de inocentes durante o domínio de Stalin. Por outro lado, a historiografia revelou mais informações sobre o caráter criminoso de Hitler e seus ajudantes e também corrigiu os excessos da tese de um governo policrático e improvisador. Por mais que tais interpretações sejam aceitas, nenhum historiador sério compartilha hoje a suposição absurda de que Hitler tenha sido um “ditador fraco”. Acrescente-se a isso que os traços policráticos já foram detectados anteriormente, porém eram interpretados como técnica de poder programada, segundo o lema “dividir para reinar”.²³

O fim das ditaduras comunistas depois de 1991 na Europa Oriental e Central impulsionou novamente a comparação entre as duas ditaduras. Os critérios do modelo totalitário fazem parte desta interpretação, ainda que a maioria dos historiadores seja contrária à sua dogmatização, favorecendo a aplicação de um modelo de interpretação heurístico e flexível. As características do poder descritas por Hans Kohn, Carl J. Friedrich, Zbigniew Brzezinski e outros autores até Hannah Arendt distinguem entre técnicas de poder comunista, fascista e nacional-socialista, embora nem todos os fatores tenham a mesma relevância e as ideologias fossem diferentes ou mesmo antagônicas, e embora o alcance das respectivas ditaduras “totalitárias” fosse diferenciado. No entanto, tratava-se principalmente da intenção de querer exercer um domínio totalitário, não de suas brechas e lacunas. Não se trata de querer equiparar os crimes, uma vez que as formas e os públicos-alvo dos massacres eram totalmente diferentes, bem como os contextos históricos e outras especificidades.

No estágio atual do conhecimento, os critérios comuns do totalitarismo passíveis de serem modificados são: o objetivo de abarcar a totalidade da população e de manipulá-la com ajuda de um Partido e organizações de massa a ele submetidas; o Estado de partido único com monopólio decisório e elite política; polícia secreta com métodos de terror; monopólio da imprensa; ideologia de dominação social de amplo alcance, culto à personalidade — comum a Stalin, Mussolini, Hitler, Mao ou Fidel Castro —, o pensamento maniqueísta amigo *versus* inimigo, exclusão, discriminação ou eliminação de minorias, um monopólio de poder essencialmente ilimitado.²⁴

Mas a curiosidade de Stalin por Hitler não se restringia apenas às técnicas do poder, permeando a esfera privada. Para satisfazê-lo, os autores compila-

ram uma quantidade de informações sobre seu comportamento cotidiano, incluindo fofocas e rumores sem fonte comprovada. Trechos desse tipo informam mais sobre quem encomendou a obra ou as suposições que os autores tinham a respeito dele do que sobre o próprio Hitler. Por outro lado, não apenas a curiosidade de Stalin, mas também o momento e a base de fontes tornam o texto interessante. Os organizadores focaram tudo isso em detalhes.²⁵

O que Stalin podia saber sobre Hitler? Interpretações contemporâneas

Embora já existissem interpretações sobre Hitler e até biografias naquela época, só havia alguns poucos relatos autênticos escritos por pessoas de seu círculo, e ainda por cima de natureza muito específica, como, por exemplo, os inúmeros trechos dos diários de Joseph Goebbels, mas que sempre devem ser vistos sob o ponto de vista de quem escreveu. Antes da elaboração do *Dossier Hitler* destinado à leitura por Stalin, obviamente não podiam ter sido publicados outros relatos autênticos por parte do círculo de pessoas a ele ligadas. Um dos primeiros trabalhos desse tipo foram as conversas à mesa de Hitler escritas em 1951 por Gerhard Ritter, aos quais se seguiu a edição de 1953 de *Hitler's Table Talks*, publicada por Hugh Trevor-Roper, que não são plenamente confiáveis.

Uma das primeiras publicações desse tipo foi o livro editado em 1940 pelo ex-presidente do Senado de Dantzig, Hermann Rauschning, *Gespräche mit Hitler* (*Conversas com Hitler*).²⁶ Rauschning, que ingressou no Partido Nazista em 1931, tendo defendido posições anti-semitas, entrou em confronto com o *Gauleiter* de Dantzig, Forster, e teve de renunciar em 24 de novembro de 1934 por pressão do próprio Hitler. Em 1936, Rauschning foi para a Polônia e emigrou para a Suíça, seguindo em 1948 para os EUA. Seus dois livros sobre o nacional-socialismo são uma espécie de prestação de contas pessoal com o regime nazista que tentara impedir a publicação. Embora o livro mencionado tenha influenciado a investigação historiográfica sobre Hitler e alcançado sucesso internacional, mais tarde revelou-se uma fraude: de fato, não se trata da reprodução de conversas autênticas, e sim de uma narrativa fictícia baseada

em conhecimentos pessoais, em grande parte inventada por Rauschning para o serviço secreto americano e que serviu à propaganda dos Aliados.

No caso de seu livro publicado pouco antes, *Die Revolution des Nihilismus* (*A revolução do niilismo*),²⁷ trata-se de uma tentativa de interpretar o nazismo. Ele baseia-se na administração de Hitler, que contava então cerca de cinco anos, e na vivência da emigração, que modificara a perspectiva originalmente nacional-revolucionária de Rauschning. Esse livro tem interesse historiográfico bem mais consistente enquanto interpretação substancial e reflexiva da ditadura nazista como produto da crise do período entre as guerras, como, por exemplo, a descrição do sistema de poder de Rauschning. Mas não é um texto biográfico sobre Hitler, embora analise o maquiavelismo autodestrutivo de Hitler como um processo que se intensificava continuamente.²⁸

As outras obras publicadas sobre Hitler em sua época tampouco são relatos biográficos autênticos, e sim tentativas de interpretação. Elas foram publicadas na Alemanha e no exterior. Muitas vezes, como no caso de Rauschning, foram escritas por emigrantes, ou seja, por inimigos mais ou menos clarividentes da política de Hitler. Entre esses livros, há alguns estudos biográficos como o de Theodor Heuss, *Hitlers Weg* (1932), publicado na Alemanha, ou então *Hitler* (Londres 1931), de Wyndham Lewis. A partir de 1933 começam a ser publicados com mais frequência esses debates.²⁹

Os autores que escreveram os relatos mais importantes sobre Hitler e o nazismo ainda no início — entre eles, duas biografias, bem como análises do sistema de poder nacional-socialista que foram de grande relevância para a historiografia posterior — foram emigrantes.

Rudolf Olden, editor e jurista emigrado em 1933, que tinha sido redator político no jornal *Berliner Tageblatt* e defendera Carl von Ossietzky no processo de alta traição, publicou a biografia *Hitler* na Editora Querido, de Amsterdã, especializada em obras de exilados. Esse livro contém vários capítulos sobre a vida de Hitler, como a sua infância, e relata em detalhes a sua disputa com o Reichswehr, o Exército alemão. Olden vê o Reichswehr como um setor da “classe dominante”, o único que Hitler “respeitava”, o “poder armado”. Mas, embora se concentre em Hitler, aqui também se trata da interpretação psicológica e política de um determinado tipo de personalidade.

Pouco tempo depois, seguiu-se outra obra de um emigrante: a biografia *Hitler*, em dois volumes, de Konrad Heiden, 1936/37, publicada pela Editora Europa Verlag, de Zurique. Heiden, que também era jurista e editor, talvez tenha sido o primeiro a ocupar-se intensa e criticamente com a ascensão do nacional-socialismo, tendo sido setorista em Munique para a *Frankfurter Zeitung* entre 1923 e 1930, antes de continuar suas observações em Berlim, a partir de 1930. Na capital, ele montou uma agência de notícias com informações sobre a propaganda nazista, tendo advertido contra o perigo de subestimar-se o regime. Em 1933, fugiu para a região do Sarre e, de lá, para a França.

Já em 1932 e em 1934, Heiden publicou livros sobre o nazismo. Seu livro sobre Hitler é a primeira biografia realmente relevante que já plantava questionamentos importantes para a investigação futura, como, por exemplo, a falta de princípios de Hitler ou a relação dos objetivos formulados em *Mein Kampf* com o oportunismo de sua política prática. A controvérsia futura sobre se Hitler planejava ou improvisava já pode ser encontrada ali, sem que Heiden realmente forneça uma resposta definitiva. Ele se aproxima assim das tendências atuais, que vêem ambos os elementos em Hitler. Heiden também previu que o mundo seria abalado por Hitler, apontando para seus planos de dominação do mundo bem como o objetivo de formar uma elite racial ariana.³⁰ Heiden se ocupou intensamente com o “homem infeliz”, suas companhias noturnas, sua insônia, o círculo mais estreito do Poder³¹ — temas que aparecem mais tarde no *Dossiê Hitler*, mas são tratados de uma maneira mais positivista e — diferentemente do que poderia acontecer em Heiden — referem-se fortemente à época da guerra.

Finalmente, vale mencionar duas outras obras relevantes, as quais, embora não tenham igual peso historiográfico, fecundaram a investigação posterior, sem se centrar em Hitler, mas dissecando as estruturas do poder. Ambas as análises também foram publicadas por emigrantes nos EUA: o livro do jurista e cientista político Ernst Fraenkel, *Der Doppelstaat. Recht und Justiz im Dritten Reich*,³² bem como o livro de Franz Neumann, *Behemoth. Struktur und Praxis des Nationalsozialismus 1933-1944*.³³

O livro de Fraenkel trata rigorosamente das estruturas de direito e de governo, no qual o Estado arbitrário nazista sobrepuja o Estado tradicional de

Direito e normas. Neumann, por seu lado, forneceu uma interpretação fortemente marxista, incluindo as precondições do “capital monopolista”.

As duas obras já existiam, portanto, alguns anos antes que Stalin resolvesse contratar suas investigações sobre Hitler. Mas é provável que nem o ditador, nem o serviço secreto, o NKVD, que colheu para ele os fatos sobre Hitler, as conhecessem. Estavam muito mais focadas nos aspectos da vida privada e do cotidiano de Hitler, não na interpretação estrutural do sistema de poder ou na interpretação psicológica de Hitler no contexto das crises dos anos 20 e 30.

As grandes biografias de Alan Bullock (publicadas em 1952, reeditadas em 1964, traduzidas para o alemão em 1967), a monumental obra ainda imbatível de Joachim Fest (1973) até a biografia em dois volumes baseada em toda a literatura pregressa e interpretando várias fontes de Ian Kershaw (1998/2000), e finalmente as magistrais *Observações sobre Hitler* (*Anmerkungen zu Hitler*, 1978, de Sebastian Haffner) referem-se naturalmente à trajetória pessoal, a problemas estruturais, à interpretação da época e à interpretação biográfica. O mesmo vale para o livro de Brigitte Hamann, *Hitlers Wien* (1996). Eles abrangem também fontes biográficas, que começaram a jorrar em abundância desde os anos 50. Mas essas memórias não possuíam mais a autenticidade de testemunhos realmente contemporâneos como essas informações compiladas em circunstâncias muito específicas de duas pessoas do círculo mais estreito de Hitler.

Abstraindo alguns detalhes elucidativos, o *Dossiê Hitler* é provavelmente o único texto biográfico elaborado ao longo de vários meses com base em investigações e pesquisas do serviço secreto e que é um importante testemunho tanto sobre Hitler quanto sobre Stalin — aliás, também sobre aquilo que aparentemente foi omitido de propósito: o pacto entre Hitler e Stalin de agosto de 1939, o começo do fim do relacionamento político direto entre os dois ditadores.

Prefácio dos organizadores

Quando, no dia 30 de abril de 1945, Adolf Hitler meteu uma bala na cabeça pouco antes das três e meia da tarde, o Exército Vermelho estava a apenas algumas centenas de metros. E Hitler não queria de forma alguma cair em suas mãos. Ser levado dentro de uma gaiola à Praça Vermelha e ser cruelmente linchado por uma turba furiosa, essa era a pior fantasia que ele relacionava com o bolchevismo no final da sua vida.

Josef Vissarionovitch Stalin, por sua vez, não conseguia libertar-se de seu trauma de Hitler desde o ataque alemão à União Soviética em 22 de junho de 1941 e duvidava fortemente do suicídio do ditador. Ele acreditava que Hitler fugira e que conseguira asilar-se secretamente junto aos Aliados ocidentais, dos quais dizia que pretendiam continuar a guerra contra a União Soviética. Os relatos sobre a morte de Hitler soavam muito contraditórios, e quanto mais supostos cadáveres de Hitler eram apresentados mais crescia a insegurança de Stalin. Logo depois do fim da guerra, havia informações seguras de um número cada vez maior de altos funcionários do regime nazista que haviam conseguido fugir. Insatisfeito com os resultados das investigações soviéticas, Stalin ordenou, no final de 1945, que o NKVD reconstituísse os últimos dias no *bunker* sob a Chancelaria do Reich e provasse definitivamente a morte de Hitler.

A execução da Operação Mito, codinome da missão especial, ficou a cargo de um grupo de trabalho integrado por oficiais de alto nível e coordenado pelo comissário do povo Sergei Kruglov. Eles reuniram todas as informações. Funcionários do NKVD coletaram todos os documentos disponíveis sobre Hitler e seu regime. Os oficiais do departamento responsável pelos prisioneiros de guerra vasculharam os campos de detentos em busca de colaboradores do ditador, os quais eram submetidos a intermináveis interrogatórios. Também o Ministério

do Interior, que sucedeu o NKVD, ocupou-se com a Operação Mito. Stalin era regularmente informado sobre o curso das investigações pelo seu representante no conselho ministerial, o ministro do Interior e chefe do serviço secreto Lavrenti Beria.

Em 29 de dezembro de 1949, o ditador recebeu um relatório final de 413 laudas datilografadas sobre a vida de Hitler nos anos de 1933 a 1945, intitulado *O Dossiê Hitler*. Depois de lê-lo, Stalin mandou arquivar o texto entre seus papéis pessoais, o arquivo do secretário-geral. Esse exemplar continua guardado até hoje no arquivo pessoal do presidente russo, inacessível para estrangeiros.



Em 1959, o sucessor de Stalin, Nikita S. Kruchev, achou oportuno interferir no acalorado debate que estava sendo levado à frente na Alemanha em torno de Hitler e a Segunda Guerra Mundial. Ele deu ordens de franquear o acesso de historiadores leais ao Partido a determinados textos do processo da Operação Mito. Nessa oportunidade, fez-se uma cópia do *Dossiê Hitler* junto ao secretariado do Comitê Central do Partido Comunista para a Comissão Ideológica, entregue no dia 20 de abril de 1959 ao presidente do Comitê Central, Leonid Ilichev. Mas o documento não cumpriu o objetivo desejado, uma vez que o *Dossiê Hitler* reproduzia uma versão da história da Segunda Guerra que não correspondia à propaganda oficial do Partido. Além disso, numerosos detalhes sobre a diplomacia da Alemanha nazista, as ações bélicas na fronteira teuto-soviética e o declínio do Terceiro Reich haviam sido apresentados de outra maneira, o que foi razão bastante para continuar guardando o processo trancado a sete chaves. O secretário Ilichev censurou os documentos e mandou colocá-los no arquivo do Departamento de Assuntos Gerais.

A abertura dos arquivos do Partido em 1991 permitiu a historiadores estrangeiros acessar os documentos do Partido Comunista soviético. Mas, como o *Dossiê Hitler* estava no acervo do Departamento de Assuntos Gerais, registrado nos índices com um outro nome, o processo nº 462a continuou durante muito tempo sem ser descoberto. Somente o exame sistemático do Departamento de Assuntos Gerais empreendido por Matthias Uhl no âmbi-

to de um projeto de pesquisa para o Instituto para História Contemporânea terminou finalmente trazendo à tona o *Dossiê Hitler*. Um colega russo com acesso ao arquivo do presidente comparou a cópia com o original e avalizou sua autenticidade. O processo nº 462a é uma cópia idêntica do dossiê do NKVD de 1949.



A principal base para o posterior texto do grupo de trabalho do Ministério do Interior foram os depoimentos orais e escritos de dois homens que vivenciaram o dia-a-dia de Hitler de perto durante vários anos: Heinz Linge e Otto Günsche. Foi a eles que Hitler deu ordens de incinerar seu cadáver (bem como o de sua mulher Eva). Linge integrava desde 1935 o grupo mais ligado a Hitler. Em 1939, tornou-se seu camareiro e, mais tarde, chefe do serviço de pessoal. Günsche foi integrado ao comando de Hitler em 1936. Em 1943, Hitler nomeou-o para o cargo de ajudante pessoal. Depois de um curto período no *front*, voltou a servir como ajudante pessoal de Hitler a partir de fevereiro de 1944. Ambos foram presos pelos russos na noite de 2 de maio de 1945.

Durante quatro anos, de 1946 a 1949, Linge e Günsche tiveram de prestar informações sobre Hitler. Os interrogadores insistiam em perguntas sobre as circunstâncias de vida do ditador, sobre o seu relacionamento com os dirigentes da Wehrmacht, sobre detalhes de procedimentos nos vários quartéis-generais. Por causa das fortes dúvidas acerca do suicídio de Hitler, ambos foram até mesmo levados para Berlim em 1946 para fazer a reconstituição exata das últimas horas da vida de Hitler e apontar o local preciso da incineração. Depois de sua volta, os oficiais do Ministério do Interior solicitaram que eles — e outros ex-colaboradores de Hitler — anotassem suas memórias por escrito. Ao mesmo tempo, aumentou a pressão sobre os detentos famosos, que corriam o risco de perder o status de detentos comuns de guerra. Para o caso de se recusarem a pôr suas “lembranças” no papel, o Ministério Público ameaçou acusá-los como criminosos de guerra.

É provável que tenha sido Linge o primeiro a declarar-se disposto a redigir suas “memórias”. Sua cela solitária estava repleta de grampos, ele foi humilha-

do e repetidamente chicoteado. Seu inquiridor interrogou-o com uma paciência infundável, a qual, como Linge relatou mais tarde, levava-o “às raías do desespero”. Günsche deve ter sido submetido a um procedimento semelhante. Seja como for, na primavera de 1948 ele declarou-se disposto a redigir um texto sobre as negociações de paz teuto-britânicas, o qual foi imediatamente levado até Stalin.

Mais tarde, os oficiais da comissão especial juntaram essas anotações ao processo da Operação Mito e entregaram os autores a um júri especial. Linge e Günsche foram condenados, cada um, a 25 anos de trabalhos forçados. Foram libertados com os últimos prisioneiros de guerra em 1955. Linge viajou até à Alemanha Ocidental. Günsche, levado para a Alemanha Oriental, foi entregue ao Ministério para Segurança do Estado. Ele — como tantos outros condenados por tribunais soviéticos — foi direto para a casa de detenção de Bautzen em 1956.



Vários oficiais, tradutores e intérpretes participaram na redação do *Dossiê Hitler*. O chefe da comissão, coronel Fiodor Karpovitch Parparov, controlava regularmente os trabalhos e redigiu a versão final do livro. Não resta dúvida de que ele era qualificado para uma missão como a redação do *Dossiê Hitler*. Estudou direito e trabalhava desde 1926 para o Serviço Soviético de Notícias Estrangeiras. Adquiriu sua experiência prática na Alemanha, onde — disfarçado de comerciante da Costa Rica — conseguiu montar uma rede de informantes no Partido Nazista e no Ministério do Exterior. A fonte mais proveitosa foi a agente ainda não identificada que atendia pelo codinome “Elsa/Juna”. Era a mulher de um diplomata graduado do círculo do futuro ministro do Exterior, Joachim von Ribbentrop.

Depois de uma breve estada na Turquia e nos Países Baixos, Parparov caiu nas garras da chamada “limpeza” stalinista. Provavelmente, seus relatórios sobre a Alemanha não obedeciam às premissas políticas do Pacto Hitler-Stalin. Logo depois do ataque da Wehrmacht alemã, ele foi reabilitado e, no final de 1941, na condição de membro da 4ª Administração do Comissariado do Povo

para Segurança do Estado, passou a interrogar prisioneiros de guerra alemães no *hinterland* do *front* soviético. Seu principal preso foi o marechal-de-campo Friedrich Paulus, que ele conseguiu puxar para o lado da União Soviética de forma lenta e persistente, preparando-o como testemunha para os processos de julgamento de criminosos de guerra no Tribunal de Nuremberg.

Embora os conhecimentos da língua alemã de Parparov fossem considerados excelentes, a transformação das atas dos interrogatórios e das anotações redigidas por Linge e Günsche em *O Dossiê Hitler* parece ter sido difícil. Já na tradução para o idioma russo Parparov topou com dois desafios contrários. De um lado, o texto tinha que soar autêntico, ou seja, os depoimentos deveriam ser reproduzidos nas mínimas nuances, de preferência com as palavras exatas utilizadas por Linge e Günsche. Ao mesmo tempo, o texto devia corresponder aos hábitos de leitura e às expectativas do contratante, Josef Stalin. Entre esses dois pólos, Parparov desenvolveu um estilo próprio de apresentação, um misto curioso de autenticidade e linguagem oficial russa, claramente correspondente à expectativa.

Ainda que a condução e a estruturação do texto revelem claramente a origem do material — interrogatório e anotações —, não há dúvida de que os autores do NKVD muitas vezes não resistiram à tentação de florear situações dramáticas ou especialmente emocionais. A transgressão mais patente contra as regras de um relato objetivo e concreto ocorre logo no início do *Dossiê Hitler*. Claramente, a reprodução de uma cena importante do ano de 1933, floreada por razões de dramaturgia, não é autêntica. O objetivo é apresentar o personagem Hitler e apontar para a importância central de sua guarda pessoal, a SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”. O texto só assume caráter testemunhal para os acontecimentos depois de 1935. Para numerosos acontecimentos dos últimos anos, principalmente algumas conversas a sós, os depoimentos Linge ou Günsche são a única fonte disponível. Eles relatam reuniões militares das quais não existem mais registros e lembram-se de situações que outros testemunhos prudentemente omitiram diante dos tribunais ou em suas memórias. Também registraram com precisão a decadência física e espiritual do ditador, sem terem tido acesso aos dossiês médicos.

O que distingue *O Dossiê Hitler* de outros textos do gênero são as circuns-

tâncias especiais e ameaçadoras nas quais foi gerado. Por um lado, Linge e Günsche precisavam ficar constantemente atentos para não caírem em contradição no dia, depois de fornecer uma informação falsa ou incompleta. Por outro lado, como estavam em celas solitárias, tampouco podiam combinar sua “estratégia de defesa”. Os inquisidores, por sua vez, tentaram extirpar imprecisões ocorridas ao longo dos interrogatórios, que se estenderam ao longo de vários anos, voltando a interrogar sempre Linge e Günsche sobre os mesmos acontecimentos.

Os relatos de Linge e Günsche foram comparados com os depoimentos de outros presos. Considerando que nem os interrogadores nem os interrogados tiveram apontamentos à disposição, o resultado é ainda mais impressionante. Fatos e dados são relatados com precisão, cenas descritas corretamente e mesmo documentos reproduzidos com exatidão no *Dossiê Hitler*. A comparação de um documento memorizado por Günsche com o original já publicado revela que, ao reproduzi-lo, trocou apenas dois sinônimos. Linge e Günsche também se lembram com grande precisão de afirmações de Hitler. Uma comparação com os discursos e textos escritos de Hitler e com outros relatos testemunhais mostrou que há diferenças, porém nenhuma imprecisão grave.

O forte de Linge certamente é a reprodução de pequenos acontecimentos cotidianos e a descrição das pessoas que compunham o círculo mais íntimo de Hitler. Ele deve ser a origem da maior parte das passagens pelas quais Stalin parecia se interessar em particular e que podem ser qualificadas como fofoca na “corte de Hitler”. Já Günsche, do alto da sua experiência do *front*, dispõe de muito mais conhecimentos militares. Os acontecimentos citados por ele são relatos extremamente frios. Assim, descreve sem emoções a detenção e a execução do “cunhado” de Hitler, Hermann Fegelein. E no entanto foi ele próprio quem convenceu Hitler a entregar Fegelein a um conselho de guerra.



Se os redatores do NKVD provavelmente mexeram pouco no conteúdo e na condução dos depoimentos, sua influência espelha-se bem mais na terminologia. O texto trai o esforço receoso dos redatores de antecipar-se e ir ao encon-

tro das expectativas de Stalin em relação a um texto desta natureza, até mesmo se adequando ao estilo do secretário-geral e supremo comandante militar. Se o relatório lhe tivesse desagradado ou mesmo levantado questões, isso teria tido conseqüências imprevisíveis. Trechos incompatíveis com as expectativas de Stalin foram eliminados. Assim, no texto final só se encontram duas indicações escondidas em relação ao Pacto Hitler-Stalin de 1939. O zelo dos redatores é relevado pelo fato de que os nomes dos principais atores, suas funções e outros esclarecimentos importantes para o contexto são várias vezes repetidos (assim como também o fez Stalin em seus discursos e suas publicações) e em colchetes ou notas de pé de página algumas — muitas vezes desnecessárias — referências à Alemanha e à política alemã. Aquilo que foi escrito com a intenção de facilitar a leitura para Stalin resultou em redundâncias que podem parecer estranhas ao leitor atual.

O que chama a atenção é a economia no uso dos nomes oficiais de órgãos nazistas. As nomenclaturas com certeza utilizadas muitas vezes pelos interrogados só aparecem no texto com outras denominações. Assim, fala-se muito na guarda pessoal de Hitler, em vez de comando de acompanhamento do Führer e, mais raramente, Leibstandarte. O Partido NSDAP nunca aparece com seu nome oficial ou a abreviação correspondente, e sim como partido nacional-socialista (sendo que o adjetivo é grafado com letras minúsculas). Quando se usam termos oficiais, geralmente eles vêm entre aspas, como “Terceiro Reich”, “Casa Marrom”, “Toca do Lobo”, “Juventude Hitlerista” ou “Ataque Popular (Volkssturm)”.

A citação de nomes sem prenome, grau oficial ou predicados de nobreza indica distância. É o caso também da palavra “castelo”, utilizada para designar a residência de Berghof. Embora esta designação possa parecer adequada, considerando-se o tamanho da residência e a infra-estrutura, dificilmente Linge e Günsche a empregaram. No lugar da fórmula mais comum “saudação alemã” ou “saudação hitlerista”, usa-se “saudação fascista”. A caracterização do chefe do serviço de segurança Ernst Kaltenbrunner como “açougueiro” também pode ter saído da caneta do revisor Parparov.

Outro método estilístico — muitas vezes empregado de forma tosca — para dar leveza ao relato ou gerar tensão é a troca abrupta dos tempos verbais.

Se a narrativa toda é basicamente no passado, de repente passa-se para o tempo presente quando a intenção é destacar uma determinada cena. Muitas vezes, isso acontece no decorrer de algumas poucas linhas, e nem sempre se consegue reconhecer a lógica subjacente.

Seria fácil continuar a lista das ingerências na redação e de particularidades estilísticas. Mas os poucos exemplos devem bastar para tornar plausível a convicção dos organizadores de que qualquer tentativa posterior de uniformizar e melhorar o texto falsificaria o caráter do documento histórico de uma maneira irresponsável. Por esta razão, a tradução de Helmut Ettinger segue o original [o mesmo se aplica à tradução do alemão para o português]. A autenticidade do *Dossiê Hitler* não se baseia só naquilo que é transmitido, mas também na maneira como surgiu. O estilo pomposo, que reflete tanto a origem complicada quanto o contexto político delicado, deve ser considerado como parte essencial do documento e aceito.



O Dossiê Hitler contém os relatos de dois oficiais da SS que mantinham contato diariamente com Hitler, sem no entanto serem próximos dele. Eles o admiravam e foram nazistas convictos, mas — como a maior parte dos seus contemporâneos — não entenderam os verdadeiros objetivos perseguidos pelo ditador. Em suas lembranças, certamente foram mais incisivos em alguns juízos de valor, mas jamais renegaram sua proximidade com Hitler. *O Dossiê Hitler* tornou-se um documento ao mesmo tempo único e insólito: apoiado no material de dois SS-*Sturmbannführern*, um grupo de autores do serviço secreto soviético trabalhou mais de quatro anos na biografia de Hitler, até adequá-la aos hábitos de leitura de quem a encomendou.

O texto do processo nº 462a do antigo arquivo do Partido não apenas contém muitos detalhes inéditos sobre os métodos políticos e militares de Hitler, mas também transmite uma imagem sem maquiagem sobre o que acontecia de verdade na intimidade de Hitler. Além disso, este documento reflete da forma mais impressionante possível o conflito entre o *Führer* e o Reich alemão e o

homem que durante algum tempo acreditou poder dividir a Europa com ele, e que o forçou ao chão finalmente em um duelo assassino que custou a vida a milhões de pessoas. *O Dossiê Hitler* contém a quintessência do antagonismo entre Hitler e Stalin, uma contradição em que numerosos historiadores, de Alan Bullock até Richard Overy, encontraram a chave para compreender a História do século passado.

Berlim e Halle, 3 de janeiro de 2005

Matthias Uhl e Henrik Eberle

Verão 1933 — Verão 1934

Verão de 1933. Os raios do sol inundam a Wilhelmsplatz, em Berlim. É ali que fica a Chancelaria do Reich. Foi ali que começou a nova era do Terceiro Reich, depois que Hitler chegou ao poder em 30 de janeiro de 1933. Atrás das cortinas de uma janela no primeiro andar está um homem de estatura mediana, com a franja caída na testa. É Hitler. Levemente inclinado para a frente, ele observa o ritual militar que transcorre lá embaixo, no “pátio da honra”. Ali acontece a troca da guarda, celebrada pelos soldados de sua guarda pessoal, a chamada SS-Leibstandarte Adolf Hitler.¹ As pernas dos homens da SS voam para cima, as solas das botas estalam no asfalto. Os homens estão eretos, olhando fixamente para a frente. A troca da guarda termina e Hitler sai da janela. Já são 14 horas — hora do almoço de Hitler.

Hoje ele almoçará com seus ajudantes Wilhelm Brückner e Julius Schaub, o comandante da Leibstandarte Sepp Dietrich e o chefe de Imprensa do Reich, Otto Dietrich. Linge está de plantão telefônico no refeitório de Hitler. As conversas à mesa chegam a ele.

As objeções dos ajudantes deixam facilmente transparecer que eles querem tirar proveito pessoal de suas respectivas posições antes que seja tarde demais. Hitler diz ironicamente não ter a intenção de abdicar do cargo de chanceler do Reich tão cedo. Com sua voz penetrante, exclama:

— As previsões eram de que eu ficaria apenas alguns meses no cargo. Mas todos haverão de se surpreender. Eu fico!

Hitler anuncia que usará de todos os meios para romper toda e qualquer resistência.

— Não sou um chanceler como Bismarck, que era apenas o chanceler do Reich do imperador. Tenho o meu partido! Sou o *Führer*, o líder! Que qualidades deve ter um *Führer*? Principalmente um nome que esteja permanentemente na boca de todos. Por isso introduzi a saudação “Heil Hitler!”, que contém o meu nome. Ainda bem que não me chamo Oberhubinger ou Unterkirchner!* As massas devem ter o *Führer* sempre como ídolo... Todas as câmeras estão apontadas para mim: a turba vê cada um dos meus passos. O *Führer* deve levantar as massas como um ator — sua roupa, sua mímica, seus gestos, tudo isso é importante...

Termina o almoço. Hitler levanta-se animadíssimo da mesa. Com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, ele cantarola uma canção da moda dos cabarés berlinenses, da qual gosta muito:

— *Schön ist jeder Tag, den du mir schenkst, Marie Luise...* Belo é cada dia que tu me dás, Maria Luísa...

Subitamente, ele pára e diz, voltando-se para o seu ajudante:

— Como me sinto feliz pelo fato de o destino ter-me enviado como libertador para o desesperado povo alemão em sua hora fatal!



Nos porões do Hotel Prinz Albrecht, na rua de mesmo nome, onde ficava a Gestapo, naqueles dias estavam prisioneiros que não concordavam com a “missão divina” de Hitler.² Naquela prisão da Gestapo ficavam alguns presos muito importantes.

Depois da lei que ficou conhecida como “Ermächtigungsgesetz” (Ato de Habilitação ao Poder), centenas de milhares de alemães honestos foram enviados para os campos de concentração, para Oranienburg, Buchenwald ou Dachau.³ Seguindo ordens de Himmler, prédios de prisões semi-arruinados voltaram a ser usados “para a proteção do povo e da pátria”.

*[Observação do revisor soviético:] Nomes bávaros antigos comuns em piadas e anedotas.

Na Chancelaria do Reich, era sabido que Hitler fornecia pessoalmente cada vez mais detentos para prisões e campos de concentração.⁴ Ele costumava explicar:

— Ficaríamos muito ocupados se tivéssemos que gastar nosso tempo com processos judiciais. Não posso confiar nos senhores juristas. É tão mais prático simplesmente prender... sem ter que dar atenção aos advogados... Eu me dou esse direito. Sou o meu próprio ministro da Justiça!

Os porões do Hotel Prinz Albrecht eram insuficientes para todos os “criminosos políticos” importantes do Terceiro Reich. Estes se apinhavam também na famigerada Columbiadhaus, em Berlim-Tempelhof, uma fábrica desativada por risco de desabamento, onde a Gestapo também instalara uma prisão.⁵

Os inspetores nessas prisões da Gestapo em Berlim eram nazistas escolhidos a dedo que haviam se especializado, antes já da tomada do poder por Hitler, em assassinar comunistas sordidamente e dissolver manifestações comunistas nas ruas de Berlim com pancadaria. Nas paredes de seus escritórios havia cartazes que diziam: “Führer, ordene, e nós seguiremos!”

Os presos eram torturados, levavam pontapés e eram tratados de forma desumana.

Os inspetores diziam, com um sorriso clínico:

— Aqui nós nos divertimos... Himmler disse que os incorrigíveis devem ficar presos até apodrecerem... Assim, estamos pavimentando o caminho para o renascimento nacional.



23 de junho de 1934. Seguindo ordens especiais, os portões das casernas em Berlim-Lichterfelde, que abrigam a guarda pessoal de Hitler, a SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”, estão cerrados. Ninguém pode deixar a caserna. Os homens têm ordens de ir dormir totalmente vestidos. Cinturão e capacete de aço ficam nas cadeiras. As metralhadoras ficam sobre a mesa. Já faz uma semana que o alarme toca todas as noites. Ninguém sabe o que está acontecendo. Os chefes silenciam.

Na noite do dia 29 de junho, finalmente várias unidades da Leibstandarte embarcam em vagões na estação de Lichterfelde-Ost e são levadas para Munique. Já na hora do embarque há rumores de que o chefe da SA (Sturmabteilung) Ernst Röhm estaria preparando uma rebelião. Diz-se que Röhm, com apoio da SA, estaria reivindicando de Hitler um cargo mais alto em recompensa por seus serviços prestados na tomada do poder.

Na tarde do dia 30 de junho, as unidades da Leibstandarte desembarcam na estação ferroviária de Munique e marcham até a “Casa Marrom”.* Hitler estava no balcão da “Casa Marrom”. Embaixo, os homens da SS desfilavam, sempre em filas de quatro, marchando em passo de ganso.

A essa altura, o chamado “*putsch* de Röhm” já tinha sido debelado, com a detenção do próprio Röhm e de seus aliados. Hitler comandou a ação pessoalmente. No dia 30 de junho, de manhã cedo, ele viajara de carro com guarda reforçada para Bad Wiessee, a duas horas de automóvel de Munique, onde estavam Röhm e seu estado-maior.

Em Bad Wiessee, Hitler flagrou Röhm, o comandante supremo da SA da Silésia, Heine e outros altos dirigentes da SA na cama com jovens homossexuais. Mandou prender todo mundo. Röhm foi levado para a casa de detenção de Munique. Ali, solicitaram que ele se suicidasse, fim para o qual lhe colocaram uma pistola na cela. Röhm jogou-se ao chão, soluçando, suplicando pela sua vida. Da pose orgulhosa e das frases vazias que o povo alemão estava acostumado a ouvir desse comandante do Partido Nacional-Socialista e do “Terceiro Reich”, nada mais restou do que um gemido miserável.⁶

Röhm foi fuzilado.

A versão oficial dava conta de que Röhm fora condenado por homossexualismo. Mas Hitler omitiu do povo alemão que nos círculos dirigentes do Partido Nacional-Socialista e na Juventude Hitlerista o homossexualismo era largamente disseminado e tolerado.

Aos mais próximos, Hitler desvendou a verdadeira razão pela qual mandou fuzilar seu rival Röhm com as seguintes palavras:

*[Observação do revisor soviético:] A Casa Marrom era como o povo chamava o palácio em Munique onde ficava a sede do Partido Nazista.

— Não brinquem comigo! Que isto sirva como alerta a todos os meus inimigos invisíveis ou assumidos! Não sou um chanceler da velha guarda. Eu sou Hitler! Num partido e no Estado só pode existir uma pessoa no comando, e esta pessoa sou eu!

Nos dias do “*putsch* de Röhm”, que foi uma luta pelo poder entre Hitler e ele, numerosos inocentes que incomodavam o “Terceiro Reich” por uma razão ou outra foram fuzilados.⁷

Homens da SS da guarda pessoal de Hitler que haviam ficado em Lichterfelde e participaram dos fuzilamentos em Berlim contaram detalhes a seus camaradas retornados de Munique. Contaram que os presos eram levados em caminhões para o pátio da caserna em Lichterfelde. Eles eram colocados com o torso nu contra a parede da capela e fuzilados ali mesmo.⁸

Os membros do comando de fuzilamento relataram:

— Vocês nem imaginam como estávamos bêbados. Não paravam de nos servir aguardente.

Naqueles dias, o ex-chanceler do Reich e antigo ministro da Guerra, general von Schleicher, também foi “neutralizado”. No Reichswehr, o Exército alemão, sabia-se que Schleicher, adversário de Hitler, era a favor de uma ditadura militar.

Por ordem de Himmler, dois homens da Gestapo penetraram no apartamento do general em Berlim. A filha de Schleicher, que abriu a porta, foi fuzilada na hora. Os homens da Gestapo passaram por cima de seu cadáver e, quando Schleicher pegou sua pistola, foi fuzilado junto com sua mulher.⁹

Verão 1934 — Fevereiro 1936

Embora Hitler tivesse eliminado seus adversários e rivais no Partido, ele ainda não podia desempenhar o papel do todo-poderoso. O general-marechal-de-campo Paul von Hindenburg, o idoso presidente do Reich, ainda atravancava o seu caminho. Para o ambicioso Hitler, era insuportável ficar à sombra de uma personalidade como ele.

No dia 9 de setembro de 1934, Hindenburg finalmente morreu.¹ Depois de sua morte, Hitler declarou-se chefe de Estado e comandante supremo das Forças Armadas, o Reichswehr. Além disso, Hitler também se apropriou do posto de presidente do Reich. Agora ele tinha todas as rédeas do poder nas mãos.

Em seu primeiro pronunciamento no Reichstag (Parlamento) depois da morte de Hindenburg, Hitler declarou que abriria mão do salário que lhe competia como presidente do Reich.² Essa explicação foi um truque tão demagógico quanto as histórias propagandísticas para o povo alemão que apresentavam Hitler como um homem altruísta que queria apenas servir o seu povo.

Depois da tomada do poder, Hitler tornou-se um dos homens mais ricos da Alemanha. Tinha rendimentos milionários e naturalmente não precisava do salário de presidente. Seu livro *Mein Kampf* (*Minha luta*), que se tornou leitura obrigatória, rendeu-lhe elevados lucros.³

Hitler era sócio da editora Eher, de propriedade do Partido. Esta engoliu uma editora após outra, tornando-se finalmente um dos maiores grupos edi-

toriais da Alemanha.⁴ Graças à sua posição monopolística, rendia gordos dividendos aos acionistas. A parte do leão ia para Hitler.⁵ Hitler também dispunha livremente, sem qualquer controle, do caixa do Partido nacional-socialista.⁶

O Partido era, no fundo, um grandioso empreendimento capitalista. Além das contribuições dos membros e das elevadas doações de industriais e banqueiros alemães, fluíam para o caixa do Partido recursos de diferentes empresas, como empreendimentos agrícolas da região de Mecklenburg (Norte da Alemanha) e da Baviera.

Para gerar lucros, fundou-se até mesmo uma cadeia de hotéis espalhados por toda a Alemanha. Chamava-se Grupo Hoteleiro Färber do Partido Färber (Parteihotel-Konzern Färber). O diretor era Färber, amigo de Martin Bormann e nazista de primeira hora.

Mas nem mesmo esses enormes rendimentos eram suficientes para Hitler. Mesmo contrariando as regras que ele próprio estabelecera antes de chegar ao poder, ele ordenou que o “Fundo do Estado” e o “Fundo de Representação” fossem retirados do controle do Tribunal de Contas, a fim de poder despendar dinheiro para fins pessoais sem quaisquer impedimentos.⁷ Ele explicou:

— Não permitirei que esses velhos esclerosados me ditem as regras de quanto eu posso gastar!

Na montanha de Obersalzberg, próximo de Berchtesgaden (na Baviera), Hitler comprou extensos terrenos e mandou construir um castelo luxuoso que se tornou conhecido como “Berghof”. A fim de construir o castelo, houve demolições em grande estilo no Obersalzberg. Casas, pensões e até mesmo uma clínica para crianças paralíticas que vinham de toda a Alemanha para tratamento foram arrasadas.⁸

O palácio de Hitler com seus parques bem cuidados e estradas particulares custou algo em torno de cem milhões de marcos.⁹ Para construí-lo, não apenas se gastou dinheiro do povo, mas também foram sacrificadas vidas humanas. O castelo foi construído sobre paredões rochosos quase inacessíveis. As explosões feitas sem as necessárias medidas de segurança detonaram avalanches de neve e de pedras. As condições de trabalho eram semelhantes às dos prisioneiros que faziam trabalhos forçados, e muitos morreram.¹⁰

O castelo Berghof foi erigido a uma altitude de mil metros, na encosta da

montanha chamada Obersalzberg, próximo da estação termal de Berchtesgaden, nos Alpes bávaros. Consistia em sessenta cômodos decorados com móveis caros, valiosas tapeçarias e obras de mestres holandeses, italianos e alemães.

Esses quadros eram comprados por Hitler junto à antiquária *Frau Almers*, de Munique, e ao antiquário berlinense Haberstock. Seu fotógrafo Hoffmann e o diretor da Galeria de Belas-Artes de Dresden freqüentemente agiam como intermediários.¹¹

No andar térreo ficava a sala de jantar de Hitler. Era totalmente revestida com madeira clara de pinheiro. A decoração consistia em talheres de prata, porcelana cara e cristal que custaram milhões. A louça era propriedade do governo. Antes da tomada do poder por Hitler, destinava-se a recepções. Nos talheres, além da águia alemã e da cruz suástica, estavam gravadas as iniciais A.H. (de Adolf Hitler). A mesa era adornada por um candelabro de ouro em forma de anjos que seguravam pratinhos para as velas em suas mãos.

Nesse andar ficavam ainda o salão e a grande sala de recepções. O salão era dominado por uma lareira com azulejos marrons e altos-relevos mostrando moças com bandeiras nazistas e jovens com tambores. Na parede havia um quadro valioso antigo representando o Coliseu em Roma.

De um lado do salão ficava o jardim-de-inverno com uma varanda contígua, do outro lado a enorme sala de recepções com uma área de duzentos metros quadrados, separado do salão por uma porteira. Da sala, alguns degraus levavam ao andar de baixo. Ao lado do último degrau ficava um pedestal com uma cabeça de Zeus encontrada durante escavações na Itália. A atração da sala era uma gigantesca janela panorâmica de 32 metros quadrados com vidros retráteis. Hitler chamava a atenção de cada visitante para essa janela, a qual dava uma linda vista para os Alpes e a cidade de Salzburgo, na Áustria. Orgulhoso, Hitler explicava que tinha mandado construir seu castelo por causa daquele janelão. Diante da janela havia uma comprida mesa de mármore, na qual Hitler costumava fazer suas reuniões de estratégia quando estava no Obersalzberg em época de guerra. Nas paredes havia tapeçarias e quadros, entre eles a *Vênus* de Ticiano.¹² O chão era acarpetado com veludo vermelho sobre o qual havia tapetes persas raros. Sobre o piano de cauda, da marca Bechstein, repousava um busto de Richard Wagner. Ali, junto à grande lareira, Hitler costumava passar

suas noites em companhia do grupo de pessoas íntimas tomando chá e escutando música de discos em seu gramofone.

Da ante-sala do palácio, uma larga escadaria de mármore levava ao primeiro andar. Nessa ante-sala havia um retrato de Bismarck, especialmente iluminado a partir do momento em que a noite caía.

No primeiro andar ficavam os aposentos particulares de Hitler. Na ala contígua, os da sua amante Eva Braun. Um dos cômodos na ala de Hitler era uma galeria de quadros. Ali havia um guarda-roupa muito valioso que pertencera a Frederico II. Esse armário era revestido com diversas madeiras nobres. O gabinete de trabalho de Hitler era revestido de madeira clara e decorado com móveis de ácer polido. Sobre a lareira havia um retrato de Moltke.

Os cômodos de Eva Braun eram luxuosamente decorados.

O castelo ficava em um terreno de cerca de três quilômetros quadrados que chegava até o pico da montanha Kehlstein, a 1.800 metros de altitude.

No pico da montanha havia a “Kehlsteinhaus”, um pavilhão de chá cujo tamanho e estilo lembravam um castelo medieval. Era todo de granito cinza. No pavilhão de chá havia o Salão dos Cavaleiros, de 15 metros de diâmetro. As janelas altas ficavam embutidas em nichos fundos. Entre as janelas ficavam candelabros dourados com grandes velas de cera. Além dessa sala, havia uma ampla sala de jantar, uma sala de estar, quartos para a guarda particular de Hitler e outro prédio para a administração.

Uma auto-estrada que desembocava em um túnel cavado na rocha levava ao pico chamado Kehlstein. De lá chegava-se ao pavilhão de chá por meio de um elevador. A estrada para o pico da montanha Kehlstein custou 13 milhões de marcos.¹³

Nos parques havia pastagens e cercados para veados, além de uma fazenda equipada com instalações técnicas moderníssimas que fornecia alimentos para Hitler e sua comitiva. Às vezes, Hitler comentava que “as vacas ali vivem melhor do que muita gente”. Ele acrescentava:

— Deve ser bom ser uma vaca aqui, não?



No outono de 1935, Hitler deu sua primeira recepção oficial como chefe de Estado para os líderes da indústria e do mercado financeiro na Alemanha.

Na Chancelaria do Reich, todos aguardam a chegada dos visitantes. O luxo dessa recepção deveria ofuscar todas as festas suntuosas da época do Império. Os cômodos de Hitler foram decorados com objetos em ouro, bronze e tapeçarias de valor inestimável. Uma senhora grisalha de roupa elegante aproxima-se das salas iluminadas e festivamente decoradas. Diamantes antigos brilham em seu pescoço enrugado. É a esposa de Hjalmar Schacht, o presidente do Reichsbank (Banco Central do Reich) e ministro da Economia do Reich. Hoje, nesta primeira grande recepção para industriais e banqueiros, ela fará o papel de anfitriã, pois Schacht é o protagonista do banquete.

Ele é o mentor intelectual deste encontro dos industriais e financistas com Hitler, destinado a sinalizar a harmonia de interesses entre o capital e o regime.

À espera de seus convidados, de casaca, Hitler percorre os salões decorados com arranjos de flores perfumadas criadas em estufas.

O ex-cabo Hitler está nervoso, torturado por dúvidas, sem saber se saberá comportar-se à altura daquele ambiente elegante. Ele percorre as mesas postas para os convidados, ajeitando uma faca ali, um garfo acolá. Pouco antes da chegada dos convidados, pára pela última vez diante de um espelho para treinar a expressão facial com a qual pretende encarar os “altos dignitários”.

Chegam os carros com os convidados. Serviçais de uniformes com detalhes dourados ajudam-nos a saltar das limusines de luxo. Empregadas de vestidos de seda marrom com aventais de renda ajudam os convidados a tirar os sobretudos.

Respondendo a um sinal de Otto Meissner, o chefe da chamada Präsidialkanzlei (Secretaria de Governo), o mestre-de-cerimônias Jungfer, de prontidão com adaga e tricórnio sob o braço, dá três batidas no chão com o seu bastão, anunciando os nomes de quem chega.

Hitler recebe todos com uma leve inclinação. Em seguida, profere um discurso, no qual confirma aos convidados sua promessa, feita antes da tomada do poder, de que o capital pode considerar-se seguro.

— Agora podemos constatar — explana Hitler — que o Estado tornou-se o principal cliente da indústria, cuidando de seu desenvolvimento. Para mim,

o rearmamento é prioritário. Tornarei a Alemanha uma potência única no mundo. Canhões, eis a minha política externa!¹⁴

Quando Hitler termina o discurso, os industriais, banqueiros, membros do gabinete e dirigentes do Reich aplaudem. Dá-se início ao banquete. Às mesas estão grandes líderes de monopólios, como Krupp, Röchling, Kirdorf, Vögler, Poensgen, Stinnes, Schröder e Pferdenges. Hitler está sentado ao lado do rei dos canhões, Krupp von Bohlen und Halbach.

Linge, postado atrás da cadeira de Hitler, ouve como Krupp lhe diz ao pé do ouvido:

— Schacht informou-me que as atuais dificuldades cambiais podem influir na importação de aço sueco...

Autocrático, Hitler retruca:

— Senhor conselheiro, para este fim vamos ter divisas, nem que eu próprio tenha de cavar no chão para encontrá-las. Também teremos terras para encontrar ferro e carvão. O senhor sabe muito bem a que terras estou me referindo. Pense em que tipo de raça vive no espaço diante da porta da nossa casa, a leste. São pessoas de segunda categoria. É preciso poupar essas pessoas da preocupação por um espaço geográfico tão amplo e sua correta utilização.

Krupp concorda, e discorre sobre a teoria de que a Alemanha tem o direito histórico de possuir colônias no leste.

A festa termina tarde da noite. Bem-humorado, Hitler recolhe-se aos seus aposentos. Na copa, os serviçais e ordenanças tomam o resto do vinho nas garrafas.



Nos primeiros dias de novembro do ano de 1935, Hitler, Hess e Goebbels visitavam modelos de navios de guerra expostos na chamada sala do Congresso da Chancelaria do Reich, contígua aos aposentos de Hitler. Os modelos tinham sido mandados para Hitler pelo alto-comando da Marinha de Guerra no âmbito do programa de construção da Marinha logo depois do tratado naval assinado com a Inglaterra.¹⁵

O Acordo Naval Anglo-Alemão, assinado por Ribbentrop em 18 de junho de 1935 em Londres, deixou Hitler entusiasmado. Ele declarou o acordo com a Inglaterra como seu primeiro grande feito diplomático. Segundo sua avaliação, o acordo significava em primeiro lugar o reconhecimento, pela Inglaterra, do rearmamento alemão, contrariamente ao que preconizava o Tratado de Versalhes, e, segundo, a perda de importância da questão do desarmamento e de um sistema de segurança coletiva.

Ao vistoriar os modelos dos navios de guerra, Hitler explicou:

— Nós os trairemos e construiremos a frota que considerarmos necessária. Quando Ribbentrop viajou para Londres, eu lhe disse que as leis não têm importância para nós. Os políticos da República de Weimar foram burros e levaram a lei ao pé da letra. Sabemos muito bem como disfarçar a tonelagem necessária.¹⁶

Hitler, Hess e Goebbels deixaram a sala do Congresso em companhia do ajudante Brückner e do camareiro Linge até o salão dos fumantes, onde já os esperavam o piloto particular de Hitler, Baur, e o seu fotógrafo Hoffmann, este sentado à lareira.

Ao entrar, Hitler anunciou com ar solene:

— Ribbentrop revelou ser um diplomata de primeira linha. Notei logo esta sua aptidão.

— Mas Hindenburg não gostava dele — retrucou Goebbels.

Hitler senta-se e imita a voz grave do chanceler falecido:

— Meu chanceler, ouvi dizer que há aí um jovem que o senhor quer ungir como ministro do Exterior. Mas eu não o quero ver nesse posto.

Risadas ecoam à sua volta.

Na época de Hindenburg, Hitler fingia ao povo alemão que a relação de ambos era como entre pai e filho. Mas agora se vira para Goebbels e continua em tom irônico:

— Lembra do episódio da bandeira com a suástica, doutor?

E, novamente imitando a voz grave de Hindenburg:

— Dizem que uma nova bandeira tremula no ministério de Goebbels. Mas eu não estou de acordo com isso.

Todos estão bem-humorados. Goebbels conta uma piada depois da outra. Este homem insignificante, que ainda por cima puxa de uma perna, mais uma vez brigou com sua mulher por causa de uma bela atriz e por isso prefere passar as noites fora de casa.¹⁷

Goebbels conta uma nova anedota sobre Göring, o qual gosta tanto de uniformes e condecorações que, dizem, até usa uma em seu pijama. Hitler gosta da historinha. De brincadeira, manda que Hoffmann faça uma condecoração de papel dourado e prateado para ser entregue a Göring junto com um diploma bombástico. Hoffmann morre de rir. Este homem aleijado, que conseguiu o monopólio de todas as fotografias de Hitler e ganha honorários imensos com encomendas oficiais, embebeda-se todas as noites.

Hitler, que afinal é o chefe supremo do Estado nacional-socialista, não acha nada demais nisso.

Antes de Hoffmann chegar, ele costuma perguntar:

— Qual é o estado dele?

Agora também Hitler recomenda que o seu fotógrafo oficial, envolto em uma nuvem de bafo de aguardente, não se aproxime muito da lareira, para não correr o risco de explodir.

Hoffmann começa a declamar versos sarcásticos sobre as detenções em massa de pessoas inocentes no Terceiro Reich, morrendo de rir. Os versos falam de dez irmãos deportados para os campos de concentração, um depois do outro.¹⁸ A graça, para ele, residia no fato de que eles cometiam erros típicos como tocar sonatas de Mendelssohn ou possuir livros de Heine. Quando Hoffmann, ofegante de tanto rir, recita:

“O quarto riu de Ley*
e só restaram três...”

todos gritaram de tanto rir, e Hitler batia com a mão em sua coxa. Eufórico, explicou:

*[Observação do revisor soviético:] Ley: líder da Frente de Trabalho Nacional-Socialista.

— Os ingleses acham que eu fico sentado na Chancelaria do Reich como um buldogue perigoso que não pode ser provocado. Ainda bem que não nos podem ver agora. Hoje a Chancelaria do Reich poderia chamar-se o restaurante do Chanceler Feliz.



No dia 9 de novembro de 1923, Hitler organizou um golpe em Munique. Com um punhado de nacional-socialistas, pretendia tomar o poder na Baviera, e de lá estendê-lo para toda a Alemanha. Na véspera, 8 de novembro de 1923, todos os participantes se reuniram na cervejaria Münchner Bürgerbräukeller.

Hitler, que adorava exibições histriônicas, apareceu na cervejaria com uma pistola na mão, atirou contra o teto e anunciou que a “Revolução” acabara de começar. No dia seguinte, 9 de novembro de 1923, os nacional-socialistas de Munique, sob a liderança de Hitler, tentaram ocupar os prédios do governo. Diante da Feldherrnhalle, um monumento na Odeonsplatz, tropas do governo puseram os golpistas para correr. Quinze nacional-socialistas perderam a vida.¹⁹

Depois que Hitler tomou o poder, o aniversário do *putsch* passou a ser comemorado todos os anos em Munique.

No dia 8 de novembro de 1935, Hitler viajou de Berlim para Munique para as comemorações daquela data.

Como sempre, ficou em seu apartamento na Prinzregentenplatz número 16. Ali, Hitler residira até a tomada do poder. Chegando ao prédio, saltou do carro em trajes civis e com um chapéu de veludo enterrado na testa. Tirou do estojo um chicote para cachorros que ele, naqueles anos, costumava portar sempre. Uma multidão aglomerava-se na entrada do prédio. Uma figura pobre, provavelmente uma operária, atirou-se da primeira fila e quis aproximar-se de Hitler. Os guarda-costas da SS de Hitler, que haviam saltado dos carros, detiveram-na. Mas ela ainda conseguiu gritar:

— *Führer*, tenha misericórdia! Meu marido, inocente, está preso há dois anos no campo de concentração!

Hitler, que ouviu o grito da mulher, acelerou o passo e desapareceu na entrada do prédio. Ao subir a escada, agitou seu chicote e gritou com sua escolta:

— Que isso nunca volte a acontecer! Caso contrário, vocês é que vão para o campo de concentração!

No apartamento, Hitler foi saudado por sua governanta de Munique, *Frau Winter*. Existe um segredo naquele lugar. Entre os 15 cômodos há um que desde 1932 está permanentemente cerrado. Ali, há móveis cujo estofamento foi devorado pelas traças e que estão cobertos por uma espessa camada de pó. O quarto tem cheiro de mofo. Antes de 1932, ali habitava a jovem sobrinha de Hitler, Nicki, que foi sua amante.²⁰ O relacionamento entre tio e sobrinha terminou com o suicídio da moça. Anos depois da morte de Nicki — antes de conhecer Eva Braun — Hitler tinha o hábito de destrancar o quarto todos os anos no dia de sua morte com uma chave que trazia sempre consigo e passar algumas horas lá dentro. Ninguém sabe por que Nicki morreu. Para disfarçar o suicídio, os asseclas de Hitler espalharam que um tiro acidental a atingiu quando ela limpava a pistola do tio.

Na noite de 8 de novembro, Hitler foi de camisa marrom e uma “condecoração de sangue”²¹ no peito à cervejaria Burgbräukeller, onde estavam reunidos vários dos membros do *putsch*. Esta condecoração fora introduzida depois da tomada do poder, e era conferida a todos os participantes do *putsch*. Na entrada da cervejaria, Hitler foi saudado em nome de todos os presentes pelo “velho combatente”* Christian Weber. Este nacional-socialista odiado em toda a cidade de Munique era conselheiro do estado da Baviera. Era dono de cavalos, haras, hipódromos, companhias de ônibus e postos de gasolina. Todos saudaram Hitler ruidosamente. Seguindo a antiga tradição alemã, ergueram seus copos de cerveja em memória dos golpistas mortos.

Hitler discursou. Entre velhos membros do Partido, ele não fazia cerimônia. Aos gritos, bateu com o punho na mesa. Seu rosto estava contorcido, a franja caindo na testa. Sua retórica era a de antigamente, quando ainda era um

*[Observação do revisor soviético:] Todos os nazistas que já eram membros do Partido antes da tomada do poder em 1933 eram chamados de “velhos combatentes”.

falastrão e um aventureiro. Mas o discurso de Hitler agradou a todos. Era gente com passado obscuro que, uma vez tendo atingido riqueza e poder, levava uma vida selvagem e desregrada.

Ao lembrar os golpistas mortos em novembro de 1923, Hitler explica em tom místico ter conseguido chegar ao poder graças a sacrifícios de sangue levados ao “altar da luta do povo”. Fala do renascimento do militarismo alemão, da pureza da raça germânica, dos fazendeiros ricos, donos de um sangue alemão, de sua determinação de acabar com os ideais da democracia e dos comunistas encarcerados em prisões e campos de concentração.

Com a saudação histérica “*Heil!*”, Hitler termina sua fala e abandona o grupo dos “antigos combatentes” condecorados com a “ordem do sangue”. O suor pinga de seu rosto avermelhado. Ele está totalmente afônico e mal consegue emitir um som. Com as mãos trêmulas, ajeita o cinturão. Encharcada, a camisa marrom gruda nas suas costas. Linge ajuda-o a vestir o sobretudo de couro e o conduz até o carro. Mal está no carro aquecido, os assistentes envolvem suas pernas em um cobertor, abotoam-lhe o sobretudo até o queixo e levantam a gola. Hitler é levado o mais rápido possível até o apartamento, onde os empregados tentam tirá-lo do estado de transe com a ajuda de banhos quentes e remédios.

No dia seguinte, 9 de novembro, o mito do Partido Nacional-Socialista, nascido 12 anos antes nas cervejarias de Munique, atinge o seu auge. Acompanhados do som surdo dos tambores e de tiros de festim, os antigos participantes do *putsch* de Hitler marcham pelas ruas de Munique, empunhando bandeiras com a cruz suástica. À frente da marcha está o *Gauleiter* (governador) da Francônia, Julius Streicher, que já fora condenado por estupro.²² A primeira fila é formada por Hitler, Göring, Rosenberg e Himmler, todos em camisas marrons e adornados com a “ordem do sangue”. Só falta o “antigo combatente” Röhm. Em seu lugar, está agora o ministro da Guerra, Werner von Blomberg. Naquele ano, os féretros com os 15 golpistas mortos foram trasladados do cemitério para o Mausoléu de Honra construído por ordem de Hitler na Königsplatz.²³

A cidade de Munique estava toda decorada com bandeiras marrons avermelhadas para simbolizar o sangue derramado. Sobre elas, três runas dou-

radas em homenagem ao deus germânico Wotan. As chamas que se elevavam das muitas bacias com óleo sobre colunas deviam simbolizar os sacrifícios de fogo de sacerdotes germânicos dos quais, segundo as lendas nórdicas, os heróis sobem para o Walhalla, a Arcádia dos antigos germânicos.

Assim o Partido nacional-socialista fez reviver os mitos de um culto desaparecido milhares de anos antes — e isso na Munique tão rigidamente católica.

Março 1936 — Outubro 1937

No final de fevereiro de 1936, Hitler reuniu-se várias vezes na Chancelaria do Reich com Hess, Goebbels, Göring, o ministro da Guerra, Blomberg, e o ministro do Exterior, Neurath, que foi sucedido em 1938 por Ribbentrop. Entre outros assuntos, foi discutida a remilitarização da região do Reno.¹

O ministro da Guerra, Werner von Blomberg, disse que considerava o empreendimento arriscado, uma vez que a Alemanha, àquela altura, não dispunha de tropas suficientes para o caso de as potências ocidentais reagirem com armas.

Um memorando do generalato alemão apresentado por Blomberg continha o seguinte raciocínio: o status da Renânia acordado no Pacto de Locarno² representava para os franceses uma precondição necessária à segurança de seu país. Além disso, significava desde Richelieu uma área neutra à margem esquerda do Reno para a política francesa, focada no domínio da Europa Central.³

A remilitarização da Renânia, portanto, representaria um golpe contra dois pontos principais da política francesa: a necessidade de segurança, sentimento fortalecido depois da Primeira Guerra, e a posição predominante militar na Europa Central.

A avaliação do generalato era de que a relação de forças entre a Alemanha e as potências ocidentais, parceiras no Pacto de Locarno, era desfavorável à

Alemanha. Segundo seu ponto de vista, só o Exército francês já era superior a todas as armas de que a Alemanha dispunha naquele momento.

Opondo-se a isso, o ministro do Exterior, Neurath, enfatizou que a situação da política externa para a remilitarização da Renânia era mais favorável do que nunca, e disse para Hitler:

— É agora ou nunca!

Este ficou irado com a postura de Blomberg e do generalato e berrou:

— Mas que situação mais esdrúxula!... No Estado nacional-socialista, é o Exército que deve ser o setor mais aguerrido!⁴

Quando Hitler decidiu ocupar a Renânia militarmente, partiu das seguintes condições:

- a França não adotaria nenhuma medida decisiva enquanto não estivesse segura do apoio britânico;
- a Inglaterra não entraria em nenhum conflito armado com a Alemanha, uma vez que no caso da Renânia eram principalmente os interesses franceses que estavam em jogo;
- a Inglaterra até apoiaria uma solução pacífica para a questão da Renânia, porque um conflito com a Alemanha obrigaria invariavelmente a França a lembrar-se do Pacto de Ajuda Mútua franco-soviético, assinado pelo governo francês da Frente Popular em 1935.⁵ Mas isso abriria as portas para que a Rússia Soviética influenciasse a política européia, o que iria de encontro à política do gabinete inglês.

Patético, Goebbels exclamou:

— Meu *Führer*, somos uma nação jovem, os franceses estão caducando e os ingleses envelheceram. O direito da juventude está do nosso lado, é o único direito válido do mais forte!

A remilitarização da Renânia começou no dia 7 de março de 1936, um domingo, de manhã cedo.⁶ O generalato apresentou a Hitler um resumo das reações dos cônsules militares estrangeiros. A base para isso eram conversas oficiais com o chefe de departamento no generalato alemão, o ex-adido militar Rabe von Pappenheim.

Os apontamentos sobre as conversas que ocorreram no dia 7 de março revelam que o adido militar francês, general Renondeau, o qual era favorável a

um compromisso com a Alemanha nazista, estava sumamente irritado com aquele passo alemão, assim como o seu embaixador, François-Poncet. A reunião entre Renondeau e Pappenheim quase assumiu formas dramáticas.

Quando von Pappenheim lhe perguntou como avaliava a situação criada pela Alemanha, Renondeau respondeu que, naquele estado de tensão, a opinião de embaixadores e especialistas militares não tinha importância, e que era a vez de os governos se pronunciarem. Sobre a pergunta seguinte de von Pappenheim, de como o governo francês reagiria à situação, ou o que ele faria no lugar do chefe de governo francês, Renondeau levantou-se e anunciou com *pathos* tipicamente francês:

— Eu, caro amigo, declararia a guerra.

O adido militar inglês, coronel Hotblack, iniciou a conversa com uma observação sarcástica. Disse a von Pappenheim que era grato ao governo alemão por ter-lhe proporcionado um “agradável domingo” com as medidas tomadas a respeito da região do Reno.

Hotblack reagiu bem mais tranqüilo aos fatos do que seu colega francês. Especialmente digna de atenção é a explicação de Hotblack de que se deveria fazer tudo para impedir ações apressadas e impensadas que depois não pudessem mais ser corrigidas. Esta declaração permite concluir que na embaixada inglesa cogitava-se a possibilidade de um papel de mediação da Inglaterra.

O adido militar americano, major Truman,⁷ e seu assistente, major Crockett, que sempre se haviam mostrado bastante compreensivos para com as políticas interna, externa e militar da Alemanha de Hitler, expressaram sua concordância com o passo dado em relação à Renânia e congratularam-se com von Pappenheim.

Simultaneamente, expressaram temores de eventuais reações de outras potências. Em sua opinião, em princípio os Estados signatários do Pacto de Locarno — sem falar do aspecto militar da questão — não aceitariam tão simplesmente o fato de a Alemanha ter ferido os compromissos assumidos. Tanto Hotblack, o adido militar inglês, como Truman explicaram ser necessária a participação de um mediador externo para reduzir a tensão do ambiente.

Pappenheim teve a firme impressão de que, nessa questão da mediação, Truman estava retransmitindo a opinião de Dodd, o embaixador americano

em Berlim. As palavras de Truman permitiam concluir que a remilitarização da Renânia não comovia muito o embaixador americano. Ele apenas manifestou que “o ato de agressão dos alemães fere o princípio geral da intocabilidade dos tratados”.

Os adidos militares dos países pequenos, que ainda viam na França uma potência vitoriosa com um exército de primeira linha, eram da opinião de que a França não deveria simplesmente aceitar a ocupação da Renânia e partir para o combate.

O adido militar belga, general Schmit, estava muito alvoroçado. Ele enfatizou que as potências ocidentais não tolerariam que a Alemanha rompesse unilateralmente o Pacto de Locarno. Ressaltou principalmente que a remilitarização da região da Renânia feria os interesses vitais da Bélgica. A conversa entre Schmit e Pappenheim terminou com ameaças abertas da parte do adido belga.

Na noite de 7 de março, a remilitarização da Renânia tinha sido completada com forças ridiculamente reduzidas. Do ponto de vista militar, era um blefe puro. Apenas três batalhões foram transferidos para a fronteira ocidental (Aachen, Trier, Saarbrücken). A eles ficavam subordinadas unidades policiais que estavam estacionadas na margem esquerda do Reno e agora eram incorporadas ao Exército.⁸

Alguns dias antes, a mando de Hitler, soldados trajando roupas civis provenientes da região da Renânia tinham sido enviados de folga para casa. Em suas malas levavam seus uniformes e suas armas. Tinham ordens de marchar em formação cerrada pelas cidades e aldeias da região para confrontar os franceses com o fato de que “tropas alemãs tinham chegado”.

Simultaneamente, Goebbels anunciou no rádio ao povo alemão e ao mundo: “Incessantemente, tropas alemãs atravessam as pontes sobre o Reno. Inúmeras esquadilhas escurecem os céus...”

Hitler e Göring ouviram o pronunciamento de Goebbels num aparelho de rádio da marca Siemens no salão de música. Hitler bateu no ombro de Göring e disse:

— Göring, na realidade nós somos verdadeiros aventureiros.

A Inglaterra assumiu o papel de mediadora. O generalato alemão informou a Hitler que o adido militar inglês Hotblack exigia da Alemanha um “gesto

conciliador”. O adido militar americano Truman também aconselhou um “tal gesto” com uma firmeza pouco comum para ele.

O relatório do generalato diz que as conversas com Truman permitem concluir que ele tinha ordens de seu embaixador, quiçá também do generalato americano, de apoiar um papel de mediação da Inglaterra através de seus canais militares.

Hitler, no entanto, não fez nenhuma concessão. Apenas ministrou às potências ocidentais, como ele mesmo expressou, “pílulas tranqüilizantes”. Em um pronunciamento no Reichstag, ofereceu hipocritamente à França e à Bélgica assinar um pacto de não-agressão por 25 anos.

O blefe da Renânia foi um sucesso total.



Depois da ocupação da Renânia, Hitler viajou para a região a fim de mostrar-se ao povo alemão como um simples cidadão, com um velho casaco de couro. Em seguida, foi ter com sua amante Eva Braun em Munique.

Eva Braun era filha de um professor. Antes de conhecer Hitler, trabalhava no ateliê fotográfico de Hoffmann. Depois que a sobrinha de Hitler, Nicki, cometera suicídio, em 1932, tão misteriosamente, Hoffmann apresentou Hitler a Eva Braun, que tinha então vinte anos. Ela tornou-se amante de Hitler. Ele ordenou que fosse construída uma mansão para ela na Wasserburger Strasse, próximo de seu apartamento em Munique.⁹ Mas ali ele a visitava raramente. Preferia recebê-la em seu apartamento na Prinzregentenplatz, a fim de manter escondida essa relação do povo alemão.

Ao chegar a Munique, Hitler chamou Eva Braun para sua casa. Antes de sua chegada, conversou em dialeto bávaro com a governanta Anni Winter, que lhe contou as últimas fofocas de Munique. Hitler gostava de escutar o que ela dizia. Aquela mulher esperta tinha grande influência sobre ele e teve um papel importante na distribuição de cargos públicos na Baviera. Ela chamava a atenção de Hitler para amigos que ambicionavam cargos, títulos e condecorações. Anni Winter gostava de proteger preponderantemente elementos criminosos entre os camaradas do Partido.

Eva chega com uma maleta. Ela faz o tipo esportivo: esguia, com uma pele saudável. Tem bom gosto para se vestir. Sobe a escada correndo. Linge abre a porta. Ao escutar a voz da amante, Hitler vem ao seu encontro, animado. Faz uma observação jocosa sobre o novo chapeuzinho de Eva Braun. Hitler leva-a para o seu gabinete de trabalho, onde já estão servidos chocolate quente, chá, conhaque, bombons de chocolate, frutas e champanhe gelado. Ambos passam horas passeando de um lado para o outro no escritório de mãos dadas. Depois, Hitler lê os vespertinos, enquanto Eva Braun instala-se confortavelmente junto à lareira, comendo isto e aquilo. É assim que costumam passar juntos o tempo. Somente depois da meia-noite Hitler recolhe-se ao seu quarto de dormir, onde Linge, como sempre, deixou algumas frutas, chá e remédios estimulantes, prescritos por seu novo médico particular, Dr. Morell. Eva vai para o aposento a ela destinado ou é acompanhada até sua casa por Linge.

Morell é um charlatão de guarda-pó branco, que fornece remédios à base de hormônios para os homens galantes da Kurfürstendamm.* Hoffmann, amigo de Morell desde que este o curou de uma doença venérea, recomendou-o a Hitler, o qual lhe concedeu rapidamente o título de professor e o condecorou “por méritos especiais na pesquisa com hormônios sexuais”.¹⁰ Morell ministrava injeções estimulantes a Hitler. Hitler chamava Morell de seu salvador, principalmente na guerra, quando ele não passava nem um único dia sem essas injeções.

A relação de Hitler com Eva Braun era claramente anormal. No castelo de Berghof, Eva freqüentemente andava com cara de choro e uma expressão sofreda. À noite, ela se recolhia cedo, enquanto Hitler costumava entreter conversas fúteis até de madrugada com seus ajudantes mais próximos. Muitas vezes, a camareira encontrava Eva Braun banhada em lágrimas. Quando Hitler estava fora, ela praticamente revigorava, comportava-se de maneira jovial e feliz, chegando até a dançar. Nos círculos de Hitler, dizia-se que Eva Braun ficava enjaulada numa “gaiola dourada”, condenada a abrir mão de sua vida para ser a companheira de cama de Hitler.



*[Observação do revisor soviético:] Uma rua elegante na parte oeste de Berlim.

Em maio de 1937, Hitler foi para Munique visitar uma exposição agropecuária.¹¹ Ao percorrê-la, o oficial de ligação com a Marinha de Guerra, capitão Albrecht,¹² abordou Hitler para lhe prestar informações. Hitler interrompeu a visita e voltou para o seu apartamento na Prinzregentenplatz. Ali, desapareceu com Albrecht em seu gabinete de trabalho. Aguardavam a chegada do chefe do alto-comando da Marinha de Guerra, almirante Raeder.

Hitler estava muito ansioso. As Forças Aéreas da República Espanhola haviam atacado o cruzador *Deutschland*, que operava em águas espanholas ao lado de Franco.¹³ Hitler decidiu vingar-se. Depois de uma conversa de meia hora com Eric Raeder, almirante e comandante da marinha alemã, a guarda pessoal de Hitler recebeu ordens de preparar sua volta para Berlim.

Naquela noite amena de maio, três limusines conduziram Hitler do aeroporto de Berlin-Tempelhof para a Chancelaria do Reich. Em vez de usar a entrada principal, como fazia normalmente, Hitler entrou no prédio despercebidamente pelo lado do parque da Göringstrasse. Sua volta a Berlim devia permanecer secreta. Von Blomberg, Göring e Raeder, que também tinham voado para Berlim, bem como Neurath, que chegou um pouco depois, igualmente usaram a entrada pelo jardim-de-inverno.

Ali, fizeram uma reunião.

Furioso, Hitler xinga o comandante do cruzador *Deutschland*,¹⁴ chamando-o de covarde, porque, apesar da artilharia antiaérea de primeira linha, não abatera nenhum avião inimigo. Durante a reunião, mensagens cifradas são enviadas aos navios alemães de guerra no mar Mediterrâneo. Elas levam a morte à cidade portuária espanhola de Almería.¹⁵ Hitler pede que Linge abra um grande mapa da Península Ibérica na mesa do jardim-de-inverno. Geralmente, este mapa fica no seu escritório. É nele que ele acompanha a evolução da Guerra Civil na Espanha.

Hitler, que se acha um grande estrategista, explica a Blomberg, Göring e Raeder quais os passos necessários, em sua opinião, para completar o bloqueio a Madri. Ele critica e xinga Franco:

— Em termos militares, Franco é totalmente incapaz. Um típico segundo sargento, nada mais do que isso. Para que eu lhe mandei Faupel? E este, não enxerga nada? Ele nem conseguiu dominar Franco.

Hitler enviara Faupel no outono de 1936 para Burgos, supostamente como seu embaixador, mas na verdade como conselheiro militar de Franco. O general idoso, que depois da Primeira Guerra Mundial trabalhara como instrutor militar no Peru, ali colhera experiências sobre guerra civil.

A ingerência de Hitler na Guerra Civil Espanhola começou em julho de 1936, exatamente quando ele visitava o Festival de Bayreuth.

Os temas das lendas germânicas decantadas por Wagner combinavam com a fantasia perversa de Hitler da pureza da raça germânica. Por isso ele cultivava amizade com os parentes de Wagner. A nora de Wagner, Winifred, chamava Hitler de “Wolf” (lobo). Isso o agradava, pois ficava bem impressionado com a comparação com este animal sanguinário.

Num dos últimos dias do festival, Hitler recebeu secretamente o embaixador alemão na Espanha, Graf Welczeck, que o procurou em companhia de representantes dos falangistas espanhóis.¹⁶

Depois disso, aviões da “Lufthansa alemã”¹⁷ começaram a bombardear cidades da República Espanhola e a transportar unidades marroquinas de Franco para a Espanha. Ao mesmo tempo, Hitler, entusiasmado admirador de Wagner, deleitava-se com a ópera *As Valquírias* na seleta companhia de europeus e americanos que lotavam o festival de Bayreuth.

Mas nem com ajuda das tropas estrangeiras do Marrocos Franco conseguiu vencer o Exército da República Espanhola. Embora tivesse penetrado até os subúrbios de Madri, seus contingentes eram insuficientes para tomar a cidade.

Numa reunião com Hitler na Chancelaria do Reich, em julho de 1937, tomou-se a decisão de reforçar a ajuda militar à Espanha. Unidades poderosas das Forças Aéreas e de tanques foram colocadas à disposição de Franco. A Luftwaffe alemã operava no espaço aéreo da República Espanhola como legião Condor, sob o comando do general Sperrle, que mais tarde, na Segunda Guerra, seria promovido a marechal-de-campo.

Além de apoiar Franco com a Luftwaffe e unidades motorizadas, a Alemanha lhe fornecia regularmente armas, munição e outros materiais de guerra. Para despistar, as armas eram carregadas em cargueiros civis no porto de Hamburgo em um cais com acesso supervisionado pela polícia. Os cargueiros eram

escortados até a costa espanhola por navios de guerra alemães, que, diga-se de passagem, mantinham uma determinada distância.

A fim de organizar a ajuda militar e técnica para Franco e coordenar as diferentes armas que agiam na Espanha, criou-se no alto-comando da Wehrmacht um “comando especial W”. Seu chefe era o general Jaenecke.¹⁸

Ele informou Hitler pessoalmente sobre a evolução da Guerra Civil na Espanha e sobre as experiências colhidas pelas tropas alemãs que combatiam a República Espanhola. Ao ouvir o relato, Hitler insistiu em que as ações de combate contra os republicanos fossem otimizadas. Ele explicou que daria a Franco tudo o que fosse necessário para ocupar toda a Espanha o mais rápido possível.



O verão de 1937 foi embora. A Alemanha trabalhava febrilmente para rearmar o país. Para o outono daquele ano, foram programadas manobras de todas as armas do novo Exército alemão. Entre outras, as modernas armas e unidades proibidas pelo Tratado de Versalhes — artilharia pesada, tanques, canhões de defesa antiaérea, unidades motorizadas, artilharia antiaérea para aviões — deveriam ser experimentadas pela primeira vez em grande escala.¹⁹

“Marchar para leste!” Este era o lema das manobras de outono do Exército na região de Mecklenburg e na Pomerânia.²⁰ O exercício consistia na simulação do combate de dois inimigos no espaço do mar do Leste. Este problema tinha um papel essencial no plano para a guerra no leste feito pelo alto-comando alemão. Estava claro que se pensava na União Soviética como futuro inimigo. A idéia era que as manobras militares demonstrassem a força militar revigorada da Alemanha depois do Tratado de Versalhes. A presença de Mussolini nessas manobras deveria ressaltar especialmente o eixo Berlim-Roma criado um ano antes.

O caráter agressivo em termos político-militares dessas manobras era tão inequívoco que era impossível não ser compreendido assim na Inglaterra.

Assim mesmo, o major Haig, ajudante do adido militar inglês em Berlim, informou pouco antes o generalato alemão de que o chefe do generalato britânico manifestara o desejo de ser convidado para assistir às manobras militares

de outono. O desejo do generalato britânico foi atendido. Ele recebeu um convite para assistir às manobras do Exército alemão. Isso resultou em uma situação bastante complicada: em setembro de 1937, em um campo de treino das tropas alemãs, estavam lado a lado Hitler, Mussolini e o representante responsável do generalato britânico, o marechal-de-campo Montgomery-Massingberd.²¹

Hitler e Mussolini mostraram-se radiantes, em pose vitoriosa.²² Também Montgomery-Massingberd parecia satisfeito — provavelmente porque tudo parecia estar focado no leste, deixando os interesses britânicos intocados.

À volta de Hitler, todos constataram com satisfação que a presença de um representante do generalato britânico nas manobras militares era uma prova inequívoca de que a Inglaterra não apenas aceitava a reconstrução e o fortalecimento da Wehrmacht alemã, como até via tudo com simpatia.

Com isso, a Inglaterra prestou um desserviço ao mundo.

Novembro 1937 — Fevereiro 1939

Hitler passou o mês de novembro de 1937 em seu castelo de Berghof. Eva Braun reunira as amigas à sua volta. Eram mulheres que se comportavam de maneira libertina, às vezes até mesmo permissiva, como era uso nas rodas boêmias de Munique. À mesa, conversavam sem rodeios sobre os assuntos mais íntimos. Quando os ordenanças da SS lhes serviam refrescos, caminhavam seminuas, sem a menor vergonha. E quando assistiam a filmes, à noite, comentavam a constituição física dos atores. “Que belo tipo masculino!”, ouvia-se, por exemplo. Também trocavam impressões abertamente sobre os soldados de estatura alta da guarda pessoal de Hitler. Deleitavam-se com as piadas cínicas do fotógrafo Hoffmann ou com as fofocas que o médico particular Dr. Morell trazia de seu consultório na Kurfürstendamm.

Hitler mal tomava conhecimento das conversas das moças naqueles dias. Achava que era normal, pois para ele valia o princípio de que uma mulher tem que ser burra.

Ele estava preocupado com um único assunto: a Áustria. Como lá ocorriam freqüentes conflitos entre nacional-socialistas insuflados por Berlim e os seguidores do governo Schuschnigg, muitos nazistas austríacos fugiam para a Baviera.

Eles acabaram formando a chamada “Legião Austríaca”. Eram treinados por oficiais e suboficiais austríacos da Leibstandarte “Adolf Hitler” para exer-

cícios e combates de rua. A unidade da SA austríaca, agora transferida para Munique, enviava os combatentes formados na Legião Austríaca para praticar atos de sabotagem na Áustria. A pedido de Hitler, houve até mesmo um desfile da Legião Austríaca em sua homenagem na frente do castelo de Berghof. Hitler convocou todos a não relaxar na luta por uma Áustria nazista. Afinal, era a sua pátria que acabaria de qualquer forma anexada ao Reich alemão.

No dia 14 de novembro aguardava-se no Obersalzberg a visita de Halifax, o lorde-guardião do Selo Real no gabinete de Chamberlain.¹ Através dele, a Inglaterra estava iniciando as negociações com Hitler sobre a anexação da Áustria à Alemanha. Por volta das três da tarde, o esguio e comprido Halifax chegou ao Berghof. O dono da casa recebeu-o pessoalmente na porta, apertou-lhe a mão cordialmente e acompanhou-o até o vestíbulo.

Depois de tirar o sobretudo e dois pulôveres de lã, Halifax parecia ainda mais magro. Seguiu Hitler até o seu escritório, onde ocorreu a reunião com a presença de Neurath e do tradutor Schmidt. Cerca de hora e meia mais tarde, Halifax e Hitler saíram. As expressões de seus rostos revelavam total concordância.

Quando Halifax partiu, Hitler estava de excelente humor. Esfregou as mãos e bateu nas coxas, como se tivesse acabado de fechar um bom negócio.

À noite, durante a conversa, Eva Braun e suas amigas fizeram troça da aparência de Halifax e de sua magreza. Hitler defendeu-o. Elogiou-o como sendo um político inteligente que apoiava integralmente as pretensões da Alemanha. Hitler enfatizou que Halifax declarara que a Inglaterra pretendia fechar um acordo com a Alemanha paralelamente ao eixo Berlim-Roma. Mas Halifax teria deixado claro que este novo acordo não deveria prejudicar as relações teuto-italianas. Satisfeito, Hitler exclamou:

— Eu sempre disse que os ingleses ficariam do meu lado, pois em política eles têm o mesmo princípio que eu: a prioridade é o aniquilamento do bolchevismo.²

Depois da reunião com Halifax, Hitler gritou aos legionários austríacos, que desfilavam na frente do castelo de Berghof:

— A hora está chegando em que os seus sonhos se realizarão!

Mal terminava o ano de 1937 a inquietação popular estimulada pelo partido de Hitler atingiu em Viena o nível de que ele precisava. Mas seu bom

humor depois daquele encontro promissor com Halifax desapareceu. O governo de Viena continuava resistindo teimosamente à “anexação”.

Schuschnigg e os monopolistas austríacos resistiam à anexação, porque esta lhes roubaria a independência econômica e atrapalharia seus próprios planos agressivos. Para eles, valia a seguinte fórmula: a Áustria é o segundo Estado alemão que tem a cumprir uma missão especial na Europa do sudeste. O grupo de Schuschnigg justificava a capacidade de sobrevivência de uma Áustria independente da Alemanha com o fato de que a Áustria liderara povos eslavos no combate em prol da nação alemã durante a guerra de 1914-1918.

Irritado com a atitude do governo de Schuschnigg, Hitler convocou o chefe do governo austríaco para uma reunião no Obersalzberg. No dia 11 de fevereiro de 1938, o chanceler austríaco chegou lá.³ Hitler recebeu Schuschnigg sem muita cerimônia em seu gabinete de trabalho. Estava com uma expressão sombria no rosto, a testa enrugada. Dessa forma, quis sinalizar para Schuschnigg a tempestade que o aguardava. Hitler conduziu a conversa sem testemunhas.

Mas, dentro de pouco tempo, seu vozeirão podia ser escutado no andar inteiro:

— Deus meu! O que o senhor pensa? Eu, austríaco de nascimento, fui predestinado a criar um grande reino alemão. E o senhor vem bloquear o meu caminho! Vou pisoteá-lo!

Hitler tocou a campainha para chamar Linge, que estava de serviço na porta do escritório. Quando este entrou, viu Schuschnigg encolhido e Hitler espumando de raiva. Olhando furiosamente, berrou com Linge:

— Mande chamar o general Keitel!

Por causa da visita de Schuschnigg, Keitel já se encontrava desde cedo no castelo. De botas, esporas e armado, parecia o deus da guerra, Marte, em pessoa.

Keitel era o general mais leal a Hitler. Sucedera Blomberg, o qual caíra em desgraça por sua falta de determinação na questão da remilitarização da região do Reno. Sobre Blomberg, Hitler chegaria a comentar mais de uma vez:

— Ele é mole demais para mim. Não tenho mais como encaixá-lo nos meus planos futuros.⁴

Quando Hitler mandou chamar Keitel, este estava sentado no jardim-de-inverno. Prendeu o sabre à cintura, lançou um olhar ao grande espelho, como

Hitler, para ver se estava com aspecto suficientemente bélico, e em seguida subiu as escadas até o escritório de Hitler, tilintando com suas armas.

Pouco depois, Keitel acompanhou Schuschnigg escada abaixo. Os homens da SS que estavam por toda parte acharam que Schuschnigg parecia bem deprimido. Ele despediu-se totalmente confuso, fazendo um gesto que, como disseram os homens da SS às gargalhadas, devia parecer uma saudação nazista.

Durante o jantar, Hitler mostrou como “acabara” com o pobre chanceler:

— Quando Keitel entrou, eu lhe perguntei: “Quantas divisões estão na fronteira, Keitel?” E ainda: “O que sabemos sobre o exército do inimigo, Keitel?” E Keitel respondeu, com ar de desprezo: “Nem é digno de menção, *mein Führer*.” Só houve um gesto importante: o do “rei da guerra”, Wilhelm Keitel — riu-se Hitler.

Pouco depois de ter recebido Schuschnigg, Hitler voltou para Berlim. Na Chancelaria do Reich surgiram boatos de que, segundo informações do embaixador alemão na Áustria, Schuschnigg continuava resistindo, tendo pedido ajuda da Inglaterra. Começa uma atividade febril na Chancelaria. Hitler recebeu Henderson, o embaixador inglês na Alemanha. Além disso, manteve várias reuniões com Göring, Keitel e o chefe do alto-comando do Exército, von Brauchitsch. Telefonava-se freneticamente para Viena. Na tarde de 11 de março, Göring reuniu-se com Hitler. À noite, ligaram de Viena. Hitler mandou que a ligação fosse transferida para o salão de música, menos devassado. Do outro lado da linha estava Seyss-Inquart, o chefe dos nazistas austríacos. Antes que Hitler pudesse dizer qualquer coisa, a ligação caiu. Ligações de longa distância sempre o desconcertavam, mas agora ele estava duplamente nervoso.

Hitler tinha uma péssima relação com o telefone. Muitas vezes, as linhas se cruzavam, o que levava a situações absurdas. Certa vez alguém perguntou para Hitler quem ele era, e ele respondeu dizendo o seu nome, recebendo como resposta: “Você enlouqueceu!” Em Bayreuth, perguntaram-lhe a hora pelo telefone. Outra vez, quando Hitler estava conversando com Eva Braun, alguém lhe disse: “Conversas particulares não são permitidas aqui.”

No telefonema com Viena no dia 11 de março, as condições técnicas da Chancelaria do Reich aparentemente não estavam à altura da situação. Por razões inexplicáveis, a eletricidade era insuficiente para transferir a ligação para

os aposentos particulares do *Führer*. No fim, Hitler e Göring tiveram que ir até a cabine, onde Hitler pegou o fone. Depois de uma longa pausa, alguém falou, mas era apenas o telefonista. Hitler perdeu definitivamente a paciência e passou a missão “pesada” para Göring.

Göring, que com o seu corpanzil ocupava quase todo o espaço, acaba finalmente conseguindo falar com Seyss-Inquart. Ele grita no telefone:

— Alô, Seyss, o que está acontecendo aí?

Ele escuta a resposta durante meio minuto e faz uma pergunta à meia-voz para Hitler. Este estava junto ao sofá, com o joelho encostado nele, mexendo nervosamente com a corda de uma cortina. De repente, puxou com tanta força que a cortina toda despencou. Hitler grita:

— Sim, sim, ele precisa agir!

Göring termina a conversa com as palavras:

— Tudo certo, de acordo. Até breve.

Hitler ficara irado com o fato de Schuschnigg ter condicionado a anexação da Áustria à Alemanha a um plebiscito.

No dia seguinte, 12 de março, às nove horas, Hitler partiu de Berlim, escoltado por caças, e aterrissou no aeroporto Oberwiesefeld, perto de Munique.

De lá, foi de carro até o batalhão de von Bock, estacionado em Mühldorf, na fronteira com a Áustria.

No mesmo dia, tropas alemãs invadiram a Áustria.

Acompanhado de um grupo de sua guarda pessoal, Hitler alcançou a cidade de Linz no início da noite. Da sacada da prefeitura, anunciou a anexação da Áustria (*Anschluss*) ao Reich alemão. A seu lado estava o novo chanceler austríaco, seu protegido Seyss-Inquart. Schuschnigg teve ordens de passar-lhe rapidamente o cargo de chanceler.

No dia 14 de março, Hitler chegou a Viena. A Leibstandarte já assumira a segurança da cidade. Hitler ficou no Hotel Imperial, onde o cardeal católico Innitzer deu as boas-vindas ao “*Führer*”. Em Viena, Hitler proclamou o Reich alemão ampliado.

No dia seguinte, a guarnição de Viena já usava a águia alemã no uniforme.

Por causa da anexação da Áustria, a Hungria e a Itália, aliadas da Alemanha, passaram a ter fronteiras em comum. A Tchecoslováquia, no entanto, estava encurralada pelo norte, pelo sul e pelo oeste.

A incorporação deste Estado pacífico estava agora na ordem do dia. Na imprensa alemã, falava-se abertamente de uma anexação da Tchecoslováquia como parte da ofensiva de Hitler rumo ao leste.

Os preparativos começaram com a agitação dos alemães dos sudetos, que habitavam as regiões fronteiriças da Tchecoslováquia. As lideranças de sua organização nacional-socialista os insuflavam para provocar os tchecos.⁵

Durante o congresso do Partido Nacional-Socialista Alemão em Nuremberg, na primeira metade do mês de setembro de 1938, a campanha de difamação contra a Tchecoslováquia atingiu o ápice.

O congresso foi realizado sob o lema de uma “Alemanha ampliada” e serviu para desenvolver a expansão alemã para o leste. Hitler apresentou-se como protetor dos sudetos, supostamente escravizados pelos tchecos. No pronunciamento proferido em 12 de setembro, Hitler explicou:

— Não mais tolerarei que os tchecos tutelem três milhões e meio de alemães!⁶

Sua fala histérica era recheada de difamações e ofensas contra a Tchecoslováquia.

Ao mesmo tempo, eram levados adiante os preparativos militares. Tropas alemãs sob o comando do general von Leeb foram convocadas para a fronteira tcheca. Às pressas, o general List tentou ensinar a disciplina prussiana ao Exército austríaco, agora incorporado à Wehrmacht alemã.

Os compromissos da França como aliada da Tchecoslováquia pouco preocupavam Hitler. Ele dizia:

— Os franceses não ultrapassarão a Linha Maginot.⁷

O pronunciamento de Hitler no congresso partidário em Nuremberg e as concentrações de tropas alemãs na fronteira tcheca não deixaram de surtir efeito em Londres.

No dia 15 de setembro, mal havia terminado o congresso, o primeiro-ministro inglês Neville Chamberlain aterrissou no aeroporto de Salzburgo, que ficava próximo do castelo de Hitler, Berghof. No aeroporto, o ministro do

Exterior, Ribbentrop, e o chefe de protocolo, Freiherr von Dörnberg, deram as boas-vindas a Chamberlain e seus assessores.⁸

Hitler esperou Chamberlain pessoalmente, de uniforme nazista, na escadaria da residência. A seu lado estavam seus ajudantes Brückner e Schmundt, bem como o enviado Hewel, assessor permanente de Ribbentrop junto a Hitler.

Hitler cumprimenta Chamberlain com o braço levantado. Este devolve, acenando gentilmente com o chapéu. Apertam-se as mãos, apresentam os assessores e sobem a larga escadaria. Na entrada do palacete há um grupo de homens da SS munidos de tambores. Hitler e Chamberlain passam a guarda de honra em revista. Chamberlain acena com o chapéu. De seu braço esquerdo pende um guarda-chuva.

Hitler conduz Chamberlain até o vestíbulo e, em seguida, ao seu gabinete de trabalho no primeiro andar. São seguidos por Ribbentrop e o intérprete Schmidt. Os assessores de Chamberlain são levados para o jardim-de-inverno, onde lhes é servido um café.

Depois de uma reunião de três horas com Hitler, Chamberlain despede-se. Diante da residência, mais uma vez o recebem os tambores da guarda de honra. Hitler acompanha o premiê inglês até o carro, onde ambos trocam um cordial aperto de mãos.

Acompanhado de Ribbentrop, Chamberlain volta para Salzburgo e passa a noite no Hotel Österreichischer Hof. No dia seguinte, volta de avião para Londres.

Depois da partida de Chamberlain, Hitler caminha para cima e para baixo com o enviado Hewel. Pouco a pouco se abrem os quartos em que Eva Braun e suas amigas apenas aguardavam a partida dos convidados ingleses. Aos poucos, a atmosfera oficial no castelo se dissipa.

O enviado Hewel relatou que o governo britânico tinha-se assustado com o tom militante do congresso partidário. Por isso, Chamberlain quis procurar Hitler pessoalmente para ter uma idéia de suas reivindicações. E estas davam conta de que a Alemanha reivindicava seu direito sobre a terra dos sudetos. Chamberlain dera a entender que Londres mantinha uma postura benevolente em relação a isso. E que ele estaria disposto a voltar para discutir de que maneira poderia dar-se a entrega da terra dos sudetos tcheca para a Alemanha.

Linge olha para o relógio. Hora do jantar. Ele informa Hitler de que tudo está preparado. No refeitório, Hitler cumprimenta as senhoras, que vieram de suas casas — as esposas do inspetor-geral de obras Albert Speer e do *Reichsleiter* Martin Bormann. Hitler conduz à mesa a Sra. Speer, cujo marido mais tarde se tornaria conhecido como inspetor de enormes exércitos escravos formados de prisioneiros de guerra e cidadãos pacíficos. Seguem Bormann com Eva Braun. Os demais fazem o mesmo, e dentro de pouco tempo o refeitório é preenchido pela algaravia de vozes dos comensais. As mulheres, que antes tinham observado Chamberlain pela janela, fazem piadas sobre o inglês antiquado que jamais se separa de seu guarda-chuva. Hitler explica, grandiloqüente:

— O velho entrou pela primeira vez na vida num avião para encontrar-se comigo.

E acrescenta, irônico:

— Coitado, e ainda será outra vez objeto do escárnio de vocês.

De fato, uma semana mais tarde, em 20 de outubro,⁹ Chamberlain voltou à Alemanha, agora com uma grande equipe de assessores. Desta vez, o local escolhido para as negociações foi Bad Godesberg, na região do médio Reno, a cem minutos de vôo de Londres, no Hotel Dreesen.

O dono do hotel, Dreesen, e sua mulher eram velhos amigos de Partido de Hitler. Ele já residira no hotel antes de 1933. Depois da tomada do poder, Dreesen tornou-se presidente da associação nacional-socialista de hotéis.¹⁰ Em honra aos ingleses, o Hotel Dreesen foi equipado com móveis e tapetes novos. Hitler e sua comitiva hospedam-se lá. Chamberlain hospeda-se do outro lado do Reno, no Hotel Petersberg.

Na noite de 22 de setembro, os convidados ingleses pegam uma barca para Bad Godesberg. Ribbentrop e Freiherr von Dörnberg acompanham Chamberlain até o hotel, onde Hitler o aguarda.

Ostensivamente, e contra todas as regras da etiqueta diplomática, Ribbentrop usa um terno simples sobre uma camisa marrom nazista.

Passando por alas de homens da SS, eles chegam ao vestíbulo do hotel e sobem para o primeiro andar. O maior cômodo no apartamento de Hitler serve de sala de reuniões. Hitler já está lá.

Uma hora depois, Chamberlain reaparece no vestíbulo. Por toda parte há sentinelas. Ele não parece mais estar tão contente quanto antes da conversa. Chamberlain entra no carro que o leva até a barca.

Hewel comenta com Brückner e Linge:

— O *Führer* e Ribbentrop sabem como lidar com os ingleses. Eles aumentam cada vez mais suas reivindicações e Chamberlain é obrigado a pagar cada vez mais. Mas a City não está interessada na moral, ali só se sabe fazer negócios. Os elegantes cavalheiros bem sabem que eles não passam de grandes usurários.

À noite, Dörnberg, que mora no hotel dos ingleses, informa que Henderson, o embaixador de Berlim, apareceu lá. Pouco depois, Henderson procura Hitler no hotel para negociar com ele a mando de Chamberlain. Ele é conduzido até o escritório. Ribbentrop, que está na porta, pergunta a Henderson grosseiramente e sem meias palavras.

— Então, Mr. Henderson, o que diz Mr. Chamberlain?

Henderson passa por ele e entra. Depois das conversas com Henderson, Hitler freqüentemente comentava que este agia favoravelmente à Alemanha e transmitia todos os desejos dos alemães para Londres.

Depois que Henderson saiu, Hewel é chamado para reunir-se com Hitler e Ribbentrop. Em seguida, uma secretária é convocada para que Hitler possa ditar. Ouve-se o barulho das teclas da máquina de escrever. Às pressas, formulam-se as reivindicações de Hitler à Tchecoslováquia, a serem entregues ainda naquele mesmo dia aos ingleses. Hewel leva as páginas datilografadas para que Hitler as revise, e depois de volta para Ribbentrop. Uma ou outra vez, vê-se Ribbentrop levando as páginas pessoalmente para Hitler. Dessa redação da lista de reivindicações participou também Gaus, o chefe do departamento jurídico do Ministério do Exterior. Finalmente, o teor está pronto. Mas Hitler ainda não se dá por satisfeito. Chama Linge e manda que Hewel traga mais uma vez a última parte do texto. Assim, continuam até tarde da noite. Também no Hotel Petersburg, na outra margem do Reno, onde Chamberlain está hospedado, as luzes permanecem acesas por muito tempo, e a barca percorre diversas vezes o trajeto de um lado do Reno para o outro.

Vinte horas depois, na noite do dia 23 de setembro, Chamberlain aparece mais uma vez no hotel de Hitler. Ambos conversam longamente na presença de

Ribbentrop e Schmidt. Durante a reunião, solicitam mapas da Tchecoslováquia, trazidos por Hewel. Quando ele volta a sair do escritório de Hitler, comenta, satisfeito, que agora as coisas estão caminhando. E acrescenta, misterioso:

— O *Führer* não está tratando Chamberlain com muita simpatia e pressionou-o fortemente. Em nome da Inglaterra, Chamberlain fez promessas bastante inequívocas referentes à entrega da terra dos sudetos à Alemanha. Ele certamente terá de aceitar outras reivindicações.

Pouco depois, as negociações estavam terminadas. Hitler e Chamberlain descem a escada. Perto de uma palmeira no vestíbulo, o fotógrafo de Hitler, Hoffmann, barra-lhes o caminho. Com ajuda do *flash*, fez uma fotografia promissora: Hitler e o primeiro-ministro britânico Chamberlain embaixo da “palmeira da paz”.



Chamberlain voltou para Londres, e Hitler para Berlim. Ali ficou aguardando a resposta do governo tcheco sobre suas reivindicações. Mas Praga não cedeu.¹¹ Hitler fica fora de si de tanta raiva. Diz:

— Nós não negociaremos mais. Vamos atacar!

Ele ordena que sua guarda pessoal substitua o uniforme negro da SS pelo cinza da Wehrmacht para sinalizar sua disposição bélica.

Nesses dias, o embaixador italiano em Berlim, Attolico, reúne-se várias vezes com Hitler trajando o uniforme fascista dos “camisas-negras” italianos. No dia 27 de setembro de 1938, apareceu quatro vezes. Ao deixar a Chancelaria do Reich pela terceira vez naquele dia, Hitler diz a Linge, que lhe traz os jornais, num tom em que se misturam a irritação e a satisfação:

— Esse aí está com medo! Se fôssemos seguir os conselhos dele, jamais levaríamos isso a cabo.

No final da tarde, circulou na Chancelaria do Reich a informação de que Hitler fora convencido por Mussolini a concordar com a convocação de uma conferência das quatro potências — Alemanha, Inglaterra, França e Itália — sobre a questão dos sudetos.¹² Na manhã do dia 28 de setembro, Hitler preparou-se para a partida para Munique, onde deveria realizar-se a reunião.¹³ O

trem de Hitler partiu à noite da Anhalter Bahnhof, de Berlim, chegando no dia seguinte a Kufstein, no Tirol. Ali deveria encontrar o *Duce* no caminho para Munique.

A plataforma do trem está deserta. A estação está fechada. Na plataforma ao lado chega o trem do *Duce*. Mussolini salta de um vagão. Hitler vai ao seu encontro. Aperta as duas mãos do aliado e fita-o com os olhos bem arregalados. Eles entram na sala de reuniões no vagão de Hitler e seguem juntos até Munique. Em Munique, Hitler e Mussolini vão juntos até o palacete Prinz-Carl, onde o *Duce* hospeda-se com seu genro, o conde Ciano, ministro do Exterior.

Nas ruas de Munique, não há nenhum sinal de que haverá uma conferência das quatro potências. Por ordem de Hitler, naqueles dias todas as manifestações públicas estavam interditadas. Foi a maneira que encontrou para sinalizar aos estadistas estrangeiros que a Alemanha nacional-socialista tinha desprezo por conferências internacionais. Hitler usava só uma expressão para conferências e sessões parlamentares:

— *Schwatzbude* [salão de fofocas].

Chamberlain foi recebido no aeroporto de Oberwiesenfeld perto de Munique por Ribbentrop e o conselheiro de Estado bávaro Christian Weber, que foi de uniforme de líder da brigada da SS. Achou-se conveniente que este especulador de Munique e adversário ferrenho do bolchevismo estivesse presente na recepção do primeiro-ministro de Sua Majestade o rei britânico.

O Hotel Regina estava reservado para Chamberlain e seus assessores. O primeiro-ministro francês Édouard Daladier foi recebido por Göring no aeroporto. A conferência começou no dia 29 de setembro na Casa Marrom, a sede do Partido Nacional-Socialista.¹⁴

Antes do início da reunião, Hitler buscou Mussolini e levou-o até o prédio chamado "Führerbau". Lá esperaram a chegada de Chamberlain e Daladier no escritório de Hitler. Por volta das 13 horas, o rufar dos tambores da guarda de honra da SS anunciou a chegada de Chamberlain. Ele apareceu acompanhado de Ribbentrop.

Ajudaram Chamberlain a tirar o sobretudo, e ele subiu a escadaria adornada com flores que levava ao gabinete de Hitler. Por toda parte, nos corredos-

res, havia homens da SS com rostos gelados, imóveis. Tinham ordens de despertar a impressão de soldados prontos para marchar. Chamberlain respondia a sua saudação “*Heil Hitler!*” com um aceno gentil.

Hitler mostrou-se como soldado disciplinado, assim como os seus homens da SS. Com essa postura, queria deixar claro para Chamberlain que diante dele estava um homem que deixara os tchecos irados. Junto com Mussolini, ficou sentado no meio do salão esperando, sem se levantar para que Chamberlain fosse ao seu encontro. O *flash* do fotógrafo Hoffmann mostra Hitler estendendo a mão a Chamberlain, frio, e com a expressão do rosto imóvel.

Mussolini também cumprimentou Chamberlain reservadamente.

A porta abre-se e Daladier entra. Hitler recebe-o do mesmo jeito que a Chamberlain.

Sem mais volteios, Hitler convida os chefes de governo da Inglaterra, França e Itália a que tomem assentos na mesa redonda junto à lareira.

Hitler sentou-se, como sempre, de costas para a janela, para que seu rosto ficasse na sombra. À sua esquerda estava Chamberlain, com o rosto preocupado e confuso. Daladier e Mussolini tomaram assento no sofá à esquerda de Hitler. Ambos estavam com uma expressão digna e determinada.

Assim começou a famigerada conferência de Munique.

Depois do intervalo do almoço, o intérprete Schmidt deixa o gabinete de Hitler. Ele pede para chamar o general Keitel e o coronel Schmundt, junto com um mapa de campanha.

Os participantes da conferência agora estão de pé junto a uma mesa comprida em que os mapas são dispostos. A conferência ganha o caráter de uma comissão de fronteira.

No final do dia, Hitler consegue o objetivo que ele se planejava para aquele dia. Os acordos internacionais que protegiam a integridade territorial da Tchecoslováquia estavam reduzidos a um pedaço rasgado de papel. Quando Hitler faz a pergunta retórica — “E se os tchecos não quiserem?” —, Daladier respondeu em um tom ácido, apesar do acordo entre França e Tchecoslováquia:

— E se eles não quiserem, excelência? Eles haverão de querer!

Hitler parece incomumente animado. Está de excelente humor. Manda que Linge traga o livro de hóspedes da Casa Marrom. Todos os chefes de governo

das quatro potências — Hitler, Mussolini, Chamberlain e Daladier — assinam embaixo da data tão fatídica para os povos amantes da paz, o dia 29 de setembro de 1938.¹⁵

Assim termina a conferência de Munique.

Hitler e Mussolini vão de carro até a estação. Ali, Hitler despede-se de Mussolini. Quando o seu trem já está saindo da estação, Mussolini inclina-se para fora da janela aberta e aperta as duas mãos de Hitler mais uma vez. Da estação, Hitler vai até seu apartamento na Prinzregentenplatz.

Chamberlain e Daladier informam os representantes da Tchecoslováquia que se encontram em Munique sobre os resultados da conferência: a separação da terra dos sudetos e das regiões fronteiriças com a Áustria e a Tchecoslováquia. Os tchecos não tiveram acesso à reunião que decidiu sobre o destino de seu país. Eles ficaram aguardando pelos resultados no Hotel Regina, onde também estava hospedada a delegação inglesa sob a chefia de Chamberlain. Sobre a decisão de abrigar os tchecos sob o mesmo teto com os ingleses, Ribbentrop comentara com um sorriso sarcástico:

— Lá eles não vão fazer besteiras.

Daladier voltou para Paris no dia seguinte. No mesmo dia, 30 de setembro, Chamberlain pediu uma nova reunião com Hitler. O enviado Hewel levou-o até o apartamento particular de Hitler na Prinzregentenplatz. Isso deveria ressaltar o caráter não-oficial do encontro. Uma hora mais tarde, Hitler mandou chamar a secretária Johanna Wolf. Pouco depois, ouve-se o barulho das teclas de uma máquina de escrever no quarto de Eva Braun. A secretária está datilografando uma declaração conjunta de Adolf Hitler e Neville Chamberlain. O texto final da declaração, ela o apresenta a Hitler e Chamberlain em várias cópias. Ambos assinam o documento. Ele anuncia ao mundo inteiro que as relações anglo-germânicas são de importância decisiva para assegurar a paz na Europa e que ambos os países vêm o acordo de Munique (sobre a divisão da Tchecoslováquia) “como simbólico para o desejo de nossos dois povos de nunca mais fazer guerra um contra o outro”.

Com expressão feliz, Chamberlain guarda o documento no bolso interno de seu terno e aperta longamente a mão de Hitler.

Ao pisar na rua, ele tira com gentileza exagerada o chapéu, como resposta

à saudação nazista dos homens da SS, que não conseguem esconder sua surpresa com o contentamento de Chamberlain.

No mesmo dia, Chamberlain entra mais uma vez no avião que já o levou três vezes à Alemanha hitlerista.

Um dia mais tarde, no dia 1º de outubro de 1938, tropas alemãs comandadas pelo general von Leeb invadem sem obstáculo a linha fortificada erigida pelo construtor de fortalezas francês Maginot, que o primeiro-ministro francês Daladier e o premiê Chamberlain abriram para Hitler.¹⁶

A região dos sudetos e algumas áreas na antiga fronteira austríaca foram incorporadas ao Terceiro Reich. Munique, o fruto dos esforços da Inglaterra e da França para afastar as agressões de Hitler de oeste para leste, tornou-se assim o prólogo da Segunda Guerra Mundial.

Em Londres e Paris, os resultados de Munique foram apresentados à opinião pública como sendo a “salvação da paz”.

Segundo Ribbentrop relatou a Hitler, Daladier tivera uma recepção triunfal no aeroporto Le Bourget ao voltar de Munique para Paris, com membros do gabinete francês, senadores, representantes da indústria e dos bancos, assim como membros do corpo diplomático. Todos tinham felicitado Daladier pela sua vitória diplomática. O embaixador americano Bullit, que também estava presente, insistiu em fumar um cigarro com o conselheiro da embaixada alemã Bräue, o qual estava representando o embaixador Graf Welczeck — o “cachimbo da paz”, como ele disse.

Daladier foi praticamente carregado até o seu carro acompanhado dos gritos: “Viva Daladier! Viva Chamberlain!”



Começa o ano fatídico de 1939.

Ao voltar de um aniversário na casa de Göring, no dia 12 de janeiro, Hitler encontra Hess, Goebbels e Wilhelm Keppler, da SS, junto à lareira, na penumbra do salão dos fumantes. Keppler ocupava o cargo de “comissário para questões econômicas”. Era um dos principais responsáveis pela expansão do regime hitlerista. Ele se desculpa, dizendo que teria de incomodar o *Führer*, e segue

Hitler até o salão de música. Meia hora mais tarde, Keppler deixa o salão de música e diz para Hess e Goebbels, ao despedir-se:

— Não sei o que fazer. O *Führer* diz que agora é a vez de toda a Tchecoslováquia. Para mim, mais importante seria preparar a incorporação da indústria da região da Boêmia e da Morávia. Precisamos dela de qualquer maneira.¹⁷

Em seguida, Keppler deixou a Chancelaria do Reich rindo e apressadamente.



Em sua megalomania ilimitada, a velha Chancelaria do Reich não bastava mais para Hitler. Ele mandou construir um novo palácio na Vosstrasse — a chamada nova Chancelaria do Reich (*Neue Reichskanzlei*).

A idéia era que, quando representantes de países estrangeiros adentrassem a nova Chancelaria do Reich, se deslumbrassem com a grandeza de Hitler e com a aura de seu poder ilimitado. Na recepção de Ano-Novo, Hitler disse aos seus ajudantes:

— Quando esses senhores adentrarem a sala dos mosaicos, logo perceberão a magnificência do Reich alemão. Os longos corredores causarão neles uma sensação de respeito.

E de fato, na recepção de Ano-Novo Hitler obrigou os diplomatas estrangeiros a percorrerem todos os corredores da nova Chancelaria do Reich para finalmente chegarem até ele.¹⁸ Isso deveria aumentar a curiosidade de, finalmente, ver o “timoneiro da Europa”, que Hitler considerava ser. Por ordens suas, o palácio do rei das ferrovias, Borsig, fora integrado à Chancelaria do Reich como uma ala. Da Wilhelmstrasse até a Göringstrasse alastravam-se construções de dimensões gigantescas e luxo inédito.

Depois de atravessar o grande “pátio de honra”, os visitantes chegavam a uma ante-sala com colunas de mármore cor-de-rosa e cinza e candelabros dourados. A sala seguinte era o salão de mosaicos, decorado com uma imensa águia alemã. De lá, degraus em mármore conduziam à sala de granito com sua enorme cúpula, onde plantas exóticas exalavam seu perfume. Ali começava a galeria com piso de mármore vermelho, inspirada no palácio de Luís XIV em Versalhes.¹⁹ Os nichos em que ficavam embutidas as janelas também eram

decorados com mármore, o qual refletia a iluminação indireta. Especialistas italianos decoraram as paredes com mármore moído e misturado com cimento, polido em seguida. Tudo brilhava e cintilava. As tapeçarias tipo *gobelin* vinham dos castelos dos Habsburgo e do palácio Rothschild em Viena. A galeria termina em uma grande sala de recepções, imersa em luz de um enorme candelabro. O tapete que cobre o chão é tão gigantesco que foi preciso arrancar um pedaço do muro para introduzi-lo na peça. As salas são mobiliadas com caríssimos móveis entalhados. As portas também têm trabalhos de entalhe. O gabinete de trabalho contíguo a esse salão é todo em madeiras nobres.

O novo escritório de Hitler tem 25 metros de comprimento.²⁰ Num nicho, há quadros preciosos; sobre a imensa lareira há um retrato de Bismarck. Na gigantesca mesa de mármore fica uma escultura equestre de Frederico II, em mármore branco. Outro detalhe que prende a atenção são as pesadas cortinas nas oito janelas, que vão até o chão. De dia, o olhar cai sobre as colunas e as fontes no parque, bem como uma casa de chá de vidro, decorada com bronze e pórfiro.

Por causa do terreno pantanoso, a nova Chancelaria do Reich fora construída sobre uma bacia de concreto. A construção do complexo custou trezentos milhões de marcos.²¹ Quando tudo estava pronto, Hitler não achou o palácio suficientemente magnífico e resolveu deixá-lo futuramente para Hess, a fim de mudar-se para um prédio ainda mais impressionante ao lado do Reichstag, que só existia no papel. O futuro palácio devia ser tão grande que pudesse abrigar entre trezentos e quatrocentos lacaios enfileirados.²²



Na noite de 14 de março de 1939, a nova Chancelaria do Reich estava toda iluminada. Hitler considerou que chegara o momento de terminar a segunda rodada de política de Munique.

Na semana anterior, multidões de diplomatas, consultores e especialistas tinham lotado a ante-sala e os salões da Chancelaria do Reich. Entre eles estava o líder do partido separatista eslovaco, Tiso.²³ Diplomatas de Budapeste e Varsóvia também procuraram Hitler diversas vezes naqueles dias. Depois de Munique, eles também — assim como Hitler — tinham ficado com apetite de abocanhar território tcheco.²⁴

O dia está especialmente animado na Chancelaria do Reich. Keitel, Schmundt e oficiais do Estado-Maior somem nos salões de Hitler e apresentam planos para a invasão da Tchecoslováquia no jardim-de-inverno.

— Desta vez — diz Hitler — nem preciso de reuniões. Se disseram “A” em Munique, agora terão que dizer “B”.

No trem de Hitler, o pessoal recebeu ordens de aquecer a máquina. Seus oficiais preparam-se para a partida.

Uma pasta com a biografia detalhada do presidente da República Tchecoslovaca, Hácha, está sobre a mesa de Hitler. Ele sucedeu a Benes, o qual, depois das resoluções de Munique sobre a separação da região dos sudetos, saiu do cargo.

Hitler espera a qualquer momento a chegada de Hácha, convocado por ele para ir a Berlim.²⁵ No “pátio de honras”, uma companhia da Leibstandarte Adolf Hitler fica a postos para receber o chefe do governo da Tchecoslováquia. Uma hora mais tarde, ele já terá deixado de sê-lo. Hácha chega acompanhado de seu ministro do Exterior, Chvalkovsky. Depois da caminhada infundável atravessando todo o prédio da Chancelaria do Reich, eles se vêem diante de Hitler. Este não precisou de espelho desta vez para treinar a expressão mais adequada. Quando ambos adentram a sala, ele está com a expressão de maior ditador de todos os tempos.

Depois de um frio cumprimento, Hitler manda os tchecos Hácha e Chvalkovsky tomarem assento na mesa onde também se sentam Ribbentrop, Göring e o secretário-geral do Ministério do Interior do Reich, Stuckart. Este último recebera a tarefa de administrar os países ocupados.

Hácha é confrontado com a exigência de assinar um documento elaborado previamente, que torna a República Tcheca um protetorado da Alemanha e proclama a Eslováquia como Estado independente.

Dessa vez, Hitler não precisou de Keitel chegando no papel de Marte, deus da guerra, como no caso do chanceler austríaco Schuschnigg, para deixar clara a concentração de tropas alemãs na fronteira. Sem rodeios, explicou a Hácha que a Wehrmacht estava naquele momento ocupando a Tchecoslováquia.

Hácha recusou-se a assinar o documento. O clima no gabinete de trabalho de Hitler fica tenso. Ribbentrop levanta-se e corre até Hácha, a fim de entregar-lhe novamente o documento para assinatura, que Hitler acaba de assinar.

Hitler ameaça Hácha:

— Se o senhor não assinar, bombardeios alemães arrasarão Praga!

Depois da meia-noite, o médico particular de Hitler é chamado para o escritório, além dos homens da SS Bornhold, Hansen e Köster, da guarda pessoal de Hitler.²⁶ Pouco depois reaparecem carregando o corpo imóvel de Hácha, levado para uma sala contígua. Morell dá uma injeção em Hácha, que desmaiara. Depois de alguns minutos, o médico consegue fazer Hácha recobrar a consciência.

Hácha é novamente levado até Hitler. Alguém dá a ele uma caneta-tinteiro e assegura-lhe que não existe a intenção de germanizar o país e que o povo tcheco preservará total autonomia (como aquela que ele, Hácha, estava gozando naquele momento). Finalmente, Hácha cede e assina.

Depois que Hitler obrigou Hácha a assinar, ele se lembra de que necessitará de uma justificativa para o documento. Imediatamente, redige-se um “apelo” da República Tcheca com o pedido de ajuda militar à Alemanha, a fim de libertá-la das “turbulências interiores” e da “pressão sobre as fronteiras”. Hácha assina também este papel.

Em seguida, Hitler ordena que o ajudante Schaub complete uma ligação telefônica para Praga.

Gaguejando e sufocado, Hácha informa o governo em Praga dos documentos assinados. As forças armadas da Tchecoslováquia recebem a ordem de baixar as armas.



Começa a manhã do dia 15 de março. Hácha deixa a Chancelaria do Reich.

Meia hora mais tarde, o carro de Hitler já ruma em alta velocidade até a Anhalter Bahnhof. Seu trem já estava soltando fumaça. Mas Hitler não dava ainda a ordem para a partida. Junto com Keitel, esperava os relatórios sobre como ia a ocupação da Tchecoslováquia. Também Himmler — pálido, olhar penetrante atrás dos óculos de aros redondos — estava no trem de Hitler. Queria chefiar pessoalmente a liquidação dos patriotas tchecos. Quando Hitler se convenceu de que não havia riscos para ele em uma viagem para a Tchecoslováquia,

o trem partiu. Ele saltou em uma pequena estação perto de Reichenberg na região dos sudetos.

Uma caravana de carros já estava aguardando. Hitler foi até Praga no caminho mais rápido. À meia-noite, as limusines Mercedes passavam pelas ruas da capital sonolenta e pacífica da Tchecoslováquia. Nas vitrines, iluminação noturna. Quase não se viam soldados. Nem policiais. Os motoristas se perderam. Quando finalmente encontraram o castelo histórico em um morro no centro de Praga, ficaram aliviados. Ali ficava a sede do presidente da República Tcheca.

Hitler salta do carro. À luz dos lampiões, pára diante do velho castelo que fica acima dos telhados de Praga. Ele atingira seu objetivo. Está nas pegadas do imperador Ferdinando, que aqui começou a Guerra dos Trinta Anos. Os moradores do castelo são obrigados a arrumar um quarto para ele.

Hitler instala-se num dos cômodos do castelo. Reunida à sua volta, uma comitiva numerosa. Com exceção dos generais, quase todos usam o uniforme da SS. Ali está Himmler com seu comando, recebendo telegramas. O *Gruppenführer* Karl Frank volta e meia vira-se para ele. Frank é um dos comandantes da “Quinta Coluna” na Tchecoslováquia e procurador de Himmler. Naquela noite, coordena uma operação em Praga que eliminará sem o menor pudor todos os inimigos do Reich alemão.

Hitler quer fazer o papel do anfitrião generoso, mas não existe nada para servir aos presentes. Isso o enfurece. Rapidamente, o castelo é vasculhado atrás de tudo o que é comestível ou potável.

Hitler passa praticamente a noite inteira conversando animadamente. Discutem-se e se decidem os passos para o dia seguinte. O *SS-Gruppenführer* Stuckart, secretário-geral do Ministério do Interior, anota, junto com Frank, as medidas para administrar o país ocupado.

A luz esparsa do pequeno candelabro não consegue afugentar as trevas. As figuras com suásticas nas mangas produzem compridas sombras. Enquanto isso, os homens de Himmler e Frank percorrem as ruas e ruelas de Praga e fazem detenções em massa. Hitler volta a falar das bases da relação com os povos eslavos. Ele explica:

— Quem não respeitar os alemães como representantes de uma raça dominante será punido com desapropriação, prisão e morte. Aldeias onde houver resistência ao domínio alemão devem ser queimadas e arrasadas.

Hitler também filosofa sobre os “espaços vitais” alemães e diz ter conseguido novas possibilidades políticas, fontes de riquezas e uma posição predominante para a Alemanha com suas lutas.

Quando amanhece e a Gestapo já executou o grosso de sua obra, a praça diante do castelo de Praga fica cheia de soldados alemães. Completou-se a ocupação.

O ministro Frick chega com os seus conselheiros ministeriais. Neurath, um diplomata da velha escola, é nomeado comandante do protetorado da Tchecoslováquia. Ele também aparece com o seu comando formado às pressas.

Depois do almoço, Hitler percorre as ruas de Praga. Como se estivesse numa cidade alemã, ele está de pé no carro, para que os tchecos possam ver o seu novo senhor. No dia seguinte, seu trem volta para Berlim, via Viena.

Agora Hitler domina dois reinos. Ele possui as residências dos Hohenzollern e dos Habsburgo. No caminho para Berlim, comunica aos seus acompanhantes:

— Gostei muito mais da invasão de Praga do que dos volteios diplomáticos de Munique.

Março — Novembro 1939

Logo após a anexação da Tchecoslováquia, em 22 de março de 1939, o porto de Memel, no mar Báltico, foi separado da Lituânia e anexado à Alemanha com a concordância tácita das potências ocidentais.¹

Sobre a facilidade com que o problema da separação da região do rio Memel foi solucionado, Hitler observou a Linge:

— Então, Linge! Você vive tempos gloriosos. Estas ninharias, nós resolvemos com um pé nas costas. Conhece a fábula do elefante e do ratinho, em que o ratinho morre pisoteado pelo elefante? Eis uma lei da natureza: o mais forte devora o mais fraco.

Com a anexação da região do Memel, a Alemanha deu mais um passo rumo ao leste.² O *Gauleiter* (governador) da Prússia oriental, Koch, homem baixinho com cara de buldogue e inimigo ferrenho da Rússia, transformou-se em senhor daquela área. Koch gostava de comparar-se aos cavaleiros germânicos medievais. Declarava, orgulhoso, que a região da Prússia oriental, que ele comandava, haveria de desempenhar um papel preponderante na expansão alemã para o leste.

Na Idade Média, os cavaleiros germânicos empreendiam guerras saqueadoras contra os povos eslavos que então habitavam a costa do mar Báltico, escravizando-os à força.

Na era de Hitler, no século XX, Koch mandava afixar cartazes nos prédios públicos com o lema dos cavaleiros germânicos: “Por mais espaço vital no leste!”³

A vítima seguinte da agressão alemã, depois da anexação da região do Memel, foi a Polônia. A fim de disfarçar os preparativos de guerra contra a Polônia, Hitler criou os problemas de Dantzig e do corredor polonês.⁴

No dia 18 de abril, dois dias antes do quinquagésimo aniversário de Hitler, chegou à Chancelaria do Reich o líder da organização nacional-socialista de Dantzig, Albert Forster, hóspede freqüente naquele lugar.

Como Hitler geralmente só saía da cama por volta do meio-dia ou uma da tarde, Forster teve de esperar. Dirigiu-se a um cômodo perto da escada, onde trabalhavam as secretárias de Hitler. Ali, ao lado das secretárias Daranowski e Schroeder, encontrou também Linge.

Forster discorreu sobre as dificuldades que era obrigado a enfrentar em sua condição de *Gauleiter* de Dantzig.

— Ah!, se esta guerra já tivesse começado — exclamou —, eu não precisaria mais me irritar com esses poloneses desgraçados! Não quero ser apenas o *Gauleiter* de Dantzig. Não! Quero ser *Gauleiter* de toda a Prússia ocidental depois de termos expulsado os poloneses dali.

Na noite do dia 19 de abril, Hess e Forster estavam sentados no salão de fumantes da Chancelaria do Reich, aguardando a virada da meia-noite para dar os parabéns a Hitler, que completaria cinquenta anos de vida no dia 20 de abril.

Por volta da meia-noite, Hitler apareceu no salão. Hess felicitou-o pelo aniversário em nome do Partido Nacional-Socialista. Depois dele, foi a vez de Forster. Ele disse:

— Na minha pessoa, meu *Führer*, toda a cidade de Dantzig o parabeniza. *Mein Führer!*, Dantzig olha para o senhor cheia de esperanças, aguardando a hora da salvação.

Hitler agradeceu os votos de felicidades. Estufou o peito e declarou:

— Pena que eu não assumi o poder dez anos antes. Agora já tenho cinquenta anos. Não posso mais adiar meus planos. Preciso assegurar espaço vital e fontes de riqueza para a Alemanha. Gênios só surgem a cada cem anos. Por isso, não posso deixar a concretização de minhas missões para meus sucessores. Vocês só terão uma única tarefa: manter o que eu conquistei. Amanhã, no desfile militar, provarei ao mundo inteiro que eu não temo nenhuma guerra.

Hitler ficou com Hess e Forster até tarde da noite. A conversa girou em torno da reação desencadeada na Inglaterra contra a anexação da Tchecoslováquia. Hitler disse, irônico:

— Não consigo entender a surpresa de Londres. Afinal, eles deveriam ter previsto isso.

Sobre as negociações que os ingleses estavam conduzindo em Moscou,⁵ Forster indagou:

— Por que eles tanto se reúnem? Será que pretendem seriamente fazer algum acordo com os russos?

Hess:

— Estas negociações são mais um truque do governo de Londres para tranquilizar a opinião pública inglesa. Chamberlain e Halifax precisam calar a oposição. Nem a Inglaterra nem a França vão entrar em acordo com os soviéticos.

Hitler:

— Isso não é o que mais importa. As negociações em Moscou são um jogo duplo. Os ingleses querem nos assustar com Moscou. Conhecemos muito bem a sua posição. Eles querem recuar o menos possível do Tratado de Versalhes e, através de Moscou, conseguir um acordo conosco no oeste. A França nem é preciso mencionar. Está totalmente sob a influência da Inglaterra.

Forster:

— O melhor antídoto seria pregar um bom susto nos bretões.

Hess:

— A demonstração da força militar da Alemanha no desfile de amanhã servirá de advertência impressionante aos ingleses.

Hitler:

— Os ingleses são maus atores. Seus truques não me impressionam nem um pouco. Com suas manobras em Moscou, querem me fazer crer que podem ser diferentes.

No dia seguinte, 20 de abril, Linge acordou Hitler já às oito horas da manhã.

Hitler vestiu o uniforme marrom do Partido, mas, como comandante supremo da Wehrmacht, escolheu o cinto dourado de parada do generalato alemão, em vez do cinturão comum.

Ele permaneceu longamente diante do espelho em seu quarto, deliciando-se com a sua imagem, como um pavão vaidoso. Volta e meia ajeitava o casaco. Depois assumiu uma feição solene e desceu a escadaria até o saguão.

A Chancelaria do Reich era um mar de flores. O saguão fora decorado com palmeiras e plantas exóticas. Nas portas, empregados em uniformes maravilhosos com dragonas prateadas e condecorações no peito. No meio, ajudantes e oficiais de ligação, a guarda pessoal de Hitler e os pilotos da sua própria Força Aérea, além de membros da Leibstandarte em uniformes negros da SS com o acessório da correia recém-introduzido, à moda da guarda do imperador Guilherme II. Os oficiais da Leibstandarte usam — como também os da Wehrmacht — dragonas prateadas e o cinturão do uniforme de desfiles.

No saguão de entrada, o ajudante pessoal de Hitler, Brückner, dá os parabéns em nome de todos os membros de sua guarda pessoal. Em seguida, uma banda militar começa a tocar no “Ehrenhof”.

Linge entrega a Hitler o quepe com detalhes dourados e as luvas. Obedecendo a um sinal, a música emudece. Acaba de chegar uma companhia do tradicional batalhão de honra da Guarnição de Berlim. O comandante, com o uniforme de parada do exército, dá a ordem: “Apresentem as armas!” Hitler aparece na porta. O comandante do batalhão de honra faz a saudação fascista.

A banda agora toca “Deutschland, Deutschland über alles”, a Horst-Wessel-Lied,* o hino nacional-socialista, e depois a peça favorita de Hitler, a marcha “Badenweiler”. Chegam duas limusines com Himmler e seus colaboradores mais estreitos da polícia e da SS. Estão de uniforme de desfile da SS com capacetes de aço pretos. Hitler recebe as felicitações e sai acompanhado por eles do “pátio de honra” para a Wilhelmstrasse. Ali, em pé na Mercedes, passa em revista unidades da SS e da polícia.

*[Observação do revisor soviético:] O hino da Alemanha hitlerista foi batizado em homenagem ao cafetão e homem da SA Horst Wessel, conhecido por matar comunistas. Operários do bairro berlinense de Wedding o assassinaram pouco antes de Hitler tomar o poder. [Observação dos organizadores:] A companheira de Wessel, fanático nazista, prostituiu-se por necessidade financeira, e Wessel não era seu cafetão, mas recebia dinheiro dela para financiar seus estudos. Foi morto pelo antigo cafetão da mulher, que, depois de ser libertado da prisão, ficou enfurecido pelo fato de que a mulher se apaixonara por Wessel. Esse ex-cafetão era membro do Roter Frontkämpferbund, uma agremiação que dava chance tanto a comunistas quanto a nazistas de justificar assassinatos políticos. Foi condenado por homicídio à prisão e assassinado pelos nazistas em 1933.

Em seguida, ele volta para a Chancelaria do Reich. Aparecem Göring, Hess, Goebbels, Ribbentrop, Neurath, Keitel e outros notáveis da Alemanha hitlerista. Göring está coberto de condecorações dos pés à cabeça. Além de todas as suas inúmeras condecorações, ele está usando a mais alta, concedida pelo rei sueco — uma larga corrente de ouro atravessada sobre o ombro. Ao redor do pescoço, usa a Ordem do Tosão de ouro (*Goldenes Vlies*), concedida por Franco pela ajuda da Luftwaffe alemã no combate contra a República Espanhola. Todos parabenizam Hitler e asseguram-lhe solenemente sua lealdade.

Hora da entrega dos presentes para Hitler. Destacam-se os modelos de tanques, artilharias, aviões e navios de guerra enviados pelos magnatas da indústria, além de uma maquete da posição fortificada “Siegfried”⁶ com iluminação elétrica. Esses presentes devem corporificar o espírito do Terceiro Reich. Hitler gosta muito desses presentes e detém-se neles por muito tempo. Depois de receber os presentes, deixa a Chancelaria do Reich, acompanhado por toda a sua comitiva, e encaminha-se em direção ao Portão de Brandemburgo.

Sua limusine preta blindada exhibe o estandarte do *Führer*, com a cruz suástica e quatro águias nos cantos.

Atrás do Portão de Brandemburgo, as tropas preparam-se para a parada. Hitler ergue-se no carro e passa pelas unidades postadas ao longo de toda a extensão do parque Tiergarten com o braço erguido. Tribunas foram armadas na praça diante da Escola Técnica. Ali, ele sai do carro. Os diplomatas e adidos militares estrangeiros presentes levantam-se de seus lugares.

Hitler, Göring, Hess, Goebbels, Ribbentrop, Neurath, Keitel e os ajudantes de Hitler assumem seus lugares na tribuna sob um toldo de veludo vermelho com franjas douradas.⁷

Começa a parada militar. Hitler avança alguns passos. O batalhão das bandeiras abre o desfile. Quando passam por Hitler, abaixam os estandartes. Todos os presentes se levantam. A orquestra toca “Deutschland, Deutschland über alles” e a canção de Horst-Wessel, o hino nacional-socialista. Aos porta-bandeiras segue-se a infantaria. Soldados de uniformes camuflados passam marchando em filas impecavelmente retas.⁸ Seguem-se regimentos da Luftwaffe e unidades da infantaria da Marinha.⁹ A atração especial são os

pára-quedistas de uniforme de marcha e capacetes de aço, que participam pela primeira vez de um desfile.

Em seguida, uma gigantesca coluna de infantaria motorizada ocupa toda a largura da avenida. A artilharia passa ruidosamente. O barulho dos motores se mistura à unidade dos corneteiros. Depois de um breve intervalo vem a cavalaria. Depois, chegam os tanques. No final, uma esquadrilha de aviões do tipo mais moderno, inéditos na Europa, passa por cima das cabeças do público.

Os olhos de Hitler brilham, triunfantes. Eufórico, ele volta à chancelaria do Reich. Seu carro é seguido por uma comprida coluna de automóveis com os convidados. São ministros, comandantes do Reich, governadores, comandantes da SA e da SS, os chefes das unidades de aviadores e das unidades motorizadas do Partido Nazista, bem como representantes do alto-comando militar.

À noite, Hitler recebe os parabéns dos convidados particulares. Entre eles está uma senhora de média estatura, não mais muito jovem, de cabelos castanhos. É a atriz Leni Riefenstahl, cuja estrela já vinha caindo, uma mulher que Hitler venerava ardorosamente já desde 1931. Em contrapartida, ela recebera grandes encomendas para documentar em filmes os congressos do Partido nazista e os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim.

Leni Riefenstahl pára alguns metros diante de Hitler e fita seu *Führer* com os olhos bem grandes. Seus lábios pintados abrem-se para um grito penetrante:

— Aaah!

Em seguida, visivelmente abalada, ela cobre o rosto com as mãos. Quando consegue se controlar, balbucia, com voz abafada:

— *Mein Führer!*

Ela se atira sobre seu ídolo e oferece-lhe um gigantesco buquê de cravos. Hitler aceita as flores com uma expressão auto-suficiente e passa o buquê adiante para Linge. Em seguida, ele oferece-lhe o braço e a conduz ao salão de música.

Depois que Leni Riefenstahl saiu, Hitler recebeu sua irmã Angela, casada com o professor Hammitzsch, de Dresden. Depois do falecimento de seu primeiro marido, Raubal, Angela tinha sido governanta de Hitler no refúgio de Obersalzberg. Ele a demitiu porque ela se engajara a favor de uma das vítimas

do massacre depois do *putsch* de Röhm em 30 de junho de 1934.¹⁰ Desse momento em diante, ele apenas recebia a irmã uma vez por ano — no dia do seu aniversário.

Em 21 de abril, Hitler viajou de Berlim até o refúgio no Obersalzberg para encontrar-se com Eva Braun.¹¹

Ao chegar, foi informado por Martin Bormann de que, durante a viagem, os “fiéis” ordenanças da SS Wibizek e Sander haviam surrupiado várias das miniaturas de equipamentos de guerra que ele ganhara de aniversário. Hitler ordenou que eles fossem detidos e berrou, em um acesso de fúria:

— Mande os vagabundos para o campo de concentração! Para a pedreira! Sim, eles devem quebrar pedras! E não sair de lá nunca mais!

Hitler passou o verão inteiro de 1939 no Obersalzberg. Como de hábito, passava seu tempo na companhia de Eva Braun e suas amigas. Frequentemente, retirava-se para ler romances policiais e de aventuras. Por causa dessa literatura de terceira categoria, um operário que trabalhava no castelo de Hitler foi mandado para o campo de concentração no verão de 1939. No gabinete de trabalho de Hitler, ele montava uma lareira com azulejos que uma amiga de Eva Braun, a artista plástica Stork, de Munique, decorara com cenas da vida do Partido Nacional-Socialista. O homem fez comentários com outros funcionários de Berghof sobre a biblioteca “recheada” de Hitler. O serviço de segurança soube disso. A mando de Hitler, o homem desapareceu no campo de concentração de Dachau.



É o dia 29 de agosto de 1939. O ambiente é beligerante na Chancelaria do Reich. O grupo à volta de Hitler sabe que a guerra contra a Polônia é uma decisão irreversível, e que a invasão das tropas alemãs é iminente. A guarda pessoal de Hitler é armada com metralhadoras. A “coluna do *Führer*”, composta por veículos de tração nas quatro rodas da firma Krupp,¹² e que o Estado-Maior de Hitler geralmente usa para manobras especiais, fora enviada para a fronteira entre Alemanha e Polônia, de onde, alguns dias mais tarde, Hitler irá acompanhar a evolução da operação militar na Polônia.

Os embaixadores da Inglaterra e da França, Henderson e Coulondre, pediram uma audiência com Hitler, mas sem sucesso. Hitler mandou que fossem recebidos por Ribbentrop.

— Não quero mais recebê-los — disse ele. — Que Ribbentrop se ocupe deles. Não tenho a menor intenção de resolver a questão polonesa em negociações com poloneses, ingleses ou franceses.¹³

No dia 31 de agosto, inesperadamente, Hitler mandou convocar o Reichstag. Na madrugada de 1º de setembro, ele ditou às suas secretárias a fala a ser proferida diante do Reichstag, na qual declararia guerra à Polônia. A essa altura, a guerra teuto-polonesa já havia começado de fato, pois, na noite de 31 de agosto para 1º de setembro, tropas alemãs invadiram a Polônia.¹⁴

No dia 1º de setembro, por volta das dez horas da manhã, depois de ter recebido do Dr. Theodor Morell uma injeção com uma droga estimulante, Hitler foi à sessão do Reichstag, realizada no prédio da antiga Ópera Kroll.*

Naquele dia, em lugar do uniforme marrom do Partido, Hitler trajou pela primeira vez um sobretudo cinza que Linge encomendara para ele poucos dias antes.

Como o Reichstag fora convocado com muito pouca antecedência, muitos parlamentares de fora de Berlim não puderam aparecer. Seus lugares foram ocupados por homens da SS da guarda pessoal de Hitler e Göring. Eles fizeram o papel de deputados e “votaram” a favor da guerra contra a Polônia.

Reunidos na Ópera Kroll, os nacional-socialistas prepararam uma recepção calorosa para Hitler. Depois de abrir a sessão como presidente da mesa, Hitler proferiu um discurso.

Ele declarou-se um partidário da paz, acusou a Polônia de ter agredido a Alemanha e declarou ter sido forçado a conduzir a guerra para preservar a existência do povo alemão.

*[Observação do revisor soviético:] As sessões do Reichstag eram realizadas na Kroll-Oper, desde que os nazistas incendiaram o prédio do Reichstag em 1933 com a intenção provocadora de difamar o Partido Comunista alemão. Nesse contexto, foi encenado o processo contra Dimitroff em Leipzig. [Observação dos organizadores:] Embora numerosos historiadores na Alemanha Ocidental e Oriental tenham se esforçado por provar a culpa dos nacional-socialistas no incêndio do Reichstag, ainda não existem evidências conclusivas. Efetivamente, o comunista holandês Marinus van der Lubbe, que era doente mental, foi o único criminoso.

Enquanto falava, Hitler olhou várias vezes como por acaso para a tribuna dos diplomatas estrangeiros. Na volta para a Chancelaria do Reich, Hitler observou aos seus ajudantes ter-se deliciado com a expressão cada vez mais consternada dos ingleses e franceses.

O discurso de Hitler com a declaração de guerra à Polônia desencadeou ovações frenéticas. Na tribuna dos diplomatas, os embaixadores do Japão e da Itália aplaudiram freneticamente. Para sinalizar sua aprovação da guerra, os deputados levantaram-se em seus lugares, junto com a guarda pessoal de Hitler e Göring. Como presidente da mesa, Göring constatou “aprovação por unanimidade”.

No caminho da Ópera Kroll até a Chancelaria do Reich, as multidões reunidas nas avenidas Unter den Linden e Wilhelmstrasse demonstravam a Hitler seu entusiasmo com a guerra contra a Polônia.

Como sempre acontecia depois de um grande discurso, Hitler voltou para a Chancelaria do Reich completamente esgotado e suado. Tomou um banho quente e o remédio narcótico Ultraseptyl, prescrito por Morell.¹⁵

Na noite daquele mesmo dia, Ribbentrop leu para Hitler as notas dos embaixadores inglês e francês, em que estes exigiam que ele cessasse imediatamente com as ações hostis contra a Polônia e recolhesse as tropas alemãs. Hitler comentou:

— Vamos ver se eles vão acudir a Polônia. Com certeza, vão fugir da raia novamente.

Na manhã de 3 de setembro, Henderson e Coulondre entregaram notas a Ribbentrop informando que a Inglaterra e a França se encontravam em estado de guerra com a Alemanha.¹⁶ Hitler teve um acesso de ira. Com espuma na boca, correu para cá e para lá no jardim-de-inverno, berrando, na presença de Ribbentrop, Hess, Goebbels, Himmler e os outros ali reunidos:

— Os poloneses são um bando de miseráveis, incapazes, fanfarrões. Os ingleses sabem disso tão bem quanto nós. Os senhores bretões conhecem o direito do mais forte. No que diz respeito às raças menores, foram nossos mestres. É inaudito que os tchecos e os poloneses, essa escória que não é nem um pouco melhor do que os sudaneses e os indianos, sejam apresentados como Estados soberanos, só porque se trata desta vez dos interesses da Alemanha, e

não da Inglaterra. Toda a minha política em relação à Inglaterra partiu do pressuposto de que os dois lados reconhecem a realidade natural, e agora querem me colocar no pelourinho. Esta é uma covardia inaudita!

Por volta das vinte horas, a coluna de veículos de Hitler voou até a estação ferroviária. Hitler entrou no trem chamado dali em diante de “quartel-general do *Führer*” e viajou até a frente de combate polonesa.¹⁷

Hitler e seu Estado-Maior instalaram-se no campo de exercícios de Gross Born, na Pomerânia, fronteira teuto-polonesa.¹⁸

As ações bélicas contra a Polônia seguiram o plano elaborado pelo chefe do Estado-Maior alemão, Halder.¹⁹ Depois de três semanas de guerra, na Polônia restaram apenas as ruínas de Varsóvia, cidades e aldeias incineradas, campos devastados, campos de prisioneiros de guerra e uma população que sofria fome e miséria.²⁰ O povo fora abandonado pelo governo, o qual transferiu-se para Londres.²¹

Como todos os soldados alemães, os homens da SS do comando que acompanhava Hitler se sentiam donos da situação. Mas era preciso ter cuidado com ações de desespero isoladas por parte de patriotas poloneses de grupos de resistência.

Apesar dos métodos de repressão cruéis por parte dos comandos alemães, a população polonesa não se rendeu e continuou lutando pela sua independência. Quando, certa vez, Hitler voltou de uma viagem de inspeção pela Polônia para o seu quartel-general móvel em Gross Born, um grupo de patriotas poloneses atirou contra veículos da “coluna do *Führer*”, com homens da SS da guarda pessoal de Hitler. Por esse motivo, o chefe do comando de Polícia no Estado-Maior de Hitler, Högl, convocou uma reunião para fortalecer a proteção de Hitler. Participou também o chefe do Estado-Maior de Himmler, Baron von Alvensleben. Em seguida, Alvensleben convidou Högl, Linge e outros homens da SS do grupo de Hitler para visitar um campo de prisioneiros de guerra perto de Gross Born, para que eles vissem os “animais poloneses”.

O comandante do campo, um major, guiou-os através das barracas, onde poloneses presos deitados amontoavam-se na sujeira.

Os presos cujos rostos desagradavam a Alvensleben eram chicoteados a seu comando pelos guardas. Alvensleben participou pessoalmente. O aristocrata e

fazendeiro Alvensleben chutava os presos já semidesfalecidos por causa das chicotadas e berrava que era preciso “tratar aqueles monstros de um jeito que eles saibam quem é que manda”. Na despedida, o comandante do campo sugeriu aos convidados que eles viessem outras vezes, pois ele organizaria “cenas ainda mais interessantes”.

Na Polônia conquistada pelos alemães, foi instalada uma administração sob a direção do governador-geral Hans Frank. Frank era um antigo cúmplice de Hitler desde a criação do Partido Nacional-Socialista. Como advogado, defendera Hitler nos tribunais quando este, em novembro de 1923, fora acusado de ter organizado o golpe nacional-socialista em Munique. Antes de 1933, Frank defendeu homens da SA acusados por assassinato de comunistas e outros alemães vanguardistas. Depois da posse de Hitler, Frank foi nomeado presidente da Academia do Direito Alemão pelos seus “méritos”. As atividades de Frank na Polônia consistiam principalmente em orgias no castelo real de Cracóvia e na eliminação em massa de seres humanos em Auschwitz e Majdanek.

Quando o trem especial de Hitler voltou para casa depois da campanha da Polônia, ele ficou retido em uma estação onde havia um comboio de feridos. Hitler manifestou o desejo de visitá-los. Com falsa expressão de tristeza, percorreu os vagões com soldados feridos. Depois disso, durante toda a guerra, Hitler nunca mais entrou em um hospital ou um trem com feridos. Ele justificou que um comandante de guerra não podia se dar ao luxo de se render a sentimentalismos.



O aniversário do golpe nacional-socialista, organizado por Hitler em novembro de 1923 em Munique, foi comemorado em 1939, já durante a guerra. Até então, nem os ingleses, nem os franceses, que agora se encontravam em estado de guerra com a Alemanha, haviam empreendido qualquer coisa que pudesse sinalizar uma ação bélica contra a Alemanha.²²

Para o encontro com os “velhos combatentes” na cervejaria Bürgerbräukeller de Munique, Hitler escolheu seu sobretudo militar cinza com a “condecoração de sangue”, em vez da camisa marrom. Como ele precisava voltar correndo para Berlim, a reunião começou uma hora mais cedo.²³

Hitler proferiu um breve discurso diante dos homens reunidos na cervejaria, no qual declarou estar feliz por poder liderar a luta do povo alemão. Sob ruidosos gritos de “*Heil!*”, ele deixou a reunião e foi à estação, onde seu trem já estava pronto para partir.

No meio do caminho, pouco antes de Nuremberg, chegou um aviso telegráfico de que, pouco depois da partida de Hitler, houvera uma explosão na cervejaria. Não havia maiores detalhes.

O prefeito de Nuremberg, Liebel, e o comandante da polícia municipal, Martin, estavam na estação esperando ansiosamente o trem de Hitler. Entraram no seu vagão. Linge recebeu-os. Martin pediu que Linge informasse imediatamente o *Führer* de que tinha uma notícia urgente para ele. Hitler, que acabara de ser inteirado da informação telegráfica, foi para o corredor e perguntou a Liebel e Martin:

— O que aconteceu?

— *Mein Führer* — respondeu Martin —, acabo de receber a notícia, de Munique, de que havia um ataque planejado contra a sua pessoa. Cerca de uma hora depois que o senhor deixou a reunião na cervejaria, houve uma forte explosão. As pessoas que ainda estavam na cervejaria foram enterradas vivas sob os escombros.²⁴

Hitler empalideceu. Procurando ar, perguntou:

— Onde está Himmler?

Martin respondeu que Himmler ficara em Munique para conduzir pessoalmente as investigações. Hitler ficou ainda mais nervoso e mandou dizer a Himmler que ficasse em Munique o tempo necessário para prender todos os criminosos. Em seguida, um pouco mais controlado, ele acrescentou, furioso:

— Digam a ele que não tenha piedade e elimine todo o bando totalmente.

Liebel e Martin saíram do trem. A notícia do atentado fracassado contra Hitler percorreu todo o trem em questão de segundos. Todos felicitaram o *Führer* por sua salvação milagrosa. Hitler retrucou que tinha uma proteção especial da Providência.

As investigações indicaram que um artefato explosivo fora colocado em uma coluna diante do palco da cervejaria, onde Hitler proferira seu discurso. Os garçons disseram que, nos dias anteriores ao atentado, um desconhecido

tinha sido visto freqüentemente na cervejaria Bürgerbräu. A descrição desse homem foi imediatamente enviada a todas as fronteiras, o que finalmente levou à prisão de um tal Elser, que pretendia viajar para a Suíça. Ao ser interrogado, Elser confirmou ter instalado o artefato ali, sem contar com a ajuda de mais ninguém. Que sua intenção era a de matar Hitler, a fim de modificar a ordem política na Alemanha. Embora não houvesse outros indícios, Hitler não acreditou que Elser organizara o atentado sozinho e deu ordens para detenções em massa.²⁵

O serviço de segurança (SD) achava que o atentado contra Hitler tinha sido obra do serviço secreto inglês. Nesse contexto, os funcionários do serviço de segurança inventaram um jogo via telégrafo com uma estação do serviço secreto britânico na Holanda, fingindo serem membros de um grupo de resistência antifascista na Alemanha.

Nessa operação, o serviço de segurança alemão conseguiu atrair o espião inglês Captain Best para a fronteira entre a Alemanha e a Holanda. Ali, os homens do serviço de segurança fuzilaram guardas da fronteira holandeses inocentes e seqüestraram Best, levando-o para território alemão.²⁶ Durante o interrogatório de Best, não se constatou nenhuma participação do serviço secreto britânico no atentado de Elser contra Hitler. Best desapareceu em um campo de concentração, enquanto Elser foi para uma divisão do serviço de segurança para a construção de equipamentos explosivos.²⁷

Dezembro 1939 — Maio 1941

Em dezembro de 1939, Hitler regressou ao seu castelo de Berghof.¹ Certa noite, mandou chamar Göring, Hess, Keitel, Funk e o ministro do Reich para Armamento e Munição, Fritz Todt, para uma reunião lá. Linge pendurou um cartaz com os dizeres “Favor não perturbar” na porta do grande saguão onde a reunião foi realizada, para que Eva Braun e suas amigas mantivessem distância daquele cômodo, separado apenas por uma cortina do salão contíguo.

Quando Göring apareceu, os ordenanças correram para junto dele, pois ele nunca tirava o sobretudo. Como queria parecer muito ocupado, atirou o sobretudo, o chapéu e o bastão de marechal aos ordenanças sem parar de andar. Adentrou o saguão a grandes passos com suas pernas cilíndricas metidas em botas com esporas. Alguns minutos depois chegaram Hess, Funk, Todt e Keitel. Linge avisou Hitler de que todos estavam a postos.

Imerso em seus pensamentos, Hitler desceu a escada, seguido de Linge. Diante do saguão, Hitler endireitou-se e entrou com passos firmes e rápidos. Os presentes ergueram o braço para saudá-lo. Hitler cumprimentou Göring, Hess, Funk, Keitel e Todt animadamente. Todos se aproximaram da enorme mesa de mármore. Hitler abre a reunião constatando que Göring iria assumir a direção de toda a indústria da guerra. Para tal, receberia plenos poderes para garantir as bases econômicas para a guerra. Depois de Hitler, ouve-se a voz penetrante de Göring. Ele fala da situação do armamento do país e pinta a

perspectiva brilhante de uma indústria gigantesca, em expansão permanente. Sua apresentação revela um otimismo incondicional.

Hitler apóia-se com todo o seu peso sobre a mesa, envergando seus dedos. Declara que a situação militar favorável da Alemanha e o clima de vitória nas tropas devem ser utilizados da melhor maneira possível e que o destino se encarregará dos passos seguintes. Que a máquina militar alemã está a todo vapor e não deve ser freada. Que os franceses precisam apresentar-se para o embate.

— Vamos tirá-los da Linha Maginot. O que acha, Keitel?

Autocomplacente, Keitel ri e diz:

— Vai ser uma lavada geral.

— A Alemanha está plenamente determinada — concorda também Göring — e nós temos a capacidade de aceitar o desafio. As potências ocidentais precisam pagar o preço de nos terem declarado a guerra.

Em 23 de dezembro de 1939, no feriado do Natal, Hitler viajou de Obersalzberg para a região da Renânia a fim de inspecionar as tropas estacionadas ao longo do Reno e da fronteira belga. No dia 24 de dezembro, o “trem do *Führer*” parou na plataforma de trens de carga de uma pequena estação, próximo de Aachen. Hitler foi de carro até uma unidade das tropas. Nas casas da pequena cidade escuta-se o canto de crianças — é a comemoração da maior festa religiosa do ano. Mas as famílias estão separadas, muitos pais e irmãos estão servindo ao Exército. Estão na Polônia, nos *bunkers* da linha fortificada “Siegfried” ou a postos para a luta em toda a Renânia.

Guardas da SS supervisionam os 14 vagões, percorrendo o trem de Hitler com passos graves. A polícia ferroviária também está atenta. Atrás da locomotiva e bem no final do trem, há dois vagões equipados com quatro artefatos de defesa antiaérea com cano quádruplo para se defender de possíveis agressões vindas do ar. Durante toda a guerra, esses vagões permanecem acoplados ao trem de Hitler. Os soldados da artilharia, vestidos com casacos quentes, olham para a noite escura e gelada, trocando os pés para não congelar.

Na rua de acesso para o trem de Hitler, ouve-se o ronco dos motores fortes de veículos militares de três eixos que se aproximam com os faróis apagados. Linge sai do compartimento. O carro de Hitler pára na plataforma. De repente, Linge escuta alguém falando em voz alta. No pára-lama do segundo carro

depois de Hitler, de costas, está Bormann, completamente bêbado, cantando uma marchinha de carnaval da Renânia. Linge abre a porta para ajudar Hitler a sair do carro, Bormann desce do pára-lama e aproxima-se do trem. Mal consegue manter-se em pé. Barra o caminho de Hitler.

— *Mein Führer*, este não é o seu compartimento — gagueja —, não, *mein Führer*, claro que este não é o seu vagão. E-e-ele está lá atrás.

Linge explica que eles estão parados diante do vagão de Hitler.

— Bem — diz Hitler —, eu tinha razão, claro que este é o meu vagão.

Bormann ajeita o boné torto e, com muito esforço, consegue entrar no próximo vagão.

Pouco depois, Bormann aparece no corredor do vagão de Hitler. Com um sorriso abobalhado, aproxima-se do compartimento de Hitler carregando um pinheirinho de Natal. Eva Braun decorara a árvore no Obersalzberg e pedira que Bormann a entregasse a Hitler na noite de Natal. Por meio de caretas, Bormann tenta fazer Linge entender que a intenção é fazer uma surpresa a Hitler. De repente, o pinheirinho desliza de suas mãos. As nozes e as bolas coloridas caem dos galhos. Bormann fica paralisado, tomado de pânico.

— Vamos, vamos! — sussurra para Linge, o qual está a postos para juntar o pinheiro. Agora, Bormann aproxima-se cuidadosamente do compartimento de Hitler. Entrega uma carta de Eva Braun e a árvore de Natal. Ao mesmo tempo, o secretário do Partido Nacional-Socialista,² que em sua embriaguez mal consegue ficar em pé, deseja feliz Natal ao *Führer* em nome do Partido.

O trem de Hitler sai em direção a Bad Ems. Nessa estação de cura fica estacionado o regimento motorizado da infantaria da SS-Leibstandarte "Adolf Hitler".

Ao chegar a Bad Ems, Hitler vai de carro até a Kurhaus, onde os homens da Leibstandarte comemoravam o Natal. É cumprimentado pelo comandante da Leibstandarte, Sepp Dietrich. Quando Hitler adentra o salão, Sepp Dietrich comanda, sem muita cerimônia: "Silêncio, gente!" Hitler corresponde ao tom informal para demonstrar que ele e sua Leibstandarte fazem parte um do outro. Acompanhado de Sepp Dietrich, Hitler passa em revista as compridas fileiras de homens da SS, fazendo a saudação nazista com o braço erguido. Ele senta-se a uma das mesas cobertas de toalhas brancas colocadas no salão em

forma de ferradura. Os oficiais e soldados da Leibstandarte também voltam a se sentar. No lugar de cada um dos homens da SS há doces e conhaque — presente de Natal de Hitler. Diante das mesas havia um palco onde tocava a banda de música da Leibstandarte. Do lado direito do palco, uma grande árvore de Natal, decorada festivamente, brilhando à luz das velas. Diante do palco, uma tribuna.

Depois de a orquestra tocar algumas marchas, Sepp Dietrich pede a palavra para cumprimentar a todos. Todas as três vezes em que ele dá vivas a Hitler, os homens da SS respondem com um ruidoso: “*Heil!*”

Depois, Hitler vai para a tribuna. Diz:

— Vocês, soldados da Leibstandarte, estão estacionados aqui na Muralha do Atlântico (*Westwall*)* para conquistar mais espaço vital para a Alemanha. É nosso direito de sobrevivência querer alargar nosso espaço apertado. Agora, de repente a Inglaterra resolve ficar no nosso caminho e nos declarar a guerra. A verdadeira razão para isso não é a campanha contra a Polônia. Na verdade, são os plutocratas ingleses, invejosos, que estão vendo o desenvolvimento da economia alemã. O povo que conquistou um gigantesco espaço vital são os ingleses. Eu quebrarei o domínio inglês! O futuro pertence aos alemães, e não aos ingleses, que já mostram sinais de decadência. Vocês, soldados da Leibstandarte, são os eleitos pelo destino, a garantia da vitória da Alemanha!

O discurso de Hitler desencadeia aplausos efusivos e vários gritos de “*Sieg Heil, Sieg Heil!*”.

Em seguida, Hitler volta à mesa, ao lado dos homens da SS. A orquestra toca marchas alegres. Serve-se ponche aos homens da SS.

Seguem-se esquetes teatrais ironizando os membros do governo inglês. Chamberlain aparece com a expressão boba e ranzinza, segurando um guarda-chuva embaixo do braço.

Eufórico, Hitler despede-se dos homens da SS. De Bad Ems, volta para Obersalzberg, onde passa o Ano-Novo na companhia de Eva Braun.³



*[Observação do revisor soviético:] Trata-se da Linha Maginot. [Observação dos organizadores:] O revisor soviético não tem razão, pois Hitler quis se referir à linha fortificada Muralha do Atlântico ou Linha Siegfried.

No final de março de 1940, os chefes dos altos-comandos do Exército, das Forças Aéreas e da Marinha foram chamados para uma reunião na chancelaria do Reich. No oeste, a situação continuava inalterada. As tropas inglesas e francesas permaneciam passivas. Suas “ações bélicas” limitavam-se a fazer ecoar seu cântico da vitória. “Nós secamos nossa roupa na posição Siegfried”, cantavam.

Da reunião com Hitler participaram Göring, Keitel, Halder, Jodl, Brauchitsch, Raeder e o general Falkenhorst. Debateu-se o plano para a ocupação da Noruega e da Dinamarca.⁴ Falkenhorst estava presente porque assumira o comando das tropas de ocupação na Escandinávia.

Depois da reunião, Hitler convidou Göring e Raeder para jantar. A três, jantaram no salão de refeições de Hitler. A conversa à mesa revelou que Raeder era crítico em relação ao plano de ocupação da Noruega, por temer a resistência da frota inglesa e pesadas perdas para o lado alemão. Hitler comentou:

— Se alguma vez a Marinha alemã teve uma razão para existir, então é agora. Não permitirei que a frota enferruje nos portos como na época do imperador Guilherme II.⁵ Prefiro perdê-la. Ainda que os encouraçados afundem, terão cumprido uma missão importante. Terão escrito um capítulo glorioso na história da Marinha de Guerra alemã!

Göring fez coro com Hitler, ressaltando a necessidade de se conquistar a Noruega. Segundo ele, a Noruega deveria cumprir a função de um porta-aviões na luta contra a Inglaterra.

Ao final do jantar, Hitler estava de excelente humor. Sem muita seriedade, contou um episódio ocorrido antes da tomada do poder. Em 1925, certa vez observou que uma multidão cercara o carro que o esperava na estação. As pessoas riam de um cavalo que comia a palha de um selim danificado no carro de Hitler. Hitler ficou tão constrangido que foi a pé para casa. Todos riram da história de Hitler.

Nos dias que se seguiram — em abril de 1940 — começaram as operações terrestres das tropas alemãs na Noruega e na Dinamarca. Hitler devorou quilos de bombons de chocolate.

— Alimento para os nervos — explicou a Linge.

O meteorologista do Ministério da Força Aérea, recomendado por Göring, fornecia diariamente a previsão do tempo à Chancelaria do Reich. Com base

nos seus prognósticos, foi determinado o início da operação na Noruega. Esse homem, que não tinha a menor idéia do uso que era feito das suas previsões do tempo, morreu pouco depois da ocupação da Noruega.⁶ Hitler ironizou:

— Ele foi atingido por um raio quando compreendeu o verdadeiro significado de suas previsões.

O plano de Hitler funcionou. A Noruega e a Dinamarca foram ocupadas.⁷ Logo depois, a frota inglesa apareceu diante da costa norueguesa. Embora toposse com uma força de guerra alemã ridiculamente fraca, que consistia principalmente em embarcações que colocavam minas e torpedeiros, ela não enfrentou a luta, retornando para a Inglaterra. Quando voltou a aparecer na costa da Noruega, os fatos já estavam consumados. Sem serem importunados pela Inglaterra, os alemães puderam desembarcar suas tropas na Noruega.

Mais tarde, os próprios ingleses tentaram ir para a Noruega.⁸ Em Trondheim, desembarcaram tropas insignificantes, logo aniquiladas pelos alemães. Com oficiais ingleses presos foram encontradas ordens secretas para executar a operação terrestre. Elas continham comandos muito detalhados — por exemplo, em que direção os soldados ingleses deveriam marchar depois da chegada à costa norueguesa: para a esquerda, para a direita, como deveriam segurar os fuzis etc. Essas ordens também descreviam exatamente os equipamentos que as tropas inglesas tinham levado. Consistiam principalmente em alimentos e acessórios esportivos. Quando Hitler soube dessas ordens secretas, caiu na gargalhada e observou, irônico, que os ingleses haviam desembarcado na Noruega para praticar esportes, e não para lutar.



Depois de ocupar a Dinamarca e a Noruega, a Wehrmacht alemã atacou a França, em maio de 1940. No dia 10 de maio, primeiro dia da ofensiva, Hitler viajou de Berlim para o seu quartel-general chamado “Ninho nas Rochas” (*Felsennest*), instalado em um morro perto de Euskirchen, na Renânia.⁹ O bunker de Hitler era totalmente subterrâneo, sem que se pudesse ver nada na superfície. Sobre a entrada havia uma rede para disfarçar. Os cômodos de Hitler — dormitório e gabinete de trabalho — foram decorados no estilo militar. No

mesmo local também havia alojamentos para Keitel e os ajudantes Schmundt e Schaub, bem como Linge. A trinta ou quarenta metros de distância, havia um cassino com paredes de concreto. Outros duzentos metros adiante, no meio da floresta, havia um barraco de madeira que servia para reuniões, também camuflado com redes. Jodl ficou alojado ali. O terreno com as três construções em um morro era cercado com arame farpado. Chamava-se Circuito I.

O restante do quartel-general de Hitler ficava em uma aldeia situada ao pé do morro.

O Exército alemão penetrou rumo ao norte da França em marcha forçada, passando pela Bélgica e pelos Países Baixos. As unidades de ataque cortaram por fora forças significativas do adversário, entre elas unidades do corpo expedicionário britânico, e as encurralaram perto de Dunquerque.¹⁰ Os ingleses recuaram rapidamente, usando as tropas francesas para garantir sua retirada. O cerco de Dunquerque ficou cada vez mais apertado. Tal como numa caçada, artilheiros e tanques alemães atiraram contra ingleses que fugiam em pânico para o litoral.

No mar raso de Dunquerque, tentaram fazer pontes, colocando caminhões na água para tentar atingir os navios. Para escapar ao inferno de Dunquerque, muitos jogaram fora roupas e armas e tentaram chegar aos navios a nado.

Com ataques incessantes da Luftwaffe alemã, que dominava completamente o espaço aéreo, o inferno de Dunquerque chegou ao ápice. Os caças alemães não apenas atingiram os ingleses em fuga em terra, mas também na água. Navios inteiros cheios de soldados afundaram sob a chuva de bombas alemãs.¹¹

As armas e os equipamentos que o corpo expedicionário inglês deixara para trás caíram nas mãos dos alemães. Para salvar sua pele, os ingleses abandonaram seus aliados franceses ao próprio destino. Estes lutaram e morreram em combate pelos ingleses.¹²

Quando o comandante do corpo expedicionário voltou para a Ilha Britânica com os restos miseráveis de suas tropas, foi condecorado por essa vitória “brilhante” das armas inglesas por Churchill com a “Ordem de Bath”, ou seja: “ordem do banho”. Nos círculos do alto-comando alemão, riu-se muito pelo fato de quão adequadamente Wavell¹³ fora premiado pelo “banho frio” nas águas do canal da Mancha.¹⁴

A fuga dos ingleses da França permitiu ao alto-comando alemão deslocar rapidamente grandes unidades da área de Dunquerque para a frente dos rios Somme e Oise, romper as fortificações francesas na margem sul dos dois rios no dia 5 de junho e tomar Paris em 14 de junho.

Os prisioneiros de guerra franceses mostraram com muita clareza o que tinham achado do comportamento dos ingleses em Dunquerque. Quando topavam com ingleses nos campos de prisioneiros, batiam neles e os xingavam de covardes, egoístas e traidores. Por isso, os alemães viram-se obrigados a manter separados prisioneiros de guerra ingleses e franceses.

Totalmente eufórico, Hitler viajou para Dunquerque.¹⁵ Na volta, relatou que telefones de campanha intactos foram achados nos acampamentos abandonados pelos ingleses. Com desprezo, contou para Göring como os ingleses tinham deixado tudo para trás em Dunquerque.

— Eles apenas pensaram em salvar suas vidas — disse Hitler. — Chicotear pessoas, isso eles sabem. Mas no campo de batalha são uns covardes miseráveis.

Göring também estava de excelente humor. Enquanto esperava o carro diante do abrigo, ele relatou a Hitler sua “aventura” mais recente.

Alguns dias antes, estivera em um restaurante à margem do Reno. Todos os comensais se levantaram, à exceção de dois padres católicos.

— Eu me vinguei. Mandeí-os para o campo de concentração — disse Göring, rindo — e ordenei que um boné velho meu fosse espetado em um pau. Agora, eles são obrigados diariamente a passar marchando por ele e treinar a saudação nacional-socialista.

Hitler riu e, benevolente, bateu nas costas de Göring. Quando achou que era hora de voltar ao sério, Göring apertou sua mão, pegou seu bastão de marechal, sentou-se no carro e foi até o quartel do Estado-Maior.



Antes do fim de maio, já não havia mais dúvidas sobre a derrota total da França. Nessa época, Hitler recebeu uma carta do seu aliado do Eixo, Mussolini.¹⁶ Hitler ficou indignado com o fato de que a Itália, que durante seis meses ti-

nha-se mantido distante, agora subitamente queria entrar na guerra a qualquer preço. Para não ter que dividir o butim, Hitler mandou dizer que não precisava da Itália no momento, pois a França estava a seus pés.

Respondeu à carta de Mussolini dizendo que o ingresso da Itália na guerra deveria ser adiado até que a Luftwaffe alemã tivesse destruído os aeroportos no sul da França, o que facilitaria as operações militares às tropas italianas.¹⁷ Mas, sem dar importância aos argumentos “convincentes” de Hitler, pouco depois a Itália declarou guerra à França.¹⁸ Desta forma “harmoniosa” é que agiam os aliados do Eixo Berlim-Roma.

Hitler ficou muito preocupado em descobrir que objetivos secretos Mussolini estaria perseguindo, além de assegurar sua parte no butim da França.

A razão seria Gibraltar? Malta? Ou pretendia a Marinha italiana atacar o canal de Suez? No final de maio, Hitler deu ordens para que Ribbentrop convocasse o embaixador italiano Alfieri de Berlim para o Hotel Dreesen em Bad Godesberg. Hitler mandou encenar a visita de Alfieri de tal maneira que parecesse estar-se recebendo um representante do inimigo. Nesse dia, até mesmo as placas indicativas do caminho foram retiradas da rota de viagem de Alfieri, para que ele não descobrisse que o quartel-general de Hitler ficava em Euskirchen, a uma hora e meia de Bad Godesberg.

No caminho para a reunião com Alfieri, Hitler parecia estar irritadíssimo. Disse precisar descobrir de qualquer maneira o que os italianos estavam tramando, pois desde a declaração de guerra da Itália o alto-comando italiano não dera o menor sinal de envolver-se ativamente nas ações bélicas.

A conversa de Hitler com Alfieri no Hotel Dreesen durou cerca de uma hora. Do salão, ouviu-se logo a voz irritada de Hitler. Ele fuzilou Alfieri com acusações iradas. Dirigiu contra ele toda a sua fúria. Aos gritos, disse que não conseguia entender por que a Itália se comportava de um jeito tão passivo.

— O senhor pode me explicar isso? Poderia finalmente me dar uma resposta clara? Isso não vai continuar assim! — berrava Hitler.

Em seu comando, sabia-se que Hitler não estava enfurecido com a passividade da Itália, e sim porque Mussolini declarara guerra à França contra a sua vontade. Alfieri deixou o hotel perturbado e deprimido. Logo depois Hitler também partiu.

Durante o jantar, ele ficou em silêncio, mal-humorado. Keitel, Jodl, Bormann, Dietrich, Hewel, Hoffmann, Morell e os ajudantes trocavam olhares despercebidos. Hoffmann, o bobo da corte, acabou conseguindo pouco a pouco aplacar a depressão de Hitler.

Depois do jantar, Keitel, Jodl, Bormann e Hewel permaneceram com Hitler. Novamente, ele expressou sua raiva.

— Vitório Emanuel condicionou a declaração de guerra da Itália,* da qual estávamos precisando tanto no outono passado, a que Mussolini transferisse ao príncipe herdeiro o comando sobre um exército — explicou ele. — E o *Duce* obviamente recusou.

Os presentes entenderam perfeitamente o que Hitler quis dizer: o príncipe herdeiro Umberto era conhecido por sua anglofilia.

Jodl concordou servilmente com Hitler:

— Naturalmente, *mein Führer*, o senhor sempre perguntou por que o *Duce* simplesmente não manda embora toda essa dinastia de Savóia?

— Vejam — disse Hitler em seguida —, não é nada fácil para Mussolini. O Exército apóia o rei, a Igreja está a seu lado, a corte está ocupada com intrigas, e no seio do Partido Fascista há vários elementos estranhos.

Jodl observou que os italianos deveriam ao menos tentar complicar a vida da frota inglesa estacionada no mar Mediterrâneo.

— Eu perguntei a Alfieri — prosseguiu Hitler — quais eram os planos da Itália. Estamos o tempo todo aguardando o avanço do Exército italiano. O embaixador ficou sem resposta. Ficou claro que eles não têm nenhum plano sério. À minha pergunta categórica sobre por que os italianos estão tão passivos, Alfieri respondeu simplesmente que estava chovendo muito na frente de combates.

Keitel indagou, indignado:

— Quem esse Mussolini pensa que é?

Bormann também fez exclamações de desprezo.

No final da conversa, Hitler ressaltou que a passividade dos italianos tinha seu lado positivo, pois assim podia-se domar seu apetite em relação aos franceses.

*[Observação do revisor soviético:] Vitório Emanuel era o rei da Itália.

No início de junho, o quartel-general de Hitler foi transferido de Euskirchen para Brûly-de-Pesche, ao norte de Rocroy, próximo da fronteira belgo-francesa.¹⁹ Por ordem de Hitler, esse quartel foi batizado de “Garganta do Lobo” (*Wolfsschlucht*). Foi assim que o apelido de Hitler, “*Wolf*” (lobo), apareceu pela primeira vez no nome de seu quartel-general.

A “Garganta do Lobo” ficava no meio de uma pequena floresta. Esse quartel-general tinha sido erigido às pressas e tinha caráter provisório. Hitler ficava em um barraco de madeira individual, onde se alojaram ainda Brückner, Schmuntz e Linge. Ao lado, havia um abrigo de concreto com um único cômodo. O refeitório ficava a oitenta ou cem metros de distância do alojamento de Hitler. Keitel, Jodl e Bormann, bem como o restante do Estado-Maior, tinham se alojado na escola e em casas da aldeia francesa evacuada de Brûly-de-Pesche. As conferências de guerra eram realizadas no prédio da escola. Ali também se aquartelaram Brauchitsch e Göring.

Naqueles dias, o motorista de Himmler perdeu a vida num descuido com a metralhadora no carro.²⁰ O homem da SS foi enterrado na localidade belga de Brûly-de-Pesche. Durante o enterro, Himmler disse:

— Ele descansa em solo alemão. Esta terra sempre será nossa.

Na primeira metade de junho de 1940, o comandante do Reich Amann chegou ao quartel-general a convite de Hitler. O ex-primeiro-sargento tinha sido chefe de Hitler durante a Primeira Guerra Mundial no Regimento “List”.²¹ Depois da tomada do poder, ele tornou-se diretor-geral do grupo editorial Eher, cujo co-proprietário era o próprio Hitler.

Depois de Amann, outro ex-camarada de Hitler do Regimento “List”, Wiedemann, chegou ao QG. Ele emigrara para a América. Em 1933, Hitler o chamara de volta para a Alemanha. Como testemunha de seus “atos heróicos” na Primeira Guerra Mundial, sua tarefa era elogiar Hitler na Alemanha.

Junto com Amann e Wiedemann, Hitler quis revisitar as antigas posições do Regimento “List” na França durante a Primeira Guerra Mundial.²² Em um veículo militar de Krupp e com guarda reforçada, eles deixaram o quartel-general. O comboio de veículos de Hitler passou em alta velocidade por estradas francesas, atravessando cidades e aldeias, ruínas, túmulos frescos e campos devastados por granadas. Os fugitivos de guerra que voltavam corriam para os

lados quando os veículos de Hitler surgiam com suas sirenes estridentes. Eles também encontraram grupos exaustos de prisioneiros de guerra franceses.

Com a ajuda de um mapa, Hitler tentou encontrar as localidades em que o Regimento "List" lutara ou se aquartelara. Na região do Chemin des Dames, Hitler deu sinal para uma parada. O grupo todo saltou dos carros. A passos rápidos, Hitler atravessou o campo e deteve-se nas trincheiras já parcialmente soterradas. Com uma espécie de alegria do reencontro, ele apontou para as trincheiras em que havia lixo e arame farpado enferrujado. Com orgulho, lembrou-se do tempo em que servira como estafeta naquela região. Hitler revitalizou-se visivelmente. Havia muito não estivera tão bem-humorado.

Na noite de 15 de junho de 1940, chegou a primeira notícia no QG de Hitler de que já se podia esperar um armistício por parte do governo francês. A informação provinha do embaixador alemão em Madri, von Stohrer, que fora contatado por empresários franceses locais. A notícia espalhou-se rapidamente por todo o QG. Todos se felicitavam e repetiam as palavras de Hitler de que o vagão na floresta de Compiègne, onde os alemães haviam pedido o armistício em 1918, seria o local do triunfo alemão. Hitler mandou que o acontecimento fosse devidamente comemorado. Pouco depois, todos estavam bêbados.

Com base na notícia de Madri, o alto-comando da Wehrmacht elaborou imediatamente o rascunho de um acordo de armistício com a França. A idéia básica era a capitulação completa da França. O acordo previa a ocupação do país inteiro e o desarmamento do Exército francês. Os soldados e oficiais deviam ser presos e a totalidade do equipamento de guerra repassada como butim de guerra ao Exército alemão. Hitler discordou da proposta apresentada.

Em 17 de junho, Hitler passou para Keitel e Jodl as bases de uma nova proposta das condições para um armistício com a França. Seu raciocínio era o seguinte: a Inglaterra tentaria demover o governo francês de assinar o armistício e convencê-lo a continuar a guerra. Isto estaria de acordo com a proposta de Churchill de assinar uma aliança franco-britânica na base de uma união jurídica dos dois países. Por isso, seria importante para a política externa alemã colocar uma cunha entre a França e a Inglaterra. A reivindicação da capitulação incondicional da França e da ocupação da totalidade de seu território

impediria isso, pois traria embutido o risco de o governo francês recusar-se a assinar o armistício, recuando para o norte da África e continuando a guerra com a Inglaterra de lá. Por isso, era recomendável construir uma ponte dourada para o governo francês, para fazer a França aceitar as condições de um armistício. O objetivo seria tirar a França da guerra — se possível, com todas as suas colônias — e isolar a Inglaterra.

Quando o pedido oficial do governo francês de um armistício finalmente chegou, começaram em Roma as negociações entre os governos alemão e italiano, no dia 16 de junho. Ficou acertado que Hitler e Mussolini se encontrariam já no dia 18 de junho em Munique para, juntos, estabelecerem as condições de um armistício com a França.

Na noite do dia 17 de junho, Hitler foi de avião com Keitel, Ribbentrop e seu séquito pessoal para Main, onde já estava à sua espera seu trem especial. Quando este chegou a Munique na manhã do dia 18 de junho, Hitler e seus acompanhantes, ovacionados pela população, seguiram até o “Führerbau” na Königsplatz.

Naquela mesma manhã, Hitler foi cumprimentar Mussolini na estação de trem de Munique. Depois do almoço no “Führerbau”, eles reuniram-se no gabinete de trabalho de Hitler. Menos de dois anos antes, no dia 29 de setembro de 1938, a mesma sala sediara a conferência “histórica” entre Hitler, Mussolini, Chamberlain e Daladier. As conseqüências da Conferência de Munique são bem conhecidas: Hitler ocupou a Tchecoslováquia, a região do Memel, a Polônia, os Países Baixos, a Bélgica, a Dinamarca, a Noruega e destruiu a França. Resultado: centenas de milhares de mortos nos campos de batalha, ruínas, fome e miséria de populações inteiras.

A conversa entre Hitler e Mussolini foi primeiramente presenciada por um pequeno grupo de assessores: do lado alemão, Keitel e Ribbentrop; do lado italiano, Ciano. A segunda parte da conversa transcorreu sem testemunhas. Logo depois da reunião, Hitler levou Mussolini até a estação e este partiu de Munique. Na mesma noite, Hitler voltou para o seu QG.

Depois do jantar, no trem, ele comentou os resultados das negociações. Apontou para as ambições exageradas dos italianos. A Itália reivindicava da França a região da Savóia, a área em torno de Nizza, a ilha da Córsega e a Tunísia.

Com isso, pretendia assegurar seu domínio do mar Mediterrâneo. Hitler explicou que conseguiu frear o ímpeto de Mussolini e mostrou-se contente pelo fato de ele ter cedido.

Na hora do almoço de 19 de junho, Hitler estava de volta a Frankfurt, de onde voou até o seu QG em Brûly-de-Pesche. Ali, Hitler e Keitel deram ordens para que se preparasse imediatamente o “local do armistício” na floresta de Compiègne para as negociações com a França. A idéia de assinar o novo armistício no mesmo local onde a Alemanha tivera de aceitar sua capitulação em 7 de novembro de 1918,²³ anulando assim publicamente o ato de 1918, fora aventada por Hitler no início de junho de 1940, quando já se previa a derrota militar da França.

O texto do acordo de armistício ficou pronto em 20 de junho. Hitler ditou pessoalmente o chamado preâmbulo do documento. Esse preâmbulo, segundo sua opinião, tinha um duplo objetivo: em primeiro lugar, preparar psicologicamente os franceses para aceitar as condições alemãs, pois ali se rendia homenagem com muito respeito à coragem e à “luta heróica” do Exército francês. Em segundo lugar, Hitler justificou o preâmbulo com a necessidade de prosseguir a guerra contra a Inglaterra, ou seja, o acordo atacava diretamente a Inglaterra, não a França.

Na noite daquele mesmo dia, Günsche recebeu ordens de Hitler para estar presente nas negociações na floresta de Compiègne e cuidar de sua segurança pessoal. Günsche deveria ficar postado na porta da parede de vidro que separava o vagão em duas partes, para que pudesse ser visto de todos os lados em toda a sua estatura de quase dois metros de altura. Ele tinha ordens de atirar contra qualquer membro da delegação francesa que ousasse se comportar de forma inconveniente em relação a Hitler.

O início das negociações na floresta de Compiègne foi marcado para a manhã do dia 21 de junho. Mas teve de ser adiado, porque a delegação francesa não conseguiu chegar a tempo em Paris por causa das ruas engarrafadas por tropas e refugiados.

Na manhã do dia 21 de junho, Keitel e Jodl saíram em seus carros do QG de Hitler e se dirigiram ao chamado “local do armistício”.

Esse local histórico fora especialmente preparado para as negociações. O vagão em que se assinara o armistício com os franceses em 1918 depois da

derrota alemã foi tirado do museu especialmente construído pelos franceses e colocado no mesmíssimo lugar onde estivera em novembro de 1918, nos trilhos que ainda estavam no centro da instalação. O trilho lateral, onde então ficara o vagão da delegação alemã, estava agora vazio.

No próprio vagão, nada tinha sido modificado. Era um vagão-refeitório normal da Vagon Lits International, em que um compartimento tinha virado sala de reuniões. Ali havia uma mesa grande com muitas cadeiras.

Diante da aléia que conduzia ao “local do armistício” havia um monumento à vitória, ali colocado pelos franceses, representando a águia alemã tombada. Esse monumento foi todo coberto de bandeiras com a cruz suástica. Ao longo da aléia tinha-se postado uma companhia de honra. Na floresta foram instaladas tendas para abrigar a Chancelaria, uma central telefônica e a central telegráfica.

Ao meio-dia chegaram Göring, Brauchitsch, Raeder, Ribbentrop e Hess, convocados por Hitler especialmente para presenciar a entrega solene das condições do armistício. Finalmente, Hitler apareceu pessoalmente. Em pose senhorial, passou em revista a guarda de honra, vistoriou o monumento encoberto com bandeiras de cruz suástica e a placa comemorativa sobre a vitória dos franceses sobre os alemães em 1918.

Quando chegou a informação de que a delegação francesa estava se aproximando, procedente de Paris, Hitler, Göring, Brauchitsch, Raeder, Ribbentrop, Keitel, Hess e Jodl entraram no vagão. Todos se sentaram em volta da mesa.

Um lado da mesa ficou para a delegação francesa. Com capacete de aço e pistola carregada no bolso, Günsche plantou-se na porta que dava para o compartimento contíguo. À sua direita ficou o intérprete Schmidt.

Por volta das 14h, apareceu a delegação francesa, acompanhada do general alemão von Toppelskirch. O chefe da delegação era o general do Exército Huntziger. Além dele havia o general Parisot, das Forças Terrestres, o general Bergeret, das Forças Aéreas, o vice-almirante Le-Luc, da Marinha, e o embaixador Noël.

A delegação francesa saltou dos carros na entrada da aléia. Passou pelo monumento à vitória encoberto pela bandeira e pela guarda de honra até o vagão. Quando a delegação entrou, Hitler e sua comitiva ergueram-se de seus

lugares, em silêncio. Os franceses levaram um susto. Não esperavam dar de cara com a alta direção alemã em peso. Em silêncio, e com expressão severa, Hitler convidou-os com um breve gesto a se sentarem.

Quando todos estavam sentados, Keitel levantou-se da cadeira. Com toda a calma possível, ajeitou o monóculo e começou a ler o preâmbulo do acordo. O intérprete Schmidt traduziu suas palavras para o francês.

Depois, Keitel entregou ao chefe da delegação francesa, general Huntziger, o texto do acordo de armistício em alemão e em francês, bem como um mapa da França em que estava assinalada a linha de demarcação entre o território francês ocupado e o território livre. Com isso, estava encerrada a cerimônia de entrega das condições de armistício. Hitler, Göring, Brauchitsch, Raeder, Ribbentrop e Hess levantaram-se e deixaram o vagão. Apenas Keitel e Jodl permaneceram para conduzir as negociações com a delegação francesa, além de alguns assessores e o intérprete Schmidt.

Quando Hitler saiu do vagão, uma orquestra entoou o hino nacional alemão. Keitel e os outros alemães que haviam permanecido no vagão saltaram de seus lugares e ergueram o braço para fazer a saudação fascista. Keitel cantou em alto e bom som, e todos os outros alemães no vagão o acompanharam. Os franceses também se levantaram de seus lugares. Um membro da delegação francesa estava com os olhos marejados. Hitler não aguardou o resultado das negociações. Ainda no mesmo dia, voou de volta para o seu QG.

Depois que Hitler saiu, Keitel solicitou que os franceses tomassem conhecimento do texto do acordo de armistício. O chefe da delegação francesa, general Huntziger, pediu permissão a Keitel para comunicar-se por telefone com o governo francês em Bordeaux. Por temer que as negociações se arrastassem, Keitel tentou esquivar-se. Explicou que a delegação francesa tinha de ter procuração para assinar o acordo de armistício. Huntziger confirmou que a delegação francesa tinha essa procuração, mas ressaltou que as condições do armistício seriam decisivas para o destino do povo francês, razão pela qual considerava necessário informar o governo francês. Huntziger lembrou que em 1918 também fora permitido à delegação alemã consultar o seu governo.

Keitel cedeu.

Huntziger pediu uma ligação telefônica com o comandante supremo francês, general Weygand, em Bordeaux. O intérprete Schmidt ouviu toda a conversa da delegação francesa com Bordeaux. Primeiro, Weygand perguntou a Huntziger onde ele se encontrava. Este respondeu: "Você pode imaginar onde eu estou." Weygand retrucou: "Meu pobre amigo!" Em seguida, Weygand perguntou pelas condições do armistício. Huntziger replicou que eram duras e enumerou-as, item por item. Weygand prometeu que daria uma resposta clara logo depois de informar o general Pétain. As negociações no vagão prosseguiram.

No curso das negociações, Huntziger perguntou a Keitel sobre as condições que a Itália imporia para o armistício. Ele externou o temor de que as condições italianas pudessem ser pesadas e injustas.

Keitel esquivou-se, alegando desconhecer as condições italianas. Disse que as negociações entre Itália e França teriam início imediatamente após a assinatura do acordo franco-germânico. Visivelmente irritado, Huntziger disse que a França não precisava de armistício com a Itália, uma vez que este já existia de fato na fronteira franco-italiana desde que a Itália declarara a guerra. Disse ainda que, caso as condições italianas ferissem a honra da França, o governo francês não aceitaria. Nesse momento, o tom de voz do general Huntziger tornou-se especialmente duro, e ele enfatizou cada palavra: "Não aceitaremos."

Em seguida, aconteceu uma situação complicada. No "local do armistício" na floresta de Compiègne surgiu inesperadamente o adido militar italiano em Berlim e começou a entrevistar um oficial alemão sobre a evolução das negociações. Foi preciso algum esforço para evitar que o general italiano fosse visto pela delegação francesa.

Na noite de 22 de junho, Keitel impôs um ultimato aos franceses. Em uma breve nota, solicitou que o general Huntziger comunicasse em no máximo uma hora se a delegação francesa estava disposta a aceitar as condições para o armistício. Caso contrário, a delegação alemã partiria do pressuposto de que as negociações tinham fracassado. Nesse caso, o combate seria retomado com todo o vigor. Huntziger comunicou imediatamente o conteúdo da carta a Pétain em Bordeaux. Não passou nem meia hora até Huntziger declarar que a delegação francesa estava pronta para assinar o armistício.

No dia 24 de junho, Hitler convidou Keitel, Jodl, Bormann, Hewel, seus assessores e algumas outras pessoas do QG para o seu cassino. Hitler estava de excelente humor. Externou seu contentamento com o curso da guerra e demonstrou otimismo no que se referia ao comportamento da Inglaterra.

— Os problemas da Europa ocidental serão solucionados e só nos resta resolver a questão da União Soviética — declarou Hitler, esfregando as mãos.

À meia-noite, os convidados escutaram a fala de Goebbels no rádio, com sons de guerra ao fundo no começo e no fim. Os ouvintes acreditaram que se tratava de uma transmissão diretamente da frente de combates. Na verdade, a trilha foi produzida no estúdio de rádio de Berlim.



Em outubro de 1940, Hitler resolveu encontrar-se com Franco para iniciar negociações sobre uma participação da Espanha franquista na guerra. O encontro com Franco ocorreu no trem de Hitler, na estação férrea de Hendaye, perto de Biarritz.²⁴ A conversa, da qual participaram Hitler, Keitel, Franco, o ministro do Exterior espanhol Serrano Suñer e o intérprete Schmidt, durou cerca de quatro horas.

Debateu-se a conquista da fortaleza inglesa de Gibraltar segundo um plano elaborado pelo generalato alemão e que tinha o codinome de “Isabella/Felix”.²⁵ O plano previa as seguintes medidas:

- Seriam formados dois comandos maiores: um tático, sob a liderança do general alemão Lanz, e um comando de abastecimento, liderado pelo general alemão Jaenecke.
- Cinquenta oficiais alemães em trajes civis seriam enviados para o Marrocos espanhol com passaportes falsos e vistos espanhóis. Sua missão: fazer o reconhecimento da rede de estradas na região de Gibraltar para examinar sua adequação a unidades alemãs motorizadas e artilharia.
- Uma divisão espanhola sob o comando do general Asensio treinaria o ataque a Gibraltar perto de Algeciras.
- Unidades da artilharia alemã na França treinariam a noroeste da cidade de Besançon a abrir fogo contra rochas parecidas com as de Gibraltar. O

generalato espanhol mandaria amostras das rochas da fortaleza de Gibraltar para análises no departamento responsável no alto-comando do Exército.

Entusiasmado, Keitel descreveu um equipamento especial de Krupp que conseguia atirar a quase duzentos quilômetros de distância.²⁶ Hitler decidiu colocá-lo à disposição de Franco para a destruição de Gibraltar.

O plano “Isabella/Felix” deveria ser executado em janeiro e fevereiro de 1941. Mas Hitler logo abandonou o plano e também abriu mão da participação aberta da Espanha na guerra, porque decidira invadir a Rússia Soviética a curto prazo.²⁷

Hitler declarou que a entrada da Espanha na guerra tornaria necessário defender a linha da costa à da península dos Pireneus contra manobras de desembarque anglo-americanas, o que exigiria grandes contingentes alemães. Além disso, a Alemanha se veria forçada a assumir o abastecimento da Espanha com material bélico, combustível e alimentos. Quando se decidiu a atacar a União Soviética, de acordo com o plano “Barbarossa”, Hitler aparentemente não tinha mais interesse em abrir um novo cenário de guerra na Península Ibérica.²⁸ Uma política de “neutralidade benevolente” por parte da Espanha lhe pareceu agora mais favorável.

Com a máscara da neutralidade, a Espanha de Franco permitiu que submarinos e outras embarcações bélicas da Alemanha fossem reparados e abastecidos em portos espanhóis. A Espanha apoiou a Luftwaffe alemã, que atacou navios anglo-americanos no Atlântico, e pôs à disposição aeroportos e estações telegráficas.

No que se refere à economia de guerra, o fornecimento de elementos como volfrâmio e molibdênio da Espanha era de grande importância para a indústria bélica alemã. Além disso, a Espanha ajudou a Alemanha a escapar ao bloqueio econômico, importando matérias-primas dos Estados Unidos e repassando esses produtos para a Alemanha. Relatos do almirante Canaris, chefe da Defesa no alto-comando da Wehrmacht, sobre a ajuda que as autoridades espanholas prestaram aos alemães revelam que a contra-espionagem alemã se instalou em vários pontos da Espanha com o conhecimento do governo de Franco.

A contra-espionagem alemã transmitiu informações valiosas da Espanha para Berlim sobre o posicionamento das forças de combate terrestres e maríti-

mas inglesas, sobre a atividade dos serviços secretos inglês e americano na Espanha e no Marrocos espanhol, sobre as ligações de círculos ingleses e americanos com altas instâncias da França de Vichy e sobre o clima político entre as tribos árabes do Marrocos francês.



Depois da capitulação da França, o alto-comando alemão deu ordens para preparar uma operação de desembarque na Inglaterra, de acordo com o plano “*Seelöwe*” (Operação “Leão-Marinho”).

A Marinha de Guerra recebeu a ordem de conseguir os meios necessários para fazer a transposição e deixar em prontidão. Para tal, os comandantes das forças deveriam reunir todas as embarcações marítimas e fluviais disponíveis a seu alcance.²⁹ As tropas executaram manobras de desembarque. O alto-comando do Exército recebeu oficiais da Marinha como conselheiros. Nesse momento, as duas frotas aéreas — comandadas pelos marechais-de-campo Sperrle e Kesselring — estavam concentradas no leste. Quando o plano “Leão-Marinho” foi elaborado, o comando alemão era da opinião de que o principal fator de uma operação de desembarque vitoriosa era a supremacia da Luftwaffe alemã em relação à força aérea inglesa. Segundo a opinião de Hitler e do alto-comando alemão, a supremacia da frota inglesa era equilibrada pela supremacia da Luftwaffe alemã. Considerava-se que era especialmente favorável que a Luftwaffe alemã pudesse operar contra a frota britânica no estreito canal da Mancha, que entre Calais e Dover não chega a trinta quilômetros de largura.³⁰

Hitler adiou várias vezes a data para o desembarque, porque ainda esperava que a Inglaterra assinasse a paz com a simples ameaça da invasão. Ele era da opinião de que, depois da derrota da França e do golpe que os ingleses levaram em Dunquerque, a simples ameaça de uma invasão junto com a guerra submarina e os ataques aéreos seria suficiente para forçar os ingleses a assinar a paz.

Nesse contexto, Hitler declarou que, se Churchill continuasse resistindo, ele forçaria a Inglaterra a ficar de joelhos. Mas num primeiro momento ele teria de acabar com a Rússia Soviética. Quando, no outono de 1939, os prepa-

rativos para a invasão da Rússia Soviética se intensificaram, a Operação “Leão-Marinho” foi utilizada para disfarçar a invasão planejada da Rússia e o simultâneo rearranjo das forças para o leste. Hitler deu ordens para continuar os preparativos da operação segundo o plano “Leão-Marinho” durante todo o inverno, para dar a impressão de que a invasão ocorreria na primavera de 1941.



No dia seguinte ao encontro com Franco, o trem de Hitler parou em uma pequena estação férrea a cinquenta quilômetros ao norte de Tours, no sul da França.³¹ Estava previsto um encontro com o chefe do governo de Vichy, Pétain, e seu ministro-presidente Laval. Contrastando com a arrogância com a qual Hitler enfrentara os franceses em Compiègne, ele quis demonstrar seu desejo de colaborar politicamente com o governo de Vichy. Foi no seu carro ao encontro de Pétain e Laval.

Depois de um curto trecho, ele saltou do carro e ficou à espera. Logo chegaram Pétain e Laval, este último com sua inevitável gravata branca.

Hitler comportou-se em relação ao velho Pétain tão respeitosa como outrora fizera com Hindenburg. Tratou Laval como um aliado. Amável, ofereceu levar Pétain no seu carro. Pétain, que já estava bem fraco, mas ainda quis se mostrar inquebrantável, entrou no carro de Hitler. Hitler seguiu-o. Laval e Keitel entraram no segundo carro. Foram até a estação onde estava o trem de Hitler. Em homenagem a Pétain e Laval, uma pequena guarda de honra estava a postos. Hitler passou a guarda em revista com seus convidados franceses. Em seguida, foram até o trem. No salão de Hitler, realizou-se uma reunião da qual, além de Pétain e Laval, também participaram Keitel e o intérprete Schmidt. Tratou-se do envolvimento da totalidade do potencial bélico alemão e da questão de como o governo de Pétain poderia apoiar a Alemanha na guerra contra a Inglaterra. A reunião durou cerca de duas horas.

Depois disso, Pétain, Laval e Hitler passaram novamente a guarda de honra em revista. Na hora da despedida, Hitler apertou longamente a mão de Pétain. No rosto de Laval aflorou um sorriso amável. Depois dessa despedida, Hitler voltou para o seu carro. Estava de excelente humor. Durante o jantar, mos-

trou-se especialmente orgulhoso pelo fato de Laval o ter comparado a Napoleão, durante a conversa. Sobre a guerra contra a Inglaterra, Laval assegurou seu total apoio à Alemanha, ressaltando ao mesmo tempo que não se deveria esquecer o adversário comum — a Rússia Soviética — e apontar os canhões a tempo contra esse inimigo. Com isso, aludiu à campanha de Napoleão contra a Rússia no ano de 1812 e deu a entender a Hitler que ele lograria o que Napoleão não conseguira realizar. Hitler descreveu Laval como um político experiente e um leal amigo dos alemães. Brincando, disse que era melhor não examinar sua pureza racial, pois como típico europeu meridional ele não passaria no teste.

Segundo Hitler, Pétain se comportara como um “herói vencido”, o que o agradara muito.

À meia-noite, o trem de Hitler partiu, atravessando a França até Munique.



Em março de 1941, Hitler reuniu-se com Göring em seu apartamento de Munique na Prinzregentenplatz. Depois, quis seguir para o “Führerbau” e convidou Göring para acompanhá-lo. Desde o atentado na Bürgerbräukeller, em novembro de 1939, eles nunca mais tinham viajado juntos no mesmo carro. Hitler e Göring haviam acertado essa medida de segurança para que o “*Führer I*” e o “*Führer II*” não corressem o risco de ficar fora de combate simultaneamente.

Linge acompanhou-os na viagem de carro até o “Führerbau”. No carro, a conversa entre Hitler e Göring girou em torno da guerra contra a Rússia Soviética. Aparentemente, era a continuação de um debate iniciado no apartamento. Hitler disse que não se deveria mais retardar a guerra contra a Rússia Soviética. Mas Göring achou que era importante garantir o território contra a Inglaterra. Hitler declarou categoricamente que a guerra contra a Rússia Soviética era uma decisão tomada e que, quanto à Inglaterra, “prestaremos contas mais tarde, se o renitente Churchill continuar teimando”.

Em março e abril de 1941, os preparativos para a invasão da Rússia Soviética estavam a pleno vapor. Unidades potentes estacionadas na França, na Bélgica, na Holanda, na Dinamarca e na Noruega para invadir a Inglaterra de

acordo com o plano “Leão-Marinho” foram transferidas para perto da fronteira soviética. Divisões de tanques de elite que tinham participado da ocupação da Iugoslávia e da Grécia foram reforçadas e tiveram de marchar para leste, a fim de liderar o ataque-surpresa contra a Rússia Soviética.³²



Em maio de 1941, Hitler voltou de Mönichkirchen, ao sul de Viena, onde estivera observando as operações de tropas alemãs contra a Iugoslávia e a Grécia, para o castelo de Berghof.³³

No dia 11 de maio, por volta das dez horas, apareceu na ante-sala do gabinete de trabalho de Hitler o assessor Albert Bormann, irmão de Martin Bormann, junto com o assessor de Hess, o líder da SA Pintsch. Pintsch portava um envelope branco selado. Albert Bormann pediu que Linge acordasse Hitler e o informasse de que Pintsch queria entregar-lhe uma carta urgente de Hess. Linge bateu na porta do dormitório.

Ouviu-se Hitler perguntando com voz sonolenta:

— O que foi?

Linge prestou a informação. A resposta:

— Já vou.

Alguns minutos mais tarde, Hitler saiu sem fazer a barba do seu gabinete de trabalho, contíguo ao seu dormitório. Aproximou-se de Pintsch, cumprimentou-o e pediu para ver a carta de Hess. Desceu correndo a escada até o saguão com a carta na mão. Linge, Pintsch e Bormann ainda estavam na escada quando Hitler soou a campainha. Quando Linge entrou no saguão, Hitler estava na porta, com a carta aberta na mão.

— Onde está o homem? — rosnou.

Linge foi buscar Pintsch. Hitler perguntou:

— O senhor conhece o conteúdo desta carta?

Pintsch confirmou. Ao deixar o cômodo, Linge viu Pintsch e Hitler se aproximarem da grande mesa de mármore. Alguns minutos mais tarde, a campainha voltou a soar. Linge entrou. Hitler ainda estava junto à mesa. A seu lado, Pintsch. Hitler disse:

— Mande vir Högl.

Högl, o chefe da equipe de polícia de Hitler, apresentou-se imediatamente. Hitler ordenou-lhe que prendesse Pintsch. Högl, que conhecia Pintsch bastante bem, deteve-o. Este ficou sem entender nada. Como se soube mais tarde, Pintsch disse a Högl que estava certo de que Hess voara para a Inglaterra com o conhecimento e a concordância de Hitler. Por isso, não entendeu por que estava sendo detido. Já no fim de janeiro de 1941, Hess confidenciara a Pintsch sua intenção de voar até a Inglaterra, por determinação de Hitler, a fim de concluir as negociações iniciadas em agosto de 1940. Hess contara a Pintsch que, em agosto de 1940, por iniciativa do duque de Bedford e de outros influentes políticos britânicos, ocorrera em Genebra uma conferência de representantes britânicos com o professor alemão Albrecht Haushofer, o qual fora enviado para lá por Hess para conversações preliminares com os ingleses.

Durante essas negociações, os ingleses declararam que o seu país estava pronto para iniciar negociações de paz com a Alemanha. Como precondições, exigiam a renúncia ao Pacto de Não-agressão que a Alemanha assinara em 1939 com a Rússia Soviética. Hess explicou a Pintsch que Hitler e ele tinham-se disposto a aceitar essa condição dos ingleses, mas que Hitler resolvera adiar o início de negociações concretas com a Inglaterra até a ocupação dos Bálcãs. Essa conversa com Hess revelou a Pintsch que a política da Alemanha naquela época estava focada nos preparativos da guerra contra a Rússia Soviética.

Depois da detenção de Pintsch, Hitler mandou chamar imediatamente Martin Bormann, então principal assessor de Hess. Pouco depois, divulgou-se que Hitler nomeara Bormann seu vice no Partido, no lugar de Hess. Pessoas que conheciam Bormann muito bem perceberam que sua expressão de luto era pura farsa, e que, na verdade, ele ficou muito contente com o fato de que a sua hora havia chegado. “Um hipócrita!”, comentavam os homens da SS entre si. “Um vegetariano que se alimenta de lingüiça”, apelidaram o novo sucessor de Hess, porque ele convencia Hitler a alimentar-se à moda vegetariana e, em sua mansão, entupia-se de lingüiças gordas.

Depois da conversa com Bormann, Hitler mandou chamar Göring e Ribbentrop para a sua residência de Berghof. Da mesma forma, convocou o

chefe da imprensa do Reich, Dietrich, que já se encontrava lá. Hitler ordenou que Dietrich o mantivesse informado sobre tudo o que era divulgado na Inglaterra sobre o vôo de Hess. Ao mesmo tempo, proibiu que se escrevesse qualquer coisa sobre o assunto na imprensa local.

Na noite de 11 de maio, depois da chegada de Göring, Ribbentrop e Bormann ao Berghof, Hitler conversou com eles. Ficaram reunidos por muito tempo. Várias vezes, mandaram chamar Dietrich para saber se havia alguma notícia da Inglaterra.

Não havia nenhuma informação sobre Hess.

Tarde da noite, Dietrich informou que, segundo uma notícia da rádio britânica, Hess aterrissara com o pára-quadras em uma região isolada do norte da Inglaterra. Ele teria explicado aos policiais que o prenderam que pretendia visitar seu amigo, o duque de Hamilton.

Ansioso, Hitler indagou se os ingleses tinham falado alguma coisa sobre as intenções de Hess. Dietrich respondeu que não se falara disso. Em seguida, Hitler ordenou que Dietrich passasse para a imprensa alemã a versão de que o vôo fora o ato de um “irresponsável”. Nos círculos de Hitler, vazou a informação de que a decisão de declarar Hess como doente mental fora tomada durante a reunião com Göring, Ribbentrop e Bormann.

Quando chegou a informação de Londres de que o duque de Hamilton negava conhecer Hess, Hitler exclamou espontaneamente:

— Que hipocrisia! Agora ele finge que nem o conhece!

Durante as conversas no grupo de colaboradores mais estreitos de Hitler sobre o vôo de Hess, falou-se, sob o manto do silêncio, que este carregara consigo um memorando sobre as condições da assinatura da paz com a Inglaterra. Esse documento teria sido redigido por Hess, com a concordância de Hitler.

O ponto principal do documento era a condição de a Inglaterra deixar total liberdade à Alemanha no que dizia respeito à Rússia Soviética. Em contrapartida, a Alemanha permitiria à Inglaterra preservar todas as suas colônias e o domínio sobre o espaço do mar Mediterrâneo.

Além disso, o memorando ressaltava que uma aliança entre “a grande potência continental da Alemanha” com a “grande potência marítima da Inglaterra” garantiria a ambas o poder sobre o mundo inteiro.

Soube-se ainda que, desde fevereiro de 1941, Hess ocupara-se intensamente da elaboração das propostas políticas e econômicas que formariam a base das negociações com a Inglaterra. Participaram ainda: o chefe da organização externa do Partido Nacional-Socialista, Bohle; o conselheiro ministerial do Ministério da Economia, Jagwitz; o general Karl Haushofer; e o irmão de Hess, Alfred, vice de Bohle.

O assessor Pintsch, que Hitler mandara prender, foi entregue à Gestapo em Berlim. Ali, foi obrigado a testemunhar ter percebido sinais de distúrbios psíquicos em Hess nos dias que antecederam o vôo.

Depois de ter assinado um juramento na Gestapo de manter silêncio sobre tudo o que estava ligado com o vôo para a Inglaterra, Pintsch foi libertado — por ordens de Hitler, como lhe informaram.

Depois de libertado, Pintsch, que tinha grau de general, foi rebaixado a um simples soldado e enviado para uma companhia de presos na frente de combates. Aparentemente, esperava-se poder se livrar da testemunha de uma questão tão delicada. Mas Pintsch continuou vivo, e, em dezembro de 1944, Hitler até mesmo se lembrou de promovê-lo a sargento.

A mulher de Hess não foi detida. Continuou vivendo em sua casa de campo. Hitler mandou que ela recebesse uma indenização significativa. Ela continuou se correspondendo com o marido na Inglaterra. Essa correspondência passava por Martin Bormann.

Junho 1941 — Janeiro 1942

Na primavera de 1941, Hitler já tinha colocado toda a indústria pesada da França, Bélgica, Holanda, Tchecoslováquia, Itália, Hungria, Romênia e dos Bálcãs a serviço da guerra contra a Rússia Soviética. A indústria desses países ficou subordinada aos planos de agressão da Alemanha contra a Rússia Soviética. Depois de mobilizar todos esses enormes recursos industriais e humanos da Europa conquistada, Hitler ditou, na noite de 21 de junho de 1941, na Chancelaria do Reich, o discurso que pretendia proferir no Parlamento (Reichstag), convocado especialmente para aquele dia por causa da invasão iminente da Rússia. No gabinete de trabalho de Hitler, as secretárias Daranowski e Schroeder revezavam-se freneticamente. Hitler ditou seu discurso até às 5h da manhã. Na sala dos assessores, o texto do discurso foi copiado para ser distribuído para a imprensa. De 15 em 15 minutos, Linge ia e voltava do gabinete de trabalho de Hitler com páginas na mão.

Às cinco horas, Hitler foi se deitar. Às 8h30, levantou-se da cama.

Antes da sua aparição pública, Hitler repetiu os trechos mais marcantes, destinados a envolver psicologicamente os alemães, com voz rouca e olhos injetados, buscando a melhor entonação, gestual e mímica.

Com esse discurso, Hitler declarou a guerra à Rússia Soviética.

Em 22 de junho, por volta das dez horas da manhã, trajando um sobretudo cinza militar, Hitler foi à sessão do Reichstag na Ópera-Kroll. Antes de deixar a Chancelaria do Reich, Morell deu-lhe mais uma injeção estimulante.

Por volta das 11 horas, horário de Berlim, o mundo foi informado do ataque da Alemanha contra a Rússia, país com o qual ela tinha assinado um Pacto de Não-Agressão. Diante do Reichstag, Hitler declarou hipocritamente ter decidido, depois de longa reflexão, antecipar-se à ameaça vinda do leste contra a Alemanha.

Ainda naquele mesmo dia, Hitler partiu da Estação de Stettin para a Prússia oriental. Foi até o QG erigido especialmente para ele na floresta perto de Rastenburg e que, seguindo suas ordens, fora batizado de “*Wolfschanze*” (“Toca do Lobo”).

Hitler, que se viu exposto tão subitamente ao “perigo de uma invasão do leste”, encontrou em Rastenburg vários *bunkers* de concreto e barracões de madeira, construídos um ano e meio antes em uma área total de dois quilômetros quadrados.

A construção do QG de Rastenburg fora iniciada antes da Campanha da França como parte dos preparativos para o ataque à Rússia Soviética.¹

O comando de Hitler, que no caminho vinha sendo constantemente informado sobre como evoluía o ataque contra o vizinho russo inocente, apodeitou-se alegremente do novo QG.²

A expectativa era de uma vitória fulminante. O regime de Hitler procurava convencer cada cidadão alemão de que a campanha bélica contra a Rússia Soviética era uma *blitzkrieg*. Os oficiais de Hitler assistiam a palestras especiais em que o Exército Vermelho era apresentado como fraco, insuficientemente armado e de difícil mobilização. Os comandos soviéticos eram considerados inexperientes em termos militares.

Quando, nas reuniões de estratégia, Hitler recebia os relatos sobre as movimentações das tropas alemãs na Rússia Soviética, corria em pose de herói até o cassino, onde assinalava pessoalmente com um grosso lápis vermelho as novas posições da Wehrmacht alemã em um mapa da Rússia.



No final de agosto de 1941, Mussolini foi até o QG “Toca do Lobo” a convite de Hitler.³ Foi recebido com pompa e circunstância. Hitler não cabia em si de

orgulho e autocomplacência. Mussolini congratulou-se exageradamente com ele. Nesse momento, as tropas italianas enviadas por Mussolini para o *front* oriental estavam marchando na altura de Uman. Hitler e Mussolini foram de avião para esta região.⁴

Os aviões do tipo Focke-Wulf 200⁵ utilizados por Hitler, Mussolini e suas comitivas aterrissaram em um aeroporto perto de Uman. Ali, uma comprida mesa já estava posta a céu aberto.

Em um hangar, o chefe do Grupamento Sul do Exército, von Rundstedt, o comandante-em-chefe da Divisão Panzer, von Kleist, e o comandante da Luftwaffe na Ucrânia, Löhr, apresentaram a Hitler e Mussolini a situação no *front*, com a ajuda de grandes mapas de operação.

Depois do relatório, Hitler e Mussolini quiseram passar em revista os “camisas-negras” italianos. Saíram em dez veículos blindados da Krupp.

No primeiro ia o ajudante de exército de Hitler, major Engel, que lhes indicou o caminho. Com ele estava um repórter fotográfico mandado por Hoffmann. No segundo carro, decorado com estandartes do *Führer* e do *Duce*, iam Hitler e Mussolini. Com eles iam Schmundt, Linge e Dollmann. Este último trabalhava como intérprete com Mussolini e ficava na Itália. O Ministério do Exterior alemão o mandara para lá. Durante o caminho, Hitler mostrou a Mussolini suas “novas propriedades”.

— Veja, *Duce* — dizia ele, apontando para os campos de terra negra —, este aqui é o solo mais fértil do mundo. Vocês, italianos, são obrigados a se apertar e trabalhar em solos empedrados, e aqui há espaço de sobra com toda esta terra rica. Aqui será o celeiro da nova Europa.

A caravana de carros de Hitler chegou ao cruzamento de duas ruas largas. Ali, uma divisão italiana deveria passar desfilando por Hitler e Mussolini.⁶ Mas a divisão atrasou-se. Os dois ditadores decidiram ir ao seu encontro. Logo apareceu ao longe a ponta da unidade dos “camisas-negras”. Os carros de Hitler e Mussolini pararam no acostamento. Mas o comandante da divisão italiana, no carro bem na ponta do desfile, bem como os primeiros caminhões abertos com soldados italianos, que acreditavam que Hitler e Mussolini estivessem no cruzamento combinado, passaram por eles sem prestar atenção. Mas logo depois soldados descobriram Mussolini e o saudaram em altos brados. O coman-

dante da divisão saltou de seu carro e veio correndo na direção de Hitler e Mussolini, segurando o capacete de aço para que este não caísse da sua cabeça. Totalmente ofegante, parou finalmente em posição de sentido diante do carro de Hitler. Era visível que ele nem sabia a quem devia saudar primeiro, Hitler ou Mussolini. Hitler apontou para o *Duce* com um breve movimento de mão. Enquanto os homens da SS da guarda pessoal de Hitler riam ao fundo sobre a palhaçada do “brioso” general italiano, o *Duce* recebeu a saudação gaguejada com expressão pomposa.

A divisão prosseguiu sua caminhada. Os soldados italianos cantavam algo como uma *tarantella*.

— Vejam só o *Duce* — brincavam os homens da guarda pessoal de Hitler entre si —, ele acha que é César redivivo.

Visivelmente emocionado com a inspeção de suas tropas e gesticulando muito, Mussolini assegurou a Hitler, no caminho de volta, que mandaria outras divisões italianas para o *front* oriental, obviamente só as melhores.



A SS-Leibstandarte “Adolf Hitler” já estava no *front* oriental desde o início da guerra teuto-soviética. Antes de sua transferência, em maio de 1941, fora mandada rapidamente da Grécia para Brünn, na Tchecoslováquia, onde foi reforçada e preparada para participar da invasão da Rússia Soviética. No final de junho de 1941, a Leibstandarte cruzou a fronteira teuto-soviética a leste da cidade de Lublin. Como divisão de infantaria motorizada, foi absorvida pela Divisão Panzer comandada pelo general von Kleist e tinha como missão abrir o caminho com tanques em direção a Rowno — Schitomir até Kiev.⁷

Para a guerra contra a Rússia, foram redigidas ordens especiais, lidas pelos chefes de companhia para os homens da SS durante os treinamentos antes de cruzarem a fronteira russa.

Essas ordens diziam que a guerra contra a Rússia tinha os seguintes lemas:

— Quebre a cabeça dos russos, assim você se protege contra eles para sempre!

— Você é senhor ilimitado desta terra! Vida e morte da população estão em suas mãos!

— Precisamos do amplo espaço sem os russos!

Os homens da SS-Leibstandarte receberam ordens para arrasar cidades e aldeias russas e adquirir uma fama tão terrível que a mera menção de seu nome já deixaria os russos em pânico.

Os homens da SS receberam lavagem cerebral no sentido de que a Leibstandarte deveria deixar para trás terra arrasada em sua marcha através da Rússia. Caso o *Führer* passasse pela região, ele deveria perceber imediatamente: por aqui passou a minha Leibstandarte.

Na marcha para Kiev, a Leibstandarte encontrou forte resistência de uma unidade de guarda russa em uma localidade próximo de Rowno.⁸ Essa localidade só pôde ser tomada quando a artilharia completa e todos os tanques da divisão entraram na luta. Para vingar a resistência do Exército russo, cerca de vinte mulheres, crianças e idosos foram fuzilados. Todos foram reunidos em uma praça e fuzilados diretamente dos tanques dos batalhões de reconhecimento. A localidade foi incendiada, sobrando apenas os alicerces.

Ao continuar a marcha, em meados de julho a Leibstandarte topou com um forte contra-ataque dos russos, que ameaçou seu flanco esquerdo. As batalhas ferrenhas duraram uma semana e foram conduzidas pelos dois lados com muita exacerbação. Logo no primeiro dia, o comandante Sepp Dietrich deu a seguinte ordem: ninguém vai preso, e sim fuzilado imediatamente. Por toda parte, foram formados comandos especiais com a missão de incendiar sistematicamente casa por casa nas localidades conquistadas e “defumar” com granadas os moradores escondidos em porões e abrigos.

No início de agosto, a Leibstandarte entrou em Uman. Embora tivessem se passado menos de seis semanas desde o início do ataque à Rússia Soviética, já se contabilizavam perdas significativas, que excediam aquelas das campanhas contra a Polônia, a França e a Grécia. Nas companhias, a munição chegava ao fim. Em compensação, prisioneiros de guerra e civis russos eram utilizados sob ameaça de morte. Por ordem do comandante da Leibstandarte, Sepp Dietrich, os russos eram selecionados segundo suas características raciais exteriores, pois deveriam se movimentar entre seus homens da SS. Deviam ser louros, de olhos azuis. Sua missão era conseguir munição para as metralhadoras durante as batalhas. Muitos morreram no fogo inimigo (amigo?). Irônicos, os homens da SS diziam:

— Esses Ivãs morreram pela grande Alemanha.

Nas batalhas por Kherson, o cachorro do comandante do batalhão de reconhecimento, *Sturmabannführer* Meyer, foi morto por um estilhaço. Para vingar seu cão morto, Meyer fuzilou pessoalmente mais de trinta moradores pacíficos.

Quando as tropas alemãs, no início de setembro, avançavam em uma frente larga rumo ao rio Dnieper, a Leibstandarte foi transferida para a região ao sul de Dniepropetrowsk para receber reforço. Por onde suas unidades chegavam, os habitantes que sobreviveram aos fuzilamentos eram presos em estábulos como gado. Todos os dias, tinham que realizar as tarefas mais baixas e eram golpeados. Os homens da SS levavam todas as suas posses.

No início de setembro, Günsche, que servira na Leibstandarte no *front* oriental, saiu dos arredores de Dniepropetrowsk para viajar até a escola de oficiais da SS em Bad Tölz, na Baviera.

No caminho, fez um breve desvio e foi ao QG “Toca do Lobo”. Ele queria visitar seus amigos da guarda pessoal de Hitler, onde servira de 1936 até 1941, antes de ser transferido para as unidades da Leibstandarte.

Ele manifestou sua surpresa a Schaub e outros camaradas sobre a grandiosidade daquele QG em comparação com os do lado ocidental. Günsche perguntou se o *Führer* planejava passar o inverno ali. Todos riram. Schaub declarou, fazendo-se de importante:

— Passar o inverno? O que você está pensando? Estamos fazendo uma *blitzkrieg* contra a Rússia. Como sempre, passaremos o Natal no Obersalzberg.

Quando Hitler soube que Günsche tinha chegado do *front* oriental, mandou chamá-lo ao seu *bunker*. Recebeu-o na sala de reuniões. Quando Günsche entrou, Hitler estava perambulando de um lado para o outro com largos passos, assoviando. Estava de excelente humor. Hitler cumprimentou Günsche e perguntou:

— Então, Günsche, como vai? E como vão Dietrich e a minha Leibstandarte?

Günsche relatou que os homens estavam animadíssimos, gostando da guerra na Rússia Soviética, mas que a resistência dos russos era dura.

— Essa resistência nós quebraremos logo, logo. É só uma questão de tempo — retrucou Hitler. — Eu ordenei reunir mais de dois mil tanques para

enfrentar os exércitos blindados de Moscou. Moscou será atacada e cairá, e então a guerra terá sido ganha.

Hitler explicou a Günsche que não pretendia conquistar a totalidade do território russo. Em primeira linha, queria aniquilar as forças ativas e ocupar regiões vitais. Quando tivesse chegado aos montes Urais, daria a ordem para parar a guerra. O restante da Rússia morreria de fome. Para o caso de os russos tentarem reunir forças do outro lado dos montes Urais, ele ainda tinha uma Luftwaffe forte.

— Como reestruturador da Europa, eu insisto em que uma nova ordem segundo as minhas leis seja introduzida neste país! — explicou Hitler no final. Ao proferir estas últimas palavras, seu rosto ficou vermelho. Ele despediu-se de Günsche com a saudação fascista.



Em novembro de 1941, a situação das tropas alemãs atoladas antes de Moscou começou a tornar-se mais crítica, a cada dia que passava, com os golpes dos russos. Nos informes que chegavam do *front* oriental que Linge transmitia a Hitler, falava-se cada vez mais da resistência obstinada do adversário. Linge, que conhecia os humores de Hitler, constatou que este estava cada vez mais irritável. Principalmente durante as reuniões de estratégia, batia o tempo todo em Halder, Brauchitsch e Keitel. As reuniões eram realizadas todos os dias ao meio-dia no *bunker* de Keitel na “Toca do Lobo”.

Em um dos primeiros dias de dezembro, a voz de Hitler ecoou pela sala de reuniões. Ele falava ao telefone com Guderian, comandante do exército blindado estacionado na frente de Moscou.⁹

Hitler berrava ao telefone:

— Guderian! Segure sua posição a qualquer preço! Eu lhe mandarei reforço! Vou mobilizar tudo o que eu posso! Pode confiar! Agüente, agüente de qualquer maneira!

Logo chegaram informes de que Guderian estaria recuando. Entre os oficiais da guarda pessoal, comentava-se que Hitler estava insatisfeito com o seu corpo de generais.

As reuniões sobre a situação no *front* oriental começaram a ficar cada vez mais agitadas. Hitler gritava, dava socos na mesa e acusava os generais de serem incapazes de lutar. Estes freqüentemente saíam correndo da sala de reuniões para o corredor do *bunker*, a fim de se controlarem depois dos tiroteios de xingamentos de Hitler. Certa vez, o comandante-em-chefe do Grupamento Norte do Exército, marechal-de-campo von Leeb, foi para o corredor durante uma reunião. Extremamente agitado, corria de um lado para o outro. Na sala ao lado, que dava para o corredor, estavam o ajudante de Keitel, Gabriel, e Linge, que, como sempre, estava à disposição de Hitler. Leeb parou na porta e comentou com Gabriel:

— O que posso fazer se o *Führer* não acredita mais em mim?

A derrota nas portas de Moscou e o fracassado bloqueio de Leningrado elevaram a tensão no relacionamento entre a Waffen-SS (corpo militar de elite da SS) e a Wehrmacht. Os homens da SS acusavam a Wehrmacht de falta de espírito agressivo e de agir demasiadamente segundo os manuais. Os oficiais da Wehrmacht, por sua vez, queixavam-se de que as agremiações da SS eram mais bem equipadas e armadas do que eles. Além disso, tinham uma posição especial entre as forças armadas. Cada lado acusava o outro de arrogância.

A perseverante defesa de Leningrado, que Hitler queria vencer pelo cansaço, levava este ao cúmulo da ira. Espumando, ele gritava:

— Arrasarei esta cidade e toda a sua população! Leningrado nunca mais ressurgirá! Eu juro!

Quando se acalmava, Hitler repetia sempre, naqueles dias:

— Qualquer pessoa suporta uma vitória. Mas uma derrota... só aquele que é forte!

O comandante-em-chefe do Exército, von Brauchitsch, nem aparecia mais no “QG do *Führer*” depois da *débâcle* de Moscou. Dizia-se que estava doente, mas ninguém acreditava. Ao informar os colegas sobre a situação no *front*, Schmundt explicou, de forma ambígua, que Brauchitsch tirara férias por razões de saúde e que o próprio *Führer* assumira o comando do Exército.¹⁰

Além de Brauchitsch, Hitler trocou os chefes de divisões Panzer, Guderian e Hoepner, o comandante-em-chefe do Grupamento Norte do Exército, Leeb, bem como outros generais.¹¹



Quando os japoneses atacaram a frota de guerra americana em Pearl Harbor no dia 7 de dezembro de 1941, o ânimo voltou ao QG de Hitler. As derrotas da Wehrmacht alemã em Moscou e Leningrado foram esquecidas. A Alemanha declarou a guerra aos Estados Unidos da América.¹² Naquele dia, a conversa na hora do almoço girou em torno das habilidades bélicas dos americanos. Com base em suas experiências da Primeira Guerra Mundial, Halder concluiu, irônico, que os oficiais americanos nem de longe podiam ser comparados aos prussianos. Que os oficiais americanos eram homens de negócios de uniforme que temiam pela sua vida. Que a sua arte bélica não era lá grande coisa.

Alguns dias depois, Schmundt apareceu no quarto de Linge para, como de hábito, tomar um copinho de aguardente com ele. Pouco depois, apareceu também Hitler, que às vezes ia ao quarto de Linge para escutar música ligeira no seu rádio. Hitler recebeu de Linge o informe mais recente do *front*, sentou-se à escrivaninha e pediu seus óculos. No relatório, informava-se que submarinos alemães tinham afundado navios americanos.

— Leia, Schmundt — disse Hitler ao seu ajudante-de-campo militar. — Viu como a guerra aberta contra a América é vantajosa para nós? Agora podemos bater à vontade.

Hitler ressaltou que os americanos estavam presos ao cenário de guerra do Pacífico. Isso despertava esperanças de que submarinos alemães poderiam atrapalhar de maneira ainda mais efetiva o abastecimento da Inglaterra proveniente dos EUA.

Hitler reclinou-se na cadeira e falou cheio de desprezo dos americanos. Apontou para o fato de que carros americanos nunca ganhavam em corridas internacionais. Que aviões americanos pareciam bonitos, mas que seus motores não prestavam. Para ele, esta era a prova de que a tão propalada indústria americana era fortemente supervalorizada. Não podiam exibir desempenho especial, mas apenas médio, e muita propaganda.

Depois que Hitler e Schmundt saíram, o chefe do serviço de proteção pessoal de Hitler, Schädle, entrou no quarto de Linge. Começou a comentar que a situação no *front* oriental estava péssima. Schädle observou que havia muito tempo o *Führer* não tinha mais ido ao *front*, e que as tropas precisavam ver o *Führer*.

— O que diabos o chefe faz o tempo todo? — perguntou Schädle.

Linge sabia muito bem o que Hitler fazia, mas não disse nada.

Hitler passava seu tempo com as reuniões de estratégia, conversando com o fotógrafo Hoffmann e seus comparsas, lendo romances de aventura, desenhando projetos arquitetônicos incompreensíveis, por se considerar um grande artista. À noite, ele se retirava com Schaub, que lhe mostrava diapositivos coloridos de dançarinas parisienses nuas, ou ia passear com o seu cachorro, o *terrier* escocês “Burli”, que Bormann lhe arranjava. No QG, o apelido do cachorrinho, de tamanho pequeno, era o “grande cão do Reich alemão”.



No começo de dezembro de 1941, o desejo da guarda pessoal de Hitler finalmente foi realizado: Schmundt deu ordens para preparar o vôo até o *front*, em Taganrog, que ficava a dois mil quilômetros do QG. Era um dia frio e com neblina. O piloto de Hitler, Baur, achou o tempo inadequado para esse tipo de vôo. Keitel foi até o *bunker* de Hitler. No tom servil que costumava usar nas conversas com Hitler, pediu que ele cancelasse o vôo para o *front* por causa do mau tempo.

— Não! Não! — interrompeu Hitler. — Agora é extremamente importante que eles agüentem as pontas no sul. Até a minha Leibstandarte está recuando. Preciso voar de qualquer maneira.

Keitel tentou explicar a Hitler, em um tom subserviente, seu temor de que algo pudesse acontecer com Hitler.

— O senhor é a única pessoa, *mein Führer*, de quem tudo depende!

Lisonjeado, Hitler retrucou:

— Está bem, veremos como será o tempo amanhã.

No dia seguinte, Hitler decidiu voar até Taganrog.¹³ Por volta do meio-dia, seu avião aterrissou em Poltava. Hitler, Schmundt, Morell e Linge entraram em um bombardeiro da marca Heinkel¹⁴ e, acompanhados de aviões-caças, voaram até Mariupol. O avião balançou muito. Hitler estava muito pálido.

No aeroporto de Mariupol, Hitler foi recebido por von Reichenau e von Kleist. De lá, eles foram até a caserna onde ficava o comando do Exército.

No corredor mal iluminado do comando, Linge topou com um homem de pele de ovelha e boné (de pele) com a caveira da SS.

— Finalmente vocês estão aí, camaradas — exclamou ele.

Era Sepp Dietrich, comandante da SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”. Ele perguntou onde estava o *Führer*. Foi levado até Hitler. Os homens da SS que tinham vindo com Dietrich relataram a Linge que os russos não os deixavam em paz. Sem rodeios, insultaram o comando da Wehrmacht e externaram a esperança de que o *Führer* fosse mostrar-se às tropas para elevar o moral.

Mas Hitler restringiu sua visita ao comando do Exército. Deixou a ordem de segurar de qualquer maneira a posição na bacia do Donetz e voou de volta para Poltava na manhã seguinte. Ali, houve um atraso involuntário por causa das condições meteorológicas. Reichenau, que partira de Mariupol no mesmo momento que Hitler e cujo comando ficava em Poltava, não aparecia. Era impossível completar uma ligação telefônica com o QG “Toca do Lobo” em Rastenburg. Hitler ficou cada vez mais nervoso. Durante uma hora, esperou ansiosamente no escritório com calefação exagerada do comandante do aeroporto. Finalmente, Reichenau chegou. Seu piloto não encontrara o aeroporto. As condições meteorológicas eram péssimas — a visão estava totalmente obstruída e fazia muito frio. Hitler aceitou imediatamente o convite de Reichenau para ir à sua casa.

No dia seguinte, ele voltou ao seu confortável QG, onde Keitel o recebeu com alegria. Hitler estava bem satisfeito com o seu “ato heróico”.

Fevereiro 1942 — Fevereiro 1943

Depois de uma reunião com Hitler na “Toca do Lobo”, na primavera de 1942, o ministro do Armamento e Munições do Reich, Fritz Todt, morreu em circunstâncias misteriosas.¹ Seu avião explodiu logo depois de levantar vôo no aeroporto de Rastenburg, a cerca de trinta metros do solo. Todt e toda a tripulação morreram carbonizados. As causas da explosão nunca foram esclarecidas. No quartel-general de Hitler, começaram a circular rumores vagos de que aquilo fora obra de algum serviço secreto inimigo.

Hitler nomeou o arquiteto Albert Speer para suceder Todt. Nesse cargo, ele fazia a ponte entre os magnatas da indústria e o alto-comando militar.

Speer aparecia com freqüência no “quartel-general do *Führer*”. Quando chegava no trem que ligava a capital ao quartel-general, freqüentemente era obrigado a aguardar na sala de Linge até Hitler acordar. Ali, Speer recebia seus telefonemas. Falava com seu vice, Saur, ou com o órgão central de Armamentos do Exército (Heereswaffenamt). Havia muitos atritos entre o seu ministério, o comando militar e os empreendimentos industriais por causa da divisão do butim do leste.

Certa vez, Speer queixou-se a Schaub, na sala de Linge, das dificuldades geradas pela divisão das indústrias e dos recursos naturais conquistados nos territórios ocupados da Rússia Soviética. Speer disse que os senhores da indústria agiam principalmente em benefício próprio. Representantes das grandes

empresas acompanhavam as tropas de perto e exigiam sua parte na forma de empresas conquistadas e matérias-primas.

Krupp, Röchling e outros pesos-pesados da indústria de base reivindicavam para si a parte do leão como recompensa pelos serviços prestados à pátria. Speer achava necessário convocar uma reunião dos líderes da indústria com Hitler para ao menos pôr um pouco de ordem na economia de guerra. Essa ordem tornara-se imprescindível, segundo ele, pelo fato de o alto-comando alemão estar planejando atacar a região do Cáucaso para conquistar os campos petrolíferos de Baku, no Azerbaijão. Em maio de 1942, obedecendo à sugestão de Speer, Hitler convidou os líderes da indústria para uma reunião em seu QG.²

Participaram: Dr. Hermann Röchling, chefe da Confederação do Ferro do Reich; Dr. Albert Vögler, diretor-geral da gigante do aço Vereinigte Stahlwerke; Dr. Walter Rohland, diretor da Comissão de Tanques e Blindados; Erich Müller, diretor-geral do conglomerado Krupp-Werke e braço direito do rei dos canhões, Krupp; Paul Pleiger, presidente da megaestatal do aço Hermann-Göring-Werke e diretor da Confederação do Carvão do Reich, entre outros.

Antes da reunião, Hitler chamou seus convidados para o almoço. A mesa estava lotada de iguarias, produtos da Prússia que Koch, o comissário do Reich e ex-dirigente da Prússia oriental, mandara levar para o quartel-general da Ucrânia. Quando, durante o almoço, a conversa começou a girar em torno das capacidades de produção da indústria de armamentos, os industriais se queixaram da falta de mão-de-obra. Hitler perguntou-lhes qual a impressão que tinham dos trabalhadores franceses que o governo de Pétain mandara para a Alemanha. Os industriais responderam que os franceses trabalhavam bem, mas que eram poucos. Em seguida, falaram sobre a utilização de prisioneiros russos como mão-de-obra. Hitler perguntou como os russos trabalhavam. Os industriais responderam que os russos tentavam fugir do trabalho, que era preciso ter supervisores e adotar outras medidas de força.

Um deles observou que se deveria fornecer tabaco aos russos, os quais eram fortes fumantes. Hitler retrucou que daria ordens imediatamente para que, como recompensa pelo bom trabalho, os prisioneiros de guerra russos recebessem “tabaco” feito de ervas e gramíneas. Os industriais reivindicaram um

aumento do número de prisioneiros de guerra russos para trabalhar em suas fábricas. Hitler assegurou-lhes que trataria pessoalmente da questão de conseguir um número suficiente de prisioneiros de guerra e civis trazidos da Rússia como mão-de-obra para a indústria. Autocrático, explicou que, nas iminentes operações militares na frente leste, haveria tantos prisioneiros de guerra que a indústria nem saberia como utilizá-los a todos.

Depois do almoço, ele foi com os líderes da indústria para a casa de chá onde havia uma sala de reuniões. Ali, serviu-se vinho, champanhe, conhaque e charutos cubanos aos industriais.

A reunião foi ultra-sigilosa e transcorreu a portas fechadas.



Naquele mesmo mês, Antonescu chegou ao quartel-general, atendendo a um convite de Hitler.³ Foi alojado no *bunker* construído especialmente para convidados. Ali, Hitler conversou com ele. Schmidt fez a tradução. Antonescu falava francês. Schmundt e Linge ficaram postados diante da porta da sala onde transcorria a reunião. A conversa entre Hitler e Antonescu foi bastante animada.

Eles trataram da participação de tropas romenas no ataque contra Stalingrado. Antonescu prometeu a Hitler colocar à disposição um grande contingente de tropas, mas ressaltou que as unidades romenas eram fracas em armamento.⁴ Hitler pediu que Antonescu indicasse com mais precisão de quantas armas os romenos precisavam. Este retrucou que não dispunha dos dados, mas disse que os passaria tão logo estivesse de volta a Bucareste. Depois da reunião, Antonescu participou da reunião de Hitler com seu núcleo de colaboradores mais estreitos. No dia seguinte, Hitler acompanhou Antonescu até o aeroporto. Despediu-se dele de maneira exageradamente cordial.

Pouco depois da partida de Antonescu, chegou ao QG o pedido romeno de armamentos. Durante o almoço no cassino, Hitler comentou com Keitel e Jodl que os romenos tinham feito reivindicações impertinentes e que ele nem sonhava em atendê-las.

— Eu próprio preciso das armas — disse Hitler. — O petróleo deles, eu pagarei com carros, motos, bicicletas e até com carrinhos de bebê, mas nunca com armas. Eles não sabem mesmo lidar com armas alemãs.

Keitel disse o que Hitler queria ouvir. Que os romenos tinham solicitado muito mais armas do que realmente necessitariam. Hitler comentou que provavelmente eles pretendiam fazer negócios ou constituir reservas para, depois da guerra, atacar a Hungria. Hitler ironizou a sentença de Viena,⁵ segundo a qual a Romênia teve que ceder a Transilvânia à Hungria por ordem de Hitler. Hitler não escondeu que o conflito entre a Hungria e a Romênia por causa da Transilvânia lhe era muito útil. Permitir-lhe-ia jogar a Romênia e a Hungria na guerra contra a Rússia Soviética como árbitros: a Hungria em favor da Transilvânia e a Romênia por uma possível revisão da sentença de Viena.

Hitler relatou a sua conversa com o dirigente húngaro Horthy antes da guerra contra a Rússia Soviética, imitando seu dialeto vienense. Quando Hitler exortou Horthy a entrar na guerra, este respondeu:

— Espiritualmente, estamos armados, mas materialmente, não.

Todos os presentes caem na gargalhada.



Quando o epicentro da guerra deslocou-se para a região ao sul da frente leste, o QG de Hitler foi transferido, no final de junho de 1942, para a Ucrânia.⁶ Ficava agora a alguns quilômetros de distância de Vinitza, em uma franja de floresta. Por ordem de Hitler, foi chamado de “Wehrwolf” (“Lobo Armado”).⁷ Próximo deste QG ficavam o Estado-Maior do chefe do alto-comando do Exército e o Estado-Maior de Göring. O Estado-Maior de Himmler ficou alojado perto de Schitomir.

Quando Hitler chegou ao abrigo de “Wehrwolf”, já era aguardado pelo comandante do quartel-general, coronel Thomas. Hitler, Thomas, Schmuntt e Linge atravessaram a ante-sala. Ali, pintado em madeira, havia um mapa da parte européia da Rússia Soviética. As posições conquistadas pelos alemães estavam marcadas com setas. Hitler gostou do jeito do mapa. Aproximou-se dele para examiná-lo mais de perto. Apontando com o dedo para as cidades de Rostov e Stalingrado, disse a Thomas:

— Brevemente, o senhor terá que retificar este mapa. Planejamos um golpe que forçará a Rússia a ficar de joelhos! O mundo inteiro ficará atento!

Thomas mostrou a Hitler as instalações do quartel-general e as medidas especiais de segurança. A área toda era protegida por uma faixa de segurança que consistia em *bunkers*, canhões de defesa antiaérea, bem como trincheiras de tanques e campos minados.

O chefe do serviço de segurança de Hitler, Rattenhuber, formara um grupamento especial que protegia os caminhos de acesso ao QG e observava a população que morava nos arredores.

Thomas informou ainda que, para aumentar a atenção do seu pessoal, havia mandado espalhar o boato, um dia antes da chegada de Hitler, de que um russo no uniforme de um major alemão tentara penetrar na área do QG para assassinar Hitler.

Hitler assentiu com a cabeça e indagou:

— Quem construiu estas instalações?

Thomas respondeu:

— Foram principalmente russos, recrutados nos campos de prisioneiros.

O cenho de Hitler ficou cerrado. Ele disse a Thomas:

— Todos devem ser fuzilados imediatamente. Conhecem detalhes demais sobre o meu quartel-general.⁸

Thomas bateu os calcanhares e respondeu:

— Às ordens, *mein Führer!*

Deu meia-volta e saiu.

Além das medidas reforçadas de proteção para aquele QG, Himmler formara uma unidade especial recrutada entre seus homens de Schitomir. Essa unidade, chamada de “Reichsführer SS”, percorria regularmente toda a área atrás de grupos de resistência.⁹

No outono de 1942, o carro do piloto de Himmler, *Sturmabannführer* Schnäbele, caiu em uma armadilha da resistência. No carro estavam Schnäbele, outro oficial da SS e duas russas que eles queriam levar para o seu alojamento. O piloto de Himmler e o oficial da SS foram assassinados. Quando seus corpos foram descobertos, Himmler mandou que toda a área fosse vasculhada. Os guerrilheiros não foram encontrados.

Himmler informou Hitler sobre os acontecimentos. Este ordenou que todos os moradores inocentes das aldeias das redondezas fossem fuzilados. O fuzilamento dos cidadãos russos ficou a cargo de uma unidade de Himmler. As cenas eram chocantes: mulheres que pediam clemência eram golpeadas com a coronha da pistola e fuziladas em seguida. Crianças que se abraçavam às mães eram arrancadas das mulheres e mortas diante de seus olhos. Os corpos dos homens, das mulheres e das crianças assassinadas foram jogados em covas abertas no local. Os homens da SS da guarda pessoal de Hitler vieram especialmente de Winniza para assistir a esse ato de vingança.

No primeiro dia depois de sua chegada ao QG de Winniza, Hitler voltou a ficar eufórico. Ordenou que Linge lhe trouxesse material para escrever, estojo de desenho, um atlas, uma lupa e um mapa multicolorido que mostrava os recursos naturais da Rússia.

Hitler estava muito excitado. Apontou para Rostov e disse a seu assessor Schmoldt:

— Pois é, Schmoldt, quando conquistarmos esta área, deixarei de me preocupar com esta guerra.

O dedo de Hitler apontou para o Cáucaso:

— Aqui buscaremos o petróleo de que tanto necessitamos.

Ele fez um círculo em torno de Astracã, no mar Cáspio.

— Aqui eu rompo o nervo vital de Moscou, e isto será o fim — disse Hitler, enfatizando a palavra “fim”.

Nos últimos dias de junho do ano de 1942, começa a ofensiva das tropas alemãs contra o Cáucaso e a marcha rumo a Stalingrado. Todos no quartel-general de Hitler estão eufóricos. Todos bebem muita aguardente. A comida é farta, graças aos esforços do “comissário do Reich na Ucrânia”, Koch. Ele enche a despensa do QG de Hitler com alimentos roubados à população ucraniana.

Filas infindáveis de veículos passam pelas estradas para Winniza lotados de alimentos. Acompanhados de soldados alemães, camponeses ucranianos levam farinha de trigo, toucinho, ovos e aves para o alojamento do quartel-general, além de gado.

Schaub, ajudante de Hitler, administra um contingente especial de alimentos enviados a mando de Hitler para seus amigos e velhos correligionários nazistas na Alemanha.

Hitler incumbira Linge de fornecer alimentos para Eva Braun em Munique. As mercadorias seguiam via portador especial. Ela tinha especial predileção pelo toucinho ucraniano.

Com esses fornecimentos, Koch abastecia não apenas o “quartel-general do *Führer*”, como também a Chancelaria do Reich em Berlim e o castelo de Berghof, no Obersalzberg. Enormes quantidades de farinha, açúcar, manteiga, toucinho, carne, ovos e aves seguiam para lá.



Em julho de 1942, trajando um uniforme marrom de opereta, cheio de detalhes dourados, chegou ao QG de Hitler, em Winniza, Alfred Rosenberg, o recém-nomeado ministro do Reich para as áreas ocupadas no leste. Rosenberg, um alemão da região do Báltico, era o todo-poderoso “ideólogo” do Partido Nacional-Socialista, mas não era muito respeitado por seus atos práticos ou pelas habilidades como organizador.

Depois de Rosenberg, apareceram no quartel-general os “senhores” dos territórios soviéticos ocupados, todos arrogantes e invejosos um do outro: Erich Koch, o chamado “imperador da Ucrânia”, Wilhelm Kube, um bebedor e libertino, antigo dirigente da região de Brandemburgo e agora comissário-geral da Ruthenia Branca, e Hinrich Lohse, o bem-nutrido ex-*Gauleiter* de Schleswig-Holstein, agora comissário do Reich do território leste. Depois deles, veio o ministro para Alimentação e Agricultura do Reich, Backe, e o vice-ministro dos Transportes do Reich, Ganzenmüller. O último foi Göring, como sempre se fazendo de importante. Usava seu uniforme de marechal azul-pombo, decorado com inúmeras condecorações, e vinha agitando seu bastão de marechal de ouro e marfim.

Hitler convocara a todos para falar sobre a situação do abastecimento de alimentos na Alemanha. Queria que os carregamentos de alimentos da Alemanha para as tropas na frente leste parassem e que o abastecimento fosse feito a partir dos estoques de alimentos dos territórios soviéticos ocupados.

Os homens aguardam para entrar na reunião com Hitler. Bormann junta-se a eles. Falam sobre o mercado negro na Alemanha, que se disseminou fortemente.

Göring diz a Backe:

— Todos especulam no mercado negro. Se existisse pena de prisão para a especulação, todo o povo alemão iria preso. Esta não é a questão. A questão é tirar tudo o que for possível da Rússia. Então, não teremos mais problemas com o mercado negro.

Depois de algum tempo, Hitler manda chamar Linge, que estava com eles. Logo ele volta e diz:

— O *Führer* manda entrar.

Göring sai correndo até o alojamento de Hitler para ser o primeiro a entrar. Rosenberg seguiu-o de perto, mas Koch ultrapassou-o e chegou antes de seu ministro. O último a entrar é Bormann. Ele assume seu lugar ao lado de Hitler com expressão importante, demonstrando o poder que atingiu depois do vôo de Hess para a Inglaterra.

Depois da questão do abastecimento, Hitler pede que se reforce o fluxo de trabalhadores provenientes dos territórios ocupados para a indústria alemã. Ele explica ter prometido aos industriais fornecer mais mão-de-obra.

Hitler ordena que Bormann chame Sauckel, o qual chegara no mesmo dia ao quartel-general de Hitler e estava na casa de Bormann esperando ordens. Fritz Sauckel, *Gauleiter* (governador) da Turíngia, construíra o campo de concentração próximo de Weimar e possuía bastante experiência em trabalhos forçados de prisioneiros. Hitler incumbiu-o de cuidar da deportação em massa da população russa e dos outros países europeus para a Alemanha.

Depois da chegada de Sauckel, Bormann retira-se para redigir o documento de sua nomeação. Hitler corrige o texto duas vezes antes de assiná-lo. Daquele momento em diante, o destino de milhões de pessoas — russos, ucranianos, bielo-russos, letões, lituanos, estonianos, poloneses, tchecos, franceses, belgas, holandeses, sérvios e gregos — estava nas mãos do senhor de Buchenwald.¹⁰

Quando Bormann recebe das mãos de Hitler a ordem de nomeação de Sauckel, explica:

— Este é um triunfo para o Partido Nacional-Socialista.



No outono de 1942, o clima de euforia no quartel-general ficou mais contido. Diante da resistência ferrenha dos russos, as tropas comandadas pelo general Paulus estagnaram em Stalingrado. A ofensiva das unidades de List no Cáucaso ficou nas montanhas. Depois das vitórias iniciais, List ficou atolado. Não conseguiu cumprir a ordem de Hitler de avançar através da costa do mar Negro até Tiflis e depois tomar os campos de petróleo de Baku.

Quando, durante uma reunião de estratégia, informaram Hitler de que as tropas de List tinham escalado o cume do Elbrus e içado a bandeira com a cruz suástica, ele observou com ironia amarga:

— Será que eles querem competir com a ambição esportiva dos ingleses?¹¹

Hitler demitiu List de seu cargo de general-comandante sem sequer chamá-lo para uma conversa prévia.¹²

Em seguida, mandou vir o chefe do Estado-Maior Halder. Linge o levou até Hitler. Este recebeu Halder friamente e perguntou-lhe se ele não gostaria de tirar férias prolongadas para cuidar da saúde. Halder não ficou nem dez minutos com Hitler. Em seguida, saiu de “férias”.¹³

A partir de então, Hitler afastou-se de seus generais e ficou recluso. Não ia mais ao cassino e almoçava sozinho em seu gabinete de trabalho. À noite, pedia que Linge pusesse na vitrola discos com música fúnebre. Pegava livros como *Ich, Claudius, Kaiser und Gott* (*Eu, Cláudio, imperador e deus*), que descreve as lutas cruéis dos imperadores romanos em torno do trono, ou uma obra sobre as batalhas do imperador Frederico II, da dinastia dos Hohenstaufen, no século XIII. Além disso, estava muito irritável. A menor mosca na parede podia enfurecê-lo. Por causa de uma inocente borboleta, ele teve um acesso de ira. Fazia-se de tudo para evitar moscas, mosquitos ou borboletas perto dele. As janelas do QG foram tapadas com gaze. Todos os dias, ordenanças andavam pelas instalações com ordens para eliminar todo e qualquer inseto. Nas mesas,

havia potes com mel. Do teto pendiam mosquiteiros. No corredor e diante da casa, foram instaladas lâmpadas de alta tensão azuis, cobertas de redes, para eliminar insetos.

Bormann recebeu ordens de Hitler para conseguir um pastor alemão. Seu *terrier* escocês foi mandado de presente para a mãe de Eva Braun, em Munique. A nova pastora foi batizada por Hitler de “Blondi”, homenageando sua antecessora, a qual tinha sido sacrificada em seu castelo de Berghof por causa de sua idade.

Hitler ordenou que Bormann registrasse todas as reuniões estratégicas em atas estenografadas. Como não confiasse mais em seus generais, queria que cada palavra ficasse registrada. Para executar esse serviço, foram contratados estenógrafos e secretárias que antes tinham lavrado as atas nas sessões do Reichstag, no gabinete ministerial ou na Chancelaria do Partido Nacional-Socialista. Na presença de Bormann, tinham de jurar manter sigilo total sobre o conteúdo das atas por eles escritas.¹⁴

Sempre havia dois estenógrafos de plantão que anotavam cada palavra de Hitler e de todos os outros participantes. Os estenógrafos e secretárias ficaram abrigados em uma casa especial na área do QG, sempre vigiados por guardas. Ali, as atas eram transpostas em código cifrado e guardadas. Só quem tinha acesso eram Bormann, o coronel Scherff, do Estado-Maior, e os ajudantes de Hitler. Hitler temia que as atas pudessem ser desviadas ou modificadas.

Hitler promoveu seu ajudante de campo Schmundt a major-general e nomeou-o para chefiar o Departamento de Pessoal do Exército. Um belo dia em setembro, Schmundt adentra a sala de Linge com muito bom humor.

— Vamos beber — explicou. — Preciso comemorar. Acabo de receber do *Führer* a Condecoração Dourada do Partido.

Para Schmundt, que não era filiado a nenhum partido, esta de fato era uma grande prova de confiança, pois só quem recebia a condecoração eram os antigos nazistas que estavam juntos desde o dia da fundação do partido, em 24 de fevereiro de 1920. Ao elevar a taça para fazer um brinde, Schmundt disse:

— Ser o chefe do Departamento de Pessoal do Exército não é nada fácil. O *Führer* quer que os postos mais elevados do comando sejam ocupados por pessoas que, em primeiro lugar, lhe sejam leais, em segundo, tenham bastante

flexibilidade para concordar com seus planos e idéias geniais, e, em terceiro, que não mostrem piedade na guerra. Vou conseguir isso. Já encontramos um bom substituto para Halder. O *Führer* sempre disse que Halder era um professorzinho provinciano fraco. Até ele conseguir proferir uma palavra, a situação no *front* já mudou novamente. O general Zeitzler, que até agora ocupou o cargo de chefe do Estado-Maior com os marechais-de-campo von Kleist e von Rundstedt, estará aqui dentro de alguns dias. Eis um homem que agrada ao *Führer*. Ele é bem vivaz. Além disso, conhece Sepp Dietrich. Tenho certeza de que o *Führer* vai se dar bem com ele. Os generais traíram o *Führer*. Não foram capazes de concretizar seus planos no *front*. O *Führer* diz que só agora entende Frederico, o Grande. Quando este se sentiu traído na Guerra dos Sete Anos, se retraiu da companhia de seus generais e do irmão, o príncipe Henrique, e passou a viver apenas com os seus cães.

Schmundt bebera demais. Passava muito da meia-noite. Ele começou a cantarolar a canção militar “Es reiten die blauen Dragoner”. Linge fechou bem a porta de seu quarto para que Hitler não fosse acordado. Uma canção emendou na outra. Já de madrugada, de brincadeira, Schmoldt pregou a porta do quarto de Schaub, contíguo ao quarto de Linge. Este continuava enchendo a cara no cassino com o fotógrafo Hoffmann.



No início de outubro de 1942, Günsche apareceu no QG, vindo da França. Depois de ter terminado um curso em Bad Tölz em maio de 1942, ele voltou à Leibstandarte e foi integrado no comando como oficial para missões especiais. A Leibstandarte estava estacionada na Normandia, para onde fora transferida em junho de 1942, depois de lutar na frente leste. A idéia era revitalizá-la depois das pesadas perdas nas batalhas no rio Mius e no mar de Azov.

Günsche foi ao “QG do *Führer*” com a incumbência de apurar como estava o clima e descobrir quais eram os planos de Hitler para a Leibstandarte.

Günsche foi recebido por um Hitler muito pálido e com olheiras inchadas. Ele fez sinal para que Günsche se aproximasse, apertou rapidamente sua mão e perguntou-lhe qual era a situação da Leibstandarte. Günsche informou

que o ambiente pacífico na França tinha sido benéfico, e que a integração de novos recrutas estava transcorrendo sem maiores atritos. Que, portanto, a Leibstandarte estava novamente disposta a voltar a lutar.

Hitler sorriu.

Na costa do Atlântico, os efetivos eram muito fracos. A Muralha do Atlântico,¹⁵ cuja inexpugnabilidade era exageradamente propalada pela propaganda alemã, não fornecia nenhuma proteção real. Consistia em fortificações leves de campanha, alguma artilharia de costa e um número limitado de abrigos para submarinos na altura de Saint-Nazaire e Lorient. Para despertar a impressão de que muitas tropas estavam concentradas na França ocidental ocupada, bandeiras foram içadas em locais visíveis. A idéia era fazer crer que ali havia numerosos efetivos, os quais em verdade nem existiam.

Para a mesma finalidade, a Leibstandarte promovia regularmente desfiles militares em Paris com novos tanques, soldadesca e equipamento completo. As colunas que marchavam eram bem esticadas, para causar a impressão de uma tropa imensa. Os tanques percorriam em alta velocidade a avenida dos Champs-Élysées até o Arco do Triunfo, onde o marechal-de-campo von Rundstedt, o comandante supremo do Exército Ocidental, passava em revista o desfile da Leibstandarte. Os fotógrafos e repórteres precisavam dessas manobras propagandísticas para demonstrar a força das tropas alemãs no *front* ocidental nos cinemas e na imprensa.

Conversando com Günsche, Hitler explicou ter assumido o risco de um enfraquecimento da frente ocidental para poder desferir golpes mais fortes na frente leste. Afinal, já era outono, o mar estava agitado, com muitas tempestades. Os ingleses tinham perdido a oportunidade e não poderiam mais efetuar operações de desembarque até a primavera. Hitler disse que não hesitaria em jogar todos os efetivos de que dispunha, incluindo a Leibstandarte, do ocidente para a frente leste. Stalingrado tinha que cair, e ia cair. Hitler disse a Günsche que os acontecimentos na Rússia seriam decisivos para o rumo que a guerra ia tomar. E que a guerra terminaria com uma vitória da Alemanha.

Ao despedir-se, Hitler mandou que Günsche informasse o comandante da Leibstandarte, Sepp Dietrich, para começar imediatamente com os preparativos para a transferência das tropas para o *front* oriental. Nesse encontro, Hitler

tratou Günsche muito friamente e causou a impressão de um homem profundamente amargurado.

Todos à volta de Hitler evitavam dar de cara com o *Führer*.

— Como está ele hoje? — perguntavam as sentinelas da SS, na casa de Hitler, na hora da troca da guarda.

Quando as tropas russas passaram a ficar cada vez mais ativas, em novembro de 1942, Hitler começou a se sentir inseguro em Winniza e mandou transferir seu QG de volta para Rastenburg.¹⁶

No dia 8 de novembro, ele voou para Munique, a fim de comemorar o dia do *putsch* nacional-socialista. Na cervejaria Bürgerbräukeller, onde, como sempre, os participantes do *putsch* se reuniram, Hitler declarou solenemente em seu discurso:

— Solo que foi alguma vez pisado por algum soldado alemão eu não devolvo nunca mais!¹⁷

De Munique, Hitler voltou para o abrigo “Toca do Lobo”.



Normandia, início de janeiro de 1943. As unidades da Leibstandarte avançavam para a frente leste, junto com outras divisões alemãs da França. Hitler concretizara rapidamente a intenção comunicada a Günsche em outubro de 1942. Na França, a Leibstandarte fora reestruturada e transformada em uma poderosa Divisão Panzer de vinte mil homens e duzentos tanques blindados. O grosso da divisão foi jogado para o *front* oriental em transportes rápidos. No início de janeiro, apenas algumas divisões e unidades menores aguardavam a transferência. Por aqueles dias, o comandante da divisão, Sepp Dietrich, mandou chamar Günsche. Dietrich, que tratava todos seus homens da SS por “você”, disse a Günsche:

— Günsche, você vai nos deixar. Você recebeu ordens de apresentar-se ao *Führer*.

Günsche mostrou-se surpreso com essa ordem inesperada. Sepp Dietrich bateu nos seus ombros e disse:

— Faça bem sua missão. Proteja o *Führer*.

No dia 12 de janeiro de 1943, Günsche chegou ao QG “Toca do Lobo”. Schaub levou-o imediatamente até Hitler. No caminho, disse com expressão azeda:

— Maus tempos, meu caro. Já desistimos há muito tempo da idéia de uma *blitzkrieg* contra a Rússia. Todos observam Stalingrado com preocupação.

Hitler recebeu Günsche no barraco de reuniões, que tinha uma área de aproximadamente 105 metros quadrados. Numa das paredes havia várias janelas. Ali ficava uma comprida mesa com os mapas. Entre as janelas havia telefones, sempre com um jogo de fone adicional. Além da mesa de trabalho de Hitler, havia uma mesa redonda junto à lareira e dois cofres — um deles embutido na parede, outro não.

As paredes eram cobertas com grandes mapas topográficos.

Hitler estava com Bormann junto à mesa redonda perto da lareira. Com ele estava o pastor alemão Blondi, que rosnou baixinho e mostrou os dentes quando Günsche entrou.

Hitler examinou Günsche, parado na porta, de alto a baixo.

Hitler mudara muito nos últimos três meses, desde que Günsche o vira em Winniza. Parecia um homem gravemente doente. Seu rosto estava cinzento, encovado, as olheiras inchadas. Com a expressão fechada, Hitler mandou que Günsche se aproximasse. Esticou-lhe a mão e disse, com voz estranhamente baixa:

— Günsche, a partir de hoje o senhor é meu ajudante pessoal. Eu o escolhi, porque não quero gente nova à minha volta. Amanhã falaremos das suas tarefas. Bormann e Schaub lhe dirão todo o resto.

Günsche respondeu:

— *Mein Führer!* Eu provarei que sou digno da sua confiança!

Na ante-sala, Günsche topou com Schaub, que já aguardava por ele. Quando Schaub deu os parabéns a Günsche, fê-lo com expressão preocupada. No QG, todos diziam que bastava olhar para o rosto de Schaub para descobrir o humor de Hitler. Por essa razão, seu apelido era “barômetro de Hitler”. Quando Günsche perguntou-lhe se Hitler estava doente, Schaub negou. Ele estava deprimido desde que a situação de Stalingrado piorara.

Schaub mostrou o QG a Günsche e apresentou-o aos outros funcionários.

Ao lado do *bunker* do *Führer*, no núcleo do QG, ficava ainda o *bunker* de Bormann, onde moravam ainda seu assessor e quatro secretárias. Ali também ficavam os equipamentos telegráficos. Como explicou Schaub, Bormann ficava ligado em linha direta com todos os *gauleiters* da Alemanha, bem como com as sedes do Partido em Berlim e Munique. Ao lado do *bunker* de Bormann ficava a casa do serviço secreto estenográfico. Com expressão de conspirador, Schaub informou que cada palavra das reuniões de estratégia era registrada pelos estenógrafos.

— O *Führer* não confia mais nos generais — explicou Schaub. — Ele quer tudo preto no branco. Você terá muito trabalho com estes estenogramas, pois faz parte de suas tarefas rever as atas de todas as reuniões.

Nos *bunkers* vizinhos ficavam Keitel e Jodl com seus comandos; o chefe de imprensa do Reich, Dietrich; o homem de ligação de Göring com o QG, general Bodenschatz; o representante de Ribbentrop, Hewel; o oficial de ligação do alto-comando da Marinha de Guerra, almirante Krancke; o homem de ligação de Himmler, o SS-*Obergruppenführer* Wolff; além de Morell, Hoffmann e Scherff. O cirurgião de Hitler de longos anos, Brandt,¹⁸ se alojava no *bunker* junto com os assessores. As secretárias Schroeder, Wolf e Junge ficavam na casa de hóspedes.

Além do *bunker* para a guarda pessoal de Hitler e o serviço de segurança, havia na área central (denominada *Sperrkreis I*) dois cassinos, a casa de chá, o cinema, a sala de banho e as garagens.

Na área do QG que ficava em torno desse núcleo central (*Sperrkreis II*) ficavam o comandante, o batalhão de acompanhamento do *Führer*, a administração e a nova estação ferroviária, onde ficavam três trens — para Hitler, Keitel e Warlimont com a equipe do departamento de operações da Wehrmacht.

O grupo de quartéis para o alto-comando do Exército e do chefe do Estado-Maior, coronel-general Zeitzler, ficava aproximadamente vinte quilômetros a sudeste do abrigo “Toca do Lobo”, na floresta de Lötzen.

Göring instalara-se num antigo castelo de caça do imperador Guilherme II em Rominten, perto da fronteira entre a Alemanha e a Rússia, a duas horas de carro do QG “Toca do Lobo”. Quando vinha até o abrigo “Toca do Lobo”,

Göring pernoitava em um grande *bunker* instalado especialmente para ele na área central, denominada *Sperrkreis I*.

O QG de Himmler ficava em Angerburg. De lá até a “Toca do Lobo” eram 45 minutos de carro. Ele chamava isso de “Comando do *Reichsführer SS*”.

Ribbentrop ficava com um pequeno grupo em um sítio rural a leste de Rastenburg, uma hora e meia do abrigo “Toca do Lobo”.

O grão-almirante Dönitz ficava em Berlim.

No dia seguinte, 13 de janeiro de 1943, por volta de uma da tarde, poucos minutos antes do início da reunião de estratégia, Hitler saiu de seus aposentos em companhia de Günsche, seu ajudante da Waffen-SS, para a sala de reunião. Sua cadela Blondi estava com ele. Ao chegar ao salão, Hitler disse:

— Então, Günsche, às suas tarefas! Durante a reunião, o senhor fica a meu lado esquerdo. Preste bastante atenção em tudo o que é dito. Tenho meus motivos para estar desconfiado. Não se deixe influenciar por ninguém. O senhor precisa estar informado com todos os detalhes sobre a posição das divisões da SS. Mas leve em conta apenas as notícias procedentes de seus comandos.

Em seguida, Linge entrou e informou:

— *Mein Führer!* Todos os senhores já estão reunidos.

Hitler assentiu. Alguns segundos mais tarde, entraram os representantes da liderança militar: Keitel, Jodl, Zeitzler, Warlimont, Buhle, Jeschonnek, Bodenschatz, Krancke, Christian, o enviado Hewel, o historiador militar Scherff, bem como os assessores militares de Hitler: Schmudt, von Below, Engel e von Puttkamer.

Göring não participara de nenhuma das reuniões de estratégia no QG de Hitler das últimas semanas de batalhas em Stalingrado. Depois de ter prometido solenemente a Hitler assegurar o abastecimento do exército de Paulus encurralado em Stalingrado com a sua Luftwaffe, Hitler não o viu mais.¹⁹ Göring achou por bem esperar as nuvens ameaçadoras se dissiparem e preferiu ir à caça em seu castelo de Rominten.²⁰

Hitler só apertou a mão de Zeitzler. Os outros não mereceram nem um olhar, nem mesmo Keitel. Os assessores de Hitler desdobraram três grandes mapas na mesa, trazidos pelo comandante do Exército, o chefe do Estado-Maior geral Zeitzler. Ali estavam marcadas as posições das divisões sul, centro e norte

do Exército no *front* oriental. Um outro mapa especial mostrava as posições do 6º Exército encurralado em Stalingrado. Hitler colocou os óculos e curvou-se sobre os mapas.

Zeitzler começou a apresentar a situação de Stalingrado com seus típicos gestos rápidos. Ao apontar para os locais onde as tropas russas haviam rompido as posições alemãs, ele disse que a situação do 6º Exército tinha piorado muito. Informou que Paulus fora obrigado a recuar e que os ataques russos continuavam implacavelmente. Que havia mais de seis mil feridos no 6º Exército. Que a munição e as provisões de alimentos estavam no fim. Que Paulus reivindicava com urgência o prometido abastecimento via Luftwaffe, mas que os aviões só conseguiam romper o bloqueio de fora dos russos com muita dificuldade.²¹ Quando o chefe do comando da Luftwaffe, coronel Christian, viu a expressão de Hitler se fechando, corrigiu Zeitzler com a observação de que o abastecimento via aérea estava sendo dificultado pelas más condições meteorológicas.

Zeitzler continuou com sua apresentação. Informou que Paulus pedia permissão ao *Führer* para fugir do cerco russo com as unidades ainda aptas a lutar. Quando ouviu essas palavras, Hitler ficou vermelho de ira. Keitel fez um sinal para que Zeitzler silenciasse. Mas já era tarde. Hitler jogou seus óculos sobre a mesa, o que, em seu caso, costumava ser o prenúncio de um acesso de fúria, e berrou:

— Que Paulus nem ouse dizer isso! Ele não pode mesmo sair de lá. Recuso o seu pedido!

Hitler estava fora de si. Com a respiração pesada, prosseguiu:

— Manstein pode não ter conseguido passar. Mas isso não significa que Stalingrado já deva ser abandonada. As divisões do *front* ocidental já chegaram. Com elas, atacarei Stalingrado!

Silêncio mortal na sala de reuniões. Todos os presentes temem irritar o irado Hitler ainda mais com uma palavra impensada. Finalmente, Keitel decide romper o silêncio. Ele aponta para o mapa e diz, em voz alta, respondendo ao tom de Hitler:

— *Ja, mein Führer!* Precisamos segurar as posições em Stalingrado. Na Primeira Guerra Mundial, enfrentamos dificuldades muito piores.

A fúria de Hitler dissipou-se lentamente.

Ele mandou que Zeitzler informasse Paulus por telegrama de que sua decisão era imutável e que Stalingrado tinha que ser mantida, custasse o que custasse. Que Milch e Hube foram enviados para Rostov, de onde garantiriam o abastecimento do exército via aérea. Que Paulus não desanimasse. Que ele, Hitler, e todo o povo alemão estavam acompanhando com orgulho a luta heróica do exército de Paulus.

Depois da apresentação de Zeitzler, era a vez do chefe de operações da Wehrmacht, Jodl.

Enfaticamente calmo, ele espalhou alguns mapas do *front* ocidental na mesa. Não tinha quase nada a relatar sobre o palco ocidental da guerra. Como os anglo-americanos se mantinham passivos na luta contra a Alemanha, o *front* ocidental, naquele momento, era um local onde as divisões abaladas na Rússia podiam se recuperar e se reestruturar.

Jodl falava pausadamente e em voz baixa sobre a situação na França, na Noruega e nos Bálcãs. Era visível que ele pesava cada palavra para não atizar novamente a ira de Hitler.

Nas reuniões de estratégia seguintes, Zeitzler informava que a situação do 6º Exército em Stalingrado só piorava. Em todos os seus telegramas, Paulus repetia sempre o mesmo: a situação totalmente desesperadora e sem esperança das unidades encurraladas, dez mil feridos, o desabastecimento total e os ataques inclementes dos russos. De Rostov, Milch e Hube informavam que os aviões-caças e a defesa antiaérea dos russos impossibilitavam o lançamento de munição e alimentos na região de Stalingrado. Em seus relatórios, diziam:

— A defesa antiaérea colocou uma cortina de fogo inexpugnável sobre Stalingrado. Todos os nossos aviões estão sendo destruídos. Não passaremos.

Mas Hitler permaneceu irredutível.

Depois dos telegramas de Paulus seguiu-se outro, do comandante do 51º Corpo de Exército do 6º Exército, general von Seydlitz. Ele telegrafou dizendo que, na situação em que se encontrava, não podia mais assumir responsabilidade pela sua divisão. Hitler espumava:

— Recusar responsabilidade é covardia! Não abrirei mão voluntariamente de Stalingrado. Mesmo que o 6º Exército se afunde todo!²²

O dia 30 de janeiro de 1943 marcava a primeira década desde a tomada do poder por Hitler. Nesse dia, Hitler estava particularmente pálido. Não tinha fechado os olhos nem um minuto. Antes da reunião de estratégia, Morell injetou-lhe uma dose maior de estimulante. Os participantes cativos da reunião estavam reunidos na sala. Keitel proferiu um breve discurso. Disse:

— Hoje, no décimo aniversário de sua tomada do poder, *mein Führer*, nós e todo o Exército estamos a seu lado e pensamos nas grandes vitórias para as quais o senhor nos conduziu e continuará conduzindo. Nestes tempos difíceis, *mein Führer*, queremos prosseguir a luta sob a sua liderança genial até a vitória final.

Emocionado, Hitler apertou a mão de Keitel. Desde a demissão de Halder no outono do ano anterior, era a primeira vez que isso estava acontecendo.

No dia 1º de fevereiro, por volta das 22h, Zeitzler ligou para Hitler. Acompanhado de Schmundt e Günsche, Hitler rumou para a sala de reuniões e atendeu ao telefone. Ele caminhou arrastando os pés e jogou-se cansado em uma poltrona junto à mesa. Ali estava aberto o mapa de Stalingrado. Hitler lançou um olhar furioso para o mapa e jogou-o ao chão com um movimento brusco. Günsche passou-lhe o telefone e pegou o fone de ouvido para acompanhar a conversa com Zeitzler. Monossilábico, este informou que os russos estavam apertando cada vez mais o cerco em Stalingrado por todos os lados e que Paulus dificilmente passaria daquela noite.²³

Hitler perguntou onde estava Paulus. Zeitzler respondeu não saber direito, acreditando que ele estava em seu comando. Zeitzler ainda informou Hitler sobre um telegrama em que Strecker, o comandante do 11º Corpo de Exército, dizia que, se os russos aparecessem, os alemães preferiam se auto-explodir.²⁴

— Obrigado — respondeu Hitler, pôs o telefone no gancho e mandou Schmundt informar imediatamente que Paulus fora promovido a marechal-de-campo.²⁵

Com passos arrastados, Hitler deixou a sala acompanhado de Blondi e disse a Linge, que o aguardava no corredor:

— Quero que Hoffmann venha me fazer companhia.

Quando Hoffmann chegou ao *bunker*, foi primeiro falar com Linge. Estava bem alegre, apesar de Hitler ter vetado o consumo de álcool no QG por 15

dias, diante da evolução trágica em Stalingrado. Hoffmann tinha sua própria reserva de champanhe e, por isso, podia facilmente desobedecer ao veto. Ele disse a Linge que ia fazer uma brincadeira e pediu que lhe servisse suco de maçã com água mineral diante de Hitler em uma taça de champanhe. Quando Linge serviu o chá de Hitler, mandou que o ordenança servisse o “champanhe” a Hoffmann. Hitler olhou para a taça e lançou um olhar furioso para Linge. Rapidamente, Hoffmann apressou-se em explicar a Hitler que se tratava apenas de uma brincadeira. O rosto de Hitler desanuviou-se. Junto com Hoffmann, ele riu da brincadeira. Hoffmann aproveitou-se daquele momento de bom humor e pediu que Hitler lhe cedesse mão-de-obra para o seu sítio. Que oportunista!, pensou Linge com os seus botões, ao deixar a sala.

Em 2 de fevereiro, às quatro da manhã, tocou a campainha do dormitório de Hitler. Linge vestiu o robe e bateu à porta. Escutou a voz de baixo de Hitler:

— Linge, descubra junto ao Departamento de Imprensa se o comunicado da promoção de Paulus a marechal-de-campo já foi divulgado. Caso contrário, que esta notícia não saia daqui.

Linge ligou para o vice-chefe de Imprensa do Reich, Lorenz. A resposta era a de que a informação já tinha sido divulgada e não podia mais ser retida.²⁶ Linge informou Hitler. Este disse, com um tom de voz descontente:

— Obrigado. — E acrescentou: — Se houver novas informações, passe imediatamente para mim. Não consigo dormir mesmo.

Por volta das seis da manhã, o primeiro-sargento Dänicke, escrivão de Jodl, entregou a Linge dois telegramas não-codificados de Stalingrado. O primeiro dizia: “O inimigo está diante das nossas posições. Desistimos da luta.” E o segundo: “Os russos chegaram. Destruiremos tudo.”²⁷

Linge depositou os dois telegramas, últimos sinais de vida do exército de Paulus, diante da porta de Hitler e o avisou. Quinze minutos depois, Hitler sai do quarto de sobretudo militar com gola levantada, pálido, encurvado e de olhos inchados. Deprimido, ele diz a Linge:

— Quero levar Blondi para passear, depois voltarei a deitar-me. Descubra se a reunião de estratégia hoje pode começar um pouco mais cedo. Me chame uma hora antes do início da reunião.

A reunião foi marcada para as 11h30. Quando Hitler entrou na sala, os participantes o cumprimentaram em silêncio, com o braço levantado na saudação nazista.

Na sala, um silêncio mortal. Hitler vai até a mesa, dá uma olhada muito rápida nos mapas ali abertos e desaba numa poltrona. Pede aos presentes que o deixem a sós com Keitel, Jodl e Zeitzler.

— Alguma notícia de Paulus, Zeitzler? — pergunta Hitler.

— Não, nenhuma — responde Zeitzler.

Hitler exclama com um fiapo de voz:

— Esta noite tive uma premonição de que os russos tinham prendido Paulus. Por isso, pedi que não divulgassem para a imprensa a notícia sobre sua promoção a marechal-de-campo. O povo alemão não deve saber que o marechal-de-campo alemão caiu nas mãos dos russos como prisioneiro. É preciso apresentar a batalha e a derrota do 6º Exército de tal maneira que os generais lutaram lado a lado com os soldados nas trincheiras com a arma na mão e morreram em batalha. Preciso de um milhão de novos soldados.

Com essas palavras, Hitler levanta-se. Lentamente, perambula pela sala. Em seguida, aproxima-se novamente da mesa e pergunta:

— Há alguma outra notícia de Stalingrado além dos telegramas da manhã de hoje? O que informam os russos?

— Não, *mein Führer*, nada — responde Zeitzler —, mas a situação das nossas tropas em Kharkov e no rio Don inferior ficou muito crítica.

Acompanhado de Günsche, Hitler arrasta-se para fora da sala.

Fevereiro — Verão 1943

O aniquilamento do exército alemão em Stalingrado teve conseqüências terríveis para Hitler. Ele começou a não conseguir mais viver sem as injeções de drogas estimulantes aplicadas pelo seu médico particular, Morell. De dois em dois dias, depois do café da manhã, recebia uma dessas injeções. Começou a ter ataques de gastrite. Como Hitler tinha fortes dores, teve de ficar acamado durante muitos dias. Linge, que lhe administrava o ópio prescrito por Morell, via como ele se contorcia de dor.¹

Os acessos de irritabilidade nervosa tornaram-se mais freqüentes. Ora Hitler tinha a sensação de que o colarinho da camisa estava muito apertado, atrapalhando a circulação sangüínea, ora reclamava de que suas calças eram muito compridas. Queixou-se de coceira. Passou a desconfiar da presença de veneno em tudo — na água da pia do banheiro, no sabonete, no creme de barbear, na pasta de dentes. Exigia análises laboratoriais até mesmo da água usada para cozinhar suas refeições. Hitler roía as unhas, coçava as orelhas e a nuca até sair sangue.

Como sofria de insônia, passou a tomar todos os soníferos que existiam. Sua cama era aquecida com sacos de água morna e almofadas tépidas. Sentia falta de ar. Por isso, exigiu uma bomba de oxigênio no quarto de dormir, à qual recorria freqüentemente.

Hitler mandou que a temperatura em seus cômodos fosse constantemente mantida em 12 graus. Estava convicto de que as temperaturas baixas estimulavam o seu ânimo. Os participantes de suas reuniões de estratégia muitas vezes deixavam o recinto por causa do frio exagerado para irem aquecer-se em outro lugar.

Quase não deixava mais o *bunker*. Só de manhã, antes do café, saía durante dez minutos para passear com sua pastora alemã Blondi. Ela não saía do seu lado. O animal enorme, adestrado, só obedecia a ele, rosnando para os demais. Blondi protegia Hitler dia e noite, e ficava a seus pés até mesmo durante as reuniões.

Depois do almoço, Hitler deitava-se vestido e ficava na cama até a noite. Só depois ia para a reunião da noite, que começava todos os dias às 21 horas. Quando a reunião terminava, continuava no recinto, brincando de bola com a cachorra. Achava engraçado quando a cachorra ficava em pé nas patas traseiras como um coelho e lhe devolvia a bola com as patas dianteiras. Hitler mandava:

— Vamos, Blondi, faz pose de coelho!

À meia-noite, Hitler pedia que Linge colocasse discos com música solene, assim como fizera no QG “*Wehrwolf*” em Winniza, quando começou a distanciar-se de seus generais.

Göring não tinha nenhum escrúpulo em aproveitar-se do estado de Hitler. Passou a visitá-lo diariamente. Com esta tática, tentava marcar uma posição especial junto a Hitler. Hitler, por sua vez, que não gostava dos generais, buscava a proximidade de Göring.

Já no café da manhã, dizia a Linge:

— Hoje vou almoçar com o marechal do Reich. Que tal preparar um cardápio especial para ele? Algo como frango assado, seu prato preferido, e panquecas de maçã para a sobremesa.

Nessa época, Hitler também reaproximou-se de Eva Braun, que dividia seu tempo entre Munique e o castelo de Hitler em Berghof, em Obersalzberg. Nos meses anteriores, eles tinham-se correspondido raramente. Mas agora Hitler voltou a ligar para ela todos os dias.

Algumas semanas se passaram depois da derrota de Stalingrado até Hitler voltar a passar o tempo em companhia de suas secretárias, de Bormann,

Hoffmann, Morell e dos ajudantes. Ele comentou com Linge que a sua companhia o distraía dos fracassos na frente russa e lhe acalmava os nervos.



A situação na região do Don inferior deteriorou-se. As cidades de Kursk, Kharkov e Rostov estavam ameaçadas. A situação em Kuban era extremamente crítica. As tropas alemãs no Cáucaso estavam correndo risco de corte total de suprimentos, relatou Zeitzler nas reuniões de estratégia de Hitler na primeira metade de fevereiro de 1943. Nos mapas militares trazidos por ele, as regiões onde as tropas russas atacavam estavam marcadas com setas vermelhas.²

Keitel, Jodl, Warlimont, Buhle, Scherff, Schmundt e Günsche, que ficavam em volta da mesa durante a apresentação de Zeitzler, curvaram-se sobre os mapas para enxergar melhor. Quase não dava mais para ver a linha do *front* alemão — as posições alemãs estavam assinaladas com círculos ou tinham cunhas abertas com as posições do adversário. Em alguns trechos, os russos já tinham furado o cerco.

Hitler estava sentado à mesa, o rosto voltado para a janela, e parecia extremamente exausto. Antes de Stalingrado, ele ficava de pé durante as reuniões. Agora estava com dores nas costas e nas pernas. Hitler interrompeu Zeitzler e disse, com voz cansada:

— Isso não pode continuar assim. O carvão de Donetsk é vital para a nossa indústria. Não! Temos de manter as posições! Meus generais precisam compreender isso.

Ele passou a mão direita pelo mapa e apontou para um ponto ao sul de Kharkov, onde já havia tanques russos preparados. Ele ficou surpreso com a rapidez do avanço russo.

— De Stalingrado até este ponto são quase 500 quilômetros — disse Hitler.

— Qual é a origem da força dos russos? Segundo as minhas contas, eles já deviam estar sem oxigênio. Não consigo entender isso.

Hitler balançou a cabeça e emudeceu. Subitamente, seu rosto ficou vermelho e ele gritou:

— Esses generais! Se ao menos explodissem tudo ao recuar! Tenho a impressão de que eles saem correndo sem olhar para trás, deixando muita

coisa intacta para os russos. Exijo que tudo seja destruído e queimado. Casa por casa!³

Zeitler tentou acalmá-lo, ressaltando que já havia ordens para destruir tudo na retirada, e que essas ordens estavam sendo seguidas à risca. Depois desse acesso, Hitler voltou a fixar algum ponto perdido no espaço, com expressão apavorada. No final da reunião, disse achar necessário ir pessoalmente até a frente para encontrar-se com o comandante supremo do Grupo Sul do Exército, o marechal-de-campo von Weichs. Ainda naquela mesma tarde, Hitler mandou que seu piloto Baur aprontasse um avião para voar até Saporoschje, onde ficava o Estado-Maior de Weichs.

No dia 10 de fevereiro, pela manhã, Hitler voou no seu avião Condor até Saporoschje, escoltado por uma esquadrilha de caças.⁴ Foi acompanhado de Jodl, Buhle, seus ajudantes, bem como Morell e Linge. Levou ainda a secretária Schroeder e dois estenógrafos, os quais deveriam redigir as atas das reuniões de Saporoschje.

Em Saporoschje, Hitler instalou-se com seus colaboradores na antiga casa dos aviadores russos, onde ficava o comando de Weichs. Mas, já um dia depois de sua chegada, teve de deixar a cidade às pressas.

Por volta das 11 da manhã, Hitler estava recebendo o engenheiro Brugmann, que viera especialmente de Dniepropetrovsk, onde chefiava os trabalhos de recuperação da hidrelétrica no rio Dnieper. Brugmann era famoso na Alemanha por ter construído, em Nuremberg, a sede para os congressos do Partido Nacional-Socialista. Em Dniepropetrovsk, ele ocupava o cargo chamado de “*O-T-Führer*”, líder da Organização Todt⁵ na região. Hitler ordenou a Brugmann que destrísse a hidrelétrica, caso os alemães tivessem de abandoná-la.

Depois, Hitler reuniu-se com Weichs.⁶ Pouco depois, o ajudante Below irrompeu agitado no gabinete de trabalho de Hitler, onde estava Linge.

— Precisamos fazer as malas urgentemente — disse ele. — Tanques russos apareceram no aeroporto de Saporoschje. Precisamos correr!⁷

Febrilmente, Linge juntou tudo o que era necessário levar. Hitler também veio. Estava muito nervoso e deixou a critério de Linge o que deviam levar. Quando as malas já estavam sendo carregadas até o carro, Below infor-

mou Hitler de que os tanques russos não tinham chegado ao aeroporto onde estavam os aviões de Hitler, e sim até um outro, mais a leste de Saporoschje, e que já tinham sido postos para correr. Hitler respirou aliviado. Mandou chamar o marechal-de-campo Weichs e o general von Richthofen, comandante da Luftwaffe naquele trecho da frente. Às pressas, e já meio de saída, ainda condecorou Weichs com a folha de carvalho para a Cruz de Cavaleiro,⁸ promoveu von Richthofen a marechal-de-campo⁹ e... partiu. Não houve mais reunião.

A caminho do aeroporto, Hitler passou por filas de cidadãos russos pacíficos, que consertavam as ruas e eram supervisionados por inspetores alemães. Malicioso, Hitler disse:

— Os eslavos, esses robôs, foram feitos exatamente para isso! Caso contrário, nem mereceriam viver.

De Saporoschje, Hitler voou até seu QG “Wehrwolf” em Winniza. Mandou convocar o general Stahel. Este se notabilizara pela defesa de “trechos difíceis no *front*” que, segundo ordens de Hitler, deveriam ser mantidos até o último homem. Além disso, era conhecido pela forma inclemente como tratava a população russa.

Below e Günsche estavam presentes ao encontro com Stahel. Hitler nomeou Stahel comandante da fortaleza de Saporoschje. Ele ordenou:

— Voe imediatamente até lá! É preciso segurar a posição de Saporoschje! Mande todos os soldados para as posições de fogo! Reúna toda a população russa e obrigue-a a construir fortificações até o sangue sair espiçando de suas mãos!

— Quais são as minhas procurações? — perguntou Stahel.

— Todas — respondeu Hitler. — Faça o que quiser. Sem sentimentalismos!



Na segunda metade de fevereiro de 1943, o marechal-de-campo Rommel voltou da frente africana para o QG “Wehrwolf”. Em 1939, durante a guerra teuto-polonesa, Rommel fora o comandante do QG de Hitler. Na Campanha da França, em 1940, comandara uma Divisão Panzer, que foi a primeira a al-

cançar a costa do Atlântico. Então foi nomeado comandante do Afrika Korps. Rommel era o general alemão mais popular, e Hitler o estimava bastante.¹⁰

Quando Rommel chegou ao QG “Wehrwolf”, sua missão na África estava terminada. Sua divisão precisou recuar, porque as reservas de efetivos prometidas por Hitler não chegaram, por terem sido jogadas para a frente leste. Na África, restou para os alemães apenas um ponto fortificado em um subúrbio de Túnis, defendido pelo sucessor de Rommel, general Mackensen.

Hitler recebeu Rommel com muita amabilidade e concedeu-lhe a condecoração máxima, a folha de carvalho para a Cruz de Ferro. Rommel estava muito deprimido. Explicou a Hitler que poderia ter avançado até Alexandria, se o *Führer* lhe tivesse mandado o prometido reforço. Ressaltou ainda que não se podia confiar nas tropas italianas. Segundo suas palavras, todos tinham fugido como um bando de coelhos.

Hitler retrucou a Rommel não ter tido opção e disse que Rommel certamente compreenderia que não se podia avançar no teatro de guerra africano de segunda classe quando se corria o risco de perder a guerra na Rússia.

— Tive de reunir todas as forças para fechar a cunha aberta em Stalingrado — explicou Hitler.

Hitler disse ainda que estava muito preocupado com o oeste. Caso se abrisse uma segunda frente ali, as conseqüências para o *front* oriental seriam desastrosas.

— Um desembarque na França seria uma catástrofe para a Alemanha — ressaltou. Explicou a Rommel que a Muralha Atlântica, muito mal fortificada, tinha de ser urgentemente reforçada. Que naquele momento só havia baterias pesadas com artilharia de alto desempenho na costa francesa na área de Pas-de-Calais e do cabo Gris-Nez, e que, de resto, a chamada Muralha Atlântica consistia apenas em algumas fortificações normais, reforçadas em alguns trechos por campos minados. Hitler disse a Rommel que a artilharia da costa consistia principalmente em equipamentos saqueados na guerra — canhões obsoletos franceses, poloneses, tchecos e belgas com limitadas reservas de munição. A costa, portanto, era fracamente fortificada. Quase não havia mais reservas, pois todas as divisões aptas a lutar já tinham sido jogadas para a frente leste. Hitler anunciou a Rommel que estava lhe passando a condução dos trabalhos para o reforço da Muralha Atlântica e o comando das tropas alemãs na França.

A medida da real significância da Muralha Atlântica é o fato de Rommel ter saído de férias logo depois de ser recebido por Hitler.



A situação na frente leste piorou dia após dia. Os golpes dos russos tornaram-se cada vez mais demolidores. Somente à custa de enormes perdas humanas e técnicas os alemães conseguiram resistir à pressão dos russos na região de Kharkov-Poltava, conseguindo estabilizar de alguma forma a frente alemã.

Quando as nuvens escuras no *front* já tinham melhorado um pouco, Göring também voltou a freqüentar o QG de Hitler em Winniza. Teatralmente, ele abraçou Zeitzler e exclamou:

— Zeitzler, é simplesmente um milagre você ter conseguido isso, estabilizando o *front*!¹¹

Zeitzler, a quem seus subordinados chamavam de “general Kugelblitz” por causa da sua corpulência, agilidade e careca brilhante, riu de uma orelha à outra com o elogio do marechal do Reich. O próprio Hitler animou-se um pouco e disse:

— Até há pouco eu acreditava que estava delirando quando escutava uma notícia boa.



Hitler resolveu aproveitar a calma temporária na frente de combates para viajar até Obersalzberg. Isso gerou grande alegria em seu comando, pois todos esperavam que seu estado melhorasse um pouco com a companhia de Eva Braun.

Nos primeiros dias de março, Hitler partiu de Winniza até a “Toca do Lobo”, para Rastenburg, onde ainda permaneceu alguns dias antes de partir para Obersalzberg.

Ali recebeu um relatório do inventor de um foguete teleguiado, von Braun. Mais tarde, esse foguete se tornaria conhecido pelo nome de V2. O relatório de von Braun era altamente sigiloso. Só Keitel, Jodl, Buhle, Schmudt, Günsche e os demais ajudantes puderam assistir à sua apresentação, na sala de cinema

da “Toca do Lobo”. O prédio estava rodeado de homens da SS, da guarda pessoal de Hitler. Braun ilustrou sua apresentação com diapositivos.¹² Estes mostravam um foguete imenso, capaz de subir até uma altitude de 80 quilômetros. O artefato, que levava uma tonelada de explosivos, voava com uma velocidade inacreditável até atingir um objetivo que podia estar entre duzentos e trezentos quilômetros do local da partida. A explosão era tão violenta que podia arrasar um bairro inteiro, destruindo toda a vida.

Durante a apresentação, Hitler aplaudia freneticamente e deleitava-se ao imaginar as cenas horríveis entre a população depois da detonação de um tal artefato. Ele ficou entusiasmado com a apresentação, concedeu imediatamente o título de professor a von Braun e prometeu visitar seus laboratórios em Peenemünde.

Nesses dias, Hitler mandou chamar Keitel e Himmler. Mandou mais uma vez que respeitassem integralmente a sua ordem de que tudo deveria ser destruído na retirada das tropas alemãs da Rússia Soviética. Hitler enfatizou que só se deveria deixar para as tropas russas terra arrasada e um deserto vazio de pessoas. Ele acreditava que assim poderia deter um ataque russo. Hitler falou sobre o reforço das represálias nos territórios russos ainda ocupados por alemães. Mandou Himmler utilizar mais caminhões fechados com câmaras de gás móveis para não gastar a munição de que as tropas necessitavam para matar russos.¹³

Apontando para um relatório do SS-*Gruppenführer* e chefe da polícia de Rostov, Hennicke, Himmler informou que o emprego de câmaras de gás móveis tinha sido bem-sucedido. Rindo cinicamente, Himmler disse que esse método para matar era mais “sutil” e “silencioso” do que o fuzilamento.

Hitler sempre demonstrara grande interesse pessoal pelo desenvolvimento de câmaras de gás. Ele estudava em detalhe os projetos que Himmler lhe apresentava. Deu ordens para que fosse concedido todo o apoio ao construtor das câmaras de gás, um engenheiro de Eisenach, e colocar à sua disposição os melhores técnicos. Em Kharkov, as câmaras de gás foram utilizadas pela primeira vez a mando de Hitler.¹⁴



Pouco antes da partida de Hitler de Obersalzberg, Göring apareceu com cara de luto. Ele vinha de seu comando em Rominten e informou Hitler de que o chefe do comando da Luftwaffe, o general Jeschonnek, morrera inesperadamente em decorrência de uma apendicite. Entre as pessoas ligadas a Hitler, ninguém acreditou nessa versão.¹⁵ Sabia-se que a relação entre Göring e Jeschonnek era tensa havia muito tempo. A razão era que Jeschonnek discordava das informações grandiloquentes que Göring fazia chegar a Hitler sobre o crescimento e a força da Luftwaffe. Jeschonnek argumentava que a prioridade da fabricação de bombardeiros em detrimento dos aviões-caças prejudicava o poder dos alemães nos ares. Além disso, apontou para deficiências de construção nos aviões fabricados em série. As desavenças entre Göring e Jeschonnek começaram quando Göring começou a usar qualquer ocasião para anunciar publicamente:

— Se um avião inimigo conseguir ultrapassar a fronteira alemã, eu me chamo Hermann Meier.*

E, de fato, Hermann Göring logo passaria a ser chamado de Hermann Meier pelo povo.

Hitler preferia relatórios no estilo de Göring aos de Jeschonnek. A pomposidade de Göring combinava mais com a perspectiva de Hitler, que já estava distante da realidade. Do alto de sua presunção doentia, Hitler não suportava quando alguém lhe dizia uma verdade que não se coadunava com o que ele pensava. Pouco depois, o motivo da morte de Jeschonnek estava claro. O ajudante de Hitler junto à Luftwaffe, Below, contou a seus colegas, em sigilo, que Jeschonnek tinha se suicidado em seu QG. Para camuflar o suicídio, o general foi enterrado com todas as honras militares. Na imprensa saíram obituários elogiosos.

O general da aviação Korten assumiu o cargo de comandante da Luftwaffe.

Pouco antes de Jeschonnek, o conhecido aviador general Udet cometera suicídio. Ele fora chefe do departamento técnico do Ministério da Aviação do Reich. Devia esse cargo a Göring, seu amigo pessoal. Udet bebia muito e estava sempre cheio de dívidas, que Göring saldava para ele.

*[Observação do revisor soviético:] Meier é um sobrenome comum na Alemanha.

Udet matou-se durante um vôo em que ele estava no manche.¹⁶ O avião espatifou-se no solo. A versão oficial era de que Udet tinha perdido a vida durante uma queda de avião. Hitler comentou com os seus ajudantes que a razão do suicídio de Udet tinham sido equívocos objetivos. Segundo as palavras de Hitler, Udet era o responsável pela opção errada de construção de aviões, pois ele teria forçado a construção de bombardeiros em lugar de outros tipos de avião, por achar que o futuro pertencia àqueles.

Mas os iniciados do QG de Hitler sabiam que a orientação errada dada à produção de aviões era em primeira linha de responsabilidade de Göring. O programa tinha sido elaborado segundo suas idéias e ordens, não segundo as de Udet. Quando o erro ficou evidente, Göring precisou de um bode expiatório. Os rumores indicavam que Göring usou as dívidas causadas levianamente por Udet e lhe recomendou que tirasse “as conseqüências”. Não foi difícil atribuir a Udet, morto, os erros que, na verdade, eram de Göring.



Depois de 10 de março de 1943, Hitler voltou para o seu castelo Berghof, em Obersalzberg, onde o aguardavam Eva Braun e seu grupo de amigas.¹⁷

Simultaneamente, o QG de Hitler e os comandos de Göring, Himmler e Ribbentrop foram transferidos para os arredores de Berchtesgaden/Salzburg/Bad Reichenhall. Keitel e Jodl instalaram-se com seus comandos na casa do chefe da Chancelaria do Reich, Lammers, entre Berchtesgaden e Bischofswiesen. Warlimont foi com o alto-comando da Wehrmacht para a caserna de Strub, perto de Berchtesgaden. Göring alojava-se ora em sua mansão no Obersalzberg, ora em seu castelo, próximo de Nuremberg. Seu novo chefe do comando, Korten, que sucedera Jeschonnek depois do suicídio deste, instalou-se com seu comando em um hotel de Berchtesgaden.

O “comando de campanha” de Himmler foi transferido para uma grande mansão perto de Salzburg. Ali também se instalaram Dönitz e Ribbentrop com seus comandos — Dönitz em uma mansão e Ribbentrop no castelo de Fuschl, que lhe pertencia.

A guerra passou a ser comandada a partir do castelo de Berghof, em Obersalzberg.



Eva Braun assumiu o papel de dona da casa no castelo. Mas só quem sabia disso era o grupo mais íntimo de Hitler. Tão logo aparecessem rostos estranhos no castelo, Eva Braun tinha ordens de Hitler para permanecer em seus aposentos. Depois de um incidente em Munique, Hitler aumentou ainda mais o véu de mistério que encobria seu relacionamento com ela. Mulheres desconhecidas de Munique haviam gritado improperios para Eva Braun certa noite diante de sua casa, xingando-a de “prostituta do *Führer*”. Ao saber disso, Hitler mandou reforçar a guarda policial diante de sua casa. Além disso, cuidou para que Eva Braun e suas amigas jamais encontrassem oficiais estranhos ao seu comando pessoal.

Hitler não queria perder a fama de “eremita” junto ao povo.

Os horrores da guerra pouco afetaram Eva Braun. Ela tinha suas próprias preocupações.

A cozinha do castelo de Berghof ocupava então trinta mulheres. Eva Braun queria outras dez funcionárias, mas não foi possível consegui-las, por causa da mobilização total para a guerra. Ela queixou-se a Hitler. Este ficou indignado e gritou furiosamente com Bormann:

— Estou mobilizando divisões inteiras! Deveria ser fácil conseguir algumas garotas para o meu Berghof! Organize isso!



No Obersalzberg, Hitler costumava levantar-se ao meio-dia. Primeiro, recebia sua injeção do Dr. Morell. Hitler tomava o café da manhã sozinho em seu gabinete de trabalho. Ali permanecia até o começo da reunião de estratégia militar.

Havia duas reuniões por dia — uma por volta das 13 horas ou 13h30, e outra às 22 horas. Pouco antes, chegavam os carros de Keitel, Jodl, Warlimont,

Korten e outros participantes de Berchtesgaden. Eles reuniam-se no grande saguão. Hitler era informado quando todos estavam presentes. Ele descia a escadaria e dirigia-se ao saguão, onde fazia a saudação fascista e cumprimentava um por um. Em seguida, tomava lugar numa poltrona à mesa. Na outra cabeceira ficavam os estenógrafos. Os restantes ficavam em pé ao redor da mesa. Geralmente, essas reuniões duravam cerca de duas horas. Na ausência de Zeitzler, o chefe da Divisão de Operações do comando do Exército, coronel Brandt, apresentava a situação na frente leste. Zeitzler geralmente permanecia em seu QG em Lötzen, na Prússia oriental, vindo apenas uma vez por semana para Obersalzberg.

O almoço era servido depois que os participantes da reunião da tarde tinham partido do castelo. Hitler geralmente ficava no saguão, conversando com seus ajudantes ou lendo as últimas informações da Agência Alemã de Notícias.

Todos os moradores do castelo reuniam-se para o almoço: o Dr. Morell com a esposa, o cirurgião Brandt com a esposa, Hoffmann, Dietrich, Hewel, Lorenz, o repórter cinematográfico do QG, Frentz, as secretárias de Hitler e seus ajudantes com suas mulheres. Vinham ainda para o almoço Bormann com sua mulher, bem como as esposas de Dietrich e Speer.

Quando todos estavam reunidos, Hitler era avisado. Então, juntava-se aos demais. Beijava as mãos das senhoras. Conduzia uma delas à mesa. Havia uma seqüência determinada para isso. Suas damas de mesa geralmente eram as esposas de Bormann, Brandt, Speer ou Dietrich, bem como a amiga de Eva Braun, *Frau Schönmann*. Hitler não gostava muito da companhia da esposa de Dietrich. Não gostava dela porque se vestia de um jeito antiquado e era muito calada. À esquerda de Hitler ficava sempre Eva Braun. Seu vizinho de mesa era Bormann.

Durante o almoço falava-se dos assuntos mais banais. A guerra e seus horrores não eram mencionados com uma palavra sequer. A conversa girava em torno de roupa, das dificuldades que as senhoras tinham de passar por não haver mais manicure nem permanente no cabeleireiro por causa da mobilização total, do assédio de oficiais às senhoras nos trens. Por insistência de Eva Braun, Hitler ordenou que as mulheres voltassem a poder ter manicure e fazer permanente. Quando se falou de maquiagem, Hitler refe-

riu-se brincando ao batom de Eva Braun, que deixava marcas no guardanapo. Rindo, comentou que em tempos de guerra os batons eram feitos de cadáveres de animais. Outros assuntos prediletos eram teatro e cinema, principalmente filmes americanos em cores.

Frau Schönmann, uma vienense casada com um construtor de Munique e bastante temperamental, debatia acaloradamente com Hitler. Seu charme vienense o encantava. Falavam de atores e regentes vienenses, sobre citações de Frederico o Grande e também sobre o preparo de certos pratos ou sobre quanto pesava um ovo de galinha. Hitler ficava tão animado que mandava vir a enciclopédia Brockhaus ou livros sobre Frederico o Grande para conferir as informações.

Com essas conversas “edificantes” transcorriam os almoços de Hitler no castelo Berghof.

Depois do almoço, as mulheres recolhiam-se aos seus aposentos, a fim de trocar de roupa para o passeio. Enquanto isso, Hitler dava comida à sua cadelinha, a pastora alemã Blondi. Depois, seus ajudantes lhe traziam o boné e a bengala. Todos se dirigiam ao parque e caminhavam em direção à casa de chá. Antes do passeio de Hitler, toda a área era vasculhada por funcionários do serviço de segurança. Estes vigias eram distribuídos de maneira que Hitler não os percebesse. Durante os passeios, Hitler conversava geralmente com Schmundt ou Below. Atrás dele iam o chefe do seu comando de polícia, Högl, ou o chefe do serviço de segurança, Rattenhuber,¹⁸ e Linge. Os outros vinham atrás.

Do castelo até o pavilhão de chá caminhava-se cerca de vinte minutos. Era um pavilhão redondo, construído sobre uma rocha saliente. Diante dele havia um gramado com uma cerca junto à encosta. Ali havia um banco, onde Hitler descansava depois da caminhada. Eva Braun, Hoffmann e Frenztz gostavam de fotografá-lo ali. Hitler adorava posar com Blondi. Em seguida, todos iam até o pavilhão, onde os ordenanças serviam café. Ali se continuava com as conversas do almoço ou então se falava de Blondi e dos cachorros de Eva Braun. Ela possuía dois *terriers* pretos pequenos chamados Negus e Stasi. Hitler, que se instalava junto à lareira, muitas vezes cochilava durante essas conversas. Quando isso acontecia, todos continuavam as conversas, porém cochichando. Por volta das 19 horas, todos voltavam de carro ao castelo. Hitler desaparecia em seu

gabinete de trabalho até a hora do jantar, lendo jornais e os relatórios da Agência Alemã de Notícias.

Quando o tempo estava ruim, Hitler ficava no castelo e tirava um cochilo no sofá de seu gabinete de trabalho.

O jantar era servido por volta das 20 horas ou 20h30. Transcorria da mesma forma que o almoço, ou seja, com conversas fúteis. Às 22 horas acontecia a reunião de estratégia noturna. Depois disso, Hitler assinava documentos que se referiam ora à promoção de oficiais e industriais, ora à autorização de matrimônios entre militares e estrangeiras, ou sentenças de morte de oficiais acusados de traição.

Enquanto isso, Eva geralmente assistia a filmes americanos em *technicolor* com suas amigas, na pista de boliche. Quando voltavam à sala ao lado do saguão em que estava Hitler, ria e falava bem alto para chamar sua atenção. Assim, queria fazê-lo entender que “bastava de guerra” e que agora ele devia dedicar-se a elas. Ao mesmo tempo, os dois cachorrinhos de Eva Braun, Negus e Stasi, latiam e rolavam no tapete.

Hitler ia ter com as damas. Sua expressão sombria se desanuviava a olhos vistos. No saguão contíguo, os ordenanças acendiam o fogo na lareira. Hitler, Eva Braun, sua irmã Gretl, a governanta de Eva, *Fräulein* Kastrup, as amigas de Eva, Morell, Hoffmann, Dietrich, Brandt, Bormann, os ajudantes e as secretárias voltavam a reunir-se no saguão. Hitler sentava-se ao pé da lareira, ao lado de Eva Braun. As damas agrupavam-se sentadas ou lascivamente deitadas nos sofás e nas pesadas poltronas de pelúcia que rodeavam a lareira em semicírculo.

Eram as chamadas “tardes de chá”. Os ordenanças serviam champanhe, licores, chá e petiscos. Eva Braun ficava sentada sobre uma capa de pele, os pés encolhidos, em uma poltrona. Na presença de Hitler, ficava bem calada e preferia escutar quando suas amigas conversavam sobre o filme a que tinham acabado de assistir. Hitler pedia a Günsche:

— Me passe o álbum dos discos.

No grande armário de parede havia milhares de discos de vinil. No castelo de Obersalzberg, Hitler preferia música ligeira. Ouvia sempre as mesmas melodias de operetas de Lehár e Suppé. No final, escutava sempre a abertura da

Viúva alegre. Hitler era capaz de ficar escutando discos até duas ou duas e meia da madrugada. Só então se retirava para os seus aposentos. Eva Braun geralmente se despidia mais cedo.

Depois que Hitler saía, Bormann ficava irreconhecível. Na presença de Hitler, ele fazia o papel do homem sobrecarregado de trabalho. Mas agora deixava cair a máscara e levava todo o grupo para a esbórnia em sua mansão. Mandava vir os carros na entrada lateral do Berghof. As amigas de Eva Braun, Hoffmann, Morell, Lorenz, os ajudantes e as secretárias de Hitler entravam rapidamente e iam para a casa de Bormann.

A casa resplandecia de luz. Ordenanças da SS serviam champanhe, conhaque, licores e doces. De um console musical saía música de dança americana selvagem. Bormann agarrava sua amada, uma atriz de Dresden que vivia em sua mansão, e flutuava com ela através do salão.¹⁹ A mulher de Bormann servia os hóspedes. Ele mandava tirá-la da cama especialmente para isso.

Ela pariu 11 filhos para Bormann e se submetia a ele como uma escrava. Ele a forçara a aceitar o fato de ter de viver sob o mesmo teto com a sua amante.

As “noites dançantes” de Martin Bormann, o representante de Hitler no Partido Nacional-Socialista, eram famosas pela sua libertinagem. As esbórnicas noturnas aconteciam com muita frequência no ano de guerra de 1943 em Obersalzberg.



As sentenças de morte que Hitler assinava naqueles dias em Obersalzberg diziam respeito a oficiais acusados de traição. Em face das derrotas das tropas alemãs na frente oriental, Hitler tinha dado ordens para levar todos os oficiais que eram suspeitos de traição aos tribunais. Esse também era o motivo de acusação de oficiais que se viam forçados a bater em retirada diante de situações sem saída. Hitler mandou que todos fossem executados sem piedade.

As sentenças dos tribunais de guerra chegavam primeiro a Keitel, que as repassava com observações meramente formais ao ajudante militar de Hitler, o qual tinha de ratificá-las, em sua condição de comandante supremo da Wehrmacht. As sentenças eram apresentadas a Hitler pelo contra-almirante

von Puttkamer, seu ajudante para a Marinha de Guerra. Hitler as referendava sem se preocupar em detalhes com casos isolados. Não exercia seu direito de indulto. Só uma única vez anulou uma sentença de morte. Foi o caso do general Feuchtinger, comandante de uma Divisão Panzer na França, condenado à morte pelo tribunal de guerra por uma fraude em grande estilo. Hitler anulou a sentença e transformou-a em uma breve pena de prisão.²⁰

Embora Hitler sempre repetisse que unicamente os generais eram culpados pelas suas derrotas, nunca chamou nenhum deles para prestar contas. Brauchitsch, Halder e outros foram aposentados e ainda receberam altas condecorações na despedida. Retiraram-se com toda a calma para suas propriedades rurais. Mas as sentenças de morte para oficiais, estas Hitler assinava sem piedade.



Nos dias em Obersalzberg, Hitler também recebia pedidos de autorização de casamentos de alemães com estrangeiras. Esses pedidos eram encaminhados por soldados alemães estacionados nos países conquistados pela Alemanha — França, Bélgica, os Países Baixos, Dinamarca ou Noruega — e que queriam casar-se com mulheres nativas. Isso dizia respeito principalmente a marinheiros alemães. Puttkamer apresentava os pedidos a cada duas ou três semanas. Hitler ocupava-se detalhadamente com esse assunto. Principalmente, estudava em detalhe as fotos das mulheres anexadas aos pedidos.

Segundo exigências do alto-comando militar, era preciso apresentar fotos de perfil, de frente e de corpo inteiro. Hitler gostava de fazer comparações com conhecidos. Uma das candidatas tinha um nariz parecido com o da filha de Winifred Wagner, Verena, outra se parecia com a mulher de Hess. Em sua maioria, as mulheres nas fotos não eram especialmente bonitas. Hitler comentava, rindo, que se seus soldados, os quais tinham se apaixonado por aquelas mulheres, voltassem a ficar sóbrios, ficariam danados com ele por ter autorizado o casamento. Hitler estudava ainda todos os documentos anexados — os currículos dos requerentes, as avaliações políticas das estrangeiras e de seus pais e o laudo do serviço de segurança sobre os pendoros políticos da família. Mui-

to raramente assinava logo esses documentos. Geralmente pedia que Linge os guardasse para voltar a trazer-lhe os pedidos depois. Ele explicava que era importante zelar rigidamente para que tais matrimônios não levassem para a Alemanha sangue de segunda categoria. Por isso, reservava-se o direito de autorizar as solicitações pessoalmente.



Hitler e o alto-comando alemão faziam tudo para evitar que a opinião pública soubesse dos fracassos no *front* oriental. A imprensa e o rádio martelavam de manhã cedo até tarde da noite nos ouvidos do povo alemão que a guerra seria ganha. No jornal *Das Reich*, Goebbels escrevia semanalmente editoriais sobre as grandes vitórias durante a “retirada programada” das tropas alemãs no leste. Hans Fritzsche, do Ministério da Propaganda, falseava a real situação no *front* nas suas falas na rádio Berliner Rundfunk e pedia ao povo alemão cada vez mais sacrifícios em nome da vitória. Segundo este espírito também eram redigidos os relatórios da frente para a imprensa. Keitel e Jodl eram obrigados a apresentá-los a Hitler antes. Este os corrigia de forma que a opinião pública não tivesse uma noção clara sobre os acontecimentos no *front*.

Até os resumos semanais filmados no *front* eram editados pessoalmente por Hitler em Obersalzberg. Nenhum desses resumos — as famosas “*Wochenschau*” — podia ser apresentado sem passar pelo crivo de Hitler. Ele trocava imagens e mudava o texto escrito por Goebbels. Ele geralmente recebia os filmes sem som. No saguão do Berghof, via as imagens junto com Keitel, Bormann, Jodl, Dietrich e seus ajudantes. Mandava cortar todas as imagens que mostrassem tropas alemãs em retirada, tanques destruídos ou soldados feridos, em suma, tudo o que pudesse indicar uma derrota. Essas imagens eram substituídas por outras, de velhos programas, ainda do “radiante” ano de 1941, que mostravam apenas prisioneiros de guerra soviéticos exaustos, o fogo da artilharia alemã, ataques aéreos de Stukas alemães ou cenas alegres na cozinha de campanha — tudo o que pudesse evocar a campanha vitoriosa da “*blitzkrieg*” prometida por Hitler. Durante a apresentação, Günsche lia o texto de Goebbels e fazia as correções mandadas por Hitler. Hitler dedicava especial atenção às

cenas em que aparecia na pose de vitorioso dos primeiros anos de guerra. As imagens mais recentes, em que aparecia encurvado e alquebrado, tiveram de ser cortadas fora e destruídas por ordens categóricas suas. Ele achava que o povo alemão ficaria horrorizado se o visse assim.



Enquanto Hitler permaneceu em Obersalzberg de março a junho de 1944, chegaram relatos cada vez mais freqüentes de Zeitzler e Himmler de que soldados e oficiais alemães tinham envolvimento antifascistas. Na condição de prisioneiros dos soviéticos, tinham fundado o “Comitê Nacional Alemanha Livre” e a “Aliança de Oficiais Alemães”.²¹

Quando as primeiras notícias desse tipo chegaram até Hitler, ele achou que se tratava de apenas alguns prisioneiros isolados que tinham sido drogados pelos russos. Mas outros relatórios de Zeitzler e Himmler provaram inequivocamente que o “Comitê Nacional Alemanha Livre” apoiava-se em um amplo movimento nos campos de prisioneiros voltado contra o regime de Hitler e a guerra. Querendo ou não, Hitler teve de abandonar a idéia de que só alguns poucos prisioneiros resistiam a ele.

A atividade do Comitê Nacional teve efeitos consideráveis sobre os soldados alemães no *front*. Primeiro, refutava a afirmação da propaganda alemã de que os russos não faziam prisioneiros. Os panfletos do Comitê Nacional lançados nas posições alemãs eram assinados por milhares de prisioneiros de guerra. Em segundo lugar, os soldados alemães viam que os prisioneiros de guerra na Rússia Soviética podiam ter atividades políticas. Em terceiro lugar, podiam ter uma idéia real sobre o que a guerra de Hitler tinha rendido e o que ainda prometia render.

Tudo isso deixava Hitler louco de raiva. Ele expediu ordens para que a Wehrmacht destruísse imediatamente todos os panfletos do Comitê Nacional. Os soldados e oficiais com os quais se encontrassem tais panfletos deveriam ser fuzilados.

As famílias de prisioneiros de guerra alemães que lutavam no lado russo contra Hitler eram jogadas em prisões e campos de concentração.²²

Na última fase da guerra, Hitler temia principalmente que os russos permitissem que prisioneiros alemães antifascistas pudessem combatê-lo com armas. Hitler foi o primeiro a mencionar o chamado “Exército Seydlitz”,²³ supostamente formado pelos russos por prisioneiros de guerra antifascistas sob o comando do general preso alemão Seydlitz, que teria se juntado a eles. É de admirar que essa retórica de Hitler sobre o “Exército Seydlitz” tenha sido repetida por políticos ingleses e americanos depois da guerra.



Ainda antes da mudança de Hitler de Rastenburg para Obersalzberg falava-se freqüentemente sobre o fato de os aliados da Alemanha estarem muito preocupados com as pesadas derrotas no *front* oriental. Eles exigiam falar com Hitler. O primeiro foi Antonescu. Hitler sempre postergava essa visita.

— Se eu receber um, virão todos — comentou.

Só quando a pressão dos aliados ficou cada vez maior, Hitler ordenou que Ribbentrop organizasse as visitas de Antonescu, Mussolini e Horthy.

Para estes encontros ele escolheu o velho bispado de Klessheim, perto de Salzburgo, a cerca de uma hora de carro de Obersalzberg. O castelo de Klessheim fora reformado em 1942 e equipado com móveis de luxo da França. Devia servir exclusivamente para recepcionar chefes de governo estrangeiros.

As reuniões com os aliados em Klessheim começaram no fim de março. Hitler combinara com Keitel e Jodl que eles apresentariam a situação no *front* oriental a partir de uma perspectiva favorável aos alemães. Jodl tinha mandado confeccionar especialmente mapas na escala de 1:1.000.000 que passavam uma imagem errada da situação na frente de combates. Com esses mapas, Hitler operou nas conversas com Antonescu, Mussolini e Horthy. A linha do *front* não estava assinalada com exatidão nesses mapas. Alguns trechos tinham sido reproduzidos de forma incompleta. As forças do adversário, as forças próprias e o rumo das operações eram irreconhecíveis. Assim, a situação no *front* apareceu de forma muito mais positiva do que era em realidade. As conversas com Antonescu, Mussolini e Horthy foram ironicamente apelidadas na base de Hitler como “reuniões sobre a suposta situação”.

O primeiro a chegar foi Antonescu.²⁴ Antes, Hitler comentou:

— Eu farei a lavagem necessária em Antonescu.

Hitler recebeu-o junto com Ribbentrop na estação de Lieferring, próximo de Salzburgo, instalado especialmente para os convidados do castelo de Klessheim. Hitler passou um dia inteiro em Klessheim por causa da visita de Antonescu. A reunião de estratégia militar habitual também foi realizada naquele dia ali, e não em Obersalzberg. Mas Antonescu não foi convidado a participar. Ele permaneceu em sua suíte. Depois da reunião de estratégia, preparou-se a conversa com Antonescu. Os mapas na escala 1:300.000, que reproduziam exatamente a situação no *front*, foram retirados. Em seu lugar foram postos os mapas com a “suposta situação”.

Linge piscou para Hitler para informar que tudo estava pronto para a “suposta reunião de estratégia”. Hitler dirigiu-se para a suíte de Antonescu e voltou junto com ele para a sala de reuniões. Esta agora estava bem diferente do que meia hora antes. Estava apinhada de oficiais romenos e funcionários do Ministério do Exterior. Estavam presentes Ribbentrop, Meissner, Keitel, Jodl e outros. Em meio a uma tempestade de *flashes* dos fotógrafos, Hitler deu um resumo geral sobre a situação no *front* oriental, com largos gestos teatrais e tom vitorioso. Algumas observações tímidas de Antonescu foram varridas por Hitler, que apontava para os recursos inesgotáveis dos alemães e planos de novas e grandiosas ofensivas que prometiam a vitória certa. Keitel, Jodl e Zeitzler falaram no mesmo diapasão. Antonescu voltou para a Romênia, e Hitler voltou bem-humorado para Obersalzberg.

Alguns dias mais tarde, Hitler recebeu Mussolini.²⁵ A “suposta situação” impressionou-o muito. No final da reunião, o *Duce* exclamou:

— *Führer!* O Eixo Berlim-Roma vencerá!

Chegou a vez de Horthy. Ele interessou-se menos pela apresentação de Hitler sobre a situação no *front* oriental. Em vez disso, queixou-se a Hitler sobre a atuação provocativa de alemães na Hungria e sobre o comportamento infame de soldados alemães contra a população húngara. Hitler esforçou-se em aplacar a ira de Horthy com amabilidade e a promessa de que tudo aquilo acabaria.²⁶

Por aqueles dias, Hitler também recebeu o presidente da Eslováquia, Tiso.²⁷ Mas para ele não foi feita nenhuma reunião sobre a “suposta situação”. Hitler achava que um bom almoço seria suficiente.

— Esse aí concorda com tudo o que digo — disse, rindo.

Logo depois de ter recebido seus aliados com tanta cordialidade, Hitler soltou impropriedades terríveis contra eles. O motivo foi a proposta de Keitel de condecorar com a Cruz de Cavaleiro o general italiano Gariboldi, que comandara o 3º Exército italiano em Stalingrado.²⁸ Toda a ira represada sobre a batalha perdida em Stalingrado irrompeu em Hitler. Ele maldisse o dia em que pedira a Mussolini que mandasse tropas italianas para a frente leste. Chamou os romenos e principalmente os italianos de bando de covardes e responsabilizou-os pela derrota de Stalingrado. Keitel esforçou-se em voltar atrás. Como esperado, demonstrava que compartilhava totalmente a opinião do *Führer*. Explicou que sua proposta não significava que ele pretendia homenagear os generais italianos pela sua valentia, e sim apenas um gesto por ocasião da recente visita de Mussolini. Depois de muita discussão, Hitler finalmente cedeu e propôs agraciar o general Gariboldi com a condecoração da “Águia Negra”, concedida normalmente a estrangeiros em tempos de paz. Mas logo depois constatou-se que o general já possuía essa distinção. Finalmente, Hitler concordou em homenageá-lo com a Cruz de Cavaleiro.

Gariboldi foi convocado para o castelo de Berghof, pois essa condecoração era concedida pessoalmente por Hitler. O general veio acompanhado do adido militar italiano em Berlim, general Marras. Ambos foram levados ao grande saguão, onde estava Hitler. Os ajudantes, que sabiam que Hitler tinha decidido dar essa condecoração contra sua vontade, reuniram-se no salão contíguo para espiar a cerimônia por trás da cortina.

Os italianos entraram tímidos. Hitler estava de pé, olhando demonstrativamente para a parede. Gariboldi e Marras ficaram parados na porta, indecisos. Hitler virou-se um pouco e fez sinal com a cabeça para que Gariboldi se aproximasse. Sem sequer olhar para ele, Hitler estendeu-lhe o estojo fechado com a medalha, murmurando estar muito ocupado, e deixou o local. Gariboldi ficou estatelado, segurando a medalha. Quando Hitler atravessou a sala onde

estavam seus ajudantes, comentou que aqueles tinham sido os minutos mais desagradáveis de toda a sua vida.



Uma vez por semana, Zeitzler e Heusinger, chefe do Departamento de Operações do alto-comando do exército, vinham da Prússia oriental até Obersalzberg para fazer o relatório. No início de abril, Hitler convocou Zeitzler para uma reunião extraordinária. Todos os frequentes participantes da reunião de estratégia estavam presentes. Depois do informe de Zeitzler sobre sua situação, Hitler afirmou, referindo-se a uma conversa da véspera com Keitel e Jodl:

— A situação no *front* oriental não permite largas operações de ataque em diversas direções. Precisamos arrancar alguns trechos importantes da frente russa para poder voltar a comandar a situação. Precisamos finalmente voltar a demonstrar êxitos. As lavagens cerebrais que fiz em nossos aliados em Klessheim não vão durar muito. Os países neutros também já estão ficando indignados. A Turquia precisa ser constantemente vigiada.²⁹

Hitler pôs os óculos, examinou o mapa e continuou, com tom de voz mais penetrante:

— Aqui, em Kursk, temos a possibilidade de desferir um golpe contra os russos e voltar a ameaçar Moscou.

Günsche entregou rapidamente a Hitler, que já tinha estendido as mãos, os lápis de cor. Hitler desenhou duas setas verdes no mapa: a primeira vindo da direção de Orjol, a outra da direção de Belgorod. Ambas penetravam fundo nas posições russas, juntando-se bem atrás da cidade de Kursk. Hitler prosseguiu:

— Zeitzler, em minha opinião deveríamos desferir o principal golpe aqui, saindo da região de Belgorod e Orjol, contra os entroncamentos do Arco de Kursk. Espero um grande êxito. Elabore um plano! Mande imediatamente seus melhores oficiais para lá. Você deveria examinar bem esta área. Vamos usar os Ferdinand³⁰ pela primeira vez nesta operação. O monstro será o malho com o qual romperemos as posições russas. Ele não vai parar diante de nenhum T-34.³¹

Várias unidades do Ferdinand, um canhão móvel, superpesado, tinham sido fabricadas pouco antes para serem utilizadas no *front* oriental.

Hitler envolveu-se totalmente com os preparativos para a operação de Kursk. Pouco tempo depois, Zeitzler apresentou-lhe o plano da operação elaborado pelo generalato. Em sua exposição, ressaltou que os russos tinham concentrado efetivos poderosos na área do ataque alemão. Que o esclarecimento das forças aéreas e das tropas revelara que os russos estavam fortalecendo bastante suas forças no chamado Arco de Kursk. E que, além de tudo, dois exércitos blindados russos tinham sumido repentinamente da área do Arco de Kursk, sem que tivessem reaparecido em outros trechos do *front*. Zeitzler supunha que eles tinham sido recolhidos do *front* para serem colocados na reserva. Com isso, ele concluiu que os preparativos da Operação Kursk não eram nenhum segredo para os russos, e que eles conseqüentemente não seriam surpreendidos.³²

Zeitzler sugeriu uma alternativa para o ataque: o golpe principal seria desferido não contra os entroncamentos do Arco de Kursk, e sim bem mais a oeste. Mas Hitler insistiu na execução do seu plano. Em sua opinião, o ataque deveria ser feito com um golpe concentrado em um trecho da frente de combates de não mais de quatro a cinco quilômetros de largura. As unidades de batedores e a infantaria deveriam destruir o sistema de fortificação russo. O ataque deveria ser precedido por um fogo de artilharia. Hitler só queria os tanques no combate quando o rompimento tivesse sido bem-sucedido, depois da eliminação dos campos minados e da repressão ao fogo das armas de defesa blindadas russas.

No curso das reuniões seguintes, Hitler ficou cada vez mais intransigente em sua opinião de que a operação no Arco de Kursk seria decisiva para a guerra. Ele mandou os exércitos de Model e Hoth, que também participavam da Operação Kursk, entregarem a produção total de tanques para os meses de maio e junho. Com isso, o número total de tanques disponíveis para esses exércitos no início da ofensiva chegaria a quase três mil.³³ Em Kursk, foram reunidas as Divisões Panzer de elite SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”, “Das Reich”, “Totenkopf” e “Grossdeutschland”, equipadas com os tanques mais modernos Tiger³⁴ e canhões Ferdinand. Além disso, Hitler ordenou que Göring con-

centrasse a Luftwaffe quase inteira na região da Operação Kursk, a fim de garantir amplo apoio pelo ar à ofensiva.

Numa das reuniões preparatórias da Operação Kursk, foram mostradas fotografias aéreas com a legenda “posições russas a noroeste de Belgorod. Es-tritamente sigiloso”, que mostraram uma malha densa de trincheiras, posições de artilharia e pontos de observação. Quando Hitler viu essas fotos, comentou:

— Isso aí não os salvará mais!



A fim de preparar a ofensiva de Kursk, Hitler voltou em meados de junho de 1943, acompanhado de todo o seu comando, de Obersalzberg para a “Toca do Lobo”, na Prússia oriental. Nesses dias chegou uma delegação de generais e oficiais da Turquia.³⁵ Isso aconteceu por iniciativa e convite do alto-comando do Exército. A idéia era que os turcos observassem a força dos alemães na frente leste durante as manobras das divisões de tanques concentradas na região de Kharkov/Belgorod, que se preparavam para a ofensiva de Kursk. Depois das manobras, os turcos vieram para o QG, a fim de encontrar-se com Hitler. Tiveram reuniões detalhadas com Keitel e Jodl, depois Hitler convidou-os para o chá. Depois do encontro com Hitler, viajaram para a França a convite do alto-comando da Wehrmacht. Hitler estava bem satisfeito com o resultado da conversa com os turcos. Ele disse a Günsche:

— Podemos confiar nos turcos. A demonstração das nossas Divisões Panzer em Kharkov impressionou-os muito.

Na França, foram recebidos pelo comandante supremo do Grupo Leste do Exército, o marechal-de-campo von Rundstedt. Ele tinha recebido ordens do “QG do Führer” de não estragar a impressão das manobras das Divisões Panzer no *front* oriental, e apenas mostrar aos convidados os pontos bem fortificados da Muralha do Atlântico. Assim, os turcos apenas vistoriaram a pesada bateria “Fritz Todt”³⁶ no cabo Gris-Nez. Obviamente, os turcos nem viram a artilharia da costa, que consistia em canhões obsoletos capturados em combate.



A ofensiva na área de Belgorod/Kursk/Orjol começou no dia 5 de julho de 1943. Já na manhã do primeiro dia, Hitler ficava pressionando seus ajudantes o tempo todo para descobrir junto a Zeitzler como estava evoluindo a operação. Por volta de meio-dia e meia, Zeitzler apareceu pessoalmente. Hitler veio correndo em sua direção e perguntou, agitado:

— Zeitzler, como está indo tudo em Kursk?

Zeitzler respondeu de forma vaga, esquivando-se. Disse que as informações do *front* ainda eram esparsas, e que os russos estavam resistindo tenazmente. Cuidadosamente, acrescentou:

— Parece que o momento de surpreender os russos não aconteceu ainda. Hitler perdeu o controle:

— O canhão Ferdinand! Ferdinand deve ser lançado para a frente imediatamente! Precisamos romper o *front*, custe o que custar!

No dia 6 de julho, Zeitzler informou que a infantaria e os batedores eram incapazes de furar as posições de defesa russas e já registravam pesadas perdas. Por isso, as forças principais das unidades blindadas tiveram de ser jogadas no combate. Hitler espumava de raiva. Ele ordenou manter os tanques na reserva e vencer as posições russas com as forças da infantaria e das unidades de batedores, não importava a que preço humano. Que novas reservas fossem jogadas no combate. Além disso, ele repetiu sua ordem de desferir golpes concentrados.

Naqueles dias, Hitler agia como se estivesse acometido de febre. De hora em hora, mandava perguntar a Zeitzler se as posições russas tinham caído finalmente, e quanto terreno sua SS-Leibstandarte tinha ganhado.

Depois de alguns dias, Zeitzler informou que o ataque tinha parado e que as divisões alemãs tinham de passar para a defesa. Os russos estavam desferindo contragolpes em alguns trechos, o Ferdinand e o Tiger tinham sido postos fora de combate pelos canhões de defesa russos e os T-34, enterrados. Hitler simplesmente não quis acreditar nisso. Ele teve um acesso, batia com os punhos na mesa e gritava:

— Isso tudo só está acontecendo porque minhas ordens não foram cumpridas!

Günsche recebeu ordens de Hitler para voar imediatamente até a Leibstandarte, informar-se no local sobre a situação e relatar-lhe tudo pessoal-

mente. Günsche foi para a região ao norte de Belgorod, onde o comandante da Leibstandarte, Sepp Dietrich, tinha a sua base. Pouco antes da aterrissagem de seu avião, ele viu no solo as posições densas dos russos. Por toda a parte, viam-se os restos de tanques pesados incinerados e mesmo de peças de artilharias móveis dos alemães.

Sepp Dietrich explicou a Günsche:

— Ali estão dez quilômetros de posições russas que eu poderia ter tomado. Mas a que preço! Dos 150 tanques com que cheguei aqui, sobraram menos de vinte ainda utilizáveis. A infantaria sofreu pesadas perdas. Nas divisões vizinhas, o quadro não está muito melhor. Quem sabe até onde estão escaladas as posições dos russos? É fácil falar quando você está na Prússia oriental. Aqui tudo é diferente. Aqui não passaremos mais.

Na noite do dia seguinte, Günsche voltou a estar com Hitler. Quando ele quis começar a contar o que tinha visto, Hitler interrompeu-o com um gesto cansado, desamparado, e disse:

— Deixe, não precisa falar. Sei de tudo... Até Dietrich recuou. Com a ofensiva em Kursk, eu quis mudar o destino. Nunca poderia imaginar que os russos fossem tão fortes...³⁷

Verão 1943 — Fevereiro 1944

No final de junho de 1943, antes ainda da Operação Kursk, o comandante supremo das tropas alemãs na Itália, marechal-de-campo Kesselring, chegou à “Toca do Lobo” para fazer o relato da situação a Hitler. Estavam presentes à apresentação de Kesselring: Göring, Keitel, Warlimont, Below e Günse. Jodl faltou por motivo de saúde.

Discutiu-se na reunião o risco de um possível desembarque de tropas anglo-americanas na Itália depois da capitulação de tropas alemãs e italianas na Tunísia em maio daquele mesmo ano.

Kesselring ressaltou que, depois da queda de Túnis, o alto-comando italiano estaria sabotando medidas de reforço da defesa da Itália, e que a frota italiana estaria sendo propositadamente mantida nos portos sob a alegação de falta de combustível. Kesselring dispôs-se a assumir o comando das unidades italianas para neutralizar as intrigas do alto-comando italiano.

Hitler reagiu com calma à apresentação de Kesselring. Explicou que preferia um desembarque de tropas anglo-americanas na Itália a um na França. No que dizia respeito ao comportamento do alto-comando italiano, Hitler sugeriu a retirada das unidades italianas de áreas onde pudessem ocorrer batalhas com tropas anglo-americanas, colocando-as de prontidão exclusivamente para a defesa da costa. Depois da reunião, Kesselring voou de volta para a Itália.

Naquele mesmo dia, tarde da noite, Hitler mandou Günsche descobrir se Göring já estava dormindo. Ele ficava num *bunker* a menos de cem metros do de Hitler na “Toca do Lobo”.

Por telefone, Günsche recebeu a informação de que Göring estava pronto para deitar-se. Acompanhado de Günsche e Linge, Hitler correu até o *bunker* de Göring. O marechal do Reich recebeu Hitler de pijama. Usava um roupão colorido com um cinto azul e, em volta do pescoço, um xale de seda. Seus pés estavam metidos em pantufas com fivelas prateadas. Parecia um marajá e recendia a perfume caro.

Hitler ficou cerca de meia hora. Falaram da situação na Itália, tal como relatada por Kesselring, e do plano de Hitler de encontrar-se com Mussolini.

No dia seguinte, Hitler ordenou que Ribbentrop agendasse uma reunião com Mussolini. Ainda naquela manhã, Hitler voou de Rastenburg para Salzburgo, acompanhado de Keitel, Warlimont, Bormann, Hewel, bem como de seus ajudantes e da guarda pessoal.¹ Warlimont representou Jodl, que estava doente.

De Salzburgo, Hitler seguiu com sua comitiva em uma caravana de carros até Obersalzberg para encontrar-se com Eva Braun. Ali encontrou os pais de Eva, que geralmente não ficavam na residência de Berghof quando ele estava lá. Hitler jantou com eles. O pai de Eva estava de uniforme de capitão do serviço administrativo.

No dia seguinte, por volta das sete horas, Hitler seguiu com seu comando até o aeroporto de Salzburgo. Uma hora mais tarde levantou vôo rumo à Itália com uma esquadrilha de aviões-caças. O avião de Hitler aterrissou no aeroporto militar de Belluno, ao norte de Veneza. Ali foi recebido por Mussolini, pelo chefe do Estado-Maior italiano, Cavallero, e por Kesselring. Do aeroporto saíram de trem e depois seguiram de carro até a localidade onde a reunião devia ser realizada.² Era uma mansão em uma aldeia distante, no alto da montanha. Hitler ficou furioso com a longa viagem, pois pretendia voltar para a Alemanha ainda naquele dia.

O carro de Warlimont ficou para trás e o motorista perdeu-se do resto. Os oficiais italianos que acompanhavam Warlimont explicaram que não conheciam bem o caminho. Num cruzamento, o carro parou. Warlimont, seu braço di-

reito, o general do Estado-Maior Waizenegger, e Günsche saltaram e tentaram descobrir pelas marcas dos pneus na estrada empoeirada em que direção a caravana de carros de Hitler e Mussolini tinha seguido.

Warlimont mal conseguiu esconder sua irritação. Disse que era um atrevimento dos italianos tratá-lo como se fosse um zé-ninguém, e que ele precisava de qualquer maneira estar presente no início da reunião, porque estava com documentos importantes no bolso. Além disso, disse Warlimont, Keitel não sabia negociar com os italianos.

Enquanto os oficiais italianos corriam de um lado para o outro gesticulando no cruzamento, Warlimont ficou cada vez mais irritado. Achou que tudo não passava de uma manobra dos militares italianos para atrapalhar as negociações.

— Eles não querem lutar, e tampouco querem que Kesselring seja seu líder — dizia.

Finalmente, chegou um carro, mandado por Keitel atrás de Warlimont. Este acabou chegando à reunião com atraso de mais de uma hora.

A guarda pessoal de Hitler achou a viagem interminável do aeroporto até a montanha e o grande atraso de Warlimont muito suspeitos. Nas visitas anteriores de Hitler a Mussolini, só havia soldados italianos. Desta vez, o comando que acompanhava Hitler distribuiu guardas armados com metralhadoras em torno da mansão e diante de cada uma das salas de reuniões. O clima das negociações foi qualquer coisa menos cordial, como era antes. Bastava notar como os alemães e os italianos ficaram em grupos acintosamente separados durante o bufê montado no parque da mansão.

Depois da reunião, que durou mais de três horas, Mussolini e Hitler almoçaram a sós. Mais tarde, ambos voltaram com suas comitivas para o aeroporto de Belluno, de onde Hitler voou de volta para a Alemanha. No avião, disse a Bormann ter experimentado uma sensação desagradável.

— Mussolini é meu amigo leal — disse Hitler. — Entre os italianos, é o único romano autêntico. Ao despedir-se, ele me disse: “*Führer*, se eu deixar de existir, o fascismo na Itália vai ruir como um castelo de cartas.”

Hitler passou a noite em Obersalzberg. Na manhã seguinte, voou de volta até o seu QG de Rastenburg.

Nos dias seguintes, a preocupação de Hitler com a lealdade da família real italiana só fez crescer. De Roma, o serviço de segurança informou que a casa real estaria mantendo negociações secretas com a Inglaterra. No início de julho, Hitler mandou chamar até o seu QG o príncipe de Hesse, casado com a princesa Mafalda, filha do rei Vitório Emanuel. O príncipe de Hesse era um alto comandante da SA, tinha sido condecorado pelo Partido Nacional-Socialista e estava no cargo de presidente da província de Hesse. Residia em Kassel.

Hitler queria descobrir através do príncipe o que seus parentes reais em Roma estavam tramando. Como o príncipe ia com frequência a Roma, Hitler acreditava que ele devia conhecer os planos da casa real italiana. Em sua opinião, a família real italiana, principalmente o príncipe-herdeiro Umberto, estava pronta para qualquer trapaça em relação à Alemanha.

— Umberto é inimigo pessoal do *Duce*, por este pretender ser o único dono da Itália — disse Hitler.

Quando chegou ao QG, o príncipe de Hesse ficou alojado no *bunker* dos convidados. Hitler almoçava com ele todos os dias e convidava-o à tardinha para o chá. Juntos, folheavam compêndios ilustrados e fotografias de escavações em Roma. Nas conversas com o príncipe, Hitler tentava descobrir as intenções da casa real italiana. Além disso, mandou censurar a correspondência do príncipe.



Em 10 de julho de 1943, tropas anglo-americanas desembarcaram na Sicília. Em 25 de julho, Keitel e Jodl, acompanhados do oficial de ligação de Himmler no QG, Karl Wolff, chegaram alvoroçados ao *bunker* de Hitler e pediram para ver o *Führer* imediatamente. Foram chamados para a sala de reuniões. Alguns minutos depois, Hitler chegou, acompanhado de Günsche. Estava com a expressão perturbada. Desde o fracasso da ofensiva de Kursk, Hitler vivia em pânico, temendo notícias ruins.

Keitel aproximou-se de Hitler e disse:

— *Mein Führer*, o *Duce*...

— O que houve com ele? — interrompeu Hitler.

— ... caiu.

Keitel entregou a Hitler uma carta do alto-comando italiano. Hitler arrancou a carta da sua mão, colocou os óculos e leu à meia-voz: “O governo de Mussolini caiu. Sua Majestade o rei incumbiu o marechal Badoglio de formar um novo gabinete. A Itália, que cumpre lealmente seu dever de aliado, continuará a luta ao lado da Alemanha até o final vitorioso.”

Hitler empalideceu. Ficou sem fôlego.

— Onde está o *Duce* agora? O que se sabe dele? — perguntou, finalmente.

— Nada — responderam todos ao mesmo tempo.

Hitler amassou a carta e exclamou, furioso:

— Eles vão assassiná-lo! Esses italianos! Bando de traidores! Roatta, aquele canalha, virou chefe do Estado-Maior!³

Hitler já odiava há muito tempo o general italiano Roatta. Ele sabia que Roatta, que comandava as tropas italianas nos Bálcãs e tinha a missão de combater os guerrilheiros antifascistas gregos, albaneses e iugoslavos, vendia armas para estes, e assim enriquecera.

— Estão todos mancomunados com os ingleses! — gritou Hitler. — Essa maldita casa real! E esse príncipe Philipp, genro do rei, fica aqui na minha casa e finge não saber contar até três! Ele sabia de tudo! Isso ele vai me pagar!

(O príncipe Philipp de Hesse foi entregue à Gestapo de Königsberg, e sua mulher, a princesa italiana Mafalda, foi para um campo de concentração.)

Hitler batia com os punhos na mesa e não parava de gritar:

— Vou mostrar a eles quem manda! O Exército italiano será desarmado! Jodl, quais são as unidades que nós podemos usar para isso?

Com voz baixa, Jodl respondeu:

— *Mein Führer*, podemos utilizar os regimentos substitutivos dos soldados montanhistas do Tirol e da região de Steiermark. Estão perto da fronteira italiana. Embora sejam recrutas recém-formados, são suficientes para aqueles italianos covardes.

Depois de um rápido intervalo, Hitler explicou que os regimentos de montanhistas oferecidos por Jodl não eram capazes de desarmar os italianos.

— Eis uma missão para a minha Leibstandarte — disse Hitler. — Ela precisa mesmo ser reforçada.

Na mesma hora, ele deu ordens para transferir a SS-Leibstandarte “Adolf Hitler” do *front* oriental para a região de Innsbruck, na fronteira teuto-italiana. Em seguida, Jodl informou Hitler sobre as lutas com os anglo-americanos na Sicília. Com um movimento brusco, Hitler tirou os óculos e ficou girando-os nas mãos atrás das costas, até que uma lente se espatifou. Ele jogou os cacos e a armação sobre a mesa e disse, com desprezo:

— São uns covardes, esse Churchill e esse Eisenhower! Em seu lugar, eu desembarcaria em Gênova ou até mesmo em Hamburgo, mas nunca na Sicília, lugar menos perigoso para nós. Churchill, esse bebereão, está se deleitando com o fato de estarmos perdendo sangue na Rússia, e espera...

Pelos relatos dos generais, Hitler sabia que os ingleses estavam propositalmente adiando a abertura da segunda frente. Essas informações baseavam-se principalmente nos informes que o generalato alemão obtinha regularmente de fontes inglesas através de diplomatas espanhóis em Londres. Vinham do embaixador espanhol em Londres, o duque de Alba, e de seu adido militar, coronel Alfonso Barra, até o generalato espanhol em Madri. De lá, eram repassados ao adido militar alemão. Eram informações sobre como o alto-comando britânico avaliava a situação militar e a distribuição das tropas inglesas. Em seus relatórios para Hitler, o Estado-Maior alemão concluiu que a Inglaterra ainda estava essencialmente voltada para a defesa e que Londres lançava esses dados propositalmente para que a Alemanha seguisse concentrando todas as suas forças no *front* oriental. Entre os generais alemães, essas informações de canais espanhóis tinham o codinome de “relatórios Alba”.

Himmler adentrou a sala de reuniões. Hitler estava tão agitado que nem notou sua presença. Quando Günse chamou sua atenção, ele voltou-se rapidamente, cumprimentou Himmler e perguntou:

— Himmler, como isso pôde acontecer? O *Duce* não pode ter-se demitido por sua própria vontade, seria ridículo. Aquilo aconteceu à força.

Himmler disse que somente dispunha de informações incompletas sobre os acontecimentos na Itália. Mas que era possível concluir que a maioria dos líderes fascistas italianos, entre eles o genro de Mussolini, Ciano, eram contra o *Duce*. Que eles deveriam estar apoiando a casa real, cuja intenção era tirar a Itália da guerra.

Hitler sentou-se à beira da mesa e declarou a Keitel, Himmler, Jodl, Wolff e Günsche, que estavam a seu redor, que sempre considerara Ciano um charlatão. Hitler sabia que Ciano se apoderara de ações de grandes mineradoras por ocasião da conquista da Albânia. Como ministro do Exterior, liderara a máfia que administrava bordéis em toda a Itália. Hitler chamou a mulher de Ciano, Edda, filha de Mussolini, de mulherzinha vulgar. Durante suas visitas à Alemanha, sempre era preciso “deixar à sua disposição” oficiais da SS bem fortes. Hitler suspirou:

— Tenho pena do *Duce*. Caso ainda esteja vivo, Himmler, descubra onde ele está preso. Precisamos salvá-lo!



Poucos dias depois, apareceu o adido militar italiano em Berlim, general Marras, no “QG do *Führer*”. Ele fora nomeado representante diplomático do governo Badoglio na Alemanha depois da queda de Mussolini. Veio para entregar sua carta de credenciamento a Hitler. Keitel e Dörnberg, chefe do protocolo no Ministério do Exterior, conduziram Marras e seus assessores da embaixada italiana até o *bunker* de Hitler. Eles tiveram que aguardar no corredor diante da sala de reuniões onde Hitler estava naquele momento. Os ordenanças ficaram com seus sobretudos. Linge informou Hitler da chegada de Marras. Hitler levantou-se da mesa e fez a expressão fechada adequada àquela oportunidade. Linge abriu a porta e fez Marras entrar. Este hesitou um pouco e quis deixar Keitel entrar antes. Keitel, no entanto, observou que estava em casa e deixou Marras entrar primeiro. Quando Marras avistou Hitler, virou-se para trás, inseguro, olhando para os seus acompanhantes. Com a carta de credenciamento na mão, bateu os calcanhares na frente de Hitler. Antes que Marras pudesse dizer qualquer coisa, Hitler berrou:

— Senhor general, para mim seria fácil detê-lo imediatamente! Seu comportamento beira à traição!

Marras empalideceu. Sua mão, com a carta de credenciamento, tremia. Linge teve de deixar a sala. Vinte minutos depois, Hitler soou a campainha. Quando Linge voltou, o rosto de Hitler ainda estava rubro de raiva. A carta de

credenciamento estava jogada na mesa. Hitler acenou para que Marras saísse. Este fez meia-volta e deixou rapidamente a sala. No corredor, arrancou seu sobretudo das mãos do ordenança e saiu correndo do *bunker*. Keitel, Dörnberg e os acompanhantes de Marras mal conseguiam acompanhá-lo. Ele pulou em seu carro e deixou o QG.



Entre os fascistas italianos, Hitler procurou um homem que pudesse substituir Mussolini, que desaparecera. Com esse objetivo, recebeu em seu QG representantes do Partido Fascista italiano que haviam fugido para a Alemanha depois da queda de Mussolini. Bormann apresentava os candidatos a sucessor de Mussolini a Hitler, que queria falar pessoalmente com eles. Mas nenhum deles lhe causou uma impressão de batalhador. Todos eles estavam sentindo falta das alegrias da vida que tinham deixado para trás na Itália. Pavolini, o antigo secretário do Partido Fascista, queixou-se principalmente da perda de sua fortuna. Mas não mencionou com nenhuma palavra o destino da Itália. Hitler ficou indignado. Ele disse:

— Todos eles são venais até a alma. Não se pode confiar em que continuem lutando.



No início de agosto de 1943, Himmler foi à “Toca do Lobo” sem se fazer anunciar. Pediu a Günsche que anunciasse sua chegada a Hitler imediatamente. Este o recebeu na hora. Radiante, Himmler anunciou:

— *Mein Führer*, o *Duce* está vivo!

Hitler nem quis acreditar. Disse que, se Mussolini realmente ainda estivesse vivo, já teria sido há muito tempo levado para a Inglaterra pelo serviço secreto britânico. Himmler estava com um mapa dos Abruzzes, e apontou para ele:

— *Mein Führer*, conseguimos apurar que o *Duce* está sendo mantido preso em uma casa afastada nestas montanhas.⁴

Hitler começou a perambular pela sala, agitado, coçando uma ferida na nuca. Mandou chamar Günsche, Keitel e Jodl. Com eles e Himmler, começou a pensar em como se poderia tirar Mussolini dali. Decidiram mandar libertar o *Duce* com a ajuda de um comando de resgate que deveria pular de pára-queda próximo da casa onde ele estava preso. Himmler disse a Hitler que encontrara o homem ideal, um conhecido brigão. Hitler pediu para ver esse homem.

Na mesma noite, Himmler voltou de seu QG de Angerburg, cerca de 45 minutos de carro da “Toca do Lobo”. Vinha acompanhado de um oficial da SS alto, de costas largas, com uma cicatriz no rosto. Na manga esquerda de seu uniforme havia as letras “SD” costuradas em galões prateados. Era Skorzeny, um austríaco que já trabalhara como agente para os nazistas antes da anexação da Áustria e organizara assassinatos políticos. Hitler gostou de Skorzeny. Mandou Jodl ajudar Skorzeny na execução do plano para libertar Mussolini. Ele deveria instruir o comandante supremo das tropas de pára-quedistas na Itália, general Student, a colocar à disposição de Skorzeny os pára-quedistas necessários. Ao despedir-se, Hitler disse a Skorzeny:

— Vá imediatamente para a Itália! Descubra a situação lá mesmo. Aja da forma que considerar correta.⁵



Enquanto isso, o Exército italiano ia sendo desarmado pelas tropas alemãs. Para essa tarefa, a SS-Leibstandarte “Adolf Hitler” tinha sido transferida em meados de 1943 de suas posições perto de Kharkov até a fronteira ítalo-germânica. Já não era mais comandada por Sepp Dietrich, mas por Wisch.

Depois dos combates em Kursk, Sepp Dietrich fora nomeado comandante do 1º Corpo Panzer da SS, formado pela Leibstandarte e por uma nova Divisão Panzer formada na Bélgica e chamada de “Hitlerjugend” (“Juventude Hitlerista”), a qual consistia em jovens da SS de 16 e 17 anos.

No início de agosto, a Leibstandarte chegou à região do Tirol e cruzou o passo Brenner, dirigindo-se até a área de Milão. Tinha sido incumbida de desarmar as unidades italianas que ficavam na região entre Milão, Turim e Como e tinham a potência de um exército. Os homens da SS tinham ordens para

tratar os italianos como adversários e traidores, reprimindo com mão de ferro qualquer manifestação de resistência. No início da operação, Günsche, enviado pelo próprio Hitler como chefe de companhia para a Itália, foi servir na Leibstandarte. Na despedida, Hitler brincou, rindo:

— Não assuste tanto os italianos com o seu tamanho.

A maioria dos soldados italianos estava escondida nas casernas. A maior parte dos oficiais trocou os uniformes por roupas civis e desapareceu. O desarmamento deu-se da seguinte maneira: um oficial da SS aparecia diante da caserna e mandava os italianos baixarem as armas e render-se. A resposta era invariavelmente a mesma: “Jamais. Lutaremos até a última gota de sangue.” Mas bastava detonar uma única granada de mão para conseguir com que uma bandeira branca fosse içada e os soldados se deixassem desarmar sem oferecer resistência. Em seguida, os “aliados” marchavam em longas filas até campos de trabalho na Itália e na Alemanha. Ali obedecia-se à ordem de Hitler: se os italianos não querem lutar, que trabalhem para nós até caírem mortos.⁶

Foi assim que “lutou” a Leibstandarte na Itália. Os homens da SS comentavam como os horrores da guerra na Rússia se distinguiam desta “guerra agradável” na Itália. Depois de cumprir sua tarefa e levar o butim conquistado — quantidades enormes — para a Alemanha, as unidades da Leibstandarte instalaram-se nos diversos balneários às margens dos lagos Maggiore, de Garda e Como. Ali descansaram das pesadas batalhas na Rússia e curaram as feridas das recentes lutas em Kursk.

Ali a Leibstandarte voltou a receber reforços e armas. Mais do que isso, ganhou veículos novos da Fiat e da Alfa Romeo. Além disso, recebeu uma nova Divisão Panzer equipada com “Panteras”.⁷ Desta forma, a Leibstandarte tinha à disposição quase 300 tanques do tipo Tigre, Pantera e modelo IV.⁸

No final de outubro de 1943, a vida tranqüila da Leibstandarte na Itália acabou. Junto com outras unidades alemãs, ela foi transferida às pressas para o trecho sul do *front* oriental, onde a situação estava ameaçadora. Deprimidos, os homens da SS voltaram para a Rússia, para a verdadeira guerra, com todos os seus horrores.



Na segunda semana de agosto de 1943, o antigo homem de ligação de Himmler do QG, Wolff, que depois da queda de Mussolini fora nomeado líder máximo da SS e da polícia na Itália, informou que a operação de Skorzeny tinha sido bem-sucedida.⁹ Mussolini foi libertado por pára-quedistas do general Student, que saltaram perto da casa onde o *Duce* era mantido preso. Skorzeny levou Mussolini em um pequeno avião do tipo Fieseler-Storch.¹⁰ Hitler mandou imediatamente o seu piloto pessoal Baur com o avião Condor do *Führer* até o local onde Mussolini ficava na Itália. Baur conduziu Mussolini em plena saúde até o QG de Hitler. Este esperava por ele no aeroporto de Rastenburg. Quando o equipamento aterrissou, Hitler veio correndo até ele. Numa das janelas dianteiras dava para reconhecer Mussolini. Ele estava de roupa civil e tinha enterrado o chapéu no rosto. O avião parou. O pessoal do aeroporto colocou rapidamente uma escada, ao lado da qual Hitler se postou. Mussolini apareceu na porta do avião, de chapéu na mão. Com esforço, desceu as escadas. Hitler tomou suas duas mãos e apertou-as longamente. Mussolini continuava totalmente apático. Hitler segurou-o pelo ombro, sacudiu-o e disse algumas palavras. Ambos riram. Keitel, Bormann, Dietrich e outros, que até então sempre ficaram em segundo plano, aproximaram-se. Felicitaram Mussolini pela sua libertação. Enquanto isso, chegaram também Skorzeny e o filho de Mussolini. Juntos, todos foram até o QG. Ali, Mussolini e seu filho instalaram-se no luxuoso *bunker* de Göring. Pela libertação de Mussolini, Skorzeny recebeu a maior condecoração alemã, a Cruz de Cavaleiro. Da “Toca do Lobo”, Mussolini viajou até Munique. Ali instalou-se com o filho e a mulher, que vieram da Itália, em um castelo da dinastia real bávara, o Wittelsbacher.

No início de setembro de 1943, Mussolini formou um novo governo com o círculo de fascistas leais a ele e que tinham fugido da Itália para a Alemanha.¹¹ No próprio país, os alemães lutavam contra as tropas anglo-americanas desembarcadas em 10 de julho na Sicília. No final de agosto, as unidades alemãs tiveram que bater em retirada da Sicília pela estrada de Messina até o sul da Itália.¹²

Em 8 de setembro, o rei italiano e o governo de Badoglio fugiram para a Sicília e declararam a capitulação da Itália. No fundo, tratava-se apenas de sua própria capitulação, pois a Itália estava quase inteira ocupada por tropas ale-

mãs, enquanto o Exército italiano tinha sido desarmado pelos alemães. Os anglo-americanos só tinham ocupado a Sicília e um pedaço minúsculo da Itália do sul.¹³

Na capitulação, Badoglio só pôde entregar ao alto-comando anglo-americano as principais forças da Marinha italiana. Mas, por causa do famoso “espírito batalhador” da Marinha italiana, o alto-comando alemão não deu a menor importância àquilo.¹⁴

Depois da fuga do rei italiano Vitório Emanuel e de seu primeiro-ministro Badoglio, Mussolini voltou com sua comitiva para o norte da Itália, onde se instalou no lago de Garda. Mas eles eram apenas um gabinete de sombras. Quem mandava eram as autoridades alemãs de ocupação. O governo Mussolini cuidava da administração civil e de conseguir força de trabalho para a Alemanha.

Essas restrições têm uma explicação: o tipo de relação que Hitler tinha com os italianos. Ele declarou que nunca mais lhes concederia poder político, pois tinha sido traído por eles. Que criara o governo Mussolini apenas para mostrar ao mundo que o fascismo estava vivo na Itália. Por isso Hitler permitiu a Mussolini ter um exército de quatro a cinco divisões. Ele consistia em soldados do exército italiano desarmado pelos alemães e que estavam em campos de trabalho alemães. Como comandante, foi nomeado o marechal Graziani, fiel a Mussolini. O Exército Graziani não tinha nada a ver com a frente de combates, só desempenhava funções de polícia. Tinha como principal tarefa reprimir manifestações populares antifascistas e lutar contra a resistência italiana que atacava as tropas de ocupação alemãs. Para essas tarefas policiais, o exército de Graziani foi armado apenas com carabinas e metralhadoras leves.

Hitler já não esperava nada de Mussolini, considerado antes por ele “o único romano autêntico”. Depois de tudo o que ele tinha passado desde a sua detenção, o destino da Itália não o interessava mais. O chefe máximo da SS e da polícia na Itália, SS-*Obergruppenführer* Wolff, cujos agentes supervisionavam Mussolini, relatou que o *Duce* já nem ligava para o desenvolvimento militar e político no país. Só pensava em entregar-se aos prazeres da vida. O serviço de segurança mandava relatos da Itália dando conta de que Mussolini levava uma vida de excessos, rodeado de mulheres com as quais festejava orgias noturnas.

Hitler comentou com seus ajudantes:

— O *Duce* só se interessa pelo seu harém de jovens belas italianas, as quais preenchem totalmente sua vida.



Os contra-ataques dos russos em Kursk tornaram-se uma grande ofensiva. Nos relatórios do alto-comando alemão, falava-se constantemente de uma retirada “planejada” das tropas alemãs com o objetivo de “correção do *front*”. Essas formulações foram objeto de piadas amargas no grupo de Hitler, pois todos sabiam que a “retirada planejada” custava aos alemães dezenas de milhares de mortos e feridos.

Mas Hitler não se cansava de repetir, depois de cada reunião sobre a situação no *front* oriental:

— Tudo isso culminará com a vitória alemã.

Enquanto isso, as tropas alemãs no *front* oriental recuavam a cada dia que passava, pressionadas pelos russos. Os sonhos de trigo, carvão e minério de ferro da Ucrânia e do petróleo do Cáucaso pertenciam ao passado.

No QG, apareciam industriais que conversavam longamente com Hitler. Nos círculos de Hitler, dizia-se que os senhores da Alemanha estavam preocupados. O primeiro foi o chefe da Confederação do Ferro (Reichsvereinigung “Eisen”), Dr. Röchling. A ele se seguiu, em seu trem particular, o rei dos canhões, Krupp.¹⁵ Até Göring, que de resto se dedicava à caça despreocupadamente em seu castelo de Rominten, apareceu no QG.

Os sofrimentos e as perdas terríveis das tropas alemãs no *front* oriental não o preocupavam muito. Ele trouxe caça e cerveja extraforte, fabricada especialmente para ele. Durante o almoço com Hitler, Göring leu uma carta que tinha recebido de Schacht. Nela, Schacht escrevia que, nas lides industriais, estimava-se que a situação no *front* oriental era um grande perigo para a Alemanha. Acreditava-se que, nessa situação, deveria almejar-se a paz com as potências ocidentais. Schacht insinuou ter informações de que tais negociações poderiam ser bem-sucedidas.

Hitler ficou fora de si com a carta de Schacht. Sem a menor vergonha, soltava impropérios furiosos contra Schacht. Berrava que Schacht queria pas-

sar por cima dele e fazer política atrás de suas costas. Dizia que qualquer aproximação com os anglo-americanos sem o seu consentimento seria punida como alta traição. Ameaçou mandar Schacht para o campo de concentração.¹⁶

Enquanto Hitler gritava, Göring mantinha a calma. Ele tentou desviar a atenção de Hitler. Só conseguiu fazer com que ele pensasse em outras coisas quando lhe contou que o velho Schacht tinha se divorciado, casando-se com sua jovem secretária.



Quando as tropas alemãs tiveram que recuar para trás do rio Dnieper, Hitler convocou os comandantes dos grupos do exército no *front* oriental para o seu QG. Eles reuniram-se no refeitório do cassino, a quinhentos metros do *bunker* de Hitler. Hitler foi de carro até lá com Bormann, Schaub, Schmundt e Linge. Quando entrou, os marechais-de-campo e generais o cumprimentaram com a saudação fascista. Hitler fez um discurso em que exigiu manter as posições no *front*, custasse o que custasse.¹⁷

Ele ressaltou que a situação estava favorável para continuar a guerra no leste, porque a abertura de uma segunda frente na França estava claramente sendo atrasada. Hitler leu aos presentes duas informações da Agência de Notícias Alemã que apontavam para as diferenças entre anglo-americanos e russos.

Ao final do discurso, Hitler declarou pateticamente:

— Meus senhores! Quando a hora da verdade soar para a Alemanha, espero que os senhores, meus generais, estejam junto comigo nas barricadas! E os senhores, meus marechais-de-campo, a meu lado com a espada desembainhada!

Ao ouvir tais palavras, o marechal-de-campo von Manstein, que então comandava o Grupo Sul do Exército, pulou da cadeira e exclamou:

— *Führer*, mande, e nós seguiremos!

Hitler emudeceu e lançou um olhar desconfiado para Manstein. Ele não acreditou que este tinha sido honesto em sua manifestação. Manstein era um general típico da escola do imperador Guilherme II, conhecido como monarquista empedernido, que tentara adequar-se ao nazismo. Mas Keitel já gritava:

— Ao nosso admirado *Führer*, três vezes *Heil! Heil! Heil!*

Os marechais-de-campo e os generais saltaram das cadeiras e lançaram seus braços direitos para cima. Keitel berrou três vezes:

— *Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil!*

Todos fizeram coro. Depois, ele começou a cantar o hino nacional “Deutschland, Deutschland über alles” e o hino nazista (Horst-Wessel-Lied). Todos os presentes juntaram-se em coro. Mas se o coro ainda estava harmonioso durante o hino nacional, desagregou-se durante a execução do hino nazista, pois os marechais-de-campo e generais não sabiam direito a melodia nem a letra. Ainda durante a cantoria, Hitler deixou a sala.

Na volta para o *bunker*, reinou um silêncio mortal no carro. Bormann falou entre dentes:

— Que ousadia!

Quando chegou ao *bunker*, Hitler foi imediatamente até a sala de reuniões. Schmundt, Schaub e Linge desapareceram na sala dos ajudantes. Schaub fez uma cara triste e encolheu a cabeça, sinal de que uma tempestade estava a caminho. Bormann adentrou a sala e disse a Schmundt:

— O *Führer* mandou Manstein ir imediatamente à sala dele!

Schmundt foi chamar Manstein e levou-o até Hitler. Logo se ouviu Hitler gritando. Ele berrou com Manstein, dizendo que ele não ousasse interrompê-lo mais uma vez. Que aquilo era falta de disciplina. Hitler xingou Manstein durante uns dez minutos. Este saiu como um aluno punido por ter sido pego em uma travessura.



Nos primeiros dias de dezembro, Günsche foi chamado do *front* oriental até o QG de Hitler. Ele tinha estado no QG quando a SS-Leibstandarte “Adolf Hitler” fora jogada da Itália de volta à Rússia. Hitler convidou-o logo para almoçar com ele. Quando estava sentado à mesa com Günsche, ele disse:

— Günsche, resolvi convocá-lo de volta. Eu soube que os russos dão determinadas injeções nos presos para torná-los mais obedientes. Não quero arriscar nada com você. Você ficou muito tempo comigo e sabe demais.

Hitler acrescentou ter dado ordens para reconvocar do *front* oriental todos aqueles que alguma vez tinham servido em seu comando particular ou sua guarda pessoal.

Günsche teve a impressão de que Hitler, naquele exíguo espaço de tempo desde que ele se ausentara do QG, estava ainda mais encurvado e que sua mão esquerda tremia mais. Hitler explicou que estava sempre com frio. A tremedeira começara com a derrota em Stalingrado, mas era imperceptível naquela época. Hitler estava com uma cor acinzentada. Seus movimentos pareciam bruscos e nervosos. Durante as refeições, costumava tomar um copo inteiro de aguardente Slibowitz, o que para ele era pouco comum. Antes, muito raramente tomava algum digestivo, torcendo a cara, sacudindo o corpo e até tampando o nariz, porque não gostava do cheiro de álcool. Mas agora tomava uma boa quantidade de aguardente ou conhaque no almoço e no jantar.

Depois do almoço, Hitler pediu que Günsche contasse o que vira no *front*. Este sabia que Hitler queria ouvir boas notícias. Por isso começou a dizer, escolhendo cuidadosamente as palavras, que o espírito de luta dos soldados alemães tinha esmorecido. Günsche nem tocou nas enormes dimensões da ofensiva russa. Limitou-se a falar da resistência dos russos durante o contra-ataque alemão. Mas até isso era demais para Hitler. Irritado, ele fez um sinal com a mão para que Günsche parasse e disse:

— São casos isolados. Tenho outras informações.

Agitado, Hitler acrescentou que voltaria a atacar, avançaria até o rio Dnieper e reconquistaria Kiev. Em seguida, levantou-se, estendeu a mão para Günsche e disse que ia dar comida para Blondi. Pegou o pote da cachorra que um ordenança lhe trouxera e saiu devagar do refeitório.



Em meados de fevereiro de 1944, Zeitzler informou Hitler sobre a situação no *front* oriental. Há muito Zeitzler não era mais o mesmo homem enérgico. É bem verdade que ele ainda falava muito rápido. Desta vez, parecia que ele queria terminar logo sua apresentação. Como sempre nos últimos tempos, começou falando da situação do Grupo Sul do Exército. Informou que a situação das

tropas alemãs no curso inferior do rio Dnieper tinha piorado tanto que tinham sido obrigadas a abrir mão da zona industrial de Nikopol. O comando superior do grupo do exército, portanto, queria recuar as tropas alguns quilômetros para oeste, a fim de corrigir a linha do *front*, informou Zeitzler. Quando ele disse isso, Hitler pulou da cadeira. Jogou-se sobre a mesa, agarrou o mapa com a mão esquerda e gritou:

— Se os generais finalmente compreendessem por que me agarro tanto a esta região! Precisamos urgentemente do manganês de Nikopol! Eles simplesmente não querem compreender isso. E mal lhes faltam alguns poucos tanques, eles já começam a telegrafar: “Sem tanques não podemos segurar as posições, pedimos licença para recuar!”¹⁸

Hitler enfatizara diversas vezes que o manganês de Nikopol era importante para a fabricação de aços finos. Por isso, essas fontes de recursos naturais tinham de ser conservadas de qualquer maneira. E por isso a área de Nikopol deveria ser transformada em uma fortaleza inexpugnável até mesmo para os russos.

Hitler jogou-se em uma poltrona. Olhou para Zeitzler com os olhos arregalados, como a esperar apoio. Mas Zeitzler calou-se. Sabia que era a melhor coisa a fazer naqueles momentos.

Quando Hitler acalmou-se um pouco, Zeitzler continuou o relato. Falou da situação difícil do 8º Exército encurralado em Korsun-Schevchenkowsky.¹⁹ A operação iniciada havia alguns dias para reforçar o 8º Exército estava avançando muito lentamente, por causa da forte resistência dos russos.

Zeitzler perdeu poucas palavras sobre o trecho médio do *front* na linha Bobruisk/Mogilev/Orscha/Vitebsk. Ali, naquele momento, havia poucas lutas de importância local.

No trecho norte do *front*, segundo Zeitzler, as tropas alemãs tinham sido afastadas para território estônio depois da ofensiva dos russos em Leningrado e Volkhov iniciada a partir de meados de janeiro.

Quando Zeitzler terminou, Hitler mandou voltar a abrir o mapa do trecho sul do *front*. Agitado, ele o examinou detalhadamente. Tentando manter um tom mais calmo, explicou que a guerra contra a Rússia tinha atingido um estágio em que sua saída — vitória ou derrota — ia se definir. Que cada exér-

cito podia perder e ser forçado a recuar, mas que invariavelmente haveria o momento em que todos esses golpes desembocam em uma catástrofe. Era nesse estágio que o *front* oriental alemão se encontrava agora. Por isso, era absolutamente necessário demonstrar uma vontade férrea. Mais um recuo significaria a derrota definitiva da Alemanha. De agora em diante, ele mandaria punir severamente ou até fuzilar qualquer oficial ou general que lhe propusesse um novo recuo. Pois não lhe importava agora colher experiências operacionais, e sim demonstrar firmeza e constância por parte dos comandantes. Por isso, ele pretendia colocar nos cargos de comando gerais e oficiais jovens que tivessem essas qualidades. Hitler disse que pretendia promover em dois ou três graus tais militares. Já estava totalmente rouco ao proferir essas últimas palavras. Tinha gastado toda a sua energia. Levantou-se, deixou a sala pela porta lateral e retirou-se para os seus aposentos particulares.

— Chame Morell — disse a Linge, que viera correndo atrás dele.

Alguns minutos depois, apareceu Morell. Como sempre, Linge ajudou-o a preparar as injeções. Hitler tirou o casaco e liberou o braço para a injeção que Morell lhe aplicou.

Fevereiro — Junho 1944

Na segunda quinzena de fevereiro de 1944, Hitler mandou cobrir várias das edificações do QG “Toca do Lobo” com uma camada extra de concreto armado de sete metros de grossura. Mandou fazer isso no seu próprio *bunker*, no chamado *bunker* para convidados, que servia para líderes do Partido e ministros que lhe traziam seus relatórios, no *bunker* que abrigava a central telefônica e as estações de telégrafo e rádio, assim como em outros abrigos. A largura anterior de dois metros da laje de concreto parecia não mais bastar para Hitler, temeroso de ataques aéreos russos. Os trabalhos estavam previstos para durar vários meses, período que Hitler pretendia passar mais uma vez em Obersalzberg com sua comitiva. Apenas Zeitzler, chefe do Estado-Maior do Exército, permaneceria em Lötzen, na Prússia oriental, com seus colaboradores.

No dia 23 de fevereiro, Hitler partiu em seu trem especial da “Toca do Lobo” até Obersalzberg. Fez uma curta escala em Munique. De lá, Eva Braun, sua irmã Gretl e sua amiga, *Frau* Schneider, seguiram com Hitler para Obersalzberg. Dessa vez, Eva Braun não convidou *Frau* Schönmann para a residência de Berghof. Estava com ciúmes, porque Hitler tinha dado muita atenção a essa amiga durante a primeira estada, em 1943. Alguns dias mais tarde, a mãe de Eva Braun também chegou ao castelo de Berghof. Eva Braun aproveitou-se de sua crescente influência sobre Hitler para receber autorização para tal.

Além de suas amigas, estavam na residência de Berghof naquele momento as esposas do seu médico particular Morell, do cirurgião Brandt e do ajudante Below, bem como as secretárias de Hitler.

Como da outra vez, Keitel, Jodl, Buhle e Scherff ficaram alojados em uma dependência administrativa da Chancelaria do Reich, que também ficava na montanha de Obersalzberg, entre Berchtesgaden e Bischofswiesen, a meia hora de carro de Berghof. Dessa vez, ficou ali também o almirante Voss, sucessor do almirante Krancke como homem de ligação de Dönitz no QG de Hitler. Krancke fora nomeado comandante supremo do comando de grupo da Marinha na costa atlântica. Göring mudou-se para a sua mansão na montanha de Obersalzberg com a mulher e a filha de sete anos. Himmler e Dönitz ficaram em Salzburgo. Ribbentrop ficou perto dali, em seu castelo de Fuschl. O coronel Streve, comandante do QG de Hitler, com seu comando, e Warlimont, com os dirigentes da Wehrmacht, alojaram-se na caserna de Strub. Streve tinha sido nomeado comandante do QG no outono de 1942 no lugar de Thomas. Este último fora transferido para o *front* norte-africano, onde acabou morrendo.

A rotina na residência de Berghof era semelhante à de maio a junho de 1943. Hitler levantava da cama por volta de meio-dia. Depois do café da manhã, por volta das 13 horas ou 13h30, comandava a primeira reunião de estratégia do dia. Quando esta terminava, ficavam reunidos no salão contíguo ao grande saguão: Eva Braun, sua mãe e a irmã Gretl, a dama de companhia *Frau* Schneider, *Fräulein* Kastrup, Bormann, Morell, Below e Brandt com suas mulheres, Otto Dietrich, Hewel e Lorenz, bem como as secretárias e os ajudantes de Hitler. Todos ficavam lá à espera do almoço. Por volta das 15h30, Hitler oferecia o braço a uma das senhoras e conduzia o grupo todo à mesa. A dama escolhida tinha de sentar-se a seu lado. Como no ano anterior, as conversas à mesa eram bem banais. A guerra nem sequer era mencionada. Depois do almoço, se o tempo estivesse bom, Hitler fazia um passeio com todos até a casa de chá.

Com mau tempo, Hitler permanecia na residência, nos aposentos de Eva Braun. Juntos, folheavam revistas dos anos de 1933 a 1939 e deleitavam-se com fotos da “época de ouro” de Hitler. O jantar era servido por volta das vinte horas para o mesmo grupo. Em seguida, havia a reunião de estratégia

da noite, em que seus ajudantes militares Below, Puttkamer e Borgmann faziam breves relatos da situação nas frentes de combate. Depois da reunião, começava no grande saguão o serviço de chá com o inevitável champanhe e música de gramofone.

A grande diversão naquele ano era provar os coquetéis feitos a partir de receitas de Eva Braun. Ela e os ordenanças da SS inventavam nomes engraçados. Certa vez, quando serviram um coquetel novo a Hitler, ele perguntou como se chamava. A resposta foi: “ônibus”. Hitler perguntou o porquê daquele nome. Explicaram-lhe que provavelmente era porque aquele coquetel, assim como um ônibus, levava muita coisa, e tinha efeito tão rápido quanto a velocidade de um ônibus. Hitler caiu na risada e elogiou Eva Braun pelas idéias criativas. Depois da meia-noite, seguindo ordens de Eva Braun, ainda se fazia um lanche ligeiro: sopa de tataruga, sanduíches e salsichas.

Por volta das 3h30 Hitler ia deitar-se.

Ao contrário do que acontecera em 1943, a rotina cotidiana agora era interrompida por alarmes antiaéreos que anunciavam a chegada de aviões anglo-americanos. Isso acontecia geralmente entre nove e dez horas da manhã, quando os moradores do castelo ainda estavam dormindo. Quando aviões inimigos se aproximavam da fronteira do sul da Alemanha, havia o chamado alarme prévio. A informação sobre aproximação de aviões provinha do centro de operações do Estado-Maior da Luftwaffe e era enviada ao ajudante da Luftwaffe de Hitler, Below. Tinha o código de “Robinson”.¹ Below, por sua vez, informava Linge. Linge acordava Hitler imediatamente e repassava o alarme prévio para todos os moradores da residência. Começava uma grande agitação. Camareiras arrastavam um sem-número de cestos com os vestidos de Eva Braun e das outras senhoras da residência até os abrigos de defesa antiaérea. As damas saíam de seus quartos sonolentas, sem maquiagem, com roupas colocadas às pressas e lenços na cabeça.

Quando os aviões inimigos atingiam o espaço aéreo alemão, as sirenes tocavam o alarme. Todos acorriam aos abrigos de defesa antiaérea.

Quando soava o alarme prévio, Hitler se vestia rapidamente e saía para o terraço da residência, ainda sem ter tomado o café da manhã, acompanhado de seus ajudantes. Ali, era avisado de dez em dez minutos por Below sobre a

localização dos aviões, a fim de poder ir até o abrigo na hora certa, quando o perigo era iminente.

O *bunker* de defesa antiaérea de Hitler levou um ano e meio para ser construído. Dessa vez, quando ele chegou ao castelo de Berghof, os trabalhos estavam praticamente concluídos. Era um conjunto de galerias nas profundidades do maciço rochoso de Obersalzberg. As galerias eram interligadas por estreitos corredores — ou seja, toda a montanha de Obersalzberg estava minada, como um queijo suíço. Na entrada que levava aos aposentos subterrâneos de Hitler havia uma porta blindada. Uma escada de cerca de cem degraus levava a um corredor subterrâneo. No final da escada havia um local para guardar as metralhadoras. Desse corredor, um labirinto de pequenos corredores levava aos aposentos de Hitler. Entre eles havia enormes despensas de alimentos para o caso de a alta direção nazista ter de passar mais tempo no sistema de *bunkers* por razões de guerra. Por isso, toda a instalação ainda chegou a ser ampliada no início de 1945, com a construção de novos dormitórios.

Quando soava o alarme antiaéreo, toda a região em torno da montanha de Obersalzberg ficava envolvida em neblina artificial. Para essa finalidade, pequenos grupos de homens foram distribuídos pelas montanhas em torno do castelo. Eles soltavam um gás leitoso de garrafas. As numerosas baterias de defesa antiaérea que rodeavam a montanha de Obersalzberg estavam de prontidão para o combate. O batalhão da SS na caserna, a menos de quinhentos metros da residência, reforçava esse posto de guarda no terreno e ao redor dele.

Durante o alarme, Hitler ficava no terraço, rodeado dos seus ajudantes, vigiando para que a montanha de Obersalzberg ficasse bem dentro da neblina. Se o vento porventura abrisse um buraco nessa cortina de neblina, Hitler ficava furioso e mandava abrir mais garrafas.

Um alarme desde tipo demorava geralmente de uma hora e meia a duas horas. Nem uma única bomba caiu na região em volta do castelo de Berghof.² Os aviões ingleses e americanos bombardeavam principalmente a cidade de Munique. Nesses ataques, em que a população sofria pesadas perdas, Hitler ficava preocupado principalmente com a mansão que mandara construir para Eva Braun, os palácios do Partido Nacional-Socialista na Königsplatz e a Osteria Bavaria, seu restaurante predileto em seus primórdios de Munique. Quando,

em um dos bombardeios, o apartamento de Hitler na Prinzregentenplatz ficou levemente danificado pelo deslocamento de ar, ele declarou, orgulhoso:

— Agora eu também fiquei sem teto.

Eva Braun ficava indignada com os alarmes, porque a impediam de dormir. Além disso, estava entediada com os dias muito longos. Ela fazia com que Hitler passasse horas com ela folheando catálogos de serviços de porcelana e de cristal e ajudando-a a escolher os melhores para a residência de Berghof. Na condição de dona da casa, ela ganhava esses catálogos de Himmler. Este, por sua vez, recebia os catálogos porque os serviços eram fabricados por detentos do campo de concentração de Dachau na fábrica de porcelana Allach e outras manufaturas na Tchecoslováquia, subordinadas ao órgão administrativo central do SS-Führungshauptamt.³

Por encomenda especial de Hitler e Eva Braun, os detentos do campo de concentração de Dachau fabricaram castiçais de porcelana e uma série de figuras de porcelana que mostravam Frederico II a cavalo, bem como seus generais e soldados de todas as armas nos uniformes de época da Guerra dos Sete Anos.

Para variar um pouco a vida no castelo, em abril de 1944, atendendo à pressão feita por Eva Braun, o conhecido mágico Schreiber, de Berlim, foi levado até a residência na montanha de Obersalzberg. Schreiber foi com sua mulher, que o ajudava nas apresentações. Ambos foram levados até a mansão de Bormann. Almoçavam e jantavam no castelo de Hitler, aonde chegavam sempre junto com Bormann e esposa. Durante duas semanas, Schreiber fazia apresentações de mágicas quase que diariamente para Hitler e seu grupo, no mesmo saguão onde pouco antes aconteciam as reuniões de guerra. Os shows de mágica começavam regularmente depois da reunião regada a chá, à noite. O público consistia em Hitler, Eva Braun, sua mãe, a irmã Gretl, a amiga de Eva Braun, *Frau Schneider*, sua dama de companhia, *Fräulein Kastrup*, Bormann, Morell e Brandt com as esposas, Hewel, Otto Dietrich, Lorenz, as secretárias e os ajudantes de Hitler. Hitler sentava-se na primeira fila. À sua direita e à sua esquerda ficavam Eva Braun e sua mãe, na mesma fileira Bormann e Otto Dietrich. Os outros ficavam atrás deles.

Ao som de música para dançar (os discos eram escolhidos por Eva Braun e Bormann), Schreiber manipulava suas pombas adestradas que se dissolviam

em ar ou fazia desaparecer os pertences dos presentes. Risadas ecoavam pelo *hall*, quando, de repente, o relógio de bolso em ouro de Bormann ou o relógio de pulso decorado com brilhantes em platina de Eva Braun — presente de Hitler — desapareciam. O humor de Hitler melhorava sensivelmente com os truques de mágica de Schreiber. Ele ria e aplaudia muito. Brincando, observou para Schreiber como seria bom poder “fazer desaparecer” também o Exército russo daquele jeito.

Na primavera de 1944, as perdas das tropas alemãs que lutavam no *front* oriental assumiram proporções nunca imaginadas. O solo russo ficou encharcado com o sangue de soldados alemães, cujas covas já não se podiam contar. Todos os dias, os trens vinham para a Alemanha trazendo dezenas de milhares de feridos. Os hospitais estavam superlotados. Pelas cidades e aldeias alemãs, era cada vez maior o número de soldados mutilados, usando muletas, ou cegos.

Mas a dimensão das perdas era omitida do povo alemão. Nos relatórios do *front* do alto-comando falava-se de um recuo planejado do *front* oriental, com perdas colossais para os russos. As vítimas do lado alemão eram consideradas insignificantes. A opinião pública alemã tampouco sabia que centenas de milhares de soldados e oficiais alemães tinham sido presos pelos russos. A fim de equilibrar as imensas perdas humanas na luta contra os russos, foram convocadas centenas de milhares de pessoas até então consideradas imprescindíveis para as atividades econômicas, incluindo jovens de 16 e 17 anos.⁴ Era a chamada mobilização total, depois da derrota em Stalingrado. Divisões inteiras de jovens foram jogadas no *front*. O que sobrou das divisões em frangalhos era transferido da Rússia para a França, a Bélgica ou os Países Baixos, para receber reforço de gente e armas. Nos países da Europa ocidental ocupados pela Alemanha, portanto, havia constantemente um determinado número de unidades alemãs — na verdade, apenas os restos miseráveis das divisões derrotadas na Rússia.

Mesmo com todas essas reservas, era impossível fechar as lacunas cada vez maiores no *front* oriental. Até o pessoal de solo da Luftwaffe foi convocado. Eles formaram as chamadas divisões de campo de Luftwaffe (Luftwaffen-Felddivisionen), que foram integradas ao Exército.⁵ As unidades da Waffen-SS (a unidade armada de elite da SS), até então integradas por voluntários,

também foram reforçadas com pessoal da Luftwaffe e da Marinha de Guerra depois das perdas no *front* oriental e por causa da falta de reservas. Apesar de todas essas medidas, o Exército russo forçava as tropas alemãs cada vez mais para oeste.

Depois das pesadas derrotas infligidas aos alemães no outono e no inverno de 1943/44 na Ucrânia, Hitler jogou todas as suas esperanças na chegada da primavera. Ele explicou que a falta de caminhos para as tropas passarem deteria a ofensiva dos russos e ofereceria aos alemães um intervalo que seria usado para rearrumar suas forças e organizar sua defesa. Mas Hitler e o alto-comando alemão apostaram mal. Já em março de 1944, quando a primavera mal começava, derretendo neve e gelo, as tropas russas iniciaram uma nova ofensiva ao sul de Scheptkhovka e no rio Ingul, rompendo em pouquíssimos dias as posições alemãs, tanto na extensão do *front* quanto em profundidade.⁶ Por isso, Zeitzler foi em meados de março ao QG da Prússia oriental, a fim de fazer um relatório especial para Hitler. Depois da mudança do QG da “Toca do Lobo” para Obersalzberg, ele ficara com o seu comando em Lötzen, na Prússia oriental, indo apenas uma vez por semana para o castelo de Berghof. Nos outros dias, era representado nas reuniões de estratégia de Hitler pelo grau máximo do generalato, Brandt, da Divisão de Operações do alto-comando do exército. Da reunião, marcada especialmente para ouvir o relato de Zeitzler, participaram Keitel, Jodl, Korten, Brandt, Schmundt, Hewel e Günsche. Hitler atrasou-se. Com expressão sombria, cumprimentou os presentes e sentou-se à mesa em que estavam abertos os mapas militares do *front* oriental. Os demais ficaram de pé, rodeando a mesa.

Zeitzler começou sua apresentação. Informou que, com a ofensiva russa, os alemães tinham perdido as cidades de Kherson, Uman, Berislav e uma série de outras no sul da Ucrânia. Que a velocidade do avanço russo e os caminhos enlameados pela neve derretida impossibilitavam totalmente segurar as posições do *front* em todos os trechos. Zeitzler apontou para diversos pontos no mapa e enumerou divisões alemãs que ali tinham sido encurraladas ou já eliminadas por tropas russas. Mencionou também o 6º Exército, que tinha sido reformado para suceder o exército de Paulus derrotado em Stalingrado.⁷

Hitler apontou para o mapa com a mão trêmula. Com um dedo, ele mediu a largura do rompimento do *front* e disse:

— O 6º Exército é a nossa maldição. Eu não deveria ter dado ao novo exército o mesmo número daquele que foi derrotado em Stalingrado. Esse número me dá azar.

Cada vez mais agitado, Hitler continuou dizendo que não compreendia como os russos conseguiam avançar nas estradas pantanosas, enquanto os alemães atolavam na lama. Furioso, berrou:

— Meus generais não sabem mais mandar, esse é o problema! Eles deveriam aprender com os russos como é que se dá ordens!

Zeitzler quis retrucar alguma coisa, mas conteve-se a tempo. Limitou-se a respirar fundo algumas vezes. Pela primeira vez em toda a guerra, Hitler pronunciara a idéia de que generais alemães deveriam aprender a dar ordens com os russos. Dali em diante, ele haveria de repetir diversas vezes durante as reuniões que os generais alemães deveriam aprender com os russos.

Zeitzler continuou sua apresentação e expressou o temor de que, naquela situação, o Grupo Sul do Exército pudesse ser cortado pelo Grupo Central. Por isso, explicou Zeitzler, o alto-comando do Grupo Sul do Exército propusera abrir mão da Criméia para recuperar as forças necessárias para recuar o *front* e, assim, assumir novas posições.

Nesse momento, Hitler saltou da cadeira e gritou:

— Agora estou farto de continuar ouvindo as propostas desses senhores sobre um recuo por razões operacionais! Eles só falam de correção do *front*, mas só ficam recuando! Esqueceram totalmente de olhar para a frente!

Voltando-se para Schmudt, prosseguiu:

— Por favor, encontre generais que consigam corrigir o *front* avançando, não recuando!

Hitler emudeceu. Com movimentos nervosos, arranhou a nuca até se ferir e roeu as unhas, arrancando as cutículas com os dentes.

Enquanto isso, Günsche era chamado ao telefone. No jardim-de-inverno, encontrou-se com Eva Braun, que estava brincando com seus cachorrinhos.

— Me diga, por favor, hoje temos “re-com” ou “re-cur”? — perguntou ela.

Günsche sorriu. Ele conhecia as abreviaturas. Significavam “reunião comprida” ou “reunião curta”. Entediadas com as intermináveis sessões de debates militares no castelo, Eva e suas amigas haviam inventado essas abreviaturas para demonstrar que esperavam impacientemente o final da reunião. Hitler achou as abreviaturas bem apropriadas.

Quando Günsche voltou à sua reunião, Hitler acalmara-se e estava novamente sentado em sua poltrona. Explicou em tom categórico que em hipótese alguma a Criméia deveria ser entregue. Enquanto ele dizia isso, Keitel balançava a cabeça com veemência, dizendo:

— Claro, *mein Führer*! Tem toda a razão. Se entregarmos a Criméia, perderemos imediatamente o apoio dos turcos.

Quando os mapas do *front* oriental foram tirados da mesa, Jodl abriu seus mapas e começou a apresentar a situação nos “cenários de guerra de segunda categoria”, como o pessoal do QG de Hitler chamava o *front* ocidental — França, Itália, Países Baixos, Bélgica, Dinamarca, Noruega e os países dos Bálcãs. Sorrindo, relatou as ações bélicas contra as tropas anglo-americanas na Itália.

Apontando para o mapa, Jodl disse:

— Aqui, neste local, *mein Führer*, foi aniquilado um posto avançado americano. E aqui os americanos avançaram quinhentos metros.

Hitler sorriu. Aquilo lhe agradou. As tropas anglo-americanas, que haviam desembarcado na Sicília em 10 de julho de 1943, mais de oito meses atrás, até então não tinham alcançado êxitos decisivos, embora enfrentassem efetivos alemães fracos. Com muito esforço, as tropas anglo-americanas avançavam metro a metro, parando a cada passo. Até mesmo as unidades que tinham desembarcado na costa ocidental italiana ao sul de Roma, atrás do *front* alemão, ainda não tinham alcançado o sucesso desejado. O *front* alemão em Montalbano, no convento de Monte Cassino, não tinha sido rompido.⁸

Pelo que se sabia, o *front* alemão também permaneceu firme nos meses seguintes no inverno de 1944/45, nos montes Apeninos. Só quando a Alemanha capitulou, em maio de 1945, os anglo-americanos conseguiram ocupar a Itália inteira, o que não tinham conseguido fazer durante quase dois anos.

Entre as tropas anglo-americanas que desembarcaram na Itália estava também o exército do general polonês Anders.⁹ Hitler achou que aquele grupo de

mercenários era pago pelos ingleses e que, se lhe oferecessem um preço melhor, poderia se passar para o lado dos alemães. Mas talvez fosse melhor não fazê-lo, disse Hitler brincando, pois se os ingleses aumentassem o preço poderiam virar de lado novamente.

De resto, Jodl mostrou o que as tropas alemãs estavam empreendendo contra os grupos de resistência sérvios, gregos, eslovacos, macedônios e albaneses nos Bálcãs. Ele relatou que diariamente eram mortos cerca de trezentos guerrilheiros. Hitler ficou muito satisfeito com essa informação.

No que dizia respeito à França, Jodl informou que já estavam a caminho para a frente leste novas levas de divisões alemãs, recuperadas depois das pesadas lutas na Rússia e que tinham recebido reforços.

No final da reunião, Hitler deu um relato panorâmico da situação política, alongando-se unicamente na questão das diferenças entre anglo-americanos e russos. De algum tempo para lá, esse era o seu passatempo predileto, e ele voltava a esse discurso ao final de cada reunião. Ele lia relatórios secretos dos embaixadores alemães de Madri, Lisboa, Ancara e Estocolmo, que recebia de Ribbentrop. Estavam marcados com a letra R (de Ribbentrop) e continham, em suas margens, observações do ministro do Exterior sobre um crescente clima anti-soviético nos círculos dirigentes da Inglaterra e da América.

Depois desses relatos, Hitler leu excertos de informações da Agência Alemã de Notícias que também se referiam ao relacionamento entre anglo-americanos e russos. Eles revelavam que, em determinados grupos influentes da Inglaterra, falava-se cada vez mais do perigo russo, diante do rápido avanço do Exército russo. Esses grupos exigiam uma rápida interferência das tropas anglo-americanas no oeste. Hitler levava esses informes extraordinariamente a sério. Nas reuniões, ressaltava que, nas atuais condições, o perigo de uma ingerência do oeste era o mal menor, uma vez que a relação hostil entre os anglo-americanos e a Rússia Soviética poderia levar a um rompimento entre eles, influenciando a favor da Alemanha o desenvolvimento e o final da guerra.



Em abril de 1944, depois de duras batalhas, as tropas alemãs recuaram de Odessa. Em seguida, os russos ocuparam a Criméia e, em meados de maio, conquistaram também Sebastopol, último bastião alemão na península. Isso deixou Hitler tão furioso que ele teve de ficar de cama durante alguns dias. Ele demitiu Kleist e Manstein de seus cargos como comandantes supremos do trecho sul do *front*, embora gostasse bastante de Manstein por causa da crueldade que este revelara na frente leste.¹⁰ Depois que os russos conquistaram a Criméia, eles avançaram a golpes rápidos até o Dniester, atravessaram o rio e formaram várias cabeças-de-ponte em sua margem ocidental.

Numa reunião de estratégia no final de maio, Hitler teve mais um atrito violento durante um relato de Zeitzler. Dessa vez, irritou-se com a informação de que os russos tinham retomado seus ataques na região de Kishinev/Iasi, empurrando o *front* alemão ainda mais para o oeste. Hitler ficou fora de si. Ele berrou com Zeitzler que naquele trecho não se podia permitir nenhum recuo nem ceder um único metro de terreno. Exausto depois do seu acesso de raiva, prosseguiu, com voz fraca:

— Dali, o caminho leva diretamente até Ploiesti. Se abirmos mão do petróleo romeno, teremos perdido definitivamente esta guerra, e tudo estará acabado.

Nos dias que se seguiram, Hitler ficou cada vez mais agitado. Finalmente, mandou Zeitzler, que ficara o tempo todo no QG, voar até o referido trecho do *front* para averiguar pessoalmente como estava a situação. Hitler disse a ele:

— Pelo amor de Deus, esforce-se por estabilizar a situação de maneira que não tenhamos mais surpresas.

Nos primeiros dias de junho, Zeitzler voou de manhã cedo até o comando do Grupo Sul do Exército. No mesmo dia, ligou para Hitler depois do almoço. A ligação estava muito ruim, pois a distância para Obersalzberg era de mil e quinhentos quilômetros. Hitler não ouvia quase nada. Finalmente, falou com voz rouca, totalmente exausto, no telefone:

— Manter a posição a qualquer preço! A qualquer preço!

Günsche tirou o telefone de suas mãos trêmulas. Hitler ficou tão agitado que teve um acesso de fraqueza. Deixou o saguão cambaleando. O Dr. Morell foi chamado. Linge ajudou-o a preparar as injeções. Hitler saiu de seu dormitório sem paletó, cansado e encurvado, com olheiras inchadas.

— Professor — virou-se para Morell, com voz fraca —, acho que não suporto mais o clima de montanha. Meu coração não agüenta mais.

Exausto, ele jogou-se no sofá e prosseguiu:

— De qualquer maneira, examine o meu coração.

Morell respondeu que ia buscar o aparelho para o cardiograma. Na mesa havia quatro injeções prontas e Hitler liberou o braço para receber a aplicação.

Zeitzler voltou do *front* já no dia seguinte. Do aeroporto de Salzburgo, viajou, cansado e com a barba por fazer, até a residência de Berghof. Na mesa do grande saguão estavam os mapas abertos. Ele começou seu relato sobre os resultados de sua visita ao trecho sul da frente de combates. Introduziu sua fala assegurando que o alto-comando do Grupo Sul do Exército estava fazendo tudo para manter as posições. Em seguida, começou a falar de suas impressões pessoais do *front* e explicou que achava razoável recuar a linha do *front* com o objetivo de “corrigir” os locais onde os russos tinham rompido a frente alemã.

Hitler saltou da cadeira e berrou que Zeitzler tinha-se deixado convencer pelos generais, e que ele já tinha a impressão havia algum tempo de que ele, Zeitzler, estava mancomunado com eles. Zeitzler quis dizer alguma coisa, mas Hitler continuou soterrando-o com acusações:

— Zeitzler, o senhor não lidou direito com a coisa!

Zeitzler ficou rubro, ofegou e desabou repentinamente sobre a mesa onde estavam os mapas. Günsche e o ajudante de Zeitzler, o coronel Smend, desabotoaram o casaco de seu paletó e colocaram-no em uma poltrona. Enquanto isso, Morell foi chamado. Ele constatou um derrame. Zeitzler foi imediatamente levado para o hospital em Berchtesgaden.

Impressionado com o episódio, Smend comentou com Günsche que o *Führer* tinha tratado Zeitzler de forma injusta. Que este não tinha tido um só momento de tranqüilidade, tendo feito tudo o que podia para manter o *front*.

O cargo de chefe do Estado-Maior do generalato foi provisoriamente coberto pelo diretor do departamento de operações do generalato, general Heusinger.¹¹



Naqueles dias, houve um evento em Berghof que não combinava muito com a guerra e seus horrores. Em maio de 1944, festejaram-se com pompa e circunstância as bodas da irmã de Eva Braun, Gretl, com o oficial de ligação de Himmler no QG, o SS-*Gruppenführer* Hermann Fegelein.¹² Fegelein sucedera nesse cargo a Wolff no final de 1943, o qual por sua vez tinha sido enviado por Hitler, como chefe máximo da SS e da polícia, para a Itália. Fazia parte das tarefas de Fegelein apresentar pessoalmente os relatórios de Himmler a Hitler. Os assuntos incluíam as operações da polícia, da SS e da Gestapo, punições contra resistentes na Rússia, a formação de divisões da SS e os relatos da situação das unidades da SS no *front* oriental. Com base nesses relatos, Hitler chejava os relatórios de operação do generalato. Fegelein tinha então 38 anos. Antes da guerra, tinha sido chefe da Escola Central de Cavalaria da SS, em Munique. Na guerra, comandara a 8ª Divisão de Cavalaria da SS, integrada em 1941 para ajudar a combater os resistentes na região de Pripet.

Depois da ocupação da Polônia, o empresário Fegelein fundou oficinas em Varsóvia, onde mercadorias saqueadas na guerra eram transformadas em peças de vestimenta masculinas e femininas, casacos de pele, sapatos, bolsas femininas e pastas. Os poloneses eram forçados a trabalhar nessas oficinas. Foi assim que Fegelein, clandestinamente, desenvolveu uma atividade florescente, fornecendo seus artigos para o círculo em torno de Hitler e Eva Braun.

Na residência de Berghof, Fegelein aproximou-se logo de Eva Braun. A seu pedido, Hitler convidou-o logo a fazer parte do grupo de íntimos e a participar do chá ao pé da lareira. Em pouco tempo, passou a freqüentar os aposentos de Eva Braun como se fosse íntimo. Ninguém antes tinha tido esse privilégio. Eva Braun foi ficando cada vez mais influenciada por Fegelein. Ela não se cansava de elogiar sua masculinidade e elegância para Hitler. Dizia que ele era um “verdadeiro homem”.¹³ Nem Hitler podia negar isso. Ele disse a Himmler:

— Himmler, esse Fegelein que você nos arranjou combina muito bem conosco.

Depois de um mês, Fegelein já estava noivo de Gretl, a irmã de Eva Braun, consolidando ainda mais sua posição junto a Hitler. Eva Braun conseguiu fazer com que o casamento fosse comemorado com uma grande festa no castelo de Berghof.

Naquele dia, Hitler mandou cancelar a primeira reunião de estratégia de guerra do dia. Para justificar a decisão, disse que não queria atrapalhar a festa com notícias ruins do *front*, onde naquele momento se davam as sangrentas batalhas de Sebastopol.

As bodas foram realizadas em Salzburgo. Himmler e Bormann foram os padrinhos. De lá, os recém-casados foram até Berghof. Na entrada do castelo, foram recebidos por Hitler, que estava com expressão solene. Ele estava usando o casaco cinza de comandante supremo da Wehrmacht. Em seu peito, a medalha dourada do Partido, a Cruz de Ferro de primeira classe e a condecoração de ferido da Primeira Guerra Mundial. Hitler adentrou o *hall* junto com o jovem casal. Ali, Hitler entregou a Gretl uma bolsinha de platina como presente de casamento. Em seguida, dirigiu-se com os recém-casados até o salão, onde aguardavam Eva Braun, seus pais, a irmã mais velha, Ilse, com seu segundo marido, os pais de Fegelein, seu irmão mais novo, o oficial da SS Waldemar Fegelein, as amigas de Eva Braun, Himmler, Morell, Hoffmann, a mulher de Brandt, o cirurgião de Hitler, Below com sua esposa e Günsche. Todos esperavam para dirigir-se à mesa.

Hitler conduziu o grupo até a sala de jantar, onde a mesa estava posta. Os fraques e uniformes dos cavalheiros e os luxuosos vestidos de noite das damas conferiam um clima especial ao castelo de Berghof. Nas mesas, decoradas com enormes arranjos de flores e velas ardentes nos candelabros dourados, havia um caríssimo serviço de porcelana pertencente ao Estado, que normalmente era utilizado apenas em banquetes oficiais.

Quando os ordenanças da SS, trajando paletós brancos especialmente para a ocasião, serviram a sopa de cérebro de vitela, Hitler bateu com a faca no copo. Imediatamente, todas as conversas emudeceram. Hitler levantou-se da cadeira e falou brevemente. Expressou sua alegria sobre o fato de o casamento de Fegelein com Gretl Braun estar sendo comemorado em seu castelo. Como chefe de governo, expressou principalmente o desejo de que o jovem casal tivesse a bênção de uma grande prole, caso o Altíssimo assim o desejasse. Em seguida, ergueu o copo e brindou aos noivos. Depois do brinde, os ordenanças serviram uma seqüência interminável de pratos selecionados e encheram os copos com champanhe e vinho francês, provenientes das adegas do Berghof. A con-

versa à mesa estava animadíssima. A euforia dos convidados chegou ao auge quando os ordenanças entraram com bandejas de prata com bombas de sorvete decoradas com miniesculturinhas femininas de açúcar em trajes do século XVIII.

Depois do jantar, todos passaram para o grande *hall*, onde o fotógrafo de Hitler, Hoffmann, tirou retratos de Hitler em várias poses com o jovem casal e outros convidados. Depois, uma caravana de carros levou todos — menos Hitler — até a mansão de Bormann, onde a festa continuou com artistas de Munique especialmente convidados por Fegelein. Hitler não queria que esses freqüentassem o seu castelo. Mais tarde, todos foram até a casa de chá de Hitler no Ninho da Águia, onde tudo já estava preparado para a continuação do banquete. A festa espalhou-se por todos os cômodos. Uma banda tocava música dançante sem parar. Os ordenanças serviam champanhe, licores e as iguarias mais refinadas. Eva Braun estava radiante, pois Hitler não estava presente. Ela dançou, flertou e deleitou-se com a festa, mais do que qualquer outra pessoa. Um estranho diria que era ela a feliz noiva. Himmler e Bormann também participaram da festa. Nada ali lembrava os sofrimentos e terríveis sacrifícios, os milhões de mortos e a devastação que a guerra levava a tantos povos do mundo.

À noite, o grupo de convivas voltou para a mansão de Bormann. Todos estavam bem alegres, e Hoffmann, completamente bêbado. Para abrigar a festa de casamento, a casa de Bormann tinha virado uma casa de diversões. Havia cômodos para dançar, outros para comer ou para relaxar. Um quarto tinha sido transformado em bar onde se serviam coquetéis. Outro virou ateliê fotográfico. Os músicos, de fraque branco, tocavam tango e *foxtrot*. No bar, um quarteto de *jazz* formado por soldados entoava canções melosas do *demi-monde* vienense.

Por volta das 23 horas, os ajudantes Puttkamer, Below e Günsche voltaram para o Berghof para a reunião noturna de estratégia. Dessa vez, quem fez o relato foi o coronel Brandt, incumbido por Hitler dessa missão, já que todos os ajudantes militares estavam na festa na casa de Bormann. Brandt falou das batalhas mais recentes em Sebastopol e das pesadas perdas sofridas pelas tropas que ali lutavam. Naquela noite, milhares de soldados alemães morriam na batalha de Sebastopol, enquanto a festa corria animada em Obersalzberg.

Depois da apresentação de Brandt, Puttkamer, Below e Günsche voltaram para a casa de Bormann. A festa estava a pleno vapor e foi até de madrugada.

No dia seguinte, Linge soube, através de ordenanças que tinham servido os convidados, que Bormann já mandara sua mulher para a cama por volta da meia-noite, a fim de que ela não o atrapalhasse durante a festa. Mas quando, de madrugada, sua terceira camisa estava completamente encharcada de suor de tanto dançar, Bormann mandou chamá-la para que ela lhe trouxesse camisas novas.

— Acredite ou não — relataram os ordenanças —, Bormann arrancou sua mulher da cama às quatro da manhã e mandou que ela fosse buscar camisas para ele na outra mansão deles, em Pullach, perto de Munique. Até lá e de volta são bem uns duzentos quilômetros.



O ministro do Reich para Armamento e Produção de Guerra, Speer, que costumava fazer muitas visitas de inspeção em fábricas de armamentos, tinha estreita ligação com industriais. Quando a Wehrmacht sofreu cada vez mais perdas no *front* oriental, Speer repetiu diversas vezes para Hitler que os industriais estavam crescentemente insatisfeitos com os rumos da guerra. As informações de Speer coincidiam com os relatos de Himmler, cujo serviço de segurança cobria o país inteiro com uma densa rede de agentes e informantes, atentos à menor crítica em relação a Hitler. Speer recomendou fortemente a Hitler que convidasse representantes da grande indústria para voltar a encorajá-los.

Por isso, Hitler reuniu, em meados de junho de 1944, cerca de duzentos industriais na montanha de Obersalzberg.¹⁴ Eles ficaram alojados no Hotel Platterhof, que fazia parte da rede de hotéis do Partido Nacional-Socialista. Nesse encontro, Hitler falou durante uma hora, esforçando-se por ser bastante convincente. Era mais do que claro que o clima entre os empresários o preocupava bastante.

Hitler conclamou-os a permanecerem do seu lado, argumentando que um inimigo de tal maneira tenaz só poderia ser vencido por uma obstinação inabalável.

Ele enfatizou que seus generais, que lutavam no *front* oriental, não compreendiam o alto significado para a indústria alemã da bacia do Donetz, da Ucrânia ou dos minérios de manganês de Nikopol. Acusou os generais de apenas levarem em conta os aspectos militar e estratégico.

Na seqüência, Hitler apontou para o fato de que, na indústria de armamentos, apesar da perda das regiões russas ricas em recursos, não havia grandes obstáculos. Existiam ainda grandes reservas de recursos naturais, o que permitiria vencer momentos de interrupção no fornecimento e ainda aumentar a produção de armas. Depois que a guerra terminasse, a Wehrmacht estaria brilhantemente equipada com todos os tipos de armas. Hitler disse ainda que a indústria de armamentos, portanto, continuaria lucrando muito, mesmo depois da guerra, pois o mundo inteiro estava apostando na qualidade das armas alemãs vitoriosas. A indústria alemã passaria a fornecer armas para o mundo todo. A essa guerra seguir-se-iam outras, explicou Hitler. A Hungria lutaria contra a Romênia, a Grécia contra a Itália. Dependeria unicamente dos alemães se entre esses países haveria guerra ou paz. A reconstrução das cidades destruídas e a produção de bens de consumo estariam a pleno vapor. Os industriais iriam poder cobrar altos preços pelas suas mercadorias.

No final, Hitler conclamou pateticamente os empresários a confiarem nele plenamente e não pouparem esforços em nome da vitória. Segundo ele, a hora da grande virada não tardaria.

Hitler deixou o salão sob aplausos fulminantes e gritos de *Heill*.



No dia 6 de junho de 1944, Linge acordou Hitler bem cedo, porque Jodl pediu para falar com urgência com ele ao telefone. Jodl informou Hitler de que os anglo-americanos haviam invadido a França de madrugada. Pouco mais de meia hora depois, Keitel e Jodl chegaram ao Berghof. Hitler recebeu-os no grande saguão. Seu aspecto geral estava bem melhor do que nos tempos anteriores.

— Então começaram a movimentar-se no Atlântico, Jodl? — perguntou Hitler rapidamente. — Onde exatamente? Tem detalhes mais precisos?

Jodl abriu um mapa da costa atlântica na mesa de mármore e apontou para os locais onde as tropas anglo-americanas tinham desembarcado.

— Aqui, ao sul de Le Havre, *mein Führer*, os navios desembarcaram as tropas. Em vários locais eles já foram forçados a voltar. Pára-quedistas saltaram atrás das tropas alemãs. Mas já podemos dizer que o adversário não conseguiu fazer um ataque-surpresa. Os pára-quedistas estavam sendo esperados.

Hitler ergueu-se. Seus olhos brilhavam.

— Meus senhores — disse ele, agitado. — Estou feliz em saber que os anglo-americanos finalmente decidiram desembarcar na França, e exatamente no local onde nós os esperávamos. Agora sabemos em que pé estamos. Veremos como tudo vai continuar agora.

Com base nos relatos e nas informações de Ribbentrop, Himmler e Jodl, Hitler sabia nas últimas semanas que a invasão da França era iminente. Mas ele ficara muito aflito por causa da incerteza sobre como e onde isso iria ocorrer. Diversas vezes, aconselhou-se com Jodl sobre como distribuir o pequeno número das reservas móveis na França, ou seja, das Divisões Panzer. Explicou que, nas lutas que estavam por acontecer, tudo dependeria do uso correto das Divisões Panzer.

Elas foram diversas vezes reagrupadas e finalmente concentradas na Normandia.

Enquanto Hitler ainda falava com Keitel e Jodl, anunciou-se a chegada de Göring. Hitler correu ao seu encontro. Göring já estava no *hall* de entrada. Radiante, Hitler pegou a mão de Göring com as duas mãos e gritou, agitado:

— Göring, já escutou essa? Hoje de manhã os anglo-americanos finalmente desembarcaram na França, e exatamente no local onde os esperávamos. Ali vamos conseguir enxotá-los novamente!

Keitel e Jodl aproximaram-se. Hitler arrancou o mapa das mãos de Jodl e abriu-o em uma mesinha. Hitler e Göring curvaram-se sobre o mapa e procuraram as localidades onde as tropas anglo-americanas tinham desembarcado. Em seguida, os quatro debateram que medidas poderiam ser tomadas contra os pára-quedistas adversários.

Mas, passados apenas alguns dias, os acontecimentos na França passaram a ser de menor importância para Hitler. As batalhas que agora se desenrola-

vam no *front* oriental na área do Grupo Central do Exército prenderam toda a sua atenção.

Heusinger fez uma exposição sobre a situação no trecho do *front* do Grupo Central do Exército em meados de junho de 1944. Ele relatou a Hitler que informações obtidas com o serviço de contra-espionagem e a atividade reforçada dos grupos de resistência russos, principalmente as explosões de linhas de trem atrás das tropas, apontavam que os russos estavam preparando uma grande operação naquele trecho central do *front*. Hitler disse, furioso, que há muito tempo tinha mandado transformar as áreas de atuação dos grupos de resistência em um deserto vazio.

— São todos bandidos! Inimigos dos alemães e bandidos, é tudo a mesma coisa! Todos devem ser aniquilados!

Preocupado, ele olhou longamente para o mapa e disse:

— Transmita a ordem ao marechal-de-campo Busch para ficar especialmente atento. O caminho para a Alemanha leva diretamente através do seu grupo do exército! Ali não podemos recuar nem um único passo!

No dia 23 de junho, alguns dias depois daquela reunião, começou na Bielo-Rússia a grande ofensiva russa contra as posições do Grupo Central do Exército.¹⁵ Havia muitos meses que os russos já não tinham promovido ataques maiores contra esse trecho do *front*. Na área de Vitebsk/Orscha/Mogilev, os alemães tinham erigido um sistema de fortificações chamado de “Linha da Pátria” (“Vaterlandslinie”).¹⁶

Mas, já na reunião de estratégia do dia 25 de junho, Heusinger informou que os russos tinham rompido o *front* ao sudoeste e ao sul de Vitebsk em grande profundidade, e que estavam promovendo violentos ataques em toda a frente do Grupo Central do Exército. Heusinger ressaltou principalmente o efeito devastador do fogo aberto pela artilharia russa.

Hitler quase caiu sobre a mesa e suspirou:

— Como isso pôde acontecer? Ali estão as nossas melhores divisões! Onde está a Divisão “Feldherrnhalle”? Onde está a 12ª Divisão de Infantaria?

Heusinger respondeu, deprimido, que ainda não havia informações precisas sobre a situação da Divisão “Feldherrnhalle” e das outras unidades. Relatou que todos os comandos do Grupo Central do Exército tinham trocado de

posição. E que as comunicações entre o exército e os corpos de exército e entre estes e as divisões estavam muito ruins.

Nos dias que se seguiram, ficou claro que a situação do Grupo Central do Exército era catastrófica. Heusinger relatou que as localidades de Vitebsk e Orscha, bem como Mogilev e Bobruisk, tinham sido abandonadas. No trecho do Grupo Central do Exército, o *front* tinha sido rompido em uma largura de quase trezentos quilômetros. Grandes unidades tinham sido cortadas e encurraladas pelos russos.

Hitler ordenou segurar o *front* a qualquer preço. A seu mando, divisões de trechos mais calmos do *front* e todas as demais unidades do Exército aptas para a luta foram jogadas para lá. Mas mesmo esses reforços foram triturados pelos golpes poderosos dos russos. O Grupo Central do Exército sofreu pesadas perdas. Dezenas de milhares de soldados e oficiais foram presos. Os tanques russos aproximavam-se da fronteira com a Prússia oriental com uma velocidade ameaçadora. Foi o que relatou Heusinger sobre a situação da frente oriental naqueles dias nas reuniões de estratégia de Hitler.

Hitler ficava sentado junto à mesa, apático, olhando fixamente para o mapa do *front* oriental. As agitações dos dias pregressos, nos quais vivenciara a destruição do trecho médio do *front*, tinham provocado nele novas cólicas estomacais violentas. Sentado, ele se contorcia de tempos em tempos com expressão de dor no rosto. Em seguida, voltava a ficar de pé, medindo com as mãos trêmulas a distância que as primeiras divisões do Exército russo ainda teriam de percorrer até atingir a fronteira da Prússia oriental. Com uma caneta azul, desenhou flechas no mapa, as quais cortavam os flancos das unidades russas que avançavam. De repente, ele começou a lançar olhares loucos em torno de si, saltou da poltrona, jogou a caneta na mesa e gritou:

— Traidores! Traidores!

Julho 1944 — Janeiro 1945

Com a situação cada vez mais ameaçadora no *front* oriental, Heusinger e Schmundt pediram insistentemente a Hitler que transferisse seu QG de volta para a Prússia oriental, a fim de conduzir de lá as operações de guerra. Mas Hitler continuava recalcitrante. Explicou que só voltaria para a “Toca do Lobo” quando a reforma do seu *bunker* estivesse pronta. Quando lhe mostraram fotos do chamado *bunker* dos hóspedes, cuja reforma já estava concluída, ele decidiu voltar de Obersalzberg para Rastenburg. No início de julho de 1944, foi dada a ordem para transferir o QG.¹

Eva Braun quis convencer Hitler a ficar no castelo de Berghof. Ela temia que algo pudesse acontecer com ele. Hitler tentou consolá-la.

— Não é por muito tempo, criança. Logo, logo, estarei de volta.

Hitler e todo o seu QG partiram em vários aviões do aeroporto de Salzburgo para a Prússia oriental.

Nos cinco meses de sua ausência, de fevereiro a junho de 1944, a “Toca do Lobo” mudara bastante. Os velhos *bunkers*, cobertos agora por uma camada nova de sete metros de concreto, e os novos *bunkers* se destacavam das árvores da floresta como se fossem pirâmides egípcias. Primeiro, Hitler alojou-se no *bunker* dos hóspedes, muito bem camuflado. Os trabalhos de fachada para reforçar a edificação já estavam terminados. Os operários da Organisation Todt estavam ocupados com os interiores.

Por dentro, o *bunker* era um labirinto. A porta de entrada levava a duas chamadas “eclusas”, que se abriam para o primeiro corredor e dali até os aposentos. As eclusas eram dois cômodos separados um do outro e do corredor por portas blindadas. Quem servia ali dentro eram os homens da SS da guarda pessoal de Hitler. No primeiro corredor transversal ficavam os dormitórios das secretárias: *Fräulein* Wolf, *Fräulein* Schroeder, *Frau* Junge e *Frau* Christian.

Frau Christian — *Fräulein* Daranowski em solteira — casara-se no final de 1942 com o coronel Christian, da equipe de operações do Estado-Maior da Wehrmacht. Era uma mulher temperamental e dinâmica. Sua energia infundável agradava a Hitler. Ele atendia a qualquer pedido seu. Sua influência sobre Hitler ficou evidente quando ele promoveu o marido dela, o coronel Christian, a major-general, investindo-o no cargo de chefe da equipe de operações da Luftwaffe.

Do primeiro corredor transversal, um corredor em curvas levava ao segundo, que conduzia aos aposentos dos ajudantes, de Morell, Linge e dos ordenanças. Dali, corredores em ziguezague levavam ao gabinete de trabalho de Hitler e ao seu dormitório. O refeitório de Hitler e a sala de reuniões também ficavam naquele *bunker*. Tubos para transportar oxigênio desembocavam diretamente no seu quarto de dormir. O oxigênio ficava armazenado em garrafas, que, por sua vez, estavam dentro de um buraco cavado no chão do lado de fora do *bunker*, porque Hitler temia que elas pudessem explodir. O conteúdo das garrafas passava por análises em um laboratório em Lötzen, pois Hitler desconfiava que se pudesse misturar gás venenoso ao oxigênio.

Ao vistoriar o *bunker*, Hitler determinou que a entrada fosse reforçada com um muro grosso de concreto e mandou colocar metralhadoras entre o muro e o *bunker* para o caso de os russos também atacarem com metralhadoras. Além disso, ordenou que fossem instalados ninhos de metralhadoras no teto do *bunker*, a fim de proteger os acessos. Ainda mandou cavar fossos e colocar metralhadoras diante do *bunker* dos hóspedes, onde ficara provisoriamente alojado.

Deu a seguinte ordem a Linge:

— Peça a Speer que nos forneça os novos modelos de metralhadoras que acabaram de ser adotados pelas tropas. Também quero uma arma dessas para mim.

Linge lançou um olhar surpreso para Hitler, como se quisesse dizer que ele não precisava de armas, pois os homens da SS estavam ali para proteger o *Führer*. Quando Hitler captou o olhar de Linge, explicou, com o jeito histriônico que lhe era peculiar:

— Não pense que vou me deixar assassinar neste *bunker*. Se for necessário, também pegarei em armas para lutar. Trate de fazer com que os ordenanças saibam atirar direito.

No dia anterior à chegada de Hitler à “Toca do Lobo”, houve uma reunião de estratégia com os participantes de sempre. Heusinger expôs a situação no trecho central do *front* oriental.

Hitler estava sentado à mesa, todo encurvado. Sua mão esquerda pendia para baixo, sem forças. A mão direita passava pelo mapa nervosamente. Heusinger informou que, embora os alemães tivessem concentrado efetivos fortes provenientes de divisões de outros trechos do *front* e realizado constantes contra-ataques, não fora possível deter o avanço dos russos na região do Grupo Central do Exército. A cidade de Minsk caíra. Os russos tinham ultrapassado a região de Beresina em larga extensão. Seus grupos de reconhecimento estavam chegando a Vilnius e Grodno, bem como mais ao sul, na direção de Baranovich e Brest-Litovsk. Em voz baixa, Heusinger acrescentou que seria difícil deter os russos na fronteira da Prússia oriental. De fato, as setas vermelhas nos mapas de operação revelavam que as pontas blindadas do Exército russo se aproximavam da Prússia oriental. O quartel-general do Grupo Central do Exército já estava na Prússia oriental, em solo alemão. O então comandante supremo desse grupo, marechal-de-campo Busch, fora demitido por Hitler, acusado de “imobilismo”, e substituído pelo coronel Reinhardt, que antes comandava o 3º Exército do Grupo Central.

Apesar da situação catastrófica no trecho central do *front*, Hitler partiu no dia seguinte inesperadamente, de avião, da Prússia oriental para Obersalzberg, acompanhado de todo o seu comando. Ele alegou estar exausto, disse que o calor na Prússia oriental era excessivo e que não agüentava esse clima. Pouco tempo antes, afirmara no Berghof que o clima da montanha era-lhe insuportável. Agora, era o clima na Prússia oriental que não lhe convinha mais.

Por ordem de Hitler, Heusinger permaneceu na “Toca do Lobo”. Mas, já alguns dias mais tarde, ele voltou ao castelo de Berghof e pediu insistentemente que Hitler voltasse à “Toca do Lobo”, pois a situação de risco na fronteira da Prússia oriental exigia sua presença para permitir decisões rápidas.

Hitler cedeu à insistência de Heusinger e voltou para a Prússia oriental no dia 10 de julho.² Como o *bunker* do *Führer* ainda não estava pronto, as reuniões militares aconteciam em uma barraca a cinquenta metros de distância do *bunker* dos hóspedes, onde Hitler morava. Essa barraca era coberta por uma camada de concreto de apenas sessenta centímetros de espessura. Poucos dias depois da volta de Hitler à “Toca do Lobo”, houve ali um atentado contra ele, durante uma reunião, no dia 20 de julho.

Naquele dia, Hitler deixara o *bunker* dos hóspedes por volta das 13 horas para ir à reunião. Fazia muito calor. Todas as janelas do local da reunião, à esquerda da entrada, estavam abertas. No início da reunião, além de Hitler, estavam presentes Jodl, Korten, Heusinger, Warlimont, Fegelein, Scherff, Bodenschatz, Voss, Brandt, Schmundt, Günsche, Puttkamer, Borgmann, Below, o ajudante de Keitel, John von Freyend, um colaborador de Jodl, Waizenegger, Büchs e Assmann, bem como o enviado Sonnleithner, do comando de Ribbentrop, que nesse dia representava Hewel.³

A reunião começou com uma exposição de Heusinger sobre a situação no *front* oriental. No trecho central do *front*, era mais ou menos assim: Vitebsk, Orscha, Mogilev, Bobruisk e Minsk já tinham caído havia muito em mãos das tropas russas. A capital da Lituânia, Vilnius, fora abandonada pelos alemães alguns dias antes. As unidades blindadas russas avançavam, aproximando-se de Siauliai e Jelgava. Era simplesmente impossível voltar a levantar o *front* alemão. Em toda parte havia grandes cunhas abertas. As tropas russas já estavam na fronteira da Prússia oriental, e, poucos dias antes daquela reunião do dia 20 de julho, os russos tinham iniciado outra poderosa ofensiva contra o Grupo do Exército do norte da Ucrânia.

Heusinger começou sua exposição com a informação de que essa nova ofensiva estava ocorrendo em uma extensão de cerca de duzentos quilômetros. Que os russos tinham conseguido romper a posição “Prinz-Eugen”⁴ ao leste de Lvov em toda a profundidade.

— Em todos os caminhos de acesso para Lvov estão sendo travadas batalhas violentas — informou Heusinger.

Nesse momento, Keitel entrou na sala, acompanhado de Buhle e do coronel von Stauffenberg.

Stauffenberg servia como chefe do Estado-Maior do comandante supremo do exército de reserva, general Fromm. Servia na Bendlerstrasse, em Berlim, onde ficava o comando de Fromm. Somente vinha ao QG quando era preciso fazer um relatório sobre o estado do exército de reserva. Antes, Stauffenberg lutara no exército de Rommel no *front* africano, onde perdera o braço esquerdo, um olho e três dedos da mão direita, em decorrência de ferimentos.

Heusinger prosseguiu com sua apresentação. Hitler estava curvado sobre a mesa, analisando o mapa do *front* oriental. Como se soube depois, Stauffenberg colocou sua pasta, em que havia uma bomba-relógio, sob a mesa. Em seguida, saiu, supostamente para ir telefonar. Os membros das reuniões ainda podiam entrar no salão com suas pastas sem passar por controles, bem como transitar livremente nos cômodos contíguos.

Heusinger nem tinha acabado sua apresentação, quando houve uma violenta explosão na sala de reuniões. Günsche e John von Freyend, que estavam apoiados no peitoril de uma janela aberta, foram lançados para fora pelo ar deslocado. Quando Günsche recobrou os sentidos, viu a fumaça saindo em densos rolos das janelas da sala e ouviu gemidos de pessoas. Ele foi correndo até a entrada. Alguns homens da SS da guarda pessoal de Hitler, que estavam montando guarda, também acorreram ao local da explosão. Na porta, Günsche topou com duas figuras enegrecidas com a fumaça, cambaleantes, que se apoiavam mutuamente e procuravam sair. Eram Hitler e Keitel. As roupas estavam em frangalhos. Os cabelos de Hitler estavam queimados e seu rosto sujo de fuligem estava coberto de manchas vermelhas. Günsche apoiou Hitler e exclamou:

— Graças a Deus, *mein Führer*, o senhor está vivo!

Keitel e Günsche apoiaram Hitler um de cada lado e o levaram até o *bunker*. Hitler tinha perdido quase toda a voz. Ofegante, repetia, com a voz rouca:

— O que... o que foi aquilo?

Keitel e Günsche colocaram Hitler em uma poltrona no refeitório do *bunker*. Ele falou, com voz agonizante:

— Um atentado... Uma bomba... O que foi isso? Que sorte... Estou vivo... Foi a graça da Providência.

Num acesso de euforia, Hitler ficava toda hora apertando a mão de Keitel e Günsche. Seu segundo cirurgião, Hasselbach, que substituíra Brandt, acorreu à sala, seguido de Bormann, Morell e Linge.

Hasselbach e Morell examinaram Hitler. Diagnosticaram uma contusão no braço direito, uma lesão no tímpano e leves ferimentos nas duas pernas causados por farpas de madeira do assoalho rompido.

Lentamente, Hitler voltou a si. Quando recuperou a fala, externou a suposição de que tinha sido uma bomba-relógio. E que certamente teria sido colocada ali pelos operários que haviam trabalhado na reforma do QG e que queriam vê-lo morto. Como temia que pudesse haver bombas também em seu *bunker*, mandou retirar imediatamente os assoalhos.

Além de Hitler, tinham sido feridos pela bomba ainda os seguintes participantes da reunião: seu ajudante de campo e chefe do Departamento de Recursos Humanos do Exército, tenente-general Schmundt; o chefe do comando geral da Luftwaffe, general da aviação Korten; o funcionário do Departamento de Operações do comando do Exército, coronel Brandt; o encarregado especial do *Führer* para história militar, major Scherff; o oficial de ligação de Göring junto a Hitler, general da aviação Bodenschatz; o vice de Dönitz, vice-almirante Voss; o ajudante de Hitler para o Exército, coronel Borgmann; e o estenógrafo Berger. Todos eles foram levados para o hospital militar de Karlshof, próximo de Rastenburg. Schmundt, Korten, Brandt e Berger morreram em decorrência dos ferimentos. Heusinger, Warlimont, Jodl, Buhle, Fegelein, Puttkamer e von Below escaparam com ferimentos leves.

Meia hora depois do atentado, Himmler chegou à "Toca do Lobo" e iniciou as investigações. Cerca de uma hora depois da explosão, apareceu na sala de Linge o telefonista do QG, o primeiro-sargento Adam, que completava as ligações para os participantes das reuniões. Adam informou ter visto o coronel von Stauffenberg saindo da sala de reuniões poucos minutos antes da reunião e encaminhando-se para o seu carro. Linge informou Hitler imediatamente

sobre isso. Este mandou chamar Adam. Quando Adam repetiu sua afirmação, Hitler perguntou:

— Quem é esse Stauffenberg? De onde ele é?

Linge respondeu que Stauffenberg trabalhava no comando do exército de reserva, com Fromm. Ao ouvir isso, Hitler exclamou:

— Stauffenberg é o autor deste atentado! Prendam-no imediatamente!

Descobriu-se que Stauffenberg já tinha deixado a área do QG, embora a saída houvesse sido bloqueada imediatamente depois da explosão. Stauffenberg conseguira sair e voltar para Berlim, alegando ter uma missão urgente de Hitler para Fromm. Duas horas depois do atentado, Hitler ligou para Goebbels em Berlim.

Goebbels informou que o setor da cidade onde ficavam os prédios do governo estava rodeado de soldados e que ele estava impossibilitado de deixar seu ministério. Enquanto Hitler falava com Goebbels, o comandante do regimento de guarda de Berlim, major Remer, cujos soldados tinham cercado o setor governamental, entrou na sala de Goebbels. Ele informou ter recebido essa ordem do comandante da municipalidade de Berlim, tenente-general von Hase. Hitler mandou chamar Remer ao telefone e lhe disse:

— Remer, escute, estou vivo! Cumpra somente ordens minhas!

Hitler mandou Remer marchar com o seu regimento até a Bendlerstrasse, onde ficava o comando do general Fromm, a fim de abater a conspiração. Depois dos telefonemas para Goebbels e Remer, Hitler nomeou Himmler comandante supremo do exército de reserva, no lugar de Fromm. Himmler recebeu ordens para viajar imediatamente para Berlim a fim de aniquilar o ninho de conspiradores.

Antes de Himmler chegar a Berlim, acontecera o seguinte na Bendlerstrasse: Stauffenberg, que pelo jeito ainda chegara a ouvir a detonação ao deixar a “Toca do Lobo”, anunciou aos seus camaradas conspiradores, na volta à Bendlerstrasse, que Hitler morrera. Os outros participantes da conspiração contra Hitler eram: o general Beck, que ocupara o cargo de chefe do comando geral do Exército antes de Halder; o general Hoepner, demitido da Wehrmacht por Hitler depois da derrota dos alemães em Moscou no inverno de 1941/42; o general Olbricht, que também fora mandado para a reserva depois da derrota em

Moscou; o coronel do Estado-Maior Mertz von Quirnheim, funcionário do Estado-Maior do exército de reserva; e o general Fromm.

Fromm informou todos os distritos militares sobre a morte de Hitler.⁵ Ao mesmo tempo, foi dado o aviso do lema “Valquíria”, o código do exército de reserva para declarar o estado de exceção para toda a Alemanha. O comando de Fromm mandou ainda a todos os distritos militares a informação de que, com a morte de Hitler, um novo governo seria formado, sob a liderança do marechal-de-campo von Witzleben.

Witzleben tinha sido comandante do Grupo do Exército na França até 1941. Hitler o estimava muito. Mas depois ele caiu em desgraça e foi demitido por Hitler. Quando este soube das ordens enviadas pelo comando de Fromm aos distritos militares, ordenou que Keitel informasse os mesmos distritos militares de que ele, Hitler, estava vivo e que todos deveriam obedecer unicamente às suas ordens. Em face das informações contraditórias e das ordens procedentes ora dos conspiradores, ora de Keitel, a situação ficou completamente confusa para os distritos militares.

Não foi fácil para Hitler recuperar o poder de mando sobre as tropas que estavam em território alemão. Naqueles dias, ele teve um grande apoio do coronel Guderian, então inspetor-geral das tropas blindadas. Em uma ordem às tropas blindadas do exército de reserva e às escolas de tanques, Guderian condenou a conspiração contra Hitler e mandou reprimir à força toda e qualquer ação de unidades do exército de reserva.

Rapidamente, a notícia de que o atentado contra Hitler falhara chegou ao comando de Fromm, na Bendlerstrasse. Fromm, que quis salvar sua própria pele e negar sua participação na conspiração, mandou que oficiais do seu comando, leais a Hitler, fuzilassem Stauffenberg, Olbricht e os outros. No momento do fuzilamento, o coronel Beck estava no gabinete de Fromm.

Mais tarde, soube-se que Beck, ao constatar que Fromm havia se bandeado para o outro lado, pegou a pistola dele da mesa com as palavras “permita-me?”, apontou o cano para a cabeça e apertou o gatilho. A pistola não detonou. Então Fromm matou Beck com as próprias mãos.⁶ Em seguida, determinou que os corpos fossem enterrados no pátio do prédio na Bendlerstrasse, onde ficava seu comando.

Quando Himmler chegou à Bendlerstrasse, a tranquilidade já tinha voltado a reinar. Himmler prendeu Fromm e mandou exumar e fotografar os corpos que tinham sido jogados todos juntos em uma cova. Enviou as fotos para Hitler.

Começaram detenções em massa. Hitler mandou um grupo de homens do serviço de segurança, sob a chefia do oficial da SS *Hauptsturmführer* Hans Bergmüller, até o alto-comando do Exército em Lötzen, a fim de efetuar as prisões. Todos os chefes de departamento, generais e oficiais do alto-comando suspeitos de estarem envolvidos na conspiração foram presos e levados para interrogatório na “Toca do Lobo”. Alguns generais e oficiais, entre eles o mestre de quartel do generalato, Wagner, escaparam à prisão cometendo suicídio. Hitler conduziu pessoalmente as investigações na “Toca do Lobo”. Os interrogatórios eram feitos pelo chefe do comando de polícia de Hitler, Högl, e por colaboradores do serviço de segurança. Högl informava pessoalmente Hitler sobre os resultados e recebia orientações dele de como os interrogatórios deveriam seguir e quem mais deveria ser preso.

As investigações revelaram que todos os chefes de departamento do generalato e seus assessores mais próximos estavam cientes do complô contra Hitler, com exceção do chefe do Departamento de Transportes, general Gercke, e do chefe do Estado-Maior do generalato, Heusinger.⁷ Este último ficou ferido no ataque. Os detidos disseram que haviam organizado o levante contra Hitler por terem chegado à conclusão de que a guerra nunca seria ganha sob sua condução. Essa avaliação das aptidões de Hitler como comandante do exército era repetida nos altos círculos militares como anedota. De acordo com essa piada, uma nova inscrição estava sendo aposta aos monumentos do marechal Hindenburg:

“Desce, nobre guerreiro, volta ao teu exército!
O teu cabo não dá mais conta.”

Depois dos interrogatórios, os detidos foram levados para a prisão de Moabit, em Berlim. Ali, os principais participantes da conspiração foram julgados por um tribunal presidido pelo secretário-geral do Ministério da Justiça, Freisler.⁸ Todos foram condenados à morte por enforcamento. Antes, um tribunal de

honra os expulsou da Wehrmacht. Este tribunal era presidido por Keitel e integrado ainda pelo marechal-de-campo Rundstedt e pelo general da infantaria Reinhardt, oficial do alto-comando responsável pela educação nacional-socialista na Wehrmacht.⁹

Antes da execução, os condenados ainda puderam escrever cartas de despedida. Estas foram censuradas e fotografadas pela Gestapo. Hitler recebeu as fotos. Entre elas estava a carta de despedida do chefe do Departamento de Organização do Estado-Maior, general Stieff, à sua mulher. Ele escreveu que, para salvar sua alma, tinha entrado para a Igreja Católica antes de morrer. Hitler riu muito e comentou que deixava com muito prazer a alma negra deste “diabo” para o papa, mas só depois de vê-lo enforcado. Hitler chamava Stieff de “diabo” por causa de seus olhos grandes, um pouco esbugalhados.

O ajudante de Zeitzler, coronel Smend, que também fora condenado à morte, pediu a Hitler para ser fuzilado em vez de enforcado. Hitler recusou.

Os condenados foram todos enforcados. Eram, além de Stieff e Smend, o marechal von Witzleben, o comandante municipal de Berlim, general von Hase, o general das unidades de informação, Fellgiebel, o chefe do Departamento de Organização no Estado-Maior da Wehrmacht, coronel Meichssner, o chefe de polícia de Berlim, SA-*Obergruppenführer* Graf Helldorf, o ex-prefeito de Leipzig, Goerdeler, alguns diplomatas, entre eles os embaixadores von der Schulenburg e von Hassell, vários sacerdotes, além de mais generais e oficiais do generalato.

Eles foram enforcados nos porões da prisão de Moabit.¹⁰ Hitler mandou que fotografassem a execução e lhe mandassem as fotos. Os fotógrafos de Hoffmann viajaram da “Toca do Lobo” até Berlim especialmente para isso. Cada um dos condenados foi fotografado em pé sob a forca, no ato do enforcamento e depois, pendendo na forca.

A forca era uma barra de ferro comprida com ganchos. Nas fotos recebidas por Hitler pode-se ver essa barra, da qual pendiam os enforcados — usando uniformes de prisioneiros e separados um do outro por compridas cortinas de pano.

Além desses enforcamentos, a Gestapo realizou fuzilamentos em massa sem julgamentos prévios. Foram assassinadas não apenas pessoas suspeitas de terem participado da conspiração, mas também outras, consideradas traidoras.¹¹

O general Fromm não foi logo executado. Ficou preso até o início de 1945. Depois foi fuzilado por ordem de Hitler.

Hitler foi informado por Himmler e Bormann de que o marechal-de-campo Rommel também estava solidário com os conspiradores. Eles lhe apresentaram relatórios do serviço de segurança e informações do dirigente regional de Würzburg, segundo os quais Rommel tinha uma retórica traidora e declarava abertamente que a guerra estava perdida. Rommel estava então em sua cidade natal de Würzburg, onde se recuperava de um ferimento leve na cabeça em decorrência de um acidente de carro.¹² Como Rommel era muito popular, Hitler mandou que ele fosse assassinado secretamente, sem processo em tribunal. A ordem foi cumprida pelo general Krebs, o qual depois seria nomeado chefe do Estado-Maior do Exército em março de 1945. Krebs contou a Günsche que havia forçado Rommel a envenenar-se com cianeto de potássio, em outubro de 1944, em seu próprio apartamento em Würzburg.¹³

A versão oficial para a opinião pública foi a de que Rommel morreu em decorrência de seus ferimentos. Para disfarçar o assassinato de Rommel, ele recebeu um enterro oficial com todas as honras militares.

Quando Hitler falava do complô, afirmava sempre que os motivos dos autores não eram suas intenções patrióticas com relação à guerra, e sim a inimizade pessoal com ele. Ele dizia:

— Stauffenberg foi uma ferramenta nas mãos de pessoas a quem dei tudo: altos cargos, fortunas e condecorações. Eles me apoiavam em tudo e estavam satisfeitos enquanto estavam nas minhas graças. Mas agora querem se ver livres de mim.

Hitler também tentou tirar proveito do atentado para vestir a aura do “*Führer* (guia) eleito pelo destino”.

Ele explicou:

— Somente eu tenho condições de salvar o povo alemão. Só eu posso conduzir a guerra para o final vitorioso.

Com Linge, comentou:

— Pois é, Linge, eu fui salvo por um milagre. A Providência me manteve vivo para o povo alemão.

Nas reuniões com os governadores (*Gauleiter*) do Partido nacional-socialista e com os oficiais do *front* responsáveis pela educação Nacional-Socialista, convocados especialmente para irem à “Toca do Lobo”, Hitler repetia que tinha sido salvo pela Providência para conduzir o povo alemão até a vitória.¹⁴

A fim de dar uma dimensão histórica ao atentado, Hitler determinou que fosse confeccionada uma condecoração especial para homenagear todos os participantes da reunião estratégica feridos durante o atentado a bomba. Essa medalha foi desenhada com base na condecoração recebida pelos feridos de guerra. A diferença era que tinha gravados a data de 20 de julho de 1944 e o nome “Adolf Hitler”. Hitler também concedeu a medalha a si próprio. Alguns exemplares ele mandou expor em locais visíveis em seu *bunker*. No entanto, seus ferimentos não eram muito importantes — uma contusão no braço direito, algumas farpas de madeira nas pernas e lesões de menor importância nos tímpanos. Hitler escapou praticamente ileso porque, no momento da explosão, estava todo encurvado sobre a mesa, estudando o mapa do *front* oriental. O tampo da mesa, de madeira maciça, absorveu o impacto da explosão.

O ajudante de Hitler, Schaub, também quis muito ser “agraciado” com a medalha, embora não tivesse sofrido nada. No momento da explosão, ele se encontrava em seu escritório, separado da sala de reuniões por dois ou três outros cômodos. Mesmo assim, tentou convencer os oficiais e o próprio Hitler de que seus tímpanos tinham sido prejudicados. Durante vários dias, fingiu estar escutando mal e levava sempre a mão à orelha. Contou a todos o sufoco que passara durante a explosão.

No início, ele achava que bombardeiros russos tinham lançado uma bomba. O deslocamento do ar da detonação lançou-o da cadeira. As garrafas de champanhe caíram do armário. Ele pulou pela janela e ficou acorado, esperando a próxima explosão. Hitler estava disposto a agraciá-lo com a medalha, mas, como os demais ajudantes e também os médicos insistiam em dizer que Schaub apenas fingia, ele pensou duas vezes.

O telefonista, inspetor Adam, que informara a respeito de Stauffenberg, ganhou de Hitler 30 mil marcos e uma grande casa nos arredores de Berlim.

Por ter conduzido os interrogatórios dos conspiradores na “Toca do Lobo”, Högl recebeu a Condecoração Dourada do Partido. O major Remer, que in-

formara Goebbels da ordem de fechar o acesso ao setor governamental em Berlim, foi imediatamente promovido a coronel e investido no cargo de comandante de guerra do QG de Hitler. Hitler criou esse cargo porque os russos já se encontravam na fronteira da Prússia oriental, e a “Toca do Lobo” estava agora perto do *front*. Para o então comandante do QG, coronel Streve, sobram meras tarefas administrativas.

Depois do atentado, foram introduzidas medidas de segurança especialmente rígidas no QG. O próprio Hitler confeccionou a lista dos membros cativos das reuniões de estratégia. Essa lista foi entregue ao chefe da guarda pessoal de Hitler, Schädle, e ao chefe do seu comando de polícia, Högl, para que estes pudessem controlar o acesso às reuniões. Os generais e oficiais que não estavam na lista só entravam com autorização especial do próprio Hitler.

Quem quisesse entrar na sala de reuniões — até mesmo Göring, Dönitz, Keitel, Jodl ou Warlimont — tinha de entregar a pasta de trabalho para ser controlada. As armas pessoais deviam ser entregues aos guardas. Warlimont, que era especialmente suscetível a tudo o que lhe dizia respeito, passou a vir sem pasta e levava apenas os documentos necessários para a reunião na mão.

Até mesmo as pessoas convidadas para o QG para prestar relatos especiais ou para receber a Ordem de Cavaleiro concedida pessoalmente por Hitler passavam pelos controles do serviço de segurança antes de se encontrarem com ele.



No início de agosto de 1944, o estado de saúde de Hitler piorou. Os acessos de tontura tornaram-se mais freqüentes. Prescreveram-lhe duas semanas de repouso. Nas reuniões de estratégia, ele passou a ser representado por Keitel. O “comandante”, como o chamavam jocosamente os jovens oficiais do comando de Hitler, viu chegando o seu momento. Tentou imitar Hitler em todos os aspectos. Com amplos gestos de seus longos braços, colocava gordas setas azuis no mapa, sinalizando o contra-ataque contra os russos que rompiam o *front*. Batia com o punho na mesa, esticava o corpo de forma pouco natural e lançava olhares ameaçadores à volta.

Desde o atentado do dia 20 de julho, o alto-comando militar tinha passado por transformações profundas. O chefe do Estado-Maior do Exército era agora Guderian, que, durante o atentado, provara ser um fiel escudeiro de Hitler. Seu vice e chefe do reformado Departamento de Operações do alto-comando do Exército era agora o general Wenck. Para o lugar de Schmundt, que morreu no ataque, foi o general Burgdorf, como novo ajudante de campo de Hitler e chefe do Departamento de Pessoal do Exército. Com a morte de Korten, o general da aviação Koller passou a chefiar o Estado-Maior da Luftwaffe.¹⁵

Mas nem o “comandante” Keitel foi capaz de estabilizar o *front* oriental. A ofensiva iniciada pelos russos em meados de julho de 1944 no trecho do *front* onde estava o Grupo do Exército do norte da Ucrânia resultou na perda das grandes cidades de Lvov, Przemyśl e Jaroslav.¹⁶ Tropas russas alcançaram o rio Vístula, ao sudeste de Varsóvia, o que lhes permitiu erigir várias cabeças-de-ponte pequenas e outra grande próximo de Sandomierz.¹⁷

Hitler recebia os relatórios sobre o *front* na cama. Passava as noites na companhia das secretárias, que rodeavam a sua cama.

Nessa época, estourou uma “guerra de poder” entre os médicos de Hitler. Os médicos e os cirurgiões Brandt e Hasselbach rejeitavam os métodos de Morell. Acusaram-no de que o organismo de Hitler estava recebendo muita estricnina, que só fazia piorar o estado geral do paciente.¹⁸

O otorrinolaringologista Dr. Giesing, de Lötzen, que tratou dos tímpanos de Hitler afetados pela explosão, assumiu abertamente o partido de Brandt e Hasselbach. Hitler soube da briga. Obviamente, saiu ganhando Morell, que com suas drogas estimulantes e narcotizantes se tornara indispensável. Hitler mandou Giesing embora. Brandt e Hasselbach foram substituídos. Para o seu lugar, Himmler mandou o seu clínico particular, SS-*Obersturmbannführer* Stumpfegger.



Naqueles dias, Hitler precisava urgentemente de tratamento dentário. Seu dentista Hugo Blaschke, que tratava dele havia muitos anos, foi chamado à “Toca do Lobo”. Blaschke tinha um consultório particular na Kurfürstendamm, em Berlim, e era membro do Partido Nacional-Socialista. Antes da guerra,

Hitler o agraciara com o título de professor. Durante a guerra, foi promovido a SS-*Brigadeführer*. Era regularmente convocado à Chancelaria do Reich, ao castelo de Berghof e à “Toca do Lobo”, onde tratava dos dentes de Hitler, de Eva Braun e dos integrantes do comando pessoal de Hitler. O ouro usado por Blaschke para as restaurações vinha diretamente da Reichsführung SS. A Gestapo arrancava o ouro dos detentos. Além disso, a Reichsführung SS recebia coroas de ouro, dentes de ouro e pontes que eram arrancados dos prisioneiros russos nos campos. Essa prática começou em 1944, por ordem sigilosa de Himmler, respondendo a um desejo urgente de Hitler.¹⁹



Em meados de agosto, depois de duas semanas de repouso, os médicos tinham recuperado a saúde de Hitler a ponto de ele poder voltar a participar das reuniões militares diárias. É bem verdade que ainda estava muito pálido e inseguro ao andar, além de mostrar olheiras escuras no rosto. A mão esquerda tremia fortemente. O braço contundido na explosão ainda estava apoiado em uma tipóia. E ele andava mais encurvado do que nunca.

Na primeira reunião depois da doença de Hitler estavam presentes, além dos participantes de sempre, Bormann, o marechal-de-campo Model, nomeado como comandante supremo do Grupo Central do Exército por Hitler no lugar do general Reinhardt, e o *Gauleiter* Koch.²⁰ Desde que os russos expulsaram os alemães da Ucrânia, o “imperador da Ucrânia”, como era chamado ironicamente no comando de Hitler, voltara para a Prússia oriental, onde assumiu o posto de comissário de Defesa do Reich.

O novo chefe do Estado-Maior, Guderian, usando o uniforme negro das tropas blindadas, apresentou a situação no *front* oriental: no trecho do *front* do Grupo do Exército no sul da Ucrânia espera-se uma ofensiva maciça dos russos na área de Iasi/Kishinev. As divisões romenas no flanco direito não tinham grande valor para a batalha. Por isso, ele determinou postar divisões alemãs entre elas. No trecho do *front* do Grupo do Exército do norte da Ucrânia, que foi empurrado bastante para oeste até depois do rio Vístula, não se esperam novos ataques russos. Os ataques dos alemães contra a cabeça-de-ponte

dos russos na margem ocidental do Vístula em Sandomierz não resultaram em nada, por enquanto.

Hitler interrompeu Guderian com voz baixa:

— Se não conseguirmos eliminar essa cabeça-de-ponte agora, não poderemos manter a posição no Vístula se os russos voltarem a atacar.

Ele mandou que Guderian reunisse todos os efetivos para liquidar a cabeça-de-ponte russa e transformar a margem ocidental do rio Vístula em um trecho do *front* fortificado.

Guderian continuou com sua apresentação. Descreveu a situação na fronteira da Prússia oriental, onde os russos tinham chegado em grande extensão. Enquanto isso, Koch e Model trocavam olhares venenosos. De repente, Koch ficou vermelho e gritou:

— A Wehrmacht não está me ajudando a construir fortificações ao longo da fronteira. Aparentemente *Herr* Model não se interessa por esse assunto.

Model não se fez de rogado e devolveu, aos berros, que Koch fazia o que queria, sem ouvir os conselhos dos batedores sobre a construção das instalações de fortificações. Ambos ficaram furiosos, berravam cada vez mais e trocavam pesados insultos. Só com muito esforço Hitler conseguiu acalmá-los.

Desde que as tropas russas começaram a aproximar-se da fronteira da Prússia oriental, Koch juntou centenas de milhares de civis e de prisioneiros de guerra russos para construir as instalações fortificadas. Além da área fortificada na Prússia oriental chamada “Triângulo de Heilsberg”,²¹ toda a plataforma marítima da Masúria, que pela sua conformação natural era facilmente defensável, tinha sido coberta com uma densa malha de instalações fortificadas. Em todas as estradas e pontes, construíram-se febrilmente novas barreiras de tanques e fossos.

Quanto mais o *front* se aproximava da fronteira com a Prússia oriental, mais fugitivos vinham das regiões fronteiriças ameaçadas para o *hinterland*. Para a Alemanha, eram imagens totalmente desconhecidas. Pela primeira vez, a guerra aproximava-se do próprio território.²²

No final da reunião, mencionou-se a possibilidade de evacuar mulheres e crianças a tempo da Prússia oriental para evitar o pânico, mas Hitler disse, irritado:

— Que os russos não ousem invadir a Prússia oriental. Caso contrário, conhecerão o povo alemão. Ele se agarrará com todas as forças ao seu solo, defendendo-o até a última gota de sangue. Então dirão: o povo levantou-se contra o invasor.

Com isso, a reunião estava terminada. Quando os participantes já estavam saindo, Göring apareceu inesperadamente. Estava usando um novo uniforme de pára-quedista e botas de caça de cano alto. Entrou correndo até a mesa a que Hitler ainda estava sentado e exclamou, ofegante, que seria terrível se os russos invadissem a Prússia oriental. Que, em Rominten, já tinha deixado todos de sobreaviso e mandado seus caçadores ficarem de prontidão. Com um suspiro, Göring acrescentou:

— Meus pobres veados. Isso é terrível!



Por aqueles dias de agosto, a proprietária do ateliê artístico Troost, a viúva Troost, de Munique, estava na “Toca do Lobo” como convidada especial. Hitler mantinha uma estreita amizade com ela desde os tempos da fundação do Partido. *Frau* Troost tinha uns quarenta anos, era membro do Partido Nacional-Socialista há muito tempo e portadora da Condecoração Dourada do Partido. Seu falecido marido, o professor Paul Troost, também pertencera muitos anos aos quadros do Partido. Pouco depois da tomada do poder por Hitler, ele cometeu suicídio. Hitler sempre mantivera uma relação muito próxima com ambos. Juntos, trabalharam nos planos de palácios grandiosos para o Partido Nacional-Socialista que Hitler pretendia construir depois de tomar o poder. Por encomenda deste, Troost desenhou os planos que se tornaram uma obstinação para ele. Não se sabe por que o professor Troost cometeu suicídio. No círculo mais íntimo de Hitler, suspeitava-se que, depois da tomada do poder, ele perdera a razão diante da possibilidade de realizar os projetos, matando-se. Depois da morte de Troost, Hitler agraciou sua esposa com o título de professora e encomendou-lhe a decoração de interiores do seu castelo de Berghof, da Chancelaria do Reich e de vários palácios do Partido Nacional-Socialista. Mantiveram o contato pessoal durante todos aqueles anos. Quando Hitler fi-

cava em Munique, visitava-a quase diariamente. *Frau* Troost visitava-o freqüentemente na Chancelaria do Reich e no castelo de Berghof.

Dessa vez, ela tinha sido chamada à “Toca do Lobo” a fim de cruzar o seu cachorro com Blondi. O acasalamento aconteceu nos dias em que Hitler estava na reunião de estratégia na qual Guderian relatara a situação no *front* oriental e se debatera a possível evacuação de mulheres e crianças da Prússia oriental.

Quando Hitler voltou ao seu *bunker* com Linge, ele perguntou-lhe se o acasalamento tinha se realizado.

— Sim, *mein Führer*, a operação de Estado foi realizada — respondeu Linge, animado.

— Como Blondi se comportou?

— Ambos se comportaram como iniciantes.

— O que significa isso?

— Ambos caíram no chão.

Hitler riu. O acasalamento de Blondi com o cachorro de *Frau* Troost foi um grande acontecimento no QG de Hitler. Blondi gozava de um status muito especial junto a Hitler. Ninguém ousava mexer com a cadela. Ninguém podia alimentá-la. Blondi só comia com Hitler. Quando, em 1943, ela pegou uma doença infecciosa, foi levada à clínica veterinária particular do Dr. Dopfer, em Munique, na Rottmannstrasse, 1. Hitler mandou que se levassem ovos, carne e banha para alimentar Blondi na clínica.

Boletins médicos telefônicos eram passados diariamente de Munique sobre o estado de saúde de Blondi. Era a primeira coisa que Linge tinha que ler para Hitler. Quando o boletim não era bom, Hitler ficava muito preocupado. Era mais fácil para ele assinar uma sentença de morte de um oficial do *front* acusado de traição do que suportar notícias ruins sobre o estado de saúde de sua Blondi.



No dia 20 de agosto de 1944, as tropas russas iniciaram sua ofensiva contra o Grupo do Exército do sul da Ucrânia, na área de Iasi/Kishinev. Em pouco tempo, tinham esmagado as posições teuto-romenas. Já no dia 24 de agosto, os

alemães entregaram Kishinev. Alguns dias depois, os russos romperam em direção ao rio Pruth.

Quando a Romênia se viu forçada pela ofensiva russa a sair da guerra,²³ isso levou a uma reação no QG de Hitler.

Hitler explicou que os russos tentariam aproveitar-se da situação para atravessar os Bálcãs em marcha e conquistar os Dardanelos. Ele concluiu que eles poderiam parar em seu avanço ao ocidente. Politicamente, isso significava para ele que o avanço dos russos nos Bálcãs, considerados pelos ingleses como sua área de influência, e ainda mais a pretensão de conquistar os Dardanelos poderiam atizar ainda mais as tensões entre anglo-americanos e russos. Para justificar sua interpretação, Hitler passou a ler diariamente informes de agências noticiosas britânicas nas reuniões militares, entre elas a agência londrina Exchange, com críticas pesadas à União Soviética.

A postura hostil contra a Rússia Soviética aguçou-se ainda mais quando tropas russas invadiram a Bulgária.²⁴ Hitler atribuiu uma importância extraordinária a isso. Estudava os informes da Agência de Notícias Alemã com a maior atenção, sublinhando trechos importantes com lápis vermelho. Antes das reuniões militares, entregava essas folhas a Günsche com as seguintes palavras:

— Não esqueça de me entregar esses telegramas no final da reunião.

Quando Hitler falava sobre a deterioração da relação entre as potências ocidentais e a Rússia Soviética, ressaltava que era preciso ganhar tempo. Em setembro de 1944, Hitler sabia que os anglo-americanos estavam prontos a assinar a paz em separado com a Alemanha. Mas antes ele devia abdicar. A condição de afastar Hitler fora colocada pelos ingleses durante negociações com representantes do Ministério do Exterior alemão em Estocolmo, realizadas por iniciativa inglesa. Quando Hitler foi informado, mandou interromper as negociações. O representante de Ribbentrop junto a Hitler, o embaixador Hewel, disse a Günsche que estava insatisfeito com a interrupção das conversas de Estocolmo. Ele achava que a guerra no *front* oriental tinha chegado a um ponto em que a assinatura da paz com as potências ocidentais era imprescindível.²⁵

— O que o *Führer* está esperando? Ele precisa tomar uma decisão e encontrar uma saída — disse Hewel.

Hitler tentava achar essa saída no conflito entre as potências ocidentais e a Rússia Soviética. No final das reuniões militares, ele costumava dizer:

— Os senhores haverão de ver: a razão estará do meu lado.



Quando a Romênia saiu da guerra, muitos membros da Guarda de Ferro romena estavam na Alemanha. Eles tinham fugido da perseguição pelo regime de Antonescu e sido internados no campo de concentração de Buchenwald em condições privilegiadas.

Entre eles estava o líder da Guarda de Ferro, Horia Sima. Depois da queda do regime de Antonescu, Hitler mandou libertar os membros da Guarda de Ferro. Sob a liderança de Horia Sima, formou-se um governo de fantoches romeno, o qual, por ordens de Hitler, deveria funcionar nos territórios romenos ainda não ocupados pelos russos.²⁶ Mas, com o rápido avanço das tropas russas, esse “governo” nem conseguiu chegar à Romênia. Sima recebeu a missão de, a partir de Viena, organizar os serviços de espionagem na Romênia e no *hinterland* e disseminar propaganda anti-soviética entre a população romena. Os agentes de Sima, recrutados entre os membros libertados da Guarda de Ferro, foram equipados com aparelhos de rádio e largados de pára-quedas por aviões alemães sobre a Romênia.

Para seu antigo aliado, Antonescu, Hitler não tinha mais nenhuma palavra. No entanto, menos de dois anos antes, demonstrara a ele, em uma reunião, a situação no *front* oriental, para manter o seu apoio. Agora Hitler xingava Antonescu por ele não ter conseguido lidar com o rei Miguel, aquele “palhaço camponês”, e por não ter conseguido dobrar seu povo.

— É um sífilítico, nada mais do que isso! — disse Hitler sobre Antonescu.²⁷



No final de outubro e início de novembro de 1944, a frente leste estava na seguinte situação: no trecho do *front* no norte, os russos haviam chegado à costa do mar Báltico, perto de Memel. Com isso, cortaram trinta divisões alemãs

em Kurland, encurralando-as entre as cidades de Tukum e Libau.²⁸ Os russos romperam as instalações fortificadas de fronteira dos alemães ao leste das cidades de Gumbinnen e Goldap. Estas últimas foram conquistadas por eles. Além disso, unidades russas estacionadas no rio Niemen, no norte, e no rio Narev, no sul, passaram a ameaçar a Prússia oriental de todas as direções. Ao sul de Varsóvia, os russos tinham avançado em larga extensão no rio Vístula, mirando a área industrial da Alta Silésia. No trecho sul do *front*, suas tropas tinham cruzado os montes Cárpatos, entrando já na Tchecoslováquia e na Hungria. De Budapeste, ameaçavam a Áustria e o sul da Alemanha. Soldados russos também invadiram a capital iugoslava, Belgrado.

As perdas, entre mortos e feridos, das tropas alemãs na frente oriental foram imensas. Em todo lugar, as últimas reservas foram reunidas para jogá-las contra o Exército russo. Às pressas, organizou-se o movimento chamado “*Volkssturm*”, a mobilização total. Seus batalhões consistiam em meninos de 15 a 16 anos e homens acima dos sessenta. O comando coube a ativistas do Partido Nacional-Socialista, homens da SA e funcionários da “Juventude Hitlerista”.²⁹

Também foram jogados na fronteira leste alemã o regimento de defesa anti-aérea do *Führer* e a Divisão de Acompanhamento do *Führer*, que antes tinham servido na “Toca do Lobo”.³⁰ A Divisão de Acompanhamento era comandada pelo então comandante do QG, o qual tinha sido promovido a major-general pelos serviços prestados no esmagamento da conspiração do dia 20 de julho de 1944. Apenas algumas companhias de proteção ficaram na “Toca do Lobo”.

Filas intermináveis de refugiados amedrontados e em pânico fluíam da Prússia oriental para o interior do país. A guerra, com todos os seus horrores, chegara ao solo alemão.³¹ A expectativa de Hitler de que o conflito entre anglo-saxões e russos pudesse mudar o rumo da guerra ainda não se cumprira. O ganho de tempo com que Hitler contava ia perdendo sua importância diante da velocidade com que se desenvolviam as operações de ataque no *front* oriental.

Hitler estava metido até o pescoço na força russa. Ele não podia mais hesitar. Assim, decidiu golpear rapidamente as tropas anglo-americanas ao oeste, a fim de criar as bases para negociar uma paz em separado. Surgiu a idéia de uma contra-ofensiva alemã nas Ardenas.



A situação no *front* ocidental depois do desembarque de tropas anglo-americanas na Normandia no dia 6 de junho de 1944 desenvolveu-se da seguinte maneira: as unidades anglo-americanas foram gradativamente construindo suas cabeças-de-ponte no litoral da Normandia e alcançaram o *front* alemão, perto de Avranches, no final de julho.³² No início, a cunha só tinha a largura de alguns quilômetros. O alto-comando alemão incumbiu o marechal-de-campo von Kluge, que comandava o Grupo do Exército Ocidental desde o início de julho de 1944 no lugar de von Rundstedt, de solucionar esse rompimento e restabelecer o *front*. Mas o planejado contra-ataque não aconteceu, por causa de um evento totalmente imprevisível. Pouco antes do horário marcado para o ataque, o comandante supremo do Grupo do Exército Ocidental, von Kluge, deixou o seu QG em direção desconhecida e não foi mais visto.

Quando Hitler foi informado do sumiço dele, expressou a suposição de que Kluge tinha ficado do lado dos conspiradores do 20 de julho e que por isso havia se bandeado para o lado dos americanos. Ele mandou que Rundstedt, o qual já estava de férias, fosse imediatamente ao *front* ocidental para retomar o comando sobre o Grupo do Exército.

Kluge reapareceu depois de uma ausência de dois dias. Hitler mandou chamá-lo ao seu QG para que ele esclarecesse os fatos. No caminho para lá, Kluge envenenou-se em seu carro.³³

O oficial que acompanhou Kluge durante sua ausência de dois dias e o seu motorista disseram em interrogatório que o marechal-de-campo tinha andado altamente agitado próximo à linha do *front*. Ele alegava querer ver o filho, que servia ali em uma divisão. Mas as investigações de Himmler e do seu serviço de segurança indicaram claramente que Kluge pretendia abrir o *front* para os americanos e capitular, mas que por razões técnicas não conseguira estabelecer contatos com o alto-comando americano.³⁴ Além disso, ficou provado que Kluge participara da conspiração do dia 20 de julho de 1944.

O sumiço de Kluge confundira totalmente as unidades do Grupo do Exército Ocidental, que tiveram de defender-se contra os ataques das tropas americanas durante algum tempo sem voz de comando e missões de batalha.

A perda de tempo causada pelo ato de traição de Kluge, a confusão reinante nas tropas alemãs que haviam recuado parcialmente até suas posições ini-

ciais e a necessidade surgida com tudo isso de reagrupar as tropas aniquilaram o planejado contra-ataque. Então, o alto-comando alemão estava certo de que as tropas alemãs estavam correndo perigo de serem encurraladas, se as unidades americanas continuassem avançando em direção a Granville e Saint-Lô, em Falaise.³⁵ Rundstedt recebeu a ordem de, no lugar do contra-ataque planejado, recuar as tropas da França e da Bélgica para depois da linha fortificada “Siegfried”.

A Wehrmacht, portanto, voltou até a posição “Siegfried”, com apenas algumas batalhas sem grande importância.³⁶ As tropas anglo-americanas ocuparam a França e a Bélgica praticamente sem resistência da Alemanha. Enquanto isso, os americanos, principalmente o 3º Exército comandado pelo general Patton, nem se aproveitaram da situação difícil em que os alemães tinham ficado com o episódio do comandante Kluge. Só porque o comando americano não vislumbrou essa situação e hesitou, foi possível ao alto-comando alemão salvar suas forças e recuar sem perdas substanciais até a posição “Siegfried”.

Sobre a retirada das tropas alemãs da França e da Bélgica, Hitler disse ironicamente que Eisenhower e Patton deviam estar surpresos com esse sucesso inesperado.

— Esses covardes devem se considerar grandes estrategistas por causa do recuo das tropas por ordens do alto-comando alemão — afirmou Hitler.

Depois que as unidades alemãs chegaram à linha fortificada “Siegfried”, houve algumas batalhas locais na região de Aachen na segunda metade de outubro. Nas demais regiões abarcadas pela linha de defesa “Siegfried”, tudo continuava calmo.³⁷



No final de outubro, Hitler convocou uma reunião militar extraordinária com alguns poucos participantes na “Toca do Lobo”. Estavam presentes Keitel, Jodl, Guderian, Christian, Burgdorf, Günsche, Fegelein e o general Winter, nomeado como vice de Jodl no lugar de Warlimont. Warlimont, por sua vez, assumira o cargo de vice de Keitel no alto-comando da Wehrmacht, o qual agora ficava sediado em Berlim. A reunião aconteceu no *bunker* de Hitler, a essa altura com

a reforma já concluída. Começou com a exposição de Guderian sobre a situação na frente leste. Ele relatou que as lutas tinham arrefecido em quase todos os trechos. Com exceção de alguns pequenos embates localizados, o *front* inteiro estava calmo. Guderian explicou que os russos estavam ocupados em trazer para a frente o *hinterland* e as reservas. Precisariam de muito tempo até iniciar uma nova ofensiva na Prússia oriental e no rio Weichsel. Hitler então decidiu que era chegada a hora do planejado contra-ataque no oeste. Incumbiu Jodl de elaborar imediatamente o plano para um ataque-surpresa contra as tropas anglo-americanas no norte da França, na Alsácia e na Bélgica.³⁸

Hitler imaginava que o ataque principal deveria sair da região do Eifel, ao sul da cidade de Aachen, contra a linha que separava as tropas inglesas e americanas. Sua intenção era separá-las, avançar rapidamente até o rio Meuse, ultrapassar o rio e então conquistar Antuérpia com o seu porto, principal local de abastecimento das tropas anglo-americanas.

Decidiu-se na reunião formar duas Divisões Panzer — o 5º Exército Blindado, sob o comando do general Manteuffel, e o 6º Exército Panzer da SS, sob o comando do ex-comandante da SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”, Sepp Dietrich, que Hitler promovera a general. Esses dois exércitos deveriam ficar subordinados ao marechal-de-campo Model e integrados ao Grupo do Exército Ocidental. No fim da reunião, Hitler voltou a enfatizar o caráter severamente sigiloso dos preparativos dessa operação e do avanço estratégico dos efetivos. Mandou que cada um dos participantes da reunião assinasse um documento comprometendo-se a manter sigilo total. As assinaturas foram recolhidas pelo ajudante de campo Burgdorf.

Como Hitler pretendia dirigir pessoalmente a operação, transferiu o seu QG para a região de Bad Nauheim, um local na floresta perto da aldeia de Butzbach, a cinquenta quilômetros ao nordeste de Frankfurt-sobre-o-Meno.³⁹ Ali também ficava o Estado-Maior do comandante supremo do Grupo do Exército Ocidental, Rundstedt.

O QG de Hitler em Bad Nauheim consistia em seis casas de madeira bem camufladas e alguns *bunkers* de concreto fracamente protegidos. Diferentemente da “Toca do Lobo”, o QG em Bad Nauheim não era bem fortificado. A “Toca do Lobo” havia sido totalmente evacuada, pois Hitler não pretendia mais vol-

tar para lá por causa da proximidade do *front*. Só Guderian permaneceu com o seu Estado-Maior em Lötzen, na Prússia oriental.

A caminho de Bad Nauheim, Hitler permaneceu duas semanas em Berlim. Ali, conversou com Sepp Dietrich e Manteuffel sobre a operação nas Ardenas.

Hitler também recebeu o “libertador” de Mussolini, o SS-*Obersturmbannführer* Skorzeny, a essa altura chefe da Divisão de Diversionismo⁴⁰ no Reichssicherheitshauptamt [Escritório Central de Segurança do Reich]. Skorzeny recebeu a missão de liderar uma unidade vestida com uniformes ingleses e americanos e equipada com tanques conquistados dos ingleses e dos americanos. Essa divisão deveria invadir o *hinterland* dos anglo-americanos no início da contra-ofensiva, gerando pânico.⁴¹

Além disso, Skorzeny devia ocupar as principais pontes no rio Meuse, para evitar que o adversário as dinamitasse antes da chegada das tropas alemãs.

Alguns dias depois de sua chegada em Bad Nauheim, pouco antes do início da contra-ofensiva na região das Ardenas, Hitler convocou os comandantes que iriam participar — os comandantes das divisões e dos exércitos blindados, bem como o comandante supremo do Grupo do Exército Ocidental, Model — para lhes falar da importância da operação planejada.⁴² Em sua fala de aproximadamente 45 minutos, Hitler explicou que a operação nas Ardenas tinha um peso equivalente à de Dunquerque, onde se desferira o golpe fatal contra os ingleses em 1940. Se essa operação fosse bem-sucedida, explicou Hitler, o *front* ocidental seria liquidado e se lograria uma virada fundamental nos rumos da guerra. Mas ele omitiu aos seus dirigentes militares a intenção de conseguir uma paz em separado com a Inglaterra e a América.

Quando os comandantes deixaram o QG, Hitler expressou aos seus ajudantes a esperança de um fim bem-sucedido da operação. Disse que, caso Sepp Dietrich conseguisse avançar com seu exército até Antuérpia, seria agraciado com a Grã-Cruz, pois esta seria uma vitória decisiva para a guerra. A Grã-Cruz, condecoração militar máxima, era concedida apenas para vitórias decisivas no *front*. Somente Göring possuía essa medalha, embora sua atividade durante a guerra consistisse primordialmente na caça.⁴³ Hitler acreditava que, com a conquista de Antuérpia, base para o fornecimento dos anglo-americanos, estes ficariam num beco sem saída, fazendo-lhe uma oferta.

Sobre a reivindicação dos ingleses de só aceitar conduzir negociações sobre uma paz em separado sem Hitler, ele afirmou:

— Mostrarei aos senhores ingleses que uma paz na Alemanha só pode ser assinada comigo, nunca sem a minha participação.



Em 16 de dezembro de 1944, começou o ataque das tropas alemãs da área do Eifel, segundo o plano da ofensiva das Ardenas. As Divisões Panzer de Dietrich e Manteuffel romperam com facilidade o *front* anglo-americano entre Liège e Dinant e avançaram até o rio Meuse.⁴⁴ Ali foram envolvidas em lutas violentas.

Nesses dias, no final de dezembro, Guderian chegou inesperadamente ao QG de Bad Nauheim, procedente da Prússia oriental, porque queria fazer um relato urgente a Hitler. Ele informou que, com base em informações exatas e checadas do esclarecimento de solo e ar, tudo indicava que os russos concentravam suas forças para um novo ataque na Prússia oriental e no Vístula. Guderian explicou que, em sua opinião, a expectativa era de uma grande ofensiva nos próximos dias. Enfatizou a urgência absoluta de fortalecer esses trechos do *front*. Hitler ouviu a explicação de Guderian mal-humorado e externou dúvidas sobre a veracidade de suas suposições.

Um dos argumentos usados por Hitler foi a previsão do meteorologista no QG, de mau tempo no leste, que tendia a piorar. Mesmo assim, Hitler ficou visivelmente preocupado com o relatório de Guderian. Ainda naquele mesmo dia, ele convocou uma reunião de estratégia extraordinária de um grupo pequeno, para o qual Bormann também foi convidado. Hitler fez um resumo sobre a situação no *front* ocidental, onde a contra-ofensiva nas Ardenas estava indo bem. Depois, esboçou a situação na frente leste e mencionou a conclusão de Guderian sobre a ameaça de uma ofensiva russa.

Ficou evidente nesse momento que a exposição de Guderian tirara Hitler totalmente do equilíbrio. Ele enfatizou que um fortalecimento do *front* oriental naquele momento forçosamente levaria ao fracasso da operação que acabava de começar nas Ardenas. Depois de Hitler, foi a vez de Bormann falar. Para não irritar Hitler mais ainda, ele recomendou com palavras cuidadosas que se

tomassem medidas urgentes para o reforço máximo do *front* oriental. Ele apontou para o fato de que um novo ataque bem-sucedido do Exército russo teria consequências políticas desastrosas para a Alemanha. Que era irrefutável que vitórias dos russos na frente leste anulariam os êxitos dos alemães no oeste.

Hitler disse que se reservaria o direito de tomar uma decisão. Assim, terminou a reunião. No dia seguinte, reconvocou as mesmas pessoas. Explicou que a ofensiva dos russos que estava sendo preparada na fronteira da Prússia oriental e no Vístula era de fato um perigo muito sério.

— Por isso, foi com a alma pesada que eu decidi — prosseguiu Hitler com a voz quase inaudível — cessar a luta nas Ardenas e transferir o 6º Exército Panzer de Dietrich e as principais forças do 5º Exército Panzer para o *front* oriental.⁴⁵

Antes de o alto-comando da Wehrmacht expedir essa ordem, em janeiro de 1945, Hitler mandou que Günsche fosse visitar Sepp Dietrich no *front* ocidental. Ele enfatizou:

— Diga a Dietrich que recue duas divisões gradualmente do *front*. Transmita-lhe a minha decisão de jogar todo o seu exército para o *front* oriental.

Na manhã do dia 7 de janeiro, Günsche já estava no comando de Dietrich em Saint-Vith, Luxemburgo,⁴⁶ para transmitir a ele a ordem de Hitler. Dietrich ficou petrificado. Disse que tudo estava pronto para forçar o rio Meuse. Que as unidades comandadas por Skorzeny, por cuja cabeça os americanos estavam dando prêmio, tinha gerado pânico no *hinterland* e já estavam se aproximando das pontes sobre o rio Maas.

— O *Führer* precisa ter clareza de uma coisa: se o meu exército recuar, o caminho para o Reno estará desimpedido para os ingleses e os americanos — prosseguiu Dietrich.

Günsche ficou alguns dias com Sepp Dietrich. No dia 12 de janeiro, poucas horas antes da sua partida, chegou ao comando de Dietrich um telegrama cifrado com a ordem para retirar imediatamente o 6º Exército do *front* e transferi-lo para a frente leste. Na noite seguinte, Günsche voltou ao QG de Hitler em Bad Nauheim. Para sua surpresa, encontrou tudo abandonado. Restavam apenas alguns ordenanças, ocupados com a arrumação. Eles explicaram a Günsche que Hitler partira às pressas com o seu comando até uma estação em

Giessen, de onde embarcaria em um trem especial até Berlim. Quando Günsche chegou a Berlim no dia seguinte, 13 de janeiro, soube que o QG de Hitler agora estava na Chancelaria do Reich, por causa da ofensiva russa na Prússia oriental e no rio Vístula, que começara no dia 12 de janeiro.

A “Toca do Lobo” na Prússia oriental, para onde Hitler fora na euforia da vitória no início da guerra contra a Rússia Soviética, tinha sido dinamitada por sua determinação.

Berlim haveria de ser a última sede do QG de Hitler.

Janeiro — Março 1945

Em Berlim, o QG ficou instalado em diversos lugares diferentes. Primeiro, Hitler mudou-se para a velha Chancelaria do Reich, na Wilhelmplatz. Como sua presença era mantida em sigilo, o estandarte não tremulava mais no prédio. Se Hitler tivesse chegado antes em Berlim, sua bandeira teria sido içada na Chancelaria do Reich ao som do rufar dos tambores da guarda de honra desfilando no “pátio de honra”.

O estandarte de Hitler fora confeccionado segundo um desenho seu. Bem no meio do pano quadrado vermelho havia um círculo branco com bordas douradas e uma cruz suástica preta. Nos quatro cantos, águias alemãs bordadas de ouro, também com suástica.¹ Até então Hitler só concedera o uso desse estandarte à sua Leibstandarte, como bandeira de combate.

Além de Hitler, ficavam na Chancelaria do Reich os ajudantes, as secretárias, os médicos, sem falar de Bormann, Fegelein, Otto Dietrich, Hewel e a guarda pessoal de Hitler. Keitel e Jodl foram com seus comandos para Berlim-Dahlem. Guderian alojou-se no comando instalado já em 1939, antes do início da guerra, em Zossen, trinta quilômetros ao sul de Berlim. Dönitz ficava com seu comando em Oranienburg. Ribbentrop tinha sua própria mansão em Berlim-Dahlem. Göring ficava em seu castelo de caça Karinhall, situado em Schorfheide, sessenta quilômetros ao nordeste de Berlim. O nome do castelo, construído por Göring logo depois da tomada do poder por Hitler,

era uma homenagem à sua falecida primeira esposa, a sueca Karin. Com Göring, moravam em Karinhall sua segunda mulher Emmy, a ex-atriz Sonnemann, e a filha de sete anos, Edda. Seu comando pessoal também ficou alojado ali.

Em Berlim, Hitler convocava seu grupo para duas reuniões diárias — uma, às 15 horas, e a outra, à meia-noite. Essas reuniões eram realizadas no jardim-de-inverno da Chancelaria do Reich. Participavam Keitel, Jodl, Guderian, Wenck, Buhle, Koller, Winter, Fegelein, o almirante Wagner, do comando de von Dönitz, Voss, Bodenschatz, Scherff, Hewel, Otto Dietrich, Christian e Burgdorf, bem como os ajudantes de Hitler — Below, Puttkamer, Borgmann, Johannmeyer e Günsche. Além deles, os oficiais do comando de operações da Wehrmacht, coronel Waizenegger, major Büchs e capitão Assmann, bem como o ajudante de Keitel, John von Freyend, o ajudante de Fegelein, *SS-Sturmabführer* Göhler, o ajudante de Guderian, major von Freytag-Loringhoven, às vezes o oficial de Guderian para fins especiais, Rittmeister Boldt, Bormann e seu assessor, o *SS-Standartenführer* Zander.

Atendendo a pedidos de Hitler, Bormann e Zander eram membros cativos da reunião de estratégia, porque Bormann tinha sido incumbido da organização da mobilização total, movimento chamado de “*Volkssturm*”, e a evacuação da população dos territórios alemães no leste. Göring e Dönitz também participavam de quase todas as reuniões. Guderian ou Wenck faziam o relato sobre a situação na frente leste, enquanto Jodl ou Winter davam as últimas informações sobre a frente oeste. Christian ou o major Büchs, do comando da Luftwaffe, colaborador de Jodl no comando da Wehrmacht, relatavam sobre assuntos da Luftwaffe. Sobre as operações da Marinha de Guerra falavam o almirante Wagner ou o capitão da marinha Assmann.

Fegelein, Hewel e os ajudantes de Hitler participavam da reunião noturna. Ali, os ajudantes de Hitler — Puttkamer, Below e Borgmann — relatavam como estavam as frentes de combate. Eram meras reuniões informativas, que geralmente não duravam mais de vinte a trinta minutos. Hitler recebia diariamente do alto-comando da Wehrmacht um curto relato sobre o *front*. Esse relato chegava por volta das 11 horas da manhã, enquanto Hitler ainda dormia. Linge colocava-o junto com as últimas informações da Agência Alemã de

Notícias sobre uma cadeira diante do quarto de dormir de Hitler. Ali, Hitler ia buscar os informes.

Além dos relatórios do alto-comando da Wehrmacht, Fegelein e Günsche recebiam diariamente das divisões da SS informações sobre a situação no *front* oriental, que eram igualmente repassadas a Hitler. Esses informes corriam paralelamente aos canais oficiais: eram enviados pelos comandantes das divisões da SS diretamente a Himmler, que os processava e repassava para Hitler. Hitler introduzira esse sistema de informação direta no outono de 1942, a fim de checar as informações tanto do alto-comando da Wehrmacht como do Exército sobre as batalhas em determinados trechos do *front*. O benefício prático consistia no fato de que Hitler já estava informado, antes de ouvir as exposições das reuniões de estratégia, sobre a evolução das batalhas e a situação nos diferentes trechos do *front* onde lutavam divisões da SS.

Além disso, depois do café Hitler recebia informes diários sobre a destruição provocada pela aviação anglo-americana nas cidades alemãs. Essas informações eram coletadas em todo o território da Alemanha pela chancelaria do Partido, dirigida por Bormann, e levadas a Hitler por Schaub, o que lhe rendeu o apelido de “Julius tapete-de-bombas”.

Ao mesmo tempo que Hitler chegava a Berlim, proveniente de Bad Nauheim, chegou também Eva Braun, que ele mandara vir de Munique.² Na Chancelaria do Reich, ela ocupou cômodos ao lado dos aposentos de Hitler. Com exceção de uma estada de duas semanas em Munique, em fevereiro de 1945, Eva Braun ficou até o final com Hitler em Berlim.



A ofensiva russa, que começara em 12 de janeiro de 1945 no rio Vístula, ampliou-se, nos dias que se seguiram, para todo o *front*, do Báltico até os montes Cárpatos. Poucos dias mais tarde, os russos conquistaram a capital polonesa, Varsóvia, até então um dos núcleos centrais da defesa alemã.³

Pouco depois da queda de Varsóvia, os russos romperam o denso sistema da defesa alemã ao sul da Prússia oriental e, depois de violentas batalhas, ocuparam as cidades de Allenstein, Tannenberg e Deutsch-Eylau. Simultaneamente,

tropas russas passaram por cima da defesa alemã na margem ocidental do Vístula em Sandomierz e avançaram em direção à região industrial da Alta Silésia.

Nessa situação, durante uma das reuniões de estratégia, Guderian informou Hitler de que os russos tinham chegado à baía de Dantzig, cortando a Prússia oriental e a linha de defesa da 3ª e da 4ª Divisões do Grupo do Exército do Norte, que lutavam ali. Assim, essas principais forças do Grupo do Exército do Norte se reuniram às 16ª e 18ª Divisões do Grupo Kurland do Exército, encurraladas no Báltico desde o outono de 1944. Guderian ressaltou que o abastecimento só poderia ser feito via marítima, sob condições difíceis. Ele sugeriu evacuar as unidades do Grupo Kurland do Exército pelo mar e continuar lutando contra os russos na Pomerânia.

De acordo com o plano de Guderian, o ataque contra as tropas russas a partir da Pomerânia deveria vir do sul. Para isso, ele queria contar com o Grupo Kurland do Exército, a 6ª Divisão Panzer SS de Sepp Dietrich, que tinha sido trazida do *front* ocidental, e a 3ª Divisão estacionada na Pomerânia. Para Guderian, o objetivo dessa operação era cortar as tropas russas que avançaram pelo rio Oder inferior e erigir uma poderosa linha de defesa alemã na antiga fronteira teuto-polonesa. Em sua opinião, as referidas unidades — no total, quarenta a 45 divisões com 1.600 tanques — seriam suficientes para a operação. Guderian achava que não se podia perder mais tempo, expulsando os russos da Alemanha o mais rapidamente possível. Hitler, que escutara a exposição de Guderian com crescente impaciência, replicou em tom penetrante:

— Que devemos expulsar os russos da Alemanha, isso eu também sei, Guderian. Não é preciso me dizer isso.

Ainda assim, Hitler recusou a proposta de Guderian de transferir as tropas do Grupo Kurland do Exército da área do Báltico para a Pomerânia. Ele justificou que, deixando as tropas por lá, elas segurariam forças russas, as quais, do contrário, seriam usadas nas batalhas na Prússia oriental, na Polônia e na Silésia.

Guderian já propusera que o Grupo Kurland do Exército tentasse sair do Báltico, atravessar o rio Memel e chegar à Prússia oriental no outono de 1944, quando a situação no *front* oriental ainda era bem mais favorável para os alemães. Hitler não concordara naquela época, por achar que as tropas alemãs no Báltico eram um instrumento de pressão contra os suecos. Ele achava que, en-

quanto houvesse tropas alemãs estacionadas no Báltico, os suecos não se curvavam à pressão britânica e continuariam fornecendo minérios à Alemanha.

Mas dessa vez Guderian não cedeu.

Contrariando todas as regras, ele trouxe para a reunião de estratégia o chefe da Divisão de Exércitos Estrangeiros no leste no alto-comando do Exército, general Gehlen. Este era especializado em observar as forças militares dos países do Leste Europeu, entre eles a Rússia Soviética. A idéia era que Gehlen desse suporte à sugestão de Guderian sobre o Grupo Kurland do Exército junto a Hitler. Com base em dados que seus serviços de contra-espionagem haviam coletado, Gehlen tentou provar a Hitler que o Grupo Kurland do Exército não prendia forças russas consideráveis. Ao contrário, os russos já haviam recuado um grande número de unidades daquela área, localizadas depois na região do Oder inferior. Os argumentos de Gehlen deixaram Hitler furioso. Ele berrava que não toleraria esse tipo de trabalho do generalato. Proibiu Guderian de levar Gehlen para futuras reuniões e até mesmo de mencionar a retirada das Divisões Kurland. Guderian respondeu “às ordens, *mein Führer*”, e calou-se.



Sobre as batalhas na Prússia oriental, Hitler explicou que cada cidade, cada aldeia e cada casa deveriam ser transformadas em fortificações nas quais os russos teriam de lutar muito para gastar suas forças. Ele berrava até sua voz falhar, dizendo que os alemães teriam de lutar para que o medo das tropas e do povo dos russos se transformasse em pânico dos russos em relação aos alemães.

De fato o temor aos russos era grande. Quando as tropas alemãs começaram a refluir caoticamente, desencadeavam o pânico entre a população e a arrastavam consigo. Começou uma fuga em massa no interior da Alemanha. Pelas estradas e ruas da Prússia oriental, iam intermináveis comboios de refugiados de velhos, mulheres e crianças. Ficavam engarrafados diante dos bloqueios dos tanques que deixavam apenas passagens estreitas. Muitos, principalmente crianças, morreram congelados.

Nas próximas batalhas, os russos tomaram as cidades de Tilsit, Gumbinnen e Insterburg. Romperam o denso sistema de defesa da plataforma da Masúria.

Na costa do Báltico, as tropas alemãs foram cercadas em uma estreita e arenosa língua de terra e na península de Samland, ficando sem saída. No QG, Hitler reagia aos relatos que recebia sempre com as mesmas palavras:

— Segurar a posição e não recuar jamais!

Quando as formações estavam encurraladas na região de Kurische Nehrung e na península de Samland, Hitler ordenou que seu ajudante militar Johannmeyer voasse para a frente na Prússia oriental para colher suas impressões e fazer-lhe um relato depois. Ele queria checar todas as informações que lhe chegavam dos comandantes dos exércitos alemães na Prússia oriental. Pois, em primeiro lugar, ele por princípio não acreditava em notícias ruins e, em segundo, supunha que todos lhe pintavam a situação em cores mais pretas para escapar a enfrentamentos pesados com os russos.

Ao voltar, Johannmeyer confirmou que as tropas na Prússia oriental estavam em uma situação muito séria. Informou que estavam encurraladas em uma estreita faixa litorânea, misturadas a milhares de fugitivos e gado, onde cada tiro da artilharia russa cobrava um alto preço humano. Hitler retrucou:

— Não recuarei um único soldado. Preciso defender a fortaleza de Königsberg a qualquer preço. Enquanto Königsberg estiver em nossas mãos, posso dizer ao povo alemão: “Na Prússia oriental estamos nós, e não os russos.”

Quando Johannmeyer relatou que estava havendo uma fuga em massa da população da Prússia oriental, com milhares de mortes, Hitler gritou:

— Não posso levar isso em consideração!

A cidade de Königsberg foi encurralada no início de abril de 1945 por um denso cerco de tropas russas. Hitler recebeu a informação de que a cidade estava sendo destruída pela artilharia russa. Mesmo assim, ordenou ao comandante da fortaleza de Königsberg, general Lasch, que continuasse resistindo. Em 9 de abril, Königsberg foi tomada pelas tropas russas e o general Lasch foi preso. Hitler mandou condená-lo à morte em sua ausência.⁴

Por outro lado, nem se lembrou de chamar à responsabilidade o líder partidário Koch, que ele até então considerara a alma da defesa de Königsberg. Ao contrário: enquanto os combates ainda ferviam em Königsberg, Hitler ofereceu a Koch fugir para a cidade portuária de Pillau para escapar a tempo dos

russos. Quando a cidade de Königsberg já estava cercada por tropas russas, Koch telegrafou de Pillau ao *Gauleiter* de Breslau, Karl Hanke, dizendo que jamais entregaria Königsberg aos russos, que a batalha em torno de Königsberg servia de exemplo para a luta do povo alemão em sua fé ilimitada no *Führer*. Karl Hanke, também um alto líder do Partido, telegrafou de volta no mesmo espírito, dizendo que tampouco abandonaria Breslau, que também estava cercada por tropas russas. Para encorajar o povo alemão, Goebbels mandou que esses telegramas fossem lidos no programa radiofônico *Volksführer*, chegando assim ao conhecimento da opinião pública.

Koch e Hanke saíram sem um arranhão da área dos combates, enquanto incontáveis soldados alemães deixavam suas vidas em Königsberg e Breslau.⁵



Diante da evolução catastrófica na frente leste, no final de janeiro e início de fevereiro de 1945 Hitler e Bormann conversavam freqüentemente sobre o futuro do Partido. Hitler concordou com a proposta de Bormann de repatriar os jovens quadros do Partido Nacional-Socialista, geralmente membros da Juventude Hitlerista, trazendo-os de volta da frente oriental para a Alemanha Ocidental. Os primeiros a chegar da Pomerânia e da Silésia rumo ao oeste foram os pupilos das “Ordensburgen” e das “escolas Adolf-Hitler”. Eles deviam ser preparados para cargos de liderança no Partido. Deveriam ser preservados, a fim de subsistir no Partido. Bormann ordenou que fossem para a clandestinidade, que se portassem de maneira leal aos anglo-americanos e almejassem postos na administração. Primeiro, deveriam retirar-se para a região do Allgäu, nos Alpes da Baviera, perto de Bad Tölz e Lenggries. Entre os eleitos para chefiar as organizações ilegais da Juventude Hitlerista na Alemanha Ocidental estavam o chefe das “escolas Adolf-Hitler”, Petter, e o chefe do treinamento militar da “Juventude Hitlerista”, Schlünder.⁶

Simultaneamente à transferência de jovens quadros do Partido Nacional-Socialista para a Alemanha Ocidental, Hitler também ordenou aos *Gauleiter* (governadores) Koch, da Prússia oriental, Forster, de Dantzig, e Greiser, de Posen, que se mudassem para lá com seus oficiais.

Em uma reunião secreta na chancelaria do Partido, na Wilhelmstrasse, com a participação de Petter, Schlünder e dos colaboradores mais ligados a Bormann — o secretário de Estado, Dr. Klopfer, o líder do Partido Nacional-Socialista, Friedrichs, e o assessor pessoal de Bormann, Müller —, Bormann disse o seguinte sobre a transferência de quadros do Partido para o oeste:

— Nossa salvação está no oeste. É onde o nosso Partido pode sobreviver. O que nos vai garantir isso é o lema da luta contra o bolchevismo.⁷

Antes de sua partida para a Alemanha Ocidental, em março de 1945, o líder partidário Kurt Petter veio despedir-se de Günsche na Chancelaria do Reich. Günsche tinha ficado amigo de Petter desde quando freqüentaram juntos a Juventude Hitlerista, entre 1932 e 1934. Petter ressaltou que somente a Juventude Hitlerista poderia garantir um futuro ao Partido, uma vez que a geração antiga tinha-se burocratizado e era odiada pela população. Petter viajou para Sonthofen e Bad Tölz, a fim de assumir a chefia dos grupos da Juventude Hitlerista transferidos para lá do leste.



Enquanto violentos combates eram travados no *front* oriental — em Kurland, na Prússia oriental, Pomerânia, Silésia, Boêmia e Hungria —, devorando quase todas as reservas alemãs, as tropas anglo-americanas entraram em território alemão, em fevereiro de 1945. A invasão aconteceu entre Aachen e Trier, ou seja, em um trecho do *front* bastante vulnerável por causa da transferência do 6º Exército Panzer de Sepp Dietrich para o *front* oriental.

O contraste agudo entre a guerra no leste e no oeste refletia-se nas reuniões de estratégia militar de Hitler. Contrastando com os relatos de Jodl sobre o *front* ocidental, os de Guderian sobre a frente leste transcorriam de maneira agitada, e volta e meia desencadeavam acessos de raiva em Hitler. Como a frente ocidental estava muito enfraquecida por causa da transferência de tropas para o leste, Hitler tinha de ser informado inevitavelmente por Jodl sobre o avanço das tropas anglo-americanas em território alemão. Hitler tranquilizava-se com o fato de que os anglo-americanos se deteriam no obstáculo natural, o rio Reno. Por isso, reagia de forma relativamente calma às infor-

mações de Jodl de que, por causa da transferência das divisões para a frente leste, o número de desertores para os anglo-americanos tinha assumido uma dimensão considerável. As deserções eram atribuídas ao temor dos pesados enfrentamentos com os russos. Quando uma divisão era levada para leste, comboios inteiros, até companhias inteiras, fugiam e bandeavam-se para o lado do adversário.



No final de cada mês, o ministro para Armamentos e Produção de Guerra, Speer, ou seu substituto, Saur, fazia um relato a Hitler sobre a fabricação de armas e equipamentos de todos os tipos. Às vezes, esses dados eram passados para Hitler por telefone, e ele pessoalmente os anotava em uma tabela. Geralmente, um de seus ajudantes escutava junto com um fone de ouvido e também anotava. Depois ambos checavam os números e os comparavam com os dados do mês anterior.

De acordo com os relatos de janeiro e fevereiro de 1945, a produção nas fábricas alemãs de armamentos, com exceção daquelas situadas na Alta Silésia ocupada pelos russos, ainda estava a pleno vapor. A explicação era que os aviões anglo-americanos bombardeavam de preferência as fábricas da indústria da aviação, refinarias de petróleo e aeroportos. Os ataques eram dirigidos contra a planta de aviões Messerschmitt, em Augsburg, Focke-Wulf, em Bremen-Hemelingen, e Heinkel, em Rostock, bem como a fábrica na cidade nova de Viena, que produzia caças a jato, as instalações da BMW, onde eram construídos motores de aviões, e as fábricas de rolamentos em Schweinfurt e Regensburg, bem como pequenas fábricas de aviões ou peças de avião.

No QG de Hitler, todos estavam firmemente convencidos de que os anglo-americanos objetivavam em primeiro lugar destruir a indústria alemã de aviação, porque a Luftwaffe era um dos instrumentos mais fortes dos alemães contra eles. Ao mesmo tempo, eles não tinham interesse em bombardear fábricas de armamentos que os alemães pudessem utilizar nos combates em terra na frente leste.⁸

Os ataques da aviação anglo-americana contra cidades alemãs também se

intensificaram. O fato de essas ficarem arrasadas deixava Hitler insensível. Certa vez, ele explicou:

— É mais fácil fixar-se e defender-se em meio a ruínas.

Outra vez, disse:

— No lugar das cidades destruídas, construirei novas cidades, mais bonitas, depois da guerra. Na verdade, eu deveria agradecer aos anglo-americanos por eles estarem me poupando do trabalho de arrasar quarteirões inteiros que eu gostaria de reformar de qualquer maneira.

Sobre os ataques contra Berlim, Hitler observou certa vez:

— Se eles pelo menos destruíssem a Prefeitura de Berlim! Como arquiteto, aquele prédio horrroso me incomoda há muito tempo. Se os anglo-saxões o estão poupando dos ataques, provavelmente é porque querem me irritar — disse, rindo.



Em fevereiro de 1945, Hitler conversou freqüentemente com Speer. Eles discutiam o que fazer com as indústrias no oeste da Alemanha no caso de uma ocupação anglo-americana. Hitler dera ordens de explodir tudo, para não deixar nada para os russos no recuo das tropas alemãs dos territórios alemães no leste. Mas no oeste, ao contrário, mandou preservar integralmente as fábricas. No caso de uma ocupação da Alemanha Ocidental, os industriais deveriam permanecer onde estavam. Hitler acreditava que, se os empreendimentos ficassem preservados na Alemanha Ocidental, seria uma boa condição para os industriais alemães retomarem seus antigos relacionamentos amistosos com os magnatas industriais anglo-americanos. Essa era a sua esperança. Em sua opinião, a situação na frente leste levaria inevitavelmente a um acordo militar entre a Alemanha, a Inglaterra e a América contra o perigo do bolchevismo. E nisso a intermediação dos industriais poderia ter um papel importante.

Por sugestão de Speer, Hitler mandou que os industriais das regiões onde os anglo-americanos se aproximavam retirassem partes importantes de suas fábricas para inutilizá-las. No curso das negociações com os anglo-america-

nos, eles poderiam recolocar as peças em seus lugares e, assim, provar sua lealdade. Speer percorreu as áreas industriais alemãs ocidentais naqueles dias com essas diretivas de Hitler. Hitler recomendou a Speer que ele fosse acompanhado de seguidores fiéis — o presidente do grupo Vereinigte Stahlwerke, Dr. Vöglér, o chefe da Panzerwagen, Dr. Rohland, e o diretor-geral do grupo de fábricas Rheinmetall, Geilenberg.



No final de fevereiro de 1945, os russos haviam avançado até o rio Oder, próximo de Küstrin/Frankfurt/Guben, e estavam apenas oitenta ou noventa quilômetros ao leste de Berlim. Nesses combates, grandes cidades entre os rios Vístula e Oder — Thorn, Schneidemühl, Bromberg, Posen e outras — foram conquistadas, percorridas ou cercadas. Essas cidades ficavam em encruzilhadas importantes e estratégicas. Tinham sido elevadas pelos alemães à condição de fortaleza. Todas as reservas ainda existentes e todas as forças que podiam resistir de alguma forma foram mobilizadas e jogadas para o rio Oder, a fim de deter os russos.

Para lá se dirigiram o exército de reserva, as frotas de navios de guerra e os batalhões do chamado “Volkssturm”, formados depois da mobilização total, procedentes de Berlim e arredores. Foram tomadas medidas especiais para estabilizar o *front*, cortado pelos poderosos golpes dos russos com o rápido recuo das tropas alemãs e com a destruição do alto-comando. Nesse contexto, Hitler nomeou Himmler comandante supremo do recém-formado Grupo Vístula do Exército. Sua esperança era de que Himmler, com sua famigerada falta de escrúpulos e crueldade, conseguisse restabelecer o *front* entre o Báltico e a Alta Silésia.⁹

Comandos especiais de homens da SS, sob a batuta dos generais da polícia SS-*Obergruppenführer* von dem Bach-Zelewski, SS-*Obergruppenführer* Jeckeln, Skorzeny e outros, foram formados para deter a massa dos soldados em fuga. Eles atiravam contra soldados que queriam fugir do *front* e os mandavam de volta para o combate. Oficiais ou funcionários do Partido mobilizados no “Volkssturm” que desertavam eram fuzilados ou enforcados na hora.

Entre o rio Oder e Berlim foram construídas às pressas fortificações densas com vários cinturões de bloqueio e inúmeros controles de tanques. Para isso, usou-se toda a população de Berlim e arredores. A mobilização para essas tarefas ficou a cargo do *Gauleiter* de Brandemburgo, Stürtz.

O comandante do 6º Exército Panzer, Sepp Dietrich, recebeu a missão de encenar uma troca de mensagens de rádio ao oeste do rio Oder, próximo de Fürstenberg/Bad Saarow. Nesse momento, o seu exército, que marchava da frente oeste para a Hungria a mando de Hitler, estava no trecho sul do *front* oriental. A falsa troca de mensagens telegráficas foi organizada por Sepp Dietrich e realizada por vários oficiais de seu comando. A transmissão de ordens e relatos fictícios de uma parte do 6º Exército Panzer deveria gerar a impressão de que eles estavam estacionados no Oder. Com isso, perseguia-se um duplo objetivo: de um lado, os russos deveriam ser iludidos sobre a verdadeira dimensão das tropas alemãs no Oder. Por outro lado, ficava mais fácil para camuflar a transferência do 6º Exército Panzer para a Hungria.



Em meados de fevereiro, Hitler mudou-se para o seu abrigo antiaéreo. Com ele foram Eva Braun e Morell. Hitler não passava mais um único dia sem suas injeções. Todo o seu comando pessoal permaneceu na Chancelaria do Reich. O abrigo antiaéreo de Hitler, o *bunker* do *Führer*, fora construído já em 1943 nos jardins da Chancelaria do Reich por ordens suas.

O abrigo antiaéreo sob o salão dos diplomatas na Chancelaria do Reich, que Hitler usara até pouco tempo antes por ocasião dos bombardeios sobre Berlim, não lhe parecia mais suficientemente seguro. Ele quis descer mais para baixo da terra. O novo *bunker* era três metros mais fundo. Uma escada de pedra em espiral ia do velho *bunker* ao novo. Ela desembocava em um pequeno cômodo com uma porta blindada. Atrás dela, começava o largo corredor do *bunker* do *Führer*, dividido em duas metades. Na parede à direita da primeira metade havia diversos armários com equipamento antiaéreo (roupa especial, capacetes de aço, máscaras de gás, extintores de incêndio). Uma porta nessa parede levava à casa de máquinas com os exaustores. Uma segunda porta blindada

dava acesso a seis cômodos interligados. Eram a central telefônica, com acesso de telefone e telégrafo, onde ficava um telefonista; a sala de Morell; a enfermaria, onde ficava também a cama do médico de plantão de Hitler, Dr. Stumpfegger; um dormitório para Linge e um para os ordenanças; e ainda uma sala de estar. Na parede esquerda da primeira metade do corredor havia uma mesa quadrada com poltronas. Sobre ela, na parede, um relógio. Ao lado, uma cabine telefônica, onde o telefonista de plantão fazia as ligações para os participantes das reuniões.

Uma porta na parede esquerda do corredor levava aos toaletes, onde havia ainda um lugar para Blondi, a pastora-alemã de Hitler. Seu encontro com o cão de *Frau* Troost não gerara nenhum “resultado”. Por isso, no final de janeiro de 1945, Blondi encontrou-se com o cachorro de Alfred Rosenberg, o ideólogo do Partido Nacional-Socialista. Hitler mandou aquecer o cantinho de Blondi com um aparelho de infravermelho. No início de abril, aconteceu o tão esperado momento feliz: Blondi teve oito filhotes. Três sobreviveram. O mais forte deles foi chamado por Hitler pelo seu próprio apelido: “Wolf”. Em abril de 1945, Hitler passava horas em uma poltrona no corredor do *bunker*, brincando com seu queridinho Wolf.

A primeira parte do corredor era separada da segunda por outra porta blindada. Diante dela, um oficial da guarda pessoal de Hitler montava guarda. Na ante-sala, os participantes das reuniões militares aguardavam para falar com Hitler. As paredes estavam decoradas com quadros grandes, valiosos, quase todos mostrando paisagens italianas. Ao longo da parede direita havia entre 12 e 16 poltronas, do outro lado um banco estofado e no meio uma mesa quadrada grande com várias cadeiras. À direita e à esquerda do banco havia outras duas portas blindadas. A da esquerda levava aos aposentos de Hitler e Eva Braun; a da direita, à sala de reuniões.

Na frente dos aposentos de Hitler havia uma pequena ante-sala. Atrás dessa porta havia uma divisória, para que os participantes das reuniões não pudessem espiar para dentro dos aposentos de Hitler e Eva Braun.

Atrás da porta dupla da ante-sala ficava o gabinete de trabalho de Hitler, forrado com um tapete branco grosso. À direita da porta havia uma grande mesa de trabalho com uma poltrona. Na mesa de trabalho ficavam um abajur

grande de bronze, material para escrever, o telefone, um atlas e uma lupa. Geralmente, também estavam ali os óculos de Hitler. Sobre a mesa, em uma moldura oval, um retrato de Frederico II pintado por Menzel, do qual Hitler gostava muito. Na parede, do outro lado, um sofá, diante dele uma mesa e três poltronas forradas com seda. Sobre o sofá havia uma natureza-morta, à direita uma mesinha de chá, à esquerda um rádio. Na parede à direita havia um quadro bastante valioso de Lucas Cranach.

A porta ao lado levava ao dormitório de Hitler, também forrado com um tapete. Ali havia a cama com um criado-mudo, um guarda-roupa, um carrinho de chá, um cofre onde Hitler guardava documentos secretos, uma prateleira de livros e uma garrafa de oxigênio. À esquerda, no gabinete de trabalho de Hitler, uma porta levava ao banheiro comum de Hitler e Eva Braun. De lá se chegava ao *closet* de Eva Braun, bem como à sua sala e ao seu dormitório. Ali havia, à direita, um sofá forrado com tecido escuro, uma mesinha redonda e uma poltrona. Um abajur de pé alto inundava o quarto com uma luz fraca. Na parede do outro lado ficavam a cama de Eva Braun, um guarda-roupa e uma caixa para o seu cachorro. O chão era coberto por um tapete escuro. Nas paredes pendiam quadros com flores. Uma segunda porta levava à ante-sala.

Na sala de reuniões havia, à esquerda, uma grande mesa com abajures e telefones. Nela ficavam ainda material de desenho, um atlas, uma lupa, canetas e os óculos de Hitler. Diante da mesa havia diversas poltronas, embaixo um banquinho forrado para os pés. Ao longo das outras paredes havia um comprido banco forrado. À direita da entrada, um aparelho de rádio e mais um telefone.

No final da ante-sala havia a chamada eclusa com uma porta blindada. Através da eclusa e duas saídas de emergência chegava-se até os jardins da Chancelaria do Reich. Da saída de emergência situada à direita, uma escada em caracol em pedra levava para o alto. Acima dessa saída tinha sido erigida uma espécie de torre em forma de dado com grossas paredes de concreto, onde um vigia do serviço de segurança supervisionava o acesso ao porão antiaéreo de Hitler. Do lado de fora, outro vigilante da guarda pessoal de Hitler vigiava a entrada.

Pela porta de emergência à direita chegava-se à superfície por meio de uma escada de ferro. Essa saída era protegida por uma torre cilíndrica com uma

cúpula, na qual havia ninhos de metralhadoras e locais para os vigias. Ali também ficavam homens da SS da guarda pessoal do *Führer*. Havia uma ligação telefônica entre a torre e o *bunker*.

O chão, o teto e as paredes do *bunker* do *Führer* eram de concreto de primeira qualidade de três metros de espessura. Além disso, o teto era reforçado com grossas vigas de ferro. Mas nem isso bastava para Hitler. Ele mandou que o *bunker* fosse fortificado com mais uma camada de um metro de pedra com uma densa malha de aço inoxidável. Além disso, a seu mando, o acesso à Chancelaria do Reich foi construído em zigzague e garantido por pesadas portas blindadas.

Hitler só deixava o *bunker* para a reunião militar e para o almoço. Quando, no início de fevereiro de 1945, o jardim-de-inverno da velha Chancelaria do Reich ficou destruído por uma bomba, as reuniões foram transferidas para o gabinete de trabalho de Hitler na nova Chancelaria do Reich. Hitler chegava lá atravessando o jardim. Quando havia alarme antiaéreo em Berlim no momento da reunião, a reunião acontecia no *bunker*. No *bunker* também eram realizadas as reuniões noturnas.

Desde que Hitler voltara de Bad Nauheim para Berlim em 12 de janeiro de 1945, só comia em companhia de Eva Braun e das secretárias. Não havia mais nenhum outro convidado.



Naqueles dias, o relacionamento entre Hitler e Göring esfriou visivelmente. Isso evidenciou-se principalmente durante as reuniões de estratégia. O estranhamento partiu de Hitler. Cada vez mais freqüentemente, ele acusou Göring — muitas vezes elevando a voz — de que a Luftwaffe não estava cumprindo sua missão. Hitler sabia ser bastante desagradável:

— Na Luftwaffe só tem parlapatões!

— A Luftwaffe deveria estar morrendo de vergonha de saber que os aviões do inimigo se sentem como se estivessem em casa no espaço aéreo alemão!

— Já que a Luftwaffe não sabe voar, deveria pelo menos lutar no solo.

- Os dados sobre a quantidade de aviões abatidos do inimigo são falsos.
- Muitos dos aviadores não merecem as condecorações que ganharam.

Göring costumava calar ao ouvir essas acusações. Sua única reação foi que ele passou a não usar suas condecorações, pelo menos durante algum tempo. Quando, durante as reuniões, se falava das operações da Luftwaffe, Göring afastava-se enfaticamente da mesa ou deixava o recinto.

Certa vez, rubro de raiva, Hitler mostrou a Göring um artigo dizendo que Göring caçava javalis na região de Schorfheide. Hitler berrou com ele. Disse que, se além de caçar javalis não tinha nada para fazer, deveria ao menos cuidar para que os jornais não escrevessem aquilo.

Hitler retirou de Göring a responsabilidade pela construção dos caças a jato e incumbiu Himmler de cuidar disso. Esse repassou a chefia da produção ao SS-*Obergruppenführer* engenheiro Kammler, responsável pela fabricação de foguetes desde o outono de 1944 e que chefiava uma unidade especial equipada com V1 e V2.¹⁰

À medida que Hitler se afastava de Göring, aproximava-se de Goebbels. Em pouco tempo, o relacionamento de ambos era bem estreito. Goebbels não participava das reuniões de estratégia, mas Hitler o mandava chamar diariamente e discutia longamente com ele todo tipo de assunto. Nos últimos meses da guerra, Goebbels tornou-se o conselheiro mais próximo de Hitler.



No final de fevereiro de 1945, o especialista em otorrinolaringologia professor von Eicken operou as cordas vocais de Hitler. Ele diagnosticara um pólipso que se formara ali porque Hitler gritava muito. A intervenção transcorreu sem complicações. Mas Hitler teve que se calar durante uma semana inteira, porque corria o risco de perder totalmente a voz. Naqueles dias, os ajudantes faziam o relato das frentes de combate para Hitler no *bunker*. E ele escrevia suas ordens num caderno de anotações.



Quando os russos avançaram rumo ao rio Oder inferior, na área do Grupo Vístula do Exército na Pomerânia, ainda havia cerca de vinte divisões alemãs em uma faixa de cinquenta a cem quilômetros de largura na costa entre Dantzig e Stettin.

Em uma reunião de estratégia no início de março de 1945, Hitler fez uma avaliação da situação no *front*. Embora também estimasse que a situação no rio Oder e na Pomerânia era extremamente crítica, ele concluiu que era possível golpear os russos naquele momento. Ele explicou:

— Os russos não prosseguirão sua ofensiva atravessando o Oder em direção a Berlim, porque seu flanco direito está sob forte ameaça das tropas alemãs concentradas na Pomerânia. Enquanto não eliminarem este perigo, não se pode temer um ataque sobre Berlim. Isso significa que, nos próximos tempos, forças consideráveis dos russos estarão presas na Pomerânia, o que nos permitirá romper as posições russas vindas da área ao sul de Stettin e atacar o *hinterland* das tropas russas no Oder inferior. Essa operação dará fôlego às tropas alemãs na Pomerânia, de tal forma que elas possam atacar e romper a frente russa ao sul de Dantzig, podendo avançar em direção a Schneidemühl e Posen.

Guderian criticou o plano de Hitler. Explicou que, como os russos já tinham chegado ao Oder inferior e estavam a noventa quilômetros de Berlim, certamente tentariam tomar logo a capital do Reich. Por isso, o ataque planejado do *Führer* estava condenado ao fracasso de antemão. Guderian sugeriu concentrar todas as forças no rio Oder para se defender. Hitler ficou fora de si com a crítica e teve um acesso de raiva, o que aconteceu pela primeira vez na presença de Guderian.

— Cale-se, Guderian! — berrou ele. — Os russos não serão tão bestas como nós, quando estávamos diante de Moscou e quisemos tomar logo a cidade. Foi o senhor, Guderian, o primeiro a querer invadir Moscou com seu exército. O senhor deveria saber melhor do que todos como aquilo foi o final da história!

Guderian empalideceu. Himmler, que, de acordo com o plano de Hitler, deveria comandar a operação, apoiou Guderian. Baixou um silêncio mortal. Apenas se escutava a respiração pesada de Hitler. Depois de um breve momento, ele disse que a sua avaliação da situação era a única correta, que só mesmo

diletantes e iniciantes podiam pensar diferentemente. Hitler mandou recuar as tropas do Oder inferior e formar dois grupos de ataque. Estes deveriam atacar a partir da área ao sudoeste de Stettin e da cabeça-de-ponte na margem oriental do Oder entre Küstrin e Frankfurt, rompendo a frente russa, e jogá-la de volta. O principal golpe caberia ao grupo de Stettin.

Nas próximas reuniões militares, Guderian repetidamente apontou para o fato de que, segundo a contra-espionagem alemã, os russos estavam concentrando forças poderosas na região do Oder inferior, sinal de que tinham a intenção de continuar o ataque a Berlim.

Hitler insistiu em que seu plano fosse executado.

O contra-ataque das tropas alemãs, que, segundo o plano de Hitler, partiu primeiro da área de Stettin, encalhou já nos primeiros dias no fogo da artilharia russa.

Hitler ficou fora de si. Na frente de todos os participantes da reunião de estratégia, ele admoestou Guderian como se este fosse um colegial. Gritava que Guderian tinha conduzido o ataque propositalmente de forma que ele falhasse. Também acusou Himmler de ter-se deixado convencer por Guderian.

Quando, nos dias seguintes, as tropas russas não agiram mais contra Berlim, e sim contra as unidades alemãs na Pomerânia, Hitler ficou ainda mais irritado. Ele insistiu em dizer que tinha razão, que apenas ele era capaz de enxergar as reais intenções dos russos. Como prova, mandou vir as atas das reuniões em que se havia tratado dos próximos passos dos russos. Hitler entregou-as a Goebbels, para que este tomasse conhecimento. Goebbels levou-as e devolveu-as depois a Hitler com um bilhete em que escreveu: “*Mein Führer*, por que simplesmente não substitui esses generais ineptos?”

Desde esses dias, a relação entre Hitler e Guderian estava quebrada. Himmler foi demitido do alto-comando do Grupo Vístula do Exército e substituído pelo general Heinrici.¹¹ Furioso e magoado, ele se retirou para o sanatório da SS em Hohenlychen, dirigido pelo SS-*Gruppenführer* Gebhardt. Mandou dizer a Hitler que estava doente. A partir desse momento, o chefe do serviço de segurança (SD) e da Agência de Segurança do Reich, SS-*Obergruppenführer* Kaltenbrunner, passou a participar das reuniões. Mas ele não se pronunciava. Só escutava, calado.

Hitler nunca deu nenhuma pista sobre o motivo da participação de Kaltenbrunner nas reuniões. O grupo em volta dele supôs que o *Führer*, que se sentia crescentemente inseguro, quis fazer chegar um alerta aos participantes da reunião.



Meados de março de 1945. Os membros permanentes da reunião de estratégia estavam reunidos na ante-sala do gabinete de trabalho de Hitler na nova Chancelaria do Reich, esperando Hitler aparecer. Ordenanças da SS serviam bebidas alcoólicas e petiscos frios. Guderian estava no bufê e bebeu logo vários conhaques. Parecia que queria criar coragem antes da reunião.

Enquanto isso, Hitler saíra do seu *bunker*, acompanhado de Linge, passou pelos jardins da chancelaria do Reich e foi até seu gabinete de trabalho. Mandou Linge chamar os outros. Os homens da SS de sua guarda pessoal abriram as portas do escritório de Hitler. O primeiro a entrar foi Göring. Seguiram-se Dönitz, Keitel, Jodl, Guderian, Kaltenbrunner e os outros. Hitler estava na grande mesa de mármore e cumprimentou cada um, oferecendo a mão.

Enquanto os ajudantes de Hitler — Johannmeyer e Günsche — e o ajudante de Guderian — von Freytag-Loringhoven — abriam os mapas da frente leste na mesa, Guderian disse alguma coisa a Hitler. Este, provavelmente por sentir o cheiro de álcool, deu um passo para trás. Sem responder a Guderian, Hitler sentou-se em sua poltrona, junto à mesa com os mapas. Guderian, que não estava muito firme por causa do conhaque, segurou-se na mesa.

Com a língua enrolada, começou a relatar a situação no *front* ocidental, começando a falar do Grupo Sul do Exército. Alguns dos presentes riam escondido e cutucavam-se enquanto escutavam Guderian falar. Suas palavras indicaram que o contra-ataque do Grupo Sul do Exército contra as cabeças-de-ponte russas no Danúbio e no Grau ao sul do Balaton avançava muito lentamente. Além disso, Guderian informou que os poderosos avanços dos russos na Silésia e na Boêmia contra o Grupo Central do Exército tinham sido detidos, com exceção de alguns poucos trechos. Que, na área do Grupo Vístula do Exército, os russos tinham avançado até o Báltico, passando por Köslin e

Kolberg, separando as unidades alemãs estacionadas na Pomerânia. Guderian acrescentou que as perdas eram muito altas e que todas as reservas tinham sido jogadas no combate.

— Seria útil — disse Guderian — transferir o Grupo Kurland do Exército até o rio Oder.

Quando Guderian proferiu estas últimas palavras, Hitler saltou da cadeira. Sua face estava totalmente vermelha. Varreu os mapas da mesa, começou a martelar com os punhos na mesa e berrou que Guderian estava há muito tempo enganado em relação à situação na frente leste.

— O senhor não avaliou corretamente a situação em Moscou no inverno de 1941! — gritava Hitler. — Desconheceu totalmente a situação no Vístula em Varsóvia, em janeiro de 1945! Construiu fortificações entre o Vístula e o rio Oder, prendendo ali dezenas de milhares de soldados, em vez de mandá-los para a frente! E, finalmente, avaliou erradamente a situação no rio Oder!

Guderian ficou branco. Ofegou ar e pôs a mão no coração. Com a voz falha, ele começou:

— *Mein Führer*, não fale assim comigo. Ninguém fez tantos esforços como eu para deter os russos, pelo menos até o momento em que isso foi possível....

Hitler encerrou a reunião. Todos deixaram a sala. Ele ficou só.

A partir desse dia, Guderian não apareceu mais. Foi demitido do cargo de chefe do Exército.¹² Para o seu lugar, foi nomeado o general Krebs, que poucas semanas antes substituíra o general Wenck, ferido em um acidente de automóvel, como chefe do Departamento de Operações do alto-comando do Exército. Antes, Krebs tinha sido chefe do comando junto ao marechal-de-campo Model, ao qual se assemelhava com sua flexibilidade e seus gestos vivazes. Krebs era amigo íntimo de Burgdorf, e depois também de Goebbels e Bormann.

Março 1945

No início de março de 1945, Hitler mandou reunir contingentes poderosos sob o comando do general Wöhler, entre eles o 6º Exército Panzer de Sepp Dietrich, na área do Grupo Sul do Exército. Hitler estava planejando uma contra-ofensiva na região do lago Balaton, na Hungria.

O objetivo estratégico consistia em destruir a grande cabeça-de-ponte dos russos entre os rios Danúbio e Drau, ao sudoeste de Budapeste, rechaçar as tropas russas para além do Danúbio e retomar Budapeste.

Com essa operação, Hitler pretendia deter a ameaça no sul da Alemanha e na região petrolífera do lago Balaton. Aquela era a última reserva importante de que a Alemanha ainda dispunha, sem contar as reservas de menor importância na Áustria e na Alemanha.¹

Hitler mandou preparar detalhadamente a operação na região do lago Balaton.

Para isso, mandou chamar Sepp Dietrich, a cujo 6º Exército Panzer pertenciam divisões de elite da SS, tais como as Leibstandarte “Adolf Hitler”, “Das Reich”, “Totenkopf”, “Wiking”, “Hohenstaufen”, “Frundsberg”, “Hitlerjugend” e outras.² Hitler mandou que o Exército Panzer de Dietrich executasse essa operação com todo o vigor possível e a concluísse vitoriosamente, custasse o que custasse.

A contra-ofensiva no Balaton fracassou. Já nos primeiros dias, depois do início do ataque, os russos detiveram as tropas alemãs com pesados golpes nos

flancos, empurrando-as de volta para a posição inicial e obrigando-as a recuar rumo ao noroeste até a fronteira austro-húngara, ao preço de pesadas perdas.³

Hitler demitiu o general Wöhler imediatamente, substituindo-o pelo general Rendulic, um austríaco, que antes da anexação servira no Exército do país.⁴ Hitler o agraciara com a Condecoração Dourada do Partido por sua fidelidade ilimitada ao nacional-socialismo.

O fracasso da contra-ofensiva no Balaton abalou Hitler profundamente. As esperanças que ele depusera em suas divisões da SS tinham-se esvaído. Nas reuniões militares, em que agora o novo chefe do Estado-Maior, Krebs, relatava informando sobre o recuo do exército de Sepp Dietrich, Hitler ficava sentado cabisbaixo, olhando fixamente para a frente, consternado.

Quando, em uma das reuniões, chegou mais um informe de Sepp Dietrich, segundo o qual seu exército estava perdendo incontáveis homens e tanques em sangrentas batalhas, Hitler saltou da cadeira e gritou:

— As minhas divisões da SS desaprenderam a lutar! Ficaram covardes!

Ele caiu na poltrona, olhando fixamente para um ponto. Seu rosto tremia. Logo as divisões da SS, que ele sempre exibira à Wehrmacht como exemplo e homenageara com nomes especiais, eram agora chamadas por ele de covardes!

Depois da reunião, Hitler chamou Günsche a seu escritório e perguntou-lhe se Sepp Dietrich conversara com ele antes da contra-ofensiva no Balaton. Günsche confirmou. Ele relatou a Hitler que Sepp Dietrich estava confiante na operação programada, e apenas lamentara que seu exército estava lutando na Hungria e não na Pomerânia, pois não queria bater-se pela Hungria, e sim pela Alemanha. Hitler rosnou:

— Guderian deve ter soprado isso para ele. Bem posso imaginar.

Então Hitler perguntou a Günsche o que ele sabia sobre os comandantes das divisões do exército de Sepp Dietrich e dos regimentos da SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”. Ao responder, Günsche ressaltou que Peiper, o comandante do Regimento Panzer da Leibstandarte, Hansen do 1º Regimento Motorizado da Infantaria, e Sandig, do 2º Regimento Motorizado da Infantaria, serviam na Leibstandarte desde 1933, estavam no *front* desde o início da guerra e tinham sido condecorados com altas medalhas.

Hitler interrompeu Günsche.

— Muito bem, muito bem, agora me deixe só.

Quando ficou evidente que a contra-ofensiva na região do Balaton fracassara definitivamente, Hitler chamou Günsche e mandou que fosse enviada uma ordem ao comandante do 6º Exército Panzer, Sepp Dietrich, para que a Leibstandarte não fosse mais digna de usar o nome “Adolf Hitler”. Günsche, que pertencera aos quadros da Leibstandarte, desabou na cadeira diante da escrivaninha de Hitler e começou a formular a ordem, a contragosto. Hitler perambulou pela sala. Depois de Günsche escrever, riscar, tornar a escrever, riscar, ficou da seguinte maneira:

— Eu ordeno: considerando que a Leibstandarte não cumpriu minha missão e não demonstrou o espírito guerreiro que dela espero, ela não merece mais portar o nome de “Adolf Hitler”.

Percebendo a hesitação de Günsche, Hitler aproximou-se dele e disse:

— Deixe estar, eu mesmo vou falar com Himmler.

Himmler, que ainda não digerira sua demissão como comandante supremo do Grupo Vístula do Exército, ainda estava no sanatório da SS em Hohenlychen.

Por ordem de Hitler, ele voltou a participar da reunião militar no dia seguinte. Hitler despejou toda a sua raiva de Sepp Dietrich e seu exército. Teve um acesso de ira:

— A Leibstandarte não existe mais! Não merece mais usar o meu nome! Himmler, você vai pessoalmente encontrar Dietrich! Retiro o nome de todas as divisões da SS. Abaixo com as braçadeiras! Isto vale também para Dietrich! Diga a Dietrich que, se as divisões da SS continuarem recuando, proibirei o uso de todos os estandartes e retirarei também as condecorações dos oficiais e dos soldados!

Himmler respondeu, com a voz inaudível:

— Às ordens, *mein Führer*!⁵

Göring tentou cuidadosamente demover Hitler dessa decisão. Disse que uma punição dessas era rígida demais para as divisões da SS que durante toda a guerra tinham derramado seu sangue no *front* oriental. Isso apenas irritou Hitler mais ainda. Ele comparou o seu destino com o de Frederico II, o qual, na Guerra dos Sete Anos, também punira vários regimentos por covardia.

— Frederico, o Grande, anulou nomes, bandeiras e condecorações de seus regimentos! Eu tampouco temerei fuzilar *homens* da SS, se continuarem recuando!

Como Hitler ameaçara tirar os estandartes das divisões da SS, no início de abril apareceram dois oficiais de Sepp Dietrich junto a Günsche a fim de buscar o estandarte de luta da Leibstandarte que Günsche guardara para eles no *bunker* da Chancelaria do Reich. Essa bandeira só era utilizada em paradas militares. Günsche entregou-a sem Hitler saber. Eles levaram-na para Sepp Dietrich, cujo comando estava estacionado perto de Viena.

Nas batalhas seguintes no trecho sul da frente leste, o Grupo Sul do Exército, ao qual pertenciam as divisões da SS do 6º Exército Panzer, foi jogado de volta para a Áustria. Em Viena, que por ordem expressa de Hitler devia ser defendida até o último homem, um levante da população irrompeu contra as autoridades alemãs.⁶ Hitler mandou que Kaltenbrunner — austríaco de nascimento, que tinha sido chefe da polícia de Viena antes de Hitler nomeá-lo para o cargo de chefe da Agência de Segurança do Reich — viajasse imediatamente a Viena para reprimir o levante com todo o rigor. Mas já em 13 de abril tropas russas entraram em Viena e salvaram a população da ação de Kaltenbrunner, o açougueiro de Hitler. Este partiu em direção a Viena para cumprir a ordem de Hitler, mas não voltou mais para Berlim. Simplesmente desapareceu. Como se soube depois, preferiu tomar o rumo do Ocidente, bandeando-se para o lado dos anglo-americanos.

Quando as tropas russas atingiram a área de Küstrin, à cidade de Frankfurt-sobre-o-Oder, chegando, assim, aos portões de Berlim, Hitler ficou preocupadíssimo com sua segurança na Chancelaria do Reich. Antes de mais nada, temia possíveis revoltas ou até um levante da população de Berlim. Por isso, mandou nomear um comandante de luta para a Chancelaria do Reich, cuja função seria a de organizar uma proteção reforçada do prédio e de todo o distrito governamental. Seguindo uma sugestão de Burgdorf, Hitler nomeou para esse cargo o coronel Pick. Apenas três semanas depois, ele foi substituído por Günsche, a pedido de Hitler. Como comandante de luta da Chancelaria do Reich e do distrito governamental, Günsche era diretamente subordinado a Hitler.

O distrito governamental compreendia então os quarteirões entre as seguintes ruas: Unter den Linden, Wilhelmstrasse, Behrenstrasse, Mauerstrasse, Wilhelmplatz, Vosstrasse e Hermann-Göring-Strasse, até o portão de Brandemburgo, além da Chancelaria do Reich.

A segurança da Chancelaria do Reich, comandada por Günsche, consistia em um batalhão de guarda da Leibstandarte, o regimento de guarda Berlim, que pertencia à Divisão Panzer “Grossdeutschland”, o regimento da SA “Feldherrnhalle”, bem como forças recrutadas da polícia e do serviço de segurança. Além disso, ficavam subordinadas a Günsche várias companhias do Volkssturm e a companhia de acompanhamento do *Führer*, comandada pelo SS-*Obersturmführer* Drobe.⁷ Esta última ficava alojada na caserna do batalhão de guarda da Leibstandarte em Berlim-Lichterfelde, mas depois foi transferida para a Chancelaria do Reich. Os homens abrigaram-se no salão dos diplomatas e em outros cômodos da nova Chancelaria do Reich.

Por ordem de Günsche, foi construído um anel de defesa em torno do bairro governamental, com posições de fogo bem fortificadas. A passagem pelo Portão de Brandemburgo foi fechada. Em cima do portão, debaixo da escultura chamada Quadriga, foram colocadas metralhadoras. Foram abertas seteiras no muro dos jardins da mansão de Goebbels, na Hermann-Göring-Strasse. Ali foram instalados ninhos de metralhadoras. Também no muro externo dos jardins do Ministério do Exterior, na mesma rua, foi construída uma guarita para artilharia de placas de concreto com aberturas para metralhadoras. Dessa forma, os acessos ao jardim e às garagens da Chancelaria do Reich ficaram protegidos por ninhos de fogo. As ruínas da loja de departamentos AWAG,⁸ defronte da nova Chancelaria do Reich, tornaram-se intransponíveis com arame farpado e minas. Em todas as ruas que desembocavam na Wilhelmplatz havia ninhos de metralhadoras e bloqueios de tanques. Assim que fosse preciso, o acesso à praça podia ser fechado. Também havia posições fortificadas nas ruínas de casas destruídas nos cruzamentos Behrenstrasse/Mauerstrasse e Unter den Linden/Wilhelmstrasse. Os telhados dos ministérios ganharam ninhos de metralhadoras. A Chancelaria do Reich recebeu um trato especial. A sacada da Chancelaria do Reich, onde Hitler em seus tempos áureos era ovacionado pelos nacional-socialistas

berlinenses, servia agora como posição de metralhadoras. De lá, era possível abrir fogo contra toda a Wilhelmplatz e a Wilhelmstrasse.

Diante das duas entradas principais da nova Chancelaria do Reich, na Vosstrasse, havia sacos de areia e outros obstáculos para poder bloqueá-las imediatamente. As janelas do prédio já tinham barricadas. Estavam lotadas de metralhadoras. Nos jardins da Chancelaria do Reich, havia lançadores de granadas. As reservas de munições foram aumentadas. No jardim do Ministério do Exterior, ao lado da Chancelaria do Reich, foi instalado um estande de tiro para Eva Braun e as secretárias de Hitler. Ali elas podiam se exercitar na arte de atirar, caso tivessem de participar da luta contra a população berlinense. A quantidade de postos de segurança na Chancelaria do Reich triplicou. Em cada entrada e saída havia ininterruptamente um monte de homens.

Günsche tinha ordens de informar Hitler imediatamente sobre cada medida tomada. Este se mostrou muito satisfeito, mas emitia sempre novas ordens. Certa vez, mandou chamar Günsche e o admoestou, irritado:

— As minhas senhoritas [as secretárias] se queixaram de que, quando vêm tomar chá à tardinha, precisam fazer caminhos complicados para chegar ao meu *bunker*, encontrando um sem-número de vigilantes no caminho.

Günsche tentou explicar que a vigília era reforçada à noite por motivos de segurança. Mas Hitler o interrompeu, irritado:

— Ninguém consegue mesmo me proteger. A mim, só mesmo a Providência pode proteger.

Mas, apesar da “proteção da Providência”, Hitler deixou tudo como estava e não mandou diminuir as medidas de segurança.



Enquanto se instalavam inúmeros pontos de apoio e ninhos de resistência no *front* entre Oder e Berlim, trabalhava-se febrilmente naqueles dias para fortificar Berlim. Em toda a cidade foram erguidas barricadas, bloqueios de tanques e trincheiras. Para isso, o regime usou a população berlinense.⁹ A chefia coube a Goebbels, em sua condição de comissário de defesa de Berlim, e a Schach, como vice-*Gauleiter* do Partido Nacional-Socialista na capital. Não havia uma

única rua onde não se erigissem barreiras com o entulho das casas bombardeadas. O eixo leste-oeste entre o Portão de Brandemburgo e a Coluna da Vitória foi transformado em pista de aterrissagem para aviões. Para atingir uma largura de cinquenta metros, os postes de luz dos dois lados foram retirados. O Portão de Brandemburgo e a Coluna da Vitória receberam luzes de sinalização para os aviões. Longas filas de soldados, jovens da Juventude Hitlerista e do Volkssturm caminhavam para as periferias, onde montavam guarda nos postos de defesa.

Enquanto a capital era preparada febrilmente para a resistência, o governo de Hitler preparava a sua fuga. O sinal para a evacuação dos cargos mais elevados do Partido e do governo veio de Bormann. Longos comboios de veículos pretos levavam os altos dignitários para refúgios preparados na área de Salzburgo/Berchtesgaden/Bad Reichenhall, no sul da Alemanha.

Cada instância do governo tinha ordens para deixar para trás um pequeno grupo de dez a 15 funcionários, os quais poderiam ser evacuados a qualquer momento de Berlim. Enquanto as instâncias governamentais eram evacuadas, Hitler mandou que seu administrador, Arthur Kannenberg, levasse todos os objetos de valor da Chancelaria do Reich e de sua propriedade particular para algum lugar seguro. Móveis valiosos, tapeçarias, tapetes e quadros foram levados para o castelo de Moritzburg, situado a 15 quilômetros de Dresden, no alto de uma colina. Esculturas e estátuas saqueadas da Itália foram levadas por Walter Erhardt, da guarda pessoal de Hitler, para a região de Stuttgart. Linge mandou transportar a biblioteca particular de Hitler de trem para Bad Aussee, perto de Salzburgo, onde haviam sido construídos *bunkers* seguros. Ali, Bormann também escondeu o arquivo da filial de Munique da Chancelaria do Partido, que tinha ficado sediada na “Casa Marrom”.¹⁰ O *Obersturmbannführer* Adolf Dirr, da guarda pessoal de Hitler, acompanhou a biblioteca até Bad Aussee. A porcelana oficial no valor de vários milhões de marcos, que era utilizada nas recepções do governo, foi levada pessoalmente por Kannenberg para Bayreuth. Mas ele não voltou mais para Berlim.

■

Na segunda metade do mês de março de 1945, os russos aniquilaram as tropas alemãs estacionadas na Pomerânia. Conquistaram as cidades portuárias de Dantzig (hoje Gdansk) e Gdingen (Gdynia), ambos portos importantes para submarinos e bases de abastecimento no Báltico. Só na península de Hela, a estreita faixa arenosa diante da baía de Dantzig, algumas unidades alemãs ainda resistiam. Naquela época, a fronteira teuto-soviética passava ao longo da linha das cidades de Stettin, Küstrin, Frankfurt e Guben. Ainda assim, Hitler não abria mão de sua posição nas reuniões:

— Tudo depende de quão firme é o *front* no Oder.

Burgdorf sugeriu que Hitler fosse até o *front* no rio Oder para encorajar as tropas alemãs. Hitler hesitou. Sentia-se mais seguro em seu *bunker*. Mas no final de março ele decidiu viajar até o Oder, mas não até os soldados nas posições dianteiras. De acordo com um plano elaborado por Burgdorf, Hitler deveria primeiro visitar o comandante do 9º Exército, general Busse, cunhado de Burgdorf, na região de Küstrin e Frankfurt, e depois o comando do general Huebner, que chefiava uma Volksgrenadier-Division¹¹ no âmbito do 9º Exército de Busse. A idéia era usar a viagem de Hitler em termos propagandísticos, sob o lema: “O *Führer* em pessoa no *front* do Oder!” Os fotógrafos de Hoffmann e Frentz, o cinegrafista do QG de Hitler, tratariam de registrar tudo em fotos e filmes.

Hitler partiu na manhã de 27 de março de 1945 em um horário em que não se podiam temer ataques aéreos sobre Berlim.¹² Hitler deixou o *bunker* cansado e com passos inseguros. O rosto estava pálido e enrugado, com pesadas olheiras. A mão esquerda tremia mais do que o normal. Os golpes dos exércitos russos na frente leste desde o início da ofensiva do Vístula em 12 de janeiro de 1945 tinham afetado Hitler tanto que ele parecia um idoso sem forças. Junto aos veículos esperavam Bormann, Burgdorf, Fegelein, Morell, Stumpfegger, Hewel, Lorenz e os ajudantes de Hitler. Arrastando os pés, ele se aproximou e cumprimentou a todos com um aperto de mãos frouxo. Em seguida, Linge ajudou-o a entrar em seu grande carro confortável. Ele já não era mais capaz de fazer isto sozinho. Bormann, Burgdorf, Fegelein e Linge entraram em seu carro.

Bormann, Burgdorf e Fegelein tinham-se tornado amigos praticamente inseparáveis. Por isso, o apelido do trio no grupo de Hitler era “o trevo”.

Quando Linge se sentou atrás de Hitler, a coluna de carros começou a movimentar-se. A saída de Hitler foi mantida em sigilo absoluto. No dia anterior, o ajudante major Johannmeyer checara todo o trajeto. Busse e Huebner tinham sido informados sobre a visita de Hitler sob a condição de manter segredo total.

O capô do carro estava fechado. Já se tinham ido os tempos em que Hitler percorria Berlim triunfalmente em pé no carro aberto, diante dos olhos do povo, sendo ovacionado. Agora estava com a gola de seu sobretudo de couro forrado bem levantada e manteve-se colado no motorista. Depois do carro de Hitler vinham outros dois, com soldados de seu comando pessoal de acompanhamento. Depois vinham os ajudantes e Morell. No carro seguinte estavam Stumpfegger, Hewel e Lorenz. Este último tinha sido incumbido da redação sobre “a visita de Hitler ao *front*” para a imprensa. Bem no final, havia um carro de reserva. Quando o comboio dobrou na rua Unter den Linden, atravessou a Alexanderplatz e percorreu a Frankfurter Allee em direção aos bairros operários no nordeste de Berlim, Hitler foi ficando cada vez mais agitado. Ficava escorregando em seu assento. Os músculos de seu rosto tremiam. No interior do carro instalou-se um silêncio mortal. Os acessos de raiva de Hitler eram temidos. Subitamente, ele jogou suas luvas cinza para Linge, que estava sentado atrás dele, e gritou:

— Por favor, me dê luvas mais frouxas. Estas aqui estão apertadas e prendem a circulação!

Linge passou-lhe um par de luvas do mesmo tamanho. Hitler colocou-as e achou que estavam bem.

— Por que não me deu estas luvas logo? — disse a Linge, meio zangado.

Depois o carro voltou a ficar mergulhado em silêncio. A viagem durou cerca de uma hora e meia. Quando a fila de carros parou diante da grande casa de fazenda em que ficava o QG do comandante do 9º Exército, general Busse, Linge ajudou Hitler a sair do carro. Busse saudou-o, junto com os colaboradores mais estreitos de seu comando. Todos estavam de pé, o braço direito levantado para a saudação fascista. Hitler tentou passar uma impressão de vitalidade. Os fotógrafos de Hoffmann e o cinegrafista Frenz apontaram suas objetivas em sua direção. Hitler apertou a mão de um por um.

Em seguida, Busse conduziu-o para o maior salão da casa, onde o aguardavam vários oficiais do comando. Também eles foram cumprimentados por Hitler com um aperto de mão. Ele aproximou-se da grande mesa em que estavam abertos os mapas da operação no *front* do Oder. Hitler fez pose para os fotógrafos. Pressionou o braço esquerdo contra o corpo para impedir a mão de tremer. A seu lado, o general Busse tomou posição para explicar-lhe a situação em seu trecho do *front*. Do outro lado ficaram Bormann, Burgdorf e Fegelein. Os ajudantes de Hitler, seus médicos, Hewel, Lorenz e os homens da SS de sua guarda pessoal agruparam-se junto com os oficiais de Busse em torno da mesa. Todos faziam pose para a foto de Hitler “com os soldados do *front* no Oder”.

Busse informou Hitler: suas posições na alta margem ocidental do Oder dominavam toda a margem oriental. A profundidade de suas instalações de defesa era de 15 a vinte quilômetros. Hitler perguntou a Busse quanta munição ele tinha disponível para a artilharia e para a defesa antiaérea no solo.

A resposta de Busse não deixou Hitler satisfeito. Ele explicou que trataria de equipar seu exército com o máximo de munição. Depois de meia hora, Hitler seguiu até o comando de divisão do general von Huebner, a vinte minutos de carro de Wriezen. O general explicou brevemente a Hitler como era a situação no trecho de sua divisão. Mas este mal se interessou em ouvi-lo. Hitler procurara Huebner antes de nada para incumbi-lo de apurar por que a ponte sobre o Reno em Remagen não fora dinamitada, facilitando aos americanos a travessia do largo rio sem problemas.¹³ Huebner era conhecido como fiel seguidor de Hitler. Este o agraciou com a Cruz de Cavaleiro e permaneceu mais de uma hora em seu comando.¹⁴ Em seguida, voltou para Berlim, onde chegou às 17 horas de volta ao *bunker*.

Assim foi a visita de Hitler ao *front*, largamente utilizada para fins de propaganda na imprensa e no cinema. Com legendas do tipo “O *Führer* com seus soldados no *front* do rio Oder”, foram publicadas fotos mostrando os oficiais de Busse e Huebner, o alto funcionário do Partido Bormann, o espectralhã da Gestapo, Fegelein, o diplomata Hewel, o charlatão da Kurfürstendamm, Morell, oficiais da SS e soldados da guarda pessoal de Hitler, bem como seus ajudantes.



Hitler incumbira o general Huebner de formar um “Tribunal de Guerra Volante” e viajar até o *front* ocidental, a fim de apontar os responsáveis por não dinamitar a ponte sobre o rio Reno em Remagen na hora do recuo das tropas alemãs para a margem oriental do Reno. Huebner deveria fazer seu relato a Hitler a sós. No *front* ocidental, a situação então era a seguinte: em 1º de março de 1945, os anglo-americanos atingiram o Reno ao norte e ao sul de Düsseldorf. Depois que atravessaram o rio Mosela, no dia 15 de março, ao oeste de Koblenz, também avançaram até o Reno, entre Koblenz e Bonn. A fim de deter seu avanço, todas as pontes sobre o Reno foram dinamitadas, com exceção da ponte em Remagen.

Numa das reuniões, Jodl informou Hitler de que a ponte tinha caído nas mãos dos americanos, razão pela qual estavam marchando até a margem oriental sem combates.¹⁵ Jodl informou que a ponte tinha sido preparada para ser explodida. Mas, quando os americanos já estavam sobre ela, o detonador elétrico falhou. Hitler, que até então escutara Jodl calmamente, saltou da cadeira quando ouviu isso e berrou:

— Eu mandei explodir logo as pontes sobre o Reno! A ponte de Remagen foi deixada para os americanos propositalmente! Isso é sabotagem e traição!

Hitler lançou olhares furiosos para Jodl. Foi a primeira vez que ele teve um acesso durante uma apresentação de Jodl sobre a frente ocidental. Quando Hitler saltou da poltrona, Keitel, que estava à sua esquerda, deu um passo para trás, assustado. Dönitz, Bormann, Krebs, Burgdorf, Koller, Christian e os ajudantes ficaram em silêncio em torno da mesa. Jodl começou a querer replicar, mas Hitler virou-se imediatamente para Keitel e mandou que ele iniciasse imediatamente a investigação para descobrir quem era o responsável por não ter explodido a ponte de Remagen. A apuração revelou que a ponte aparentemente não tinha sido dinamitada porque na margem ocidental do Reno ainda havia restos de tropas alemãs que pretendiam utilizá-la para bater em retirada. Mas, quando unidades americanas foram atrás deles, o detonador elétrico falhou. O comandante responsável por explodir a ponte morreu em combate. Esse foi o resultado das investigações chefiadas por Keitel.

Hitler não acreditou nessa explicação. Ele estava convencido de que estavam jogando a culpa no comandante da ponte morto em combate. Por isso, mandou

que Huebner iniciasse uma segunda investigação. Este foi até o *front* ocidental e, pouco depois, informou Hitler sobre suas apurações: não deixavam dúvidas de que os oficiais das unidades batedoras e antiaéreas responsáveis por defender a ponte de Remagen haviam fugido quando os americanos se aproximaram, sem ao menos tentar dinamitar a ponte. Alguns dos oficiais, segundo Huebner, tinham passado para o lado dos americanos. Os restantes — no total, dez — foram condenados à morte e fuzilados por ordem de Huebner.¹⁶

O fato de a ponte de Remagen ter caído nas mãos dos americanos foi decisivo para a evolução da situação no *front* ocidental. O Grupo B do Exército, comandado pelo marechal-de-campo Model, teve de concentrar suas principais forças contra a cabeça-de-ponte dos americanos ao leste de Remagen. Por isso, sobraram apenas forças relativamente fracas para os demais trechos do *front* na área de Düsseldorf/Bonn. Os americanos aproveitaram-se desse enfraquecimento de alguns trechos para forçar a passagem sobre o Reno em Düsseldorf e outras localidades. O *front* alemão no Reno implodiu e os anglo-americanos conseguiram avançar sobre a Alemanha sem lutas pesadas. O grupo do exército liderado por Model corria o risco de ser encurralado. Sobre isso, Hitler teve uma reunião extraordinária com Keitel e Jodl, da qual participou também Günsche. Keitel achou que era urgente tomar logo uma decisão sobre a região do Ruhr. Jodl provou, com a ajuda do mapa do *front* ocidental, que o Grupo B do Exército, que ainda estava no Reno, efetivamente corria o risco de ser cortado pelos anglo-americanos.

— *Mein Führer* — prosseguiu Jodl —, precisamos decidir urgentemente se não seria o caso de Model recuar para o interior da Alemanha com seu grupo do exército. Mas isso significaria abrir mão do vale do Ruhr.

Hitler hesitou com a resposta. Depois ordenou:

— Model deve ir para o vale do Ruhr e permanecer lá.

O incomum é que a ordem de Hitler não foi para Model defender o vale do Ruhr, mas apenas para ficar lá. No grupo de Hitler, isso foi interpretado como intenção de conseguir um acordo militar com os anglo-americanos. Por isso, Hitler considerava importante preservar a indústria da área do Ruhr como base de sua economia de guerra. Caso o grupo do exército de Model tivesse entrado em enfrentamentos bélicos, as instalações industriais teriam sido pesadamente

danificadas.¹⁷ Além disso, Hitler pretendia preservar o grupo do exército de Model com entre trezentos mil e 350 mil homens no ocidente, a fim de ter um trunfo em mãos na hora de sentar-se à mesa de negociações com os anglo-americanos.

Pouco depois, em abril de 1945, o grupo do exército de Model foi encurralado no vale do Ruhr. O marechal-de-campo, que, contrariando o desejo de Hitler, não queria desistir da luta, matou-se quando o cerco estava fechado.¹⁸ As tropas anglo-americanas continuaram avançando ao norte e ao sul do vale do Ruhr, atravessaram o rio Weser e chegaram até o rio Elba, em Magdeburgo, em meados de abril, praticamente sem enfrentar resistências.



Em meados de março de 1945, Hitler começou a convocar reuniões às duas ou três horas da madrugada, uma vez que todas as noites Berlim sofria bombardeios. Os ataques geralmente duravam até a meia-noite, impedindo a participação dos relatores dos altos-comandos da Wehrmacht e do exército. Como a situação no *front* aguçara-se cada vez mais, os relatos durante as reuniões noturnas não eram mais feitos pelos ajudantes de Hitler, e sim pelos oficiais do Estado-Maior, major Friedel, do alto-comando da Wehrmacht, ou os coronéis von Kneesebeck e Hermani, do alto-comando do Exército.

No dia 13 ou 14 de abril, por volta das três horas da madrugada, reuniram-se na ante-sala de reuniões do *bunker* de Hitler: Burgdorf, Zander, Johannmeyer, Günsche, Hermani e Friedel. Como sempre, à noite, fazia silêncio no *bunker*. Apenas se escutava o ruído monótono dos ventiladores. Hermani e Friedel abriram os mapas de operação das frentes leste e oeste na sala. Os demais participantes ainda conversavam na ante-sala. Poucos minutos depois, Hitler saiu de seus aposentos, onde jantara em companhia de Eva Braun e das secretárias. Trocou algumas palavras com Burgdorf e encaminhou-se para a sala de reuniões. Depois de cumprimentar Hermani e Friedel, Hitler sentou-se novamente na poltrona junto à mesa dos mapas.

Hermani começou com o relatório do *front* oriental. Informou sobre os preparativos do ataque dos russos no rio Oder, na área de Küstrin e Frankfurt, das lutas de defesa no trecho do *front* do Grupo Central do Exército, na Silésia

e na Boêmia, bem como dos pesados enfrentamentos na área do Grupo Sul do Exército ao oeste de Viena/Sankt Pölten e em Brünn, na Tchecoslováquia.

A situação na frente ocidental foi relatada por Friedel. Ele informou que os americanos tinham avançado mais para o leste na Turíngia, ocupando as cidades de Weimar e Jena. Hitler, que até então ouvira calado e aparentemente distraído, perguntou subitamente:

— O que foi feito do campo de concentração de Buchenwald? [Buchenwald, um dos maiores campos de concentração na Alemanha, ficava perto de Weimar.]

Friedel não soube responder. Os demais trocaram olhares e davam de ombros. Hitler levantou-se da cadeira.

— Onde está Fegelein? — perguntou.

Günsche respondeu que Fegelein já tinha ido dormir. Hitler teve um acesso.

— Dormir? Que ele apareça imediatamente aqui, ou então... — acrescentou. — Pode deixar. Eu mesmo falarei com Himmler. Quero que me liguem com Himmler.

Com voz de sono, Himmler perguntou a Günsche:

— O que aconteceu?

Mas Günsche já tinha passado o telefone para Hitler, pegando o fone de ouvido.

Hitler perguntou repetidamente a Himmler, preocupado, o que havia acontecido com os detentos do campo de concentração de Buchenwald. Himmler respondeu que os presos “mais importantes” tinham sido fuzilados, mas que o resto não tinha sido levado embora por motivos técnicos.¹⁹ Hitler ficou ainda mais pálido. Com uma voz esganiçada, perguntou:

— O quê? Não foram levados? Tecnicamente impossível? Por que não foram liquidados a tempo? Eles agora vão se lançar cheios de vontade sobre os nacional-socialistas!

Acrescentou, rouco:

— Himmler, trate de impedir que seus homens fiquem sentimentais! De você, eu esperava mais!²⁰

Tendo dito isso, Hitler jogou o fone na mesa e deixou a sala.



Na primeira metade de abril, o dia de Hitler transcorria assim:

Por volta das 13 horas ou 13h30, Linge o acordava. Hitler estava recolhido ao seu *bunker* e não queria mais sair de lá. Por isso, as reuniões diurnas já não eram realizadas na nova Chancelaria do Reich, e sim no *bunker* do *Führer*. Essas reuniões começavam por volta das 16 horas e duravam até as 18 ou 19. Dependendo da duração dos ataques aéreos sobre Berlim, as reuniões noturnas aconteciam às duas ou três horas da madrugada e duravam cerca de uma hora. Antes, Hitler tomava chá com Eva Braun e suas secretárias em seu escritório.

As secretárias revezavam-se em duplas para conseguir descansar. Na hora do chá, as conversas giravam em torno de fofocas. Falava-se sobre os ajudantes de Hitler, sobre a vida amorosa de Schaub ou sobre o administrador de Hitler, Kannenberg, que morria de medo dos ataques aéreos. Ou então conversava-se sobre receitas e cachorros — os de Eva Braun e a cadela Blondi, de Hitler, com seu filhote Wolf.

Como Hitler sofria de insônia, todos tinham de ficar sentados conversando até cinco ou seis horas da manhã.

Hitler tinha o ar velho e cansado. Seus cabelos tinham embranquecido. Ele andava muito encurvado e puxava das pernas. Estava extremamente nervoso e inquieto, tinha mais acessos de ira do que o normal e tomava decisões ambíguas.

No início de abril, além do tremor na mão esquerda, começou uma outra moléstia. Seu olho direito começou a doer. Ele tratou-se com o conhecido oftalmologista berlinense professor Löhlein. De manhã e à noite, Linge tinha de pingar uma solução de cocaína em seus olhos para melhorar as dores.²¹ Sobre essa nova doença, Hitler comentou:

— Só agora entendo como devia se sentir Frederico, o Grande, quando, na Guerra dos Sete Anos, seus dentes começaram a cair com a crescente preocupação. No meu caso, o fardo da guerra pesa sobre a mão esquerda e o olho direito.

Quando Hitler falava da guerra, enfatizava sempre que era preciso lutar até o último homem. Ele dizia:

— Nem pensar em interromper a luta no último minuto! Continuarei lutando.

Sobre a ameaça de Berlim pelos russos, Hitler observou:

— Na Guerra dos Sete Anos, os russos chegaram até Berlim. Mas Frederico, o Grande, continuou lutando de qualquer maneira.

No círculo em torno de Hitler, não se falava mais nem em vitória nem em derrota. O ânimo geral podia ser descrito da seguinte maneira: “Ou bem venceremos, e tudo ficará bem, ou perderemos. Nesse caso: depois de nós, o dilúvio.”

Hitler agarrava-se à esperança de conseguir segurar a frente no Oder. Concentrou toda a sua atenção no reforço dessa frente. Sob o lema “Berlim será defendida no rio Oder”, formulada por ele próprio e Goebbels, as últimas reservas foram jogadas no *front*. Foram retiradas, do sistema de defesa de Berlim, 120 pesadas baterias de defesa antiaérea, transferidas para o Oder, onde deveriam ser utilizadas nas batalhas em solo contra os russos. Em sua decisão de levar a luta contra os russos até as últimas conseqüências, Hitler sentiu-se apoiado pela declaração do presidente americano Truman quando este assumiu o cargo, sucedendo a Roosevelt. Truman anunciara que “o teatro de guerra da América não fica na Europa, e sim na Ásia Oriental”. Hitler interpretou essas palavras no sentido de que a América de Truman não o atacaria por trás, se ele continuasse lutando contra o bolchevismo.



Já nos primeiros dias de abril de 1945, Hitler convocou três *Gauleiter* (governadores) da Áustria para Berlim: Hofer, de Innsbruck, Uiberreither, de Klagenfurt, e Eigruber, de Linz.²² Hitler reuniu-se com eles na presença de Bormann. Tratava-se de construir uma “fortaleza nos Alpes” nas montanhas da Áustria como “último bastião” para continuar a guerra.

A idéia era que essa fortaleza nos Alpes englobasse as montanhas austríacas e a área de Salzburgo/Bad Reichenhall/Berchtesgaden. Bormann e Keitel tinham tomado providências técnicas para alojar ali todo o aparato dirigente da Alemanha — o QG de Hitler, os altos-comandos da Wehrmacht e do exército, a Chancelaria do Partido, todos os ministérios e outras autoridades governamentais. *Bunkers*, linhas telefônicas e despensas subterrâneas já tinham sido construídas. Uma boa parte da frota de veículos de Hitler já tinha sido

transferida para a área de Obersalzberg. Seu trem especial estava estacionado em uma floresta perto de Munique. A esquadrilha de Hitler, que consistia em 15 aviões Focke-Wulf 200 e Junkers 52,²³ estava pronta para decolar a qualquer momento no aeroporto de Gatow, a vinte quilômetros a oeste de Berlim. Bormann insistia com frequência cada vez maior em que o QG de Hitler deveria ser transferido o mais rápido possível para Obersalzberg. Mas Hitler recusou todas essas propostas com as seguintes palavras:

— Enquanto a frente no rio Oder estiver firme, permaneço em Berlim.

Depois da reunião com os *Gauleiter* austríacos, Hitler também conversou com o comandante supremo do Grupo Central do Exército na frente oriental, Ferdinand Schörner, sobre a construção da fortaleza nos Alpes. Este era muito amigo de Bormann, Burgdorf e Fegelein, e era um fiel seguidor de Hitler. Para isso, recebera a Condecoração Dourada do Partido. Hitler chamou-o de seu melhor general e ouvia o seu conselho. Dessa reunião participaram, além de Hitler e Schörner, Burgdorf, Fegelein, Günsche e o chefe do Departamento de Operações do comando de Schörner, general von Trotha. Schörner apresentou a Hitler um plano para libertar a cidade de Breslau, na Silésia, cercada pelos russos. O plano de Schörner deixou Hitler eufórico. Satisfeito e animado, ele bateu no ombro do general. Em seguida, Hitler ainda conversou com ele durante três ou quatro horas a sós. Nisso, promoveu-o a marechal-de-campo. No comando de Hitler, soube-se que, nessa oportunidade, ele explicou a Schörner seu plano de prosseguir com a batalha nos Alpes, oferecendo a Schörner o cargo de comandante de seu último bastião, a fortaleza nos Alpes.



Naqueles dias, evidenciou-se quem eram os generais mais leais a Hitler: Keitel, Jodl, Krebs, Koller, Greim, Wenck, Busch, Kesselring e Dönitz.

No círculo do Partido, os mais próximos de Hitler eram Bormann, Goebbels, Ley e Axmann, o chefe da Juventude Hitlerista.

Bormann controlava o Partido inteiro: as instâncias dirigentes, os dirigentes do Reich e os *Gauleiter* do Partido nazista eram subordinados diretamente

a ele. Ele mantinha ligações por telégrafo e telefone com os *Gauleiter* nas regiões da Alemanha já ocupadas pelos anglo-americanos. Mas não havia esses contatos com as regiões ocupadas pelos russos, porque, como mencionamos antes, todos os altos órgãos do Partido tinham sido anteriormente transferidos para o Ocidente. Graças a esses relacionamentos, Bormann era informado sobre todos os procedimentos políticos e militares. Era o único de todos os dirigentes do Partido que transmitia esse conhecimento a Hitler. Os relatórios que Bormann recebia das áreas alemãs ocupadas pelos anglo-americanos davam conta de que as autoridades de ocupação não perseguiam membros do Partido Nazista, deixando até mesmo alguns deles em cargos administrativos. Quando Bormann informou Hitler sobre isso, enfatizava como tinha sido acertada a decisão de mandar jovens quadros do Partido do leste da Alemanha para o oeste, porque ali havia ainda possibilidades de manter o Partido.

Bormann não mediu esforços para centralizar em suas mãos a direção do Partido Nacional-Socialista, a fim de ganhar um status especial junto a Hitler.

Por isso, ele solicitou aos ajudantes de Hitler que não deixassem ninguém mais da direção do Partido encontrar-se com Hitler. Ele alegava que Hitler já estava sobrecarregado com problemas militares. Bormann também era o responsável pela mobilização total (“*Volkssturm*”) e pela evacuação da população dos territórios alemães no leste. Quando falava do fim da guerra, repetia incansavelmente que um acordo militar da Alemanha com as potências ocidentais levaria à continuação conjunta da guerra contra o bolchevismo.

Goebbels, propagandista-mor do Partido Nacional-Socialista e comissário de Defesa de Berlim, tinha uma enorme influência sobre Hitler. Especialmente nas últimas semanas de guerra, ele gozava de sua confiança irrestrita. Goebbels era o porta-voz de Hitler no que se referia a iludir o povo alemão. Com mentiras, ele conclamou o povo a prosseguir até o final vitorioso uma guerra já perdida.

E não foi outro senão Goebbels quem, naqueles dias, juntou a população berlinense — homens, mulheres e jovens —, sob a ameaça de severas represálias, para construir instalações fortificadas. Ele deu ordens para fuzilar ou enforcar todo aquele que mostrasse uma bandeira branca ou vermelha quando o exército russo aparecesse nas ruas de Berlim. Essa ordem era cumprida, em

nome de Hitler, pelos funcionários do Partido do “Volkssturm”, subordinados a Goebbels em Berlim.²⁴

Entre os berlinenses esfomeados obrigados a esses trabalhos forçados, circulava a amarga piada: “Troco grande retrato de Hitler por um pãozinho Wittler.” [Wittler era dono de uma grande padaria em Berlim.]²⁵

Naqueles dias, Goebbels voltara a usar seu velho casaco de couro, que costumava vestir antes da tomada do poder por Hitler. Assim, ele queria apresentar-se à população de Berlim como “homem do povo”.

Goebbels apoiou Hitler em sua decisão de continuar a guerra a todo custo. Para isso, usou argumentos ridículos, como o seguinte: depois das eleições presidenciais de 1932, o Partido Nazista tinha perdido numerosos votos e estava em situação crítica, enquanto os comunistas tinham conseguido muitos votos. Mesmo assim, dizia Goebbels, o Partido tinha chegado ao poder. Da mesma forma, haveria um milagre na guerra, e o nacional-socialismo venceria.

Hitler ficou impressionado com esse raciocínio de Goebbels. Ele também passou a repetir sempre:

— Eu venci o comunismo na Alemanha. Também vou destruir os bolcheviques russos.

Sobre isso, a seguinte piada começou a circular na guarda pessoal de Hitler: [a atriz] Zarah Leander será convidada para a Chancelaria do Reich para cantar: “Ich weiss, es wird einmal ein Wunder geschehn...” (“Eu sei que vai acontecer um milagre.”) [Ela cantava essa música, à época, em um filme alemão de amor.]²⁶

Goebbels não temia nenhum expediente para obrigar o povo alemão a continuar derramando o seu sangue para aquela guerra. Citou até exemplos da época de Napoleão. O diretor Veit Harlan recebeu o encargo de rodar um filme em cores com o título *Kolberg*. Era a história de como tropas francesas tentaram inutilmente, durante meses, encerrar a cidade de Kolberg, na Pomerânia. Mas a população civil e o exército prussiano não se rendiam, apesar de pesadas vítimas e necessidades cruéis. A idéia era que o filme mostrasse à guarda militar de Berlim e à população como deveriam lutar contra as tropas russas que se aproximavam.

Como os russos romperam logo em seguida o *front* no Oder e a Alemanha capitulou, o filme *Kolberg* nem chegou às salas de cinema. Mas Goebbels orga-

nizou uma pré-estréia em sua mansão na Hermann-Göring-Strasse para oficiais do regimento de guarda de Berlim e para líderes da Juventude Hitlerista que monitoravam as unidades de adolescentes do movimento “Volkssturm”, as chamadas tropas de destruição de tanques. Para essa pré-estréia, Goebbels convidou ainda Axmann, Günsche, o comandante de batalha do comando de Hitler, coronel Streve, bem como o tenente-coronel Bärenfänger, comandante de um distrito berlinense. No total, havia oitenta pessoas presentes. Depois da exibição, Goebbels fez um discurso, dizendo que o filme deveria levar os berlinenses a seguirem o exemplo de Kolberg. Mesmo que não ficasse pedra sobre pedra na cidade, os berlinenses teriam de defender suas ruínas com unhas e dentes.

Antes do filme, Goebbels deu um jantar para os convidados. Ali ficou evidente toda a sua farsa. Para demonstrar que mesmo em sua casa havia escassez em tempos de guerra, todos os convidados tiveram de entregar cupons de alimentação. Conforme estava escrito no convite, esses cupons tinham de ser entregues na entrada. Portanto, o jantar consistiu em uma pequena quantidade de pão e batatas, além de um minúsculo pedaço de carne e uma espécie de cerveja feita de batata — tudo o que se podia conseguir com aqueles cupons. Mas, quando a maior parte dos convidados tinha ido embora, ficando apenas o grupo mais íntimo — Axmann, Streve e Günsche —, a cena era outra. Goebbels escancarou a cozinha e a despensa. Na presença de sua mulher e da esposa do cenógrafo do Teatro do Reich, von Arendt, que morava na mansão de Goebbels, todas as iguarias possíveis foram para a mesa, bem como champanhe e coquetéis. A expressão séria de comissário de defesa do Reich, que ele fizera para os oficiais convidados, desapareceu. Goebbels estava radiante de charme. Nenhuma palavra mais sobre a guerra.

Ele contou episódios de sua vida antes da tomada do poder em 1933. Por exemplo, como, logo depois que Hitler assumiu o poder, ele demitiu os empregados do Instituto Municipal de Previdência, todos social-democratas, colocando em seu lugar homens da SA. Isso não funcionou. Os homens da SA só ficavam em suas mesas de trabalho com gordos charutos na boca, flertando com as secretárias e tomando aguardente. Todo o trabalho eles jogavam nas costas dos antigos empregados, sob a ameaça de serem surrados. Rindo, Goebbels comentou que assistiu àquilo por um tempo, mas que depois inter-

veio, sob pena de o instituto falir. Mas não foi nada fácil afastar de novo os homens da SA de lá. Eles não quiseram abrir mão da mordomia. Mas Goebbels mandou uma tropa da polícia que os retirou de lá à força e dando surra. No fim, eles enviaram a Goebbels uma carta de protesto com o seguinte ultimato: ou ele devolvia seus empregos, ou levaria uma boa surra. Pois se ele tinha o direito de ser ministro, eles também tinham o direito de serem empregados da Previdência. Goebbels acrescentou, ainda rindo, que os acalmou oferecendo-lhes outros empregos com bons salários e pouco trabalho.

Em abril de 1945, também Ley tentou mostrar-se como grande líder de tropas. Ele apareceu na frente do Oder, atravessou o *hinterland*, vistoriou pequenas fábricas de armamentos, conclamou dirigentes locais do Partido Nacional-Socialista a resistirem tenazmente aos russos. Ley criou uma “tropa” de mulheres, moças e rapazes de organizações nacional-socialistas, à qual deu o nome sonoro de “Corpo de Voluntários ‘Adolf Hitler’”.²⁷ Ligou com frequência para Hitler, procurou-o no *bunker* e relatou-lhe sobre o seu “trabalho titânico” para deter os russos. Certa vez, informou a Hitler que conhecia um homem que tinha inventado uma “radiação letal”. Mas, como tudo o que ele fazia, aquilo se revelou apenas marola.²⁸

Na verdade, Ley, que tinha 55 anos, passava a maior parte de seu tempo em sua enorme mansão de Berlim-Dahlem com sua amante, uma dançarina de 18 anos.²⁹ Entre um jogo amoroso e outro, redigia artigos para jornais em que conclamava o povo alemão a ficar ao lado de seu *Führer* e exigindo dos soldados no Oder lutar contra os russos até a última gota de sangue. Ley mandava a amante escrever essas conclamações, que depois eram publicadas no maior jornal do Partido Nacional-Socialista em Berlim, o *Angriff*.

Ley era químico e trabalhara no conglomerado IG-Farben, de Leverkusen, até a tomada do poder por Hitler. Hitler nomeou-o líder da chamada Frente Operária, que tomou o lugar dos sindicatos desmantelados pelos nacional-socialistas. Ele acreditava que Ley era um líder operário talentoso. E no entanto todos conheciam sua fama de beerrão e canastrão. Sua primeira mulher pediu o divórcio por causa de suas constantes traições. A segunda matou-se em 1943 pelo mesmo motivo, em seu sítio de Waldbröl,³⁰ perto da cidade de Essen. Mas Hitler o defendia, dizendo:

— Ley é um homem que conhece os trabalhadores e sabe lidar com eles.

Em março/abril de 1945, Hitler aproximou-se do líder da Juventude Hitlerista, Artur Axmann. Antes da tomada do poder, este comandara a unidade berlinense da JH. Em 1940, substituiu Baldur von Schirach na presidência da organização. Hitler gostava muito dele. Na guerra, estivera no *front* com uma divisão da SS e perdera o braço direito em decorrência de um sério ferimento. A idéia era que Axmann, junto com outros quadros jovens do Partido Nazista, fosse para o território ocupado por americanos e ingleses na Alemanha Ocidental para comandar o trabalho da Juventude Hitlerista na clandestinidade e reconstruir o Partido Nacional-Socialista. Mas Axmann preferiu permanecer em Berlim. Afirmou que só deixaria Berlim junto com Hitler.

Em março e abril, Axmann envolveu-se com a mobilização da Juventude Hitlerista para o “Volkssturm” e na formação de tropas de destruição de tanques com adolescentes para o *front* no Oder e, mais tarde, também para as lutas contra os russos em Berlim. Ele queria mostrar a Hitler que a juventude estava com ele, pronta para lutar por ele. Axmann iludiu a juventude alemã, dizendo que a loucura da continuação da guerra, na verdade, era interesse do povo alemão. Tentou convencer os adolescentes de que Hitler e o povo eram uma coisa só, e que morrer por Hitler significava morrer pela Alemanha.

Axmann levou meninos de 14 a 16 anos para os jardins da Chancelaria do Reich, apresentando-os a Hitler como jovens “guerreiros”. Essa cerimônia foi encenada como espetáculo místico. Ele mandou vinte rapazes apresentarem-se em formação militar. Quando Hitler saiu do *bunker*, Axmann informou:

— *Mein Führer*, seus garotos chegaram.

Como num desfile militar, Hitler passou o grupo de rapazes em revista com o braço levantado e gritou:

— *Heil*, rapazes!

Os rapazes responderam:

— *Heil, mein Führer!*

Hitler apertou a mão de cada um deles. Fez um curto discurso, agradecendo-lhes pela “luta ativa” e ressaltando que a Alemanha seria indiscutivelmente vitoriosa. Axmann dispusera o grupo de forma que os rapazes mais jovens ficassem no flanco esquerdo. Era uma cena horrível, considerando que aqueles

meninos de bochechas vermelhas seriam mandados para enfrentar tanques russos no *front*, onde os esperava uma morte sem sentido. Com um gesto teatral, Hitler pôs a Cruz de Ferro no peito dos jovens, acariciando a bochecha do mais jovem. Em seguida, repetiu a saudação com o braço erguido:

— *Heil*, rapazes!

Axmann berrava:

— Ao nosso amado *Führer*. *Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil!*

Esse desfile dos rapazes verdes foi organizado por Axmann para Hitler em abril de 1945, nos jardins da Chancelaria do Reich.³¹ Depois, Hitler retirou-se novamente para o seu *bunker*, e Axmann mandou sua “tropa” de volta para suas posições no *front*.

Entre as pessoas mais próximas de Hitler naquela época estava o ministro para Armamentos e Produção de Guerra, Albert Speer. A aproximação entre Hitler e Speer deu-se principalmente no contexto da intenção de Hitler de fechar um acordo com a Inglaterra e a América contra a Rússia Soviética, utilizando-se, para isso, de suas relações com industriais alemães.

Speer também era amigo de Eva Braun. Era o único ministro presente quando Hitler conversava assuntos íntimos com Eva Braun em seus aposentos. Nos últimos dias de abril, quando a cidade já estava totalmente cercada por tropas russas, Speer quis levar Hitler e Eva Braun para passear num avião Fieseler Storch. No dia 22 de abril, Speer viajou de Berlim para Hamburgo. De lá, organizou o abastecimento das tropas cercadas em Berlim pelo ar com armas e munição. Os aviões aterrissavam na pista construída no eixo leste-oeste entre o Portão de Brandemburgo e a Coluna da Vitória, ou então jogavam sua carga em diversos pontos de Berlim.

A relação entre Hitler e Himmler piorou visivelmente com a deterioração da situação do *front* oriental. Começou com a derrota na Pomerânia e esfriou mais ainda quando Hitler admoestou as divisões da SS do 6º Exército Panzer por causa do fracasso no Balaton.

Himmler encontrava-se em seu comando de campo, instalado num trem especial com o codinome de “Steiermark”. Esse trem estava parado em um trilho lateral em Hohenlychen, região de Mecklenburg, a cem quilômetros de Berlim. Himmler somente vinha ver Hitler quando este o convocava. De moto-pró-

prio, preferia não aparecer. Günsche escutou falar que Himmler mantinha perto de seu comando, próximo de Berlim, numerosas brigadas com canhões e regimentos de reserva de 15 mil a vinte mil homens, os quais, segundo ordens de Hitler, deveriam ter sido mandados para o *front* oriental. Günsche informou Hitler disso. Este convocou Himmler e berrou com ele:

— Himmler, não permito que faça o que bem entende! Para que precisa de um exército particular? Trate de cumprir minhas ordens!

Quando Himmler saiu da sala de Hitler, chamou Günsche e sussurrou para ele, venenoso:

— Como ousou contar isto ao *Führer*? Ainda bem que você não é meu subordinado.

Dali em diante, Hitler não chamou mais Himmler. Até a tomada de Berlim por tropas russas, Himmler apareceu apenas mais uma única vez — no aniversário de Hitler, em 20 de abril. Três dias antes do suicídio de Hitler, em 27 de abril, soube-se que Himmler iniciara negociações por iniciativa própria com o conde sueco Bernadotte, sabidamente intermediário dos anglo-americanos. Em negociações prévias com Bernadotte, Himmler dispusera-se a aceitar a reivindicação dos ingleses e iniciar negociações sobre um acordo de paz em separado sem Hitler. Himmler mantinha tropas à sua disposição a fim de eliminar Hitler à força no caso de uma saída positiva das negociações com Bernadotte.³² Göring só vinha para as reuniões. Hitler não o convidava mais, como fazia antes.

Um belo dia, no início de abril, Günsche topou com Goebbels na sala de jantar da Chancelaria do Reich. Este acabara de falar com Hitler e estava jantando sozinho. Ele convidou Günsche a fazer-lhe companhia. Goebbels parecia deprimido. Perguntou a Günsche pelas medidas de segurança que ele ordenara para o distrito governamental. Günsche relatou-lhe sobre as diversas posições de fogo, bloqueios de tanques e outros obstáculos que tinham sido erigidos. Goebbels escutou atentamente e disse depois que constatara satisfeito que sua mansão também estava protegida por diversas posições de fogo. Em seguida, Goebbels discorreu sobre a disponibilidade da população de Berlim para a defesa e explicou pateticamente, como costumava fazer:

— Já conquistei Berlim para o *Führer* em 1933. E também vou defender a cidade.

Em seguida, Goebbels enfatizou que vários membros da direção do Partido estavam deixando o navio como ratos. E que Göring era um desses ratos.³³ Afinal, à Luftwaffe de Göring, segundo Goebbels, cabia a grande responsabilidade pelos fracassos das tropas alemãs. Günsche respondeu dizendo que a direção da Juventude Hitlerista já perguntara diversas vezes por que Hitler simplesmente não demitia Göring. Considerando o fato de que, segundo uma resolução do Reichstag, Göring era o primeiro substituto de Hitler, Günsche informou Goebbels sobre uma carta escrita a Hitler pelo líder regional da Juventude Hitlerista, Kurt Petter.

Petter comandava os grupos clandestinos da Juventude Hitlerista na região do Allgäu, na Baviera, os quais tinham sido evacuados para lá provenientes do leste da Alemanha. Em nome da Juventude Hitlerista, ele declarou que não aceitaria Göring como sucessor de Hitler. Suas palavras:

— *Mein Führer*, falo em nome da Juventude Hitlerista e declaro solenemente que a Juventude Hitlerista vai romper a relação com Göring, não mais o reconhecendo como seu sucessor.

Günsche informou a Goebbels que tinha mostrado a carta de Petter a Hitler. Este lera a carta sem dizer nada, apenas fazendo um sinal com as mãos.

Quando Günsche parou de falar, Goebbels disse que Hitler estava muito hesitante no caso de Göring e que não faria nada contra ele. Günsche respondeu que, se Hitler não conseguia decidir eliminar Göring, outros deveriam tomar essa decisão por ele.

— *Herr Doktor* — disse Günsche —, acho que prestaríamos um grande serviço ao *Führer* colocando algumas minas de tanque sob o carro de Göring, lançando-o pelos ares.

Goebbels calou-se por alguns minutos. Em seguida, levantou-se e respondeu, com a voz baixa:

— *Herr Günsche*, não ouvi nada disso. Não quero ter nada a ver com isso.

Em seguida, Goebbels apertou a mão de Günsche amistosamente e saiu da sala, puxando da perna. Era óbvio que Goebbels não tinha nada contra um assassinato de Göring, mas que não queria estar envolvido.

A relação entre Hitler e Ribbentrop também esfriara claramente. A razão para isso era a seguinte: Hitler acusava Ribbentrop de não ter levado adiante

com o vigor necessário o seu plano de fechar um acordo de paz em separado com os ingleses e americanos. Hitler comentava ironicamente:

— Ribbentrop cansou. Está dormindo!

Ribbentrop tinha o hábito de fechar os olhos e deitar a cabeça para trás quando falava com alguém, como se estivesse flutuando em outras esferas. Depois, perguntava, abruptamente:

— O que disse mesmo?

Isso irritava Hitler, que dizia:

— Esse aí está dormindo em pé.

Com a acusação de Hitler de que Ribbentrop era incapaz de preparar o solo para um acordo com os anglo-americanos, caiu também a reputação de seu substituto Hewel. Isso começou depois da interrupção das conversas de Estocolmo sobre uma paz em separado, no outono de 1944.³⁴ De lá para cá, Hitler mantinha uma distância cada vez maior de Hewel. Ao contrário de antes, quando Hewel se movia livremente no círculo de Hitler, almoçava com ele freqüentemente e participava das noites regadas a chá, agora só participava das reuniões de estratégia. Em outros momentos, Hitler não o deixava aproximar-se.

Abril — Maio 1945

No dia 16 de abril de 1945, a reunião noturna no *bunker* de Hitler estendeu-se até as 3h30. O coronel von Hermani, do Estado-Maior, que fizera o relatório sobre a situação no *front* oriental, partiu da Chancelaria do Reich para o QG do Estado-Maior em Zossen, e o major Friedel, que relatara sobre a frente ocidental, para o subúrbio berlinense de Dahlem.

No *front* oriental, a situação era a seguinte: pesados enfrentamentos na região do Grupo do Exército do Sul na Áustria, pressão especialmente forte das tropas russas em Sankt Pölten, ao oeste de Viena, fortes ataques no trecho do *front* do Grupo Central do Exército em Mährisch-Ostrau e Brünn, assim como na Silésia. Tudo estava calmo no *front* do rio Oder, informou von Hermani. Apenas tinham sido observadas algumas atividades da contra-espionagem.

Como de hábito, depois da reunião Hitler instalou-se com Eva Braun e as secretárias *Frau* Christian e *Frau* Junge em seu escritório para tomar o seu chá. No salão dos fumantes da velha Chancelaria do Reich, Burgdorf, Fegelein e Günsche tomavam vodca e conhaque.

Por volta das cinco horas, o telefone tocou. O telefonista informou que “Maibach” queria falar urgentemente com Burgdorf. “Maibach” era o codinome do QG do alto-comando do Exército em Zossen. Do outro lado da linha, o general Krebs. Um telefonema do chefe do Estado-Maior àquela hora da ma-

drugada era totalmente incomum. Os músculos da face de Burgdorf enrijeceram-se, e com um gesto de mão ele mandou que Fegelein e Günsche permanecessem em silêncio. Rabiscou alguma coisa num pedaço de papel e gritou no telefone:

— Onde? Küstrin? E onde mais? No *front* inteiro! Informarei imediatamente o *Führer*. Quando você souber de algo mais concreto, por favor ligue imediatamente. Obrigado! [Burgdorf era amigo de Krebs.]

Burgdorf recolocou o telefone no gancho e voltou-se agitado para Fegelein e Günsche:

— Começou às quatro da manhã no Oder: forte fogo de artilharia dos russos em todo o *front*. A infantaria russa e os tanques estão atacando há meia hora em todo o *front*.¹

Burgdorf tirou novamente o telefone do gancho. Foi informado de que Hitler ainda estava tomando o seu chá no *bunker*. Acompanhado de Fegelein e Günsche, Burgdorf correu até o *bunker* para informar Hitler sobre as notícias passadas por Krebs. Os vigias de plantão da guarda pessoal de Hitler e do serviço de segurança estranharam quando viram Burgdorf, Fegelein e Günsche àquela hora. Burgdorf pediu que avisassem Hitler de que ele era portador de uma informação urgente. Hitler veio imediatamente até a ante-sala onde Burgdorf, Fegelein e Günsche o esperavam. Como sempre acontecia quando recebia uma notícia inesperada, fez uma expressão desconfiada. Burgdorf informou:

— *Mein Führer!* Acabo de receber um telefonema de Krebs. A ofensiva dos russos no Oder começou às quatro da manhã.

Hitler estremeceu.

— Onde? — perguntou.

Burgdorf respondeu que, depois de um fogo da artilharia russa, unidades poderosas blindadas e da infantaria tinham passado a atacar em toda a extensão do *front*. Em alguns lugares, tentaram forçar o rio Oder, protegidas pela escuridão da noite. Ataques pesados estavam ocorrendo na cabeça-de-ponte da margem ocidental do Oder, perto de Küstrin. Hitler solicitou mais detalhes. Quis saber principalmente se as tropas tinham conseguido sair a tempo do fogo da artilharia russa. Burgdorf respondeu que Krebs ainda não tinha

transmitido novas informações. Hitler agarrou-se no encosto de uma cadeira. Esforçou-se por esconder o nervosismo. Os músculos do seu rosto tremiam. Ele mordeu o lábio, o que, em seu caso, era sinal de tensão máxima. Em seguida, perguntou:

— Que horas são?

— Cinco e vinte — respondeu Günsche.

Hitler virou-se novamente para Burgdorf:

— Informe imediatamente quando tiver mais notícias. Mesmo se lhe disserem que estou deitado. Não consigo dormir mesmo. E que me liguem imediatamente com Krebs. Quero falar com ele pessoalmente.

Com essas palavras, Hitler voltou ao seu escritório, onde ainda estavam Eva Braun e as secretárias.

Os informes que chegavam do *front* davam conta de que os ataques dos russos estavam ocorrendo em praticamente todos os trechos do *front*. Os alemães tinham conseguido defender localmente alguns trechos em que o *front* tinha sido rompido.

Hitler deitou-se, mas não conseguiu dormir. Tocou a campainha várias vezes para chamar Linge, pedindo-lhe para perguntar a Burgdorf ou a Johannmeyer se tinham mais notícias do Oder. Burgdorf e Johannmeyer, que estavam em comunicação permanente com Krebs, respondiam que a situação ainda não estava definida, uma vez que as comunicações com alguns trechos do *front* tinham sido destruídas pela artilharia russa e ainda não haviam sido restauradas.

Naquele dia, 16 de abril, Hitler convocou a reunião para as 14h30. Na ante-sala do *bunker* do *Führer* reuniram-se Göring, Dönitz, Keitel, Jodl, Krebs, Koller, Burgdorf, Buhle, Winter, Christian, Wagner, Voss, Fegelein, Hewel, Lorenz, os ajudantes de Hitler e vários oficiais do comando de generais. Da mesma forma que alguns generais que estavam no *front*, Keitel também não usava mais os distintivos vermelhos de general em suas calças. Os participantes da reunião formavam grupinhos, conversando animadamente sobre a ofensiva russa no *front*, que tinha começado de madrugada. Todos estavam esperançosos de que a frente do Oder resistisse. Hitler saiu de seu escritório, acompanhado de Bormann. Todos se calaram imediatamente, endireitaram a

postura e lançaram o braço para o alto. Hitler ofereceu a mão frouxamente a Göring, Dönitz, Keitel, Jodl e Krebs, perguntando a este último:

— Já temos mais detalhes sobre o que está acontecendo no Oder?

— *Ja, mein Führer* — respondeu Krebs.

Hitler fez apenas um breve aceno com a cabeça para os outros e foi em companhia de Krebs até a sala de reuniões. Os demais os seguiram. Como todos os participantes das reuniões tinham vindo por causa da ofensiva no Oder, o espaço ficou tão apertado na sala que alguns oficiais e ajudantes tiveram de permanecer na ante-sala. A lotação máxima da sala era de vinte pessoas.

Krebs iniciou sua apresentação com um panorama da situação no Oder. Informou que os alemães haviam conseguido paralisar o ataque dos russos. Nas batalhas violentas, as tropas alemãs e russas usavam milhares de tanques e armas pesadas. Krebs destacou que as unidades russas recebiam ajuda incessantemente pelo ar desde o amanhecer. Informou ainda que em alguns locais do *front* os russos tinham aberto cunhas na defesa alemã. Ali os alemães partiram para o contra-ataque. O golpe principal dos russos vinha da cabeça-de-ponte na margem ocidental do rio Oder, ao oeste de Küstrin. As manobras de transposição das tropas russas e suas tentativas de fazer pontes estavam sendo interrompidas pela artilharia.

Hitler olhou para Göring, que estava inclinado sobre a mesa, fingindo procurar um ponto no mapa. Era assim que Göring costumava reagir quando Hitler perguntava sobre as ações da Luftwaffe. Quando Christian percebeu o olhar de Hitler, informou imediatamente que os Stukas alemães estavam bombardeando primordialmente as unidades russas que tentavam atravessar o rio Oder. Ele ainda quis acrescentar uma outra observação, mas Hitler já se voltara novamente para Krebs:

— Prossiga, Krebs.

Este apontou para o mapa e declarou que os russos estavam atacando novamente depois de preparar sua artilharia com forças renovadas desde o meio-dia e que a situação das tropas alemãs, principalmente no trecho do *front* a oeste de Küstrin, estava muito tensa. Hitler levantou-se da poltrona e declarou com a voz espremida:

— Precisamos deter os primeiros ataques dos russos, custe o que custar. Se o *front* começar a mexer-se, tudo estará perdido.

Ele ordenou que Krebs apurasse imediatamente como estavam evoluindo as ações bélicas perto de Küstrin. Krebs saiu da sala com seu ajudante von Freytag-Loringhoven, para telefonar. Loringhoven voltou para pedir autorização para levar o mapa de operações do *front* do Oder, a fim de marcar nele as alterações. Enquanto Krebs falava com o QG do alto-comando do Exército em Zossen, Göring, Dönitz, Keitel e Jodl asseguraram a Hitler que os ataques das tropas russas no Oder seriam rebatidos. Hitler apontou mais uma vez para o fato de que era extremamente importante resistir nos primeiros dias do ataque e depois infligir pesadas perdas aos russos. Keitel e Jodl concordaram, apressados. Citaram exemplos da Primeira Guerra Mundial, quando o inimigo somente conseguiu avançar alguns metros nas batalhas entre adversários tecnicamente muito bem equipados, ficando exangues no final.

Alguns minutos depois, Krebs e Loringhoven voltaram para a sala de reuniões. Hitler olhou para eles, esperançoso. Mal os mapas estavam abertos na mesa, ele inclinou-se sobre eles. Praticamente ao longo de toda a linha do *front* havia setas vermelhas indicando os ataques do adversário. Em Küstrin, os russos tinham penetrado fundo nas posições alemãs. A situação aguçara-se nesse trecho do *front*. Os demais trechos estavam conseguindo resistir. O comandante supremo do Grupo Oder do Exército, general Heinrici, viu a necessidade de recuar no trecho do *front* ao oeste de Küstrin, a fim de evitar uma ampliação do rompimento. Os olhos de Hitler saltaram das órbitas. Veias de fúria incharam em sua testa. Ele latiu:

— Não! Não recuaremos um metro sequer! Se não conseguirmos nos manter no rio Oder, onde então? O rompimento do *front* em Küstrin deve ser imediatamente liquidado! Transmita esta ordem imediatamente!

Krebs deixou novamente a sala a fim de transmitir a ordem ao *front*.² Hitler estava indignado. Xingou Heinrici, o qual, apenas dois dias atrás, pouco antes do ataque dos russos, pedira autorização para transferir seu comando de Prenzlau mais para oeste, para Neustrelitz, em Mecklenburg. Hitler ameaçou:

— Mandarei fuzilar na hora todo aquele, não importa quem seja, que ousar solicitar transferir seu comando para trás ou recuar!

Depois da reunião, Hitler mandou chamar a secretária *Frau* Christian. Ditou-lhe uma ordem para os soldados no *front* oriental. Ela foi escrita no papel timbrado do *Führer*. No canto direito do cabeçalho havia uma águia negra com uma cruz suástica. Abaixo, em letras maiúsculas: “DER FÜHRER”. Esta ordem tinha o seguinte texto: “Ordem do *Führer*! Aos soldados do *front* oriental! O último ataque da Ásia fracassará!”³

Hitler continuou escrevendo: “Nós previmos este golpe. Desde janeiro deste ano tudo foi feito no sentido de criar uma frente forte. O adversário enfrenta pesado fogo da artilharia. As perdas da nossa infantaria serão compensadas por um sem-número de novas unidades. Unidades ainda não usadas, formações recém-criadas e o *Volkssturm* serão enviados para reforçar nossa frente de combates. Os bolcheviques sofrerão o velho destino da Ásia, ou seja: eles vão perder todo o seu sangue diante da capital do Reich alemão.” E mais: “Berlim permanece alemã. Viena voltará a ser alemã, e a Europa jamais será russa.”

Com estas últimas palavras, Hitler reforçou sua convicção sobre a formação de uma frente conjunta da Alemanha hitlerista com a Inglaterra e a América contra a Rússia Soviética. Ele esperava contar com os movimentos anti-soviéticos entre os círculos dirigentes da Inglaterra e da América, que cresciam proporcionalmente ao avanço das tropas russas na Alemanha, nos Bálcãs, na Tchecoslováquia e na Áustria. No final de sua ordem, Hitler escreveu: “Agora que o destino tirou do mundo o maior criminoso de guerra de todos os tempos, haverá uma guinada.” Com isso, ele se referia à morte do presidente Roosevelt em abril de 1945.⁴ Em sua opinião, era ele que emperrava até então uma frente conjunta contra os russos. Por isso, Hitler acreditava que a morte de Roosevelt levaria a “uma guinada”.

Numa reunião na noite do dia 16 de abril, chegou a informação de que os russos tinham rechaçado as divisões alemãs ao oeste de Küstrin. O contra-ataque realizado por ordem de Hitler para corrigir o rompimento do *front* não tivera êxito e seria repetido na manhã de 17 de abril. Naquela noite, Hitler novamente ficou tomando chá com Eva Braun e suas secretárias. Explicou que os russos tinham conseguido abrir cunhas na defesa dos alemães, mas que aquilo era uma vitória apenas passageira, constituindo-se em vantagem temporária do atacante.

Nos dias seguintes — 17, 18 e 19 de abril —, a situação das tropas alemãs no Oder foi ficando cada vez mais crítica. Em lutas de defesa, recuavam sob os golpes cada vez mais fortes dos russos. Estes também passaram para o ataque mais ao sul, na Silésia. Conseguiram ampliar consideravelmente o rompimento do *front* ao oeste de Küstrin. Depois de romperem todos os cinturões, aproximaram-se perigosamente dos subúrbios orientais de Berlim.⁵

Mas a frente alemã no Oder continuava firme na área de Stettin e Frankfurt. À noite, nas ruas de Berlim, já se escutava o ronronar da artilharia. Aviões de reconhecimento russos davam voltas sobre a capital alemã.

Segundo Hitler, toda a culpa pela situação crítica no rio Oder cabia ao comandante supremo do Grupo do Exército, Heinrici. Ele o chamou de pedante hesitante e fraco, carecendo do entusiasmo necessário. Quando as batalhas se aproximaram de Berlim, ele o demitiu do cargo de comandante do grupo do exército que ainda portava o nome de “Vístula”, embora este rio tivesse ficado bem para trás no *hinterland* das tropas russas. Mas Hitler não nomeou nenhum sucessor para Heinrici.⁶ Ele próprio passou a assumir o comando das lutas de defesa de Berlim. Embora não houvesse mais dúvidas naqueles dias de que o *front* alemão no Oder tinha sucumbido e já não poderia ser restabelecido, as esperanças de Hitler agarravam-se aos trechos que ainda resistiam. Ele ordenou liquidar os rompimentos no *front* do Oder através de golpes concentrados nos flancos dos russos.

Na reunião da tarde de 19 de abril, Krebs informou que as unidades blindadas russas tinham avançado ainda mais e estavam estacionadas diante de Oranienburg, cerca de trinta quilômetros ao norte de Berlim. Esta notícia caiu como uma bomba e desequilibrou completamente Hitler.

Logo depois da reunião, ele chamou Linge. Queixou-se de fortes dores de cabeça e de um edema na cabeça. Mandou vir Morell para fazer uma sangria. Dessa vez, não se usaram sanguessugas, porque a sangria era urgente. Com a ajuda de Linge, Morell preparou seus instrumentos na mesinha de chá no quarto de dormir de Hitler. Este tirou a jaqueta, arregaçou a manga esquerda e sentou-se no canto da cama. Com voz fraca, relatou a Morell que tinha dormido pouco nos últimos dias e que estava se sentindo exausto. Morell

amarrou um elástico para prender a circulação no braço de Hitler e introduziu a cânula em sua veia. Mas o sangue não veio. O sangue de Hitler estava muito grosso, coagulou logo e entupiu a agulha. Morell foi obrigado a usar uma cânula mais grossa que só à custa de muito esforço conseguiu enfiar na veia de Hitler. Linge segurou um copo em que o sangue de Hitler pingava em grossas gotas. Hitler perguntou a Linge se ele conseguia ver o sangue sem passar mal. Linge respondeu:

— *Natürlich, mein Führer*. Homens da SS estão acostumados a isso.

O sangue, que coagulou logo, encheu um copo d'água. Linge quis mostrar a Hitler que o aspecto do sangue não o impressionava, e disse, brincando:

— *Mein Führer*, agora só precisamos de um pouco de sal, e poderemos fabricar *Führerblutwurst* (lingüiça do *Führer*).

Hitler sorriu. À noite, durante o chá, contou o chiste a Eva Braun e suas secretárias.

O clima de otimismo que dominara as reuniões no início da ofensiva russa no rio Oder logo deu lugar a um grande nervosismo. Os participantes das reuniões perguntavam aos ajudantes de Hitler se ele mencionara uma nova mudança do seu QG para Obersalzberg. Agora, durante as reuniões, era grande a algaravia na ante-sala e nos corredores do *bunker*. Os ajudantes pessoais (não os militares) de Hitler, Schaub, Albert Bormann, Albrecht, seus médicos Morell e Stumpfegger, as secretárias, seu piloto Baur, Rattenhuber e os oficiais da SS de sua guarda pessoal queriam a toda hora saber das novidades no *front*. Von Freytag-Loringhoven, que freqüentemente saía da sala de reuniões para telefonar, receber as informações do *front* e assinalar as modificações nos mapas, era crivado de perguntas:

— O que há de novo? Onde estão os russos?

Ley, o ministro da Economia, Rosenberg, Speer, Axmann, Ribbentrop e outros que permaneciam ainda em Berlim ligavam a toda hora. As perguntas eram sempre as mesmas:

— Como está o *front*? Onde estão os russos? O *front* está resistindo? O que faz o *Führer*? Quando é que ele pretende deixar Berlim?

Ao que Günsche respondia, impassível:

— O *front* no Oder está firme. Os russos não chegarão de jeito nenhum a Berlim. O *Führer* não vê motivos para deixar Berlim.

Ley, que atizara a população a prosseguir a guerra insensata contra os russos através daquela conclamação redigida pela sua amante, preferiu seguir para o oeste sem ao menos se despedir de seu “adorado *Führer*”. Rosenberg e Funk também fugiram naqueles dias para o oeste sem que Hitler o soubesse.

Quando os russos se aproximaram ainda mais de Berlim, Günsche, em sua qualidade de comandante de luta da Chancelaria do Reich, adotou medidas de reforço da proteção da chancelaria e do distrito governamental em conjunto com o líder da brigada SS, Wilhelm Mohnke. Mohnke comandara a SS-Leibstandarte “Adolf Hitler” de agosto de 1944 a início de março de 1945 e encontrava-se de folga em Berlim. Ele se ofereceu para formar um grupo de batalha de 3,5 mil a quatro mil homens com os membros da Waffen-SS que estavam em Berlim para garantir a defesa de Hitler. Günsche informou Hitler sobre essa iniciativa. Este concordou. Günsche ordenou aumentar as reservas em armas e munição na Chancelaria do Reich. Grandes reservas de alimentos foram formadas no *bunker* da nova Chancelaria do Reich e na Vosstrasse. Um ambulatório foi instalado sob a direção do médico-chefe da Clínica Universitária de Berlim, SS-*Obersturmbannführer* professor Werner Haase.



No dia 20 de abril Hitler faz 56 anos. Linge lembra de quando participou pela primeira vez de um aniversário de Hitler, dez anos atrás. Quanta diferença!

Em 1935, tudo era fausto e luxo. Bandas militares começaram bem cedo com os cumprimentos de seu “comandante supremo”. Dirigentes da indústria, do Partido, do governo e do Exército aglomeravam-se em torno de seu *Führer* e o cortejavam, levando valiosos presentes. Depois, o espetáculo grandioso com a grande parada militar na praça diante da Universidade Técnica em Berlim. Era ali que, depois do fim da guerra contra a União Soviética, deveria acontecer a grande “parada da vitória”. Hitler até já esboçara o gigantesco arco de triunfo sob o qual as tropas alemãs vitoriosas deveriam entrar marchando na capital do Reich.

E agora... Tropas russas estão diante dos portões de Berlim, e Adolf Hitler, moral e fisicamente alquebrado, está escondido em seu *bunker* embaixo da terra.

No aniversário de 56 anos de Hitler, o chefe do seu serviço de segurança, Rattenhuber, mostrou a Linge um relatório do SD segundo o qual um dos ordenanças iria assassinar Hitler no dia de seu aniversário. Segundo informações do SD, esse homem usava trajes civis e tinha sofrido um ferimento no braço no *front*. Linge retrucou que nenhum dos ordenanças de Hitler usava trajes civis ou tinha um ferimento no braço. Rattenhuber pediu que, assim mesmo, ficasse atento.

Nos anos anteriores, tinha virado hábito entre os comandados de Hitler ir cumprimentá-lo à meia-noite do dia 19 de abril. Dessa vez, Hitler anunciara com antecedência que não iria aceitar felicitações. Ainda assim, por volta da meia-noite, reuniram-se na ante-sala para cumprimentar Hitler: Burgdorf, Fegelein, Schaub, Albrecht, Günsche, Hewel e Lorenz. Hitler mandou dizer que estava sem tempo. Mas Fegelein pediu a Eva Braun que convencesse Hitler a aceitar os parabéns. Por insistência sua, Hitler saiu para a ante-sala contra sua vontade. Apertou rapidamente a mão de cada um deles, que mal tiveram tempo de dizer “parabéns”, e desapareceu em seguida. O piloto Hans Baur, o segundo piloto Betz, Rattenhuber, Högl e Schädle apareceram pouco antes da reunião noturna na ante-sala do *bunker* para felicitar Hitler no caminho de seu escritório para a sala de reuniões. Hitler deu-lhes a mão ao passar por eles.

Depois da reunião, que foi bastante breve, Hitler tomou chá sozinho com Eva Braun em seu escritório.

Na manhã de 20 de abril, Linge acordou-o já por volta das nove horas por insistência de Burgdorf, que tinha uma informação urgente do *front* para transmitir. Hitler levantou-se, foi até o escritório e perguntou a Burgdorf através da porta fechada o que tinha acontecido. Burgdorf informou que os russos tinham rompido o *front* entre Gubben e Forst de madrugada. O rompimento não era grande, e os alemães tinham passado para o contra-ataque. Ele informou ainda que o comandante da unidade onde os russos tinham rompido o *front* fora fuzilado na hora por não ter resistido.

Hitler respondeu:

— Mande chamar Linge.

Linge, que estava ao lado de Burgdorf, apresentou-se:

— Sim, *mein Führer*?

— Linge, ainda não consegui pegar no sono. Me acorde uma hora depois, às duas da tarde.

Depois que Hitler se levantou e tomou café, Linge pingou algumas gotas de cocaína em seu olho direito. Quando a dor melhorou, Hitler brincou com seu cachorrinho preferido, Wolf, até a hora de comer. Almoçou com Eva Braun e as secretárias.

Por volta das 15 horas, se reuniram nos jardins da Chancelaria do Reich várias delegações para cumprimentar Hitler pelo aniversário: Axmann com representantes da Juventude Hitlerista, Streve, o chefe do comando do Grupo Central do Exército com alguns oficiais,⁷ o SS-*Obersturmführer* Doose, o comandante da companhia de acompanhamento do *Führer* com alguns homens de sua unidade. Como Hitler só deixava seu *bunker* muito a contragosto, eles tinham-se postado em fila bem na entrada do *bunker*. Hitler saiu para o jardim de casaco militar cinza com a gola levantada, acompanhado de Puttkamer e Linge. Quando as pessoas ali reunidas viram Hitler, endireitaram-se e levantaram o braço para fazer a saudação fascista.

Na entrada do salão de música, para quem vinha do jardim, estavam reunidos: Himmler, Bormann, Burgdorf, Fegelein, Hewel, Lorenz, os médicos de Hitler Morell e Stumpfegger, os ajudantes Schaub, Albert Bormann, Albrecht, Johannmeyer, Below e Günsche. Himmler aproximou-se de Hitler e deu-lhe os parabéns. Hitler apertou sua mão rapidamente e logo se movimentou para cumprimentar os demais. Em seguida, passou para as delegações. Curvado como um idoso e puxando da perna, lentamente passou todos em revista. Cada chefe de delegação dava um passo à frente para felicitá-lo. O oficial do Grupo Central do Exército entregou-lhe uma carta de felicitações assinada por Schörner dentro de uma pasta de couro. Axmann deu os parabéns em nome da Juventude Hitlerista.

Depois de passar o *front* em revista, as pessoas reunidas formaram um semicírculo. Antes, ele mandara avisar que não podia falar em voz alta. Por isso, limitou-se a proferir algumas breves palavras. Entre elas, a frase estereotipada de que a vitória chegaria inevitavelmente e que todos os reunidos ali poderiam

vangloriar-se de tê-la conquistado. Em seguida, cansado, Hitler ergueu a mão direita e recolheu-se ao *bunker*. Foi a última vez que Hitler viu o céu. Ele nunca mais haveria de sair do *bunker*.

Himmler, Bormann, Burgdorf, Fegelein e os ajudantes o seguiram, pois a reunião tinha sido marcada para as 16 horas. Vinte minutos antes do seu início apareceram Göring, Ribbentrop, Dönitz, Keitel e Jodl para cumprimentar Hitler pelo aniversário. Ele recebeu um a um em seu escritório. Linge, que anunciava cada visitante e o fazia entrar, escutou Göring e Keitel fazendo juras de fidelidade eterna a Hitler e afirmando que não sairiam de seu lado até o final. Ficaram pouco tempo com Hitler, exceto Ribbentrop, que permaneceu uns dez minutos no escritório. Depois das congratulações, Göring, Dönitz, Keitel e Jodl misturaram-se aos participantes da reunião na ante-sala.

Depois da conversa com Hitler, Ribbentrop partiu da Chancelaria do Reich. Alguns minutos depois, Hitler saiu do seu escritório e cumprimentou todos os que ali estavam reunidos. Agradeceu a todos pelos votos de aniversário. Depois, virou-se para Krebs, pediu informações novas da frente do Oder e foi com ele para a sala de reuniões. Todos os demais seguiram.

O principal tema dessa reunião foi o rompimento do *front* entre Guben e Forst. Poderosas unidades blindadas russas estavam se aproximando de Berlim e alcançaram naquele dia a floresta de Spreewald, ao sul da auto-estrada Berlim-Frankfurt. Agora, a capital também estava ameaçada ao sul. Como, no norte de Berlim, unidades russas tinham avançado até Oranienburg e ao leste haviam chegado praticamente até os limites da cidade, o rompimento entre Guben e Forst parecia especialmente perigoso, pois os russos só poderiam isolar Berlim a partir do sul.

A velocidade dos acontecimentos no *front* parecia tão ameaçadora que Bormann tomou imediatamente medidas para transferir o QG de Berlim para Obersalzberg. Saiu da sala ainda durante a reunião e mandou chamar o SS-*Obersturmbannführer* Erich Kempka para o *bunker*. Kempka era motorista particular de Hitler e diretor do serviço de transportes da Chancelaria do Reich. Com ele, Bormann escolheu a caravana de carros que deveria levar Hitler e seu comando pessoal para a montanha de Obersalzberg. Eram de 15 a vinte caminhonetes grandes, vários ônibus e cerca de dez caminhões. Para Hitler, apron-

tou-se uma limusine blindada. Além disso, Kempka mandou vir dois outros carros blindados de Spandau.

Linge mandou empacotar todos os pertences de Hitler, com exceção da roupa que ele usava diariamente. Entre quarenta e cinquenta caixas enormes com documentos militares recebidos por Hitler durante a guerra do alto-comando da Wehrmacht e do Exército, da Marinha de Guerra, da Luftwaffe e de Speer foram embaladas para serem levadas para Obersalzberg. Essas caixas tinham vindo da “Toca do Lobo” para a Chancelaria do Reich. A mando de Bormann, a nutricionista de Hitler, Constanze Manziarly, empacotou os alimentos dietéticos de Hitler, deixando apenas uma provisão para alguns dias.

A camareira de Eva Braun, Liesl, perguntava a toda hora a Linge se ela deveria fazer as malas. Afinal, Hitler permanecia na reunião, e Eva Braun não sabia de nada. Linge recomendou que começasse logo, pois a partida poderia ocorrer de repente.

O dia inteiro se passou com os preparativos. Apenas Göring insistiu em partir no mesmo dia. Antes do final da reunião, ele despediu-se de Hitler dizendo que iria para o sul da Alemanha para reunir as reservas que ainda restavam e jogá-las contra os russos. No final da tarde, Göring partiu com seu comando de carro para a montanha de Obersalzberg. Sua mulher e sua filha, assim como todos os demais moradores do castelo de Karinhall, já tinham seguido para lá em dois trens especiais algumas semanas antes.



No dia 21 de abril, Linge acordou Hitler já às 9h30 e informou-lhe que a artilharia russa estava atirando contra Berlim. Burgdorf e os demais ajudantes esperavam na ante-sala. Dez minutos depois, Hitler saiu apressadamente e com a barba por fazer. Ele próprio costumava se barbear. Não permitia nem mesmo ao seu barbeiro, August Wollenhaupt, que o fizesse. Hitler dizia que não suportaria alguém mexendo na sua garganta com uma navalha.

Na ante-sala, Hitler era aguardado por Burgdorf, Schaub, Below e Günsche.

— O que aconteceu? Que tiros são esses e de onde vêm? — perguntou, nervoso.

Burgdorf informou que o centro de Berlim estava sendo alvo de uma pesada salva de artilharia dos russos, que provavelmente estavam atirando da região ao nordeste de Zossen.⁸ Hitler empalideceu. Sem voz, gaguejou:

— Quer dizer que os russos já estão tão perto assim?

Burgdorf disse que Krebs acabara de informar que cerca de dez tanques russos estavam atacando provenientes de Baruth em direção de Zossen e estavam entre dez e 15 quilômetros do QG do alto-comando do Exército.

Hitler foi com Burgdorf, Below e Günsche até a sala de reuniões e pediu uma ligação telefônica com Krebs. Este confirmou que o QG do comando geral do Exército estava sendo ameaçado por tanques russos. Ele perguntou se o comando podia ser transferido para outro lugar.

— *Nein!* — berrou Hitler. — Não se deixe impressionar por alguns tanques russos. O alto-comando do Exército continua em Zossen!

Nervosos, Bormann, Fegelein, Johannmeyer e Schaub entraram correndo na sala. Hitler e os demais começaram a conjecturar onde a bateria russa poderia estar. Hitler não conseguiu ficar sentado na poltrona. Volta e meia saltava e começou a mandar com voz agitada que, logo que se soubesse onde estava a bateria russa, ela deveria ser posta sob fogo pelos dispositivos anti-aéreos de 12,5 centímetros instalados no Tiergarten.⁹ Com a pontaria certa e o alcance dessas armas, eles sairiam vitoriosos. Por volta do meio-dia, os canhões de defesa antiaérea estacionados no parque Tiergarten abriram fogo em direção a Zossen. Mas a bateria russa continuou atirando o dia inteiro, com apenas algumas interrupções.

Na hora do almoço, Burgdorf informou os outros ajudantes de que Hitler ordenara preparar a retirada das unidades alemãs que lutavam contra os americanos na área de Dresden/Dessau, a fim de lançá-las contra os russos. Por ordem de Hitler, também o QG do alto-comando do Exército deveria ser transferido naquele mesmo dia de Zossen para Potsdam-Eiche.

Por volta das 14h30, reuniram-se na ante-sala do *bunker* de Hitler: Dönitz, Keitel, Jodl, Krebs, Bormann, Buhle, Winter, Fegelein, Voss, Christian, Hewel, Koller, os ajudantes de Hitler e vários oficiais. Todos estavam extremamente nervosos. Volta e meia, alguém perguntava:

— Hitler vai ficar em Berlim? Pretende transferir seu QG para Obersalzberg? Por que ele ainda continua aqui?

Na reunião, Krebs informou que os tanques russos tinham avançado ao sul de Berlim até a área de Zossen. Ao norte da capital, tinham atropelado as posições alemãs, tomando Oranienburg. Ao leste, tinham-se aproximado dos subúrbios, rompendo em alguns trechos o anel externo de defesa de Berlim. Krebs informou ainda que, apesar de vários contra-ataques, não fora possível evitar o avanço das unidades russas no Oder. A situação das tropas alemãs estava piorando a cada hora e não havia esperanças de restabelecer o *front*. O 9º Exército corria o risco de ficar encurralado.

Por isso, Krebs sugeriu recuar para Berlim o 9º Exército do general Busse, cujas principais forças ainda estavam ao norte e ao sul de Frankfurt/Oder, a fim de defender a capital. Hitler recusou a proposta e insistiu em que o *front* no Oder fosse restabelecido, custasse o que custasse. Por isso, decidiu-se não recuar mais o 9º Exército para a capital, mas recuar todas as tropas alemãs entre Dresden e Dessau no momento em que escurecesse, conduzindo-as à luta contra as unidades russas que atacavam na região de Zossen/Baruth. Dönitz, Keitel, Jodl e Bormann sugeriram a Hitler que, diante de situação tão ameaçadora, transferisse seu QG de Berlim para Obersalzberg. Hitler recusou, dizendo que não via perigo iminente que demandasse a transferência do QG para fora de Berlim.

Depois da reunião, Hitler reteve Krebs, que pretendia partir imediatamente para o QG do alto-comando do Exército transferido para Potsdam-Eiche, e disse a ele:

— Krebs, quero que fique aqui comigo a partir de agora.

Krebs ficou. Foi alojado em um cômodo do *bunker* da nova Chancelaria do Reich. Do alto-comando do Exército, Hitler manteve apenas seu ajudante von Freytag-Loringhoven e, como oficial especial, o mestre-de-cavalaria Boldt.

Depois da reunião, Hitler foi para o almoço. Comentou com Linge que tinha escutado boatos dando conta de que ele pretendia abandonar Berlim. Hitler disse que nem sequer cogitava isso. Quando Linge respondeu que esses boatos tinham sido gerados pelos preparativos da partida para Berchtesgaden, ordenados por Bormann na véspera, Hitler disse:

— Naturalmente, todas as pessoas de que podemos abrir mão devem deixar Berlim. Quero que meus pertences pessoais e o arquivo militar sejam levados para Obersalzberg. Aqui, comigo, só ficará o meu comando pessoal mais próximo.

Hitler mandou que Linge convocasse Schaub e Below depois do almoço a fim de lhes passar essas ordens. Concluindo, comentou com Linge que, em caso extremo, sempre poderia deixar Berlim em um avião Fieseler-Storch saindo pelo eixo leste-oeste.

Nos dias seguintes, todos os homens da SS do grupo de Hitler agarravam-se a essa esperança. Pensavam mais ou menos assim: Hitler não vai ficar de maneira nenhuma em Berlim. Quando começar a ficar muito perigoso, iremos todos para a montanha de Obersalzberg.

Enquanto a reunião ainda estava acontecendo, Schaub e Below e o piloto de Hitler, Hans Baur, fizeram a lista das pessoas que deveriam voar para Obersalzberg e as distribuíram pelos aviões da esquadrilha de Hitler, comandada por Baur. As máquinas Condor e Junker de quatro motores estavam prontas para levantar vôo no aeroporto de Gatow.

Logo se formou um grande alvoroço em torno de Schaub e Below, agora os “todo-poderosos” por poderem escolher quem iria de avião para Obersalzberg. Todos queriam sair de Berlim. A todo instante chegavam pessoas alegando terem de ir de qualquer jeito até a montanha de Obersalzberg, seja porque sua família estava na Baviera, seja porque eram daquela região e queriam defendê-la lutando etc. etc. Todos apenas queriam sair o mais rápido possível de Berlim.

Quando, naquele dia 21 de abril, começou a escurecer, uma longa fila de carros de passageiros e utilitários saiu do portão dos fundos da Chancelaria do Reich para a Hermann-Göring-Strasse, movimentando-se em direção ao aeroporto de Gatow. Entre oitenta e cem pessoas voaram para Obersalzberg, entre elas o ajudante pessoal de Hitler Albert Bormann, seu ajudante de Marinha contra-almirante von Puttkamer, o dentista de Hitler Hugo Blaschke, o repórter cinematográfico coronel Frentz, bem como as secretárias Wolf e Schroeder e os estenógrafos.

Ao voltarem com os carros do aeroporto, os motoristas relataram que saíram várias brigas pelos lugares nos aviões.

Linge mandou dois aviões para Obersalzberg. Num deles estavam de trinta a quarenta caixas com os pertences pessoais de Hitler e seus produtos dietéticos. Foram acompanhadas por um dos camareiros de Hitler, o SS-*Hauptsturmführer* Wilhelm Arndt, e dois ordenanças. O segundo avião transportou entre quarenta a cinquenta caixas com documentos do arquivo militar que vinham ainda da “Toca do Lobo”. Essas caixas foram acompanhadas por funcionários do serviço de segurança (SD).¹⁰

Ainda naquela noite chegou a informação de Obersalzberg de que todos os aviões tinham chegado bem, com exceção daquele carregado com os pertences pessoais de Hitler. Baur conseguiu confirmar que caças americanos tinham interceptado e forçado esse avião a aterrissar em Colônia.¹¹

Naquele dia, começou a fuga geral de Berlim. Milhares de pessoas deixaram a cidade em direção ao oeste de ônibus, carro, carroça, bicicleta ou carrinho de bebê. Multidões saíam a pé mesmo. Eram filas intermináveis de pessoas se arrastando para fora da cidade. Os funcionários dos ministérios e das entidades estatais que ainda tinham permanecido em Berlim também fugiram — com ou sem autorização ou com papéis falsos. Até mesmo os “funcionários” da Chancelaria do *Führer* destruíram suas carteiras do Partido e outros documentos. Com documentos falsos, viraram as costas a Berlim sem permissão.

Como a capital estava sob tiroteio da artilharia russa, Günsche, em sua qualidade de comandante de luta da Chancelaria do Reich e do distrito governamental, ordenou que Bormann, Burgdorf, Fegelein, Voss, Hewel, Lorenz, Zander, os ajudantes Schaub, Albrecht, Below e Johannmeyer, os pilotos Baur e Betz, além de Rattenhuber, Högl e Schädle, o médico de Hitler, Dr. Stumpfegger, bem como as secretárias Christian e Junge, que haviam permanecido em Berlim, se mudassem das Chancelarias nova e velha do Reich para o *bunker* da Nova Chancelaria do Reich. Krebs igualmente ficou alojado ali.

O *bunker* da Nova Chancelaria do Reich datava da construção do próprio prédio em 1938, quando Hitler estava começando a preparar a guerra. Com mais de setenta cômodos, suas dimensões eram gigantescas. Consistia em duas

alas, separadas uma da outra por um pátio subterrâneo. Era ali que chegavam os fornecimentos de alimentos, carvão etc. Daquele pátio, um elevador pesado para caminhões ia diretamente até a calçada da Vosstrasse. A abertura ficava tão bem camuflada que pessoas não iniciadas nem a percebiam. Desse pátio subterrâneo, um corredor de concreto de cerca de cem metros de comprimento atravessava por baixo dos jardins até o *bunker* de Hitler. No *bunker* da Nova Chancelaria do Reich ainda ficavam instaladas a central telefônica do QG de Hitler, com o codinome de “Alt 500”, a estação de telégrafo, o escritório de imprensa, o escritório dos ajudantes de Hitler, o hospital de campanha do professor Haase, bem como o comando do grupo de combate Mohnke. Ali ainda ficaram alojados sessenta a setenta colaboradores do serviço de segurança (SD), sob o comando do oficial de polícia SS-*Sturmabannführer* Forster, responsáveis pela vigilância no *bunker*. Eles controlavam qualquer pessoa que entrava ou saía.

Na noite de 21 de abril, a artilharia russa emudeceu. Em compensação, a defesa antiaérea alemã começou a uivar. Bombardeiros russos atacaram alvos militares em Berlim. Bombas também caíram perto da Chancelaria do Reich.



Na manhã de 22 de abril, a artilharia russa começou com tiroteios ainda mais intensos. Soube-se então que várias baterias pesadas estavam abrindo fogo sobre o centro de Berlim. No parque Tiergarten e também nos jardins dos ministérios na Wilhelmstrasse caiu um número cada vez maior de granadas russas. Hitler acordou com o ribombar da artilharia por volta das dez horas.

Ele vestiu-se, chamou Linge e, nervoso, perguntou:

— Qual o calibre dos tiros?

Para acalmar Hitler, Linge respondeu que o que ele estava ouvindo era a defesa antiaérea alemã no parque Tiergarten, além de alguns tiros de canhão isolados dos russos. Depois de tomar café em seu escritório, Hitler voltou ao seu dormitório, onde Morell lhe aplicou sua injeção estimulante.

A reunião estava marcada para as 12 horas. Pouco antes se reuniram no *bunker* de Hitler: Dönitz, Keitel, Jodl, Krebs, Burgdorf, Buhle, Winter,

Christian, Voss, Fegelein, Bormann, Hewel, Lorenz, Below, Günsche, Johannmeyer, John von Freyend e von Freytag-Loringhoven. Seguiu-se a reunião mais breve de toda a guerra. Muitos dos participantes estavam com a expressão sombria. A meia-voz, repetia-se sempre a mesma pergunta:

— Por que o *Führer* não se decide a deixar Berlim?

Hitler saiu de seus aposentos, mais encurvado do que nunca. Depois de um cumprimento monossilábico, sentou-se. Krebs começou com sua apresentação. Informou que a situação das tropas alemãs que defendiam Berlim tinha piorado muito. Os russos tinham penetrado em Zossen, ao sul, e aproximavam-se da periferia de Berlim. Pesadas batalhas estavam sendo travadas nos subúrbios ao leste e ao norte. A situação das unidades alemãs no Oder ao sul de Stettin era catastrófica. Os russos tinham rompido a frente alemã com ataques de tanques e penetrado fundo nas posições alemãs.

Hitler levantou-se e curvou-se sobre a mesa. Alisou o mapa com mãos trêmulas. De repente, endireitou-se e jogou os lápis na mesa. Sua respiração estava ofegante, o rosto vermelho, os olhos arregalados. Ele deu um passo para trás e gritou com uma voz que falhava:

— Nunca houve nada disto! Nestas circunstâncias, não posso mais comandar! A guerra está perdida! Mas, se os senhores acham que eu vou deixar Berlim, estão enganados! Antes meto uma bala na cabeça!

Todos olharam apavorados para Hitler. Este ergueu rapidamente a mão e disse:

— Agradeço sua atenção, meus senhores!

Com isso, deu meia-volta e deixou a sala.

Todos ficaram estatelados. Seria este o fim? Günsche correu atrás de Hitler. Na sala de reuniões, alguém disse, consternado:

— Mas, *mein Führer*...

Günsche alcançou Hitler na porta de seu escritório. Ele parou e ordenou:

— Me ligue imediatamente para Goebbels!

Goebbels estava no abrigo antiaéreo de sua mansão na Hermann-Göring-Strasse. Enquanto Hitler falava com ele, os participantes da reunião saíram para a ante-sala, confusos e alvoroçados. Bormann e Keitel lançaram-se sobre Günsche e perguntaram:

— Onde está o *Führer*? O que mais ele falou?

Günsche respondeu que o *Führer* estava ao telefone com Goebbels. Todos falavam ao mesmo tempo. Keitel gesticulava loucamente. Bormann estava completamente fora de si. Gaguejava:

— Mas... não pode ser verdade que o *Führer* realmente quer se matar!

Keitel gritava:

— Precisamos impedir que o *Führer* faça isso!

Instalou-se o caos. Muitos emborcaram alguns copos do conhaque que estava sobre a mesa.

Alguns minutos depois, por volta de 12h30, Goebbels entrou apressadamente. Puxava mais ainda da perna do que o normal. Nervosíssimo, tinha vindo correndo da sua mansão na Hermann-Göring-Strasse.

— Onde está o *Führer*? — indagou.

Goebbels foi levado imediatamente ao escritório de Hitler. Ali, ambos conversaram por cerca de dez minutos.

Quando Goebbels saiu, Bormann, Keitel, Dönitz e Jodl o rodearam:

— O que o *Führer* disse?

Goebbels informou que Hitler não via mais solução, que não havia mais a menor chance e que tinha certeza de que a guerra estava perdida. Hitler estava arrasado. Goebbels disse que jamais o tinha visto daquela maneira. Goebbels falou ainda que estava tão assustado porque Hitler o convocara pelo telefone com uma voz fraca a ir imediatamente para o *bunker* com a mulher e os filhos, porque tudo estava acabado.

Bormann estava tão agitado que não conseguia ficar sentado. Ele insistiu com Goebbels, Dönitz, Keitel e novamente com Dönitz que Hitler tinha de ser convencido a deixar Berlim. Goebbels perguntou a Keitel em voz baixa:

— Senhor marechal-de-campo, não vê mesmo nenhuma possibilidade de deter o avanço dos russos?

Keitel respondeu que a última chance consistia em recuar o mais rapidamente possível todas as tropas do rio Elba, entre elas a unidade mais poderosa, o 12º Exército de Wenck, jogando-as contra os russos. A proposta foi saudada com entusiasmo por todos os presentes. Bormann sugeriu informar Hitler

imediatamente da proposta. O 12º Exército, batizado em homenagem ao general que o comandava, fora criado em abril de 1945 por ordem de Hitler com unidades do *Reichsarbeitsdienst* (Serviço de Trabalho do Reich) e alunos de escolas de oficiais e suboficiais. Ficava posicionado na região de Magdeburgo, tinha sido concebido por Hitler como reserva do alto-comando da Wehrmacht, e nunca saía para combates. O Exército de Wenck consistia em apenas quatro divisões completas com quarenta mil a 45 mil homens. A grande maioria dos soldados era mal treinada e muito precariamente armada. A artilharia do Exército de Wenck consistia em algumas baterias de obuses leves. Nem dispunha de tanques, apenas de algumas carretas. Assim eram as tropas que enfrentaram os americanos no rio Elba.¹²

Keitel, Bormann, Goebbels, Burgdorf e Fegelein pediram que Linge os anunciasse a Hitler. Quando Linge entrou, Hitler estava deitado na cama totalmente exausto, com o casaco aberto. Ele ouviu o que Linge tinha a dizer, levantou-se com movimentos fracos, abotoou o casaco do uniforme e disse, com a voz fraca:

— Mande-os entrar.

Linge convidou Keitel, Bormann, Goebbels, Burgdorf e Fegelein a entrarem no escritório de Hitler. Vinte minutos depois, Keitel, Goebbels e Burgdorf saíram com a expressão confiante. Por último saíram Bormann e Fegelein. Na ante-sala, pediram que Linge lhes servisse um conhaque, que eles tomaram de um gole só. Fegelein disse a Linge:

— Agora tudo ficará bem. Wenck marchará com seu exército em direção de Berlim.

Keitel ainda trocou algumas palavras com Dönitz na ante-sala e logo deixou o *bunker*, acompanhado de Jodl e seu ajudante, John von Freyend.

Pouco depois, Dönitz pediu para conversar a sós com Hitler. Hitler recebeu-o na sala de reuniões. A consequência da reunião foi que Dönitz voou para Flensburg a fim de organizar de lá a transferência de avião dos chamados candidatos à morte para Berlim. Eram oficiais e marinheiros da Marinha de Guerra escalados para tripular torpedos especiais, que morreriam quando estes colidissem.¹³ Alguns haviam se candidatado voluntariamente, outros foram condenados a essa missão. Além disso, Dönitz deveria levar todos os

membros da Marinha de Guerra que ainda estavam no norte da Alemanha para Berlim, a fim de ajudar na defesa da capital.¹⁴

Depois que todos saíram, Hitler convocou o chefe do alto-comando do Grupo Central do Exército, marechal-de-campo Schörner, a reunir-se com ele imediatamente. Suas tropas estavam naqueles dias envolvidas em pesadas batalhas de defesa na Silésia e na Tchecoslováquia. Schörner chegou a Berlim por volta das 18h ou 19h. Seu avião aterrisou em Gatow, o único aeroporto berlinense que ainda não era alvo da artilharia russa.

O ajudante de Hitler, Johannmeyer, pediu que Linge anunciasse a chegada de Schörner, que estava no *bunker* velho. Hitler mandou conduzi-lo até a sala de reuniões e foi até a ante-sala, a fim de recebê-lo. Linge lembrou Hitler do bastão de marechal que ele havia mandado trazer para entregá-lo a Schörner. Mas Hitler apenas fez um gesto de desprezo e disse:

— Isso é tudo bobagem!

Mas quando Schörner chegou acompanhado de Burgdorf, Fegelein e Johannmeyer ao *bunker* de Hitler, este disse a Linge:

— Está bem! Traga o bastão para a sala de reuniões!

Hitler cumprimentou Schörner gentilmente e disse a ele, enquanto se dirigiam à reunião:

— Schörner! Adoraria esquartejá-lo, para ter quatro Schörners.

Ao que Schörner replicou com um sorriso alegre:

— Sempre às ordens, *mein Führer*.

A conversa de Hitler com Schörner, da qual participaram Bormann, Burgdorf e Fegelein, demorou cerca de uma hora. Depois, falou com ele a sós. Por volta das vinte horas, depois de um breve aceno para os moradores do *bunker* com seu bastão de marechal, Schörner partiu para o aeroporto de Gatow, de onde voou de volta ao seu QG.

A visita de Schörner impressionara Hitler e seu grupo. O ambiente depressivo que dominara o *bunker* de manhã dissipou-se à noite. Hitler estava com ânimo renovado. Já fazia novos planos de jogar as unidades de Schörner, que estavam na Silésia, contra o flanco das tropas russas que vinham do sul em direção a Berlim. O próprio Schörner recebera ordem de Hitler para recuar com seus principais efetivos para o sul da Alemanha e, de lá, ocupar a fortaleza

dos Alpes. Outro plano de Hitler previa refazer a comunicação entre Berlim e as tropas alemãs estacionadas em Mecklenburg. Para isso, deu ordem ao comandante do 3º Exército, SS-*Obergruppenführer* Felix Steiner, para atacar no dia 24 de abril vindo do norte de Oranienburg, tentando, dessa forma, cortar as tropas russas que tinham penetrado em Berlim a partir do norte.

Essa ordem de Hitler devia ser transmitida a Steiner pelo vice de Himmler, Fegelein. No dia 23 de abril, ele se encaminhou para lá.

Quando Hitler mandou que Schörner recuasse com parte de suas tropas para a fortaleza dos Alpes, voltou a germinar a esperança entre seus comandados de que ele poderia ainda sair de Berlim à última hora para prosseguir a batalha na fortaleza dos Alpes. Essa expectativa desencadeou uma bebedeira geral no *bunker*. Bormann, como nos velhos tempos, instalou-se com Günsche e as secretárias de Hitler, Junge e Christian, na ante-sala, onde todos tomavam conhaque. Começou a fazer discursos sobre os exércitos de Wenck e Steiner, bem como sobre o “leal nazista” Schörner.

— Sem dúvida, Schörner é dos nossos — confirmou a secretária Christian.

— É um fiel nacional-socialista.

Bormann ergueu seu copo e brindou com as secretárias.

— Depois de amanhã estamos fora de perigo. Wenck, Steiner e Schörner não nos abandonarão. Suas tropas virão para Berlim.

À noite, Linge topou no corredor com Ribbentrop. Sua antiga arrogância tinha desaparecido. Incomumente amável, perguntou a Linge o que Hitler pensava fazer. Quando este lhe respondeu que Hitler por enquanto pretendia permanecer em Berlim, Ribbentrop ficou visivelmente nervoso e perguntou se podia ter uma conversa a sós com Hitler. Linge anunciou-o e Hitler recebeu Ribbentrop logo em seguida em seu escritório. Depois de vinte minutos de conversa, Ribbentrop deixou o *bunker*. Naquela mesma noite, viajou de Berlim para Hamburgo, com autorização de Hitler. Depois que Ribbentrop saiu, Hitler disse a Linge:

— Esse aí eu não quero mais ver por aqui.

Naquele dia, o SS-*Brigadeführer* Mohnke apareceu na Chancelaria do Reich com os três mil e quinhentos homens de seu grupo de batalha. Hitler mandou transferir para ele a segurança de todo o distrito governamental. Mohnke, que se sentia lisonjeado, disse a Günsche:

— O *Führer* não quis mais saber de sua Leibstandarte (depois da derrota no lago Balaton), mas agora vamos lhe mostrar que ainda tem uma Leibstandarte.

Goebbels mudou-se ainda naquele mesmo dia para o *bunker* da Nova Chancelaria do Reich com sua mulher Magda e os cinco filhos Hilde, Holde, Helke, Heike e Heiner.¹⁵ Com Goebbels ficaram seu secretário-geral, SS-*Brigadeführer* Werner Naumann, seu ajudante, SS-*Hauptsturmführer* Günther Schwägermann, e seu camareiro, SS-*Unterscharführer* Ochs.



Na manhã de 23 de abril, a artilharia russa reabriu o fogo contra o distrito governamental, que cessara quase totalmente durante a noite. Várias granadas caíram em antigos caminhões-tanque ou barris com gasolina no “pátio de honra” da Chancelaria do Reich. Diversos soldados morreram ou ficaram gravemente feridos.

Caças russos passavam ruidosamente sobre o centro de Berlim e atiravam contra seus alvos em vôos rasantes. Ficou impossível utilizar oanel viário de Berlim, a auto-estrada que circundava a capital, o metrô ou o bonde. Na Leipziger Strasse, na Potsdamer Platz e na Hermann-Göring-Strasse havia bondes abandonados. O fornecimento de eletricidade, gás e água entrou em colapso. Somente a rede telefônica funcionava ainda.

Novamente, Hitler foi acordado pelo barulho do fogo da artilharia. Vestiu-se e chamou Linge para o escritório. Disse que mal tinha dormido durante a noite e estava muito pálido. Nervoso, mais uma vez perguntou pelo calibre da artilharia russa. Em seguida, pediu que Morell lhe aplicasse sua injeção. Quando este saiu, Linge pingou-lhe as gotas em seu olho direito. Hitler comentou com Linge que a mão de Morell já tremia de medo e disse que estava contente porque Linge era muito jeitoso com o colírio.

Depois do café, Hitler foi por volta das 12 horas à reunião. Dependendo das informações, havia várias reuniões por dia em diferentes horários, que geralmente não duravam mais de trinta a quarenta minutos. Nos últimos dias antes da queda de Berlim, o número de participantes encolheu cada vez mais.

Keitel, que saíra na véspera para visitar o Exército de Wenck, ainda não voltara. Previdente, ele transferira o QG do alto-comando da Wehrmacht de Dahlem para Krampnitz, a vinte quilômetros a oeste de Berlim, a fim de escapar do tiroteio da artilharia russa. Jodl e Winter, que informavam sobre o *front* ocidental, nem foram chamados por Hitler para as reuniões. Diante do fogo da artilharia russa, também preferiam evitar ter de deslocar-se até o *bunker* do *Führer*.

Os representantes da Luftwaffe, Koller e Christian, haviam transferido seus comandos de Berlim para as áreas de caça perto de Potsdam. Por isso, também não apareciam mais nas reuniões. Alegavam que ficava muito longe. Transmitem suas informações por telefone ao ajudante da Luftwaffe, Below, que por sua vez informava Hitler.

Os generais Bodenschatz, Buhle e Scherff, que apenas três dias antes, no dia de seu aniversário, tinham jurado fidelidade até o final a Hitler, fugiram para o sul da Alemanha. Göring foi um dos primeiros a deixar Berlim, e nem Himmler aparecia mais.

Das reuniões continuavam participando só mesmo os que estavam alojados no *bunker* da Chancelaria do Reich: Krebs, Bormann, Burgdorf, Voss, Fegelein, Hewel, Below, Johannmeyer, Günsche, Zander, von Freytag-Loringhoven e Lorenz. Além deles, Goebbels também participou das reuniões naqueles últimos dias. Lorenz fora nomeado pouco antes chefe de Imprensa do Reich. É que Hitler tinha mandado substituir Otto Dietrich por causa de seu “imobilismo”, que ele descobriu de repente, depois de 15 anos de serviço. Dietrich também apressou-se em voltar para se reunir com sua família no sul da Alemanha.

Por volta de 13 horas, Hitler foi até a ante-sala e cumprimentou os participantes da reunião ali reunidos. Nem perguntou pelos ausentes. Limitou-se a comentar com Below:

— Below, parece que você agora é o único representante da Luftwaffe.

Em companhia dos outros, Hitler foi para a sala de reuniões e desabou lentamente na poltrona junto à mesa do mapa. Ali, no lugar dos costumeiros oito a dez grandes mapas das frentes leste e oeste, só havia duas folhas peque-

nas — um mapa de Berlim e arredores e um da Alemanha. Não havia mais mapas da frente oriental. Krebs e seus ajudantes faziam as anotações.

Em sua apresentação, Krebs informou que a intenção dos russos de encurralar Berlim era evidente: do norte, aproximavam-se em direção a Oranienburg, no oeste tinham atingido Nauen, a trinta quilômetros de Berlim. A única ligação com o mundo externo era no noroeste. Do sul e do leste, a pressão sobre a capital era forte. As tropas russas estavam praticamente encostando nos muros da cidade.

Hitler interrompeu Krebs com a pergunta:

— E o Exército de Wenck?

Krebs respondeu que o Exército de Wenck estava recuando do rio Elba desde a véspera, mas que os americanos não tinham avançado ainda. E que, naquele momento, o Exército de Wenck estava estacionado ao sudeste de Magdeburgo.

Quando Krebs quis expor outros detalhes sobre o Exército de Wenck, a porta se abriu. Entraram Keitel e seu ajudante John von Freyend. Keitel estava com a barba por fazer, o uniforme todo empoeirado. Ele queria mostrar ao *Führer* que estava a par de uma questão que decidiria sobre sua salvação. Hitler apertou gentilmente a mão de Keitel.

Quando John von Freyend abriu o mapa na mesa, Keitel informou que o Exército de Wenck recolhera todos os seus homens do rio Elba e estava reagrupando a tropa.

— Viajei o dia inteiro e a noite inteira para mobilizar as tropas para a luta. *Mein Führer!* Wenck manda saudá-lo respeitosamente e espera poder logo apertar sua mão na Chancelaria do Reich.

Keitel apurou-se e exclamou:

— Agora permanecerei consigo, *mein Führer!* Não conseguiria mais encerrar minha mulher e meus filhos se o deixasse agora.

Hitler ficou visivelmente emocionado com mais essa prova da lealdade de Keitel. Levantou-se da poltrona e desenhou algumas setas no mapa. Explicou que o 3º Exército de Steiner deveria atacar ao norte e o exército de Wenck ao sul, avançando em direção a Potsdam, no mais tardar no dia 25 de abril. Segundo Hitler, o objetivo da operação era impedir a ameaça de Berlim pelos

russos, romper em direção ao leste, unir-se com o 9º Exército e recompor a frente do rio Oder.

Obviamente, esse plano insano não resultou em nada.

Antes do final da reunião, Keitel pediu permissão a Hitler para render mais uma visita ao Exército de Wenck. Ele acreditava que sua presença ali fortaleceria o moral das tropas. Hitler aquiesceu. Poucos minutos depois, Keitel deixou o *bunker*. Não voltaria mais, embora tivesse acabado de jurar solenemente a Hitler que jamais o deixaria.

Simultaneamente, o chefe do batalhão de notícias do *Führer*, major Lohse, também partiu da Chancelaria do Reich sem autorização.¹⁶

Enquanto Hitler estava reunido com Keitel, Linge mandou que a camareira de Eva Braun, Gretl, e o ordenança de Hitler, SS-*Unterscharführer* Wauer, arrumassem o quarto de Hitler. Linge organizou pessoalmente a escrivaninha no dormitório. Sobre a mesa havia um telegrama que acabava de chegar, enviado por Göring, com o seguinte conteúdo:

“Meu adorado *Führer*! Ao viajar para o sul da Alemanha, constatei que ainda existem suficientes efetivos para prosseguir a luta a partir daqui. Por isso, peço mais uma vez insistentemente que deixe Berlim e venha para Berchtesgaden (Obersalzberg). Seu fiel Göring.”¹⁷

Depois que o escritório estava arrumado e trancado, Eva Braun saiu de uma das portas com um cachorro. O tiroteio no centro da cidade arrefecera um pouco. Muito pálida, Eva Braun pediu que Linge a acompanhasse ao jardim, pois queria levar seu cachorro para passear. Linge a acompanhou e caminhou alguns passos com ela na frente do *bunker*. Eva Braun disse com expressão séria que tudo estava acabado, a não ser que houvesse um milagre. Linge concordou, mas ressaltou que o Exército de Wenck traria esse milagre. Continuando a conversa, Eva Braun disse, triste, que se esse milagre não acontecesse, a única saída seria a morte. Nesse caso, seu grande desejo seria morrer ao lado de Hitler como sua legítima esposa.¹⁸



Durante a reunião, Bormann entrou com o mapa do *front* teuto-soviético e abriu-o na mesa. Curvou-se sobre ele com Zander e Loringhoven. Linge, que tinha estado com o oficial da SS que montava guarda diante dos cômodos de Hitler, também se aproximou da mesa. Loringhoven mostrou a Bormann um caminho que ainda estava aberto em direção a Dresden, por onde se podia chegar ao sul da Alemanha. Era uma faixa estreita de cerca de 15 a vinte quilômetros de largura que a cada momento poderia ser ocupada por tanques russos. Bormann mandou que seu assessor Zander levasse sem demora todos os funcionários da Chancelaria do Partido, entre eles o assessor Müller e suas seis secretárias, de ônibus e caminhonetes, até a montanha Obersalzberg. Apenas Zander e a secretária Else Krüger deveriam ficar em Berlim. A última era uma moça de trinta anos, amiga de Eva Braun, e que a pedido desta era convidada por Hitler para o chá que ele tomava com as secretárias.

Imediatamente depois da reunião, um Morell totalmente deprimido apareceu na sala de Linge. Ele perguntou se podia conversar com Hitler por alguns minutos. Hitler, que ficara sozinho na sala de reuniões, mandou Morell entrar. Quando Linge acompanhou Morell até a sala, aquele gigante desabou em uma poltrona e chorou como um bebê. Era a própria imagem do infortúnio. Hitler tentou acalmar Morell. Mas este continuava soluçando. Ao que Hitler perguntou, impaciente:

— Mas o que quer, *Herr Professor*?

Finalmente, ainda soluçando, Morell disse:

— *Mein Führer*, eu simplesmente não agüento mais. Por favor, por favor, por favor, me deixe ir embora!

Ele falou de ataques cardíacos que teria sofrido nos últimos dias. Quando Linge ouviu aquilo, fechou a porta, enojado. Morell saiu logo em seguida. Tinha recebido a permissão de Hitler para voar para Obersalzberg. Apressadamente, ele passou algumas ordens para o Dr. Stumpfegger, que este mal conseguiu entender. Stumpfegger passaria a injetar a droga estimulante em Hitler. Trêmulo e gemendo, ele deixou o *bunker* ao cair da noite e foi de carro até o aeroporto de Gatow, de onde um avião o levou até Obersalzberg.

Assim era o médico particular de longos anos de Hitler, nomeado por ele

para o cargo de *Professor*, agraciado com o Distintivo Dourado do Partido e com a Cruz de Cavaleiro.

Durante os anos de guerra, Morell adquirira grandes fábricas em Hamburgo e na cidade tcheca de Olmütz (Olomouc), onde fabricava seus preparados de hormônio, o concentrado vitamínico Vitamultin e um pó contra piolhos chamado Russla. A fórmula deste último fora desenvolvida pelo próprio Morell para a Wehrmacht alemã. O nome do remédio evidenciava seu “espírito inventivo”: “Russla” é uma composição das primeiras sílabas das duas palavras “*Russische Laus*” (“piolho russo”). Os soldados recusavam usar o pó porque não resolvia o problema e fedia terrivelmente. Brincavam que o pó apenas fazia multiplicar os piolhos e matava os soldados com o cheiro. Mas, por ordem categórica de Hitler, a Wehrmacht teve de comprar o pó, fazendo Morell ganhar milhões de marcos.¹⁹

Ele comprou uma mansão de luxo em Schwanenwerder, no lago de Wannsee, próximo de Berlim, e outra no balneário de Heringsdorf, no Báltico. Estava prestes a construir uma terceira em Berchtesgaden. Em 1944, Morell começou a desenvolver um explosivo especial com o qual pretendia aniquilar o Exército russo. Para isso, requisitou um microscópio eletrônico, do qual apenas existiam dois ou três exemplares em toda a Alemanha e que serviam para a pesquisa nuclear. Quando seus esforços continuaram sem resultados, ele recorreu a Hitler, que mandou imediatamente disponibilizar um desses equipamentos valiosos para seu “protegido”. Morell colocou o microscópio em um laboratório construído especialmente para esse fim em Berchtesgaden.²⁰ Mas agora Morell, que tanto lucrara com a guerra, fugia dessa mesma guerra.

Depois que Morell foi embora, Goebbels instalou-se em seu quarto, que ficava de frente ao quarto de Hitler. Sua mulher permaneceu com os filhos no antigo *bunker* de Hitler.

À noite, Hitler chamou Günsche para a sala de reuniões. Goebbels e Bormann já estavam lá. Todos os três curvaram-se sobre um mapa da cidade de Berlim que estava na mesa. A expressão de Hitler era sombria. Ele informou a Günsche que acabava de chegar a notícia de que a população dos bairros ao norte de Berlim, como no bairro operário de Weissensee, estavam colocando bandeiras vermelhas e brancas nas janelas, que em muitos trechos

os soldados alemães estavam recuando sem resistir, e muitos estavam desertando. Hitler mandou que Günsche mandasse imediatamente um grupo de homens da SS para lá para fuzilar os soldados em fuga. Imediatamente, Goebbels disse:

— *Mein Führer*, prometo que as bandeiras brancas e vermelhas logo vão desaparecer das casas. Ordenei que os responsáveis sejam fuzilados ou enforcados em logradouros públicos. Isso servirá de alerta para os outros.²¹

Günsche saiu da sala de Hitler e formou logo dois grupos móveis com homens da SS da guarda pessoal de Hitler e motoristas de caminhão da Chancelaria do Reich. Eles foram enviados para os bairros da periferia norte de Berlim para rechaçar os soldados e oficiais em fuga para as trincheiras. Quem resistisse deveria ser levado para a Chancelaria do Reich. Depois de um tempo, os dois grupos voltaram com vários oficiais e soldados. Eles foram enforcados na estação de Friedrichstrasse. No peito, levavam um cartaz com os dizeres: “Fui enforcado porque não cumpri a ordem do *Führer*!”



Na manhã de 24 de abril, às cinco da madrugada, o fogo da artilharia russa intensificou-se consideravelmente. Pesadas granadas caíram em uma sequência impressionante na Chancelaria do Reich e arredores.

Uma hora mais tarde, a situação acalmou-se. Quando o tiroteio arrefeceu, Hitler foi dormir. Por volta das dez horas, a artilharia voltou a atacar. Várias bombas explodiram com grande barulho no teto do *bunker* de Hitler. Com isso, a ventilação ficou danificada. Hitler acordou com o trovão das granadas. Vestiu-se rapidamente e tocou a campainha para chamar Linge. Quando este entrou no escritório, viu que Hitler estremecia a cada detonação, olhando com medo para o teto. Linge procurou tranquilizá-lo com a observação de que o trovão da explosão era uma prova da resistência do concreto armado que cobria o *bunker*.

Naquela manhã, o Dr. Stumpfegger aplicou pela primeira vez a injeção estimulante depois da fuga de Morell. A reunião foi convocada para as 10h30.

Quando Günsche chegou ao *bunker*, por volta das 11 horas, a reunião já havia começado. Fora Hitler, participaram apenas Krebs, Burgdorf, Bormann, Goebbels, Johannmeyer, Below e Loringhoven. Krebs relatou:

— Desde a manhã, tropas russas estão atacando Berlim do sul e do norte. O cerco contra a cidade está fechado. A única ligação com o mundo exterior é uma estreita passagem ao sul de Spandau. A expectativa é que os russos também fechem essa passagem. O Exército de Steiner não passou da região ao norte de Oranienburg. Não dispomos de maiores detalhes de Steiner.²²

O rosto de Hitler contorceu-se de dor. Ele soltou vários improperios contra o Exército de Steiner e chamou o comandante de general arrogante e medido. Hitler sempre estimara bastante Steiner, que comandara primeiro a 5ª Divisão Panzer SS “Wiking” e depois o “III germanischer SS-Korps”, confiando-lhe o comando sobre o 3º Exército. Agora mandara informar imediatamente a Steiner que seu exército deveria atacar com todas as forças o mais tardar no dia seguinte, 25 de abril, restabelecendo até a noite a ligação com Berlim.

Nada se ouvia falar também do Exército de Wenck. A situação das unidades alemãs que ainda estavam no rio Oder tornou-se catastrófica. As tropas russas ampliaram o rompimento ao sul de Stettin na área do corpo de Marinha²³ e tinham avançado de cinquenta a sessenta quilômetros para o oeste. O 9º Exército, que ainda estava em Frankfurt-sobre-o-Oder, ficou encurralado por tropas russas e estava sendo atacado por todos os lados. Seu comandante, general Busse, mandou pedir repetidamente a Hitler, através de seu cunhado Burgdorf e de Krebs, a autorizá-lo a recuar suas tropas em direção a Berlim. Mas Hitler recusava sistematicamente, embora unidades russas já estivessem avançando na área do 9º Exército. Hitler estava simplesmente obcecado com a idéia de reconstituir as velhas posições no rio Oder.

Fegelein, enviado na véspera por Hitler até Steiner, voltou em 24 de abril. Ele informou a Hitler que o Exército de Steiner não podia mais agir porque já não tinha forças. Steiner queria esperar para ver se era capaz de recrutar os soldados que erravam em massa por toda parte.

A hesitação de Steiner deixou Hitler furioso.

— Steiner deve agir no máximo amanhã! — berrou. — À noite, ele precisa estar em Berlim!

Hitler mandou que Fegelein voltasse imediatamente para levar essa ordem a Steiner. Fegelein partiu no mesmo dia.

Depois do almoço, compartilhado como de hábito no escritório de Hitler com Eva Braun e as secretárias, ele mandou chamar Schaub. Quando Linge fez Schaub entrar no escritório de Hitler, a porta para o dormitório estava aberta.

Hitler estava em pé diante do cofre aberto. Ele disse a Schaub e Linge que todos os documentos que haviam ficado na Chancelaria do Reich teriam de ser incinerados, e que Linge trouxesse malas. Quando Linge voltou com algumas malas, Hitler começou a arrumar documentos em seu cofre. Eram documentos secretos que Hitler recebera de Keitel, Jodl, Dönitz ou do alto-comando do Exército desde a mudança de seu QG para Berlim, incluindo a correspondência particular de Hitler e vários maços de notas de 50 e 100 marcos. Linge encheu quatro malas. Schaub, Linge e os ordenanças foram chamados para ajudar a carregar as malas até o parque. Ali, o conteúdo foi despejado, ajeitado em vários montes, encharcados com gasolina e queimado. As chamas subiram uns dez metros na frente da saída de emergência. Linge esperou até que o último pedaço de papel tivesse sido engolido pelo fogo.

Enquanto isso, Schaub esvaziou todos os cofres nos aposentos particulares de Hitler na Velha Chancelaria do Reich. Eram cinco, no total. Continham documentos políticos e militares da época da guerra e de antes da guerra, entre eles rascunhos de cartas corrigidas pessoalmente por Hitler enviadas durante a guerra para Mussolini, Antonescu, Pétain e outros, junto com as respostas. Com a ajuda do ordenança suboficial Mandtal, Schaub colocou tudo em grandes malas, mandou os homens da SS da guarda pessoal de Hitler levá-las para os jardins e entregou tudo às chamas.

Quando todos os documentos que estavam na Chancelaria do Reich tinham sido destruídos, Schaub informou Hitler sobre isso, na presença de Linge. Hitler mandou que Schaub voasse imediatamente para Obersalzberg e incinerasse também os documentos que ainda estavam na residência de Berghof. Ali havia três grandes armários blindados com documentos da época da guerra e do pré-guerra. No *bunker* havia pilhas de pilhas de atas das reuniões de estratégia. Ali ficava também o arquivo militar trazido da “Toca do Lobo”. Hitler ordenou destruir todos aqueles documentos. Entregou a Schaub as chaves do

cofre do castelo de Berghof, que carregava sempre consigo. Quando anoiteceu, Schaub despediu-se de Hitler. Depois deixou o *bunker* junto com o suboficial Mandtal, que deveria acompanhá-lo. Aos que ficaram, ele disse:

— Dentro de alguns dias estarei de volta!

Ninguém acreditou nisso. Schaub partiu do aeroporto de Gatow, que já estava sob tiroteio russo e foi ocupado no dia seguinte por tropas russas. Schaub não voltaria mais para Berlim. Com eles, os dois estenógrafos que não tinham partido com a leva de 21 de abril também deixaram a capital. Seus serviços já não seriam mais necessários.

Naquela noite, Goebbels ditou uma conclamação à população berlinense para o funcionário do Ministério da Propaganda que cuidava de sua correspondência. Os apelos de Goebbels saíam no jornal *Der Bär (O Urso)*,²⁴ única publicação que ainda era impressa em formato tablóide pela gráfica do Ministério da Propaganda. Quando Linge atravessou a sala para ir dormir, escutou como Goebbels, sentado no banco junto à mesa, ditava com sua voz monótona:

— Berlinenses, resistam! Defendam sua capital! O *Führer* trabalha por vocês nos muros de sua cidade! O *Führer* assumiu pessoalmente a defesa da capital! Lealdade paga lealdade! O inimigo somente chegará até o nosso *Führer* passando por cima dos nossos cadáveres!²⁵

Enquanto Goebbels ditava uma conclamação em que reivindicava novas vítimas da população berlinense e afirmava que o *Führer* trabalhava apenas para a defesa da cidade, Hitler estava ao lado do seu cofre retirando os últimos documentos de sua administração e entregando tudo às chamas, porque não acreditava mais em salvação. Depois de ditar a conclamação, Goebbels informou a Hitler que Berlim só tinha alimentos para mais 15 dias.²⁶

A noite inteira continuaram chegando mais notícias, dando conta de que a situação na capital e arredores estava piorando ainda mais. Entre os moradores do *bunker*, o ânimo caiu para zero.

No início, as notícias diziam: “Os russos estão se aproximando de ambos os lados da estrada Zossen-Berlim e penetraram fundo no cerco externo de Berlim.” Em seguida: “Gatow, o último aeroporto de Berlim, já está sob intenso tiroteio da artilharia russa. Não pode mais ser utilizado.”

Krebs informou:

— Tanques russos alcançaram a estrada Berlim-Nauen.

Em seguida veio outra informação: “Os russos encurralaram Berlim por todos os lados.” Essa notícia caiu como uma bomba no *bunker*. Até os maiores otimistas, que esperavam até o último momento ainda poder sair de Berlim, desanimaram. O piloto de Hitler, Baur, que perambulava o dia inteiro pelos aposentos de Hitler à espera de uma ordem para levar Hitler para fora de Berlim com o avião Condor que estava de prontidão em Gatow, retirou-se tarde da noite, deprimido, do *bunker* do *Führer* para seu alojamento.



No dia 25 de abril, já de madrugada, a capital estava sob pesado tiroteio da artilharia russa. Mais granadas caíram sobre a Chancelaria do Reich e nos ministérios à volta. Incêndios eclodiram em vários lugares. Grossas nuvens de fumaça escureceram o céu. Por volta das 9h30, chegou um telegrama de Keitel dando conta de que o Exército de Wenck tinha se posto em marcha. Suas pontas tinham chegado a Treuenbrietzen, a quarenta quilômetros ao oeste de Potsdam. A notícia espalhou-se rapidamente por todo o *bunker*: “Wenck está chegando, Wenck nos libertará!” O ânimo voltou a melhorar. Melhorou ainda mais quando chegou a notícia de que o Exército de Steiner também tinha ido combater próximo de Oranienburg para romper o bloqueio de Berlim.

Por volta das 10h30, Krebs foi relatar a situação a Hitler. Na verdade, Hitler nem o convocava mais. Krebs simplesmente ia quando tinha algo de novo para relatar. Os demais participantes nem tomavam conhecimento. Passavam o dia inteiro no *bunker* e só iam à sala de reuniões quando viam Krebs passar com seus mapas em direção a Hitler.

Quando Hitler deixou seus aposentos e entrou na sala de reuniões, encontrou Krebs, Bormann, Lorenz, Boldt, Loringhoven e Günsche. Pouco depois chegou Goebbels, depois apareceram Below, Hewel, Voss e Burgdorf. Hitler já não reagia ao fato de que a apresentação era interrompida a toda hora. Apenas levantava o rosto rapidamente, voltando a olhar fixamente para a mesa.

Desde que tropas russas tinham alcançado os subúrbios de Berlim, Krebs usava o mapa de Berlim como carta de operações para suas apresentações. Ele informou não ter notícias novas do Exército de Wenck, nem do Exército de Steiner, que passara para o ataque naquela manhã. Disse que os russos estavam exercendo forte pressão a partir do sul em direção a Tempelhof, mas também do oeste e do norte. Os depósitos de munição na periferia já estavam perdidos. Já se sentia a falta de munição, principalmente de granadas antitanques.

Krebs continuou informando sobre as lutas em Berlim, dizendo que o comandante da 18ª Divisão de Granadeiros de Tanques, em situação difícil na parte sul da capital durante os combates, havia se matado.

— Este perdeu os nervos — observou Burgdorf.

Hitler retrucou:

— Até que enfim um general que encontrou a coragem de tirar a consequência necessária.

Mas essa foi uma exceção.²⁷ Outros generais e muitos oficiais das unidades que combatiam em Berlim preferiram vestir trajes civis e cair na clandestinidade em residências particulares. As tropas móveis da SS e da Juventude Hitlerista descobriram vários deles, fuzilando-os na hora.

Hitler, que tinha ficado animado com o telegrama de Keitel, voltou a ficar deprimido. Falava com a voz praticamente inaudível. O ambiente deprimido era coletivo. De vez em quando, instalava-se um silêncio mortal na sala, e todos olhavam para o mapa, mudos. Bormann ainda não tinha dito nem uma única palavra durante toda a reunião. Nervoso, corria de uma ponta da mesa para a outra, saía da sala e voltava. Goebbels também quase perdeu a fala. Uma única vez, ele perguntou quantos quilômetros o Exército de Wenck poderia percorrer por dia e quando eles deveriam chegar a Berlim.

Depois que Krebs terminou de falar, Hitler retirou-se para o seu escritório. Os demais foram para os seus quartos ou para o *bunker* antigo de Hitler.

Por volta das 14h30, Bormann, Burgdorf e Krebs acorreram agitados ao *bunker* de Hitler. Foram imediatamente à sala de reuniões, onde Hitler estava entrando. Krebs informou a Hitler, consternado, que tropas russas e americanas tinham se encontrado em Torgau, no rio Elba.

Bormann desabafou:

— *Mein Führer*, está mais do que na hora de o senhor entrar em contato pessoalmente com os americanos.

Hitler apenas balançou a cabeça, cansado, e retrucou a Bormann:

— Não tenho mais autoridade para isso. Outro terá que fazer isso em meu lugar. Tenho que tirar as conseqüências necessárias para mim.

Hitler deixou a sala de reuniões em silêncio e foi até seu escritório. Bormann, Burgdorf e Krebs saíram do *bunker* de Hitler, balançando a cabeça e dando de ombros. Também voltaram aos seus aposentos.

Depois do almoço, Hitler mandou chamar Linge. Quando este entrou, Hitler estava em pé ao lado da mesa de trabalho, na qual se apoiou pesadamente com as duas mãos. Olhou com a expressão cansada, quando Linge disse:

— *Mein Führer*, mandou me chamar?

Seus olhos fundos no rosto emagrecido e cor de cera estavam sem brilho ou expressão. Ele murmurou:

— Linge, adoraria deixá-lo voltar para a sua família...

Linge o interrompeu:

— *Mein Führer*, estive com o senhor nos bons tempos, e ficarei também nos tempos difíceis.

Hitler ergueu-se e olhou longamente para Linge, como se quisesse descobrir se ele estava sendo honesto. Em seguida, disse:

— Linge, tenho uma missão especial para o senhor.

A morte estava no olhar de Hitler.

— Eu meterei uma bala na cabeça junto com *Fräulein* Braun na entrada do *bunker* no jardim da Chancelaria do Reich. Não há outra saída.

Linge quis argumentar, mas Hitler o cortou:

— Arranje gasolina para encharcar nossos corpos e queimá-los. Não deve permitir de forma nenhuma que meu corpo caia nas mãos dos russos. Eles me levariam com prazer para Moscou e me exibiriam no panóptico. Isso não pode acontecer — disse, enfático.

Linge apenas conseguiu responder que cumpriria à risca a ordem de Hitler. Hitler acrescentou:

— Destrua tudo o que está nos meus aposentos. Nada deverá lembrar a minha pessoa. Tire esse quadro da moldura e entregue a Baur — disse, apontan-



Josef V. Stalin (*ao lado*) recebeu em 29/12/1949 o relatório final da investigação do Ministério do Interior sobre a vida e o suicídio de Adolf Hitler.

O *Dossiê Hitler*, escrito por um grupo de autores, foi encabeçado pelo tenente-coronel Fiodor Karpovitch Parparov (*abaixo, à esquerda*). O dossiê baseou-se nos depoimentos dos ajudantes pessoais de Hitler, o oficial da SS Heinz Linge (*abaixo, ao centro*) e Otto Günsche (*abaixo, à direita*). Ambos encontravam-se aprisionados desde 2/5/1945 pelas tropas soviéticas e foram transferidos para o serviço secreto NKVD.



5



O presidente do Reich von Hindenburg, em 1/5/1933 com Hitler, a caminho da manifestação.

6



Hitler passa em revista, em novembro de 1933, no pátio da antiga Academia de Cadetes em Berlin-Lichterfelde, o recém-formado SS-Leibstandarte "Adolf Hitler"; à sua direita Sepp Dietrich, o comandante do Leibstandarte.



À esquerda Férias no Mar do Leste, em 1935: Hitler com a família de Goebbels em Heiligendamm.

Abaixo Ernst Röhm, chefe do Estado-Maior da SA e chefe de Heinrich Himmler até seu assassinato em 1934.





Hitler recebe os comandantes de cada uma das divisões das Forças Armadas. Da esquerda para a direita: Werner von Blomberg (ministro da Guerra e comandante-em-chefe das Forças Armadas), Hermann Göring (Força Aérea), Werner von Fritsch (Exército), Erich Raeder (Marinha de Guerra).



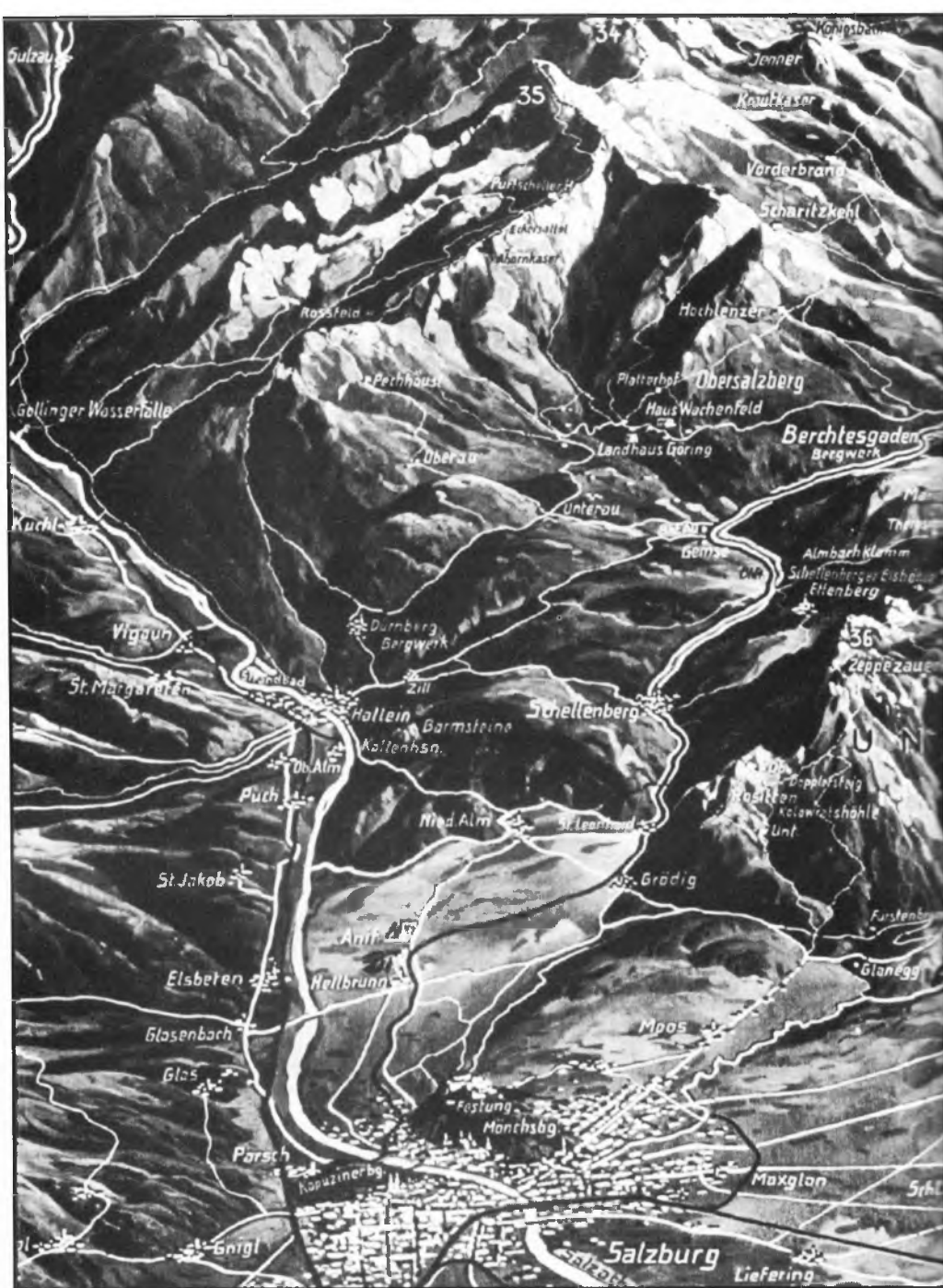
Hitler e Göring em Obersalzberg, em 1938: o chanceler e o ministro-presidente da Prússia em reunião informal de trabalho.



À esquerda Berlim, em 1938, formação de parada do SS-Leibstandarte "Adolf Hitler".

Abaixo Hitler com os trabalhadores na Westwall (linha Siegfried), no Sarre, em 1938.







Em 1928 Hitler comprou a casa "Wachenfeld" na região de Berchtesgaden. Com a ascensão ao poder do NSDAP, seu recanto preferido de férias em Berghof foi ampliado, transformando-se em residência. Diversos ministérios estabeleceram sucursais em Berchtesgaden, o castelo Klessheim era usado para recepções diplomáticas, os convidados de Hitler aterrissavam no aeroporto de Ainring, o Platterhof servia de caserna da SS.



Antes da reforma que transformou a casa “Wachenfeld”, em Berghof, a sala era o gabinete de trabalho.



Um cartão-postal de propaganda mostrava o chanceler na imponente escrivaninha com o título:
“O Führer em seu lar em Obersalzberg”.



Cercas protegidas com arame farpado e sentinelas da SS mantinham o povo à distância.



O “Grande Salão” servia não só para recepções, mas também para exibição de filmes para o *entourage* de Hitler.

1939: A Nova Chancelaria do Reich era o cenário para a auto-encenação de Hitler. O gabinete (foto 19) com quase 400 metros quadrados servia à representação do Estado, bem como o assim chamado pátio de honra (foto 20), cujos acessos eram guardados por sentinelas da SS.

Uma foto de Heinrich Hoffmann, tirada na inauguração de uma exposição, mostra involuntariamente as realidades: Hitler e Göring ao centro, protegidos pela guarda pessoal do *Führer*. O povo é mantido à distância pelo SS-Leibstandarte "Adolf Hitler" (foto 21).

19



20







Neville Chamberlain, o *premier* da Grã-Bretanha, aceita em 23/9/1938, após duras negociações no Rheinhôtel Dreesen, as demandas territoriais alemãs na Tchecoslováquia. Heinrich Hoffmann está a postos, na despedida, no *foyer* do hotel: sua foto dos dois chefes de Estado circulou mundo afora; todas as reportagens mostravam a “palmeira da paz” ao fundo.



As potências França, Grã-Bretanha, Itália e Alemanha trataram do destino da Tchecoslováquia em Munique, em 29 e 30/9/1938. Hitler apõe sua assinatura sob o tratado de divisão; a seu lado o então ajudante pessoal, Julius Schaub; ao fundo Göring e Mussolini, que iniciaram as negociações.



15/3/1939: Menos de um ano após o tratado de Munique, a Wehrmacht invade a Tchecoslováquia e recebe Hitler no castelo de Praga, o Hradshin.



O presidente do país ocupado, Emil Hácha, cumprimenta Hitler em 16 de março em seu gabinete.





Hitler homenageou os aliados Ion Antonescu (*à esquerda*) e Benito Mussolini (*foto 27*) com recepções e paradas. A Romênia de Antonescu era o principal fornecedor de petróleo do Reich alemão. Hitler sentia-se ideologicamente ligado à Itália fascista. Missões de representação também foram assumidas por Göring — aqui na sacada da Reichskanzlei (*foto 28*). Esta parada foi dedicada à Legião Condor, cuja Força Aérea contribuiu para a vitória de Franco na Guerra Civil.

Os funcionários da
 Gestapo investigaram,
 após o atentado de
 Georg Elser, em
 9/11/1939,
 os escombros da
 cervejaria
 Bürgerbräukeller (ao
 lado). As vítimas do
 atentado foram veladas
 em frente ao
 monumento
 Feldherrnhalle de
 Munique, onde Hitler
 lhes rendeu homenagem
 (abaixo).





Acima Em 1940, Hitler visitou o SS-Leibstandarte em seu quartel em Bad Ems e participou pela última vez de uma de suas comemorações natalinas.

À esquerda Heinz Guderian tomou parte nos planejamentos do assim chamado *Sichelschnitt*, o ataque contra a França. Ele comandou suas unidades até a costa do canal como general das unidades Panzer. A foto o mostra em 1940 no blindado de comando; em primeiro plano está uma máquina de codificar do tipo "Enigma".



O ataque maciço da artilharia e da força aérea levou a uma pesada destruição na França, aqui documentada por um correspondente fotográfico da Waffen-SS.



A assinatura do cessar-fogo com a França, em Compiègne, foi encenada para os documentários alemães como se fosse uma revisão da capitulação alemã de 1918. Hitler e seus generais estavam à frente do vagão ferroviário usado naquela ocasião, trazido por soldados da Waffen-SS de um museu, aguardando a delegação francesa, em 21/6/1941.



Heinz Linge e Otto Günsche como testemunhas oculares extremamente próximas: Linge estava postado na entrada do vagão ferroviário com Hitler e a delegação francesa (ao lado do general Huntziger e do embaixador Noël).



Günsche, que estava no vagão, tinha a incumbência de, ao menor sinal de resistência dos delegados franceses, fuzilá-los. A foto mostra o momento em que o general Keitel entrega as condições do cessar-fogo ao general Huntziger.



Rudolf Hess, um empolgado e premiado piloto desportista, se informava regularmente sobre a produção de novos modelos de aviões, como nesta foto, inspecionando o Heinkel He 111. Ele utilizou um avião reformado do tipo Messerschmidt Me 110 em seu voo para a Escócia.



O ataque alemão contra a União Soviética foi preparado em poucos meses. Para a maior parte do território não havia material cartográfico detalhado. O general Erich von Manstein orientou-se por meio de um mapa rodoviário, no verão de 1941.



Os correspondentes da Waffen-SS no *front* também documentavam seus crimes de guerra. A foto, de 1942, mostra soldados do SS-Leibstandarte "Adolf Hitler" na Rússia, na luta contra os *partigiani*, incendiando a casa de um civil.



Em 1942 a ofensiva de verão ameaça fracassar. A fotografia de uma conferência militar em junho de 1942 mostra os generais Adolf Heusinger (na frente), Maximilian von Weichs (atrás, de óculos), Friedrich Paulus (ao lado de Hitler), Eberhard von Mackensen e o marechal-de-campo Fiodor v. Bock (à direita).



Idílio e destruição: Adolf Hitler e sua amante Eva Braun, em 1942, com os cães “Blondi” e “Stasi”, em Berghof (*acima*). Enquanto isto, as cidades alemãs eram cada vez mais bombardeadas pela artilharia aérea dos aliados. Na foto, o Hotel “Kaiserhof”, que servira de quartel para Hitler na campanha antes de 1933, destruído (*ao lado*).

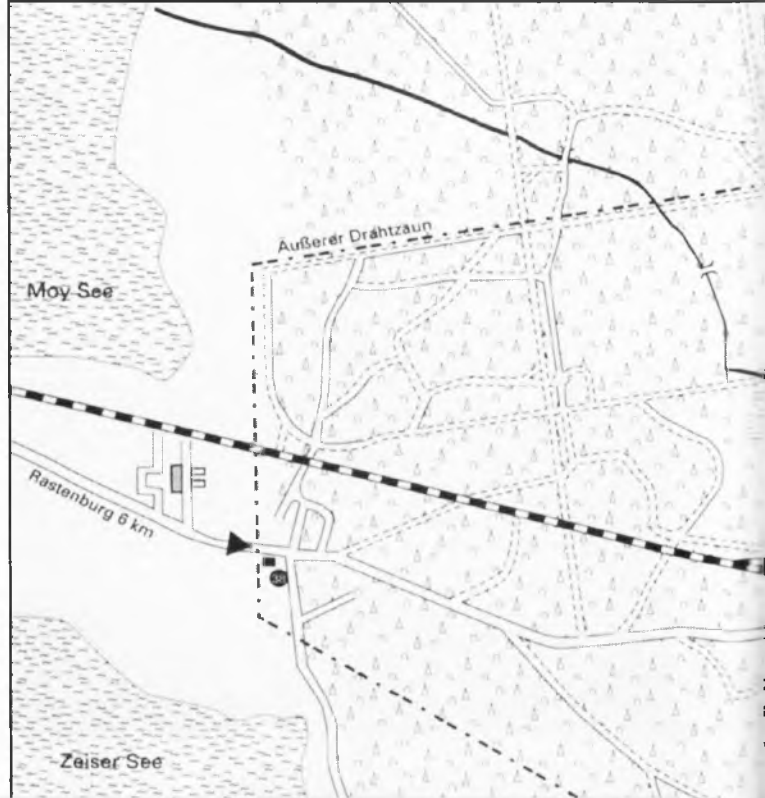




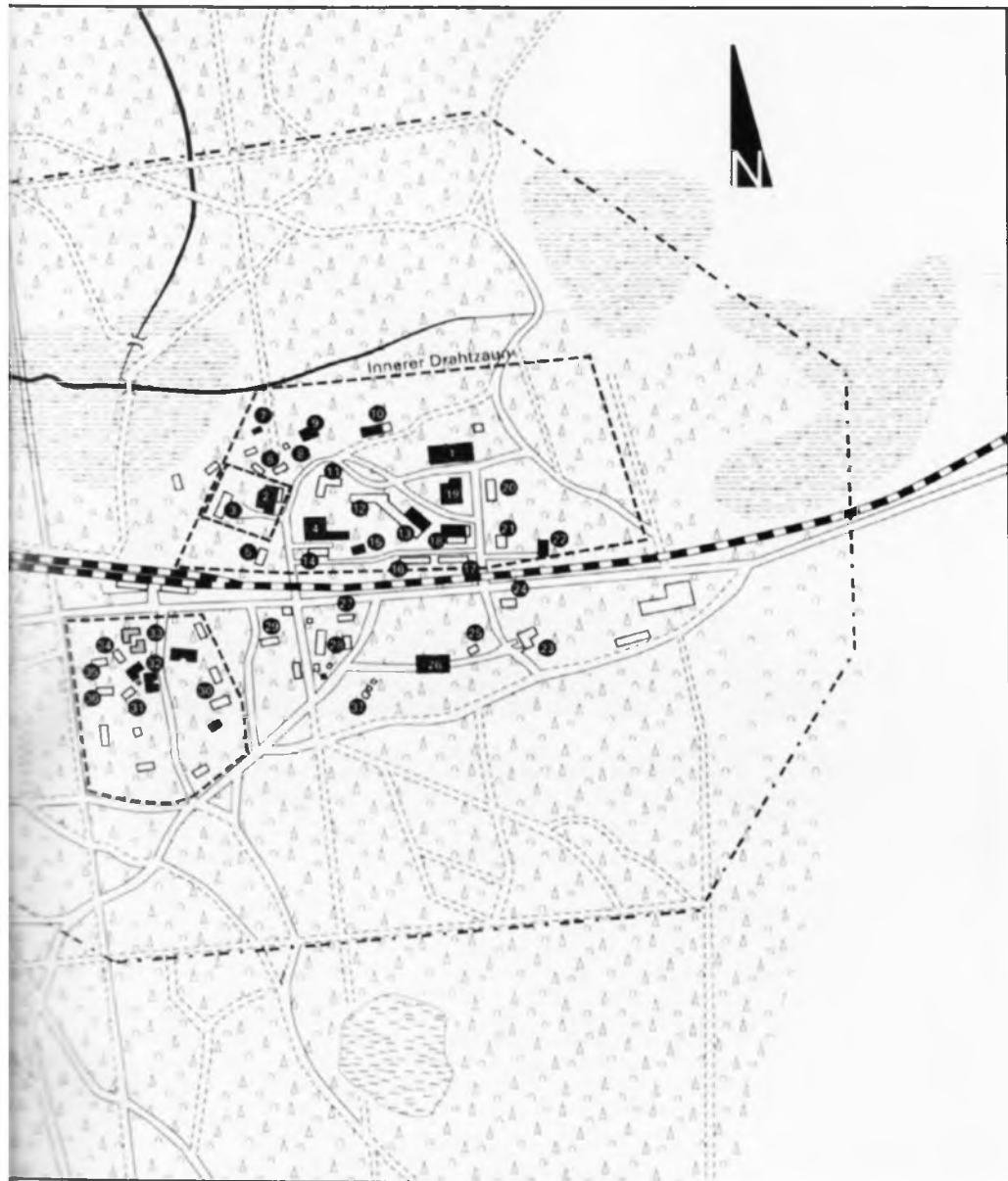
Como se depreende do *Dossiê Hitler*, o *Führer* era muito bem informado sobre o extermínio dos judeus. A foto mostra um grupo de judeu-húngaros em 1944 chegando ao campo de concentração de Auschwitz (*acima*). O Reich alemão se preparava simultaneamente para a defesa contra uma possível invasão dos aliados ocidentais. O marechal-de-campo Erwin Rommel em 12/2/1944, inspecionando o bunker de submarinos em La Rochelle (*ao lado*).

- bunker 
- barraca 
- floresta 
- pântano 
- lago 
- riacho 
- ponte 
- rua 
- caminho 
- estrada de ferro 

45



- | | |
|--|--|
| 1 bunker do <i>Führer</i> | 19 cassino |
| 2 bunker dos visitantes | 20 salão de chá novo |
| 3 barraca para reuniões | 21 salão de chá antigo |
| 4 bunker de informações | 22 <i>Göring</i> |
| 5 chefe de imprensa do Reich | 23 comandante-em-chefe da Marinha de Guerra |
| 6 estenógrafos, serviço de segurança do Reich | 24 alto-comando da Luftwaffe |
| 7 serviços | 25 alto-comando da Marinha de Guerra |
| 8 sauna | 26 bunker comunitário |
| 9 bunker comunitário | 27 barraca comercial |
| 10 <i>Bormann</i> | 28 aquartelamento |
| 11 convidados, cabeleireiro | 29 barraca de comunicação à distância |
| 12 ajudantes-de-ordem, médicos | 30 cassino |
| 13 ajudantes da Wehrmacht, departamento de pessoal do exército | 31 comando do batalhão de escolta do <i>Führer</i> |
| 14 garagem | 32 bunker de calefação |
| 15 calefação | 33 termas |
| 16 cassino | 34 comandante do Estado-Maior |
| 17 chefe do Estado-Maior da Wehrmacht | 35 comandante-em-chefe da Wehrmacht |
| 18 chefe do alto comando da Wehrmacht | 36 comandante-em-chefe da Wehrmacht |
| | 37 toaletes |
| | 38 guarita |



Entre 1941 e 1944, Hitler permaneceu frequentemente no QG “Wolfsschanze” (Toca do Lobo), na Prússia oriental. Os procedimentos de segurança e a instalação de vários círculos de bloqueio evitaram, até o atentado de Claus Graf Schenk von Stauffenberg em 20/7/1944, um golpe contra Hitler.



Hitler e Mussolini inspecionam o barracão destruído após o atentado (*foto 46*). Hitler visitou os feridos no hospital de Rastenburg alguns dias após o golpe; aqui junto ao leito do seu ajudante de marinha, Karl-Jesko von Puttkammer (*foto 47*).

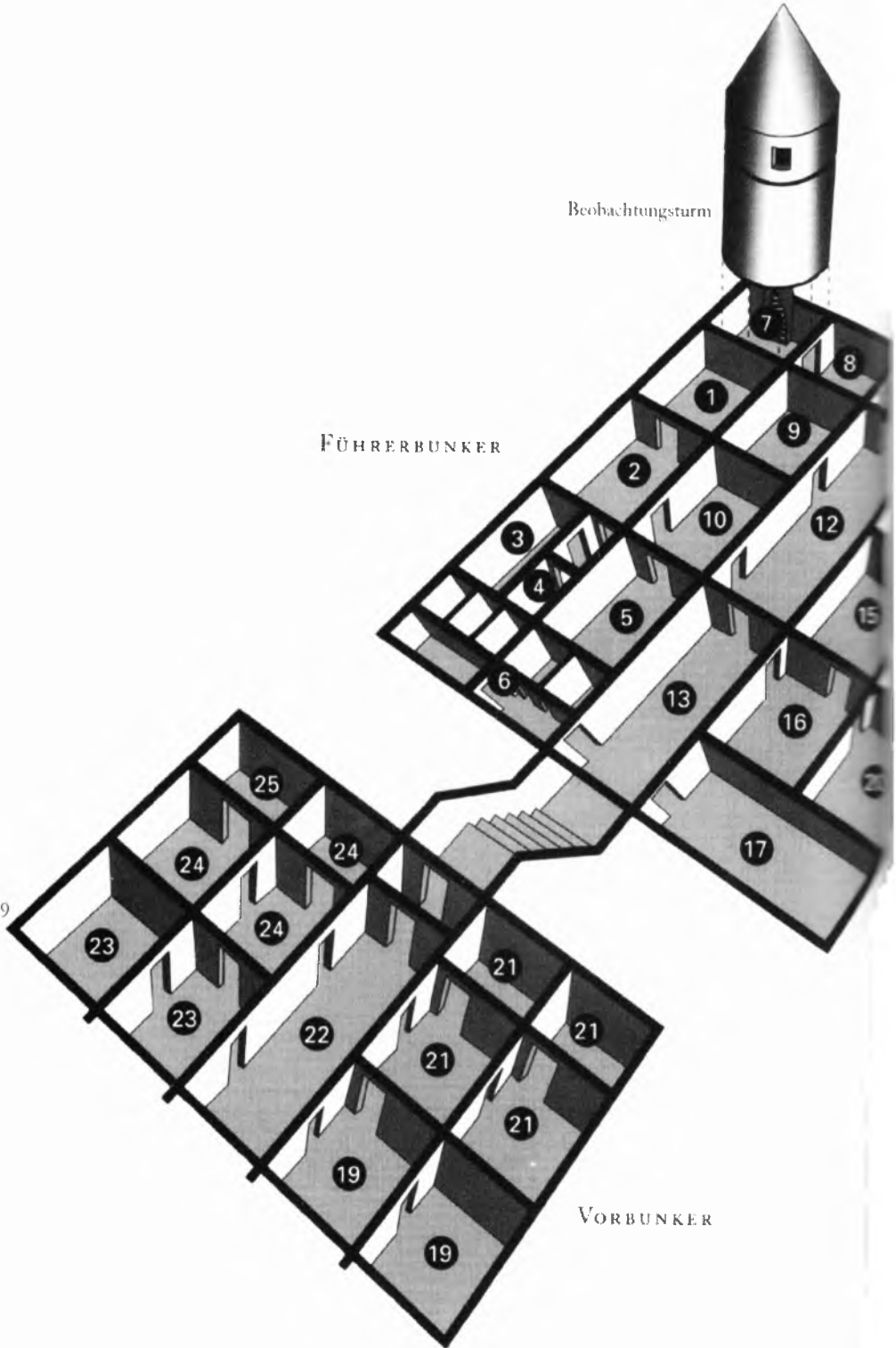
À direita Robert Ley, diretor de organização do NSDAP, mobilizou a massa operária alemã com o manifesto pela vitória final.

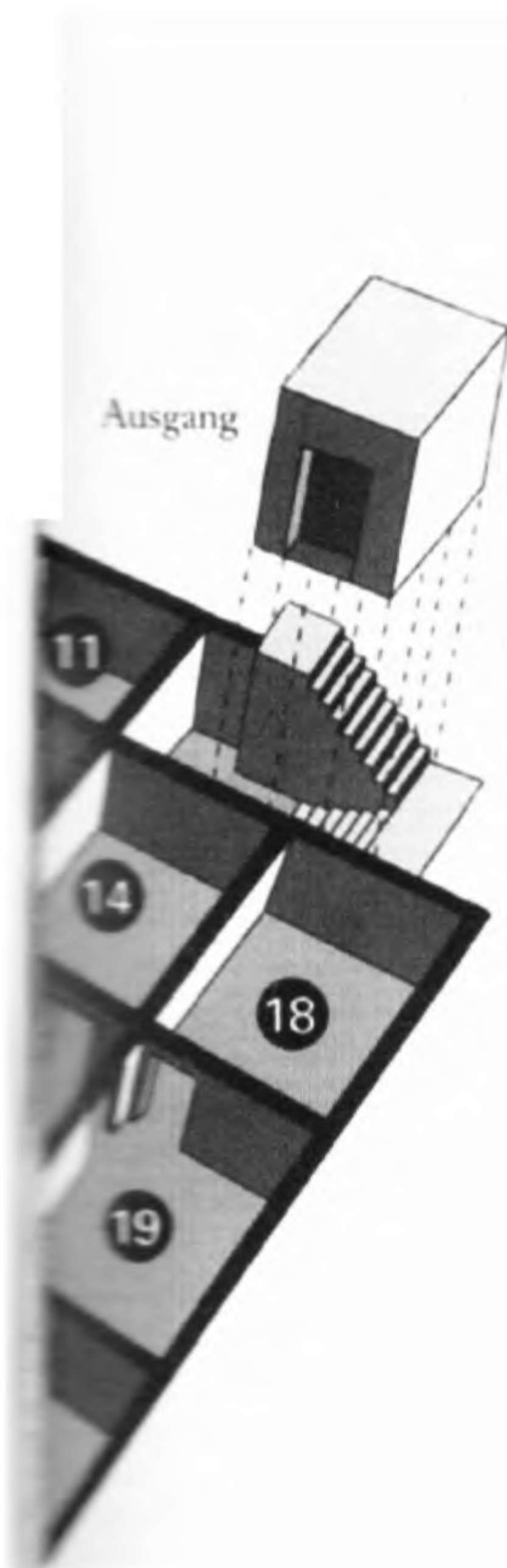


Beobachtungsturm

FÜHRERBUNKER

VORBUNKER





- 1 dormitório de Hitler
- 2 sala de estar e escritório de Hitler
- 3 toalete e banheiro
- 4 quarto de vestir
- 5 dormitório de Eva Braun
- 6 toaletes e dormitório
- 7 acesso à torre de observação
- 8 sala de estar do serviço secreto do Reich
- 9 armazenagem
- 10 ante-sala
- 11 comporta de gás e serviço secreto do Reich
- 12 sala de conferência
- 13 comporta de gás
- 14 dormitório de Goebbels
- 15 sala de estar
- 16 armazenagem de ar
- 17 casa de máquinas
- 18 posto médico
- 19 dormitório
- 20 telefone e telégrafo
- 21 dormitórios da Sra. Goebbels e filhos
- 22 cantina
- 23 cozinha
- 24 salas de emergência
- 25 sala de bagagem

O bunker sob a chancelaria do Reich foi, em 1945, palco de rivalidades, fantasias sucessórias e ilusões de vitória final. Hitler suicidou-se com um tiro de pistola, no recinto assinalado com "2", algumas horas antes da tomada do bairro do governo. Sua amante, Eva, envenenou-se com cianeto de potássio.



*Aa*ma O comandante do Exército de reserva, Heinrich Himmler, anunciou no final de setembro de 1944 a criação dos Volkssturm-Regimente (regimentos de apoio à Wehrmacht na defesa da pátria). A seu lado, Heinz Heinrich Lammers, diretor da SS-Obergruppenführer e chefe da Chancelaria do Reich, e o major-general Heinz Guderian, chefe do generalato.

À direita Houve um congestionamento de tanques soviéticos a caminho de Berlim, na primavera de 1945, depois que o Exército Vermelho irrompeu na Seelow Heights. Nem a dizimada Luftwaffe, muito menos os batalhões do Volkssturm, arregimentados às pressas, demonstraram ser efetivos entraves ao avanço das tropas.



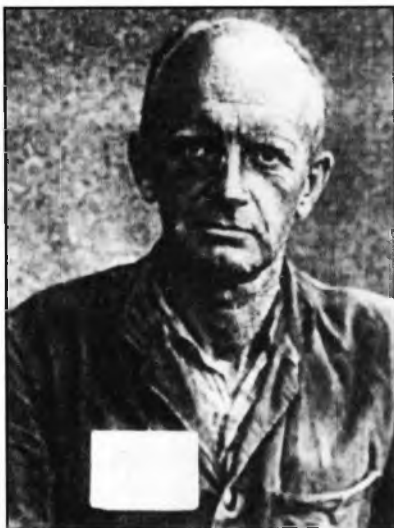


Acima Como Hitler não podia ficar de pé por mais de meia hora, ele terminava as reuniões sentado, como na visita encenada ao assim *front* do rio Oder, ao comandante-em-chefe do 9º Exército, general de infantaria Theodor Busse, em março de 1945.

20/3/1945, uma última apresentação para as câmeras. A foto mostra um Hitler se esforçando para manter a postura na condecoração de jovens soldados. Seu apelo à perseverança tinha por objetivo conferir um significado maior à luta insensata.



O cadáver número 5 foi submetido a um exame médico-legal pelos médicos do Smersch em 8/5/1945, assim como os demais restos mortais dos líderes nazistas encontrados em Berlim. A foto mostra o corpo de Joseph Goebbels antes da autópsia.



O SS-*Sturmabführer* Heins Linge (à esquerda) e o SS-*Sturmabführer* Otto Günsche (à direita) foram fotografados mais uma vez em suas roupas de prisioneiros, pouco antes de sua liberação em 1955.

do para o seu adorado Frederico II, pendurado sobre a escrivaninha. — Quero que ele o leve para um lugar seguro na Baviera.

Linge prometeu a Hitler fazer tudo exatamente como ele ordenara, junto com o camareiro SS-*Hauptscharführer* Heinz Krüger, o comandante da sua guarda pessoal SS-*Sturmabführer* Franz Schädle e o chefe de polícia SS-*Obersturmbannführer* Peter Högl. Hitler assentiu e deixou Linge sair.

Linge encomendou 120 litros de gasolina com o motorista de Hitler, Kempka. A gasolina foi colocada em seis galões e deixada na saída do *bunker* para o jardim.²⁸ Em seguida, Linge chamou Krüger, Högl e Schädle e contou tudo a eles. Os três ficaram aterrados com a notícia. Mas, assim como Linge, também eles sabiam que não se podia contradizer o *Führer*. Eles entraram em um acordo de que Schädle e Linge incinerariam os cadáveres, enquanto Högl e Krüger destruiriam os pertences pessoais de Hitler em seus aposentos. Depois de dividir as tarefas, Linge pediu que Krüger pegasse uma garrafa de aguardente. Era preciso engolir o desânimo que trancava a garganta a todos.

À noite, o capitão Kuhlmann foi se encontrar com o vice-almirante Voss na Chancelaria do Reich. Ele chegara de Flensburg a mando de Dönitz com vários Ju 52 cheios de “candidatos à morte” da Marinha de Guerra. Os aviões tinham aterrissado no crepúsculo no eixo oeste-leste entre o Portão de Brandemburgo e a Coluna da Vitória, pois o aeroporto de Gatow já estava ocupado por tropas russas. A aterrissagem aconteceu sob fogo da artilharia. O eixo leste-oeste estava cheio de granadas. Por isso, alguns dos aviões explodiram depois de aterrissar. Entre os membros da Marinha houve muitos mortos e feridos.²⁹

Voss acompanhou Kuhlmann ao *bunker* de Hitler e pediu a Linge que Hitler o recebesse, uma vez que, sob condições tão adversas, tinha conseguido chegar até Berlim. Hitler estava em seu quarto, deitado na cama. Linge informou-o sobre o pedido de Voss. Mas Hitler recusou. Só quando Voss pediu a Hitler pela segunda vez, insistentemente, que recebesse Kuhlmann, que viera a Berlim para defender o *Führer*, este saiu para a ante-sala. Quando Kuhlmann viu Hitler, ficou em posição de sentido, lançou o braço para o alto e informou sobre a chegada de sua unidade. Hitler apertou sua mão frouxamente e disse que Kuhlmann se juntaria ao grupo de luta de Mohnke para defesa do distrito governamental. Logo em seguida, desapareceu atrás da porta.

Kuhlmann foi apresentado brevemente a Goebbels e em seguida deixou o *bunker* de Hitler. Ele alojou-se com sua unidade nos porões do Ministério do Exterior, ao lado da Chancelaria do Reich.

Ainda no fim da tarde, Speer ligou de Hamburgo para Linge e perguntou quais eram as intenções de Hitler e Eva Braun. Quando Linge informou que ambos pretendiam ficar em Berlim, Speer respondeu que “organizaria” vários aviões Fieseler-Storch e os mandaria a Berlim para tirar de lá pelo menos Eva Braun e as secretárias de Hitler.

Até tarde da noite, ora Krebs, ora o seu ajudante Loringhoven chegavam a todo momento com notícias novas para Hitler. A situação em Berlim e nos arredores da cidade piorava a cada hora que passava. Depois de vitórias iniciais insignificantes, o ataque do 3º Exército, de Steiner, ficou atolado no fogo da artilharia russa. Unidades de tanques russos passaram por Berlim avançando bastante para o oeste, tomando Rathenow. A Guarnição Potsdam, comandada pelo general Reymann, estava cercada e envolvida em combates de defesa desesperados. Lutas eram travadas também nos bairros ao oeste, como Zehlendorf, Nikolassee e Dahlem. As tropas russas tinham rompido em Spandau e estavam avançando rumo a Berlim através da larga estrada de Zossen. Aproximavam-se das grandes pontes sobre o rio Havel, perto de Pichelsdorf. Para defender essas pontes, foram enviados grupos da Juventude Hitlerista, sob o comando de Axmann.

A deterioração constante da situação em Berlim voltou a derrubar o clima no *bunker* de Hitler. Por toda parte do velho *bunker* havia grupinhos. Tomavam aguardente e brigavam em voz alta sobre se os russos ainda poderiam ser detidos. Outros conversavam aos sussurros, fazendo as contas para saber quanto tempo Berlim ainda resistiria e se ainda havia possibilidades de deixar a cidade.

A inquietação e o nervosismo de Hitler tomaram proporções ameaçadoras. De manhã, não era mais preciso despertá-lo. Torturado pelas preocupações, ele acordava muito cedo. Além disso, as bombas que caíam no *bunker* não o deixavam dormir. Depois que Stumpfegger lhe dava sua injeção e Linge seu colírio, ele perambulava pelos cômodos do *bunker* com passos arrastados. Seu cabelo estava bem mais branco. Parecia um idoso, quase um cadáver ambulante. Não ficava parado em nenhum lugar. Mal se sentava na cabine telefô-

nica, voltava a levantar-se e ia para a casa de máquinas com o sistema de ventilação. Nunca antes ele andara por aqueles cômodos. Ou então ia com seus passos arrastados até a caixa em que estava Blondi, buscava seu adorado Wolf e tentava brincar com ele no corredor. Falava muito pouco.

Depois do almoço, ele ficava freqüentemente no banco forrado do *hall* da sala de reuniões. Bormann, Burgdorf, Fegelein, *Frau* Christian, *Fräulein* Krüger e Eva Braun também iam para lá. Naqueles dias, Eva tomava muito conhaque. Quase não se ouviam mais suas risadas. Só participava das conversas com Bormann, Fegelein ou *Frau* Christian quando estava embriagada com conhaque. Os outros misturavam champanhe, conhaque e aguardente, sem tomar conhecimento de Hitler. Bormann, Burgdorf e Fegelein rolavam mal-educadamente nas poltronas. Suas conversas geralmente giravam em torno da vida luxuosa do passado com seus episódios engraçados. Tentavam envolver Hitler na conversa. Mas este ficava sentado, apático, olhando fixamente para a frente, acariciando Wolf ou enchendo o cachorro com provas históricas de afeto.

Na hora do chá, em companhia de Eva Braun, das secretárias Christian e Junge, às vezes também a nutricionista Manziarly e a secretária de Bormann, Else Krüger, Hitler só tinha um assunto: o melhor jeito de suicidar-se. Ele descrevia com as cores mais terríveis o que aconteceria se eles caíssem nas mãos dos russos. Discutia em detalhes se era melhor meter uma bala na cabeça, tomar veneno ou abrir os pulsos. Essas conversas noturnas se estendiam até as seis ou sete horas da manhã. Os temas das conversas lentamente levavam as secretárias à histeria.

Depois do chá com Hitler, *Frau* Christian ia até a sala da telefonia, onde ficavam os oficiais da SS da guarda pessoal de Hitler, para tomar champanhe. Quando Linge foi para lá certa manhã, *Frau* Christian sem mais nem menos jogou seu copo de champanhe sobre ele. Mais tarde, ela se desculpou, dizendo que seus nervos estavam em frangalhos depois das conversas com Hitler sobre as diversas modalidades de suicídio. O moral dos homens da SS também caiu cada vez mais. Eles tentavam dopar-se com quantidades imensas de aguardente e champanhe. A única esperança que ficou foi o Exército de Wenck.



Na noite de 25 de abril, os russos destruíram o último cabo telefônico subterrâneo que ligava Berlim ao mundo exterior. Agora restava apenas a ligação telegráfica, mantida à custa de dois aparelhos de cem watts cada. Mas não se podia confiar neles, uma vez que as antenas volta e meia eram danificadas pelas granadas que caíam.

Às sete horas de 26 de abril, começou uma tempestade de fogo da artilharia russa contra o distrito governamental. A Chancelaria do Reich e o *bunker* de Hitler ficaram em meio a pesadas detonações. A cobertura do corredor subterrâneo da Nova Chancelaria do Reich até o *bunker* estava destruída em vários lugares. No chão do corredor formaram-se poças enormes, sobre as quais se colocaram tábuas. Era preciso passar se equilibrando para não cair nas poças. Através dos rombos no teto, era possível ver escuros rolos de fumaça e o telhado em chamas da Chancelaria do Reich. A luz esparsa que entrava gerava um ambiente ameaçador no corredor.

Por volta das nove horas, o fogo da artilharia cedeu um pouco. Günsche instalou-se na sala dos telefonistas. Pouco depois, apareceu também Goebbels. Em seu rosto cinzento havia manchas vermelhas; os olhos brilhavam como os de um animal perseguido. Ele parecia ainda mais baixo, magro e frágil do que normalmente. Começou logo a falar sobre a situação em Berlim. Perguntou a Günsche como este avaliava a situação, quanto tempo Berlim ainda resistiria, e se Wenck iria conseguir chegar até a capital, e se ele não chegaria tarde demais. Goebbels repetia essas perguntas incontáveis vezes nos últimos dois dias. Era evidente que ele temia o fim próximo. Furioso, xingou os chefes do Partido Nacional-Socialista que tinham abandonado Hitler.

— Se sairmos daqui vivos, farei uma limpeza no Partido. Muitos altos funcionários se comportaram como vagabundos e covardes.

Virando-se para Günsche, Goebbels prosseguiu, dizendo que a liderança do Partido Nazista caracterizava-se há muito, principalmente desde a época da guerra, pela decadência e pela burocratização. Seus altos funcionários estavam escondidos em seus sítios, iam à caça e levavam uma existência de parasitas. Por que Hitler se apoiara em pessoas como Ley ou os *Gauleiter* Streicher, Koch e Wächtler? Eles e muitos outros tinham causado grandes prejuízos ao Partido, acabando com ele. Na hora mais pesada para Hitler, mostraram seu verda-

deiro rosto. Todos o abandonaram: Göring, Himmler, Ribbentrop, Rosenberg, Ley e Funk.

Às dez da manhã, Krebs veio para fazer seu relatório a Hitler. Os únicos presentes eram Goebbels, Burgdorf, Lorenz, Günsche e Zander. Como o cabo telefônico estava rompido, e as antenas do telégrafo, danificadas pelo fogo da artilharia e ainda não consertadas, Krebs não tinha nada de novo para relatar sobre o Exército de Wenck ou o ataque fracassado do Exército de Steiner. Ele informou que na noite anterior os combates em Berlim tinham arrefecido um pouco, mas haviam voltado de madrugada com toda a intensidade. Mais uma vez, os russos tinham rompido posições alemãs. Na parte ocidental de Berlim, eles chegaram até Zehlendorf-Mitte e Dahlem. Tanques russos alcançaram Lichterfelde. Na parte nordeste de Berlim, haviam avançado até a Alexanderplatz dos dois lados da Frankfurter Allee, tendo se aproximado perigosamente do centro da cidade.

Essas notícias tiveram um efeito devastador sobre Hitler. Enquanto Krebs falava, seu olhar errava de um lado para o outro.

Por volta das 14 horas, o chefe de plantão, o primeiro-sargento Adam (o mesmo que, por ocasião do atentado do dia 20 de julho contra Hitler, fora o primeiro a apontar Stauffenberg), informou a Günsche que entrara um telegrama para Hitler. Era de Göring, de Obersalzberg. Como não havia mais comunicação direta, o telegrama viera através de várias unidades da Luftwaffe.

O conteúdo era mais ou menos o seguinte: "*Mein Führer*, já que, em razão do cerco de Berlim, o senhor não está em condições de exercer o pleno poder e encontra-se limitado em sua liberdade de ação, acredito ser chegado o momento em que eu, conforme decisão do Reichstag de 1º de setembro de 1939, na condição de seu sucessor, assumirei toda a responsabilidade pela condução do Reich alemão. Caso não chegue nenhuma resposta negativa de sua parte até as 22 horas de hoje, ou seja, 26 de abril de 1945, tomo isso como sinal de sua concordância."³⁰

Günsche entrou diretamente no escritório de Hitler com o telegrama de Göring, sem se anunciar. Hitler estava sentado com Eva Braun no sofá defronte da porta. Quando Günsche disse que precisava falar com ele urgentemente, Hitler olhou para ele desconfiado. Fez um sinal de cabeça para Eva Braun, que

deixou a sala. Atendendo a outro sinal de Hitler, Günsche leu o texto em voz alta. Mas não tinha terminado ainda a primeira frase quando Hitler saltou da cadeira e arrancou-lhe o telegrama da mão. Colocou os óculos com as mãos trêmulas. Seu rosto inchou. Ficou rubro de raiva.

— Oh, este Göring — gemeu —, a responsabilidade interna e externa! Que ousadia impor-me um ultimato!

Hitler amassou o telegrama, caiu numa poltrona e cobriu o rosto com as duas mãos. Um minuto depois, gritou:

— Mande imediatamente um telegrama para Göring! Vou ditar!

Hitler começou a ditar, escandindo bem as palavras: “Como sempre, tenho todo o poder e não me sinto limitado em nada na minha liberdade de ação. Proíbo que aja por vontade própria. Adolf Hitler.”³¹

Ele emudeceu e ficou olhando fixamente para a frente.

Günsche disse que ele e outros há muito desconfiavam de Göring. Lembrou Hitler da carta do *Obergebietsführer* Petter sobre Göring, que este lhe mandara um tempo atrás.

Hitler ordenou, irritado:

— Que Bormann venha imediatamente!

Günsche deixou o escritório e informou Bormann sobre o telegrama de Göring. Este foi até a sala de Hitler. Günsche foi para a sala do telégrafo e mandou que o telegrama de Hitler fosse enviado imediatamente para Göring.

Linge estava na ante-sala, quando Bormann passou por ele para ir ao escritório de Hitler, vermelho como um camarão.

— Göring, esse vagabundo — murmurou, enquanto corria.

Bormann aumentou ainda mais a ira de Hitler, levando-a ao paroxismo.

— Göring, esse canalha, sabe perfeitamente que sua resposta não poderia chegar antes de 22 horas! — gritou ele.

Hitler teve um acesso de ira. Martelando com os punhos na mesa, ele berrava:

— Bormann, transmita a ordem à nossa polícia em Obersalzberg e mande prender Göring imediatamente! Telegrafe logo! Se ele tentar fugir, deve ser fuzilado na hora!

Bormann correu para fora. Ao passar por Linge, gritou para o oficial da Leibwache que estava de plantão que mandasse vir Högl. Em seguida, foi até

Goebbels. Quando Högl apareceu no *bunker*, Bormann foi com ele à central de telégrafos a fim de enviar a ordem de Hitler. O comandante de Obersalzberg, SS-*Obersturmbannführer* Frank, foi incumbido de prender Göring.

Quando Bormann saiu do *bunker*, Hitler estava saindo do seu escritório para ir aos aposentos de Goebbels. Este, por sua vez, estava a caminho do escritório de Hitler, de forma que se encontraram na ante-sala. Goebbels passou mancando e, embora também estivesse fervendo de raiva, disse, com sua prosódia monótona:

— Este golpe, *mein Führer*, veio de Göring, a quem o senhor considerava seu seguidor mais fiel.

Hitler foi com Goebbels até a sala de reuniões, onde ficaram bastante tempo a sós.

Pouco depois, Eva Braun saiu de seu quarto para a ante-sala, onde estava Günsche. Ela não sabia de nada e perguntou o que tinha acontecido. Günsche falou do telegrama de Göring. Eva Braun observou que, já no dia 20 de abril, quando Göring partiu de Berlim, ela tivera um estranho pressentimento, que chegou a contar a Hitler:

— Göring, esse traidor, já deixou o *Führer* naquele momento, porque pretendia traí-lo. Pobre *Führer*...

Houve discussões exaltadas no *bunker* sobre o que Göring fizera. Mas logo o constante avanço dos russos voltou a atrair toda a atenção.

Junto com algumas unidades de tropas que haviam recuado para o centro de Berlim, também havia no *bunker* da Nova Chancelaria do Reich grupos da Associação de Moças Alemãs (BDM, Bund Deutscher Mädchen), uma agremiação nacional-socialista.

À tarde, Hitler mandou chamar Linge. Quando ele entrou no escritório, Hitler estava sentado à mesa com Eva Braun. Proferindo as palavras com dificuldade, Hitler disse que Eva Braun vira moças estranhas no *bunker*. Linge informou que eram integrantes da Associação de Moças Alemãs que tinham fugido dos russos. Seus documentos tinham sido checados. Estavam desempenhando várias funções no *bunker* antigo. Eva Braun observou que já havia visto as moças no *bunker* de Hitler. Linge retrucou que as moças certamente estavam curiosas por ver Hitler. Então, Hitler disse a Linge:

— Os russos tentarão de todas as maneiras possíveis me prender vivo. Usarão de todos os meios possíveis para atingir o seu objetivo. Eles podem muito bem colocar moças em uniformes do BDM e lhes fornecer documentos do BDM para me dar algum entorpecente químico.

Hitler ordenou que Linge mandasse todas as moças embora do *bunker*.

No fim da tarde, o general da aviação Ritter von Greim aterrissou com um Fieseler-Storch no eixo leste-oeste. Hitler convocara-o via telegrama para promovê-lo a comandante supremo da Luftwaffe no lugar de Göring. O avião foi pilotado pela aviadora Hanna Reitsch. A aterrissagem no Portão de Brandemburgo ocorreu sob fogo pesado da artilharia russa. Greim ficou com a perna gravemente ferida. Foi levado para o ambulatório do *bunker*, operado e engessado. Por volta das vinte horas, Greim foi levado de maca até a sala de reuniões, onde Hitler o esperava. Ao lado da maca ia Hanna Reitsch, uma moça magra e de aparência insignificante, com a Cruz de Ferro de Primeira Classe no vestido azul-escuro. Hitler cumprimentou ambos, puxou uma poltrona e pediu que fosse deixado a sós com Greim. Nessa conversa, Hitler entregou o cargo de Göring a Greim e promoveu-o a marechal-de-campo.

Greim já tinha sido eleito chefe do alto-comando da Luftwaffe no lugar de Göring no outono de 1944, quando Hitler ainda estava na “Toca do Lobo”. Naquela época, o general da aviação Peltz, que comandava os bombardeiros alemães na frente ocidental, reivindicara que Göring fosse substituído por incompetência, assim como o coronel Baumbach, um dos pilotos de bombardeiros mais conhecidos da Luftwaffe. Ambos contavam com a alta estima de Hitler. A proposta fora ainda apoiada pelo ajudante da Luftwaffe de Hitler, Below, e pelo ex-ajudante de Hitler, o coronel Boehm-Tettelbach. Este último era assessor para assuntos da Luftwaffe no alto-comando da Wehrmacht. Mas Hitler não conseguira decidir-se a substituir Göring.

Depois da conversa com Hitler, Greim ficou no ambulatório do *bunker*. Hanna Reitsch, sua antiga companheira de vida, estava a seu lado. Da cama, Greim mandou telegramas para todas as direções e fez de tudo para mobilizar o que restava da Luftwaffe para o combate em Berlim. À noite, Hanna Reitsch cantou canções de ninar com os filhos de Goebbels ao lado da cama de Greim.

Em 27 de abril, Greim deveria voar para Rechlin, no norte da Alemanha, a fim de supervisionar pessoalmente a concentração de forças da Luftwaffe no combate em torno de Berlim. Mas a tentativa de Hanna Reitsch de partir com Greim falhou, em função do pesado tiroteio do eixo leste-oeste pela artilharia russa. Somente no dia 28 de abril ela conseguiu levantar vôo e levar Greim para fora de Berlim.

Hanna Reitsch foi a única mulher alemã condecorada com a Cruz de Ferro de Primeira Classe. Ela serviu na Luftwaffe como treinadora e piloto de teste. Ficou muito conhecida durante a guerra ao conseguir cortar as cordas de balões com aviões em cujos lados havia um equipamento cortante.³² Hanna Reitsch era uma fiel nacional-socialista, muito estimada por Hitler, e esteve com ele diversas vezes. Visitara Hitler pela última vez em 1944 em Obersalzberg. Durante o café que então tomou com Hitler e Below, falou-se de Churchill. Hanna Reitsch sugeriu um atentado contra Churchill, do qual ela pretendia participar. Hitler respondera, rindo:

— Churchill deve estar tão bem protegido quanto eu.

Quanto mais os russos se aproximavam da Chancelaria do Reich, mais nervoso Hitler ia ficando. Às vezes, a impressão era de que ele estava perdendo a razão. Por volta das 21 horas, ele chamou Günsche e avançou sobre ele:

— Onde estão suas tropas?

— Que tropas, *mein Führer*?

Hitler berrava mais alto ainda:

— Suas tropas, seus seis ou oito mil homens da SS!

Günsche respondeu que não dispunha dessas tropas, que a defesa do distrito governamental cabia a Mohnke, que comandava apenas quatro mil homens. Mas Hitler não se acalmou:

— Cale a boca! Vocês todos estão me traindo! Ninguém me diz a verdade!

Quando Günsche deixou o escritório, Bormann, que estivera presente, saiu correndo atrás dele e se pôs a gritar também:

— Como ousa trair o *Führer*?

Ele também estava perdendo o controle. Günsche retrucou:

— *Herr Reichsleiter*, eu sei muito bem o que disse ao *Führer*. O que quer dizer com “trair”?

Bormann corou:

— Desculpe, mas aqui dá para perder a razão.

Por volta das 23 horas, chegou ao *bunker* o comandante do 58º Panzerkorps, general Weidling. Günsche conduziu-o à sala de reuniões, onde estava Hitler. Poucos dias antes, os russos tinham empurrado Weidling com os restos de sua divisão de volta para Berlim. A unidade sofrera pesadíssimas perdas. Toda a sua artilharia e o restante dos equipamentos estavam perdidos.

Como o comandante da cidade de Berlim ficara gravemente ferido em 25 de abril e ainda não havia um sucessor, Burgdorf sugerira nomear Weidling.³³ Quando Günsche entrou com ele, estavam reunidos Goebbels, Bormann, Krebs e Burgdorf, além de Hitler. Era evidente que Weidling não estava entusiasmado com a idéia de assumir o comando da cidade de Berlim naquela situação desesperadora.

Ele disse estar ciente da gravidade da missão e que somente assumiria a responsabilidade se ele exclusivamente pudesse dar ordens à guarnição berlinense e ninguém se metesse em seus assuntos. Hiler concordou. Mas Weidling não estava nem duas horas em sua sede na Bendlerstrasse quando Hitler já se metia sem escrúpulos em suas competências. Foi assim: por volta de 1h30, apareceu no *bunker* o comandante de uma região administrativa de Berlim, coronel Bärenfänger, cujas tropas estavam lutando na Alexanderplatz e na Frankfurter Allee. Ele foi convocado por Goebbels e foi recebido por Hitler na presença de Goebbels e Günsche. Seu uniforme estava coberto de óleo e sujeira. Estava com a barba por fazer e negro de fumaça. Vinha diretamente do combate dentro de um túnel do metrô na Alexanderplatz.

Bärenfänger relatou a Hitler sobre os combates violentos que estavam sendo travados nas ruas de Berlim e também cada vez mais em porões e galerias do metrô. Cenas horríveis aconteciam, já que boa parte da população civil procurara abrigo ali.

Hitler interrompeu Bärenfänger, perguntando se era possível utilizar gás de efeito moral nas galerias e nos túneis subterrâneos. No levante de Varsóvia, que se desenrolara principalmente nos porões, a utilização de gás de efeito moral contra a população trouxera resultados excelentes.³⁴ O efeito fora incrivelmente bom. Bärenfänger respondeu que não dispunha de gás de efeito

moral. Queixou-se de que seu superior imediato, um major-general, lhe teria dado a ordem insana de se ater às regras da condução bélica. Ao que Goebbels exclamou:

— *Mein Führer!* Precisa substituir imediatamente esse major-general!³⁵

— Está substituído! Você, Bärenfänger, assume em seu lugar. Com isso, promovo-o a major-general! — disse Hitler.

Ele apertou a mão do jovem oficial que acabara de promover a major-general e recolheu-se novamente ao seu escritório para continuar tomando chá com Eva Braun e as secretárias e conversar sobre a melhor forma de cometer suicídio.

Naquele dia, Fegelein voltou do Exército de Steiner. Aterrissou no eixo leste-oeste com um Fieseler-Storch. Fegelein informou Hitler de que o ataque do 3º Exército de Steiner fracassara definitivamente. Em seu relato, enfatizou ter tentado fazer de tudo para que o ataque fosse bem-sucedido, e que também Steiner fizera todo o possível. Hitler não deixou Fegelein acabar de falar e grunhiu:

— Steiner não quer atacar. Esse é o problema.

Depois que Fegelein acabou de relatar tudo a Hitler, confidenciou a Günsche que fora de Steiner até Himmler, cujo trem especial ainda estava parado ao oeste de Hohenlychen, em Mecklenburg, tendo falado com ele. Sob sigilo total, comunicou a Günsche que o ataque do Exército de Steiner fora impedido por Himmler. O objetivo de Himmler era fazer Hitler perder a esperança de que o cerco em torno de Berlim ainda pudesse ser estourado e finalmente deixar a capital. O general da SS Steiner era protegido de Himmler havia muito, e seu fiel seguidor. Günsche não contou a Hitler o que Fegelein lhe comunicou, pois ele próprio desejava ardentemente que Hitler sáísse de Berlim.

Fegelein mentiu para Günsche. A verdadeira razão pela qual Himmler não permitira que o Exército de Steiner atacasse ficou clara no dia seguinte.



Na manhã de 27 de abril, a Chancelaria do Reich voltou a ser alvo de pesado tiroteio. Uma bomba atrás da outra detonava no teto do *bunker*. Já nas primeiras explosões, Hitler tocou a campainha para chamar Linge. Ele encontrou-o no escritório já vestido. Além do barulho habitual dos ventiladores, havia agora um outro ruído estranho. Hitler olhou para Linge irritado e perguntou, preocupado, o que era aquilo. O mecânico Hans Hentschel explicou a Linge que as chamas nos jardins da Chancelaria do Reich tinham aumentado o movimento do ar, o que gerava o ruído nos ventiladores. Os alojamentos para motoristas e ordenanças, que tinham sido instalados no jardim quando o QG foi transferido para a Chancelaria do Reich, estavam em chamas.

Quando o tiroteio cedeu, Hitler disse a Linge que queria ir ao jardim para ver como estava a situação do lado de fora. Lentamente, as mãos apoiadas firmemente no corrimão, Hitler subiu se arrastando a escada até a saída de emergência. Linge ficou atrás dele, por temer que Hitler, muito enfraquecido nos últimos tempos, pudesse tombar para trás. Nos últimos degraus, Linge ultrapassou Hitler para abrir a porta blindada que levava ao jardim. Nesse exato instante, uma granada caiu ao lado do *bunker*. Quando Linge se virou para Hitler, este já tinha dado meia-volta, tentando chegar o mais rápido possível aos seus aposentos. Ao chegar lá, caiu totalmente sem forças numa poltrona. Seus olhos refletiam puro medo. Respirando pesadamente, ele disse a Linge:

— Pensei muito sobre o assunto. Vou me matar com *Fräulein* Braun aqui no *bunker*, não no jardim. Arrume lençóis para embrulhar nossos corpos, levá-los ao parque e queimá-los.

Linge deixou alguns lençóis na ante-sala e no dormitório de Hitler.

Entre dez e onze horas, chegou um telegrama de Wenck. Ele informou que as primeiras divisões do seu exército tinham chegado a Ferch, no lago de Schwielow, 10 a 12 quilômetros ao oeste de Potsdam. A notícia espalhou-se rapidamente em todo o *bunker*. Por toda parte ouviam-se vozes alegres e risadas. Mapas de Berlim e arredores foram abertos para descobrir a distância entre Potsdam e Berlim. Um batia nos ombros do outro. Todos esperavam que o Exército de Wenck se juntasse à divisão de Reymann em Potsdam. Dali até Berlim eram apenas vinte quilômetros.

Como sempre nessas situações, cada um dizia aquilo que todos queriam ouvir:

— Hoje à noite Wenck estará em Berlim.

Muitos fizeram apostas sobre se Wenck alcançaria a Chancelaria do Reich antes do cair da noite. Bebeu-se muito conhaque.

Goebbels saiu do escritório de Hitler e foi até seus aposentos, onde o esperava Naumann.

— O Exército de Wenck está se aproximando e vai nos libertar! Preciso anunciar isso por toda parte! — gritou Goebbels para Naumann, e começou imediatamente a redigir o texto de um panfleto.

O jornal *Der Bär* já não era impresso. O panfleto devia reproduzir o conteúdo do telegrama de Wenck com sua assinatura. Além disso, havia os “recheios” de Goebbels. Com palavras mentirosas e usando clichês, ele conclamou a população a resistir. Escreveu que Wenck já estava diante dos portões de Berlim e que a hora da libertação da capital do Reich se aproximava.

Impacientes, os moradores do *bunker* aguardaram novas notícias de Wenck, inclusive Hitler. Ele andava de um lado para o outro e mandava a toda hora perguntar a Krebs onde estava Wenck. Na ante-sala estavam Below, Günsche e Johannmeyer. Tentavam avaliar a situação com objetividade.

No *front* oriental, os alemães haviam tido uma derrota atrás da outra contra os russos. Embora houvesse efetivos enormes e quase todos os equipamentos bélicos alemães, embora houvesse poderosas construções fortificadas ao longo do Dnieper, do Vístula, da fronteira da Prússia oriental, do Narew e do rio Oder, as tropas alemãs recuavam cada vez mais para o oeste, diante dos golpes dos russos em pesados combates. Pouco provável que o Exército de Wenck conseguisse deter essa avalanche russa!

Como a comunicação por telégrafo caía a toda hora, somente chegavam fragmentos de notícias de Wenck. Apenas à noite o quadro ficou mais claro. O ataque de Wenck tinha sido detido. Seu exército estava encurralado ao noroeste de Potsdam.

As tropas russas atacaram o Exército de Wenck, encurralaram em seus flancos Michendorf e Beelitz, obrigaram-nos a defender-se e os rechaçaram em alguns trechos.

Às 12h30, reuniram-se na ante-sala: Krebs, Burgdorf, Weidling, Johannmeyer, Loringhoven e Günsche. Poucos minutos depois veio Hitler, seguido de Bormann. Estava decaindo a cada dia que passava. Movimentava as pernas apenas com muito esforço. Nem notava mais quando fumavam em sua presença. Seu aperto de mão era frouxo. Quando Hitler se sentou em sua poltrona, vieram Lorenz, Goebbels e Naumann, que também tinham passado a participar das reuniões.

Krebs não tinha notícias novas de Wenck. Pediu permissão a Hitler para dar ordens ao 9º Exército de Busse, envolvido em pesados combates contra os russos ao oeste de Frankfurt/Oder, para avançar até Berlim. Mas Hitler mandou que o 9º Exército se juntasse ao Exército de Wenck para, juntos, explodirem o cerco em torno de Berlim. Os presentes trocaram olhares de surpresa. Hitler estava pedindo que o 9º Exército, encurralado havia mais de uma semana por tropas russas, sálse lutando até se encontrar com o Exército de Wenck! Seus soldados somente conseguiriam sair do cerco se deixassem todos os equipamentos pesados para trás, e isso se ainda tivessem condições. Mas, com isso, sua capacidade de lutar cairia para zero. Era com esses soldados que Hitler queria reforçar o ataque do Exército de Wenck!

Depois de Krebs, foi a vez de Weidling. Ele relatou que já não havia esperança para a situação de Berlim. Todos os subúrbios e as periferias de Berlim estavam ocupados por tropas russas. A defesa externa tinha recuado em vários trechos para o anel interno de fortificação.

Nos preparativos da defesa de Berlim, dois anéis de fortificação tinham sido idealizados. O externo corria ao longo dos limites da cidade, o interno em torno do centro. Nos parques Tiergarten, Humboldthain e Friedrichshain, foram erigidas posições de fogo poderosas. Além disso, havia baterias de defesa antiaérea no edifício Schell, na margem chamada Tirpitzufer. Tinham uma importante função para a defesa do anel interno de fortificação e foram utilizadas quase exclusivamente para combates em solo.

Weidling informou ainda que, na parte nordeste da cidade, as tropas russas haviam avançado até a Alexanderplatz, ao norte, até a estação de trens suburbanos de Wedding, ao leste, até Lichterfelde e Zehlendorf, em direção de Steglitz, Wilmersdorf, Friedenau e Halensee. Em seguida, Weidling relatou

como eram violentos os enfrentamentos em Berlim. Pelos ares, nas ruas, nas galerias do metrô e nos porões das casas berlinenses, estavam sendo travados combates ferrenhos. Soldados, polícia, membros do movimento “Volkssturm” e da Juventude Hitlerista — todos estavam sendo jogados na luta. Desde que os combates tinham chegado ao centro da cidade, as tropas russas podiam usar os túneis do metrô para atacar pelas costas unidades alemãs, o que levava a situações críticas.

Hitler, que escutara a apresentação de Weidling calmo e apático, ordenou com a expressão impassível que se abrissem as eclusas do rio Spree para que as águas invadissem as galerias do metrô e as tornassem intransitáveis. Alguém respondeu a Hitler que milhares de moradores de Berlim e soldados feridos tinham se abrigado nas galerias do metrô e morreriam afogados se as eclusas fossem abertas. Mas isso não causou a menor impressão em Hitler.³⁶

Depois que Weidling saiu, Hitler chamou Mohnke. O anel de defesa do grupo de Mohnke em torno do distrito governamental também estava sendo atacado em vários trechos por tanques russos. Eles avançavam principalmente em direção às pontes do rio Spree, na margem Tierpitzufer e na Potsdamer Strasse, no Hallesches Tor e em Lustgarten. Hitler mandou que Mohnke explodisse as pontes do rio Spree.

Depois do almoço, Axmann reuniu-se com Hitler. Como as unidades da Juventude Hitlerista já estavam encurraladas nas pontes Pichelsdorfer dos dois lados da Heerstrasse e no Estádio Olímpico pelos russos, Axmann tinha-se alojado no *bunker* da Chancelaria do Partido, na Wilhelmstrasse, e vinha ver Hitler diariamente. Veio na companhia de um garoto franzino de 13 anos e informou Hitler de que este tinha detonado um T-34 russo com uma Panzerfaust. O garoto estava metido em um uniforme grande demais para ele, do Afrika-Korps alemão. Hitler recebeu-o como se fosse um general e condecorou-o, com gestos pomposos, com a Cruz de Ferro. Patético, Axmann exclamou:

— *Mein Führer*, pode confiar em seus garotos!

Hitler ergueu seu braço para a saudação fascista e mandou aquela criança de volta para o inferno da guerra, para que continuasse lutando de forma tão valente. Depois disso, saiu da sala, arrastando os pés.

Por volta das 21 horas, Weidling voltou para informar Hitler sobre a situação em Berlim. Na ante-sala, contou a Burgdorf, Krebs, Johannmeyer e Günsche que tinha levado meia hora para o percurso de carro de seu comando na Bendlerstrasse até a Chancelaria do Reich, que normalmente demorava de três a quatro minutos. As ruas estavam cheias de minas e repletas de escombros. Os cabos dos bondes rompiam, pendiam para baixo. Acrescentava-se a isso o fogo contínuo da artilharia russa e os ataques dos bombardeiros russos.

Hitler entrou na ante-sala com os lábios apertados. Seguiram-se Bormann e Goebbels. Hitler cumprimentou Weidling e foi até a sala de reuniões. Pouco depois, vieram Naumann, Axmann e o vice-*Gauleiter* de Berlim, Schach, os quais naqueles últimos dias também participaram das reuniões. Weidling fez sua apresentação. Informou mais uma vez sobre as pesadas lutas em todos os subúrbios de Berlim. Descreveu a situação terrível da população berlinense. Havia mais de uma semana, a população estava abrigada em porões ou nas estações de metrô sem ter o que comer ou beber. Ambulatórios e hospitais estavam repletos de soldados e civis. Como os russos tinham ocupado o porto no rio Spree, onde ficavam os principais armazéns de alimentos para abastecer a população de Berlim, só restavam reservas para um ou dois dias.

Krebs informou que os russos tinham rechaçado definitivamente o Exército de Wenck e que nem era o caso de pensar em mandá-lo para defender Berlim. Por isso, a queda de Berlim era uma questão de poucos dias. Weidling pediu a Hitler que se decidisse a romper com o que ainda restava da guarnição de Berlim para o sudoeste, em direção a Potsdam, onde estava o Exército de Wenck.

— Juro pela minha vida, *mein Führer*, que vou tirá-lo são e salvo de Berlim. Assim podemos proteger a capital do Reich e sua população da destruição definitiva!

Silêncio mortal na sala. Todos olharam para Hitler, cheios de esperança. Mas ele apenas sussurrou entre dentes:

— *Nein!*

Weidling tentou mais uma vez convencer Hitler, explicando a ele o plano. Propôs que Hitler fosse levado em um tanque pesado do tipo Tigre, o qual, escoltado por outros tanques blindados, o levaria para fora de Berlim. Mas Hitler retrucou:

— Weidling, minha decisão é irrevogável. Ficarei em Berlim.

Dito isso, deixou a sala.

Naquela noite, dois ordenanças da SS comemoraram seu casamento no velho *bunker*. Por volta das 19 horas, aconteceram as bodas dos dois casais na sala de estar do velho *bunker*, onde ficava a guarda pessoal de Hitler. A cerimônia fora organizada pelo secretário-geral do Ministério da Propaganda, SS-*Brigadeführer* Werner Naumann. Linge e Schädle eram padrinhos. Ambos usavam capacete de aço e uma pistola no coldre. Os convidados eram os ajudantes de Hitler, os oficiais de sua guarda pessoal e de seu serviço de segurança, bem como os ordenanças da SS. Naumann, que também usava capacete de aço, declarou solenemente que o matrimônio estava sendo contraído em um momento memorável em Berlim, sob a chuva do tiroteio da artilharia russa, mas que a libertação da capital estava próxima e que os jovens casais tinham muitos anos de felicidade diante de si.

Depois do casamento, Linge ofereceu um jantar no *bunker* velho para os recém-casados.

Pelos corredores do mesmo *bunker* velho onde os convidados jantavam, Krebs, Bormann e Burgdorf correram apressadamente para o *bunker* de Hitler, voltando rapidamente vinte minutos depois. Eles contaram que os russos tinham paralisado definitivamente o Exército de Wenck. Uma total falta de esperança se disseminou. Linge foi rapidamente ao *bunker* de Hitler para ver o que este estava fazendo. Viu como errava com o olhar ausente pelos corredores, olhando para o chão, cabisbaixo. Hitler nem notou Linge, até que este o abordou para informar que dois ordenanças estavam se casando no *bunker* velho. Perguntou a Hitler se ele não queria felicitar os casais. Hitler fez que sim com a cabeça. Linge voltou e buscou os dois jovens casais, bem como a mãe de um dos noivos, até o corredor que ligava o *bunker* velho ao novo. Hitler já estava lá. Cumprimentou os recém-casados com um aperto de mão frouxo e disse:

— Desejo-lhes tudo de bom, meus filhos.

Dito isso, retirou-se.

Depois desse cumprimento, o ânimo entre os convidados caiu ainda mais. Principalmente as mulheres ficaram aterradas com a aparência de Hitler. Ficaram quietas e pensativas. Linge mandou trazer champanhe e conhaque. O

casamento virou uma grande bebedeira. O álcool voltou a levantar os ânimos. Dançou-se e comemorou-se até a manhã seguinte.

Naquela manhã, interceptou-se a notícia de uma rádio estrangeira — segundo as lembranças, uma rádio sueca. A notícia dizia que Himmler estaria negociando a assinatura de uma paz em separado com os ingleses e os americanos por intermédio do conde sueco Bernadotte. Lorenz levou a notícia a Hitler. Este mandou convocar imediatamente Bormann e Hewel. No mesmo dia, soube-se das condições para essas negociações: Hitler seria destituído, Himmler iria para o seu lugar, a luta contra a Rússia Soviética continuaria com o apoio da Inglaterra e da América. Himmler queria derrubar Hitler à força. Assim também ficou evidente por que Himmler detivera o ataque do Exército de Steiner. Ele queria reservá-lo para o caso de uma paz em separado com os anglo-americanos. Sob a pressão das tropas russas, o Exército de Steiner recuou para o oeste naqueles dias da queda de Berlim, sendo preso pelos anglo-americanos.

A notícia das negociações de Himmler com Bernadotte desencadeou um acesso horrível de raiva em Hitler. Ele berrava:

— Derrubar-me não vai ser tão fácil assim!

Imediatamente, ele destituiu Himmler de todos os seus cargos e o excluiu do Partido. Bormann, que era muito amigo de Himmler há vários anos, disse a Günsche, com a voz chorosa:

— Também o destino não poupa o *Führer* de nada. Primeiro Göring, agora Himmler...

Algum tempo depois, Hitler mandou chamar Fegelein. Mas ninguém conseguia encontrá-lo, nem no *bunker* da Nova Chancelaria do Reich, nem no *bunker* de Hitler. Os poucos que ainda estavam com Hitler suspeitaram logo de que Fegelein pudesse ter-se escafedido de Berlim sem pedir permissão. Bormann e Burgdorf, ambos bons amigos do procurado, correram até Günsche e perguntaram-lhe se Fegelein tinha falado a ele sobre os seus planos. Günsche negou.

O Fieseler-Storch que levava Fegelein na véspera para Berlim tinha sido destruído por um tiro certo no eixo leste-oeste. Portanto, ele não poderia ter deixado Berlim de avião. Então, Günsche lembrou-se de que Fegelein ti-

nha um apartamento na Bleibtreustrasse, perto da Kurfürstendamm. À noite, um comando da guarda pessoal de Hitler, sob a chefia do SS-*Obersturmführer* Helmuth Frick, foi enviado para esse endereço. Lá encontraram Fegelein. Estava em trajes civis, completamente bêbado, deitado na cama. Tinha escondido seu uniforme atrás do fogão. Além dele, estava no apartamento um SS-*Obersturmführer* da Divisão de Cavalaria “Florian Geyer”, que Fegelein comandara antes. Também estava totalmente embriagado. Ele disse que servia como oficial especial de Fegelein.

No apartamento havia uma mala cheia de relógios de ouro e outros objetos de valor. Fegelein mostrara-a na véspera a Linge e a outros oficiais da SS no *bunker*, comentando que ela tinha sido encontrada na casa do chefe da Liga de Médicos do Reich (uma associação nacional-socialista), SS-*Obergruppenführer* Dr. Grawitz.³⁷ Este se matara com toda a família em sua mansão quando os russos chegaram a Berlim.

A mando de Hitler, Fegelein e o oficial foram levados ainda naquela noite ao *bunker* da Nova Chancelaria do Reich. Ao ser interrogado, o oficial admitiu imediatamente que Fegelein tinha a intenção de fugir de Berlim. Ele planejava esperar até que os tanques russos tivessem passado pela Bleibtreustrasse e depois evadir-se para o oeste.

Hitler ordenou que, como punição, Fegelein fosse servir no grupo comandado por Mohnke, para “provar sua lealdade em combate”. Bormann transmitiu esta ordem de Hitler a Günsche, incumbindo-o de entregar Fegelein a Mohnke. Günsche ficou estarelecido ao saber que Hitler só iria aplicar essa punição leve ao desertor Fegelein. Havia poucos dias, ele mandara enforcar todo desertor. No peito deveria haver uma placa com os dizeres: “Fui enforcado porque não cumpri a ordem do *Führer*.”³⁸ E agora, ia deixar tão barato para o seu cunhado Fegelein. Günsche respondeu a Bormann que não cumpriria a ordem enquanto não tivesse falado com o *Führer*. Na mesma hora, entrou na sala de Hitler.

Hitler estava com Eva Braun em seu gabinete de trabalho. Ela soluçava muito, e Hitler esforçava-se por acalmá-la. Quando Günsche entrou, ela foi para o quarto. Günsche disse a Hitler que, se Fegelein fosse mandado para o grupo de Mohnke, ele tentaria fugir de qualquer maneira. Tentou convencer Hitler a entregar Fegelein a um tribunal militar, em vez de mandá-lo para o

grupo de Mohnke. Hitler ficou quieto. Ficou claro que ele estava em dúvida e que queria poupar Fegelein por causa de Eva Braun. Mas logo disse, com má vontade:

— Entregue Fegelein a um tribunal, que deve ser dirigido por Mohnke.

Günsche levou imediatamente a ordem a Mohnke. Este foi até Fegelein com vários oficiais da SS. Fegelein tinha colocado o uniforme de general da SS. Mohnke arrancou suas ombreiras. Fegelein não estava usando condecorações.



No dia 28 de abril, obuses soviéticos do tipo Katiusha³⁹ eram lançados contra o distrito governamental e o *bunker*. Do lado de fora era um inferno. Hitler saltou da cama e tocou a campainha para chamar Linge. Quando este entrou, Hitler estava junto à sua mesa de trabalho, todo encolhido, olhando com olhos arregalados para o teto. Mais uma vez, ele perguntou:

— Que calibre é este?

— São os órgãos de Stalin.

Durante as reuniões de estratégia, esse equipamento fora mencionado diversas vezes, sendo que sempre se ressaltava o efeito devastador dos obuses, que atingiam uma área enorme e invariavelmente desencadeavam o pânico entre os soldados alemães. O local onde eram detonados era difícil de ser definido, pois os lançadores eram montados sobre caminhões e trocavam rapidamente de posição, podendo abrir fogo de vários pontos.

Quando Linge mencionou que eram obuses do tipo Katiusha, que os soldados alemães chamavam de “órgãos de Stalin”, Hitler olhou para ele, sem compreender, e perguntou:

— O que quer dizer com órgãos de Stalin? Está se referindo às colunas da Nova Chancelaria do Reich?

Evidentemente, a cabeça de Hitler estava confusa. Naturalmente ele sabia o que eram os “órgãos de Stalin”. Além disso, sua segunda pergunta sobre o calibre das armas não tinha nada a ver. Linge tentou mais uma vez explicar o que eram aqueles equipamentos. Hitler ficou em silêncio.

Por volta das nove horas, Mohnke mandou chamar Günsche ao telefone. Com a voz esganiçada por causa do nervosismo, informou que os russos tinham passado para o ataque na área do Hallesches Tor. Lutas ferrenhas eram travadas na Belle-Alliance-Platz e na esquina da Wilhelmstrasse. Mohnke acrescentou que a comunicação telefônica entre a sua posição de combate e os regimentos de seu grupo tinha sido interrompida. Ele tinha mandado homens para apurar a situação e esperava ter mais detalhes em breve.

Günsche transmitiu o informe de Mohnke a Hitler, mostrando na planta da cidade onde as lutas estavam sendo travadas. Quando Hitler ouviu que os russos estavam se aproximando da Wilhelmstrasse, estremeceu. Seus olhos praticamente ficaram grudados na planta da cidade. Dali até a Chancelaria do Reich eram apenas 1.200 a 1.300 metros. Nervosíssimo, Hitler perguntou se os russos já tinham chegado à Wilhelmstrasse, e quais os efetivos de que Mohnke dispunha na Belle-Alliance-Platz. Andava de lá para cá em seu escritório, para logo depois cair numa poltrona e mandar chamar Mohnke. Este veio logo e informou Hitler de que tinha conseguido deter o ataque dos russos na esquina da Belle-Alliance-Platz com Wilhelmstrasse. Agora eles avançavam na direção das estações Gleisdreieck e Anhalter.

A notícia sobre a proximidade ameaçadora dos russos espalhou-se rapidamente por todo o *bunker*. Por toda parte, havia grupos que conversavam nervosamente. Goebbels ia de um grupo a outro, fazendo perguntas. Perguntou também a Linge:

— Diga-me: a situação é mesmo tão séria assim?

Naquela manhã, o Dr. Stumpfegger foi até o escritório de Hitler e pediu-lhe uma assinatura. Linge estava do seu lado quando ele colocou o papel na mesa. Era um pedido para que o ambulatório no *bunker* da Nova Chancelaria do Reich fornecesse a Stumpfegger, por ordem de Hitler, 12 ampolas de cianureto. Hitler assinou com as mãos trêmulas. As 12 ampolas eram para envenenar Eva Braun, as secretárias Christian e Junge, a nutricionista Manziarly, a secretária de Bormann, *Frau* Krüger, a camareira de Eva Braun, Liesl, os filhos de Goebbels e a cadela de Hitler, Blondi.

Durante o almoço, Hitler foi informado de que suas reservas em alimen-

tos dietéticos tinham acabado e que ele teria de comer sopas vegetarianas, a não ser que quisesse comer o mesmo que todos os outros.

Hitler respondeu:

— Em breve não precisaremos comer mais nada. Pode me dar sopa.

À tarde, informou-se que a situação nos outros distritos de Berlim também estava se deteriorando rapidamente. Como o distrito governamental estava sob intenso tiroteio, Weidling só conseguia percorrer o trajeto de seu comando na Bendlerstrasse até o *bunker* uma vez por dia para fazer seu relatório. Transmitia todas as outras informações novas por telefone para Krebs, que então ia informar Hitler. Mohnke também vinha frequentemente para falar sobre a situação no distrito governamental. Agora, as ameaças à Chancelaria do Reich também vinham da direção da Belle-Alliance-Platz e de Hallesches Tor. Era ali que os russos tinham avançado mais. A segunda maior ameaça vinha da direção do Tiergarten e do Zôo.

Weidling informou que tanques russos tinham avançado dos dois lados da Heerstrasse até a rua Am Knie,⁴⁰ tendo chegado até o eixo leste-oeste. O bairro de Charlottenburg já tinha sido ocupado pelos russos. O cerco ao distrito governamental estava cada vez mais apertado. No *bunker*, ninguém mais falava do Exército de Wenck.

— Quanto tempo agüentaremos ainda? Ainda haverá um jeito de sair de Berlim? — eram as perguntas que passavam por todas as cabeças.

Por volta das 18 horas, Axmann veio falar com Hitler. Na presença de Bormann e Günsche, ele disse ter duzentos membros selecionados da Juventude Hitlerista à disposição, os quais conheciam cada centímetro quadrado de Berlim. Com sua ajuda, poderia tirar Hitler são e salvo de Berlim. Ele, como berlinense nato, também conhecia cada esquina da capital e poderia liderar o grupo. Hitler recusou a oferta de Axmann, assim como fizera com Weidling na véspera. Apertou a mão de Axmann e agradeceu-lhe pela lealdade.

À noite, Bormann informou Linge inesperadamente que Hitler e Eva Braun queriam se casar. A cerimônia deveria realizar-se na sala de reuniões. Ali, até então, apenas se falara sobre as duras batalhas sangrentas por Berlim e as lutas nas ruas de Berlim. Hitler dera a ordem para abrir as eclusas do rio Spree, o que teria trazido a morte a milhares de civis e soldados pacíficos. Ele mandara

enforçar os habitantes de Berlim que mostravam bandeiras brancas e vermelhas em suas janelas aos russos que se aproximavam. E logo esse cômodo deveria servir de cenário para o matrimônio de Hitler e Eva Braun.

Bormann mandou Linge mudar um pouco os móveis. A mesa em que normalmente se abriam os mapas militares foi colocada no centro da sala. Diante dela, quatro poltronas — as duas na frente para Hitler e Eva Braun, as duas atrás para Goebbels e Bormann, como padrinhos. Goebbels chamou um funcionário do Ministério da Propaganda para cumprir as formalidades, que devia se sentar à mesa. Bormann informou Hitler, o qual estava em seu escritório, de que tudo estava pronto.

Hitler e Eva Braun saíram de seus aposentos de mãos dadas e andaram até a sala de reuniões. Hitler caminhava com dificuldade. Seu rosto estava cinzento, o olhar errante, nervoso. Estava com o mesmo paletó amarfanhado com o qual ficava deitado, exibindo a Condecoração Dourada do Partido, a Cruz de Ferro de Primeira Classe e a condecoração de ferido da Primeira Guerra.

Eva Braun, também pálida por causa das noites maldormidas, usava um vestido de seda azul-marinho com uma capa de pele cinzenta por cima.

Goebbels e Bormann aguardavam os noivos na ante-sala. O último colocara o uniforme cinzento de SS-*Obergruppenführer*, enquanto Goebbels trajava o uniforme marrom do Partido. Na ante-sala, Hitler e Eva Braun cumprimentaram o funcionário, que se sentou à mesa. Em seguida, instalaram-se nas duas poltronas da frente. Bormann e Goebbels também foram até os lugares determinados para eles. A porta foi fechada. A cerimônia não durou mais do que dez minutos. Bormann voltou a abrir a porta quando Hitler e Eva Braun assinaram a certidão de casamento. Hitler beijou a mão de Eva Braun, agora sua legítima esposa.

Ele mandou pôr a mesa do seu escritório para um “chá de casamento”, para o qual também foram convidados Goebbels e sua mulher, Bormann e as secretárias Christian e Junge.

Ao mesmo tempo que Hitler se casava com Eva Braun, outra cerimônia acontecia no *bunker* da Nova Chancelaria do Reich: o julgamento de Fegelein. O presidente do julgamento era Mohnke, assistido pelos oficiais de seu grupo

de combate: SS-*Obersturmbannführer* Krause, *Sturmabführer* Kaschula e outros. Mohnke e seus oficiais condenaram Fegelein à morte.

Ainda naquela noite, Fegelein foi conduzido para fora do *bunker* da Nova Chancelaria do Reich sob o pretexto de que Hitler queria vê-lo. No caminho, um funcionário do serviço de segurança (SD) matou-o com um tiro nas costas.

Quando terminou o “chá de casamento”, na noite de 28 de abril, Hitler chamou sua secretária, *Frau* Junge, para o seu escritório. Ditou-lhe o seu testamento. Ela datilografou-o junto com a secretária de Bormann, *Frau* Krüger, na sala de estar do *bunker*. Hitler revisou o texto várias vezes, até a versão definitiva ficar pronta em três cópias.

No testamento, Hitler afirma que nunca quis a guerra e que dedicou toda a sua vida ao povo alemão. Ele definiu a composição do novo governo. Determinou que o seu sucessor — não como “*Führer*”, mas enquanto presidente — seria o grão-almirante Dönitz. Goebbels deveria assumir o cargo de chanceler do Reich, o do ministro do Exterior caberia ao conde Schwerin von Krosigk, o de ministro do Interior, ao *Gauleiter* da Alta Baviera, Giesler, e o de comandante das Forças Armadas, a Schörner. Bormann continuaria sendo o líder do Partido Nazista.⁴¹

Por ordem de Hitler, seu ajudante militar Johannmeyer deveria levar um exemplar do testamento para Schörner na Tchecoslováquia. O *Obersturmbannführer* Lorenz foi incumbido de levar o segundo exemplar para Dönitz, no estado de Schleswig-Holstein. A terceira cópia deveria ser levada pelo assessor de Bormann, *Standartenführer* Zander, para Giesler, no lago Tegern, na Alta Baviera. Johannmeyer, Lorenz e Zander se despediram naquela mesma noite de Hitler, que lhes informou que receberiam o testamento na manhã do dia seguinte, 29 de abril, das mãos de Bormann.

Naquele dia, Johannmeyer, Lorenz e Zander foram se encontrar com Bormann às quatro da manhã. Junto com Günsche, ele os aguardava no *hall* da sala de reuniões no *bunker* de Hitler. Os três estavam vestidos com roupa de camuflagem, usavam capacete de aço e estavam armados com metralhadoras. Bormann deu a cada um deles um envelope branco com o lacre do “*Führer*”, contendo o testamento de Hitler. O objetivo era que eles transpusessem as linhas russas. O comandante de Berlim, Weidling, bem como Mohnke, receberam ordem de deixarem passá-los sem obstáculos nas posições alemãs.

Às cinco da manhã, fez-se o silêncio no *bunker*. Só se ouvia o ruído monótono da ventilação e o ronronar do motor a diesel na casa de máquinas. Günsche sentou-se em uma poltrona. Pouco depois, a calma acabou. Ruidosamente, Bormann, Burgdorf e Krebs adentraram a ante-sala. Os três estavam bastante ébrios. Bormann estava com uma garrafa de conhaque na mão e encheu logo vários copos de uma vez. Com forte soluço, ele disse a Burgdorf:

— No caso de os russos me pegarem vivo, já tenho a minha pílula.

Com movimentos bruscos, ele tirou um vidrinho de três a quatro centímetros do bolso, desenroscou a tampa e mostrou a Burgdorf uma cápsula de vidro redonda com cianureto verde.⁴² Gemendo, os três caíram nas poltronas, e pouco depois roncavam em alto e bom som.

Às seis da manhã, recomeçou repentinamente o fogo da artilharia russa e dos lançadores de minas. Balas de todos os calibres caíam sobre a Chancelaria do Reich, explodindo com grande barulho na camada de concreto sobre o *bunker*.

Hitler levantou-se e foi correndo até os aposentos de Goebbels. Lá encontrou também a mulher dele, que acabava de vir do *bunker* velho, onde estava alojada com seus filhos. *Frau* Goebbels chorava muito e mal conseguia manter-se em pé.

Poucos minutos depois, chegou o oficial de plantão da guarda pessoal de Hitler, encontrou Linge e comunicou a ordem de Hitler para que levasse sua Condecoração Dourada do Partido ao quarto de Goebbels. Linge tirou a medalha do casaco de Hitler e entregou-a a ele. Hitler deu sua própria condecoração a *Frau* Goebbels, dizendo que ele a agradeciava pelo seu “comportamento corajoso”.

Por volta das dez, o tiroteio russo deslocou-se com mais intensidade em direção de Friedrichstrasse/Unter den Linden. Mohnke ligou para Günsche e informou que tanques russos haviam avançado na Wilhelmstrasse e na Anhalter Bahnhof.

Günsche informou isso a Hitler, este sentado com Eva Braun, Goebbels e Bormann no banco da ante-sala. Todos emudeceram, entreolhando-se em silêncio. Ninguém falava uma palavra sequer. Hitler mandou chamar Mohnke, mas nem o deixou falar. Perguntou logo quanto tempo ele ainda conseguiria resistir. Depois de alguma hesitação, Mohnke respondeu que ainda consegui-

ria resistir um dia. Ele ainda não tinha saído do *bunker* quando novas más notícias chegaram:

— Os russos passaram para o ataque dos dois lados do eixo leste-oeste.

Pouco depois:

— Tanques russos estão na Escola Técnica!

Hitler deitou-se de roupa, mas não conseguiu adormecer. Volta e meia saía, indagando por notícias, mandava convocar Mohnke, falava com Krebs e Burgdorf e voltava a recolher-se. À tarde, mais uma notícia:

— Os russos estão tentando atingir a Chancelaria do Reich, utilizando as galerias do metrô.

Hitler, Eva Braun, Goebbels, Bormann e as secretárias reuniram-se na ante-sala. Hitler brincava com Wolf para esconder seu nervosismo. Bormann tomava aguardente. Goebbels, que tinha ficado com os cabelos completamente brancos naqueles dias, fumava sem parar, olhando para o nada. Eva Braun trocava algumas palavras aos sussurros com as secretárias.

De repente, um grito desesperado no corredor:

— Os russos estão atirando com metralhadoras na porta de emergência!

— Atiradores de elite russos estão nos telhados dos ministérios em volta!

Todos saltaram de seus assentos. Os homens da SS da guarda pessoal de Hitler e do serviço de segurança corriam de capacete de aço pela ante-sala até a saída de emergência.

O nervosismo no *bunker* chegou ao ápice. O clima só se acalmou no final da tarde. Às vinte horas, chegaram Weidling e Mohnke para o relatório. Seus informes eram brevíssimos, uma vez que os combates em Berlim agora eram travados em uma área mais limitada e as linhas de defesa alemãs só tinham alguns poucos quilômetros.

Depois que Weidling e Mohnke tinham partido, Hitler chamou Axmann, o qual se mudara naquele dia para o *bunker* da Nova Chancelaria do Reich. Junto com Bormann, Goebbels e Günsche, ele os condecorou com a Ordem Alemã de Segunda Classe, com a qual eram agraciados apenas os mais altos funcionários do Partido Nacional-Socialista — e isso muito raramente —, bem como a Cruz de Ferro de Primeira Classe.⁴³ Hitler disse a Axmann que ele era um dos poucos leais a ele.

À meia-noite, Hitler atravessou o corredor subterrâneo até o *bunker* velho. Ali, Mohnke e Günsche tinham mandado que as secretárias e datilógrafas de Hitler e do comando de Mohnke esperassem enfileiradas. Hitler deu a mão a cada uma delas e disse baixinho:

— Obrigado, meninas.

Nos cômodos vizinhos ouviram-se vozes embriagadas. Günsche explicou a Hitler que Rattenhuber (o chefe do serviço de segurança do Reich) estava comemorando seu aniversário. Nisso, Rattenhuber lançou-se sobre Hitler, tomou suas mãos e começou a beijá-las. Hitler cumprimentou Rattenhuber monossilabicamente pelo aniversário e arrastou-se de volta até os seus aposentos.

A noite passou à espera da chegada dos russos. Todos tomaram bastante álcool. Depois da meia-noite, o tiroteio cedeu um pouco.

No corredor do *bunker* estavam o professor Haase e o adestrador de cães de Hitler, o primeiro-sargento Tornow. Haase estava com uma ampola de cianureto e um alicate nas mãos. Ele recebera ordens de Hitler de envenenar Blondi. Hitler quis testar a eficácia do veneno na cadela. À meia-noite, a cadela foi envenenada no banheiro. Tornow abriu seu focinho e Haase abriu a ampola de veneno com o alicate. O cianureto teve efeito imediato. Pouco depois, Hitler foi até o banheiro para se certificar de que Blondi realmente tinha morrido. Não falou nenhuma palavra e não moveu nenhum músculo no rosto. Um minuto depois, voltou para o seu escritório.

Na sala dos telefonistas estavam Mohnke e Günsche. Em silêncio, tomavam café forte com conhaque, imersos em seus pensamentos.

Os russos tinham-se aproximado vindos do Zôo para o Tiergarten. Tanques russos tinham chegado ao Reichstag. Na Prinz-Albrecht-Strasse, entre Anhalter Bahnhof e Potsdamer Platz, estavam a trezentos metros da Chancelaria do Reich. Batalhas eram travadas ainda na Friedrichstrasse, na Prinzensstrasse e no Spittelmarkt. Essa era a situação ao redor da Chancelaria do Reich na noite de 29 de abril. Até o dia seguinte, tudo teria de ser decidido.

O que Hitler espera ainda?, perguntou-se Günsche. Ele lembrou como Hitler, havia um ano e meio, falara com seus marechais-de-campo e generais:

— Quando bater a última hora da Alemanha, espero que os senhores, meus marechais-do-campo, lutem nas barricadas comigo com a espada em punho.⁴⁴

Tudo palavras vazias. Hitler era covarde demais até mesmo para olhar para fora de seu *bunker*. Agarrava-se às poucas horas que o destino lhe deixava, sempre com medo de que os russos pudessem estar penetrando em seu *bunker*.

Considerando o fiasco no *front* oriental, Hitler e seus generais estavam todos desamparados. Durante toda a guerra, os generais tinham feito de tudo para manter o beneplácito de Hitler. Salamaleques e adulações, somente informes positivos sobre a situação no *front*, nada de contrariá-lo. Todos os dias, a mesma cantilena: “*Jawohl, mein Führer!*”, “Naturalmente, *mein Führer!*”, “Às ordens, *mein Führer!*”, “Pode confiar em mim, *mein Führer!*”

Alegres e agradecidos, recebiam das mãos de Hitler condecorações e outros agrados, mas não lhe trouxeram a vitória sobre os russos.

O marechal-de-campo Manstein, que outrora saltara da cadeira durante as palavras finais de um discurso de Hitler e gritara: “O *Führer* ordena, nós o seguiremos!”, não teve nenhum problema em aceitar a condecoração militar máxima, as folhas de carvalho com adagas para a Cruz de Cavaleiro, e um aumento de sua diária em 4 mil marcos. Ele retirou-se com sua família para o seu sítio quando Hitler o substituiu no cargo de comandante do Grupo do Exército do Sul no verão de 1944 por causa de pesados fracassos na Ucrânia e na Criméia.

Na porta da sala dos telefonistas, apareceu o corpo franzino de Goebbels. Lentamente e mancando pesadamente, ele aproximou-se de Mohnke e Günsche e ofereceu-lhes cigarros. Ele estava quieto e quase não falava mais. Poucos dias antes, ele ainda mentira aos berlinenses, conclamando-os a continuar com a resistência sem sentido. Agora perguntava baixinho, com a voz perturbada:

— O que acham, meus senhores, posso dormir tranqüilo esta noite? Ou será que os russos já estão chegando?

Até mesmo naquela noite de 29 de abril, Hitler não abriu mão de seu hábito de esticar o chá noturno até de madrugada. Naquela noite, Eva Braun, agora *Frau* Hitler, *Frau* Christian, *Frau* Junge e *Fräulein* Manziarly fizeram-lhe companhia. Foi a última noite de chá de Hitler. Por volta das cinco da madrugada, as secretárias e *Fräulein* Manziarly deixaram o escritório com a cara triste. *Frau* Junge disse a Günsche que Hitler pretendia matar-se naquele dia, uma vez que os russos penetrariam no *bunker* a qualquer momento.

Hitler despedira-se delas definitivamente. Eva Braun também lhes dissera adeus, pois também pretendia matar-se. *Frau Junge* contou que Eva Braun a presenteara com vários objetos de valor — vestidos e a capa de pele que ela usara em seu casamento. Além disso, dera-lhe a pequena pistola que ganhara de presente de Hitler. *Frau Junge* entregou-a a Günsche.

O restante da noite passou-se na expectativa dos russos. Uma certeza da morte espalhou-se. Bormann, Burgdorf, Krebs, Hewel e Voss estavam deitados nas poltronas da ante-sala. As secretárias pernoitaram em colchões na sala de reunião. Todos os demais deitaram-se de roupa, as pistolas engatilhadas a seu lado.



Às oito da manhã de 30 de abril, Hitler ditou a Bormann, em seu escritório, a ordem ao grupo de Mohnke para sair do distrito governamental. Depois do suicídio de Hitler, essa unidade deveria tentar escapar de Berlim em pequenos grupos para juntar-se às tropas alemãs que ainda estavam lutando. A ordem foi datilografada no papel timbrado do *Führer* pela secretária de Bormann, *Fräulein* Krüger, e assinada por Hitler. Por volta das dez, Hitler chamou Mohnke. Quando este saiu do escritório, mostrou a Linge, radiante, a ordem assinada por Hitler.

Já de madrugada, o tiroteio infernal da artilharia russa sobre a Chancelaria do Reich recomeçara. Perdurou o dia inteiro e soava como um trovão pesado sem intervalos.

Por volta das 14 horas, Bormann saiu pálido e perturbado do escritório de Hitler para a ante-sala. Aproximou-se de Günsche e cochichou em seu ouvido, nervoso:

— Que bom que o senhor está aqui. Ia mandar chamá-lo agora mesmo.

Quase sem voz, ele informou Günsche de que Hitler e Eva Braun pretendiam pôr fim às suas vidas ainda naquele dia. Seus corpos deveriam ser encharcados com gasolina e queimados no jardim da Chancelaria do Reich, segundo ordem categórica de Hitler. Os cadáveres deles não deveriam de forma alguma cair nas mãos dos russos.

Então é esse o fim — regar o *Führer* com gasolina e atear fogo, pensou

Günsche, e estremeceu. Na verdade, a notícia de Bormann não deveria impressioná-lo tanto. Afinal, era assim que o fim teria que ser. Hitler não tinha nem a força nem a coragem de morrer a morte de soldado que ele exigira até seus últimos dias dos oficiais e soldados alemães, até mesmo de mulheres e crianças. Escondido atrás dos grossos muros de seu *bunker*, ele se esforçara pateticamente a postergar o máximo possível a sentença do destino. Somente quando os russos estavam batendo à sua porta ele buscou o suicídio indigno, ordenando antes que seu cadáver fosse incinerado.

Bormann pediu que Günsche providenciasse gasolina e a deixasse no alto da escada, junto à saída de emergência, para a incineração dos cadáveres.

— Nós, os leais seguidores do *Führer*, que permanecemos junto dele até o fim, vamos prestar-lhe também esse último serviço — declarou Bormann com hipocrisia.

Com andar arrastado, ele deixou a ante-sala. Günsche ficou a sós. Ele ligou para Mohnke e pediu que viesse até o *bunker* de Hitler. Poucos minutos depois, Rattenhuber, Baur e Betz adentraram a ante-sala, nervosos e agitados. Tinham acabado de encontrar Bormann e souberam dele que Hitler queria pôr fim à sua vida. Começaram a atacar Günsche com perguntas. Günsche estava prestes a responder quando a porta se abriu e Hitler saiu. Rattenhuber, Baur, Günsche e Betz jogaram os braços para o alto para fazer a saudação nazista. Hitler não reagiu, apenas pediu, com a voz cansada, que se aproximassem. Betz ficou mais afastado. Hitler se virou para ele:

— Aproxime-se também, pode escutar.

Os olhos de Hitler, outrora faiscantes, estavam apagados. O rosto estava cor de terra. Ele tinha olheiras escuras. O tremor de sua mão esquerda parecia ter se estendido para a cabeça e o corpo. Disse, de forma quase inaudível:

— Mande-me queimarem após a minha morte. Cuidem para que essa ordem seja cumprida fielmente. Não quero que meu corpo seja levado para Moscou e exibido em praça pública num panóptico.

Com visível esforço, Hitler insinuou um gesto de adeus com o braço direito e se virou. Baur e Rattenhuber soltaram um grito. Rattenhuber tentou agarrar a mão de Hitler, mas ele recuou e desapareceu atrás da porta de seu gabinete de trabalho.

Mecanicamente, mas com muita pressa, Günsche pôs-se a cumprir a ordem de Hitler e Bormann para incinerar os cadáveres do *Führer* e de Eva Braun. Ele ligou para Kempka, motorista de Hitler, que morava no *bunker* na Hermann-Göring-Strasse, ao lado da garagem da Chancelaria do Reich, e ordenou-lhe que levasse imediatamente dez galões de gasolina para o *bunker* do *Führer*, deixando-os à disposição na saída de emergência para o jardim.

Depois disso, Günsche informou Kempka sobre a intenção de Hitler de se suicidar. Então, Günsche pediu aos homens da SS da *Leibwache* e do Serviço de Segurança no pequeno cômodo na saída de emergência que saíssem dali e fossem para outro local. Ele também mandou que as sentinelas da porta blindada diante da saída de emergência voltassem ao *bunker*. Só deixou um único homem — o suboficial da SS Hofbeck — na saída de emergência, com ordens estritas de não deixar passar ninguém. Em seguida, Günsche foi até o corredor do *bunker* e se posicionou na porta da ante-sala para aguardar o tiro fatal. Eram 15h10.

Pouco depois, Eva Braun saiu do gabinete de Hitler para a ante-sala. Triste, ofereceu a mão a Linge e disse:

— Adeus, Linge. Faço votos de que consiga deixar Berlim. Caso encontre minha irmã Gretl, não lhe conte qual foi o fim do seu marido.

Em seguida, ela foi até a esposa de Goebbels, que estava no quarto do marido. Poucos minutos depois, Eva Braun saiu do quarto de Goebbels e foi até a central telefônica onde estava Günsche. Pediu a ele:

— Diga ao *Führer* que *Frau* Goebbels gostaria de vê-lo mais uma vez.

Günsche andou até o gabinete de Hitler. Como Linge não estava à vista, ele mesmo bateu à porta e entrou. Hitler estava junto à mesa. Quando viu Günsche entrando tão despercebidamente, levou um susto.

— O que foi agora? — grunhiu, mal-humorado.

Günsche informou:

— *Mein Führer*, sua esposa manda dizer que *Frau* Goebbels gostaria de vê-lo mais uma vez. Ela se encontra em seu quarto junto com a sua esposa.

Hitler pensou um pouco e foi até os aposentos de Goebbels. Às 15h40, Linge foi até a central telefônica, onde Krüger, um dos criados de Hitler, estava com uma sentinela. Ao lado, na sala de estar diante do quarto de Goebbels,

estavam Hitler e o próprio Goebbels, que deveria estar tentando pela última vez convencer o *Führer* a deixar Berlim.

Mas Hitler retrucou com um tom histérico:

— Não, doutor! Você conhece a minha decisão. Ela é irrevogável.

Hitler foi ao quarto de Goebbels, onde estavam *Frau* Goebbels e Eva Braun, e se despediu de *Frau* Goebbels. Em seguida, voltou aos seus aposentos. Linge e Krüger o seguiram. Na porta do escritório, Linge pediu para se despedir de Hitler. Este lhe respondeu, exausto e passivo:

— Dei ordens para romper o cerco. Tente chegar até o oeste com um pequeno grupo.

Linge perguntou:

— *Mein Führer*, para quem devemos romper o cerco agora?

Hitler se virou para Linge, contemplou-o durante um instante em silêncio e proclamou pateticamente:

— Para o próximo homem!

Ele se despediu de Linge e Krüger com um fraco aperto de mão e levantou o braço direito. Linge e Krüger assumiram posição e jogaram o braço para o alto, a fim de fazer a última saudação para Hitler. Depois, fecharam a porta para o seu gabinete e correram juntos até o *bunker* velho.

— Só não quero ver nem ouvir nada! — gritou Linge para Krüger, enquanto corriam.

Eva Braun deixou transcorrer mais dois ou três minutos antes de deixar o quarto de Goebbels. Com passos lentos, dirigiu-se ao gabinete de Hitler. Poucos minutos depois, saiu Goebbels e rumou até a sala de reuniões, onde estavam também Bormann, Krebs, Burgdorf, Naumann, Rattenhuber e Axmann.

Depois de alguns minutos, Linge voltou ao *bunker* de Hitler. Diante da porta blindada aberta para a ante-sala estavam Günsche e o SS-*Obersturmführer* Frick. O relógio marcava poucos minutos para as quatro. Quando Linge passou por Günsche, observou:

— Acho que tudo já acabou.

Ele entrou rapidamente na ante-sala. O cheiro de pólvora penetrou em suas narinas. Linge voltou à sala de reuniões, onde topou inesperadamente com Bormann. Ele estava em pé junto à porta, de cabeça baixa, apoiando-se com o

braço na mesa. Linge comunicou a Bormann que havia cheiro de pólvora na ante-sala de Hitler. Bormann se ergueu e, junto com Linge, correu até o escritório de Hitler. Linge abriu a porta e entrou junto com Bormann. O quadro era o seguinte. Hitler estava no sofá, à esquerda, morto. A seu lado, Eva Braun, também morta. Na têmpora direita de Hitler havia um buraco de tiro do tamanho de uma moeda. Dois filetes de sangue escorriam de suas bochechas. No tapete ao lado do sofá se formara uma poça de sangue do diâmetro de um prato. Parede e sofá estavam respingados de sangue. A mão direita de Hitler repousava em seu joelho com a palma virada para cima; a esquerda pendia para baixo, ao lado do corpo. Ao lado do pé direito de Hitler havia uma pistola Walther calibre 7,65 mm, ao lado do pé esquerdo, uma de calibre 6,35 mm. Hitler usava seu sobretudo cinza com o distintivo dourado do Partido, a Cruz de Ferro de Primeira Classe e o distintivo de ferido de guerra da Primeira Guerra Mundial — como sempre fizera naqueles últimos dias. Além disso, trajava uma camisa branca com gravata preta, calça preta, meias pretas e sapatos de couro pretos.

Eva Braun estava sentada no sofá com as pernas puxadas para cima. Seus sapatos claros com saltos altos estavam no chão. Seus lábios estavam comprimidos. Ela se envenenara com cianureto.

Bormann foi até a ante-sala para chamar os homens da SS que deveriam levar os dois corpos sem vida até o jardim. Linge buscou os cobertores depositados na ante-sala para embrulhar Hitler com eles. Estendeu um deles no chão do escritório. Com a ajuda de Bormann, que já retornara, Linge colocou o corpo de Hitler ainda quente no chão e o embrulhou com o cobertor.

Günsche foi até a sala de reuniões. Abriu a porta tão afoito que Goebbels, Krebs, Burgdorf, Axmann, Naumann e Rattenhuber, reunidos em torno da mesa, estremeceram. Günsche gritou:

— *Der Führer ist tot!* [O *Führer* morreu!]

Todos correram à ante-sala.

Naquele momento, Linge, seguido pelos homens da SS Lindloff e Reisser, estava saindo do escritório com o corpo de Hitler. Os pés de Hitler com as meias pretas e os sapatos apareciam por baixo do cobertor. O corpo foi levado até a saída de emergência que dava para o jardim. Goebbels, Burgdorf, Krebs,

Axmann, Naumann, Günsche e Rattenhuber, que ainda estavam na ante-sala, ergueram os braços para fazer a saudação nazista.

Em seguida, Bormann e, atrás dele, Kempka saíram do gabinete de Hitler carregando o corpo de Eva Braun. Goebbels, Axmann, Naumann, Rattenhuber, Krebs e Burgdorf seguiram o corpo de Hitler até a saída de emergência. Günsche aproximou-se de Kempka, pegou o corpo de Eva Braun ainda não embrulhado e o levou até a saída. Ela exalava um forte odor de cianureto. Günsche subiu as escadas correndo, passando por Goebbels, Axmann, Naumann, Burgdorf, Krebs e Rattenhuber, que tinham ficado parados na parte superior da escadaria.

Eles não saíram para o jardim por causa da chuva da artilharia. O corpo embrulhado de Hitler estava no chão, a dois metros da entrada para o *bunker*. Günsche depositou o corpo de Eva Braun à direita dele. Bormann se curvou sobre Hitler, descobriu o seu rosto mais uma vez e olhou para ele durante alguns segundos. Em seguida, voltou a cobri-lo.

As granadas caíam com estrondo no jardim da Chancelaria do Reich e sobre o *bunker*. Grossos rolos de fumaça passavam por entre as árvores despedaçadas do jardim. A Chancelaria do Reich e os prédios adjacentes ardiam em chamas.

Bormann, Günsche, Linge, Lindloff, Kempka, Schädle e Reisser pegaram os tonéis com gasolina e derramaram os duzentos litros sobre os cadáveres de Hitler e Eva Braun. Lutaram algum tempo até incendiar a gasolina, pois o vento forte provocado pelos incêndios apagava os fósforos. No final, Günsche pegou uma das granadas que ficavam na entrada, a fim de colocar fogo na gasolina. Mas, antes de conseguir fazê-lo, Linge conseguiu jogar um pedaço de papel em chamas sobre os cadáveres para incendiar a gasolina. Os corpos de Hitler e Eva Braun ficaram imediatamente envoltos em chamas. Foi preciso fechar a porta para o *bunker* rapidamente, pois o fogo entrava pela fresta. Bormann, Goebbels, Axmann, Naumann, Krebs, Burgdorf, Günsche, Linge, Schädle, Kempka, Reisser e Lindloff ainda ficaram alguns instantes em pé nos últimos degraus antes de voltarem para o *bunker* em silêncio.

Günsche foi ao escritório de Hitler. Lá estava tudo igual. No chão, ao lado da poça de sangue, estavam as duas pistolas. Günsche tirou-as do chão e descarregou-as. Confirmou que o tiro mortal tinha saído da arma de 7,65 mm. A segunda também estava carregada. Günsche colocou ambas no bolso e entre-

gou-as depois ao ajudante de Axmann, coronel Hamann. Entregou-lhe ainda o chicote que Hitler usava para os cachorros. Hamann queria guardar tudo como relíquias para a Juventude Hitlerista.

Günsche voltou para a sala de reuniões, onde já estavam Bormann, Goebbels, Axmann, Burgdorf, Krebs, Mohnke e Naumann. Ele discutiram o que iria acontecer em seguida. Bormann, Axmann, Mohnke e Günsche insistiram em que se tentasse romper o cerco. Goebbels foi contra. Disse, teatralmente:

— Vou sair para a Wilhelmsplatz. Quem sabe, uma bala me acerta!

Bormann estava tão nervoso que não conseguia parar quieto. Volta e meia exclamava:

— Será que alguém me consegue um “*Storch*”? Preciso de qualquer maneira me encontrar com Dönitz. É muito importante.

Os olhos de Bormann refletiam medo puro. Sair daquele inferno — esse era o seu único pensamento e seu desejo mais intenso. Nem se falava mais em Hitler. A única coisa que importava era: “Como sairemos daqui?”

Finalmente, Goebbels, como novo “chanceler do Reich”, sugeriu buscar contato com o alto-comando russo e tentar conseguir um armistício de pelo menos algumas horas. Era evidente que Goebbels apenas queria adiar o fim por algumas horas, porque não podia acreditar seriamente que um plano desses tinha alguma chance. Krebs aconselhou esperar até o general Weidling aparecer no *bunker*. Ele havia anunciado uma reunião com Hitler para as 17h30.

Günsche foi até a sala da telefonia. Através da porta entreaberta do quarto de Goebbels, ouvia-se sua mulher chorando:

— O que vai acontecer com as crianças e comigo? O *Führer* não deveria ter feito isso...

Enquanto isso, Linge mandara Krüger e o ordenança Schwiedel tirarem o tapete ensangüentado do escritório de Hitler. Os três procuraram uma cápsula que devia ter saído da arma na hora do tiro. Mas não a encontraram. Eles levaram o tapete para fora e o queimaram no jardim. Linge queimou com as próprias mãos todos os documentos, entre eles notícias da Agência Alemã de Notícias, que estavam na mesa de trabalho. Nos cômodos de Hitler só restaram os móveis, sem nada por cima. O retrato de Frederico II, que ficava em

cima da escrivaninha, foi tirado da moldura por Linge. De acordo com o desejo de Hitler, ele o entregou ao piloto Baur, que o colocou sob o casaco.

Enquanto isso, o adestrador de cachorros, primeiro-sargento Tornow, percorria o *bunker* da nova Chancelaria do Reich totalmente embriagado, e berrava:

— O *Führer* morreu, salve-se quem puder!

O pânico instalou-se entre os moradores do *bunker*, principalmente os feridos. Soube-se que pouco antes Tornow fuzilara os filhotes de Blondi, entre eles Wolf, os cães de Eva Braun e de *Frau* Christian, bem como seu próprio cachorro. Tornow foi preso.

Por volta das 17h30, apareceu Weidling no *bunker* de Hitler. Goebbels o informou sobre a morte de Hitler e a composição do novo governo. Da reunião que se seguiu participaram Bormann, Goebbels, Axmann, Krebs, Burgdorf, Weidling, Mohnke, Günsche e Naumann. Debateu-se o plano de fugir da chancelaria do Reich ou pedir aos russos um armistício temporário. Depois de muitas idas e voltas, aprovou-se o segundo plano. Decidiu-se mandar o chefe da divisão de operações do comando de Weidling, coronel Dufving, como enviado ao comando russo mais próximo.

Por volta das 19h30, Dufving deixou o *bunker* e atravessou as posições alemãs em torno da Chancelaria do Reich até os russos. Às 23 horas estava de volta. Disse que os russos sequer o ouviram, uma vez que ele não levava nenhuma procuração consigo. Ainda naquela noite, Goebbels e Bormann enviaram Krebs até o alto-comando russo, para que ele, na condição de chefe do Estado-Maior, iniciasse as negociações. Impacientes, todos esperaram sua volta.⁴⁵



Quando Linge deixou seu quarto na manhã do dia 1º de maio, topou com Goebbels na ante-sala do *bunker*. Depois de se cumprimentarem, Goebbels perguntou a Linge, com a voz embargada:

— Diga, Linge, você não conseguiu demover o *Führer* da idéia do suicídio? Linge retrucou:

— Doutor, se nem o senhor conseguiu fazer isso, como eu ia consegui-lo? Goebbels prosseguiu:

— Tive uma noite terrível. Também decidi pôr um fim à minha vida. É um momento difícil. Lutei um pouco comigo mesmo, mas estou sem coragem.

Por volta do meio-dia, Krebs voltou com a notícia de que o alto-comando russo exigia a capitulação incondicional.

Às 18 horas, Burgdorf mandou chamar Mohnke e Günsche para o *bunker* da Nova Chancelaria do Reich, onde já estavam Weidling e Dufving. Quando Mohnke e Günsche chegaram, Weidling estava tirando um pedaço de papel do bolso do paletó e disse a Dufving:

— Não posso esquecer: o *Führer* o promoveu a coronel. Meus parabéns.

Weidling abriu um mapa de Berlim na mesinha e informou Mohnke e Günsche de que o resto da guarnição de Berlim tentaria romper as linhas russas por volta das 22 horas para escapar da cidade. Depois de expor mais alguns detalhes, perguntou a Mohnke em que direção ele pensava sair com o seu grupo de batalha. Mohnke mostrou a rota planejada no mapa em direção ao noroeste, passando por Tegel. Com isso, a reunião estava terminada. Mohnke e Günsche deixaram a sala. Escutaram pesadas marteladas vindas do outro lado. Soldados cumpriam ordens para destruir a estação de telégrafo e a central telefônica do QG do *Führer*.

Mohnke voltou à sua posição para terminar de bater a ordem de romper o cerco. Günsche informou Linge, Schädle, Högl e Kempka de que a guarnição tentaria escapar naquela noite. A Bormann, Voss, Hewel e Stumpfegger ele disse que se aprontassem para a fuga. Informou ainda às mulheres — Christian, Junge, Krüger e Manziarly — que, contrariamente ao que Hitler aconselhara, não haviam se suicidado. Elas decidiram acompanhar os homens.

Por volta das oito da noite, Günsche, Linge, Schädle e Kempka foram para o comando de Mohnke. Os soldados do grupo de combate estavam espalhados pelos corredores, salas e aposentos da Nova Chancelaria do Reich, sentados em caixas, bancos ou deitados no chão. Exaustos depois das pesadas e incessantes batalhas, dormiam nas posições mais estranhas, arma e capacete de aço ao lado. Entre eles, os feridos gemiam.

Nos breves intervalos, quando o fogo russo cedia um pouco, os feridos eram levados em macas até o porão do semidestruído Hotel Adlon, onde se improvisara um hospital de campanha. Quem já sucumbia aos ferimentos no *bunker*

era enterrado nos jardins da Chancelaria do Reich. O fluxo de feridos não acabava. Gritos de dor e gemidos ecoavam pelos aposentos. Cheiro de tabaco, vapor de enxofre, de fenol e o fedor de privadas entupidas se misturavam no ar gasto e nauseabundo.

Axmann, Naumann, Albrecht, Rattenhuber e vários oficiais do grupo de combate já tinham chegado ao comando de Mohnke. Este leu a ordem para o rompimento do cerco, o qual estabelecia também em que seqüência deveriam deixar a Chancelaria do Reich. O plano era sair em vários grupos. No primeiro grupo, com o próprio Mohnke, saíam Günsche, Hewel, Voss, *Frau Christian*, *Frau Junge*, *Fräulein Krüger*, *Fräulein Manziarly* e a escolta de Hitler sob o comando do *Obersturmführer* Doose. O segundo grupo, comandado por Naumann, era integrado por Bormann, Schach, funcionários da direção berlinense do Partido Nacional-Socialista e um batalhão do Volkssturm do Ministério da Propaganda. O terceiro grupo, encabeçado por Kempka, consistia em Linge, as ordenanças, a *Leibwache* de Hitler e os motoristas da Chancelaria do Reich. Ao quarto grupo, comandado pelo ajudante pessoal de Hitler, *Brigadeführer* Albrecht, pertenciam os ajudantes de Hitler. O quinto grupo, sob o comando de Rattenhuber, consistia em Baur, Betz, Högl e os funcionários do Serviço de Segurança. O sexto grupo, liderado por Axmann, era integrado por duzentos garotos berlinenses que ele trouxera para o *bunker* alguns dias antes para tirar Hitler de Berlim. Com a recusa deste, Axmann manteve os meninos à sua disposição.

O plano era o seguinte: atravessar a galeria do metrô da Chancelaria do Reich até a estação Kaiserhof e de lá avançar o máximo possível em direção a Wedding. Em grupos menores, poder-se-ia chegar pelas ruas laterais em direção ao noroeste, passando pelas estações ferroviárias de Stettiner Bahnhof e Tegel, a fim de alcançar as unidades alemãs que lutavam ali.

Günsche deixou o comando de Mohnke para informar Linge, Schädle, Kempka e Högl sobre os detalhes do plano de fuga. Às dez da noite, Günsche se despediu do ajudante de Hitler, Burgdorf, e do chefe do Estado-Maior do Exército, Krebs. Estes não queriam participar da debandada. Preferiam se matar com um tiro de fuzil no “Pátio de Honra” no momento em que os russos penetrassem na Chancelaria do Reich. Burgdorf declarou:

— Como jovem oficial, vivi a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, em 1918. Naquela época, eu era jovem e cheio de força. Agora estou muito velho e decepcionado.

Em seguida, Günsche se despediu do chefe da Gestapo, *SS-Gruppenführer* Muller. Este informou que se mataria na Chancelaria do Reich, pois por nada no mundo queria cair vivo nas mãos dos russos.

Por volta das dez da noite, Günsche procurou Goebbels para se despedir dele e de sua mulher. Desesperada, *Frau* Goebbels estava sentada em uma poltrona. Apenas deu a mão a Günsche sem dizer uma só palavra e se retirou para o quarto de Goebbels. O rosto de Goebbels estava cinzento. Com voz quase inaudível, ele disse:

— Vou me matar com minha mulher aqui no *bunker*. Desejo que consiga sair são e salvo de Berlim.

Goebbels acendeu um cigarro, deu a mão a Günsche e também desapareceu em seu quarto.

Günsche foi até o *bunker* da Nova Chancelaria do Reich. Ali, os grupos estavam se reunindo desde as nove e meia para a saída.

Às dez, chegou o ajudante de Goebbels, Schwägermann, acompanhado do camareiro Ochs, a fim de se juntar ao grupo. Eles relataram o seguinte para Linge: poucos minutos antes, Goebbels e sua esposa tinham se matado no *bunker* de Hitler. Naumann, Schwägermann, Ochs e outros encharcaram os dois corpos no quarto de Goebbels com gasolina e atearam fogo.⁴⁶ Em seguida, tiveram dificuldade de escapar do *bunker*, pois as duas portas blindadas bateram com a forte corrente de ar ocasionada pelas chamas.

Poucas horas antes, por volta das quatro da tarde, quando Linge ainda estava no *bunker* de Hitler, o médico de Hitler, Stumpfegger, cumprira a ordem de Goebbels de matar seus cinco filhos colocando veneno em seu café. *Frau* Goebbels esperara Stumpfegger na frente da porta. Ao sair, ele acenou com a cabeça, sinalizando que as crianças tinham sido envenenadas.⁴⁷ Ela desmaiou e dois homens da SS da guarda pessoal de Hitler a levaram ao quarto do marido.

Cerca de duas mil pessoas deixaram a Chancelaria do Reich. A maioria estava armada com metralhadoras, pistolas e bazucas. Com elas foi o grupo de

combate de Mohnke — cerca de três mil homens com vários tanques do tipo Tigre, equipamentos antitanque, lançadores de minas e metralhadoras.

O hospital militar ficou sob o comando do professor Haase no *bunker* da Nova Chancelaria do Reich.

Pouco depois das dez da noite, o primeiro grupo, chefiado por Mohnke, deixou o *bunker*. Era integrado por oitenta a cem soldados, além de Günsche, Hewel, Voss, as secretárias Christian, Junge e Krüger, a nutricionista Manziarly e vários oficiais do grupo de Mohnke. Em pequenos grupos, atravessaram o Pátio de Honra da nova Chancelaria do Reich, saíram pelo grande portão para a Wilhelmplatz e correram até a estação de metrô Kaiserhof. De lá, atravessaram a galeria do metrô até a estação de Friedrichstrasse. As galerias e as estações estavam superlotadas de soldados, civis, mulheres e crianças. Por toda parte havia crianças chorando, mulheres gritando histericamente, soldados que xingavam ou gritavam ordens. A situação era especialmente caótica na estação de Friedrichstrasse. Ali, as galerias tinham sido fechadas com barricadas e não era possível prosseguir. Só dava para sair em grupos muito pequenos, pois as saídas estavam tomadas por lançadores russos.

Uma parte dos integrantes do grupo de Mohnke se perdeu na multidão. Finalmente, Mohnke conseguiu deixar a galeria do metrô com uma parte do seu pessoal, atravessar a ponte Weidendammer Brücke até o outro lado do rio Spree e, de lá, chegar até a estação de Wedding, passando pelos pátios do Hospital Charité e por porões que se comunicavam entre si na Chausseestrasse e no quartel Maikäfer. Seu grupo encolhera para vinte a 25 pessoas, entre as quais ele próprio, Günsche, Hewel, bem como as quatro mulheres, *Frauen* Christian, Junge, Krüger e Manziarly. As ruas estavam desertas. Muitas casas estavam em chamas. Aquela parte da cidade tinha sofrido menos tiroteios. Inesperadamente, o grupo topou com dois tanques T-34 que guardavam um cruzamento e abriram fogo. Tiveram de recuar. Tentaram avançar usando ruas laterais, mas em vão. O grupo encolheu mais ainda. No fim, sobraram Mohnke, Günsche, Hewel e as quatro mulheres.

Na manhã do dia 2 de maio, eles alcançaram um grande abrigo antiaéreo ao lado da cervejaria na Schönhauser Allee. Várias centenas de soldados alemães de todas as armas tinham procurado se esconder ali. Naquele abrigo ficava

o comando do general Rauch e do comandante de uma divisão de pára-quedistas, coronel Herrmann. Junto com Rauch, Herrmann e alguns oficiais, Mohnke e Günsche tentaram formar os soldados novamente e continuar a tentativa de escapar. Pouco a pouco, chegaram outros oficiais e soldados do grupo de Mohnke, além de oficiais da SS da guarda pessoal de Hitler e do Serviço de Segurança e de outros funcionários de Hitler que pertenciam a outros grupos. Entre eles estava também o chefe do Serviço de Segurança, Rattenhuber, que tinha um leve ferimento na perna.

Por volta das três da manhã, unidades russas se aproximaram do abrigo antiaéreo da Schönhauser Allee.

Oficiais russos foram até o comando de Rauch e Herrmann e explicaram que a guarnição berlinense capitulara na véspera.⁴⁸ Para evitar mais derramamento de sangue, solicitaram que os alemães depusessem suas armas e se rendessem. Ofereceram a Rauch e Mohnke para ir com eles até o comando russo mais próximo para que estes pudessem se certificar da capitulação de Berlim.

Günsche aconselhou que as secretárias de Hitler e *Frau* Manziarly deixassem o abrigo antiaéreo e tentassem continuar o caminho. Elas concordaram. Mohnke entregou um saquinho de brilhantes a *Frau* Christian. Burgdorf guardara as pedrinhas, destinadas à confecção de distintivos militares. Ele os entregara a Mohnke quando o grupo deste deixou a Chancelaria do Reich.

Por volta das quatro da tarde, Mohnke, Rauch e Günsche foram de carro com um dos oficiais russos até o comando do Exército russo. Ali, um general russo lhes confirmou que o comandante de Berlim, general Weidling, capitulara na noite do dia 2 de maio.

O general declarou:

— Finalmente essa guerra terrível terminou. Deveríamos nos alegrar com isso.

Acompanhados do mesmo oficial, Mohnke, Rauch e Günsche voltaram até o abrigo antiaéreo da Schönhauser Allee. Já eram quase dez da noite. Os soldados e oficiais remanescentes já tinham se rendido. O abrigo antiaéreo e alguns cômodos adjacentes já estavam ocupados por russos. Quando Mohnke, Rauch e Günsche chegaram, encontraram-se com Hewel, o SS-*Standartenführer* professor Schenck, um coronel e diversos oficiais mais jovens que tinham se escondido dos russos em um quatinho. Mohnke lhes disse que tudo estava

terminado. Oficiais russos entraram e exigiram que eles depusessem as armas e os seguissem. Naquele momento, Hewel puxou sua pistola e se matou. Os demais entregaram suas armas e seguiram os oficiais russos.



O terceiro grupo, do qual faziam parte Kempka e Linge, somente deixou o *bunker* da Nova Chancelaria do Reich por volta das dez e meia da noite. Participavam ainda outros homens da SS da guarda pessoal de Hitler, bem como seus motoristas e ordenanças.

Quando Linge e Kempka saíram com o grupo para a Vosstrasse, o distrito governamental ainda estava sob forte tiroteio da artilharia russa. Na escuridão, só se divisavam ruínas. Por toda parte, fachadas semidestruídas se erguiam contra o céu. Das janelas quebradas saíam grossos rolos de fumaça. Nas ruas esburacadas por bombas e granadas se amontoavam vigas, partes das fachadas e tijolos. O céu estava iluminado pelos inúmeros incêndios. Linge, Kempka e os outros passaram pelas ruínas até a Wilhelmplatz. De lá, seguiram por uma galeria do metrô até a estação de Stadtmitte. Em seguida, percorreram a Friedrichstrasse destroçada até a estação do mesmo nome. Do outro lado da ponte Weidendammer Brücke, os soldados do grupo de Mohnke lutavam contra os russos, que abriram fogo cerrado contra eles das casas na Chausseestrasse. Os soldados alemães tentaram romper o cerco com seus tanques, mas não tiveram êxito.

Do outro lado da ponte, Linge viu como Bormann e Naumann saltaram sobre um tanque alemão que passava a fim de cruzar as linhas russas. Viu ainda uma granada sendo lançada contra o tanque. Naquele momento, na ponte Weidendammer Brücke caíram Albrecht, Högl e diversos ajudantes de Hitler. Linge, que na confusão se perdera de Kempka, juntou-se ao que restava de uma tropa do grupo Mohnke que, junto com uma centena de civis, conseguiu percorrer as galerias do metrô da Friedrichstrasse até a Seestrasse. Entre eles estava o vice-*Gauleiter* de Berlim, Schach.

Na manhã do dia 2 de maio, soldados russos comunicaram também a este grupo que Berlim capitulara durante a noite. Exigiram que eles se rendessem.

Schach, então, matou-se.⁴⁹ Linge e todos os outros participantes do grupo foram presos pelos russos.



No dia 8 de maio de 1945, a Alemanha capitulou. Assim acabou a era do Terceiro Reich, que, segundo Hitler, deveria durar mil anos. Ao tomar o poder, Hitler prometera ao povo alemão:

— Depois de eu ficar dez anos no poder, a Alemanha ficará irreconhecível.⁵⁰

De fato, a Alemanha ficou irreconhecível depois da era Hitler — em ruínas e cinzas. E o próprio Hitler, com medo dos russos, terminou com sua vida suicidando-se.

Posfácio dos organizadores

O Dossiê Hitler surgiu em 1948/49. De lá para cá, já foram publicadas mais de mil biografias de Hitler e mais de dez mil ensaios sobre o regime nacional-socialista, o genocídio dos judeus europeus e a Segunda Guerra Mundial. Com a minuciosa biografia sobre o ditador alemão de Ian Kershaw,¹ em 1998, as investigações em torno da personalidade de Hitler terminaram por enquanto. Sobre o ditador soviético Stalin também foram publicadas diversas biografias.² Alan Bullock comparou as duas trajetórias em 1991.³ Anton Joachimsthaler, entretanto, provou em vários livros que há muitas particularidades ainda desconhecidas da biografia de Hitler para serem pesquisadas.⁴ Novas informações poderão surgir quando forem pesquisados os arquivos russos, que guardam não apenas os documentos das autoridades, serviços secretos e forças armadas soviéticos, mas também grande parte dos arquivos alemães saqueados.

O acesso aos arquivos, no entanto, é limitado: há muitas críticas pelo fato de, até hoje, não ser permitido aos historiadores ocidentais fazer pesquisas independentes. Em seu livro *O fim de Hitler*, de 1999, Joachimsthaler escreveu que os resultados das investigações realizadas pelos soviéticos em 1945/46 “até hoje não são conhecidos”.⁵ Alguns detalhes dessas investigações tornaram-se públicos desde então, mas em sua grande maioria não estão disponíveis em língua alemã.

Não é à toa que, na primeira parte do posfácio, haja citações minuciosas desses documentos e publicações, uma vez que as averiguações dos serviços secretos soviéticos nos anos de 1945 e 1946 ensejaram a redação, pelo NKVD, do *Dossiê Hitler*, feito por encomenda de Stalin.

Na segunda parte, reproduzimos os depoimentos mais importantes dos autos que acompanham o *Dossiê Hitler* a fim de documentar a história da origem do texto.

A terceira parte do posfácio serve para a classificação do documento no contexto histórico e para estimular interpretações. *O Dossiê Hitler* não descreve somente a vida do ditador alemão e a sua política, mas revela também informações até então desconhecidas e novas conclusões. E, já que as lacunas no documento permitem conclusões sobre a política soviética de 1939 a 1949, a quarta parte do posfácio é dedicada a elas.

1. Onde está Hitler? Depoimentos imprecisos e relatórios de inquéritos deficientes

Adolf Hitler, *Führer* e chanceler do Reich Alemão, suicidou-se em 30 de abril de 1945, aproximadamente às 15h30, com um tiro na têmpora direita.⁶ Josef Vissarionovitch Stalin, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, presidente do Comitê do Estado para Defesa e presidente do Conselho do Comissariado do Povo, recebeu a notícia sobre o suicídio de Hitler cerca de 13 horas depois, na manhã do dia 1º de maio de 1945. Seu secretário particular, Alexander N. Poskrebyshev, recebeu o seguinte telefonograma às 5h05, hora de Moscou: “Muito urgente, altamente secreto! Do general Zhukov. Para o camarada Stalin. O comandante-em-chefe do Exército, general de infantaria Kreps, irrompeu no comando do 8º Exército de Guarda e declarou o seguinte: 1. Hitler pôs fim à sua vida, através de suicídio, em 30.4, às 15h50, hora de Berlim.”⁷

O marechal Georgi Zhukov transmitiu mais detalhes, cinco horas depois desse primeiro comunicado, bem como sugestões do novo chanceler do Reich, Joseph Goebbels, sobre negociações de paz. Stalin recusou, alegando que eram insuficientes, e exigiu a rendição incondicional. O ditador soviético supostamente comentou a morte do seu inimigo pessoal com as seguintes palavras: “Então ele morreu. Pena que não conseguimos capturá-lo vivo. Onde está o cadáver de Hitler?”⁸ Stalin só recebeu mais informações depois de transcorridos quatro dias. O serviço secreto militar GRU prendera e interrogara o último comandante de Berlim, general Helmuth Weidling, o oficial de ligação com a Marinha de Hitler, vice-almirante Hans-Erich Voss, e o piloto-chefe de

Hitler, Hans Baur. Todos os três confirmaram a morte de Hitler e a incineração do corpo nos jardins da Chancelaria do Reich.

O chefe do serviço militar de informações, general Fiodor F. Kusnetzov, informou então Stalin num documento de cinco páginas “sobre o destino de Hitler, Goebbels, Himmler e Göring”. Hitler, segundo os depoimentos dos prisioneiros, envenenou-se junto com Eva Braun, além de meter um tiro na cabeça. Depois disso, os cadáveres dos dois teriam sido imediatamente incinerados no jardim da Chancelaria do Reich. Goebbels, sua mulher e seus seis filhos também estariam mortos, tendo sido identificados pelo vice-almirante Voss. Seus cadáveres estavam no 39º Corpo de Fuzileiros. Não havia detalhes sobre o destino de Himmler e Göring. Kusnetzov informou Stalin, entretanto, sobre as negociações de paz do comandante da SS com os aliados ocidentais e sua exclusão do NSDAP. Göring, segundo o relatório do serviço secreto, tinha tentado destituir Hitler. Pelo que se sabia, o ditador alemão não tomou nenhuma medida drástica por conta deste ato.⁹

No mesmo dia, membros de outro serviço secreto soviético desenterraram os restos mortais de Hitler e de sua mulher nos jardins da Chancelaria do Reich. Os soldados do serviço de contra-espionagem militar Smersch¹⁰ do 79º Corpo de Fuzileiros do 3º Exército haviam descoberto os cadáveres na véspera. No entanto, como supunham que os restos mortais de Hitler e de Eva Braun ainda estivessem na Chancelaria do Reich, voltaram a enterrar os corpos. Na manhã de 5 de maio, o pessoal do serviço secreto percebeu o erro e desenterrou apressadamente de dentro de uma cratera de bomba, situada a aproximadamente três metros de distância da saída de emergência do *bunker* sob a Chancelaria do Reich, “dois corpos carbonizados” e os cadáveres de dois cachorros. Os restos mortais foram embrulhados em cobertas e embalados em caixas de munição.¹¹ Os cadáveres foram contrabandeados em segredo pelos colaboradores do Smersch para o seu novo QG em Berlim-Buch, uma vez que a vigilância da Chancelaria do Reich estava a cargo do 5º Exército, para o qual os troféus não deveriam ser deixados sob hipótese alguma.¹²

Outros integrantes do grupo mais próximo a Hitler tinham sido presos pelo Exército Vermelho três dias antes, em 2 de maio de 1945. O SS-*Sturmabannführer* Otto Günsche, ajudante pessoal do *Führer* desde fevereiro

de 1944, rendeu-se às tropas soviéticas no terreno da cervejaria Schultheiss, no bairro de Prenzlauer Berg.¹³ Num primeiro momento, o homem da SS identificou-se como ajudante do ex-comandante da Chancelaria do Reich, SS-*Brigadeführer* Wilhelm Mohnke. A farsa foi desmascarada alguns dias mais tarde. Oficiais soviéticos descobriram sua verdadeira identidade no dia 6 de maio de 1945, e ele foi separado imediatamente dos outros prisioneiros.¹⁴ Sem demora, foram iniciados interrogatórios preliminares, conduzidos por membros da contra-espionagem militar GRU. Dois dias depois, o chefe da GRU, Kuznetsov, já transmitia ao chefe do serviço secreto, Lavrenti P. Beria, um primeiro relatório parcial sobre o interrogatório.¹⁵

No mesmo dia, uma comissão de médicos, sob o comando do médico-legista chefe do 1º Front Bielo-russo, tenente-coronel Faust I. Chkaravski, autopsiou um total de 11 corpos e dois cadáveres de cachorros, entre os quais aqueles identificados inequivocamente como general Krebs, Goebbels, sua mulher e os seis filhos, bem como os supostos restos mortais de Hitler e de Eva Braun. A provável *causa mortis*, segundo o parecer dos médicos legistas, era “envenenamento por cianureto”. Os cadáveres de cachorros tinham sinais inequívocos de fuzilamento, não obstante haver em um dos animais restos de cianeto de potássio.¹⁶

Os oficiais do serviço secreto Smersch hesitaram, contudo, em transmitir os laudos dos legistas à liderança soviética. A autópsia, as circunstâncias da descoberta dos cadáveres e os depoimentos das testemunhas eram contraditórios, embora a maioria deles confirmasse que Hitler havia se matado com um tiro. Por isso, os oficiais da contra-espionagem interrogaram outras testemunhas. Deparam-se, no entanto, com o problema de que todas as pessoas próximas a Hitler até então encontradas por eles só sabiam do ocorrido por ouvir dizer. O Smersch não apresentou “testemunhas oculares” do suicídio.¹⁷

Além disso, ainda se aguardavam os resultados dos exames das arcadas dentárias dos cadáveres ainda não inequivocamente identificados. O dentista professor Hugo Blaschke e a dentista Käthe Heusermann confirmaram no dia 11 de maio que se tratava dos corpos de Adolf Hitler e Eva Braun. O chefe do serviço secreto militar do 1º Front Bielo-russo, tenente-general Alexander A. Vadis, contudo, informou Stalin somente no dia 27 de maio de 1945 sobre o

resultado das autópsias feitas em 8 de maio de 1945. O serviço secreto Smersch relatou ao ditador soviético que, indubitavelmente, Hitler e Eva Braun tinham “cometido suicídio por ingestão de cianureto”.¹⁸

É estranho o fato de o chefe do serviço secreto, Beria, ter encaminhado a Stalin, sem uma nota sua, a carta que Vadis lhe endereçara. Pelo visto, o chefe do serviço secreto temia ser ligado diretamente aos resultados das investigações do Smersch, chefiado por seu rival, Viktor S. Abakumov.¹⁹ Chamavam bastante atenção as divergências entre os laudos das autópsias, as conclusões correspondentes das comissões de legistas e os depoimentos das testemunhas. A possibilidade da morte por tiro nem foi cogitada.

Beria decidiu-se por uma séria intervenção no material da investigação em 16 de junho de 1945, quando Stalin finalmente recebeu os autos das autópsias e as análises dos legistas das amostras dos órgãos.²⁰ A fim de não chamar a atenção do ditador soviético para as divergências existentes, ele retirou dos autos duas análises feitas em junho de 1945 pelo 291º Laboratório Médico-Epidemiológico do *front*. Os químicos desse laboratório haviam testado se havia cianeto e alcalóide em um total de trinta amostras de órgãos e de sangue das autópsias realizadas em 8 de maio de 1945 em Berlim-Buch.

Enquanto as amostras das autópsias de número 1 a 11 — referentes à família Goebbels, ao general Krebs, bem como aos dois cadáveres de cachorros — continham 9,72-12,9 miligramas de ácido prússico por quilo de material, no “material dos laudos de número 12 e 13 não foram encontrados traços de cianógenos”.²¹ Os laudos de autópsia números 12 e 13 diziam respeito presumivelmente aos cadáveres de Hitler e de sua mulher. Para que a versão de então — envenenamento por cianeto — da morte de Hitler pudesse ser mantida, não foram mostrados a Stalin documentos que contradissem essa teoria. Portanto, num primeiro momento, o ditador deu-se por satisfeito com os resultados da investigação do Smersch.²²

A essa altura, Günsche já fora transferido para a Divisão de Assuntos de Prisioneiros de Guerra e Internos do NKVD. Passou a ser interrogado em meados de maio pelo chefe-substituto da Administração Central para Assuntos de Prisioneiros de Guerra e Internos, tenente-general Amayak S. Kobulov, e o diretor da Divisão Operacional, tenente-coronel Fiodor K. Parparov. Os

depoimentos de Günsche e do ex-diretor do serviço secreto de Hitler, SS-*Gruppenführer* Johann Rattenhuber, foram imediatamente levados ao chefe do serviço secreto, Beria. Como essas informações ainda não tinham sido integralmente checadas, ele hesitou em passá-las para Stalin.²³

Seguiram-se outros interrogatórios, em 18 e 19 de maio de 1945, conduzidos por Kobulov e Parparov. Mais uma vez, as únicas perguntas que interessavam diziam respeito à morte de Hitler: “Quando foi que ele decidiu suicidar-se? Quem constatou sua morte? Quem despejou a gasolina sobre os cadáveres? Quem acendeu o fogo?” Günsche foi encaminhado pouco depois por avião para Moscou e levado para a prisão de investigações do NKVD, a Butyrka.

Também o chefe do serviço pessoal de Hitler, SS-*Obersturmbannführer* Heinz Linge, foi levado para Moscou. Ele fora capturado por tropas soviéticas na noite de 2 de maio de 1945, na estação de metrô de Seestrasse, após evadir-se da Chancelaria do Reich. Foi levado — sem ter sua identidade reconhecida — para um campo de prisioneiros de guerra em Posen, onde sua verdadeira identidade finalmente foi descoberta. Pouco tempo depois, foi transferido pelo NKVD para Lubianka, onde começaram os primeiros interrogatórios, em novembro de 1945. Assim como no caso de Günsche, os agentes do serviço secreto se interessavam somente por todas as informações disponíveis sobre a morte de Hitler.²⁴

As primeiras dúvidas sobre a versão do suicídio de Hitler surgiram um mês antes na alta direção do serviço secreto soviético. Em meados de novembro de 1945, serviços de informação britânicos e americanos entregaram ao representante do NKVD na zona de ocupação soviética, general Ivan A. Serov, material de investigação que indicava suicídio por tiro.²⁵ Simultaneamente, os ex-aliados solicitaram acesso aos resultados das investigações soviéticas.

Enquanto o chefe do serviço secreto, Beria, e seus assistentes, Sergei N. Kruglov, Vsevolod N. Merkulov e Bogdan S. Kobulov, concordaram em permitir o acesso ao material do serviço secreto aos americanos e aos britânicos, o chefe do Smersch, Abakumov, levantou sérias objeções e solicitou uma conversa pessoal com o presidente do NKVD. Parecia absolutamente evidente para Abakumov que os pontos fracos das investigações, conduzidas principalmente por ele, saltariam imediatamente aos olhos dos aliados ocidentais, despertan-

do consideráveis dúvidas sobre a versão do suicídio do ditador alemão que ele informara a Stalin. Por isso, recusou-se a entregar os autos. Beria viu nisso uma oportunidade para colocar em apuros seu concorrente direto no que dizia respeito ao acesso a Stalin. Em dezembro de 1945, o chefe do NKVD ordenou uma nova investigação sobre as circunstâncias exatas do suicídio de Hitler.²⁶

No final de 1945, em Moscou, começaram então novos interrogatórios sobre os bastidores do suicídio de Hitler, para os quais foi trazido também o então chefe dos pilotos de Hitler, Hans Baur.²⁷ Obviamente, Beria queria ter a certeza de que o ditador estava realmente morto, uma vez que boatos sucessivos geravam temores de que Hitler tivesse escapado às tropas soviéticas e fugido para o exterior no último momento. Beria quis também obter clareza sobre como Hitler efetivamente tinha se suicidado. Os interrogatórios de Linge e de Baur, bem como a comparação das suas informações com os depoimentos das pessoas da proximidade de Hitler, aprisionadas pelo Smersch, levaram a direção do NKVD a iniciar, no começo de 1946, uma operação com o codinome “Mito”. O objetivo desse empreendimento era proceder a uma “acurada e dura comprovação de todos os grupos de fatores” que levaram ao suicídio de Hitler em 30 de abril de 1945.²⁸

Beria encarregou a Administração Central para Assuntos de Prisioneiros de Guerra e Internos (GUPWI) da execução da Operação “Mito”. Em meados de fevereiro de 1946, a GUPWI estabeleceu um “plano de medidas de ação e investigação para o esclarecimento das circunstâncias do desaparecimento de Hitler”. Além da formação de uma comissão especial de cinco integrantes, sob a presidência do tenente-coronel Julius K. Klausen, o plano previa a transferência para a prisão de Butyrka de todas as pessoas da proximidade de Hitler que se encontravam na prisão do NKVD. Ou seja, foram transferidos, da Lubianka para a prisão de investigações do NKVD, Linge, Baur e seu acompanhante, o então telefonista da Chancelaria do Reich, primeiro-sargento Rochus Misch.²⁹

O objetivo dessa medida era comparar os interrogatórios dos prisioneiros, já que o serviço secreto descobriu várias contradições nas informações sobre a morte de Hitler. O interrogatório dos prisioneiros, mantidos rigorosamente isolados uns dos outros, era, no entanto, só uma parte do plano de medidas. A

Administração Central para Assuntos de Prisioneiros de Guerra e Internos sugeriu “prover cada prisioneiro com um companheiro de cela”.³⁰

Essa expressão da burocracia do serviço secreto soviético nada mais significava do que usar os serviços de alcagüetes. Cada cela foi provida com escutas para que não se precisasse confiar somente nos depoimentos dos alcagüetes. Cada uma das divisões da Administração Central para Assuntos de Prisioneiros de Guerra e Internos recebeu também ordens para entregar à comissão especial todo o material dos autos sobre o suicídio de Hitler coletado até então. Ao mesmo tempo, seguiu uma instrução para todos os campos de prisioneiros de guerra na área de Moscou para descobrir outros presos que tivessem pertencido à equipe do *bunker* do *Führer* nos últimos dias do Terceiro Reich.

Ao rastrear o campo de prisioneiros de guerra número 297 em Mozhaisk, foram encontrados os SS-*Untersturmführer* Hans Hofbeck e Josef Henschel. Outrora colaboradores do serviço secreto do Reich (RSD) e membros do corpo de guarda da Chancelaria do Reich, eles seguiram imediatamente para a prisão de Butyrka.³¹ A busca por outras testemunhas nos campos da Administração Central para Assuntos de Prisioneiros de Guerra e Internos, no entanto, não trouxe resultados.³²

Chama a atenção que o NKVD não tivesse tentado fazer contato com o seu concorrente Smersch ou com a espionagem militar GRU. A Administração Central para Assuntos de Prisioneiros de Guerra e Internos tampouco solicitou ao Comissariado do Povo para Segurança do Estado licença para interrogar as testemunhas presas ali, como Hans Rattenhuber. Também não foi solicitada a cessão ou cópia dos autos sobre o “caso Hitler” que se encontravam na GRU.

Isso evidencia dois aspectos de especial significado para o posterior *Dossier Hitler*. Primeiro, o absoluto sigilo de toda a investigação. Além do chefe do serviço secreto, Beria, somente o ministro do Interior, Kruglov, o chefe do serviço secreto na SBZ, major-general Ivan A. Serov, o diretor da Administração Central para Assuntos de Prisioneiros de Guerra e Internos, general Mikhail S. Krivenko, seu substituto, Amayak Kobulov e o diretor da administração operacional da GUPWI, brigadeiro Viktor A. Drosdov, tinham conhecimento da Operação “Mito”. Em segundo lugar, era nítida a falta de comunicação

entre os diferentes órgãos e sua competição dentro da ditadura stalinista. Dentro de um modelo de liderança policrático, Stalin buscava que seus serviços secretos evitassem qualquer contato entre si, a fim de que ele tivesse o monopólio das informações.

Os prisioneiros da Operação “Mito” recém-chegados à prisão de Butyrka receberam codinomes por motivos de segurança. Baur foi apelidado pelo NKVD com o codinome de “Isvostchik” (“cocheiro”, em português). Linge recebeu o significativo apelido de “lacaio”, Rochus Misch constava nos autos como “Telefonista”, Hans Hofbeck como “Policial”, Josef Henschel como “Sentinela” e Erich Rings, telegrafista da Chancelaria do Reich, que transmitira o testamento de Hitler, como “Correspondente”.³³

Os interrogatórios feitos em meados de fevereiro de 1946 levaram rapidamente ao objetivo esperado. Como os interrogatórios eram acompanhados dos métodos usuais de tortura do NKVD — espancamento, privação do sono e de alimentos, ameaça de retaliação contra familiares, com promessa de recompensa para a disposição de cooperar —, a resistência das testemunhas foi logo quebrada. Outro método revelou-se extremamente eficiente: a revogação, em 27 de fevereiro de 1946, do status de prisioneiros de guerra, substituído pelo de criminosos de guerra.

Depois de perder os uniformes, vestir trajes normais e receber rações alimentares nos padrões soviéticos, a maioria sucumbiu.³⁴ A delação pelos “companheiros de cela” também provou ser eficaz. Estes repassavam aos agentes do NKVD as informações desejadas com a habitual exatidão germânica.

Seus “encontros” com os oficiais soviéticos ocorriam habitualmente ao mesmo tempo que as testemunhas eram interrogadas. Os agentes não se limitavam a checar eventuais contradições nos depoimentos ou declarações espontâneas dos prisioneiros. Eles observavam com extremo interesse os resultados dos métodos de intimidação dos interrogadores.

O agente “B-III”, por exemplo, forneceu a seguinte informação sobre Baur em 20 de fevereiro de 1946: “Ele tem muito medo de represálias e acha que será tratado com dureza nos interrogatórios. Ao mesmo tempo, inquietam-no sua perna doente, o destino da sua família e a dúvida sobre o tempo de duração da sua prisão. Apreensivo com as torturas, ele lamenta não ter se mata-

do.”³⁵ Não é de espantar que, alguns dias depois, Baur tenha sido espancado por um oficial que o interrogava.

O alcagüete que dividia a cela com Linge, “Böhmen”, arriscava interpretações psicológicas: “Linge tem boa memória e apenas finge ser doente dos nervos e ingênuo. Não é sincero durante os interrogatórios e parte do pressuposto de que suas declarações não poderão ser comprovadas, uma vez que somente uma pessoa — Borman — sabe o que ele sabe.”³⁶ O delator insistia, um dia depois, com o oficial que conduzia o interrogatório para seguir com a linha dura, já que ela surtia efeito: “Linge está amedrontado; se for submetido a mais alguns dias de interrogatórios duros, vai prestar depoimentos corretos.”³⁷

Os delatores só não conseguiram obter a confiança de Günsche. O oficial da SS desconfiava profundamente do seu “companheiro de cela”, motivo pelo qual este não conseguiu produzir relatórios consistentes.

Durante os interrogatórios conduzidos de meados de fevereiro até fins de março de 1946, os oficiais do serviço secreto se interessavam primordialmente pelas exatas circunstâncias em que se deu o suicídio de Hitler, bem como por todas as informações concretas sobre o seu estilo de vida e de liderança política. Informações sobre as vítimas políticas do regime nacional-socialista, sobre a condução de uma guerra ilegal e sobre o extermínio sistemático dos judeus foram amplamente ignoradas. Eles tampouco pediam dados sobre a indústria armamentista alemã, não se interessavam por caças a jato, foguetes com armas, nem pelas pesquisas da bomba atômica alemã.³⁸ Em vez disso, os oficiais do serviço secreto destacavam, nas transcrições dos interrogatórios e nos relatórios dos agentes, depoimentos onde se relatava que “Hitler tinha muitos amigos internacionais, como, por exemplo, na Argentina; que as mulheres haviam desempenhado um papel importante em sua vida e que o ditador teria ordenado aos seus confidentes que destruíssem seu cadáver”.³⁹

A princípio, os interrogatórios pareciam confirmar a versão do suicídio de Hitler por envenenamento e tiro. Para obter a certeza definitiva, programou-se no início do verão de 1946 uma reconstituição dos fatos em Berlim. Os oficiais encarregados da Operação “Mito” planejaram ao mesmo tempo uma nova autópsia nos cadáveres encontrados pelo Smersch. Os prisioneiros da

prisão de Butyrka também foram levados para Berlim, para que os relatos testemunhais colhidos em Moscou pudessem ser checados.⁴⁰

Os integrantes da Operação “Mito” chegaram à antiga capital do Reich em maio de 1946. Uma comissão especial inspecionou novamente o *bunker* e o jardim da Chancelaria do Reich, enquanto os prisioneiros eram mantidos na carceragem do NKVD, Lichtenberg, sendo submetidos a novos interrogatórios. Faziam parte dessa comissão, além de Klausen, o major da milícia N. F. Osipov e o legista Piotr S. Semenovski.⁴¹ Os dois últimos formalizaram que pela primeira vez estava sendo realizada uma investigação criminal das circunstâncias do “desaparecimento” de Hitler. As marcas de sangue existentes, tanto no gabinete de trabalho do ditador no *bunker* como na escadaria para o jardim, foram analisadas com muito cuidado pelo criminalista e pelo legista.

Sua análise foi inequívoca. “Com base na grande quantidade de sangue que espirrou e escorreu no sofá, pode-se concluir que este ferimento foi seguido de um profuso sangramento, o que faz com que seja qualificado como de alto risco. A vítima devia estar sentada no canto direito do sofá, ao lado do braço, no momento do ferimento (...). Tal distribuição de sangue espirrado e escorrido, bem como seu aspecto característico, indicam que o ferimento foi na cabeça e não no tórax ou abdômen (...). A lesão na cabeça deu-se através de um tiro e não através de um golpe com objeto pesado. Prova disso é que não existem marcas de sangue no encosto, sobre o assento e em volta do encosto. O ferido perdeu os sentidos após o ferimento na cabeça e permaneceu imóvel durante algum tempo, sentado com a cabeça inclinada sobre o braço direito do sofá.”

Este parecer foi confirmado em 30 de maio de 1946 por novas escavações nos jardins da Chancelaria do Reich. O legista encontrou dois fragmentos de crânio masculino no local onde o Smersch tinha desenterrado os corpos de Hitler e de Eva Braun, um ano antes: partes das têmporas esquerda e direita. A têmpora esquerda tinha um defeito, o qual, segundo o legista Semenovski, é característico de um tiro. Seguindo, ele constatou que “o tiro se deu de baixo para cima, da direita para a esquerda, para trás”. Hitler, portanto, atirou em si mesmo, como confirmaram os depoimentos de Linge e de Günsche.⁴²

Para que a tese do envenenamento simultâneo pudesse ser definitivamente verificada, teria que ser feita uma nova autópsia. Isso, entretanto, foi negado

pelo Smersch. A comissão especial “Mito” não conseguiu, apesar de esforços intensos, que o serviço secreto militar entregasse os corpos já dissecados de Adolf e Eva Hitler. Os oficiais do NKVD não quiseram, por conseguinte, redigir um laudo definitivo das investigações. Eles tampouco informaram Stalin sobre os resultados das suas pesquisas.⁴³ Isso permitiu especulações renovadas; as variantes que foram divulgadas muitas vezes depois, “suicídio somente por envenenamento” ou “ tiro de misericórdia” (opção de Linge ou Günsche), foram para enganar a opinião pública.

Dependendo da oportunidade política, a União Soviética apresentava novas versões sobre a morte de Hitler; inclusive nos primeiros anos após 1945, a afirmação de que Hitler não teria morrido, e sim fugido, estando com os antigos aliados.⁴⁴ Lev Besymenski, o abalizado protagonista das variantes “envenenamento” e “ tiro de misericórdia”, publicou, em 1968 e 1982, livros bem-sucedidos sobre a morte de Hitler.⁴⁵ Ele se desculpou, em 1995, pelas “mentiras propositas”. O historiador russo escreveu que se “penitenciava”, esquivando-se, contudo, da responsabilidade. Disse que, na União Soviética, o acesso aos autos era politicamente controlado e que, além disso, os informantes do serviço secreto KGB tinham ditado seus textos.⁴⁶

Historiadores sérios da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e da Alemanha Ocidental não confiaram em Besymenski.⁴⁷ O *Dossiê Hitler*, editado para Stalin, também se atinha às investigações do ano de 1946. Afinal, por que os redatores dos depoimentos de Linge e de Günsche mentiriam num livro destinado a Stalin?

2. Informações para Stalin: a origem do *Dossiê Hitler*

Após o encerramento da Operação “Mito”, no verão de 1946, o assunto somente voltou à baila em março de 1948. Amayak Kobulov recebeu naquele mês a informação de que o oficial alemão Gerhard Boldt publicara um livro com o título de *Os últimos dias da Chancelaria do Reich*, no qual ele descrevia os últimos dez dias do governo Hitler.⁴⁸ Kobulov intimou o primeiro-tenente Klausen a finalmente sistematizar o material da Operação “Mito” e transmiti-

lo para o KI (a abreviatura KI significava Comitê para Informação, que coordenava desde 1947 o trabalho do serviço secreto soviético). O chefe-substituto da administração central sugeriu que faria sentido “colocar Baur, Günsche e Linge em uma cela e propor a eles que escrevam um documento abrangente sobre os últimos dias de Hitler”.⁴⁹

Nascia, assim, a idéia do *Dossiê Hitler*; porém os oficiais do NKVD não podiam estar seguros de que essa iniciativa iria cair nas boas graças do Politburo do Partido Comunista, único destinatário possível de um projeto dessa natureza. Iniciaram então, em 27 de abril de 1948, um primeiro “balão de ensaio”. Stalin, Molotov, Beria, Zhdanov, Malenkov, Mikoian, Kaganovitch, Voznesenski e Bulganin, portanto os membros da alta cúpula da liderança soviética, receberam um documento elaborado por Günsche sobre a ofensiva das Ardenas e as tentativas alemãs de selar um acordo de paz em separado com os ex-aliados ocidentais. O ditador soviético parece ter lido o documento com interesse, uma vez que não o mandou para o arquivo do partido, mas o guardou em seu acervo pessoal no Kremlin.⁵⁰

Pouco depois, decidiu-se tirar Baur da “equipe de redação” e deixar apenas Günsche e Linge na elaboração do referido livro.⁵¹ Como as memórias de Baur, publicadas pela primeira vez na RFA em 1956, atestam, ele não sabia ou não quis revelar muita coisa sobre a morte de Adolf e de Eva Hitler. Suas informações eram insuficientes para uma descrição abrangente da política de Hitler.⁵²

Günsche e Linge foram inicialmente transferidos para uma seção especial do hospital-prisão de Butyrka, a fim de se concentrarem no *Dossiê Hitler*. Eles foram transferidos por razões de sigilo, em agosto de 1948, para o “imóvel especial nº 5 do MVD”, uma mansão em Moscou onde deveriam dar seqüência à sua “atividade de escritores”. Nesse “imóvel especial” do serviço secreto soviético, os oficiais da SS tiveram que prestar informações verbais e escritas por meses a fio: primeiramente sobre os últimos dias de Hitler, em seguida sobre sua vida particular e finalmente também sobre suas decisões militares e políticas. De 1945, os interrogadores retroagiram até 1935, ano em que Linge ingressou no comando de acompanhamento do *Führer* (*Führer-Begleitkommando*). Em seguida, foram somados os acontecimentos políticos dos anos de 1933 e 1934, embora nem Linge nem Günsche pudessem acrescentar infor-

mações de primeira mão. Finalmente, apresentou-se uma detalhada biografia de Hitler, que na opinião dos oficiais do NKVD satisfaria os anseios de Stalin.⁵³

Os oficiais do NKVD, atual MVD, tenente-coronel Fiodor Parparov e major Igor Saleiev, eram os redatores responsáveis. Eles controlavam o andamento do trabalho, formulavam as perguntas que conduziam aos reconheci-mentos e acrescentavam explicações ou informações de fundo.⁵⁴ Eles já haviam conduzido, conforme foi mencionado, os interrogatórios entre 1945 e 1946, falavam excepcionalmente bem o alemão e traduziam as declarações dos prisioneiros para o russo. No final, assumiram a redação e uniformização do texto, de forma que se obteve um resultado de boa leitura.⁵⁵

Os oficiais do serviço secreto puderam contar especialmente com a colaboração de Linge, embora ele tivesse declarado mais tarde nas suas memórias que não havia cooperado muito.⁵⁶ As anotações soviéticas diziam outra coisa: “Linge comportou-se de forma positiva durante os trabalhos, fazendo declarações espontâneas. Por meio de algumas comprovações, foi constatado que Linge esperava diminuir sua responsabilidade no serviço na proximidade de Hitler, e com isso conseguir sua liberação da prisão. Linge via suas anotações como possibilidade de ‘salvação’.”⁵⁷

Günsche, no entanto, mostrava-se fechado: “Günsche comportou-se de forma extremamente negativa no decorrer dos trabalhos. Ele se desvia da veracidade dos dados e tenta influenciar Linge também nesse sentido, não recuando dessa atitude nem diante de ameaças.” Segundo a avaliação final de Parparov e Saleiev, Günsche era “hitlerista convicto e um inimigo potencial da democracia e da União Soviética”.⁵⁸

Os trabalhos do NKVD/MVD na biografia de Hitler duraram mais de um ano e meio, e isso não só porque interrogadores e interrogados não chegassem a um acordo na descrição de determinados problemas — tais como a colaboração entre o Reich alemão e a União Soviética nos anos de 1939 a 1941. Além disso, os ex-oficiais da SS não tinham resposta para todas as perguntas. E, por fim, o conceito da obra foi modificado pelos interrogadores.

Os oficiais do NKVD imaginaram inicialmente uma descrição global da condução política e de guerra alemãs com o título “Castelos nas nuvens”. Do ponto de vista soviético, o termo seria uma metáfora para caracterizar as ambi-

ções do regime hitlerista, sendo que os “Castelos nas nuvens” russos são uma alusão à expressão alemã “castelos nos ares” (fantasias sem fundamento). O título prestava-se também por conta das pomposas residências do ditador alemão — o Berghof, com suas dimensões palacianas, como também a Nova Chancelaria do Reich. No fim das contas, o título parecia excessivamente lírico, pois não se tratava de uma visão geral sobre a política alemã, e sim de um texto sobre Hitler.

No que se refere aos fatos, o texto é uma biografia do ditador alemão de 1933 a 1945. Estilisticamente, ganhou caráter de dossiê. Na aparência, tinha formato de processo, mas a encadernação era de livro. Stalin recebeu o *Dossiê Hitler* em 29 de dezembro de 1949 das mãos do seu ministro do Interior, Sergei Kruglov. O relato de 413 páginas sobre a vida de Hitler foi-lhe entregue em um único exemplar, que os demais membros do Politburo não receberam.⁵⁹ A alguns, no entanto, Stalin permitiu vistas ao documento. Após a leitura, ele guardou o *Dossiê Hitler* em seu arquivo pessoal.⁶⁰

Embora o ditador soviético não tenha feito marcações próprias no livro e tenha se absterido de fazer anotações à margem do texto,⁶¹ é possível reconstituir, baseado em outras fontes, o que exatamente despertou seu especial interesse. Stalin, que nutria uma profunda desconfiança em relação aos que o rodeavam, marcou na tradução do caderno de anotações de Bormann, que lhe foi entregue em 22 de junho de 1945, trechos que se referiam às demissões dos ex-partidários e estreitos confidentes de Hitler: “29 de março [...] Guderian licenciado!, 30 de março [...] Dr. Dietrich licenciado pelo *Führer*!, 25 de abril Göring expulso do partido!, 28 de abril [...] Fegelein degradado, 29 de abril [...] casamento de Adolf Hitler + Eva Braun [...] Os traidores Jodl, Himmler e Gen.[erais]”; “1º de maio tentativa de evasão!”.⁶²

Linge e Günsche ainda permaneceram presos no imóvel especial nº 5 depois que o livro ficou pronto, ficando à disposição para eventuais informações adicionais. Depois que o serviço secreto do Estado não necessitou mais deles, foram condenados à pena de 25 anos em campos de trabalho por conta da sua participação em crimes de guerra, em 15 de maio de 1950, por um tribunal militar das tropas do MVD da região de Ivanov. O dia 6 de abril de 1950, momento da sua transferência para o campo de prisioneiros nº 48 em Ivanovo,

nas proximidades de Moscou, foi estabelecido como data de início da pena.⁶³ Pouco depois, Linge foi transferido pelo MVD para o campo penal nº 476 em Sverdlovsk, do qual foi libertado para a República Federal da Alemanha em 8 de outubro de 1955.⁶⁴ Günsche foi enviado para o mesmo campo. Ele se revelou, no entanto, consideravelmente mais renitente do que Linge e teve que cumprir inúmeras penas adicionais durante a sua prisão por propaganda anti-soviética e recusa de trabalho.⁶⁵ Günsche foi transferido finalmente em dezembro de 1955 pelo MWD para o Ministério do Interior da República Democrática Alemã, autorizando-se os órgãos alemães orientais que procedessem com ele a seu critério.⁶⁶

3. Fatos e interpretações. Sobre o conteúdo do *Dossiê Hitler*

Os oficiais do NKVD tinham uma formação ideológica marxista-leninista e, por isso, tinham visões preestabelecidas de como a História deveria ser interpretada. Ao redigir o *Dossiê Hitler*, basearam-se em declarações de pessoas que não compartilhavam de sua ideologia. Além disso, eram obrigados a servir ao *voyeurismo* de Stalin, que os incumbira dessa missão. Apesar desse olhar trífacetado sobre a ditadura nacional-socialista e a Segunda Guerra Mundial, não cabem dúvidas de que o grupo de autores — membros do serviço soviético de segurança — buscou redigir a história da forma que ela realmente aconteceu. Afinal, uma perspectiva marxista e a utilização de fontes de ideologia diversa não são antagônicos com a busca da verdade histórica.⁶⁷

A necessidade de satisfazer interesses especiais tampouco é necessariamente prejudicial à busca da verdade, uma vez que a escolha dos temas para o destinatário Stalin coincide com os interesses dos leitores atuais. Afinal, essas informações só estão disponíveis porque Stalin se ocupava incessantemente com a coleta de dados pessoais sobre seus adversários.⁶⁸ O olhar sobre a pessoa de Hitler era solicitado também, segundo os interrogadores, porque correspondia à perspectiva histórica extremamente personalista de Stalin.⁶⁹ Somente a ciência histórica marxista-leninista da era pós-stalinista separou as relações entre a pessoa de Hitler e a ditadura nacional-socialista.⁷⁰ Em 1948/1949, período em

que foi escrito o *Dossiê Hitler* para Stalin, parecia significativa a relação entre a vida do ditador e os diferentes períodos da sua ditadura. Ascensão, apogeu, queda: a vida de Hitler e a ditadura nacional-socialista podiam ser divididas nessas fases.

Três pontos foram determinantes para os redatores ao analisar Hitler enquanto pessoa: hábitos alimentares e de bebida, suas doenças e a convivência com Eva Braun. Mas eles não se limitaram a relatos objetivos, descrevendo o progressivo declínio físico e intelectual. O fato de Hitler ter sido não-fumante e detestar fumaça de cigarro à sua volta⁷¹ é mencionado quando se descreve uma cena no *bunker* do *Führer* em Berlim, na qual Hitler parecia ausente, até mesmo desorientado.⁷² A extrema reserva de Hitler em relação ao álcool também não é mencionada expressamente no *Dossiê Hitler*. É verdade que Hitler bebia bastante cerveja nas reuniões de seu partido, antes de 1931 — até sete doses; normalmente, no entanto, só um a dois copos no jantar. Ocasionalmente, ele tomava um licor de ervas ou de frutas como digestivo. Os autores do *Dossiê Hitler* mencionam essa reserva somente no momento em que ele a abandona. Eles citam uma informação de Linge, de que, após a batalha de Stalingrado, Hitler bebia sempre, “no almoço e no jantar”, uma “considerável quantidade de aguardente ou conhaque”; omitem, no entanto, que ele jamais perdia o controle quando bebia, e que, pouco tempo depois, parou de beber.⁷³

A alimentação vegetariana de Hitler é mencionada de passagem,⁷⁴ embora pudesse ser considerada a origem de seus freqüentes adoecimentos, estes, sim, de extremo interesse para o NKVD e Stalin. Os oficiais do NKVD registraram, no entanto, a rápida alternância entre moderação e gula nos hábitos alimentares de Hitler, o que também chamou a atenção de outras testemunhas de época. Friedelind Wagner relatou que, em Bayreuth, Hitler comia, em todos os almoços e às vezes no jantar, sopa de macarrão, mas era capaz de consumir até um quilo de bombons de chocolate por dia.⁷⁵ Seu companheiro de jornada por anos a fio, Ernst Hanfstaengel, dizia que seu “vegetarianismo de doces” e sua gulodice eram “incompreensíveis”.⁷⁶ O ditador é descrito no *Dossiê Hitler* como uma pessoa que ingeria grandes quantidades de carboidratos (“quilos de bombons”) quando submetido a estresse.⁷⁷

No entanto, baseado em depoimentos de Linge, o texto volta e meia narra episódios de astenia e adoecimentos de Hitler. Os oficiais do NKVD reproduzem com pormenores impressões que documentam seu crescente declínio físico. Hitler aparece como um homem desgastado e decrepito. Só em uma passagem eles mencionam o humor ferino com o qual se referia ao seu corpo dilapidado.⁷⁸ O clínico de Hitler, Theodor Morell, que os oficiais do NKVD qualificaram de “charlatão”, fazia jus a um péssimo juízo nesse contexto⁷⁹ — provavelmente, com justa razão, considerando a farta documentação de abuso medicamentoso apresentada no *Dossiê Hitler*.

O uso de colírio que continha cocaína não pode ser qualificado de erro médico ou de abuso de entorpecentes, como é sugerido no *Dossiê Hitler*,⁸⁰ diferentemente do que ocorria com as “injeções estimulantes” que ele recebia com frequência. Morell injetava o preparado Vitamultin, desenvolvido por ele próprio, que continha altos teores de pervitina e de cafeína.⁸¹ Pode-se falar de dependência, uma vez que Hitler consumia esse estimulante regularmente, chegando a tomar num só dia quatro injeções de Vitamultin, que já era superdosado. A rápida decadência física e intelectual de Hitler, entre 1942 e 1945, certamente pode ser atribuída a esse abuso medicamentoso.⁸² O médico da SS Ernst Günther Schenck, que nos últimos dias trabalhou no ambulatório nos porões da Chancelaria do Reich e depois escreveu uma biografia médica de Hitler, concluiu, no entanto, que a decadência de Hitler “não foi consequência de dependência de pervitina, mas antes uma manifestação do total esgotamento de um ser humano”.⁸³ Schenk menciona ainda que Hitler sofria da “fatídica evolução do mal de Parkinson”. A causa para o mal de Parkinson é a arteriosclerose cerebral, não o uso de psicofármacos e anfetaminas — como o Pervitin, no caso de Hitler.⁸⁴ O psiquiatra Frederick (Fritz) Redlich, que fugiu de Viena em 1938 e depois se tornou professor na Universidade de Yale, fala em sua biografia médica de Hitler “inequivocamente” do mal de Parkinson, sem atribuí-lo ao uso de anfetaminas. Redlich fala detalhadamente em seu estudo das consequências psíquicas e físicas do uso de Pervitin ao longo de muitos anos, e chegou à conclusão de que a agressividade de Hitler aumentou, mas que o vício não era a origem de sua política criminoso.⁸⁵

O médico particular Morell só aceitou o diagnóstico bastante evidente de mal de Parkinson no início de 1945. Os repetidos diagnósticos equivocados de Morell eram confirmados pela postura pouco cooperativa do próprio Hitler. Só em 1945 o ditador passou a receber medicamentos para deter sua decadência intelectual e física. É possível, também, que Morell esperasse que o uso de anfetaminas melhorasse a flexibilidade física e intelectual de Hitler. Redlich — que não contava nem com os depoimentos de presos soviéticos, nem com o *Dossiê Hitler* — concluiu que a inteligência e a memória de Hitler não sofreram danos até o final da guerra.⁸⁶ O biógrafo Werner Maser afirmou, com base em depoimentos, que o intelecto de Hitler “era impressionantemente claro e lúcido até o fim de sua vida”.⁸⁷ Isso nunca foi contestado, uma vez que assim também se explica a fidelidade incondicional do séquito de Hitler.⁸⁸ Não por último, a versão da saúde intelectual intacta abriu espaço para amplas especulações sobre a nostalgia do povo de um “declínio”.⁸⁹ Há muitas razões para se investigar as mazelas de saúde de Hitler com base em novas fontes. Pois os depoimentos de Linge e Günsche são bastante claros neste ponto. Frequentemente, mencionam a apatia de Hitler, até mesmo uma perda da orientação e total indiferença em relação ao meio ambiente. Alguns dos acessos de ira, segundo o *Dossiê Hitler*, jamais aconteceram, e fazem parte do reino da maledicência. Mas, como tais cenas ensejam seqüências cinematográficas espetaculares, acabaram entrando necessariamente no filme *A queda* (*Der Untergang*), do produtor alemão Bernd Eichinger. Um bom exemplo é o suposto ataque de raiva motivado pela traição de Fegelein. O espectador do filme vê um Hitler fora de si, gritando: “Traição!”, “Fegelein! Fegelein! Fegelein!” O roteiro continua: “Cada vez, Hitler bate com o punho na mesa. Seu rosto está vermelho, quase explodindo.”⁹⁰ Efetivamente, Hitler foi pressionado por Günsche, comandante do distrito governamental, a entregar seu cunhado a um tribunal.⁹¹ Outras cenas do filme também foram inventadas ou se fundamentam em depoimentos incompletos de testemunhas pouco confiáveis. A visita de despedida de Albert Speer junto a Hitler foi bem menos carregada de emoções do que no filme. A secretária Traudl Junge não foi salva por um menino, como mostra o filme, mas estuprada diversas vezes, passando meses como “prisoneira pessoal” de um alto oficial soviético do serviço secreto. A cronologia do filme, o qual pre-

tende ter exatidão histórica, não corresponde à realidade. Hitler volta e meia aparece como o motor dos acontecimentos. Mas os exércitos de Steiner e Wenck não foram requisitados por Hitler, e sim por Keitel, Krebs e Burgdorf. Foram os generais à volta de Hitler que conduziram a guerra dos últimos dias, não o próprio Hitler.⁹²

Para os interrogadores soviéticos, no entanto, não era apenas o estado físico de Hitler que interessava. Já no outono de 1945, os interrogadores soviéticos interrogavam os prisioneiros que foram próximos a Hitler sobre seu comportamento sexual. Principalmente Linge foi solicitado a prestar esse tipo de informação. Tanto o capitão Baur quanto Günsche tiveram que dar informações sobre o tema. Os oficiais do NKVD chegaram rapidamente ao relacionamento de Hitler com Eva Braun. Nos autos, ela é apresentada — como depois também no *Dossiê Hitler* — sem rodeios como a “amada” ou “companheira de cama” de Hitler, o que depois é fundamentado por descrições de Linge sobre noites agradáveis com champanhe, bombons e estimulantes. Aos oficiais soviéticos, pareceu também plausível que Hitler ocultasse o relacionamento por considerações políticas. Eles acharam coerente que ele tivesse desposado Eva Braun no final da sua vida. Especulações sobre o tipo de relacionamento seriam dispensáveis.

As observações depreciativas sobre os homossexuais da SA, as descrições das libertinagens no Berghof e os rumores sobre a sobrinha de Hitler, Angela, provavelmente serviram como indícios para que, na visão dos soviéticos, Hitler fosse “normal” em termos sexuais. Assumiu-se que, em parte, essas interpretações se baseavam em disse-me-disse, o que é comprovado pelo apelido errôneo “Nicki” em vez de “Geli” para Angela Raubal. Não foi incluída no dossiê para Stalin, no entanto, uma informação que constava no “relatório” de “Jäger”, “companheiro de cela” de Baur. “Jäger” declarou ao seu oficial-comandante, em 25 de dezembro de 1945: “No final da guerra, Eva estava grávida de Hitler.”⁹³

Os defensores da tese — ainda que reprimida ou latente — da homossexualidade de Hitler não mudarão de idéia com essas informações dos autos soviéticos.⁹⁴ Eles repeliram como inverossímeis depoimentos de antigas amantes do ditador⁹⁵ e duvidaram das pesquisas de diversas biografias de Hitler.⁹⁶ Por outro lado, a observação do piloto Baur sobre a gravidez de Eva Braun não

pode ser avaliada como prova inequívoca de um relacionamento sexual com Eva Braun e da sua capacidade de reprodução, já que o historiador Anton Joachimsthaler, que pesquisou detalhadamente a vida pessoal de Hitler, considera possível e talvez até provável um envolvimento sexual entre Eva Braun e seu cunhado, o oficial da SS Hermann Fegelein.⁹⁷ No entanto, seja consultando-se os resultados da pesquisa histórica alemã ou as fontes contemporâneas alemãs e soviéticas, os indícios são de que o comportamento sexual de Hitler era reprimido,⁹⁸ que tinha necessidades sexuais reduzidas,⁹⁹ mas não necessariamente uma tendência homossexual.

Embora Stalin e o aparato de segurança soviético se interessassem pela vida particular do seu ex-aliado e posterior inimigo, conferiam um peso bem maior ao seu estilo de liderança. Apesar disso, os oficiais do NKVD não se permitiram mencionar explicitamente as gritantes diferenças entre ambos. Stalin sempre tratava os que lhe eram próximos segundo o lema: “As convicções podem mudar, mas o temor permanece.”¹⁰⁰ Hitler compartilhava dessa opinião em relação aos povos que dominava, mas considerava aqueles que o circundavam fiéis ou, no mínimo, leais. Por isso, os oficiais do NKVD deram ênfase ao mostrar que a confiança de Hitler foi traída no final. Passagens sobre a suposta “traição” dos generais da Wehrmacht, bem como da direção da SS, ocuparam, por conseguinte, um grande espaço.

A generosidade de Hitler em relação aos dirigentes do exército era incompreensível do ponto de vista dos redatores soviéticos. Eles escreveram que “embora Hitler afirmasse freqüentemente que os seus generais eram os únicos culpados pelas suas derrotas, ele não os fazia prestarem conta dos seus atos”.¹⁰¹ Os oficiais do NKVD não compreendiam que ele os mandasse para a reserva, ainda por cima com altas condecorações. Stalin, em contrapartida, mandou executar milhares de militares de alta patente durante a “limpeza” de 1937/38, forçando lealdade desta forma. Até mesmo durante a guerra, mandou executar generais que, para ele, haviam fracassado.¹⁰²

Fazia parte da técnica de liderança de Hitler também o seu estilo informal de governo. Ele ignorava o gabinete, ao preparar todas as decisões importantes em conversas pessoais com os ministros, para depois tomá-las sozinho. Para tanto, contava com o suporte da bem conduzida Chancelaria do Reich, sob a

chefia do ministro Lammers, e da não menos eficiente Chancelaria do Partido, sob a chefia dos dirigentes do NSDAP, Hess e, depois, Bormann.¹⁰³ Além disso, Hitler aproveitava as rivalidades originadas pela dupla estrutura — Partido e Executivo — para incrementar a eficiência de ambos e garantir o controle de parte a parte. O antagonismo das funções do poder era mantido somente pela efetiva centralização onipotente do “*Führer*”.¹⁰⁴ Esta postura de Hitler em relação ao poder é pesquisada no *Dossiê Hitler* — apropriadamente — em relação aos marechais e generais no comando. Os demais detentores de poder estatal aparecem como cumpridores de ordens, embora não sejam descritos como pessoas sem responsabilidade própria. A forma como Hitler transmitia ordens aos outros é descrita corretamente.

A visão especificamente soviética reflete-se principalmente na freqüente menção a seguidores do NSADP. Retrospectivamente, faz sentido que se tenha atribuído um papel relevante a diversos industriais. Também a escolha das pessoas — Krupp, Kirdorf, Poensgen, Schroeder etc. — não foi totalmente equivocada.¹⁰⁵ Sua qualificação como “senhores do monopólio” correspondia à ideologia marxista-leninista imbuída nos oficiais do NKVD e em Stalin, segundo a qual os empreendimentos financeiros e industriais, fundidos em monopólios, penetrariam “todas as esferas da vida pública”.¹⁰⁶ Os autores do NKVD evitaram, porém, que essa visão predominasse no *Dossiê Hitler* e se ativeram aos fatos históricos. Albert Speer, ministro dos Armamentos, frisou seguidamente que os grandes industriais não dominaram o Estado, e, em suas memórias, sentenciou que “alguns ajudaram bastante, mas não foram mais do que coadjuvantes”.¹⁰⁷

Esse papel secundário dos industriais ficava evidente também pelo fato de nenhum executivo fazer parte do círculo mais ligado a Hitler, tampouco a altos militares ou funcionários. Tanto o QG do *Führer* quanto o Berghof eram freqüentados por Albert Speer, Heinrich Himmler ou os generais do Estado-Maior; com exceção de Speer, os contatos permaneciam, entretanto, restritos a relações de trabalho. Do círculo mais íntimo de Hitler faziam parte exclusivamente antigos colegas de Partido, os ajudantes de cada uma das Forças Armadas, as secretárias e os dirigentes da Chancelaria do Partido, Hess e Bormann.

Curiosamente, as pessoas próximas de Hitler antes de 1933 foram sendo gradativamente substituídas. Hitler cercava-se cada vez mais de pessoas que, intelectualmente, não estavam à sua altura nem detinham cargos de responsabilidade. No *Dossiê Hitler*, o Berghof aparece predominantemente como local de festividades particulares, e não como sede de governo. Os horários irregulares de trabalho de Hitler reforçavam essa impressão. No entanto, apesar de sua “natureza boêmia”, ele subordinava sua jornada disciplinadamente às tarefas da administração, em parte até a exaustão total.¹⁰⁸

As refeições conjuntas eram usadas por Hitler para relaxar e, frequentemente, também para testar determinados truques retóricos. Ele ouvia os seus interlocutores e os questionava energicamente nos anos anteriores ao início da guerra. Depois, apenas monologava. Aos que o cercavam, esses monólogos pareciam ter valor suficiente para serem transmitidos à posteridade.¹⁰⁹ Retrospectivamente, essas exteriorizações se revelam meros testemunhos da visão de mundo do ditador. Fica evidente que ele tentava impressionar os que o cercavam com uma versada pseudocultura. Sua excelente percepção¹¹⁰ prestava para tantos bons serviços, não lhe faltava originalidade, mas ele carecia de uma estrutura adquirida por uma formação sistemática.¹¹¹

Nos apontamentos de Linge e de Günsche para o *Dossiê Hitler*, os oficiais soviéticos escolheram declarações políticas características de Hitler. Assim, por exemplo, apresentaram a Stalin a reação de Hitler sobre o acordo naval de 1935, suas reflexões sobre a cisão entre os aliados Grã-Bretanha e França em 1940 e a visão do ditador sobre outros chefes de Estado. A escolha dentro da constelação de forças políticas existentes em 1948/49 foi determinante.

Para Stalin, eram de interesse, sem dúvida, países nos quais a União Soviética agia de forma ofensiva, como a Hungria e a Romênia, ou países nos quais ainda não tivesse sido tomada uma decisão sobre os futuros caminhos do desenvolvimento, como, por exemplo, a Itália.¹¹² As avaliações sobre a política de apaziguamento britânica, diante do pano de fundo da recém-iniciada Guerra Fria, adquiriam uma significação atual. Stalin observava com suspeita o abandono dos ex-aliados. Conseqüentemente, os redatores do serviço de segurança davam ênfase à escolha de episódios que indicassem uma conformidade entre a Inglaterra e a Alemanha ou uma campanha de guerra não muito convincente dos britânicos.

O Acordo de Munique sobre a divisão da Tchecoslováquia em 1938 e o fracassado desembarque britânico na Noruega foram temas desse gênero. Mas também foram detalhadamente relatadas as negociações em separado de Himmler com subnegociadores britânicos e a aparentemente conectada “traição” do exército comandado pelo SS-*Obergruppenführer* Felix Steiner.

A reprodução da reação de Hitler ao vôo de Rudolf Hess para a Inglaterra foi detalhada exaustivamente. Ela contradiz a versão apresentada depois por Linge. Em suas memórias publicadas na República Federal da Alemanha, Linge escreveu que Hitler abriu a porta rapidamente após as batidas, e que ele já estava vestido e barbeado.¹¹³ Essa descrição também foi introduzida na literatura científica especializada.¹¹⁴ Linge descreveu os fatos de outra forma no *Dossiê Hitler*. Hitler teria respondido com “voz sonolenta” e estaria “sem se barbear”. Que Hitler tenha ido a seu encontro vestido, explica-se pelo fato de que ele teria levado “alguns minutos” para sair do dormitório contíguo ao escritório.¹¹⁵ A tese do conhecimento de Hitler da suposta “missão diplomática” de Hess perde com isso um de seus principais fundamentos.

Os interrogadores interessaram-se também sobre o relacionamento tenso entre Hitler e os generais que estavam no comando. Eles chegaram a conclusões semelhantes às dos historiadores militares ocidentais após os interrogatórios de Linge e de Günsche.¹¹⁶ Os oficiais soviéticos descrevem como a aliança de interesses entre o regime nacional-socialista e o corpo de oficiais de caráter prussiano tornava-se mais frágil a cada derrota.¹¹⁷ Eles interpretaram o atentado contra Hitler em 20 de julho de 1944 como uma prova visível da decrescente lealdade.¹¹⁸ Os interrogadores da segurança de Estado, eles próprios sobreviventes das ações de limpeza de Stalin, procuraram reconstruir no *Dossiê Hitler* a extensão da conspiração. Perguntaram repetidamente a Linge e Günsche quem se manteve leal a Hitler e quem colaborou nos preparativos do atentado. Não lhes causou espanto que altos oficiais tivessem participado da conspiração. Na União Soviética, até mesmo membros do Politburo do Partido Comunista foram tachados de “inimigos do povo” e executados.

O texto entregue a Stalin, no entanto, sugere claro desprezo em relação a Hitler, por ele não ter promovido logo essa “limpeza” no corpo de oficiais. Os

oficiais do NKVD tampouco se furtaram a reproduzir a declaração de Hitler de que ele teria sido salvo por sua “premonição”.¹¹⁹

Embora a escolha das cenas da época da Segunda Guerra Mundial pareça seletiva do ponto de vista atual, o *Dossiê Hitler* mostra no todo um quadro diferenciado do ditador como líder militar. Há descrições detalhadas de como Hitler reagiu a determinados acontecimentos da guerra, como no caso das batalhas de Stalingrado em 1942/43, de Kursk em 1943 e no rio Oder em 1945. Como não foram conservadas as atas de quase nenhuma das conferências militares mencionadas no texto, os relatos de Günsche tornam-se fonte única.¹²⁰ Tendo em vista as contínuas e inalteradas pesquisas sobre todos os aspectos da Segunda Guerra Mundial por mais de cinquenta anos, seria errôneo admitir que, em função do *Dossiê Hitler*, seja necessária uma reavaliação abrangente.¹²¹

O olhar apurado sobre o “senhor da guerra” Hitler estimula, no entanto, novamente uma reflexão sobre determinados acontecimentos e decisões. Causa espanto, assim, a atitude leviana com que Hitler declarou guerra aos EUA numa situação estratégica altamente incerta. Espanta igualmente a postura irrefletida ante o desembarque dos Aliados na Normandia, bem como seu — àquela altura — ainda intacto relacionamento com o comandante-em-chefe da Luftwaffe, Göring. Contrastam com essa indiferença as freqüentes mudanças de humor, após vitórias ou derrotas no *front* oriental, que mostram que Hitler não estava em condições de conduzir a campanha de acordo com o que a difícil situação requeria. Ele perdeu a visão equilibrada dos problemas estratégicos e colocou o sucesso tático em primeiro plano, o mais tardar após a derrota em Stalingrado. Tudo isso fica nítido no *Dossiê Hitler*.

Retrospectivamente, espelha-se nesses relatos uma espantosa perda da noção da realidade: Hitler aparentemente supunha que os batalhões, regimentos e divisões, cujos movimentos ele acompanhava nos mapas do comando, ainda dispunham da mesma força de combate do início da guerra.¹²² O fracasso dos ataques, dos contra-ataques e dos “movimentos de tenazes” ordenados por ele era creditado a falhas dos comandantes e oficiais de comando. Ele supunha freqüentemente que houvesse falta de empenho ou covardia, eventualmente até sabotagem. A demissão dos líderes militares responsáveis ocorria em inter-

valos cada vez menores, não raramente depois de fortes ataques emocionais. Alguns desses desentendimentos entre Hitler e militares de alto escalão são descritos no *Dossiê Hitler*, tal como o que antecedeu a demissão de Guderian como chefe do Estado-Maior.

O grande número de memórias disponíveis de oficiais de alto escalão não mostra um quadro diferente: o alto-comando da Wehrmacht exigia demais intelectualmente de Hitler. Como sentenciou o escritor militar inglês Basil Liddel Hart em 1948 — na mesma época da redação do *Dossiê Hitler* —, ele tinha “a sensibilidade natural que caracteriza o gênio, mas também a tendência a cometer erros elementares”.¹²³ A esses erros elementares pode-se somar a assim chamada “ordem de parada” de 24 de maio de 1940, que permitiu às ligas britânicas a retirada para a França. Por outro lado, nem os generais aliados nem Hitler tinham contado com o retumbante sucesso operacional do “Sichelschnitts”, o salto arriscado por Manstein sobre o rio Meuse para a costa do Canal.¹²⁴

Retrospectivamente, a não-ocupação da Inglaterra provou ser um dos erros decisivos da guerra. Hitler adiou a Operação “Leão-Marinho” algumas vezes, porque não queria correr o risco de uma derrota.¹²⁵ No entanto, a dúvida sobre se a conquista da ilha britânica realmente não teria sido possível, ou se Hitler temia perdas por fortes razões de política interna, deve ser deixada de lado, por conta do seu caráter especulativo.

Também foram cometidos erros pela liderança militar na campanha contra a União Soviética, que se mostraram determinantes para o desfecho da guerra. A derrota em Stalingrado foi motivada dessa forma, por uma divisão das forças nos grupos A e B do Exército — para o avanço simultâneo sobre o rio Volga e o Cáucaso.¹²⁶ O avanço da Ofensiva de Verão alemã teve seu direcionamento ao Cáucaso ditado pela escassez de matéria-prima. Parecia impossível para Hitler uma continuidade da guerra sem a conquista dos seus campos de petróleo.¹²⁷

Porém também os Aliados fizeram avaliações equivocadas, que ocasionaram pesadas baixas. A França abriu mão, em setembro de 1939, de uma ofensiva contra o Reich alemão, embora este lhe tivesse declarado guerra. Em 1940, não foi realizado um possível bombardeio sobre as tropas alemãs que batiam

em retirada nas Ardenas.¹²⁸ Em 1941, a atitude ofensiva das forças de combate soviéticas na linha de fronteira, traçada em 1939, levou à perda de mais de três milhões de soldados. A derrota militar da União Soviética parecia ser uma questão de tempo.¹²⁹ Os Aliados ocidentais cometeram erros em 1943/44, em várias operações terrestres na Itália, no sul da França e na Normandia, que ameaçaram o sucesso dessas operações.¹³⁰

A vitória da coalizão anti-Hitler estava enraizada na supremacia econômica dos EUA e da União Soviética. Quanto mais durava a guerra, maior a produção da sua indústria armamentista. Esse prosaico resultado foi uma constatação das pesquisas históricas do final do século XX. Portanto, não surpreende que não se tenha chegado a essa conclusão no *Dossiê Hitler*.

A avaliação de que os bombardeios dos Aliados ocidentais tiveram efeito decisivo no resultado da guerra era tabu em 1948/49, devido às considerações políticas da época, já que, do ponto de vista de Stalin, bem como dos oficiais soviéticos, essa avaliação teria diminuído a vitória do Exército Soviético. No entanto, é inquestionável o resultado do bombardeio sobre a indústria armamentista alemã, embora sua produção tenha mais que dobrado entre janeiro de 1942 e maio de 1943 e tenha se reduzido significativamente somente no último quadrimestre de 1944.¹³¹ Determinadas áreas, como a indústria da aviação, já tinham sido atingidas de forma significativa pelos bombardeios aliados. Desde 1943, as forças de combate alemãs praticamente já não conseguiam fazer operações combinadas terra-ar. Tanto a batalha na Normandia como a ofensiva das Ardenas não foram ganhas devido à supremacia aérea dos Aliados.

O grupo de autores do *Dossiê Hitler*, no entanto, não valorizou infundadamente a guerra teuto-soviética. Mesmo os historiadores alemães chegaram à conclusão, em suas análises, de que a Segunda Guerra Mundial foi decidida no *front* oriental. Andreas Hillgruber sentenciou em 1965: “O grande desembarque dos Aliados ocidentais deu-se somente depois de o destino de grande parte do leste e do sudeste da Europa estar selado — politicamente no mínimo dois anos atrasado, militarmente após a Wehrmacht já estar significativamente enfraquecida e com a sua liberdade de ação prejudicada.”¹³²

Além disso, a hipótese da decisão no leste é apoiada pelo grande número de vítimas.¹³³ Recentes apurações de historiadores russos chegam a 11,27 mi-

lhões de mortes de militares do lado soviético na guerra teuto-soviética.¹³⁴ Dos 4,2 milhões de soldados alemães mortos, 1,83 milhão morreu até 31 de janeiro de 1945 no *front* teuto-soviético. Até maio de 1945, outro 1,4 milhão de membros da Wehrmacht e da SS foram mortos nas lutas com tropas soviéticas.¹³⁵ Outros 3,1 milhões de alemães foram feitos prisioneiros entre 1941 e 1945.¹³⁶

Esses números mostram como a guerra teuto-soviética foi impiedosa. Isto também pode ser deduzido a partir do *Dossiê Hitler*, apesar da redação centrada em personalidades. No entanto, só em poucas passagens sugere-se que a campanha contra a União Soviética tenha sido uma guerra de extermínio racista, na qual 18,4 milhões de civis foram vitimados.¹³⁷ Essa guerra de extermínio foi conduzida principalmente pela SS, mas também pela politicamente doutrinação Wehrmacht.

Na Instrução Complementar 21 do “Caso Barbarossa”, em 13 de março de 1941, a SS recebeu poderes especiais “para preparar a administração política”, justificados pela “guerra a ser travada entre dois sistemas políticos antagônicos”. Hitler incumbiu os dirigentes da Wehrmacht da tarefa de garantir a “exploração do país” para as “finalidades da economia alemã”. A Wehrmacht e a SS deveriam combinar seus procedimentos, embora a SS não estivesse subordinada à Wehrmacht.¹³⁸ Hitler com frequência criava estruturas duplas, gerando rivalidades e, ao mesmo tempo, livrando aquelas instituições de responsabilidades.¹³⁹ Para a radicalização da guerra, também contribuíram as declarações políticas do Partido Comunista, ou seja, de Stalin.¹⁴⁰

A propaganda alemã utilizou-se, nos últimos meses da guerra, dos crimes cometidos contra os soldados alemães e a população civil,¹⁴¹ para uma efetiva mobilização de todas as reservas. O ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, apelou em um discurso radiofônico, em 28 de fevereiro de 1945, para uma luta contra um “inimigo sedento de sangue e vingativo”.¹⁴² Um “ódio” jamais visto deve se apossar de cada coração alemão, exigia o chefe de distrito Paul Giesler na *Münchener Feldpost*, no início de 1945: “O ódio deve ter livre curso. Nossa atitude cheia de ódio deve golpear o inimigo como uma brasa ardente.”¹⁴³ Essa propaganda aparece de uma forma distorcida no *Dossiê Hitler*, mas, em essência, é transmitida corretamente.

O *Panzerbär*, o “Diário de luta para os defensores da grande Berlim”, impresso no Ministério da Propaganda, trazia apelos para que a população persistisse e mentiras sobre a real situação da evolução da guerra. “Berlim” seria o “quebra-mar da maré vermelha”, noticiava o *Panzerbär* em 25 de abril de 1945. Mas, ao mesmo tempo, dava a notícia de que no rio Oder os bolcheviques tinham conseguido “irromper em poucos e estreitos trechos do *front* Oder-Neisse, graças a uma enorme aglomeração material”. “Estamos vigilantes e seguramos as posições”, foi a manchete do dia 25 de abril.

Na primeira página, em negrito, os leitores achavam abaixo do título “O grito de honra”, uma citação de Ulrich von Hutten: “Posso morrer, mas não posso ser servo, nem ver a Alemanha escravizada!”¹⁴⁴ A redução da obra poética de Ulrich von Hutten a este tópico seria só um fato menor, não tivesse alguns dias uma “divisão de brigada do povo” sido batizada com o nome do poeta.¹⁴⁵ Além dessas unidades montadas às pressas, tropas regulares da Wehrmacht e da Waffen-SS combatiam nos últimos meses da guerra também unidades do Volkssturm, que fora formado em 26 de setembro de 1944 por iniciativa de Martin Bormann. O comando regional do Volkssturm ficava com os *Gauleiter* do NSDAP; o comando superior era de Bormann e Heinrich Himmler em sua função de comandante do exército de reserva. Todos os homens dos 16 aos sessenta anos de idade foram convocados; cerca de duzentos mil morreram ou constam como desaparecidos.¹⁴⁶ O Volkssturm é condenado moralmente no *Dossiê Hitler*. Retrospectivamente, não há a menor dúvida sobre a insensatez militar dessa última convocação alemã.

Apesar de contarem com parco armamento, essas unidades condenadas à morte conseguiram retardar a vitória do Exército Vermelho por algumas semanas. Elas detiveram temporariamente o “inimigo mundial bolchevique”, o “assalto mongol”, como formulou Goebbels na sua conclamação aos berlinenses de 24 de abril de 1945. As forças de combate soviéticas completaram o cerco a Berlim até o final de abril; mas não atingiram a total ocupação dos territórios alemães que lhes couberam na conferência de Ialta. Foram membros da Juventude Hitlerista, como aqueles que o ditador condecorou com a Cruz de Ferro no jardim da Chancelaria do Reich, que exerceram a perseverança pe-

dida por Goebbels. Um grande número deles não duvidava nem da veracidade da propaganda nem do poder de liderança de Hitler.¹⁴⁷

Mas mesmo os soldados mais velhos seguiram lutando até o suicídio de Hitler, embora estivessem desiludidos e dessem a guerra por vencida.¹⁴⁸ Caíram na armadilha moral de um patriotismo exacerbado, ao qual serviam de lema duas linhas do poema de Heinrich Lersch, “Despedida do soldado”, de 1914. Sua afirmação essencial, “A Alemanha deve viver, mesmo que nós tenhamos que morrer!”, encontra-se em inúmeros monumentos aos caídos na Primeira Guerra Mundial; todos os alunos estudavam o poema na aula de alemão.¹⁴⁹ Na geração dos que participaram da Primeira Guerra Mundial, subordinar o indivíduo à sociedade era tão indiscutível quanto a disposição de morrer por conceitos abstratos como “povo”, “Alemanha”, “bandeira” ou “honra”.¹⁵⁰

Um dos mais bem-sucedidos combatentes da Primeira Guerra Mundial, o amigo de Göring e de Riefenstahl, general Ernst Udet, escreveu em 1935, em suas memórias, que sua própria vida teria “se tornado sem importância”, “confluído para o rio do nosso destino em comum”. E ele associava sua ânsia de morrer com um reconhecimento a Adolf Hitler: “Nós éramos soldados sem bandeira. Nós desfraldamos novamente nossa bandeira. O *Führer* devolveu-a a nós. Para os velhos soldados, vale novamente a pena viver.”¹⁵¹

Por isso, permanece a dúvida se os protagonistas do *Dossiê Hitler* realmente sentiram a aversão em relação aos insensatos esforços de defesa que é expressa no texto. O historiador Percy Ernst Schramm, co-autor e posterior editor do *Kriegstagebuchs des Oberkommandos der Wehrmacht*, escreveu em 1961 no “Julgamento da História” — estando de acordo com o julgamento dos sobreviventes da guerra: “Hitler, que antes de qualquer outra pessoa na Terra supôs e soube que a guerra estava perdida, atraiu para si culpa indelével, por ter prolongado a guerra.”¹⁵²

Algumas décadas depois, um dos iniciadores da “luta do desespero” continuava sustentando que as mortes das inúmeras vítimas foram justificadas. Não se tratava de prolongar a vida de Adolf Hitler por mais três dias, explicava cnicamente o líder da Juventude do Reich, Artur Axmann, mas “de não deixar a fidelidade desaparecer da face da Terra”.¹⁵³

4. Lacunas. Os pontos falhos no *Dossiê Hitler* por motivos políticos

Hitler manipulou a cabeça do povo alemão de forma hábil e mobilizou grande parte dele através da sua simpatia para com problemas políticos, de fato e aparentemente ardentes.¹⁵⁴ Ele dispunha de poder de sugestão como orador, tanto em conversas pessoais como quando se dirigia às massas. Sua voz agradava diretamente aos centros de percepção emocionais, e o “espetáculo” que ele apresentava era ímpar em tempos de meios de comunicação de massa rudimentares.¹⁵⁵

Friedelind Wagner, única crítica de Hitler na família Wagner, achava que a sua fala, mesmo que proferida com “voz dissonante” e “carregada de afetação”, era “como uma ventania que tira o fôlego, atordoa e deixa as pessoas comovidas”.¹⁵⁶ A revista americana *Vanity Fair*, cuja especialidade eram os artistas, citou Hitler já em 1931 como um dos melhores oradores da época. O *Berliner Illustrierte*, publicação de massa de grande influência, colocou-o no mesmo ano sob a rubrica “oradores sobre os quais mais se fala”, junto com Stalin, Mussolini e o Mahatma Gandhi.¹⁵⁷

O *Dossiê Hitler* aponta que o ditador testava seus discursos e que se deleitava com a sua imagem “diante do espelho (...) como um pavão envaidecido”.¹⁵⁸ No entanto, abriu-se mão de evidenciar a capacidade retórica de Hitler, embora ela tenha sido essencial para o seu sucesso.

Além disso, Hitler soube como ninguém constituir um partido como ferramenta para alcançar o poder pessoal. O NSDAP, que já em 1933 tinha mais de um milhão de membros, do ponto de vista sociológico era um “partido popular de protesto”.¹⁵⁹ Depois de 1933, transformou-se no partido do Estado e, com isso, o detentor efetivo do poder executivo.¹⁶⁰ Em seu estilo de liderança personalista, Hitler reunia ideologia e terror com elementos carismáticos, mas abria mão de revolucionar a sociedade.¹⁶¹

Stalin, em contrapartida, não dispunha de carisma pessoal. Este era criado sistematicamente pelo culto à personalidade.¹⁶² Ele tomou o poder depois de lutas intestinas do Partido. Como ditador, foi no mínimo um condutor igualmente virtuoso da burocracia e do aparelho de terror. Ele deu

forma a uma revolução que, pela primeira vez, transformou em realidade o sistema mundial comunista.

Para que as diferenças entre os dois ditadores não transparecessem tão claramente, os autores do serviço de segurança do Estado cortaram os textos de Linge e de Günsche de forma que o talento de Hitler para condução das massas ficasse menos evidente. As inúmeras megaproduções do NSDAP são, por isso, mencionadas de passagem, e o efeito sobre o povo é ofuscado. Tomam grande espaço as aparições de Hitler que não eram públicas; mas raramente o ditador aparece no dossiê do NKVD como companhia divertida. Quase sempre são reproduzidas exteriorizações suas que eram maliciosas, cínicas ou maldosas.

Os redatores soviéticos aproveitaram, contudo, as passagens, aparentemente redigidas por Günsche, sobre a SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”. Sua lealdade incondicional ao *Führer* é enfatizada, mesmo depois de Hitler ter-lhe retirado seu nome no final de março de 1945, após a malsucedida ofensiva de Balaton.¹⁶³ Surge de forma notável, nesse contexto, a reação de consolo de Wilhelm Mohnke, o último comandante do distrito governamental, que disse em abril de 1945 a Günsche: “O *Führer* não queria mais saber da sua Leibstandarte, mas agora nós vamos mostrar-lhe que ele ainda tem uma Leibstandarte.”¹⁶⁴ No entanto, os oficiais do NKVD não investigaram de que forma Hitler conseguiu criar essa lealdade.¹⁶⁵

Apesar de essas omissões no *Dossiê Hitler* serem explicáveis e suportáveis, retrospectivamente é revoltante que os interrogadores do NKVD não tenham feito nenhum esforço para esclarecer os motivos do extermínio de judeus pelos alemães. Somente nos territórios da União Soviética ocupados pela Wehrmacht nos anos de 1941 a 1945 são mencionados 2,1 milhões de judeus assassinados. Sem sombra de dúvida, é certo que o número das vítimas da dominação nacional-socialista está bem acima de cinco milhões. Somados os que perderam a vida nos guetos e nos campos devido à fome e às precárias condições sanitárias, o número das vítimas do Holocausto ultrapassa com certeza a barreira dos seis milhões.¹⁶⁶

Os interrogadores soviéticos não procuraram, apesar disso, nem mesmo reconstruir as instruções de Hitler para a matança dos judeus, nem descrever

sua imagem anti-semita. Não só Linge, como também Günsche poderiam ter fornecido dados para isso. Hitler é relacionado à construção de câmaras de gás meramente num único trecho. Consta no *Dossiê Hitler* que ele interessava-se “pessoalmente” pelo desenvolvimento das câmaras de gás. Ele teria inclusive aprovado modelos e desenhos apresentados a ele por Himmler, e instruído “dar total apoio” aos construtores.¹⁶⁷ As pesquisas até então partiam do pressuposto de que Hitler teria incumbido a SS de executar o genocídio, e que ele queria saber o mínimo possível dos detalhes.¹⁶⁸

O biógrafo de Himmler, Richard Breitmann, constata de forma resumida em relação à adoção de carros e câmaras de gás: “Nós não sabemos o quão rápido Himmler informou Hitler sobre as novas possibilidades de aniquilação no leste.”¹⁶⁹ Que Hitler deve ter sido informado sobre as câmaras de gás e, com isso, sobre a capacidade das novas instalações de extermínio em massa, é o que se depreende de uma instrução de Himmler do dia 18 de setembro de 1941. Hitler desejava, como consta na carta de Himmler, a deportação o mais rápido possível dos judeus que se encontravam no Reich alemão e no Governo Geral da Polônia. Himmler e Hitler haviam conversado durante várias horas, dois dias antes, na “Toca do Lobo”.¹⁷⁰

A explicação para a omissão sobre o Holocausto no *Dossiê Hitler*, no entanto, é evidente. Inúmeros judeus foram assassinados pelos órgãos de segurança do Estado Soviético ou executados devido a acusações falsas de adversários políticos, já antes e durante a Segunda Guerra Mundial. O número pode chegar a dezenas de milhares, mas não foi determinado com exatidão.¹⁷¹ A intensidade e a abrangência das perseguições, provisoriamente restritas, aumentaram a partir de 1947. Além disso, elas deixaram de ter somente motivações políticas e passaram a ter uma orientação claramente anti-semita.

O responsável pelas represálias foi o MVD, sucessor do NKVD. As denúncias contra os “sionistas” ou “cosmopolitas” eram preparadas pelos oficiais da segurança do Estado, que também executavam ações de assassinato sem sentença judicial, só por instruções de Stalin ou de Beria.¹⁷² O *Dossiê Hitler* foi editado durante o auge da política antijudaica da União Soviética. Não foi demandado um esclarecimento do assassinato dos judeus devido à postura nitidamente anti-semita de Stalin.¹⁷³

Também foi considerada tabu a aliança teuto-soviética nos anos de 1939 até 1941. No *Dossiê Hitler* é mencionada uma parte dessa parceria, o Pacto de Não-Agressão. Não se descrevem nem sua realização nem suas consequências. Os redatores soviéticos, no relato da campanha alemã contra a Polônia, deixam de mencionar o fato de que o seu país também estava em guerra com a Polônia. O plano de trabalho esboçado para o *Dossiê Hitler* previa a discussão desse tema.¹⁷⁴

Essa idéia foi, no entanto, rejeitada pelos oficiais do NKVD responsáveis pelo livro, tenente-coronel Parparov e major Saleiev. Os dois oficiais do serviço secreto sabiam muito bem, em parte por experiência própria de repressão durante as limpezas stalinistas, o que era julgado politicamente oportuno pelo círculo de comando soviético.¹⁷⁵

Provavelmente, não era a “divisão dos restos” com Hitler que não deveria ser mencionada. A União Soviética havia ficado com partes da Polônia e da Romênia, bem como com os Países Bálticos e a Finlândia. Além disso, a direção soviética podia ter a certeza de ter liberdade de ação na fronteira da Mongólia com a Manchúria, na guerra contra o Japão.¹⁷⁶ Uma discussão do Pacto de Não-Agressão no *Dossiê Hitler* teria, no entanto, evocado a lembrança de um dos mais graves erros de avaliação da direção soviética.

A adoção das sugestões alemãs para a divisão da Europa Oriental pareceu inicialmente racional. Hitler havia oferecido a Stalin, na disputa a favor da União Soviética, bem mais do que as potências ocidentais. Estava claro para o Politburo também que só podia tratar-se de uma aliança temporária. Nikita Kruchev lembrava-se das palavras de Stalin, seu antecessor: “Este é um jogo para ver quem consegue iludir e enganar o outro.”¹⁷⁷

O Reich alemão lucrou, no entanto, de uma forma não prevista com o pacto. Ele ficou em condições de limitar temporariamente seus anseios autárquicos sem precisar empreender de fato uma mudança econômica de rumo. Os grandes volumes de óleo e metais não-ferrosos comercializados foram decisivos para a indústria bélica. Além disso, graças ao fornecimento de óleo, pôde-se evitar a escassez de combustível na campanha contra a França.¹⁷⁸ O comando alemão evitou, contudo, uma vinculação muito forte à União Soviética e livrou-se da esperada chantagem.¹⁷⁹

Stalin equivocou-se também no julgamento da — a seu ver, justificada — guerra entre as potências “imperialistas” Alemanha e França/Grã-Bretanha. Ele contava com um enfraquecimento, não com um reforço do potencial militar alemão, e esperava poder lucrar com os conflitos. As renovadas sondagens da Grã-Bretanha sobre uma aliança militar foram tratadas por ele com grandes reservas.¹⁸⁰

O ataque alemão à União Soviética foi precedido de uma série de decisões equivocadas de Stalin. Os acontecimentos do verão de 1941 foram conseqüentemente tratados de forma seqüencial. Mesmo assim, o grupo de autores da segurança de Estado evitou reproduzir a fórmula propagandista do “assalto perverso”, já que eles sabiam melhor do que ninguém que Stalin sabia do prazo para o ataque no início do verão de 1941. Os relatórios do serviço secreto a esse respeito foram devolvidos por ele, com anotações torpes à margem, como pretensa desinformação.¹⁸¹ Partindo da superestimação das próprias possibilidades e da subavaliação daquelas do adversário alemão, a direção soviética esboçou, em vez disso, planos ofensivos próprios. Discutiu-se detalhadamente a questão sobre se, na visão alemã, se tratou de uma guerra preventiva, sendo que as respostas eram negativas e afirmativas.¹⁸²

Certo é que, nos limites acordados em 1939, defrontaram-se duas potências mundiais fortemente armadas com interesses conflitantes. Tanto a União Soviética quanto o Reich alemão eram Estados de cunho ideológico totalitário, tinham conduzido nos últimos anos uma série de guerras de ocupação e viam o conflito militar como inevitável. Os dois lados desenvolviam detalhados planos de ataque e procuravam antecipar-se ao adversário. O conceito de guerra preventiva surge então como uma caracterização com motivação política e, portanto, inadequada da guerra teuto-soviética.¹⁸³

Desde 1933, Hitler aspirava de forma contínua a conquistar a Rússia européia para construir um império colonial. Na sua concepção de mundo, a conquista de “espaço vital no leste” ocupava uma posição central. Já em 1927, em *Minha luta* [*Mein Kampf*], ele qualificava a Rússia como futura área de colonização; o regime bolchevique estaria, aliás, “maduro para o colapso”.¹⁸⁴ A guerra contra a União Soviética foi, apesar de ser uma necessidade estratégica condicionada ao curso da guerra, uma guerra de conquista.¹⁸⁵

A decisão de atacar, no entanto, foi tomada por Hitler de forma intuitiva. Como mostram recentes pesquisas, nem a força nem a formação do oponente eram conhecidas com exatidão pelos oficiais do Estado-Maior. Tampouco existia uma avaliação sensata da força de combate do Exército Soviético.¹⁸⁶

Como os redatores soviéticos “abreviaram” as declarações de Linge e Günsche sobre o início da campanha, omitiram os sucessos iniciais da Wehrmacht alemã contra as forças de combate da URSS, armadas ofensivamente. Apesar de as tropas soviéticas estarem não só em superioridade, como também bem armadas, mais de 3,8 milhões dos seus soldados caíram prisioneiros de guerra dos alemães até o final de 1941.¹⁸⁷

Descrições precisas sobre o desenrolar da guerra e da forma de agir de Hitler como comandante supremo da Wehrmacht só aparecem no *Dossiê Hitler* a partir do momento em que a ofensiva alemã empacou. Suas reações face à derrota ante Moscou e o malsucedido bloqueio de Leningrado são reproduzidas plasticamente. Mas mesmo nas descrições que se seguem fica a impressão de que trechos inteiros dos sucessos do Exército alemão tenham sido riscados até o momento da batalha de Stalingrado.

O Dossiê Hitler tornou-se um expressivo retrato do ditador alemão, independentemente das interpretações errôneas à luz da atualidade e dos pontos falhos por motivos políticos. Oferece uma descrição notavelmente detalhada do seu estilo de ação política e militar. A absoluta falta de escrúpulos e o desmedido desejo de aniquilação de Hitler são mostrados com clareza. O capítulo sobre os últimos dias no *bunker* do *Führer* é abalador. Revela a ânsia de Hitler de prolongar sua vida até o último momento possível, mesmo que com isso estivesse conduzindo o povo alemão para a catástrofe. O fato de *O Dossiê Hitler* ter sido escrito especialmente para o ditador soviético Stalin não diminui a sua carga de emoção.

O DOSSIÊ HITLER: TENTATIVA DE UMA EXPLICAÇÃO

1. Alan Bullock, *Hitler: A Study in Tyranny* (Hitler, um estudo sobre tirania), e *Hitler and Stalin: Parallel Lives* (Hitler e Stalin, vidas paralelas).
2. Cf. Hermann Graml, *Europas Weg in den Krieg. Hitler und die Mächte 1939* (A marcha da Europa rumo à Guerra. Hitler e as potências 1939), Munique, 1990, bem como Horst Möller, *Europa zwischen den Weltkriegen* (A Europa entre as Guerras Mundiais), 2ª edição, Munique, 2000, e a bibliografia ali indicada.
3. Ver a nova interpretação histórica na obra de Rolf Dieter Müller, *Der Zweite Weltkrieg 1939 bis 1945* (A Segunda Guerra Mundial, 1939 a 1945), Stuttgart, 2004, p. 70; bem como a bibliografia mais recente ali indicada.
4. Rüdiger Fürst von Starhemberg participou do *putsch* de Hitler em Munique em 9 de novembro de 1923. Posteriormente, no entanto, tornou-se um “austrofascista”. Emigrou em 1938.
5. Dr. Henry Picker, *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier 1941-1942* (As conversas de Hitler à mesa 1941-1942), reeditado por Percy Ernst Schramm em colaboração com Andreas Hillgruber e Martin Vogt, 2ª edição, Stuttgart, 1965, p. 139.
6. Idem, p. 200.
7. Idem, p. 270.
8. Idem, p. 376 e 465.
9. Idem, p. 464.
10. Idem, p. 468.
11. 27.7.1942, idem, p. 487.
12. Oswald Spengler, *Preußentum und Sozialismus* (Prussianismo e socialismo), Munique, 1920. Comparar com Horst Möller, “Oswald Spengler — Geschichte im Dienste der Zeitkritik” (Oswald Spengler — História a serviço da crítica da contemporaneidade). In: *Spengler heute. Sechs Essays mit einem Vorwort von Hermann*

- Lübbe* (Seis ensaios com um prefácio de Hermann Lübke), editado por Peter Christian Ludz, Munique, 1980, p. 49 a 73, principalmente p. 56 e seguintes.
13. Oswald Spengler, *Neubau des Deutschen Reiches* (Reconstrução do Reich alemão), Munique, 1924, p. 28, 104.
 14. Cf. Ernst Nolte, *Der europäische Bürgerkrieg 1917-1945. Nationalsozialismus und Bolschewismus* (A guerra civil européia 1917-1945, nacional-socialismo e bolchevismo), Frankfurt/Main, Berlim, 1987.
 15. Cf. Hannah Arendt, *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft* (Origens do totalitarismo), Nova York, 1955/São Paulo, Cia. das Letras, 1989.
 16. 25.7.1944. In: *Die Tagebücher von Joseph Goebbels* (Os diários de Joseph Goebbels), coordenado por Elke Fröhlich por encomenda do Instituto para História Contemporânea, parte II, vol. 13, Munique, 1995, p. 162.
 17. Helmut Altrichter, *Kleine Geschichte der Sowjetunion 1917-1991* (Pequena história da União Soviética 1917-1991), 2ª edição revista e ampliada, Munique, 2001, p. 72 e seguintes, 92. As “perdas populacionais”, incluindo os 5 a 8 milhões que morreram de fome entre 1927 e 1939, são estimadas entre 10 e 12 milhões de pessoas.
 18. Ver Martin Broszat, *Der Staat Hitlers* (O Estado de Hitler), 1969, várias novas edições.
 19. Cf. Horst Möller, “Diktatur-und Demokratieforschung im 20.Jahrhundert” (Pesquisa sobre ditadura e democracia no século XX). In: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte*, 51 (2003), p. 29-50.
 20. *Darkness at Noon*, 1940, traduzido no Brasil por *O zero e o infinito* (Editora Globo).
 21. França 1995, Alemanha, Munique, 1996.
 22. França 1997, Alemanha, Munique, 1998. Cf. Horst Möller (Hg.), *Der “rote” Holocaust und die Deutschen. Die Debatte um das “Schwarzbuch des kommunismus”*, Munique, 1999; Helmut Altrichter, “Offene Großbaustelle Russland. Reflexionen über das Schwarzbuch des Kommunismus”. In: *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte*, 47 (1999), p. 321-361.
 23. Cf. Karl Dietrich Bracher, *Die deutsche Diktatur* (A ditadura alemã), 1969 (7ª edição, 1997).
 24. Cf. H. Möller, “Diktatur — und Demokratieforschung” (Investigação sobre Ditadura e Democracia), p. 35; do mesmo autor, *Europa zwischen den Weltkriegen* (A Europa entre as guerras mundiais), p. 137; Karl Dietrich Bracher, *Zeitgeschichtliche Kontroversen* (Controvérsias contemporâneas), Munique, 1976; do mesmo autor, *Die totalitäre Erfahrung* (A experiência totalitária), Munique, 1987; Bruno Seidel/Siegfried Jenkner (org.), *Wege der Totalitarismus-Forschung* (Caminhos da investiga-

- ção sobre o totalitarismo), Darmstadt, 1968; Eckhard Jesse (org.), *Totalitarismus im 20. Jahrhundert. Eine Bilanz der internationalen Forschung* (O totalitarismo no século XX, um balanço da pesquisa internacional), 2ª ed. ampliada, Bonn, 1999; Detlef Schmiechen-Ackermann, *Diktaturen im Vergleich* (Comparação das ditaduras), Darmstadt, 2002.
25. Ver introdução e comentários de Matthias Uhl e Henrik Eberle neste livro.
 26. 2ª edição, Viena, 1988.
 27. 1938, 2ª edição com introdução de Golo Mann, Zurique, 1964.
 28. Cf. Theodor Schieder, *Hermann Rauschnings "Gespräche mit Hitler" als Geschichtsquelle* (As conversas com Hitler de Hermann Rauschning como fonte histórica), Opladen, 1972; Martin Broszat, "Enthüllung? Die Rauschning-Kontroverse" (1985) (Revelação? A controvérsia sobre Rauschning). In: *Nach Hitler. Der schwierige Umgang mit unserer Geschichte*, artigos de Martin Broszat, organizado por Hermann Graml e Klaus-Dietmar Henke, Munique, 1986, p. 249.
 29. Cf. bibliografia citada por Gerhard Schreiber, *Hitler Interpretationen 1923-1983*, 2ª edição complementada, Darmstadt, 1988, p. 337; Ian Kershaw, *Der NS-Staat. Geschichtsinterpretationen und Kontroversen im Überblick* (O Estado nazista, interpretações históricas e controvérsias), 2ª ed., Reinbek/Hamburgo 2001; Klaus Hildebrand, *Das Dritte Reich* (O Terceiro Reich), 6ª ed., Munique, 2003, p. 152 e 166.
 30. Cf. K. Heiden, *Hitler*, vol. II, *Ein Mann gegen Europa* (Um homem contra a Europa), p. 237, 239 e seguintes.
 31. Idem, p. 190.
 32. Amerikan. 1940, dt. Frankfurt/Main, 1974.
 33. Amerikan. 1942, dt. 1977.

CAPÍTULO 1: VERÃO 1933 — VERÃO 1934

1. Tropa armada formada inicialmente por 120 homens, responsáveis em primeira linha pela proteção pessoal de Hitler e, ao mesmo tempo, por tarefas de representação. Em 1938, este grupo fundiu-se com outros da SS, cresceu e tornou-se uma espécie de regimento de infantaria motorizado, aquartelado em Berlim-Lichterfelde. Depois da batalha contra a Polônia, foi integrado à Waffen-SS, em 1940, promovido ao status de brigada e, em 1941, ao status de divisão. Em outubro de 1943, reestruturado como 1ª SS-Panzerdivision, com participação em vários crimes de guerra. Em março de 1945, depois da ofensiva fracassada na Hungria, retirada para a Áustria e rendição às tropas aliadas em início de maio de 1945.

2. A sede central da polícia secreta ficava no prédio da antiga Escola de Artes Aplicadas (Prinz-Albrecht-Strasse 8). A partir de 1934, este hotel passaria a ser a sede do comando da SS. A Gestapo (Geheime Staatspolizei) funcionou até 1945 como polícia política do Reich e serviu como elemento organizatório central, não-militar, ao domínio nacional-socialista. Primeiro, foi chefiada por Hermann Göring e, a partir de 1934, por Heinrich Himmler. A partir de 1939, a Gestapo foi co-responsável pelo terror organizado nos territórios ocupados pela Alemanha.
3. A lei que ficou conhecida como “Ermächtigungsgesetz” (Ato de Habilitação ao Poder, cujo nome verdadeiro era Lei para Combate da Miséria do Povo e do Reich) entrou em vigor em 24 de março de 1933. Possibilitou ao governo do Reich, por um período de quatro anos, promulgar leis que alteravam a Constituição sem a participação do Reichstag e do Reichsrat, ou seja, o Parlamento e o Conselho do Reich. A validade da lei acabou sendo prorrogada várias vezes. Com isso, o estado de exceção de fato durou até maio de 1945. Os campos de concentração de Dachau (20.3.1933) e Oranienburg (21.3.1933) foram criados em março de 1933, logo após o incêndio do Reichstag, como os primeiros dois campos de concentração regulares. O campo de Buchenwald começou a existir em 15 de julho de 1937.
4. Só muito raramente Hitler mandava pessoalmente presos para campos de concentração. Mas testemunhas oculares lembram-se de que Hitler frequentemente ameaçava deportar pessoas para um desses campos.
5. A prisão militar na esquina de Columbiadamm com Gossener Strasse, construída no século XIX, virou fábrica e a partir de 1933 era usada como campo de concentração. Conhecida como centro de torturas, a Columbiahaus foi fechada em 1936 e destruída em 1938. Durante os três anos em que foi usada pela SA e pela SS, cerca de oito mil pessoas ficaram detidas ali.
6. Röhm não gemeu. Quando o chefe da SA recusou-se a matar-se, foi fuzilado por dois oficiais da SS. Suas últimas palavras foram: “*Mein Führer, mein Führer!*”
7. Pelo menos 85 altos dirigentes da SA e adversários famosos do Partido Nacional-Socialista foram fuzilados durante a ação criminosa que entrou erroneamente para a História com o nome de *putsch* de Röhm. No total, várias centenas, possivelmente até mil pessoas perderam a vida entre os dias 30 de junho e 2 de julho. A “Lei sobre Medidas de Emergência do Estado”, promulgada no dia 3 de julho de 1934, declarou a ação criminosa como legal.
8. Os homens da SS da guarda pessoal de Hitler fuzilaram ao todo 14 pessoas em Lichtenfelde, entre eles os dirigentes da SA de Berlim e Brandemburgo, junto com seus ajudantes.

9. Quem abriu a porta para os homens da Gestapo, na verdade, não foi sua filha, e sim a empregada. Ela sobreviveu ao atentado contra o general e sua mulher. Segundo seu testemunho, o general não pegou sua arma, mas simplesmente respondeu afirmativamente à pergunta do oficial da Gestapo sobre se era ele o general von Schleicher. Imediatamente, os homens da Gestapo abriram fogo contra ele. O general foi eliminado porque, em 1932, tentara legalmente dividir o NSDAP, o Partido Nacional-Socialista, para manter Hitler longe da responsabilidade de governar.

CAPÍTULO 2: VERÃO 1934 — FEVEREIRO 1936

1. O presidente do Reich, marechal-de-campo Paul von Beneckendorff und von Hindenburg, morreu em 2.8.1934 em sua propriedade Neudeck. O ministro da Defesa do Reich, Blomberg, decretou o juramento de fidelidade do Exército ao “Führer do Reich e do povo alemão, Adolf Hitler”.
2. Já em fevereiro, Hitler abriu mão do salário de chanceler do Reich, de 47.200 marcos. Mas quando ele deixou de existir oficialmente como contribuinte alemão do fisco em 12.3.1935, mandou depositar em sua conta pessoal tanto o salário de chanceler do Reich quanto o de presidente.
3. *Mein Kampf* vendeu 54 mil exemplares em 1930; 50.808 exemplares em 1931; 90.351 em 1932 e 854.127 em 1933. Ao Fisco, Hitler declarou para o ano de 1933 uma renda de 12.322.335 marcos, tentando justificar metade do valor como despesas de trabalho. Nos anos seguintes, a Editora Eher pagou direitos autorais de um a dois milhões sobre as vendas de *Mein Kampf*, mas Hitler não os recebeu integralmente. Em 1944, o seu crédito junto à editora era de 5.525.811 marcos. *Mein Kampf* era leitura obrigatória só para os filiados ao Partido, mas jovens casais freqüentemente ganhavam a obra como presente de casamento.
4. Em 1944, as editoras nazistas Standarte GmbH e o grupo Herold, ao qual pertencia a Editora Eher/Editora central do Partido Nazista, controlavam cerca de 90% de toda a imprensa alemã e uma grande parte do mercado de livros. Hitler financiara a compra do *Völkischer Beobachter* [Observador Popular, órgão oficial de imprensa do Partido Nazista] com recursos doados e constava inicialmente como proprietário. A partir de meados dos anos 1920, seu confidente Max Amann passou a controlar a editora central do Partido Nazista.
5. Geralmente, Hitler investia o dinheiro para financiar a estrutura do Partido e as atividades políticas. O enriquecimento pessoal sugerido no texto não era o objetivo primeiro da atividade econômica do Partido, uma vez que os gigantescos projetos

arquitetônicos e imobiliários — como no caso do Berghof, o refúgio de Hitler na Baviera e da Chancelaria do Reich — eram pagos com recursos públicos.

6. Com a classificação, em 1933, do NSDAP como entidade de direito público, estava garantido o livre acesso do Partido a recursos públicos. Hitler dispunha sem limites, portanto, não apenas do caixa do partido, como também da totalidade dos recursos públicos.
7. O texto refere-se aos itens orçamentários “À disposição do chanceler do Reich para fins gerais” e “Concessões gerais”. A partir de 1935, as contas não eram mais auditadas pelo Tribunal de Contas. Hitler utilizava o dinheiro principalmente para dotações para funcionários ou militares que ele pretendia premiar, às vezes também para corromper as elites que financiavam o Estado.
8. Entre 1933 e 1937, o NSDAP adquiriu 54 terrenos com uma área total de cerca de 2,9 milhões de metros quadrados. Hitler comprou oitenta mil metros quadrados. A secretaria de Florestas da Baviera cedeu a área de Kehlstein, com cerca de 6,7 milhões de metros quadrados. Ao longo da construção foram demolidas cinquenta casas. Se, no início, os proprietários ainda recebiam indenizações generosas, mais tarde eram pressionados a vender suas casas. Alguns eram ameaçados de serem mandados para campos de concentração.
9. Não é possível estimar o custo total de construção do projeto.
10. Cerca de seis mil trabalhadores participaram da construção da residência no Obersalzberg. No início, eram alemães. Depois da eclosão da guerra, foram mandados para lá profissionais tchecos e italianos. Eles dormiam em barracões e eram submetidos a uma severa disciplina de trabalho. A punição a erros ia de multas em dinheiro, proibição de comida e cigarros até o arrestamento. Quatorze trabalhadores morreram em acidentes na construção no Obersalzberg e na região de Kehlstein.
11. O diretor da Galeria de Belas-Artes de Dresden, Dr. Heinz Posse, ocupou-se a partir de 1939 na condição de responsável pelo Projeto Linz com a seleção de quadros para as residências de Hitler e o museu que este planejava para Linz. O Projeto Linz saqueou museus nos países ocupados e adquiriu quadros e esculturas de proprietários judeus por uma parcela ínfima do preço original.
12. Os autores referem-se ao quadro *Vênus e amor*, de Paris Bordone, que Hitler comprou de Haberstock por noventa mil marcos. A obra foi paga com recursos do Partido, por ordem do Tesouro do Reich.
13. Os custos totais das obras em Kehlstein ficaram em 29,6 milhões de marcos.
14. Trata-se aqui de um resumo feito pelos revisores soviéticos por razões ideológicas. Em outras oportunidades (16 de março de 1935, 4 de abril de 1935, 21 de maio de

- 1935 e 16 de setembro de 1935, o dia da Wehrmacht), Hitler também defendeu publicamente a necessidade do rearmamento alemão.
15. No chamado Acordo Naval Anglo-Alemão de 18 de junho de 1935, a Alemanha e a Grã-Bretanha concordaram em estipular um novo limite para a Marinha de Guerra alemã (até 35% da tonelagem total do Reino Unido e da Commonwealth). Enquanto a Grã-Bretanha via neste acordo o início de novas negociações de redução do armamento, Hitler festejou-o como sendo um êxito de sua política de revisão dos resultados da Primeira Guerra, uma vez que, de fato, eliminou as restrições ao rearmamento imposto pelo Tratado de Versalhes ao setor marítimo.
 16. Hitler está fazendo óbvia alusão aos Tratados Navais de Washington (1922) e de Londres (1930), que estipulavam, entre outros quesitos, a tonelagem máxima e o calibre máximo para diferentes tipos de navios de guerra. Assim, por exemplo, o pesado cruzador *Admiral Hipper*, que começou a ser usado em 1939, tinha um deslocamento de 18.200 toneladas, contra apenas 17.500 toneladas permitidas.
 17. Goebbels estava apaixonado pela atriz Lida Baarova. Sua mulher Magda abandonou o lar e viajou até Dresden. Somente a intervenção de Hitler fez o casal voltar.
 18. A canção popular dos *Dez negrinhos* serviu como base para vários versos irônicos.
 19. Morreram ainda quatro membros da polícia estadual.
 20. Linge e Günsche ficaram sabendo do relacionamento entre Angela ("Geli") Raubal e Hitler através de terceiros. Aparentemente, desconheciam seu verdadeiro apelido. É interessante o fato de ambos acharem crível haver um relacionamento sexual entre Hitler e sua sobrinha.
 21. A "ordem do sangue" do NSDAP, criada em março de 1934, era conferida a pessoas que participaram em 9.11.1923 dos conflitos armados.
 22. Streicher não fora condenado à pena de prisão por estupro, e sim por ter participado do *putsch* e por desacato à autoridade.
 23. Trata-se de dois mausoléus no lado leste da Königsplatz, erigidos segundo plantas de Paul Ludwig Troost.

CAPÍTULO 3: MARÇO 1936 — OUTUBRO 1937

1. Pelo Tratado de Versalhes, a região do Reno fora desmilitarizada. As condições do acordo proibiam o Reich alemão de erguer edificações militares ou estacionar tropas ao longo da margem esquerda do Reno, assim como em uma faixa de cinquenta quilômetros ao longo da margem direita.
2. Acordo assinado em 16 de outubro de 1925 entre Bélgica, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Polônia e Tchecoslováquia. Consistia no "pacto de garantia do

Reno”, através do qual a Alemanha reconhecia a fronteira ocidental e a desmilitarização de uma faixa de cinquenta quilômetros na margem direita do Reno, bem como diversos acordos de arbitragem.

3. A primeira dessas negociações para a ocupação da Renânia ocorreu em 12 de fevereiro de 1936. No dia 2 de março de 1936, as ordens militares estavam prontas.
4. Além dos chefes militares, os representantes do Ministério do Exterior também temiam possíveis conseqüências negativas na área diplomática. Numa reunião no dia 6.3.1936, Goebbels xingou-os de “medrosos”.
5. O Pacto de Ajuda Mútua franco-soviético foi assinado pelo governo de centro de Pierre-Étienne Flandin em 2.5.1935. O ministro do Exterior, Pierre Laval, que se tornaria ministro-presidente em 5.6.1935, viu esse acordo como moeda de barganha para negociações para um diálogo entre França e Alemanha.
6. O dia 7.3.1936 não foi um domingo, e sim um sábado.
7. Truman Smith, adido militar entre 1935 e 1939 em Berlim, especialista em Alemanha no Serviço de Informação Militar de 1939 a 1945 e conselheiro particular do general George C. Marshall.
8. Já antes da ocupação pela Wehrmacht, dois destacamentos da polícia estadual estavam estacionados na Renânia desmilitarizada. No dia 8.3.1936, eles foram incorporados oficialmente ao Exército alemão.
9. O fotógrafo Hoffmann adquiriu a casa na Wasserburg Strasse em 1935, a mando de Hitler, por 35 mil marcos. Eva Braun mudou-se para lá em 1935. Em 1936 ou 1937, a casa passou para o nome dela.
10. Morell era especialista em doenças dermatológicas e venéreas. Não há registros de que ele tenha receitado remédios sexualmente estimulantes, como está sugerido no texto.
11. No dia 30 de maio de 1937, Hitler inaugurou em Munique uma exposição do órgão do governo responsável pela alimentação.
12. Em maio de 1937, o tenente-capitão Karl-Jesko Otto von Puttkamer era o ajudante naval de Hitler. O tenente-capitão Alwin-Broder Albrecht só ingressou no cargo em junho de 1938.
13. No dia 29.5.1937, dois aviões da Força Aérea da República Espanhola bombardearam o encouraçado *Deutschland*, estacionado diante de Ibiza e operando em águas espanholas, depois que este atirara contra os equipamentos. Nesse ataque aéreo, 31 marinheiros perderam suas vidas, outros 75 saíram feridos.
14. O comandante do encouraçado *Deutschland* era o capitão Paul Fanger. Em setembro de 1937, ele foi destituído deste cargo de comando e nomeado comandante das fortificações da Frísia Oriental.

15. No dia 31.5.1937, o encouraçado *Admiral Scheer* e quatro torpedeiros da Marinha de Guerra alemã abriram fogo sobre a cidade portuária de Almería. Vinte e um habitantes da cidade morreram nesse ataque que feriu o direito dos povos, outros 55 ficaram feridos.
16. Johannes Graf von Welczek foi nomeado embaixador na Espanha em 1926 e transferido em abril de 1935 para Praga. O filho de Welczek, Johannes Bernhard, era casado com Sigrid von Laffert, que pertencia ao círculo mais íntimo de Hitler. Em 1941/42, ele serviu como adido militar na legação alemã em Madri.
17. A Luftwaffe alemã foi criada em 1935. Até esta data, operava-se sob o manto da aviação civil.
18. O primeiro encontro do novo departamento “Repartição general Wilberg” ocorreu em 27.7.1936 para discutir os detalhes do apoio aos militares espanhóis revoltosos. Esta repartição se tornou o “comando especial W”.
19. Pelo Tratado de Versalhes, a Alemanha estava proibida de possuir aviões, tanques, defesa antiaérea e artilharia pesada. No âmbito da cooperação entre o Reichswehr e o Exército Vermelho, no entanto, essas armas foram experimentadas de 1925 a 1933 na União Soviética.
20. As manobras da Wehrmacht alemã aconteceram entre os dias 19 e 30 de setembro de 1937. Pela primeira vez, as três Forças participaram. A manobra não tinha um “lema”.
21. Quem observou as manobras militares alemãs de outono não foi Montgomery-Massingberd, e sim o chefe do generalato britânico, marechal-de-campo Cyril John Deverell.
22. A visita aos exercícios das tropas ocorreu no dia 26.9.1937, sendo que os convidados assistiram a um ataque de duas brigadas de tanques apoiadas em diversas esquadrilhas de bombardeiros.

CAPÍTULO 4: NOVEMBRO 1937 — FEVEREIRO 1939

1. A visita de lorde Halifax ao Obersalzberg não ocorreu em 14.11, mas só em 19.11.1937. Além disso, Edward Lord Halifax, naquela época, não era mais lorde-guardião do Selo Real, e sim diretor do Conselho Secreto no gabinete britânico.
2. Na volta de Berlim para Calais, Halifax fez a seguinte anotação sobre o seu encontro com Hitler e o desejo deste último de fechar acordo com a Inglaterra: “Se não estou completamente enganado, os alemães — desde Hitler até o simples homem do povo — querem relações amistosas com a Grã-Bretanha.”
3. A reunião com Schuschnigg, o qual foi acompanhado por altos funcionários e o embaixador alemão em Viena, Franz von Papen, não ocorreu no dia 11, e sim no dia 12.2.1938 no Obersalzberg.

4. O motivo da demissão de Blomberg foi o seu casamento com uma prostituta.
5. Na Tchecoslováquia conformada depois da Primeira Guerra Mundial viviam cerca de 3,5 milhões de alemães. Desde 1933, as tensões entre a minoria alemã e o Estado tcheco se agravaram e deram a Hitler o motivo para estimular a anexação da terra dos sudetos (*Sudetenland*) ao Reich alemão.
6. Literalmente, Hitler disse o seguinte: "(...) Mas eu reivindico que a repressão aos 3,5 milhões de alemães termine e dê lugar ao direito livre."
7. A linha Maginot — em homenagem ao ministro da Guerra francês André Maginot — era um cinturão de 150 quilômetros de extensão ao longo da fronteira franco-alemã que consistia em 39 fortificações, setenta *bunkers*, quinhentos blocos de artilharia e infantaria, bem como quinhentas casamatas, abrigos e postos de observação. Construída entre 1929 e 1932 e conhecida como inexpugnável, levou, na França, a um erro de avaliação fatal da situação militar e, com isso, a uma estratégia de defesa que, em última análise, levou à derrota na primavera de 1940.
8. Chamberlain, que voou só até Munique e viajou de lá de trem para Berchtesgaden, foi acompanhado de seu assessor econômico e do diretor do Departamento da Europa Central no Ministério do Interior. Neville Henderson, embaixador britânico em Berlim, também estava presente.
9. Aqui aparentemente houve um erro dos revisores, como se depreende do contexto seguinte do documento. A comitiva britânica de negociação chegou no dia 22.9.1938.
10. Depois que Hitler saiu da prisão, em 1925, Fritz Dreesen possibilitou-lhe uma estada grátis em seu hotel para que ele se recuperasse. Desde então, vez por outra o partido NSDAP usava o bem situado estabelecimento para encontros e recepções oficiais. Dreesen nunca foi presidente da Associação Alemã de Hotéis e Restaurantes, mas estava envolvido com diversas agremiações.
11. A Grã-Bretanha e a França apoiaram a Tchecoslováquia nesta posição. Chamberlain ameaçou Hitler com "medidas ofensivas" e mandou a frota ficar preparada para a guerra. A França convocou os reservistas.
12. Com esta proposta de mediação, Mussolini, por sua vez, foi ao encontro de um desejo de Chamberlain.
13. O embaixador italiano Bernardo Attolico foi várias vezes à Chancelaria do Reich, mas não no dia 27, e sim em 28.9.1938 para transmitir a proposta de Mussolini para a convocação de uma reunião. Às 15h, ele informou-lhe por telefone a concordância de Hitler. A decisão sobre a convocação da Conferência de Munique foi divulgada no dia 28.9.1938, às 19h40. Conseqüentemente, Hitler preparou sua partida para Munique só na tarde do dia 28.9.

14. A reunião realizou-se no chamado “Führerbau”, um prédio de representação do NSDAP concluído em 1937. Nos trechos seguintes do texto russo, esta designação está correta.
15. As negociações duraram 13 horas, e o chamado Acordo de Munique de fato foi assinado no dia 30 de setembro de 1938, às 2h30.
16. Entre 1936 e 1938, a Tchecoslováquia construiu uma linha fortificada na fronteira com a Alemanha e a Polônia com ajuda francesa.
17. A ordem para preparar a “solução para o resto da Tchecoslováquia” e a incorporação da região de Memel já foi dada por Hitler em 21.10.1938.
18. A Nova Chancelaria do Reich foi inaugurada oficialmente em 12.1.1939 com uma recepção de Ano-Novo para o corpo diplomático.
19. O Salão dos Espelhos em Versalhes, incluindo as duas ante-salas, mede 86 metros. A galeria de mármore da Nova Chancelaria do Reich mede 146 metros.
20. O escritório de Hitler mede 27 metros de comprimento, 14,5 metros de largura e 9,75 metros de altura.
21. O custo da construção da Nova Chancelaria do Reich foi de 88,9 milhões de marcos.
22. Segundo as memórias do arquiteto Albert Speer, Hitler planejava usar a chancelaria do Reich durante um período de dez a 12 doze anos. Depois, pretendia mudar-se para o prédio chamado de “Führerbau”, que deveria ter dimensões ainda mais gigantescas.
23. Em 13.3.1939, Hitler teve êxito ao pressionar Tiso a proclamar a independência da Eslováquia no dia seguinte.
24. Em 2.10.1938, no rastro da invasão alemã na região dos sudetos, tropas polonesas ocuparam a área de Olsa, perto de Teschen. Em 14.3.1939, unidades húngaras começaram a ocupar a Ucrânia dos Cárpatos, até ali pertencente à Tchecoslováquia.
25. Hácha chegou no fim da tarde em Berlim e hospedou-se no Hotel Adlon. Hitler, que utilizara sua costuma tática de dar um “chá de cadeira”, deixou o chefe do governo tchecoslovaco esperar até uma hora, antes de recebê-lo na Nova Chancelaria do Reich.
26. É possível que se trate de August Körber, membro do comando de acompanhamento de Hitler desde 1933.

CAPÍTULO 5: MARÇO — NOVEMBRO 1939

1. Na noite de 22 de março de 1939 os ministros do Exterior do Reich e da Lituânia assinaram o acordo sobre a cessão da região do Memel à Alemanha. Naquele momento, Hitler estava a bordo do encouraçado *Deutschland* no caminho marítimo rumo a Memel, aonde chegou na tarde de 23 de março.

2. A região do Memel fez parte do Reich alemão até 1919. Em 1921, um referendo popular resultou em 90% de aprovação para a formação de um Estado livre, segundo o modelo de Dantzig. A Lituânia ocupou o território em 1923. Houve frequentes conflitos entre a população de maioria alemã e o governador lituano.
3. Não existe um lema correspondente para a Ordem Alemã.
4. Em 1919, no rastro do Tratado de Versalhes, a cidade de Dantzig foi declarada Estado livre, sob controle e supervisão constitucional da Liga das Nações. O território era considerado zona alfandegária polonesa e, para fins externos, era representado pela Polônia. A fim de abrir um caminho até o mar para a Polônia, ganhou uma parte da Prússia ocidental, o chamado Corredor Polonês.
5. Desde março de 1939, a Grã-Bretanha e a França conduziam negociações com a União Soviética acerca de um possível pacto de ajuda mútua.
6. Nome que os Aliados deram à linha fortificada construída entre 1938 e 1939, de 630 quilômetros, ao longo da fronteira ocidental alemã, que consistia em cerca de 14 mil *bunkers*, instalações bélicas e refúgios. Sua construção custou cerca de 3,5 bilhões de marcos.
7. A cor do toldo era cinza-claro, quase branco. De fato, era decorado com franjas douradas, além de diversos símbolos do Partido e do Estado (águia, cruz suástica, cruz de ferro).
8. Durante a marcha, apenas os pára-quedistas usavam uniforme camuflado.
9. Em 1938, a Marinha de Guerra havia formado duas companhias de infantaria. No caso das unidades que participaram do desfile, tratava-se no entanto de membros das unidades flutuantes da Marinha de Guerra.
10. Anton Joachimsthaler, o maior conhecedor das condições de vida de Hitler, parte da suposição de que a irmã do ditador entrou em conflito com sua nova amante, Eva Braun, e por isso teve de deixar seu cargo como administradora da residência de Berghof no outono de 1936. Não há provas de que Raubal tenha pedido clemência para uma vítima do *putsch* de Röhm.
11. Só em 3.5.1939 Hitler partiu para a residência de Berghof.
12. Hitler utilizava exclusivamente veículos da marca Mercedes-Benz. Para suas viagens até o *front* e seus quartéis-generais, ele usava o modelo 770 G4 W 31. Na visão dos revisores soviéticos, a suposta utilização de veículos Krupp simbolizava sua estreita ligação com o capital monopolista.
13. O embaixador britânico Neville Henderson foi recebido pessoalmente na Chancelaria do Reich por volta das 19h do dia 29.8.1939 por Hitler, o qual lhe entregou uma nota endereçada ao governo inglês, que equivalia a um ultimato à Polônia. Seguiu-se um diálogo violento, no qual Henderson se esgoelava ainda mais do que

o próprio Hitler. Em uma carta para Halifax, o embaixador inglês escreveu: “Tive a sensação de ter que enfrentar Hitler com seus próprios meios. Por isso procurei gritar mais do que *Herr* Hitler. Eu lhe disse que não aceitaria escutar aquilo nem dele e nem de mais ninguém.”

14. Em 1.9.1939, às 4h45, o navio de linha *Schleswig-Holstein*, ancorado no porto de Dantzig, abriu fogo contra a parte ocidental da Polônia. Durante muito tempo, esse momento foi considerado como início oficial da Segunda Guerra Mundial. Mas já às 4h40, bombardeiros alemães haviam atacado a pequena cidade polonesa de Wielun, a cem quilômetros de Breslau, destruindo 60% de seu território. Mil e duzentos civis perderam a vida nos ataques aéreos. Outra ação bélica tinha precedido esses ataques: em 26.8.1939, um comando teuto-eslovaco ocupou o passo de Jablonka. Tinham esquecido de avisar o comandante sobre o adiamento da data do ataque à Polônia.
15. Ultraseptyl não era um narcótico, mas uma droga quimioterápica e antiinflamatória bastante utilizada. Morell costumava prescrever essa sulfonamida, ainda que preventivamente, em pequenas doses, contrariando as recomendações.
16. A declaração de guerra inglesa foi entregue por volta das nove horas não a Ribbentrop, e sim ao intérprete oficial do Ministério do Exterior, Paul Schmidt, já que o ministro se disse impedido. Já a declaração de guerra francesa foi recebida por Ribbentrop pouco depois do meio-dia.
17. Durante a campanha contra a Polônia, o “trem especial do *Führer*” serviu como quartel-general, uma vez que Hitler esperava um ataque da França para meados de setembro e queria estar preparado para uma rápida transferência do comando.
18. O campo de treinamento de Gross Born ficava 50 quilômetros ao norte de Schneidemühl.
19. O plano de ação para o caso “Weiss”, a ocupação da Polônia, fora elaborado principalmente por Franz Halder, sob a supervisão de Walter von Brauchitsch.
20. Depois que as tropas alemãs destruíram o Exército polonês até meados de setembro de 1939, duas frentes soviéticas vindas do leste em 17.9.1939 ocuparam, de acordo com o protocolo secreto do Pacto de Não-Agressão teuto-soviético, as regiões que a Rússia precisou ceder à Polônia entre 1918 e 1920. Durante a campanha até 6.10.1939, o Exército polonês perdeu setenta mil soldados, outros 133 mil foram feridos e 917 mil presos. As perdas da Wehrmacht somaram 10.572 mortos, 3.407 desaparecidos e 30.322 feridos. No caso do Exército Vermelho, o saldo foi de 973 mortos e 2.002 feridos.
21. Num primeiro momento, o governo polonês fugiu para a Romênia em 17.9.1939. Em 30.9.1939, foi formado um novo governo no exílio, em Paris, sob o comando do general Wladyslaw Sikorski. Quando os alemães invadiram a França no verão de 1940, este governo transferiu-se para Londres.

22. A chamada *Sitzkrieg* (guerra sentada) na frente alemã ocidental durou de 3.9.1939 até o ataque alemão no oeste em 10.5.1940 e caracterizou uma fase da guerra praticamente sem batalhas. As ações na linha fortificada Siegfried, ou Muralha Ocidental (*Westwall*), eram marcadas naquela época principalmente por campanhas de esclarecimento local, duelos de artilharia e panfletagens.
23. O evento começou meia hora mais cedo, às 20h. Mas, como o trem de Hitler teve de partir de Munique às 21h31, ele abreviou seu discurso e deixou a cervejaria Bürgerbräukeller já às 21h07. A bomba colocada por Georg Elser detonou às 21h20.
24. Elser colocara a bomba em uma coluna ao lado da tribuna. Com o desmoronamento do teto, oito pessoas perderam a vida e mais de sessenta ficaram gravemente feridas.
25. Elser foi preso na tentativa de ultrapassar ilegalmente a fronteira, na cidade de Constança. Com ele, a polícia da fronteira encontrou um cartão-postal mostrando a cervejaria Bürgerbräukeller, notas sobre a fabricação de explosivos e várias peças estranhas de metal. Só depois de chegar a notícia sobre o atentado é que se relacionou o ocorrido com Elser.
26. A brincadeira telegráfica do serviço de segurança do Exterior com o residente do MI 6 nos Países Baixos começou já em outubro de 1939, a fim de checar o fluxo proibido de informações sobre as intenções alemãs de atacar a oeste. Nisso, fez-se de conta para o MI 6 estar em contato com a oposição militar alemã. Um dia depois do atentado, os agentes britânicos Sigismund Payne Best e Richard Stevens foram dominados em um encontro perto da fronteira e seqüestrados da Holanda, que era neutra, para a Alemanha, a fim de serem apresentados como participantes do atentado. O seqüestro entrou para a História como o chamado caso Venlo.
27. Best e Stevens permaneceram presos até o final da guerra no campo de concentração de Sachsenhausen. Num primeiro momento, Elser também ficou preso em Sachsenhausen, sendo transferido no final de 1944 ou início de 1945 para o campo de concentração de Dachau. Na prisão, ele construiu um modelo de sua bomba por encomenda do serviço de segurança do Reich, mas não para o SD. No dia 5.4.1945 o comandante do campo de Dachau recebeu ordens de eliminar Elser sem chamar a atenção, o que ocorreu no dia 9.4.

CAPÍTULO 6: DEZEMBRO 1939 — MAIO 1941

1. Hitler ficou na residência de Berghof de 20 a 22 de dezembro de 1939.
2. Naquela época, Bormann era secretário pessoal e chefe de gabinete do representante do *Führer*, Rudolf Hess.

3. Hitler passou o período de 31.12.1939 até 5.1.1940 na residência de Berghof.
4. Hitler já assinara a ordem para a ação “Weserübung”, nome dado à ocupação da Dinamarca e da Noruega, em 1.3.1940. Em 5.3.1940, ele reuniu-se com os comandantes supremos das três forças para discutir detalhes da operação. Em 26.3, o chefe do alto-comando da Marinha de Guerra, grão-almirante Erich Raeder, informou Hitler sobre o estado dos preparativos para a invasão. Em 1.4.1940, o general Nikolaus von Falkenhorst, incumbido da execução do empreendimento, informou Hitler de que seria realizada uma reunião com os comandantes responsáveis. No dia seguinte, Hitler marcou o dia 9.4.1940 como data para o ataque, durante uma reunião com Göring, Falkenhorst e Raeder.
5. Durante a Primeira Guerra Mundial, a frota alemã de alto-mar praticamente não foi utilizada, com exceção da Batalha de Skagerrak. O forte da guerra marítima eram os submarinos.
6. Trata-se do Dr. Kurt Diesing, membro do serviço meteorológico do Reich.
7. Enquanto a ocupação da Dinamarca ocorreu praticamente sem luta, os noruegueses resistiram muito, apesar de serem mais fracos. Só no dia 9.7.1940 o rei Haakon VII mandou cessar a luta.
8. Entre 14 e 20.4.1940, forças bélicas inglesas, francesas e polonesas desembarcaram em Andalsnes, Harstadt, Namsos e Narvik. As tropas desembarcadas em Andalsnes e Namsos deveriam avançar em forma de movimentos de pinça até Trondheim. O ataque, no entanto, fracassou, e as forças aliadas foram evacuadas no início de maio. No entanto, o ataque aliado contra Narvik, ocupada em 28.4, foi bem-sucedido. No início de junho, as tropas tiveram de ser retiradas por causa da situação crítica na França.
9. A instalação “*Adlerhorst*”, perto de Bad Nauheim, prevista para ser o QG de Hitler, ainda não estava pronta. O refúgio “*Felsenest*” ficava em um morro na cidadezinha de Rodert, perto de Bad Münstereifel, a 12 quilômetros de Euskirchen.
10. O plano “*Sichelschnitt*” (“*Corte de Foice*”), ou seja, o avanço de poderosas divisões Panzer através da região inóspita das Ardenas até a costa do canal da Mancha, era uma alternativa ao plano “*Schlieffenplan*” modificado, apresentado pelo generalato alemão em outubro de 1939. As divisões Panzer do Grupo do Exército A venceram 250 quilômetros em seis dias, cortando 42 divisões dos Aliados na Bélgica e na parte oeste da França do norte. O Grupo do Exército B avançava no norte, o Grupo C na Muralha do Atlântico e na frente do Reno superior. O desrespeito à neutralidade belga gerou preocupação entre vários militares de alta patente, que, no entanto, foi afastada por Hitler e os autores do plano “*Sichelschnitt*”.

11. De maneira geral, os ataques aéreos em Dunquerque ficaram bem abaixo das expectativas. Embora Göring tivesse anunciado com grandiloquência que evitaria a evacuação a partir dos ares, as perdas aliadas — 7 mil mortos e 72 navios afundados — foram relativamente baixas.
12. No âmbito da “Operação Dínamo”, código para a evacuação das tropas aliadas de Dunquerque, foram transportados para a Inglaterra 338 mil soldados, entre os quais 123 mil franceses. Dessa maneira, o comando militar britânico salvou o núcleo do seu corpo expedicionário, evitando uma capitulação da Grã-Bretanha. Essa ação de evacuação foi favorecida por uma ordem de Hitler, que no dia 24.5.1940 ordenou às divisões Panzer estacionadas a 18 quilômetros de Dunquerque a parar de avançar. As suposições de que ele almejava com isso uma comunicação com a Grã-Bretanha nunca foram confirmadas. Outros motivos citados para essa ordem de Hitler são: temores de um ataque por parte do exército francês, problemas de coordenação e a assertiva de Göring de que a Luftwaffe “aniquilaria” o resto das tropas aliadas. De forma geral, é possível admitir uma insegurança no seio do alto-comando da Wehrmacht sobre o verdadeiro potencial das armas blindadas.
13. O corpo expedicionário britânico na França era comandado pelo marechal-de-campo John Standish Gort. O marechal-de-campo Archibald Wavell naquele momento era o comandante supremo de todas as forças britânicas no Oriente Próximo.
14. O rito de iniciação desta Ordem fundada em 1399 previa um banho. Gort foi condecorado com a Knight Grand Cross of the Order of the Bath em 2.6.1940.
15. Nos dias 1º e 2 de 1940, Hitler fez uma visita à frente de combates no sul da Bélgica e no norte da França, passando, entre outros, por Bruxelas, Gent, Ypres, Langemarck, Lille, Lens, Arras e Cambrai. Só inspecionou Dunquerque em 26.6.1940.
16. A carta de Mussolini foi entregue a Hitler em 30.5.1940 pelo embaixador italiano Alfieri.
17. A resposta de Hitler a Mussolini foi enviada em 31.5.1940.
18. A Itália declarou guerra à França e à Inglaterra em 10.6.1940. A ofensiva desencadeada imediatamente na Alta Savóia rendeu ganhos territoriais insignificantes, apesar do engajamento de 32 divisões.
19. A transferência foi realizada em 6.6.1940.
20. O SS-*Obersturmführer* Hans Bastians, motorista de Himmler, matou-se em 14.6.1940. Foi a primeira vítima fatal no QG do *Führer*.
21. O Regimento de Infantaria da Reserva bávaro 18 fora formado em setembro de 1914 através da fusão de batalhões de campo. Em homenagem ao comandante,

- coronel Julius List, falecido em 31.10.1914, foi batizado mais tarde de Regimento "List". Hitler serviu de 16.8.1914 até 14.10.1918 no Regimento "List", na maioria das vezes como estafeta.
22. A visita aos antigos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial ocorreu nos dias 25 e 26.6.1940.
 23. As negociações sobre o término das lutas no *front* teuto-francês tiveram início em 7.11.1918, na floresta de Compiègne. O armistício foi assinado em 11.11.1918.
 24. Hitler e Franco reuniram-se em 23.10.1940 em Hendaye.
 25. Enquanto o plano "Felix" previa a ocupação espanhola de Gibraltar com o apoio de tropas alemãs, o plano "Isabella" seria executado na Península Ibérica no caso de um desembarque britânico. O objetivo era expulsar os ingleses da Europa com tropas alemãs e, ao mesmo tempo, ocupar os portos espanhóis e portugueses no Atlântico.
 26. Keitel alude aqui ao canhão 21-cm-K. 12 V an, desenvolvido pela Krupp e que custara 1,5 milhão de marcos do Reich. O canhão, de 33 metros de comprimento, conseguia atirar granadas de até 107,5 quilos a uma distância de até 115 quilômetros. A desvantagem era a vida útil do dispositivo, que só podia dar por volta de noventa tiros. Durante toda a guerra, só foram lançadas 72 granadas contra a costa britânica do canal da Mancha.
 27. A "Operação Felix" foi rejeitada por Franco. Embora ele a considerasse exequível, seu resultado político teria sido uma aliança com a Alemanha e, por isso, uma invasão da Grã-Bretanha na Península Ibérica. Quanto à "Operação Isabella", parece que não convenceu Franco.
 28. Depois do encontro com Franco, Hitler assinou em 18.12.1940 a Ordem nº 21 para o "caso Barbarossa". Começa com as seguintes palavras: "A Wehrmacht alemã precisa estar preparada para derrotar a União Soviética até mesmo antes do término da guerra contra a Inglaterra." Os preparativos para o ataque contra a União Soviética deviam estar concluídos até 15.5.1941.
 29. Até meados de setembro de 1940, a Marinha de Guerra tinha reunido no canal da Mancha 168 navios transportadores de tropas, 1.975 pontões, 100 navios costeiros, 420 rebocadores e 1.600 lanchas. Com eles, deveriam ser levados para as Ilhas Britânicas em três vezes: 260.400 soldados, 34.200 veículos e 61.983 cavalos. Em 12.10.1940, a Operação "Leão-Marinho" foi adiada para 1941 e depois arquivada definitivamente.
 30. Em 1.8.1940, a Luftwaffe recebera ordens para abater as forças aéreas britânicas "com todos os meios disponíveis". Em 13.8, no "Dia da Água", começou a batalha aérea em torno da Inglaterra. Não foi possível enfraquecer decisivamente a defesa

britânica. Com as crescentes perdas, a partir de setembro de 1940, a Luftwaffe passou a bombardear cidades inglesas. Em maio de 1941, a batalha aérea teve de ser interrompida por causa das lutas nos Bálcãs e do ataque iminente contra a União Soviética. Até esse momento, a Luftwaffe perdeu na Inglaterra 1.142 bombardeiros, 802 caças, 330 destróieres e 128 bombardeiros Stuka.

31. O encontro de Hitler com Pétain e Laval ocorreu em 24.10.1940 em Montoire-sur-le-Loir.
32. Na primavera de 1941, a ofensiva italiana contra a Grécia, iniciada em outubro de 1940, estava começando a fracassar. Hitler ordenou um ataque contra a Europa do sudeste para evitar uma derrota do aliado. Na chamada Campanha dos Bálcãs, tropas alemãs conquistaram a Iugoslávia e a Grécia entre abril e junho de 1941.
33. De 12.4 a 25.4.1941, Hitler permaneceu no QG “*Frühlingssturm*” (“Tempestade da Primavera”), próximo de Mönichkirchen. A partir de seu trem especial “América”, ele dirigiu a Campanha dos Bálcãs. Depois de uma breve estada em Berlim, chegou ao Berghof em 10.5.1941.

CAPÍTULO 7: JUNHO 1941 — JANEIRO 1942

1. A ordem para a construção da “Toca do Lobo” foi dada logo depois da visita do ministro do Exterior soviético, Viatcheslav M. Molotov, em novembro de 1940. A obra deveria estar concluída até abril de 1941. Durante sua visita, o ministro soviético redigiu uma lista de reivindicações territoriais, a qual sinalizou um conflito irremediável para o governo alemão. Entre outras reivindicações, Molotov queria para a esfera de influência soviética os estreitos turcos e os Bálcãs, o que iria dificultar ou mesmo impossibilitar o acesso alemão ao petróleo romeno, precondição decisiva para a política bélica alemã.
2. O regime soviético não podia estar totalmente “inocente”, uma vez que tinha recebido de seus serviços de informação diversos sinais sobre o ataque iminente.
3. Mussolini chegou em 25.8.1941 ao QG “Toca do Lobo”.
4. O vôo para Uman ocorreu em 28.8.1941.
5. Focke-Wulf 200 Condor: avião de reconhecimento de longa distância com alcance de 4.400 quilômetros. O vôo inaugural como avião de passageiros foi em 1937. Naquele mesmo ano, um exemplar deste avião foi adotado pelo regime como “máquina do *Führer* — Immelmann III”. Mais tarde, outros 12 destes equipamentos foram comprados pelo governo.
6. Unidades do “Corpo di Spedizione Italiani in Russia” desfilaram para Hitler e Mussolini. Este corpo era integrado por duas divisões de infantaria e uma divisão

- rápida e abarcava cerca de 62 mil homens. Em 1942, esse corpo foi ampliado e transformado em Oitavo Exército Italiano, com dez divisões. Todo esse exército sucumbiu durante a ofensiva soviética no inverno de 1942/43, no Don.
7. O general Kleist comandava o grupo de blindados “Kleist”, rebatizada em 25.10.1941 como Grupo Panzer 1. A Divisão SS-Leibstandarte “Adolf Hitler” era subordinada primeiro ao XIV Corpo Motorizado, pouco depois ao III Corpo Motorizado do Grupo de Blindados Kleist.
 8. O título de “guarda” foi concedido às primeiras unidades soviéticas em 18.9.1941. Com esse título, a direção militar soviética agraciava tropas que se distinguiram especialmente nas lutas contra a Wehrmacht. As unidades de guarda geralmente eram mais bem equipadas em termos humanos e materiais do que as unidades comuns do Exército Vermelho. Como as batalhas de Rowno só ocorreram no início de julho de 1941, a Leibstandarte não podia ter ainda lutado contra unidades de guarda.
 9. Guderian era comandante da Segunda Divisão Panzer.
 10. Hitler demitiu em 19.12.1941 o marechal-de-campo Walter von Brauchitsch do cargo de comandante-em-chefe do Exército.
 11. Guderian foi destituído de seu comando em 25.12.1941. O comandante da Quarta Divisão Panzer, general Hoepner, foi expulso por Hitler da Wehrmacht em 8.1.1942. O chefe do Grupamento Norte do Exército, marechal-de-campo Wilhelm Leeb, foi demitido em 16.1.1942 por ter tomado decisões no *front* sem o consultar.
 12. Hitler declarou a guerra aos EUA em 11.12.1941 sem ter antes mandado fazer um estudo sobre as consequências da entrada dos americanos na guerra.
 13. Hitler voou para Mariupol em 2.12.1941. De lá, viajou até o comando do Grupamento Sul do Exército em Taganrog junto com o comandante da Divisão da SS Leibstandarte “Adolf Hitler”, Sepp Dietrich.
 14. Heinkel He-111: bombardeiros bimotores da Luftwaffe alemã com alcance de 1.950 quilômetros.

CAPÍTULO 8: FEVEREIRO 1942 — FEVEREIRO 1943

1. Fritz Todt morreu em 8.2.1942.
2. Em 6.5.1942, foi criado um Conselho de Armamento sob a direção de Speer. Além de militares das várias forças armadas, participavam ainda diversos industriais. Eles foram recebidos por Hitler em 18.5.1942 no QG “Toca do Lobo”.
3. A reunião com o ditador romeno, marechal Ion Antonescu, no QG “Toca do Lobo”, na Prússia oriental, ocorreu em 11.2.1942.

4. Ao todo, a Romênia disponibilizou 27 divisões para a frente leste, agrupadas no 3º e 4º Exércitos romenos, ambos inseridos no grupo B.
5. De acordo com a Segunda Arbitragem de Viena, a Romênia é obrigada pela Alemanha e pela Itália, em 30.8.1940, a ceder as regiões de Nordsiebenbürgen e o pico Szekler à Hungria. Com isso, a Romênia perde 43.500 quilômetros quadrados e 2,5 milhões de habitantes. Ao mesmo tempo, a Alemanha e a Itália garantiriam o território romeno restante. Depois do fim da Segunda Guerra Mundial, a União Soviética iniciou nova modificação das fronteiras. Para compensar a cessão da Moldávia, a Romênia recuperou Nordsiebenbürgen.
6. Hitler chegou ao QG “Wehrwolf” em Winniza em 16.7.1942.
7. Originalmente, o nome do local era “*Eichenhain*” (“Floresta de Carvalhos”).
8. Cerca de oito mil membros da organização Todt e mil prisioneiros russos trabalharam na construção da instalação “Wehrwolf”, entre novembro de 1941 e setembro de 1942. Não há registros de fuzilamentos em massa dessa dimensão.
9. No caso desta unidade, trata-se do Batalhão de Escolta *Reichsführer* SS, criado em fevereiro de 1941, o qual foi ampliado em fevereiro de 1943 e virou *Sturmbrigade*; em outubro de 1943, tornou-se a 16ª SS-Panzer Grenadier-Division (Divisão de Infantaria Motorizada), usada na Itália contra os *partigiani* (guerrilheiros antifascistas) e envolvida em numerosos crimes de guerra.
10. Em 21.3.1942, Sauckel foi nomeado plenipotenciário-geral de Mobilização, organizador do trabalho forçado. Nos meses seguintes, seu cargo ganhou gradualmente novas atribuições, entre outras sobre a utilização de trabalhadores dos territórios ocupados do leste. *Weissruthenien* era a designação nazista da Bielo-rússia. O Comissariado do Reich do Leste englobava os Estados bálticos independentes antes do acordo teuto-soviético.
11. Em 21.8.1942, soldados da 1ª Divisão de Montanha içaram a bandeira de guerra do Reich no topo do Elbrus, a montanha mais alta do Cáucaso. Militarmente, a tomada do monte Elbrus não tinha maior importância, mas foi usada na Alemanha com fins propagandísticos.
12. O marechal-de-campo Wilhelm List foi destituído do comando por Hitler em 9.9.1942.
13. Hitler demitiu o general Franz Halder do cargo de chefe do Estado-Maior do Exército em 24.9.1942.
14. As reuniões estratégicas foram registradas em ata pela primeira vez em 12.9.1942.
15. A Muralha do Atlântico era como a máquina de propaganda alemã designava as instalações de defesa alemãs ao longo do canal da Mancha e da costa atlântica francesa. Apesar de 12 mil *bunkers*, casamatas e abrigos, a defesa da costa era cheia de falhas e não foi capaz de impedir o desembarque aliado em junho de 1944.

16. Hitler deixou a instalação “Wehrwolf” em 31.10.1942 e chegou à “Toca do Lobo” em 1.11.
17. Hitler disse o seguinte em 8.11.1942: “Aquilo que alguma vez possuímos, vamos segurar com tanta força que naquela posição em que estamos nesta guerra nenhum outro consegue entrar!”
18. Karl Brandt era médico acompanhante de Hitler desde 1934, com interrupções.
19. Göring assegurara a Hitler em 24.11.1942 poder abastecer por via aérea o 6º Exército encurralado em Stalingrado. De acordo com estimativas do comando superior do Exército, isso exigiria por dia no mínimo setecentas toneladas de provisões. Enquanto Göring garantiu a Hitler poder fornecer quinhentas toneladas por dia, a direção da Luftwaffe acreditava poder levar no máximo 350 toneladas por dia. Só em 19.12.1942 chegaram 295 toneladas para o caldeirão onde estavam encurraladas as tropas. No total, a média diária de mercadorias fornecidas até a capitulação do 6º Exército nunca ultrapassou cem toneladas.
20. O imperador Guilherme II mandara transformar a fazenda em Rominten, na Prússia oriental, em um castelo de caça, que Göring passou a utilizar intensamente.
21. Durante o abastecimento aéreo das tropas em Stalingrado, a Luftwaffe perdeu 488 aviões de transporte, quase dois terços da frota total.
22. O general Walther von Seydlitz-Kurzbach foi destituído do comando em 26.1.1943 por Paulus, depois de ter exortado o Estado-Maior do Exército várias vezes a capitular, e finalmente deu às unidades a ele subordinadas o direito de desistir da luta a seu próprio critério.
23. A esta altura, Paulus já tinha capitulado. O comandante do 6º Exército rendeu-se na noite do dia 31.1.1943, junto com o seu comando, diante do 64º Exército soviético.
24. Apesar do anúncio marcial, o general da infantaria Karl Strecker não explodiu, mas foi preso pelos soviéticos em 2.2.1943.
25. A promoção de Paulus a marechal-de-campo ocorreu na noite de 30 para 31.1.1943.
26. O chefe de Imprensa do Reich, Otto Dietrich, informou a Agência Alemã de Notícias (Deutsches Nachrichtenbüro) sobre a nomeação de Paulus como marechal-de-campo em 30.1.1943.
27. As últimas partes do 6º Exército encurralado em Stalingrado capitularam na manhã de 2.2.1943 junto com o 11º Corpo do Exército. Segundo estimativas atuais, entre noventa mil e 130 mil soldados alemães e romenos foram presos. Apenas seis mil voltaram para casa. Além disso, morreram no cerco de doença, fome ou frio até 146 mil homens do lado alemão. As perdas do lado soviético durante toda a batalha por Stalingrado somam 474.871 mortos e 974.734 fe-

ridos. As vítimas na população civil na área de Stalingrado não foram contabilizadas.

CAPÍTULO 9: FEVEREIRO — VERÃO 1943

1. As cólicas intestinais de Hitler eram consequência de sua alimentação vegetariana e de sua falta de movimentação. Acrescia ainda a destruição da sua flora intestinal pelo medicamento Ultraseptyl, freqüentemente prescrito. Através de um preparo bacteriano, Mutaflor, o Dr. Theodor Morell reconstituía a flora intestinal de Hitler. Ele combinava injeções de vitamina com glicose, à qual, supõe-se, misturava a droga estimulante Pervitin. Em 1943, aplicou em Hitler seis injeções de Eudokal, um derivado do ópio, bem como o medicamento Eupaverin, contra cólicas. Mas, na segunda metade de 1942, ele não aplicou nenhuma injeção desse tipo.
2. Em 2.2.1943, o Exército Vermelho deu início às ofensivas “Estrela” e “Pulo”. O objetivo da ofensiva “Estrela” era avançar até Kursk e o da “Pulo”, a tomada de Kharkov.
3. Em 16.2.1943, Hitler deu ordens (ordem do *Führer* nº 4) para que, ao abandonar uma área, “todas as instalações e alojamentos úteis ou valiosos para o inimigos fossem destruídos ou queimados”. Ele mandou ainda que a massa da população civil fosse levada para ser usada como mão-de-obra. As aldeias deviam ser “arrasadas”.
4. Hitler só voou para Saporoschje em 17.2.1943. Ele partiu do aeroporto da “Toca do Lobo” em Wilhelmsdorf às duas da madrugada e chegou às seis horas no QG do Grupo Sul do Exército.
5. Tropa fundada em 1938 e batizada em homenagem ao seu diretor, Fritz Todt, responsável pela construção de instalações militares. Desde o início da guerra, utilizava trabalhadores forçados, detentos de campos de concentração e prisioneiros de guerra para as obras.
6. Hitler manteve comprovadamente reuniões de três dias em Saporoschje com o novo chefe do alto-comando do Grupo Sul do Exército, von Manstein, e o recém-nomeado chefe da Frota Aérea 4, marechal-de-campo Wolfram Freiherr von Richthofen. Não existem evidências de que von Weichs também tenha participado.
7. Hitler voou de volta em 19.2.1943. Naquele dia, unidades soviéticas do 1º Exército de Guarda estavam a sessenta quilômetros de distância de Saporoschje.
8. O marechal-de-campo von Weichs só recebeu a folha de carvalho da Cruz de Cavaleiro em 5.2.1945.
9. Von Richthofen já foi promovido a marechal-de-campo em 31.1.1943, junto com von Weichs, Paulus e Kleist.

10. A reunião com o marechal-de-campo Erwin Rommel ocorreu em 10.3.1943. Um dia mais tarde, Hitler condecorou Rommel com a folha de carvalho com adagas e brilhantes para a Cruz de Ferro, máxima condecoração de guerra alemã, e o enviou para um *spa*. Em maio de 1943, Rommel foi incumbido no cargo de chefe do alto-comando do Grupo B do Exército para organizar a defesa da Itália, antes de chefiar os preparativos para a defesa de uma invasão aliada na França a partir de 1.12.1943.
11. Em março de 1943, o Grupo Sul do Exército, comandado pelo marechal-de-campo Manstein, conseguiu reconquistar Kharkov e estabilizar o *front* alemão no sul da União Soviética.
12. A apresentação de Werner von Braun, acompanhado pelo general Walter Dornberger, o chefe responsável pelo departamento de armas do Exército, foi realizada em 7.3.1943. Além das imagens, foi ainda mostrado um filme sobre a primeira decolagem bem-sucedida do V2 em 3.10.1942.
13. No verão de 1940, um comando da SS empregou pela primeira vez caminhões com câmaras de gás para assassinar pacientes de uma clínica de deficientes mentais perto de Posen. O monóxido de carbono ficava engarrafado. A partir de setembro de 1941, as unidades Einsatzgruppen do SD passaram a usar, nos territórios conquistados, caminhões em que as próprias emissões eram jogadas para dentro. Os primeiros registros da utilização desses equipamentos são de novembro de 1941, em Poltava, e em dezembro de 1941, em Kharkov.
14. As primeiras câmaras de gás foram instaladas no âmbito da “Euthanasieaktion” (“Operação Eutanásia”), a matança de doentes mentais, a partir de janeiro de 1940, em seis clínicas psiquiátricas da Alemanha. Entre março e outubro de 1942, funcionários do serviço de segurança da SS montaram câmaras de gás nos campos de extermínio de Belzec, Sobibor e Treblinka (governo geral), depois também em outros campos de concentração e de extermínio. Não havia câmaras de gás nos territórios soviéticos conquistados.
15. O general Hans Jeschonnek matou-se na noite de 18.8.1943 no QG da Luftwaffe em Goldap (Prússia oriental). Naquela noite, a Royal Air Force bombardeou várias cidades alemãs, praticamente sem reação da Luftwaffe.
16. O general Ernst Udet, que tinha o cargo de *Generalluftzeugmeister*, meteu uma bala na cabeça em 17.11.1941. Mas não foi durante um voo, e sim em seu apartamento de Berlim. Depois da derrota na batalha aérea contra a Grã-Bretanha e do fracasso da Luftwaffe no *front* oriental, perdeu a confiança de Göring e Hitler.
17. Hitler chegou em 22.3.1943 com sua comitiva, depois de uma parada em Berlim, onde participou das comemorações pelo Dia do Herói e onde, no dia anterior, escapara de um atentado.

18. Rattenhuber dirigia o serviço de segurança do Reich, responsável pela proteção dos mais altos cargos do Reich alemão. Era subordinado ao serviço secreto (Gestapo), não ao SD.
19. A amante cativa de Bormann era a atriz Manja Behrens.
20. O general Edgar Feuchtinger, que foi comandante da 21ª Divisão Panzer em 1943/44, foi preso, degredado e condenado à morte em 5.1.1945 por causa de corrupção e por ter se afastado sem permissão (em 6.6.1944, começo da invasão aliada em Paris, ele estava se divertindo com sua amante). Mas Hitler o indultou em 2.3.1945 e mandou que fosse transferido como canhoneiro para a 20ª Divisão Panzer. Feuchtinger, no entanto, desertou e se fez prender pelos ingleses.
21. O Comitê Nacional Alemanha Livre e a Aliança de Oficiais Alemães foram fundados respectivamente em 13.7.1943 e 12.9.1943, por iniciativa de Stalin, por prisioneiros de guerra e oficiais, bem como emigrantes comunistas. Serviam ao lado soviético principalmente como peças de propaganda, perdendo importância à medida que a guerra evoluía crescentemente em favor dos Aliados. Sua influência como um todo sobre as tropas alemãs no *front* oriental foi reduzida.
22. O chefe da Aliança de Oficiais Alemães, o general Walter von Seydlitz-Kurzbach, foi condenado à morte em 26.4.1944 *in absentia* pelo Tribunal de Guerra do Reich em Torgau. Depois do atentado de 20.7.1944, o serviço de segurança do Reich prendeu 53 membros do Comitê Nacional Alemanha Livre e levou-os para Schierlichmühle, na região de Riesengebirge.
23. Em setembro de 1943, o general von Seydlitz-Kurzbach sugerira “formar um pequeno exército de prisioneiros de guerra, numericamente pequeno e apto a lutar, que possa agir no caso de um novo governo na Alemanha”. Mas no lado soviético nunca houve um interesse real na formação de unidades militares alemãs para combater a Alemanha nacional-socialista. Stalin tampouco apoiava outras iniciativas de militares alemães presos em formar unidades para combater o Reich alemão ou formar um contragoverno, pois isso poderia ser interpretado como prova da existência de uma “Alemanha antifascista”.
24. Antonescu chegou ao castelo de Klessheim em 12.4.1943. Antes, Hitler já tinha recebido Mussolini.
25. Mussolini foi recebido antes de Antonescu em Klessheim. As reuniões com Hitler duraram de 7 a 10.4.1943.
26. Na reunião com Hitler em 17.4.1943, Horthy também resistiu contra pressões no sentido de excluir os judeus da sociedade húngara e seu planejado extermínio. Segundo Horthy conta em suas memórias, Hitler teria gritado que “os judeus precisam ser exterminados ou jogados no campo de concentração”.

27. A reunião entre Hitler e o presidente eslovaco Josef Tiso aconteceu em 23.4.1943.
28. O general Italo Gariboldi comandou o 8º Exército italiano em Stalingrado, onde contou com o auxílio do 3º Exército da Romênia, aliado. A Cruz de Cavaleiro foi concedida ao general italiano em 1.4.1943.
29. A Turquia fornecia metais não-ferrosos, principalmente vanádio, a todos os países em guerra.
30. Peça blindada pesada de artilharia movida a motor elétrico e diesel, equipada com canhão de 8,8cm. O Ferdinand revelou-se um erro de construção. Tecnicamente, não estava pronto, era completamente vulnerável no combate a pouca distância e não tinha, num primeiro momento, nenhum meio de autodefesa. Uma versão melhorada deste tanque de caça mais tarde recebeu o nome de "Elefante".
31. T-34: um tanque de combate soviético de tamanho médio. O tanque de trinta toneladas era equipado com um canhão de 7,6cm (depois de 1944, com um canhão de 8,8cm), tinha velocidade de 50km/h e autonomia de 300 a 450 quilômetros. Este tanque padrão soviético, do qual foram fabricadas cerca de quarenta mil unidades, revelou-se uma construção extremamente bem-sucedida em termos de engenharia bélica, bem superior aos tanques de combate alemães até 1943.
32. O agente da espionagem militar soviética Sándor Radó ("Dora") já transmitira para Moscou os primeiros detalhes da operação planejada para o ataque alemão em Kursk em 1.4.1943. Depois, ele informou os adiamentos das datas originais do ataque para o serviço secreto militar soviético GRU.
33. Para a Wehrmacht havia 2.700 tanques à disposição para a Batalha de Kursk. A União Soviética levou ao combate 3.300 tanques.
34. Tiger: pesado tanque de combate alemão. Este tanque, que pesava 55 toneladas, era equipado com um canhão de 8,8 centímetros, e foi utilizado pela primeira vez no outono de 1942.
35. A delegação militar turca chegou em Berlim em 24.6.1943 e foi recebida por Hitler em 6.7.1943 na "Toca do Lobo".
36. A bateria "Fritz Todt" consistia em quatro canhões de 38 centímetros com alcance de 54 quilômetros e foi construída em 1940, com o nome de bateria "Siegfried", no cabo de Gris-Nez, tendo sido rebatizada depois da morte de Fritz Todt, em 1942.
37. A ofensiva alemã em Kursk terminou em 17.7.1943. De 11.7 a 31.8.1943, a Wehrmacht registrou 30.043 mortos em combate na região de Kursk, 119.109 feridos e 22.508 desaparecidos. As perdas do Exército Vermelho neste período somaram 141.941 mortos e 991.472 feridos.

CAPÍTULO 10: VERÃO 1943 — FEVEREIRO 1944

1. Hitler voou até Obersalzberg em 18.7.1943.
2. O encontro com Mussolini aconteceu em 19.7.1943 na Villa Gaggià, em Feltre, perto de Belluno, norte da Itália.
3. O coronel Mario Roatta foi nomeado chefe do Estado-Maior do Exército italiano já em 1.6.1943.
4. Mussolini foi mantido preso pelo novo governo italiano em um hotel em Gran Sasso, nos Abruzzes.
5. Inicialmente, o serviço de segurança do Exterior planejava, em agosto de 1943, prender todas as pessoas envolvidas na demissão de Mussolini. Era a chamada Operação Alarico. Mas o plano já foi abandonado em setembro. No dia 9.9, fracassou a principal parte do plano, uma operação dirigida contra o alto-comando italiano.
6. No norte da Itália e no sul da França, de 480 mil soldados italianos, 330 mil foram internados e em sua maioria deportados para a Alemanha para trabalhos forçados. No sul da Itália e no centro do país, unidades alemãs desarmaram trezentos mil homens e internaram dois mil deles. Nos Balcãs e na região do mar Egeu, cerca de 380 mil italianos foram desarmados e internados.
7. Pantera (Panther): tanque de batalha de tamanho médio, projetado como resposta ao tanque soviético T-34. Este tanque, que passou a ser fabricado em série a partir de novembro de 1942, pesava 45,5 toneladas e era equipado com um canhão de 7,5cm.
8. Foram fabricados oito mil exemplares do tanque blindado Panzer IV, o tanque padrão da Wehrmacht. Ele pesava cerca de 25 toneladas e dispunha de um canhão de 7,5cm. Até 1940, era superior aos tanques adversários. Durante a guerra contra a União Soviética, sofreu pesadas perdas infligidas pelos tanques soviéticos superiores do tipo T-34.
9. A operação para a libertação de Mussolini ocorreu em 12.9.1943.
10. Fieseler-Storch: avião de curto alcance do tipo Fieseler 156, utilizado principalmente como avião de ligação e de esclarecimento. Este artefato conseguia levantar voo em pistas de apenas 65 metros, ao passo que parava depois de vinte metros na aterrissagem.
11. Mussolini assumiu os negócios de governo em 15.9.1943. Mas sua Repubblica Sociale Italiana não passou de um regime de fantoches.
12. A desocupação da ilha aconteceu na noite de 16 para 17.8.1943. As tropas alemãs, cerca de cem mil homens, recuaram para o continente italiano.

13. Tropas britânicas desembarcaram na ponta sudoeste da Calábria em 3.9.1943. No dia da capitulação italiana, desembarcou ainda o 5º Exército Americano no golfo de Salerno. Simultaneamente, forças britânicas desembarcaram em Tarento.
14. A frota italiana passou-se para o lado aliado em 9.9.1943. No caminho de Malta, aviões alemães danificaram o navio *Italia* e afundaram o navio *Roma*, com mil e quinhentos homens a bordo.
15. Gustav Krupp não estava só preocupado com a situação no *front*. Ele queria transformar a sociedade por ações em uma companhia privada, para poder direcionar de sua maneira a sucessão na direção. Hitler concordou com a proposta, justificando-a pelos méritos “destacados e únicos para a capacidade de defesa do povo alemão”. Seu decreto do dia 12.11.1943 tornou inválidas as regras do Código Civil para a firma Fried-Krupp.
16. Schacht não menciona essa carta em suas memórias. Seu último encontro com Hitler ocorreu em fevereiro de 1941. Hitler perguntou-lhe sobre a posição futura dos EUA em um conflito com a União Soviética. Em agosto de 1941, Schacht procurou Lammers e pediu-lhe que encaminhasse a Hitler uma avaliação escrita sobre a situação política. O pedido foi recusado, mas Schacht escreveu a carta mesmo assim. Ele foi preso pela Gestapo em 23.7.1944, acusado de manter contatos com os conspiradores do atentado de 20.7 contra Hitler. Como as provas eram insuficientes para uma sentença, foi levado para o campo de concentração de Sachsenhausen, onde gozou de tratamento especial.
17. Hitler falou aos comandantes do *front* oriental em 27.1.1944.
18. As tropas alemãs tiveram de sair da região de minérios de Nikopol em 8.2.1944.
19. Em 28.1.1944, tropas soviéticas encurralaram em Cherkassy cerca de cem mil homens do 8º Exército do general Otto Wöhler e do 1º Exército blindado do general Hans Hube. Em 17.2.1944, trinta mil soldados conseguiram romper o cerco e voltar. No cerco, ficaram 55 mil mortos e 18 mil presos. As forças soviéticas perderam nessas batalhas pela Ucrânia ocidental ao todo 270.200 mortos e tiveram 839.330 feridos.

CAPÍTULO 11: FEVEREIRO — JUNHO 1944

1. Nome para designar o QG do comando da Luftwaffe em Bartenstein (Prússia oriental). Na primavera de 1945, o trem do chefe da Luftwaffe, Hermann Göring, recebeu esse nome.
2. A residência de Berghof e os prédios administrativos à sua volta foram destruídos em 25.4.1945 por um bombardeio britânico.

3. A fábrica de louça Porzellanmanufaktur Allach GmbH, com sede em Dachau, era uma subsidiária da *holding* da SS Deutsche Wirtschaftsbetriebe GmbH.
4. Em 18.2.1943, o ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, declarou a “guerra total”, preparando a sociedade civil alemã para uma guerra incondicional através de uma série de modificações drásticas. As chamadas operações pente-fino integraram homens velhos empregados em atividades consideradas improdutivas. Homens nascidos em 1926 e 1927 começaram inicialmente na defesa antiaérea, depois nas divisões de soldados da infantaria (Volksgrenadier-Divisionen) ou unidades de ataque popular (Volkssturm-Einheiten). Até julho de 1944, a Wehrmacht recebeu seiscentos mil homens adicionais.
5. No final do verão de 1942, Hitler ordenou a transferência de cerca de duzentos mil soldados da Luftwaffe — supostamente com excesso de contingente — para o Exército. Göring driblou essa ordem mandando formar em curtíssimo prazo 21 divisões de campo da Luftwaffe. Estas tropas inexperientes no combate terrestre sofreram perdas extraordinárias. Das 21 divisões sobraram apenas cinco em março de 1945.
6. A ofensiva no *front* ucraniano teve início em 4.3.1944 com a ofensiva contra o 1º e o 4º Exércitos blindados do Grupo Sul do Exército alemão.
7. O 6º Exército fora formado em 6.3.1943 com integrantes da Divisão Hollidt do Exército no sul da Rússia e sofrera pesadas perdas na primavera de 1944 na retirada do Dnieper para o Dniester. Em agosto de 1944, o 6º Exército foi novamente cercado e destruído durante a ofensiva soviética contra o Grupo do Sul da Ucrânia na região de Kischiniow.
8. O Monte Cassino constituía o núcleo da linha Gustav, linha fortificada alemã. De acordo com os planos do alto-comando da Wehrmacht, o avanço aliado na Itália deveria ser detido dessa maneira. Enquanto os Aliados planejavam romper a linha “Gustav” em outubro de 1943, só alcançaram a posição de defesa em janeiro de 1944, por causa do tempo, de dificuldades de reposição e do terreno, bem como de uma maciça resistência alemã. Depois de quatro batalhas em Monte Cassino, só em 13.5.1944 os Aliados conseguiram o rompimento decisivo. As tropas alemãs se retiraram para a “linha gótica”. Durante as lutas, os Aliados perderam 12 mil homens. Do lado alemão, vinte mil homens morreram ou ficaram feridos ou foram presos.
9. Este exército polonês de voluntários foi criado no final de 1941 na União Soviética pelo general Ladislau Anders. Com inicialmente setenta mil homens, foi transferido em meados de 1942 para o Iraque e, a partir de 1943, lutou no norte da África e na Itália, onde conquistou o Monte Cassino. Em fevereiro de 1945, o general Anders ganhou o comando sobre as tropas polonesas no oeste, com uma força total

de quase duzentos mil homens. Mais de 80% deles recusaram posteriormente serem repatriados para a Polônia comunista.

10. Hitler, que responsabilizara von Kleist, em sua condição de chefe do alto-comando do grupo do Exército A, pelas perdas na Criméia, demitiu o marechal-de-campo no dia 30.3.1944. No mesmo dia, o marechal-de-campo von Manstein também foi demitido de seu cargo de comandante do Grupo Sul do Exército por causa de diferenças com Hitler sobre questões militares.
11. Zeitzler desabou em 9.6.1944. Heusinger ficou no cargo de 10.6 a 21.7.1944, depois foi sucedido por Guderian na administração do Estado-Maior.
12. O casamento de Hermann Fegelein e Margarete Braun aconteceu em 3.6.1944. Fegelein só foi promovido a *Gruppenführer* em 21.7.1944.
13. No resumo de suas pesquisas, Joachimsthaler insinua que houve um relacionamento sexual entre Eva Braun e Hermann Fegelein.
14. Essa reunião convocada por Albert Speer com cerca de duzentos líderes selecionados do setor de armamentos foi realizada em 4.7.1944.
15. A Operação “Bagration”, nome da grande ofensiva contra o Grupo Central do Exército, começou em 22.6.1944, terceiro aniversário do ataque alemão contra a União Soviética. Até 8.7.1944, data que marcou o fim da operação, as tropas do Exército Vermelho destruíram 28 divisões alemãs com 350 mil homens.
16. O sistema alemão de defesa consistia em “lugares firmes”, geralmente cidades de maior porte. As tropas ali estacionadas deveriam se deixar encurralar a fim de mobilizar o máximo possível das forças inimigas. Essa tática falhou diante das relações de força existentes e limitou ainda mais as já restritas possibilidades de manobra alemãs. Fontes alemãs chamam essa tática também de “linha Dnieper”.

CAPÍTULO 12: JULHO 1944 — JANEIRO 1945

1. Hitler chegou à “Toca do Lobo” em 9.7.1944.
2. Somente em 16.7.1944 Hitler voltou para a “Toca do Lobo”.
3. Estavam presentes ainda os dois estenógrafos, Heinz Buchholz e Heinrich Berger.
4. Um sistema de defesa denso na área do 1º Exército Blindado do Grupo do Exército do norte da Ucrânia. Várias localidades como Lvov, Brody e Stanislaw foram transformadas em bases militares para deter uma ofensiva soviética.
5. Naquela altura, o general Friedrich Fromm fora detido pelo coronel Claus Graf Schenk von Stauffenberg. O telegrama aos comandantes militares nos distritos militares e nos territórios ocupados foi expedido por ordem do marechal-de-campo Erwin von Witzleben, na condição de novo chefe do alto-comando da Wehrmacht.

6. O general Ludwig Beck, que resistiu à voz de prisão, tentou o suicídio duas vezes sem sucesso. Fromm, libertado na noite do dia 20.7.1944 por oficiais leais ao regime, ordenou então a um oficial que fuzilasse Beck. Quando este se recusou, um segundo sargento o fuzilou na sala ao lado.
7. O general Adolf Heusinger sabia do plano de atentado para o dia 20.7.1944 e era a favor da idéia, mas não participou da execução ou do planejamento. Homens da Gestapo prenderam Heusinger ainda no hospital. Mas como não houve provas de sua participação no atentado, ele foi libertado dois meses depois e mandado para a reserva.
8. O texto se refere ao Tribunal do Povo (Volksgerichtshof). Àquela altura, Freisler já não era secretário-geral do ministério, e sim presidente do Tribunal do Povo e primeiro juiz do Primeiro Senado.
9. O chamado Tribunal de Honra reuniu-se em 4.8.1944. O general Hans Reinhardt não fazia parte dele. O texto refere-se ao general Hermann Reinecke.
10. As execuções foram realizadas na prisão de Berlim-Plötzensee.
11. No rastro do atentado, a Gestapo prendeu mais de sete mil pessoas, das quais 4.980 foram assassinadas ao longo dos meses que se seguiram. Nos altos-comandos do exército, da Wehrmacht e do generalato, sessenta oficiais foram condenados à morte. Vinte generais foram executados, acusados de participarem do atentado contra Hitler. Ao mesmo tempo, tribunais de guerra expediram sentenças de morte contra 36 generais acusados de oposição ao regime. Quarenta e nove generais suicidaram-se para escapar à prisão e condenação. Nos círculos militares e no *front*, vários membros da Wehrmacht foram presos, dos quais setecentos foram condenados à morte por tribunais militares.
12. O marechal-de-campo Erwin Rommel ficou ferido em 17.7.1944 durante um ataque aéreo ao seu automóvel próximo de Livarot (França). Sofreu uma grave fratura na base do crânio, duas fraturas na têmpera e um esmagamento do osso maxilar. Estava passando as férias para se recuperar em sua casa, em Herrlingen, perto de Ulm.
13. Quem cumpriu a missão de levar Rommel a cometer suicídio não foi o general Hans Krebs, e sim o general Wilhelm Burgdorf. Em 14.10.1944, ele procurou o marechal-de-campo em Herrlingen. Quando Rommel se recusou a meter uma bala na cabeça com as próprias mãos, Burgdorf foi com ele até uma pedreira próxima, onde lhe entregou uma cápsula com o veneno. Poucos minutos depois, Rommel estava morto. Em seguida, Burgdorf levou-o até uma clínica em Ulm, informando que Rommel provavelmente sofrera um infarto. Como *causa mortis*, o atestado de óbito diz o seguinte: “Infarto em decorrência de acidente de trabalho sofrido no oeste.”

14. A palestra de Hitler para os oficiais comandantes nacional-socialistas aconteceu em 3.8.1944 na “Toca do Lobo”; a reunião com os governadores, um dia depois.
15. Hitler nomeou o general Heinz Guderian em 21.7.1944 para o cargo de chefe do Estado-Maior do Exército. No mesmo dia, o general Walther Wenck assumiu seu posto como chefe da Divisão de Operações do alto-comando do Exército. O general Burgdorf recebeu o cargo de “ajudante-chefe da Wehrmacht junto ao *Führer*” em 12.10.1944. O general Karl Koller começou a despachar como chefe do Estado-Maior da Luftwaffe em 12.11.1944.
16. A ofensiva soviética contra o Grupo do Exército da Ucrânia do norte começou em 13.7.1944. Até meados de agosto de 1944, o Exército Vermelho destruiu 32 das 56 divisões do Grupo do Exército, aniquilando outras oito completamente. Suas perdas montaram a 65 mil mortos e 224.295 feridos.
17. Nos dias 29 e 30.7.1944, tropas soviéticas avançaram sobre o rio Vístula, perto de Sandomierz, e formaram uma cabeça-de-ponte na margem ocidental. Em 1.8.1944, o Exército Patriótico polonês iniciou o levante de Varsóvia, o qual ficou sem apoio soviético por ordens de Stalin. Tropas alemãs e a SS cometeram atos de brutalidade contra os membros do Exército Patriótico polonês e a população civil. Em 2.10, as forças polonesas tiveram que capitular, mas foram reconhecidas como prisioneiros de guerra. Durante as lutas, perderam 16 mil homens, outros seis mil ficaram feridos. Do lado alemão, houve dois mil mortos e nove mil feridos. Cento e sessenta e seis mil habitantes da cidade morreram durante o levante e setenta mil foram levados para trabalhos forçados. Hitler deu ordens para transformar Varsóvia em terra arrasada.
18. Nessa época, Hitler teve uma hepatite leve, que no entanto teve cura rápida depois de um tratamento bem-sucedido. O otorrinolaringologista Giesing, que tratou dos tímpanos de Hitler, suspeitou de uma intoxicação por estricnina por interpretar erradamente a bula de outro medicamento (Dr. Kösters Antigaspillen). Hasselbach e Brandt, ambos cirurgiões, foram alarmados por Giesing. Mas Hitler precisaria ter ingerido pelo menos 150 tabletas desse remédio estimulante da flora intestinal para realmente ter os sintomas de uma intoxicação.
19. Já em 23.9.1940 Himmler determinara aos dentistas da SS nos campos de concentração que arrancassem os dentes de ouro de detentos mortos e, no caso dos presos vivos, tirassem “ouro dentário não mais passível de reparos”.
20. A reunião com o marechal-de-campo Model e o *Gauleiter* Koch ocorreu em 15.8.1944.
21. Instalação de defesa ampliada em 1918 e modernizada na Segunda Guerra Mundial na região de Königsberg entre os rios Alle e Passarge.

22. Um relatório secreto do NSDAP de 7.8.1944 informou que na Prússia oriental havia “o desejo da população local e da população berlinense evacuada para ali [por causa das batalhas aéreas] de viajar o mais rápido possível para o interior do país e salvar seus bens (emigração das regiões fronteiriças, superlotação dos trens, aumento dos saques bancários, envio de bagagem).
23. O rei romeno Miguel II mandou prender o marechal Antonescu em 23.8.1944, formando um novo governo. Este declarou a guerra à Alemanha em 28.8.1944, depois que Antonescu já negociara um acordo sobre a saída da Romênia da guerra em 2.6.1944 durante negociações secretas em Estocolmo com a União Soviética.
24. Apesar de ser aliada da Alemanha, a Bulgária evitara participar da campanha contra a União Soviética. Em 5.9.1944, a União Soviética declarou a guerra à Bulgária e invadiu o país.
25. O jornal do Partido Comunista soviético *Pravda* já divulgara em 17.1.1944 os rumores de que Ribbentrop estaria negociando um acordo de paz em separado com a Grã-Bretanha. Mas não existem provas disso. O fato é que tanto a Grã-Bretanha quanto os EUA e a União Soviética estiveram em contato com o Reich alemão através de canais diplomáticos e de agências de notícias.
26. A Guarda de Ferro, fundada em 1927 com o nome de “Legião Arcanjo Miguel”, era uma organização paramilitar, místico-cristã e anti-semita. Foi dissolvida em 1937. A partir de 1935, desenvolveu diversas ações terroristas. Entre outros, o primeiro-ministro romeno foi vítima de um de seus atentados. O chefe da Guarda de Ferro, Corneliu Codreanu, foi assassinado em 1938. Seu sucessor Horia Sima tentou em 1941 um golpe de Estado fracassado. Levado para a Alemanha pelo SD, Sima foi condenado à morte em seu país. A SS o internou no campo de Berkenbrück, de onde fugiu. Depois de sua recaptura, gozou do status de prisioneiro especial no campo de concentração de Buchenwald. Seu gabinete fantoche voltou a trabalhar em 24.8.1944.
27. Não há registros de que Antonescu tenha sofrido de sífilis. Trata-se, neste caso, simplesmente de uma ofensa comum. Em seu livro, *Mein Kampf*, Hitler escreveu que este tipo de doença equivale a uma “ausência de nobreza da alma” do paciente. Para ele, as doenças venéreas eram consequência da “influência judaica” e do “exagero” do “instinto sexual”.
28. O 1º *Front* do Báltico chegou ao Báltico nas duas margens do rio Memel em 10.10.1944, cortando assim 33 divisões do Grupo Norte do Exército. Mas Hitler proibiu a retirada das tropas presas no cerco, por acreditar que assim podia ameaçar o flanco soviético. Este grupo de tropas, renomeado em 26.1.1945 como Grupo Kurland do Exército, capitulou em 10.5.1945, depois de seis batalhas. No total, 208 mil homens foram presos pelos russos.

29. A mobilização total ordenada por Hitler em 25.9.1944 incluiu todos os homens entre 16 e sessenta anos que até então ainda não serviam militarmente. Os governadores (*Gauleiter*) cuidavam da convocação e do comando dessas tropas. A organização militar, o treinamento e o armamento ficaram a cargo de Himmler, em sua condição de chefe do alto-comando do exército de reserva. Enquanto lutavam, esses homens eram considerados soldados e estavam submetidos às leis militares. Cerca de seis milhões de homens, eles formaram o último esforço mal treinado e insuficientemente armado do Reich alemão. Principalmente as unidades da Volkssturm, compostas de homens convocados pela mobilização total, sofreram pesadas perdas lutando contra o Exército Vermelho, com mais de 175 mil desaparecidos. O número de mortos é desconhecido.
30. A Brigada de Acompanhamento do *Führer*, originada em junho de 1944 do Batalhão de Acompanhamento do *Führer*, foi reestruturada em 26.1.1945 e tornou-se Divisão de Acompanhamento do *Führer*. A Brigada de Acompanhamento do *Führer* passou a fazer parte do Exército enquanto unidade regular, participando também da ofensiva das Ardenas.
31. Desde o verão de 1944, grupos de alemães foram evacuados das regiões ameaçadas do Leste Europeu para a Alemanha. As evacuações e os movimentos de refugiados na Prússia Oriental terminaram no outono de 1944, depois da estabilização do *front* e por causa das ordens para manter as posições no *front* a qualquer custo vindas da direção nazista. A grande onda de refugiados de milhões de pessoas que tentavam sair da Prússia Oriental, da região de Warthegau e da Silésia começou depois que os russos romperam o *front*, em janeiro de 1945.
32. Em 30.7.1944, o 3º Exército americano conseguiu tomar a cidade portuária na bafa do Mont Saint-Michel, cercando assim as tropas alemãs na península de Cotentin. A queda do importante porto de Cherbourg, assim, tornou-se previsível. Quando, nos dias 6 e 7.8.1944, um contra-ataque do 5º Exército Blindado alemão sucumbiu ao fogo dos Aliados, a batalha da invasão estava ganha para os Aliados.
33. O general Hans Günther von Kluge envenenou-se em Metz em 18.8.1944.
34. Existem registros da visita de Kluge ao *front* entre 15 e 16.8.1944, bem como o fato de que ele passou um dia inteiro desaparecido. Mas existem dúvidas se Kluge efetivamente quis estabelecer contato com os Aliados, já que ele recusou apoio ao atentado de 20.7.1944 quando soube que Hitler ainda estava vivo.
35. Em meados de agosto, as tropas aliadas cercaram 120 mil homens do 7º Exército e do 5º Exército Blindado na região de Falaise. Mas, por causa de erros táticos e desacertos no alto-comando aliado, só foi possível fechar o cerco em 20.8.1944. Até esse momento, cerca de cinquenta mil homens puderam fugir, outros cinco mil

saíram pelas brechas. Cerca de cinquenta mil homens foram presos e dez mil mortos ficaram para trás no cerco. Com isso, a defesa alemã na Normandia sucumbiu definitivamente.

36. Até setembro de 1944, a Wehrmacht perdeu mais de 414.802 homens, entre mortos, feridos, desaparecidos e presos nas violentas batalhas na frente ocidental. As perdas aliadas até 11.9.1944 somaram quarenta mil mortos, 164 mil feridos e vinte mil desaparecidos.
37. Na fracassada operação de desembarque aéreo “Market-Garden”, com a qual se queria forçar a passagem pelo Reno através dos Países Baixos, os Aliados perderam cerca de 17 mil homens, no final de setembro de 1944. As batalhas pela abertura da foz do rio Schelde também foram sangrentas — o Exército canadense perdeu cerca de 13 mil homens entre outubro e novembro. As lutas também foram violentas na região de Aachen.
38. Já em 25.9.1944, Jodl recebeu ordens para elaborar um esboço para uma ofensiva na região das Ardenas. Em 12.10, ele entregou o plano da Operação “Wacht am Rhein”. [“Olhar sobre o Reno”]
39. Em 10.12.1944, Hitler chegou ao QG “Adlerhorst”, a dez quilômetros ao oeste de Bad Nauheim.
40. O *SS-Obersturmbannführer* Otto Skorzeny chefiava o Departamento S (de sabotagem) no Amt VI (SD-Ausland) do RSHA.
41. A unidade para defesa e SD formada no final de 1944 por Skorzeny ganhou o codinome de *Panzerbrigade 150*. Ela recebeu uniformes e equipamentos americanos, mas não logrou muitos êxitos. Como, ao contrário dos americanos, os alemães viajavam em quatro nos jipes, transitando com os hábitos da Wehrmacht, foram rapidamente desmascarados e fuzilados como membros de uma unidade irregular, conforme as leis internacionais.
42. Hitler falou nos dias 11 e 12.12.1944 diante dos comandantes de divisões e corpos do Grupo B do Exército previstos para a ofensiva das Ardenas.
43. A Grã-Cruz da Cruz de Ferro, grau máximo da Cruz de Ferro criada em 1.9.1939, foi concedida em 19.7.1940 a Göring, sendo o único general alemão na Segunda Guerra a recebê-la, junto com sua nomeação como marechal do Reich.
44. As posições de saída do Grupo B do Exército para a ofensiva das Ardenas ficaram entre Trier e Monschau. As pontas do ataque alemão ficaram em Dinant, a cerca de dez quilômetros ao leste do Meuse. Liège tampouco nunca ficou perto das tropas atacantes.
45. Àquela altura, a batalha das Ardenas já estava perdida para o lado alemão. O recuo do 6º Exército Panzer não mais teria influência sobre os rumos da batalha. Em face

da tenaz resistência aliada e de sua superioridade aérea, o chefe do Grupo B do Exército, o marechal-de-campo Model, já admitiu em 28.12.1944: “Por enquanto, teremos de renunciar ao objetivo de chegar à Antuérpia. (...) A força do Grupo do Exército é insuficiente.” Na ofensiva das Ardenas, a Wehrmacht teve 17.200 mortos, 34.439 feridos e 16 mil presos. O Exército americano registrou 29.751 mortos e desaparecidos e 47.129 feridos.

46. Saint-Vith, no município de Malmedy, foi parte de Luxemburgo na Idade Média, passou a situar-se na Bélgica em 1919, foi para o Reich alemão em 1940 e hoje está novamente no Reino Belga.

CAPÍTULO 13: JANEIRO — MARÇO 1945

1. A moldura dourada da cruz suástica lembrava uma coroa de folhas de carvalho. Duas das quatro águias também seguravam coroas de folhas de carvalho em suas garras.
2. Hitler não “mandara vir” Eva Braun — ao contrário, pedira que ela permanecesse na residência de Berghof.
3. Para o Exército Vermelho, a tomada da capital polonesa no dia 17.1.1945 foi um importante êxito em termos de propaganda.
4. Königsberg capitulou em 10.4.1945. Ainda no mesmo dia, Hitler mandou que Lasch fosse condenado à morte. A família do general da infantaria foi presa.
5. Dois exércitos da 1ª Frente Ucraniana cercaram Breslau em 15.2.1945. Mas a cidade, declarada fortaleza, só capitulou em 6.5.1945. Durante os combates, 68% das casas da cidade foram destruídos. O número de vítimas é desconhecido.
6. Enquanto Petter se desincumbiu desta missão, Schlünder permaneceu em Berlim. Ele chefiava as últimas reservas da Juventude Hitlerista nas pontes do Havel em Pichelsdorf, a leste de Berlim.
7. Naquela sessão foram definidos os planos de evacuação para as autoridades instaladas em Berlim. Em 12.4.1945, deu-se a esta operação o codinome de “Thusnelda”.
8. Os bombardeios aliados destruíram todo tipo de fábricas de armas, como as fábricas Krupp em Essen, da Auto-Union, na Saxônia, e as indústrias de combustíveis em Leuna e Zeitz. Os ataques às instalações mineradoras na região do Ruhr fizeram a produção de carvão cair à metade. A alta produção da indústria alemã de armamentos até a virada de 1944/45 pode ser explicada pela transferência sistemática de grandes instalações industriais para o subterrâneo.
9. Himmler assumiu o comando geral do Grupo Vístula do Exército em 23.1.1945.
10. O SS-*Obergruppenführer* Hans Kammler recebeu em 27.3.1945 o comando e todas as procurações possíveis para desenvolver, testar e fabricar os caças a jato. A partir

de 8.8.1944, Kammler passou a ser o responsável geral para a fabricação de foguetes V2 e comandante para a utilização na guerra dos mesmos. Desde janeiro de 1945, comandava também o emprego de V1. Kammler era ainda chefe do programa alemão de bombas atômicas. Em seu livro *Hitlers Bombe (A bomba de Hitler)*, Rainer Karlsch revela que testes com armas nucleares táticas eram feitos desde março de 1945.

11. Heinrich substituiu Himmler no alto-comando do Grupo Vístula do Exército em 22.3.1945.
12. Guderian foi demitido em 28.3.1945.

CAPÍTULO 14: MARÇO 1945

1. A região petrolífera em volta de Nagykanisza foi tomada pelo Exército Vermelho em 2.4.1945.
2. Ao 6º Exército Panzer estavam subordinadas, em março de 1945, a 1ª Divisão Panzer SS Leibstandarte “Adolf Hitler”, a 2ª Divisão Panzer SS “Das Reich”, a 9ª Divisão Panzer SS “Hohenstaufen” e a 12ª Divisão Panzer SS “Hitlerjugend”. As divisões Panzer SS “Totenkopf” e “Wiking” estavam subordinadas ao 6º Exército do Grupo Balck, no âmbito da ofensiva de Balaton. A 10ª Divisão Panzer SS “Frundsberg”, por sua vez, estava subordinada ao 9º Exército e lutava no Vístula em março de 1945.
3. A Operação Solstício, que almejava o avanço do Balaton até o Danúbio, começou em 6.3.1945. Com altas perdas, as tropas alemãs avançaram entre vinte e trinta quilômetros, mas depois as unidades ficaram esgotadas com a tenaz resistência soviética. Em 17.3.1945, o Exército Vermelho passou para o contra-ataque e rechaçou a última ofensiva alemã.
4. Rendulic assumiu o comando do Grupo Sul do Exército em 25.3.1945.
5. Himmler voou no dia 28.3.1945 para a Hungria, a fim de cumprir pessoalmente a ordem de Hitler. Em 2.4.1945, Dietrich foi nomeado comandante de luta de Viena. Seu desagrado sobre a anulação do título de honra da Leibstandarte “Adolf Hitler”, ele o expressou da seguinte forma: “Hitler nos chama de covardes, dois terços dos meus homens estão debaixo da terra, e ele nos chama de covardes!”
6. Um levante planejado por oficiais fracassou por traição. Em 8.4.1945, três desses oficiais foram enforcados.
7. Possivelmente trata-se de Heinrich Doose.
8. Trata-se da loja de departamentos Wertheim, na Leipziger Strasse. Mas a firma A. Wertheim AG, de origem judaica, passou a assinar como AWAG: Allgemeine Warenhandels-gesellschaft, depois de ser “arianizada”.

9. O comandante da “área de defesa de Berlim”, general Hellmuth Reymann, dera a ordem para construir posições fortificadas na capital e em torno dela no dia 9.3.1945. Nessa ordem, Reymann enfatizou expressamente que a luta em Berlim não seria travada abertamente, e sim nas ruas e casas. Portanto, contava-se de antemão com o alto preço humano na população civil.
10. Desde 1941, a Chancelaria do Partido ficava no prédio administrativo do NSDAP atrás da Königsplatz, cuja construção foi concluída em 1937.
11. Huebner comandava a Divisão “Döberitz” (303ª I. D.), uma divisão da infantaria formada em 31.1.1945 no local de treinamento do mesmo nome como unidade de alarme. As Divisões Volksgrenadier (“Granadeiros do Povo”) foram criadas a partir de outubro de 1944. Deveriam lutar principalmente na defesa e foram criadas às pressas com parte do exército de reserva, restos de divisões aniquiladas, pessoal de solo da Luftwaffe e soldados em férias. Em relação a recursos humanos e armamentos, eram mais fracas do que as divisões de infantaria. Materialmente, no entanto, contavam com mais equipamentos. Mas, em combate, essas divisões sofreram pesadas perdas por sua falta de treinamento.
12. A viagem de Hitler para o *front* em Küstrin não ocorreu em 27.3.1945, e sim em 3.3.1945, segundo os diários de Martin Bormann. Não existe explicação para a indicação errada da data.
13. Huebner de fato dirigiu o Tribunal Volante Oeste, mas a cabeça-de-ponte em Remagen só foi formada em 7.3, ou seja, quatro dias depois da visita das tropas junto a Huebner. Huebner veio ao QG do *Führer* em 9.3, quando foi nomeado por Hitler o chefe do tribunal.
14. Huebner não recebeu a Cruz de Cavaleiro durante a visita às tropas, mas só em 9.3.1945.
15. O relato é confuso. Apesar das tentativas alemãs de destruí-la, a ponte Ludendorff, em Remagen, caiu nas mãos do Exército Americano ao meio-dia do dia 7.3.1945. Dentro de 24 horas, oito mil soldados americanos formaram uma cabeça-de-ponte na margem oriental do Reno, que não pôde mais ser eliminada. Todas as tentativas dos alemães de destruir a ponte fracassaram. Danificada por bombardeios, ela desabou no dia 17.3.1945 com a sobrecarga do reforço dos Aliados de até quatro divisões. A transposição do Reno em Remagen acelerou o avanço dos Aliados ocidentais em várias semanas.
16. Huebner decretou cinco sentenças de morte em 16.3: contra um coronel, três maiores e um capitão, por não terem explodido a ponte. O Tribunal Superior Estadual de Koblenz anulou as sentenças em 1966. Huebner foi condenado a quatro anos de prisão por causa desses fuzilamentos ilegítimos.

17. As instalações industriais do vale do Ruhr, como a fábrica de lingotes de aço da Krupp, já estavam gravemente danificadas com os bombardeios.
18. O 9º Exército Americano que avançava pelo norte e o 1º Exército americano que atacava ao sul se juntaram em 31.3 perto de Lippstadt, encerrando o Grupo B do exército no vale do Ruhr. Em 14.4, os Aliados conseguiram dividir os alemães cercados em duas partes. A menor capitulou em 16.4.1945, a maior um dia mais tarde. Os soldados alemães presos totalizaram 325 mil. O marechal-de-campo Model meteu uma bala na cabeça em 21.4.1945, em uma floresta perto de Duisburg, depois de ter ordenado a autodissolução do Grupo B do exército.
19. Desde o verão de 1944, chegavam levas de presos de outros campos ao campo de concentração de Buchenwald. A SS tentou esvaziar o campo a partir de 4.4.1945. Mas não foi possível para a SS juntar os seis mil judeus previstos para a marcha da morte. O esvaziamento do campo de concentração de Buchenwald começou em 7.4.1945. Mais de 28 mil detentos foram mandados para os trens da morte, em que morreram cerca de 15 mil pessoas, entre elas, 11 mil judeus. Como a operação ilegal dos detentos adiava outros transportes, ficaram no campo cerca de 21 mil detentos. A 6ª Divisão Blindada americana libertou o campo de concentração de Buchenwald em 11.4.1945.
20. Em 14.4.1945, Himmler ordenou aos comandantes dos campos de concentração: "Ninguém deve ser transferido. Nenhum detento pode cair vivo nas mãos do inimigo." Alguns dias mais tarde, depois das primeiras negociações com o diplomata sueco conde Bernadotte, Hitler reviu essa ordem.
21. Löhlein prescreveu a pomada oftálmica de Pagenstecher, que não continha cocaína. Morell, por sua vez, tratava das conjuntivites de Hitler com uma solução com 1% de cocaína. Suas anotações revelam que essas gotas foram administradas três vezes: em 14.7.1944, em 8.10.1944 e em 22.3.1945. E em dois casos eram conjuntivites causadas por fatores externos (loção capilar, poeira). Em 8.10 foi uma veia que se rompeu. Não existem registros de que Hitler tenha ingerido cocaína regularmente. Mas é bem provável que existisse uma dependência de Hitler da droga estimulante Pervitin.
22. A reunião com os *Gauleiter* acima mencionados, bem como o general Ferdinand Schörner, ocorreu em 5.4.1945.
23. Junkers 52: avião padrão de transporte da Luftwaffe, de três motores, capaz de transportar quatro toneladas de carga por distâncias de até 1.200 quilômetros. Por volta do final da guerra, a esquadilha de Hitler consistia em quarenta máquinas dos tipos Fieseler 156, Focke-Wulf 200, Heinkel 111, Junkers 52, Junkers 290 e Siebel 204.

24. Himmler promulgou a ordem sobre as bandeiras em 3.4.1945, dizendo, entre outras coisas, o seguinte: "Se uma casa exibir uma bandeira branca, todos os moradores masculinos serão fuzilados."
25. Pão Wittler: os irmãos Heinrich e August Wittler fundaram sua padaria em 1898. Durante a Segunda Guerra Mundial, a empresa foi fornecedora da Wehrmacht. Retomou suas atividades em 1945, apesar de gravemente danificada. Faliu em 1982.
26. Zarah Leander cantou esta música no filme da UFA *Die grosse Liebe*, de 1942.
27. Desde abril de 1945, o "Corpo de Voluntários 'Adolf Hitler'" englobava unidades formadas por nazistas e funcionários públicos fanáticos. Não há registros confiáveis sobre a sua dimensão. Algumas de suas unidades foram integradas ao 12º Exército durante a batalha de Berlim. Em Munique, membros deste *Freikorps* fuzilaram e enforcaram várias dúzias de pessoas depois do levante fracassado do grupo de resistência "*Freiheitsaktion Bayern*" em 28 e 29.4.1945.
28. A possibilidade de fabricar a tal "radiação letal" foi examinada nos EUA, na Grã-Bretanha, na União Soviética e no Reich alemão. Foram testadas: radioatividade, ondas de eletricidades e ondas sonoras. Na região do Tirol, os engenheiros fizeram testes, durante a guerra, com um "canhão", o qual poderia matar em distâncias de até sessenta metros só com ondas sonoras.
29. Ley estava vivendo com a cantora e dançarina estônia Madeleine Wanderer.
30. Trata-se do sítio de Rottland em Waldbröl, onde ficava um sanatório da comunidade evangélica de Colônia. Em 1935, Ley adquiriu a propriedade por 125 mil marcos, transformando-a em uma fazenda-modelo. Os vizinhos tiveram suas terras desapropriadas; edifícios foram destruídos e substituídos por novos prédios monumentais. Em 1945, ele mandou destruir o prédio principal pela SS.
31. A cerimônia de condecoração dos vinte rapazes da Juventude Hitlerista foi realizada em 20.3.1945. O mais jovem tinha 12 anos. A cena foi filmada para a retrospectiva da semana ("*Wochenschau*").
32. Nas conversas entre Himmler e Bernadotte, não se mencionou uma possível eliminação violenta de Hitler. Nas duas primeiras reuniões em março e início de abril, o conde sueco conseguiu a libertação de várias centenas de detentos de campos de concentração. Em 21.4, Himmler não fez concessões e tampouco cedeu às reivindicações de Bernadotte sobre modificações políticas. Em 23.4, Himmler informou o sueco de que Hitler provavelmente já estava morto e apresentou uma proposta de capitulação, pedindo que esta fosse encaminhada ao chefe do alto-comando americano, Eisenhower. Este recusou a proposta e tratou de espalhar a "traição" de Himmler.
33. Göring partiu da capital do Reich em 20.4.1945 em direção a Obersalzberg, onde chegou em 21.4.1945.

34. Desde o início de 1945, enviados do ministro do Exterior apresentaram aos Aliados ocidentais e à União Soviética, via Estocolmo, Berna e Madri, propostas para acordos de paz em separado. Ribbentrop acertara essas iniciativas com Hitler, mas este não acreditava muito no sucesso delas.

CAPÍTULO 15: ABRIL — MAIO 1945

1. A ofensiva soviética no rio Oder, início da luta final por Berlim, começou no dia 16.4.1945, às três horas, com um fogo de artilharia de 25 minutos que precedeu o ataque. Nesse combate, 2,1 milhões de soldados soviéticos, que dispunham de mais de 41.600 canhões, 6.250 tanques e 7.500 aviões de combate, enfrentaram um milhão de soldados alemães. Estes estavam equipados com 10.400 canhões, 1.500 tanques e 3.300 aviões. De acordo com dados mais recentes de historiadores militares russos, mais de oitenta mil soldados do Exército Vermelho perderam suas vidas; 280 mil ficaram feridos. Não se sabe a quanto montam os prejuízos alemães no combate final por Berlim.
2. O texto desta ordem foi transmitido por Hitler por telégrafo para os grupos do exército do *front* oriental em 14.4.1945. No *front*, foi lida para todas as companhias. Em 17.4.1945, foi divulgada pelo jornal *Völkische Beobachter* e outros diários alemães.
3. A ordem dizia, literalmente: “Nós previmos este golpe, e desde janeiro deste ano tudo aconteceu no sentido de construir uma frente forte. Uma gigantesca artilharia recebe o inimigo. As perdas da nossa infantaria foram substituídas por inúmeras novas unidades. Unidades de alarme, novas formações, Volkssturm fortalecem nosso *front*. Desta vez, o bolchevique viverá o velho destino da Ásia, isto é, deve e vai derramar seu sangue diante da capital do Reich alemão.”
4. Roosevelt morreu em 12.4.1945, inesperadamente em decorrência de um derrame. Hitler comparou esse evento com a salvação da Prússia na Guerra dos Sete Anos com a súbita morte da czarina russa Elisabeth em 1762 e a troca de alianças de seu sucessor.
5. Um dia mais tarde de o Exército Vermelho romper as posições de defesa próximo de Seelow, no dia 18.4.1945, tanques soviéticos estavam diante de Strausberg. Em 20.4.1945, o 1º *Front* bielo-russo alcançou a linha Bernau-Strausberg-Fürstenwalde. O 3º Exército de Guarda Blindado da 1ª Frente Ucraniana alcançou a periferia sul de Berlim na noite do dia 20.4.1945.
6. O general Gotthardt Heinrici foi substituído em 28.4.1945 na função de comandante-geral do Grupo Vístula do Exército pelo general Kurt von Tippelskirch, e este, um dia mais tarde, pelo general Kurt Student.

7. O chefe do comando do Grupo Central do Exército era o general Oldwig von Natzmer.
8. A 136ª Brigada de Canhões do 79º Corpo de Atiradores, posicionada nos limites dos bairros ao norte de Berlim, abriu o fogo da artilharia russa sobre Berlim já por volta do meia-dia de 20.4.1945. Na manhã do dia 21.4, a artilharia do 32º Corpo de Atiradores abriu fogo sobre a Chancelaria do Reich a partir de Marzahn.
9. A Luftwaffe dispunha de seis torres de defesa antiaérea em Berlim: duas no parque Tiergarten, duas em Humboldthain e outras duas em Friedrichshain. Essas torres, construídas a partir de 1940 e com uma altura de quarenta metros, estavam equipadas cada uma com quatro canhões gêmeos de 12,8 cm. Além disso, as torres, que eram autônomas em termos de abastecimento, tinham abrigos para até 15 mil pessoas.
10. O avião com as atas das reuniões — no total, mais de cem mil laudas — chegou a Riem, perto de Munique, às seis horas do dia 23.4.1945. Os documentos foram guardados na residência de Berghof e incinerados no dia 25.4 por ordens do assessor pessoal de Bormann, o presidente do Senado, Müller. O historiador militar Scherff foi a favor da destruição dos documentos, argumentando que nas próximas décadas não haveria historiografia objetiva. Os restos não queimados por acaso, parcialmente destruídos ou apenas levemente carbonizados foram publicados em 1962 na República Federal da Alemanha.
11. O avião caiu na noite do dia 22.4.1945 em Börnersdorf, na Saxônia.
12. O 12º Exército, conhecido como Exército Wenck, foi formado novamente no início de abril de 1945. Originalmente, deveria englobar dez divisões com um total de 150 mil homens. De fato, esse exército dispunha de não mais de seis divisões precariamente reunidas, que consistiam em recrutas e soldados desqualificados do Serviço de Trabalho do Reich (*Reichsarbeitsdienst*). Mal dispunha de tanques ou artilharia.
13. Estes torpedos, construídos pelo engenheiro Richard Mohr (nome que, em alemão, significa “mouro”) eram conhecidos como “negros” e levavam um segundo torpedo como arma. Os primeiros torpedos, de um só tripulante, foram empregados em abril de 1944 sem sucesso na chegada dos Aliados em Anzio. Em uma segunda tentativa, na baía do Sena, no verão de 1944, conseguiram destruir um cruzador britânico e algumas outras embarcações de guerra. Mas os “negros” não foram mais usados, por causa dos prejuízos causados por defeitos técnicos. Modelos que os substituíram foram usados no *front* de invasão da Normandia, mas tampouco eram tecnicamente bons.

14. Uma divisão da Marinha fora transferida para a frente do Oder em março de 1945. Em 25.4, o chefe do alto-comando da Marinha de Guerra, grão-almirante Karl Dönitz, recebeu ordens de Hitler para trazer soldados da Marinha de avião para Berlim ou por mar e terra para as frentes que lutavam perto de Berlim.
15. A família Goebbels mudou-se para o *bunker* com seis filhos: Helga, Hilde, Hellmut, Holde, Hedda e Heide.
16. O texto refere-se ao Departamento de Notícias do *Führer*, criado em 1944, nascido a partir da chamada *Stabsnachrichtenkompanie* do QG do *Führer*. Com 520 funcionários, era responsável pela comunicação entre o QG do *Führer* e os centros de comando da Wehrmacht e do governo do Reich.
17. O texto deste telegrama não foi preservado.
18. Colaboradores de Hitler que caíram prisioneiros dos soviéticos relataram que Eva Braun estava grávida e não queria dar seu filho à luz presa. Os organizadores deste livro optaram por não incluir esta informação no corpo do texto.
19. O principal componente do pó Russla era o Xanthogenat. Na verdade, era um plágio de um sabonete russo antiplolho. O pó era produzido em uma fábrica pertencente a Morell que ficava em Olmütz.
20. Em 1945, existiam na Alemanha pelo menos trinta microscópios eletrônicos. Seis deles foram fabricados pela AEG para fins de pesquisa. A firma Siemens começou a produzir microscópios eletrônicos em série, chegando a exportar alguns exemplares. Morell ganhou em 1944 um microscópio eletrônico da Siemens que, na realidade, tinha sido confeccionado para a Academia Médica Militar.
21. Goebbels, comissário de Defesa do Reich para Berlim, redigiu a seguinte ordem em 22.4: “Provocadores ou demais elementos criminosos que tentam içar bandeiras brancas ou revelam outros comportamentos covardes, provocando distúrbios no seio da população decidida a defender a capital, paralisando sua resistência, devem ser punidos com todos os meios...” Em 23.4.1945, o jornal *Der Panzerbär* publicou uma “advertência do *Führer*”, com o seguinte título: “Todo aquele que propaga ou tolera medidas que enfraquecem nossa resistência é um traidor! Deve ser imediatamente fuzilado ou enforcado! Isto vale também para medidas que supostamente foram ordenadas pelo *Gauleiter* e o ministro do Reich, Dr. Goebbels, ou mesmo em nome do *Führer*.”
22. Enquanto no dia 23.4.1945 ainda havia ao sudoeste de Berlim uma ligação de quarenta quilômetros de largura com o oeste, esta passagem tinha encolhido para dez quilômetros de largura em 24.4.1945. O ponto central eram as pontes do rio Havel, especialmente as pontes Pichelsdorfer Brücke e Charlottenbrücke. As unidades da Juventude Hitlerista utilizadas na defesa sofreram pesadas perdas.

23. Na área de Stettin, a direção da Marinha de Guerra colocou a 1ª Divisão de Atiradores da Marinha, subordinada ao XLI Corpo do Exército, em vez de a um corpo da Marinha próprio.
24. Trata-se do jornal *Der Panzerbär (O Urso Blindado)*, que saiu entre 22.4.1945 e 29.4.1945.
25. O *Der Panzerbär* de 28.4.1945 diz textualmente: “Hoje, o bolchevismo estará golpeando a odiada Berlim. Sua intenção é acertar um tiro letal na cabeça da ordem alemã, da ordem européia. Nós professamos esta guerra. Por isso o *Führer* está em Berlim. Ele divide conosco todas as dificuldades da cidade pela qual se travam os combates. Ele está conosco na luta pesada. De Berlim, suas ordens partem para a guerra libertária que entrará para a História... Ele está na cena de guerra mais quente que a História jamais viu, rodeado pelos soldados mais fanáticos de que se tem notícia...”
26. *Der Panzerbär* de 23.4.1945 noticiou que Berlim dispunha de alimentos para 12 semanas “de maneira totalmente suficiente”.
27. O general Josef Rauch, comandante da 18ª Divisão de Granadeiros Blindados, não se matou. Foi o comandante da 20ª Divisão de Granadeiros Blindados, Georg Scholze, quem cometeu suicídio.
28. Comparar com a descrição da incineração dos cadáveres mais adiante.
29. Segundo ordem de Hitler de 25.4.1945 a Dönitz, um batalhão de atiradores da Marinha comandado por Kuhlmann chegou de avião naquela mesma noite. Subordinou-se logo ao comandante de luta da Chancelaria do Reich. Na noite seguinte, deveriam chegar, por avião, unidades de combate enviadas pelo comando da Marinha. Mas o forte tiroteio da artilharia impediu a aterrissagem no eixo leste-oeste.
30. Göring mandara esta carta para Hitler em 23.4.1945, depois do citado telegrama, em que mais uma vez assegurou sua lealdade a Hitler. Depois do segundo telegrama, Hitler mandou que ele fosse preso pela SS. Literalmente, o telegrama de Göring tinha o seguinte conteúdo: “*Mein Führer!* Concorda que, depois de sua decisão de permanecer na fortaleza Berlim, eu, na condição de seu substituto, de acordo com o decreto de 29.6.1941, assumo imediatamente a condução geral do Reich, com plena liberdade de ação para dentro e para fora? Caso não chegue resposta sua até as 22 horas, suponho que não disponha mais da liberdade de ação. Neste caso, considerarei as condições do decreto e agirei pelo bem do povo e da pátria. Palavras não expressam o que sinto pelo senhor nestas horas mais pesadas da minha vida. Deus o proteja e faça com que possa vir para cá o mais rapidamente possível. Seu fiel Hermann Göring.”

31. A resposta de Hitler do dia 23.4.1945 diz: “O decreto do *Führer* de 29.6.1941 não vigora mais. Seu comportamento e suas decisões constituem traição em relação à minha pessoa e ao nacional-socialismo. Estou de posse plena da minha liberdade de ação e prosbo-lhe qualquer outra medida.”
32. Em 1940/41, Hanna Reitsch fez vôos com os bombardeiros Heinkel-111 e Dornier-17, testando se os cabos de aço de cercos com balões britânicos poderiam ser cortados com um equipamento instalado na proa do avião. Para isso, foi agraciada por Hitler com a Cruz de Ferro, embora os experimentos somente tivessem sido bem-sucedidos até certo ponto.
33. O general Helmuth Weidling fora nomeado comandante de luta de Berlim em 24.4.1945, logo depois de assumir a chefia dos setores leste e sudeste das zonas de defesa de Berlim no dia 23.4.1945.
34. Durante a luta contra a revolta do Gueto de Varsóvia, em 1943, bem como no combate contra o Exército Patriótico Polonês, em agosto de 1944, a SS e a Wehrmacht usaram lançadores de chamas e fumaça nos porões e nos *bunkers*. Além disso, empregaram um desinfetante do tipo creolina, Kreosot, o qual, em altas concentrações, levava à morte por sufocamento.
35. O major-general que foi substituído era Werner Mummert, comandante da Divisão Panzer “Müncheberg”.
36. As eclusas que inundariam as galerias do metrô não foram abertas. Houve alguns vazamentos isolados causados por granadas ou bombas.
37. O SS-*Obergruppenführer* Ernst Grawitz era médico da SS. O presidente da Associação Nacional-Socialista de Médicos era Leonardo Conti. Mas no caso trata-se efetivamente da mala de Grawitz.
38. Segundo estimativas atuais, esses tribunais especiais condenaram até dez mil supostos desertores em 1945.
39. Katyushas: lançadores de foguetes blindados sobre rodas da artilharia soviética que lançavam granadas com injeção eletrônica e as atiravam a distâncias entre 2.500 e 8.400 metros. A falta de precisão era compensada pela sucessão rápida, pela área coberta e pelo efeito moral do fogo de salvas. Os soldados alemães apelidaram as Katiushas de “órgãos de Stalin”, por causa do ruído uivante no instante de seu lançamento.
40. Hoje: Ernst-Reuter-Platz.
41. Em seu testamento político, Hitler nomeou os seguintes membros do gabinete: presidente do Reich: Dönitz; chanceler do Reich: Goebbels; ministro do Partido: Bormann; ministro do Exterior: Seyss-Inquart; ministro do Interior: Giesler; ministro da Guerra: Dönitz; comandante supremo do Exército: Schörner; comandante

- supremo da Marinha de Guerra: Dönitz; comandante supremo da Luftwaffe: Greim; *Reichsführer* SS e chefe da Polícia Alemã: Hanke; Economia: Funk; Agricultura: Backe; Justiça: Thierack; Cultura: Scheel. Schwerin von Krosigk tornou-se ministro do Exterior da administração de Dönitz em Flensburg.
42. O cianureto de cálcio é incolor. O brilho verde pode ter sido causado pela cera que revestia as cápsulas.
 43. O líder da Juventude Hitlerista Artur Axmann recebeu em 28.4.1945 a Cruz Dourada da Ordem Alemã.
 44. Ver a citação de Hitler no capítulo 10, modificada pelo revisor soviético.
 45. Em 1º de maio de 1945, o general Krebs negociou o armistício a partir das 4 horas, com o comandante do 8º Exército de Guarda Soviética, general Vassily Tchuikov. Tchuikov informou o marechal Georgi Zhukov por telefone sobre as negociações, e este por sua vez informou Stalin. Como Krebs não tinha qualquer procuração para assinar a capitulação incondicional, essas negociações ficaram sem resultado. O general voltou para o *bunker* da Chancelaria do Reich por volta das 12 horas.
 46. Outras testemunhas contaram mais tarde que Joseph e Magda Goebbels tinham se matado nos jardins da Chancelaria do Reich. Essa versão é confirmada por documentos da defesa militar russa.
 47. Também sobre a morte dos filhos de Goebbels existem versões contraditórias. Uma delas diz que Stumpfegger teria dado um sonífero para as crianças, envenenando-as em seguida junto com Magda Goebbels.
 48. O armistício se instalou em Berlim nas primeiras horas do dia 2.5.1945. Pouco depois, o general Weidling assinou a ordem sobre a rendição incondicional das tropas alemãs em Berlim.
 49. Schach não se matou. Foi preso pelos russos e foi morar na Baixa Saxônia depois de sua volta.
 50. Os editores soviéticos estão parafraseando uma citação de Hitler várias vezes repetida e citada. No dia 1.2.1933, ele disse em uma fala através do rádio: "Pois, povo alemão, dê-nos quatro anos, e depois julgue e nos sentencie!"

POSFÁCIO DOS ORGANIZADORES

1. Amplamente citado em sua edição de bolso: Ian Kershaw, *Hitler*, 3 volumes, Munique, 2002. As edições especiais, edições de bolso e semelhantes citadas são encontráveis pelo ano da edição.
2. Cf., entre outros, Isaac Deutscher, *Stalin. Eine politische Biographie*, Berlim, 1990; Dimitri Volkogonov, *Stalin. Triumph und Tragödie*, Düsseldorf, 1990.

3. Cf. Alan Bullock, *Hitler und Stalin. Parallele Leben*, Berlim, 1991.
4. Entre outros, Anton Joachimsthaler, *Hitlers Liste. Ein Dokument persönlicher Beziehungen*, Munique, 2003; Anton Joachimsthaler, *Hitlers Ende. Legenden und Dokumente*, Munique, 2004 (edição atualizada).
5. Cf. Joachimsthaler, *Hitlers Ende*, cap. 1, p. 7.
6. O tribunal da comarca de Berchtesgaden determinou a hora da morte após um processo que levou quatro anos, no qual foram ouvidas 42 testemunhas, e solicitados inúmeros atestados. O pesquisador de Hitler, Anton Joachimsthaler, complementou as investigações dos órgãos públicos com dispendiosas pesquisas particulares e corrigiu inúmeras lendas e mitos sobre a morte de Hitler. Cf. Joachimsthaler, *Hitlers Ende*, 1999, fac-símile p. 16.
7. Cit. Segundo Lev A. Besymenskij, *Operazija "Mif" ili skol'ko ras choronili Gitlera* [A operação "Mito" ou quantas vezes Hitler foi enterrado], Moscou, 1995, p. 105. O secretário de Stalin recebeu o comunicado pela *WTsche*, a rede de comunicações do serviço secreto do governo. Ele equivocou-se ao chamar Krebs de "Kreps". O original do documento encontra-se no arquivo do presidente da Federação Russa (AP RF): Telefonograma de Chukov para Stalin, 1.5.1945, AP RF, 3/58/531, fl. 6.
8. Antony Beevor, *Berlin 1945. Das Ende*, Munique, 2002, p. 401; Georgi K. Schukow, *Erinnerungen und Gedanken*, Stuttgart, 1969, p. 604 e ss.
9. Cf. Ulrich Völklein (org.), *Hitlers Tod. Die letzten Tage im Führerbunker*, Göttingen, 1998, p. 54-59; Besymenskij, *Operazija "Mif"*, l.c., p. 107. O chefe do serviço secreto Smersch, Beria, já havia informado sobre a morte de Goebbels e sua mulher em 3.5.1945. Seus cadáveres foram encontrados no jardim da Chancelaria do Reich, próximo à entrada do *bunker*, por oficiais de contra-espionagem do 5º Exército de Ataque em 2.5.1945, por volta das 16 horas. Ver também: telegrama do chefe substituto do Smersch no 1º *Front* Bielo-russo, brigadeiro Sidnev, para Beria, em 3.5.1945, impresso no *Smersch, Istoritscheskie otscherki i archiwnye dokumenty* [Smersch, relatórios históricos e documentos arquivados], Moscou, 2003, p. 95.
10. O Smersch era subordinado ao Comissariado do Povo para Segurança do Estado. A designação Smersch é composta pelas palavras russas *Smert' schpionam*, cujo significado é "morte aos espões".
11. Cf. relatório do comandante da Divisão de Espionagem do 79º Corpo de Fuzileiros, primeiro-tenente Passanov, 5.5.1945, impresso em: Lev Besymenski, *Der Tod des Adolf Hitler. Unbekannte Dokumente aus Moskauer Archiven*, Hamburgo, 1968, p. 17.
12. Cf. E. M. Rshevskaja, *Berlin, maj 1945* [Berlim, maio de 1945], Moscou, 1967, p. 167.
13. Cf. Beevor, *Berlin 1945*, 1º cap., p. 423.

14. Cf. Joachimsthaler, *Hitlers Ende*, 2004, 1º cap., p. 406
15. Cf. Vadimir A. Koslov, "Gde Gitler?" *Powtornoe rassledovanie NKWD-MWD SSSR obstojaťel'stvu istschesnovenija Adol'fa Gitlera 1945-1949* [Onde está Hitler? A repetida investigação do NKVD-MVD da URSS, sobre as circunstâncias do desaparecimento de Adolf Hitler 1945-1949], Moscou, 2003, p. 48. A GRU transmitiu a Moscou em 17.5.1945 o texto com as declarações de Günsche. Impresso em: *Agonija i smert' Adol'fa Gitlera* [A agonia e a morte de Adolf Hitler], Moscou, 2000, p. 157-165.
16. Os autos da investigação dos legistas estão em: Lev Besymenski, *Der Tod des Adolf Hitler. Der sowjetische Beitrag über das Ende des Dritten Reiches und seines Diktators*, Munique, 1982, pp. 321-351.
17. Cf. extrato dos autos do interrogatório do oficial de ligação da Marinha de Hitler, vice-almirante Hans-Erich Voss, 7.5.1945, e testemunho do chefe de brigada da SS, Wilhelm Mohnke, no *Smersch-Gewahrsam*, 18.5.1945, em CD-ROM: *Unknown Pages of the History of World War II: Hitler. Documents from KGB secret archives*, Moscou, 1995. Ambos indicavam nos seus depoimentos que Hitler teria metido uma bala na cabeça. Voss relata que Günsche teria contado a ele, na tarde do dia 30.4.1945, "que ele cumpriu a ordem mais difícil que o *Führer* lhe deu em todos os tempos". Historiadores soviéticos divulgaram por isso mais tarde a versão de que Günsche, em vez de Linge, é quem teria dado o "tiro de misericórdia" em Hitler.
18. Cf. Carta do tenente-general Vadis para Stalin, 27.5.1945, GARE, 9401/2/96, fl. 175-182. A íntegra do texto da carta está impressa em: Besymenskij, *Operazija "Mif"*, l.c., pp. 110-116.
19. Cf. Wladimir A. Koslow, "Delo 'Mif': rassledovanie NKWD-MWD SSSR obstojaťel'stvu istschesnovenija Gitlera (Nojabr' 1945-1949 god)" ["O dossiê 'Mitos': A investigação do NKVD-MVD da URSS sobre as circunstâncias do desaparecimento de Adolf Hitler (novembro 1945-1949)"], em: *Oteschestvennaja istorija*, 1996, Nr. 1, p. 129 e ss.
20. Cf. Archiv nowejschej istorii Rossii, Tom I: "*Osobaja papka*" I. W. Stalina: *Is materialow Sekretariata NKWD-MWD SSSR 1944-1953 gg. Katalog dokumentow* [Arquivo da nova história da Rússia, vol. I.: "A pasta especial", de I. W. Stalin: *Dos materiais do secretariado do NKVD-MVD da URSS 1944-1953. Catálogo de documentos*], Moscou, 1994, p. 118.
21. Cf. Besymenskij, *Operazija "Mif"*, l.c., p. 171 e sg. Os originais, até hoje não tornados públicos, dos resultados das análises feitas nas amostras de órgãos e de sangue retirados durante as autópsias encontram-se, segundo Besymenski, no arquivo do FSB e do Estado-Maior do Ministério da Defesa da Federação Russa.
22. Cf. Koslov, *Delo "Mif"*, 1, 1º cap., p. 131.

23. Protocolo dos interrogatórios de Otto Günsche, 18/19.12.1945, GARF, 9401/2/551, fl. 49-61; testemunho do SS-*Gruppenführer* Johann Rattenhuber no *Smersch-Gewahrsam*, 20.5.1945, em CD-ROM: *Unknown Pages of the History of World War II: Hitler. Documents from KGB secret archives*, Moscou, 1995. Rattenhuber declarou, durante seu interrogatório, que Linge teria dito a ele, no final da tarde do dia 30.4.1945, que “hoje ele, Linge, cumpriu a ordem mais difícil da sua vida”. Rattenhuber concluiu, devido às manchas de sangue vistas no gabinete de Hitler, que Linge tinha dado o “ tiro de misericórdia ” em Hitler. Esta versão foi adotada posteriormente pela propaganda soviética. Ver, por exemplo, Besymenski, *Der Tod des Adolf Hitler* (1968), cap. 1, p. 94; Besymenski, *Der Tod des Adolf Hitler* (1982), l.c., p. 225-236; baseou-se nisso a descrição editada pelos historiadores militares da RDA, *Deutschland im zweiten Weltkrieg*, vol. 6, 2ª edição., Berlim, 1988, p. 727.
24. Cf. Extraído das declarações de Linge, de 22.11 e de 17/18.12.1945, sem data, GARF, 9401/2/550, fl. 110 e seguintes; Heinz Linge, *Bis zum Ende. Als Chef des Persönlichen Dienstes bei Hitler*, editado por Werner Maser, Munique, 1980, p. 302.
25. Cf. carta do major-general Ivan A. Serov para Beria, em 20.11.1945, GARF, 9401/2/552, fl.1; material sobre o suicídio de Hitler, compilado pelo chefe substituto da 1ª Divisão da Administração de Operações da GUPWI, primeiro-tenente Fiodor K. Parparov, sem data (dezembro de 1945), GARF, 9401/2/550, fl. 59-67; Ella Maximova, “‘Mif’: tak nasywalas’ operazija NKVD po rassledovaniju sudby Gitlera” [“Mito”, nome da operação do NKVD para esclarecer o destino de Hitler], em: *Iswestija*, 19.2.1993, p. 7.
26. Cf. relatório para Beria, 26.11.1945 GARF, 9401/2/551, fl. 3; Koslov, “*Gde Gitler?*”, l.c., pp. 79-84.
27. Cf. relatórios dos interrogatórios de Hans Baur em dezembro de 1945, GARF, 9401/2/550, fl. 123-138; extrato dos depoimentos de Hans Baur, 19/20.12.1945, GARF, 9401/2/550, fl. 106; bem como Besymenskij, *Operazija “Mif”*, l.c., p. 147-150.
28. Relatório do diretor substituto da GUPWI, tenente-general Amayak S. Kobulov, sobre o material oriundo da administração de operações da GUPWI, do Smersch, bem como dos serviços secretos britânico e americano, sobre a versão do suicídio de Hitler em 30.4.1945, 19.1.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 58.
29. Baur tinha ferimentos graves nas duas pernas, e Misch foi indicado para auxiliá-lo.
30. Plano de medidas de agenciamento e investigação para o esclarecimento do desaparecimento de Hitler, 13.2.1946, GARF, 9401/2/551, fl. 122.
31. Cf. carta do diretor substituto do GUPWI, tenente-general Amajak S. Kobulov, para o chefe da Administração da Região de Moscou do NKVD, tenente-general Michail I. Schuralev, 18.2.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 8.

32. Cf. carta do chefe da 1ª Divisão da Administração Operacional da GUPWI, primeiro-tenente Julius K. Klausen, para o diretor da 1ª Repartição da 1ª Divisão da GUPWI, 15.2.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 51.
33. Cf. extratos dos depoimentos dos “companheiros de cela” dos prisioneiros Baur, Linge, Misch, Hofbeck, Henschel e Rings, 13.12.1945-12.3.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 104-121.
34. Cf. carta do chefe substituto do GUPWI, general Amayak S. Kobulov, para o diretor da prisão de Butyrka do NKVD, major Pustynski, 25/26.2.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 9 e sg.; relatório do agente de cela apelidado de “Böhmen”, 27.2.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 188; Hans Baur, *Ich flog die Mächtigen der Welt*, Kempten 1956, p. 292-296; Linge, *Bis zum Ende*, l.c., pp. 303.
35. Relatório do chefe das investigações no caso Baur, major Igor M. Salejev, sobre o interrogatório de 19/20.2.1946, 20.2.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 84.
36. Relatório do chefe das investigações no caso Linge, primeiro-tenente Jan W. Schweizer, sobre o interrogatório de 21/22.2.1946, 22.2.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 100.
37. Relatório do chefe das investigações no caso Linge, primeiro-tenente Jan W. Schweizer, sobre o interrogatório de 23.2.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 101.
38. Cf. relatório do agente de cela “B-III”, 19.2.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 147; relatório do agente de cela “Jäger”, 21.12.1945, GARF, 9401/2/550, fl. 135. Baur foi citado aqui como segue: “Os dados sobre as câmaras de gás também foram exagerados. Na Alemanha só havia três milhões de judeus. Muitos deles emigraram. Mais de dois milhões não foram exterminados. Além disso, a asfixia por gás é, em si, um método mais humano do que outros procedimentos para matar gente.”
39. Cf. relatório do agente de cela “Jäger”, 30.12.1945, GARF, 9401/2/550, fl. 138; Relatório do agente de cela “B-III”, 19.2.1945, GARF, 9401/2/550, fl. 147.
40. Cf. Koslov, “*Gde Gitler*”, l.c., pp. 156; Relatório do diretor substituto da GUPWI, tenente-general Amayak S. Kobulov, sobre o material da administração de operações da GUPWI, do Smersch, bem como dos serviços secretos britânico e americano, sobre a versão do suicídio de Hitler em 30.4.1945, 19.1.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 52. Serov observava no texto em 28.3.1946: “Eu apóio a sugestão. Faz sentido enviar todo o material e os prisioneiros junto com colaboradores operacionais qualificados para Berlim. Caso isto não seja levado a cabo, os cadáveres irão se decompor totalmente em pouco tempo.”
41. Plano das medidas operacionais para a descoberta das circunstâncias do desaparecimento de Hitler, 16.5.1946, GARF, 9401/2/552, fl. 194-196; Maximova, “Mif”, em: *Iswestija*, 20.2.1993, p. 10.

42. Autos sobre os exames dos pedaços de ossos encontrados em 30.5 no jardim da Chancelaria do Reich, 31.5.1946, GARF, 9401/2/552, fl. 242; cf. tb: Völklein, *Hitlers Tod*, l.c., p. 182-189.
43. Cf. Relatório de Klausen sobre a entrega de duas caixas com cadáveres, vindas de Magdeburg, 30.4.1946, GARF, 9401/2/550, fl. 37; conclusões finais sobre o material examinado de Berlim, 26.6.1946, GARF, 9401/2/552, fl. 297-307; Wladimir A. Koslov, “Delo ‘Mif’: rassledowanie NKWD-MWD SSSR obstojate’stw istschesnovenija Gitlera (Nojabr’ 1945-1949 god)” [O dossiê “Mito”: A investigação do NKVD-MWD da URSS sobre as circunstâncias do desaparecimento de Adolf Hitler (novembro de 1945-1949)], em: *Oteschestwennaja istorija*, 1996, nr. 2, pp. 94-98.
44. Para fundamentar esta versão, autoridades soviéticas apresentaram inclusive um pretenso sócia de Hitler. Cf. Maser, *Adolf Hitler*, l.c., p. 528-540.
45. Segundo Besymenski, Hitler devia ter sido “abatido como um cão”. Cf. Besymenski, *Der Tod des Adolf Hitler* (1968) e — muito modificado, mas igual na substância — *Der Tod des Adolf Hitler* (1982); de uma forma crítica: Joachimsthaler, *Hitlers Ende*, l.c., p. 266.
46. Cf. Besymenskij, *Operazija “Mif”*, l.c., p. 140 e ss.
47. Werner Maser também divergiu criticamente das teses de Besymenski. Cf. Maser, *Adolf Hitler. Legende, Mythos, Wirklichkeit*, Esslingen, 1971; mais tarde citado pela 13ª edição, revista, Munique, Esslingen, 1993. O biógrafo de Hitler, Ian Kershaw, que examinou a descrição de Joachimsthaler, chegou à conclusão de que a sua “investigação extremamente profunda” desmanchava toda e qualquer “dúvida sobre a forma da morte”. Cf. Kershaw, *Hitler*, vol. 2, l.c., p. 1290 e sg.
48. Cf. Gerhard Boldt, *Die letzten Tage der Reichskanzlei*, reeditado por Ernst A. Hepp, Hamburg, Stuttgart 1947.
49. Cf. comunicado da GRU de Varsóvia e nota nos autos acrescentada pelo tenente-general Amajak Kobulow, 3.3.1948, GARF, 9401/2/550, fl. 236 e ss.; Alexander I. Kolpakidin / Dimitrij P. Prochorow, *Wneschnaja raswedka Rossii [A contra-espionagem russa pelo exterior]*, São Petersburgo, Moscou, 2001, pp. 52 e ss.
50. Cf. carta de Kruglow a Stalin, 27.4.1948, GARF, 9401/2/199, fl. 494-516. O documento está arquivado no Arquivo Presidencial da Federação Russa sob o seguinte registro: 3/58/530, fl. 69-78. Os organizadores agradecem ao Prof. Wladimir N. Khaustov por esta informação.
51. Cf. carta do diretor substituto do GUPWI, tenente-general Amayak S. Kobulow, para o chefe da prisão da Butyrka do MWD, tenente-coronel Michail I. Tschuralev, 3.6.1948, GARF, 9401/2/550, fl. 240.

52. Os reais motivos são, no entanto, incertos. Por um lado, Baur se recusava a dar declarações adicionais e iniciou uma greve de fome. Por outro lado, já tinha mostrado ser apenas uma fonte “secundária”. Ele passou por inúmeros campos a partir de 1948, foi condenado a 25 anos de prisão e libertado em 1955 na República Federal da Alemanha. Cf. Baur, *Mit Mächtigen*, l.c.
53. Cf. carta do diretor substituto do GUPWI, tenente-general Amayak S. Kobulov, para o chefe da contra-espionagem do MVD, brigadeiro Alexej N. Asmolov, 6.8.1948, GARF, 9401/2/550, fl. 248; manuscrito “Sobre Hitler”, 1948, GARF, 9401/2/553, fl. 1-170.
54. Pertenciam ao grupo de trabalho, além de Parparov, que falava fluentemente o alemão e tinha experiência no trabalho do serviço secreto e do cientista social com doutorado, que também havia atuado anteriormente na Alemanha: Saleiev, o tenente-coronel da Estônia, Julius Karlovitch Klausen, Jan W. Schweizer, da Letônia, membro, desde 1925, dos órgãos da segurança do Estado soviético, o historiador Wolf Salomonovitch Stern, posteriormente chefe do Instituto Histórico Militar da RDA, bem como o tenente Nikolai Mikhailovitch Smirnov, que não falava alemão, e uma tradutora de Leningrado.
55. Cf. manuscrito “Sobre Hitler”, 1949, GARF, 9401/2/554, fl. 1-291; Koslow, “*Gde Gitler?*”, l.c., p. 168-176; Besymenskij, *Operazija “Mif”*, l.c., p. 184 e sgs.
56. Cf. Linge, *Bis zum Ende*, cap. 1, 307 pp.
57. Relatório do tenente-general Amayak S. Kobulov sobre Heinz Linge, novembro de 1949, GARF, 9401/2/555, fl. 382 e ss.
58. Relatório do tenente-general Amayak S. Kobulov sobre Otto Günsche, novembro de 1949, GARF, 9401/2/555, fl. 384 e ss.
59. Cf. carta de Kruglov para Stalin, 29.12.1949, GARF, 9401/2/236, fl. 231 e ss.
60. Cf. carta nr. 5910/K para Stalin, 29.12.1949, AP RF, 3/58/533, fl. 1-415. Os organizadores agradecem ao prof. Vladimir N. Khaustov pela cessão desta informação.
61. Isto não é surpreendente, uma vez que Stalin marcava e fazia anotações quase somente em documentos de caráter operacional; escritos, portanto, nos quais se tratava da prisão, interrogatório ou tortura de determinadas pessoas. Cf. *Lubjanka, Stalin i glavnoe upravlenie gosbesopasnosti NKWD, Archiv Stalina. Dokumenty vyschich organow partijnoj i godudarstvennoj vlasti, 1937-1938* [Lubianka, Stalin e a Administração Central para Segurança do Estado do NKVD. O arquivo de Stalin, documentos dos mais altos órgãos do Partido e do Estado, 1937-1938], Moscou, 2004. Em março de 1938, por exemplo, o ditador determinou pessoalmente torturas, para comprovar que o chefe da GRU, Urizki, seria membro de um grupo de revolucio-

- nários-socialistas de esquerda. Cf. Ordem de J. V. Stalin sobre interrogatórios, 13.3.1938, em: *ib.*, p. 499.
62. Carta de Beria para Stalin, 22.6.1945, GARF, 9401/2/97, fl. 32-48; carta de Beria para Stalin, 22.6.1945, AP RF, 3/58/532, fl. 1-17. Os organizadores agradecem ao professor Vladimir N. Khaustov pela cessão desta informação. Uma cópia do original alemão pode ser encontrada em: Lev Besymenski, *Die letzten Notizen von Martin Bormann. Ein Dokument und sein Verfasser*, Stuttgart, 1974.
 63. Cf. Sentença contra Otto Günsche, 15.5.1950, Arquivo Militar Estatal Russo (RGWA), 460/1878.2-40, fl. 7; sentença contra Heinz Linge, 15.5.1950, RGWA, 460/ 1871.5-7, fl. 7.
 64. Cf. Relatório do diretor do campo penal nr. 476, tenente-coronel Skornjakov, sobre a libertação de Heinz Linge, 17.11.1955, RGWA, 460/1871.5-7, fl. 30.
 65. Cf. Decisão da direção campal do campo penal nr. 476 de 13.7.1954 pela condenação a um ano de prisão, 20.7.1954, RGWA, 460/1871.5-7, fl. 38 e ss.
 66. Cf. Relatório sobre o *Dossiê Hitler*, 20.4.1959, Arquivo Estatal Russo para História Contemporânea (RGANI), 5/30/462a, fl. 1.
 67. Cf. para isso a explicação de Marx da religião como “compreensão errada do mundo”, a qual se projeta, por sua vez, sobre o marxismo-leninismo enquanto ideologia. Marx, em 1844, na sua crítica hegeliana: “É, portanto, tarefa da História [compreendida enquanto ciência] depois que o lado de lá da verdade desaparece, estabelecer o lado de cá da verdade.” Engels, por sua vez, introduziu no pensamento marxista o conceito da “verdade relativa”, que se aproximaria sempre mais da “verdade absoluta” através da sistemática aproximação à pessoa, história e natureza.
 68. Ele faz isso, entre outras razões, para fundamentar as denúncias na “limpeza”. A coleta de informações sobre as pessoas que dependiam dele também era motivada pelo autoritarismo. Aos poucos, o que era cálculo político transformou-se em paranóia desenfreada. Cf. Bullock, *Hitler und Stalin*, 1º cap., especialmente p. 619, 639 e 1236 e seguintes. Donald Rayfeld descreve os mecanismos da “limpeza” mais detalhadamente, mas em parte sem objetividade, *Stalin und seine Henker*, Munique, 2004, p. 342-370.
 69. Esta concepção da história ia de encontro ao clássico ensinamento marxista sobre o desenvolvimento das sociedades; mostrou-se, no entanto, como principal fundamento ideológico do stalinismo. No que tange ao culto pessoal, foram adaptadas para o tempo atual tradicionais expectativas russo-ortodoxas de cura e absolvição. Um exemplo é o discurso de Stalin em memória de Lenin em 26.1.1924, portanto alguns dias após a morte deste. Cf. J. V. Stalin, *Werke*, Berlim, 1950, vol. 6, p. 41.

70. Isto, no entanto, levando-se em consideração a definição de Georgi Dimitroff do termo “fascismo” no VII Congresso Mundial da Internacional Comunista, 1935. “Fascismo” é, portanto, uma manifestação do capitalismo monopolizado pelo Estado, na verdade a “franca ditadura terrorista dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro”.
71. Hitler parou de fumar ainda jovem; fatores financeiros foram determinantes para tanto. Somente mais tarde, depois de vários casos de mortes de amigos e de freqüentar apresentações científicas populares, ele desenvolveu uma postura antitabagista, proibindo o fumo à sua volta, apoiando campanhas antitabagistas. Só não proibiu pesquisas médicas para comprovar que o hábito de fumar era um “veneno” devido a ponderações políticas. As declarações de testemunhas de época e da antiga literatura científica foram discutidas pelo ex-médico da SS Ernst Günther Schenck. Cf. Ernst Günther Schenck, *Patient Hitler. Eine medizinische Biographie*, Augsburg, 2000, pp. 32-38.
72. Cf. *Dossiê Hitler*, p. 424.
73. Cf. Schenck, *Patient Hitler*, cap. 1, p. 32, bem como freqüentemente em Maser, *Adolf Hitler*, 1º cap.
74. A isto, também de forma pormenorizada Schenck e Maser. Hitler não dava muita importância a comida e bebida. Ele comia o que viesse à mesa. Hitler aderiu à dieta vegetariana depois da morte de sua sobrinha Geli Raubal. Ganhou uma dieta especial depois de ter tido várias cólicas intestinais.
75. Cf. Friedelind Wagner, *Nacht über Bayreuth*, Munique, 2002, p. 121.
76. Cit. segundo Schenck, *Patient Hitler*, cap. 1, p. 38.
77. Cf. *Dossiê Hitler*, cap. 6.
78. Cf. *Dossiê Hitler*, cap. 15.
79. Apesar de vários outros testemunhos de época com esta opinião, na verdade Morell não agia de forma desqualificada. Cf. Schenck, *Patient Hitler*, l.c., p. 161-267.
80. O colírio de Morell continha uma solução de 1% de cocaína, quantidade insuficiente para causar dependência. As anotações de Morell indicam que este colírio foi ministrado três vezes: em 14.7.1944, em 8.10.1944 e em 22.3.1945. Segundo Linge, aparentemente tratava-se do início de um tratamento prolongado. Cf. Schenck, *Patient Hitler*, cap. 1, p. 202. Maser menciona que o médico da HNO Erwin Giesing pincelou o nariz de Hitler numa ocasião com uma solução de cocaína a 10%. Hitler pediu que ele repetisse aquele tratamento, já que tinha dado uma sensação de cabeça “livre”, mas Giesing recusou. Cf. Maser, *Adolf Hitler*, cap. 1, p. 411.
81. Segundo Maser, que se refere a uma análise da academia médica militar de Berlim solicitada por Schenck. Cf. ib. Sobre estimulantes, cf. Helmut Weissenstein, *Über Steigerung körperlicher Leistungsfähigkeit durch Pervitin*, Berlim, 1941.

82. Não se deve esquecer as conseqüências do atentado de 20.7.1944, no qual Hitler ficou mais gravemente ferido do que a propaganda do regime quis fazer acreditar. Cf. Peter Hoffmann, *Widerstand, Staatsstreich, Attentat. Der Kampf der Opposition gegen Hitler*, Munique, 1969, p. 476; retificando: Kershaw, *Hitler*, cap. 1, vol. 2, p. 907.
83. Schenck menciona também que Hitler sofria de mal de Parkinson. O diagnóstico de Parkinson não está suficientemente comprovado, além disso não se configura num quadro concreto de doença, mas num “mal” que inclui uma série de doenças isoladas. Como causa do mal de Parkinson consta, além da arteriosclerose cerebral, a utilização de psicotrópicos. Cf. Schenck, *Patient Hitler*, cap. 1, p. 203.
84. Fritz Redlich, *Hitler: Diagnose des destruktiven Propheten*, Viena, 2002, p. 278. Frederick Redlich, *Hitler: Diagnosis of a destructive prophet*, Oxford, 1988.
85. Com este diagnóstico inequívoco, Redlich refutou várias interpretações históricas psicanalíticas. Criticou o “*furor diagnosticus*” dos psiquiatras americanos e apontou para a falta de consistência destas interpretações. Comparar Frederick Redlich, *Hitler: Diagnosis of a destructive prophet*, Oxford, 1988, p. XXX. Dt. S. 290, 403 s.
86. Redlich, dt. 326 f.
87. Ver Maser: *Adolf Hitler*, p. 485. Maser passou uma curta temporada em 1944 como soldado da Wehrmacht na “Toca do Lobo”, mas não conheceu o Hitler de 1945.
88. Bullock não deixa transparecer que considerava a capacidade intelectual de Hitler como limitada. Ver Bullock: *Hitler und Stalin*, p. 1152-1160. Kershaw descreve Hitler como “histérico”, “cansado”, “esgotado”, mas mesmo assim como atuante. Ver Kershaw: *Hitler*, vol. 2, p. 1.025-1.064.
89. Cf. Joachim Fest, Bernd Eichinger: roteiro de *Der Untergang [A queda]*, Berlim, 2004, p. 13.
90. Cf. Fest, Eichinger: *Der Untergang*, p. 332.
91. Ver. *The Hitler Book*, S. XXX.
92. Já o ensaio do autor conservador Joachim Fest que serviu de base para o filme *A queda* contém diversos erros. Fest somente atualizou pontualmente o roteiro e abriu mão de receber as pesquisas de Joachimsthaler, bem como — por falta de conhecimentos lingüísticos — de pesquisas de arquivos russos. O material da comissão de investigação russa e dos depoimentos do NKVD — referindo-se aqui à Operação “Mito” e ao *Dossiê Hitler* — tinham “sumido”, afirmou Fest em 2005 no livro sobre o filme *A queda*. Cf. Fest, Eichinger, *Der Untergang*, p. 186.
93. Cf. Relatório do agente de cela “Jäger”, 25.12.1945, GARF, 9401/2/550, fl. 136 RS.
94. Os argumentos discutidos abundantemente e sem sucesso foram reunidos por Lothar Machtan em 2001. Seu livro, no entanto, não satisfaz padrões científicos. Também

- é falsa sua afirmação de que a pesquisa feita até então sobre Hitler não teria recorrido a fontes apresentadas por ele. Na 2ª edição, ele atribuiu aos críticos do seu livro parcialidade, especial “falta de vontade de saber” e “negação de reconhecimento”. Cf. Lothar Machtan, *Hitlers Geheimnis. Das Doppelleben eines Diktators*, Frankfurt/Main, 2003 (edição de bolso atualizada).
95. Como o de Maria “Mizzi” Reiter, por quem Hitler se sentia atraído em 1927 e que fugiu ao seu encontro em Munique após o fracasso do casamento dela em 1931. Cf. Anna Maria Siegmund, “Maria Reiter. ‘Mitzi’ de Hitler — A amante desconhecida”, em: Anna Maria Siegmund, *Die Frauen der Nazis*, vol. 3, München 2002, pp. 28-48.
 96. Werner Maser persiste com a sua descrição das inúmeras falsificações históricas sobre Hitler e Stalin, da heterossexualidade de Hitler e lista por nome várias mulheres com as quais ele teria tido relações sexuais. A interpretação de Machtan é por ele considerada “um absurdo produto de fantasia”. Cf. Werner Maser, *Fälschung, Dichtung und Wahrheit über Hitler und Stalin*, Munique, 2004, pp. 167-182. Anton Joachimsthaler se viu levado a declarar: “Eu pesquisei muito bem por longos anos. Não encontrei nenhuma prova de um relacionamento homossexual ou mesmo de uma perceptível predisposição homoerótica de Adolf Hitler!” Cf. Joachimsthaler, *Hitlers Liste*, l.c., p. 39.
 97. Joachimsthaler, *Hitlers Liste*, cap. 1, pp. 475-482.
 98. Detalhadamente, ib., cf. também Maser, *Adolf Hitler*, cap. 1, bem como Anna Maria Siegmund, *Die Frauen der Nazis*, vol. 1-3, Viena, 1998-2002, e Henriette von Schirach, *Frauen um Hitler*, Berlim, Munique, 1983.
 99. Schenck, *Patient Hitler*, cap. 1, pp. 122-130.
 100. Cit. segundo Bullock, *Hitler und Stalin*, cap. 1, p. 1.236. Stalin mandou prender as mulheres dos seus estreitos colaboradores, Kalinin e Molotov, para se assegurar de sua lealdade. Cf. Larissa Vassiljeva, *Die Kreml-Frauen. Erinnerungen, Dokumente, Legenden*, Zurique, 1994.
 101. Cf. *Dossier Hitler*, p. 266 e ss., 344, 361 pp. 391-402, 421 pp. 429p.
 102. Cf. detalhadamente: Oleg F. Suwenirow, *Tragedija RKKA 1937-938*, Moscou, 1998; Rayfield, *Stalin und seine Henker*, l.c., p. 472, bem como Antony Beevor, *Stalingrad*, Munique, 2001, pp. 110-128.
 103. Cf. A apologética defesa de Lammers in: Georg Franz Willing, *Die Reichskanzlei 1933-1945. Rolle und Bedeutung unter der Regierung Hitler*, Tübingen, Buenos Aires, Montevideu, 1984, p. 132-44; aumentando o papel de Bormann: Jochen von Lang/Claus Sibyll, *Der Sekretär. Martin Bormann, der Mann, der Hitler beherrschte*, Munique, Berlim, 1987; com inúmeras retificações no quadro de até então do

representante de Hitler: Kurt Pätzold/Manfred Weissbecker, *Rudolf Hess. Der Mann an Hitlers Seite*, Leipzig, 1999.

104. Entre outros, Klaus Hildebrand discutiu a questão das conseqüências deste sistema policrático: “Monokratie oder Polykratie? Hitlers Herrschaft und das Dritte Reich”, em: Karl Dietrich Bracher/Manfred Funke/Hans Adolf Jacobsen, *Nationalsozialistische Diktatur 1933-945. Eine Bilanz*, Bonn, 1986, pp. 73-6.
105. Sobre a ajuda financeira que existia efetivamente, mas não era determinante, cf. Henry Ashby Turner Jr., *Die Grossunternehmer und der Aufstieg Hitlers*, Berlim, 1985.
106. Cf. Vladimir I. Lenin, “O imperialismo como supremo estágio do capitalismo” em: Lenin, *Ausgewählte Werke in 6 Bänden*, Berlim, 1983, vol. 2, p. 698.
107. Cf. Albert Speer, *Spandauer Tagebücher*, Frankfurt/Main, Berlim, Viena, 1975, p. 122. Sobre a organização da indústria armamentista, cf. Walter Naasner, *Neue Machtzentren in der deutschen Kriegswirtschaft 1942-1945. Die Wirtschaftsorganisation der SS, das Amt des Generalbevollmächtigten für den Arbeitseinsatz und das Reichsministerium für Bewaffnung und Munition/Reichsministerium für Rüstung und Kriegsproduktion im nationalsozialistischen Herrschaftssystem*, Boppard am Rhein, 1994. Sobre perguntas da concepção econômica para uma *blitzkrieg*, cf. Willi A. Boelcke, *Die deutsche Wirtschaft 1930-1945. Interna des Reichswirtschaftsministeriums*, Düsseldorf, 1983, pp. 233-74. Sobre a abrangência de um empreendimento industrial, exemplarmente Werner Abelshauser, “Forjadores de armamentos da Nação?”, em: Lothar Gall (org.), *Krupp im 20. Jahrhundert. Die Geschichte des Unternehmens vom Ersten Weltkrieg bis zur Gründung der Stiftung*, Berlim, 2002, pp. 328-45.
108. Cf. Maser, *Adolf Hitler*, l.c., p. 465.
109. Cf. Werner Jochmann (org.), *Adolf Hitler, Monologe im Führerhauptquartier 1941-1944. Aufgezeichnet von Heinrich Heim*, Munique, 2000, e Henry Picker, *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier*, Frankfurt/Main, Berlim, 1993.
110. Exemplar é uma experiência de Hans Baur. Ernst Hanfstaengel compusera uma marcha e a tocou para Hitler. Hitler tocou a marcha de cor no piano e sugeriu alterações. Cf. Baur, *Mit Mächtigen*, l.c., p. 100. Maser juntou vasta documentação sobre a surpreendente erudição e percepção de Hitler. Cf. Maser, *Hitler*, cap. 1, pp. 187-95.
111. A visão sistemática na visão de mundo de Hitler foi elaborada retrospectivamente por historiadores e publicitários. Sobre as conseqüentes conclusões, ver: Rainer Zitelmann, *Hitler. Selbstverständnis eines Revolutionärs*, Munique, 1998.
112. Na visão soviética, na Hungria e na Romênia a mudança para uma ordem socialista estaria na ordem do dia; na Itália, o Partido Comunista ainda tinha representação

no Executivo. A Bulgária de Georgi Dimitroff estava firme junto à União Soviética; a Iugoslávia de Tito acabava de entrar em rumo de colisão. Consequentemente, nem a Iugoslávia nem a Bulgária foram muito citadas no *Dossiê Hitler*.

113. Cf. Linge, *Ende*, cap. 1, p. 142 e ss. Não fica claro se o editor atribuiu esta declaração a Werner Maser.
114. Cf. Rainer F. Schmidt, *Rudolf Hess, "Botengang eines Toren?" Der Flug nach Grossbritannien vom 10.Mai 1941*, Munique, 2000, p. 186 e ss.
115. Cf. *Dossiê Hitler*, p. 142 e ss.
116. Cf. Basil Liddell Hart, *Geschichte des Zweiten Weltkrieges*, Wiesbaden, 1985.
117. Cf. Thomas Vogel (org.), *Aufstand des Gewissens. Militärischer Widerstand gegen Hitler und das NS-Regime 1933-1945*, Hamburgo, Berlim, Bonn, 2000; Gerhard Ritter, *Carl Goerdeler und die deutsche Widerstandsbewegung*, Stuttgart, 1954; Christian Müller, *Stauffenberg. Eine Biographie*, Düsseldorf, 2003.
118. Carece de qualquer fundamento a noção de que a oposição militar cogitava constantemente matar o ditador. Mesmo em 1944, era pequeno o número daqueles que — por dever de responsabilidade para com o povo alemão — estavam dispostos a se sacrificar. Nem mesmo Schenk von Stauffenberg, o autor do atentado, disposto a tudo, confiava nos seus conjurados. Ele decidiu sobreviver por se achar insubstituível para um novo governo. Que após o atentado tenham sido executadas ou assassinadas mais de sete mil pessoas, é creditado à ânsia persecutória do NSDAP, e não à extensão e engajamento do levante. Cf. Hoffmann, *Widerstand, Staatsstreich, Attentat*, cap. 1, especialmente pp. 606-618.
119. A "premonição" de líderes políticos e militares já foi cinicamente comentada por Sêneca: "A sorte recai também sobre as massas e as naturezas inferiores, mas subjugar a desgraça e o terror é característica de um grande homem." Cf. Gerhard Krüger (org.), *Seneca, "De otio"/"De providentia"*, Stuttgart, 1996, p. 45 (*De providentia*, 4, 1).
120. Helmut Heiber, *Hitlers Lagebesprechungen. Die Protokollfragmente seiner militärischen Konferenzen*, Stuttgart, 1962.
121. Como fonte de referências ainda abalizada: Percy Ernst Schramm (org.), *Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht (Wehrmachtführungsstab) 1940-1945. Studienausgabe in 8 Bänden*, Bonn o.J. (primeira edição 1961-1965).
122. A situação do dia 10.1.1945 é exemplar. Cf. Heiber, *Lagebesprechungen*, l.c., pp. 793-820.
123. Cf. Basil H. Liddel Hart, *Jetzt dürfen sie reden. Hitlers Generale berichten*, Stuttgart, Hamburgo, 1950, p. 571.
124. Cf. *Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg*, vol. 2: *Die Errichtung der Hegemonie auf dem europäischen Kontinent*, Stuttgart, 1979, pp. 238-259, Karl-Heinz Frieser,

- Blitzkrieg-Legende. Der Westfeldzug 1940*, Munique, 1995, pp. 364-393. Frieser coloca Dunquerque como momento decisivo da guerra, quando Hitler, como “mente militar com excelente desempenho”, assume a liderança das campanhas, destituindo o Estado-Maior, relegando-o a mero bastidor das suas decisões solitárias.
125. Cf. Andreas Hillgruber, *Hitlers Strategie. Politik und Kriegführung 1940-1941*, Munique, 1982, pp. 166-178.
 126. Magenheimer, na sua análise da virada da guerra em Stalingrado, chega à conclusão de que os limitados recursos militares seriam suficientes somente para um dos dois objetivos — Stalingrado ou o Cáucaso, e que Hitler e o Estado-Maior alemão não definiram a prioridade. Cf. Heinz Magenheimer, *Die Militärstrategie Deutschlands 1940-1945. Führungsentschlüsse, Hintergründe, Alternativen*, Munique, 1997, pp. 175-181.
 127. Cf. Rainer Karlsch/Raymond G. Stokes, “Faktor Öl”. *Die Mineralölwirtschaft in Deutschland 1859-1974*, Munique, 2003, p. 213 e ss.
 128. No terceiro dia da ofensiva alemã, os veículos do Grupo A do Exército formaram um engarrafamento de até 250 km a partir do rio Meuse sobre território francês, luxemburguês e alemão, até o Reno. O alto-comando francês decidiu, no entanto, transferir para o interior a maior parte dos aviões para futuras operações. Cf. Karl-Heinz Frieser, “As *Blitzsieg*e alemãs. Triunfo operacional — tragédia estratégica”, em: Rolf-Dieter Müller/Hans-Erich Volkmann (org.), *Die Wehrmacht. Mythos und Realität*, Munique, 1999, p. 188.
 129. Cf. Magenheimer, *Militärstrategie Deutschlands*, cap. 1, p. 101-109.
 130. Cf. Basil Liddel Hart, *Geschichte des Zweiten Weltkrieges*, Wiesbaden, 1985, p. 689 e ss., bem como *Militärgeschichtliches Forschungsamt* (org.), *Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg*, vol. 7: *Das Deutsche Reich in der Defensive: Strategischer Luftkrieg in Europa, Krieg im Westen und in Ostasien 1943-1944/45*, Stuttgart, Munique, 2001, sobre a batalha da Normandia, pp. 536-565, sobre o desembarque no sul da França, pp. 581-605. Sobre a cabeça-da-ponte em Anzio, cf. *Deutschland im Zweiten Weltkrieg*, vol. 5: *Der Zusammenbruch der Defensivstrategie des Hitlerfaschismus an allen Fronten (Januar bis August 1944)*, Berlim, 1986, pp. 129-137.
 131. Sobre o significado dos bombardeios, cf. Richard Overy, *Die Wurzeln des Sieges. Warum die Alliierten den Zweiten Weltkrieg gewannen*, Reinbek b. Hamburgo, 2002, pp. 163-174; sobre a indústria armamentista, cf. Naasner, *Machtzentren*, p. 175.
 132. Cf. Hillgruber, *Strategie*, cap. 1, p. 557.
 133. Sobre a pouca confiabilidade dos seguintes dados estatísticos remete: de Rüdiger Overmann, “Os mortos da Segunda Guerra Mundial na Alemanha. Balanço da pesquisa, levando especialmente em consideração as perdas da *Wehrmacht* e de ex-

- pulsões”, em: Wolfgang Michalka (org.), *Der Zweite Weltkrieg. Analysen, Grundzüge, Forschungsbilanz*, Munique, 1997 (primeira edição 1989), pp. 858-873.
134. Destes, 8,38 milhões eram soldados, 1,98 milhão suboficiais, e mais de 898 mil oficiais. Cf. *Rossija i SSSR w wojnach XX weka. Statistitscheskoe issledowanie* [Rússia e a União Soviética nas guerras do século XX. Pesquisas estatísticas.], Moscou, 2001, p. 252. Até agora, a pesquisa chegou a 8,53 milhões de militares mortos do lado soviético. Cf. Magenheimer, *Deutschlands Militärstrategie*, cap. 1, p. 315 e ss.
 135. Cf. *Rossija i SSSR: Statistitscheskoe issledowanie*, cap. 1, p. 514.
 136. Dos cerca de 11 milhões de prisioneiros de guerra alemães, mais de 3,1 milhões foram parar em mãos soviéticas. Destes, morreram entre 1941 e 1945 aproximadamente 550 mil; entre maio de 1945 e junho de 1950, cerca de 542 mil. O paradeiro de aproximadamente 260 mil prisioneiros de guerra não foi esclarecido. Aproximadamente 5,7 milhões de membros das forças de combate soviéticas foram aprisionados por tropas alemãs. Três milhões e trezentos mil foram sistematicamente levados à morte por fome. Cf. Gunnar Heinsohn, *Lexikon der Völkermorde*, Reinbek b. Hamburgo, 1998, pp. 117 e 294.
 137. Vgl. Magenheimer, *Deutschlands Strategie*, a.a.O., S. 315.
 138. Exarado pelo Estado-Maior da Wehrmacht no alto-comando da Wehrmacht. Cf. Walther Hubatsch, *Hitlers Weisungen für die Kriegsführung 1939-1945. Dokumente des Oberkommandos der Wehrmacht*, Bonn, 1982, p. 89.
 139. Apesar de avaliações parcialmente encobertas, a responsabilidade da Wehrmacht foi, no debate sobre a “Crítica a Wehrmacht” (“*Wehrmachtausstellung*”), ao final comprovada. Cf. Hannes Heer/Klaus Naumann (org.), *Vernichtungskrieg. Verbrechen der Wehrmacht 1941-1944*, Hamburgo, 1995. Para discussão, cf. Hans-Ulrich Thamer, “Da quebra de tabu à historização? A discussão sobre a ‘Crítica à Wehrmacht’”, em: Martin Sabrow/Ralph Jessen/Klaus Grosse Kracht (org.), *Zeitgeschichte als Streitgeschichte. Grosse Kontroversen nach 1945*, Munique, 2003, p. 171-186.
 140. Cf. Bogdan Musial, “*Konterrevolutionäre Elemente sind zu erschießen*”. *Die Brutalisierung des deutsch-sowjetischen Krieges im Sommer 1941*, Berlim 2001; Joachim Hoffmann, *Stalins Vernichtungskrieg 1941-1945. Planung, Ausführung, Dokumentation*, Munique, 1999.
 141. Cf. entre outros, Franz W. Seidler, *Verbrechen an der Wehrmacht. Kriegsgreuel der Roten Armee 1941/42*, Selent 1998; *Amtliches Material zum Massenmord von Winniza — Im Auftrage des Reichsministers für die besetzten Ostgebiete aufgrund urkundlichen Beweismaterials zusammengestellt, bearbeitet und herausgegeben*, Berlim, 1944; de forma crítica, Henrik Eberle, *Die Martin-Luther-Universität in der Zeit des Nationalsozialismus 1933-1945*, Halle, 2002, p. 125 e ss.

142. Cf. Helmut Heiber (org.), *Goebbels-Reden*, vol. 2: 1939-1945, Bindlach, 1991, p. 432.
143. Cf. Léon Poliakow/Josef Wulf, *Das Dritte Reich und seine Diener*, Berlim, 1956, p. 444.
144. Cf. *Der Panzerbär*, 25.4.1945, p. 1.
145. Cf. *Dossiê Hitler*, p. 249.
146. O decreto de Hitler é datado de 25.9.1944. Sobre a criação do rascunho, sobre a distribuição de competências e sobre o número de vítimas, cf. Franz W. Seidler, "Deutscher Volkssturm". *Das letzte Aufgebot 1944/1945*, Augsburg, 1999, pp. 44-54, 374.
147. Um dos condecorados escreveu nas suas memórias: "Naquele momento, eu ainda o tomava pelo *Führer*, o grande guia. Minha crença nele era inquebrantável." Cf. Armin D. Lehmann, *Der letzte Befehl. Als Hitlers Botenjunge im Führerbunker*, Bergisch Gladbach, 2003, p. 305.
148. Pesquisas americanas dos anos do pós-guerra presumiram que 71% dos alemães davam a guerra por perdida em 1944; 29%, no entanto, queriam lutar até o final. A exatidão dessa investigação sociológica retroativa pode ser posta em dúvida; ela dá, porém, um indicador para a medida da desmoralização. Cf. Overy, *Wurzeln*, l.c., p. 397.
149. Heinrich Lersch, *Das dichterische Werk*, Stuttgart, Berlim, 1934, p. 275 e ss.; Hans Sarkowicz / Alf Mentzer, *Literatur in Nazi-Deutschland*, Hamburg, Viena, 2000, p. 270 e ss.
150. Cf. Stefan Breuer, *Grundpositionen der deutschen Rechten 1871-1945*, Tübingen, 1999; Axel Schildt, *Konservatismus in Deutschland. Von den Anfängen im 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart*, Munique, 1998; exemplarmente: Oswald Spengler, *Preussentum und Sozialismus*, Munique, 1920.
151. Ernst Udet, *Mein Fliegerleben*, Berlim, 1935, p. 176 e ss.
152. Cf. Schramm (org.), *Kriegstagebuch*, vol. 7, cap. 1, pp. 73.
153. Artur Axmann, "Das kann doch nicht das Ende sein". *Hitlers letzter Reichsjugendführer erinnert sich*, Koblenz, 1995, p. 560. Axmann, que mandou milhares de "meninos de Hitler" para uma morte sem sentido, fundou depois uma firma, que fez bons negócios com a RDA e a União Soviética no comércio Leste-Oeste.
154. Cf. Kershaw, *Hitler*, vol. 1, cap. 1; Bullock, *Parallele Leben*, cap. 1.; bem como Werner Maser, *Adolf Hitler. Das Ende der Führer-Legende*, Düsseldorf, Viena, 1980.
155. Cf. Josef Kopperschmidt/Johannes G. Pankau (org.), *Hitler der Redner*, Munique, 2003, pp. 11-24.
156. Friedelind Wagner, *Nacht über Bayreuth. Die Geschichte der Enkelin Richard Wagners*, Munique, 2002, p. 105.

157. Cf. Werner Maser (org.), *Paul Devrient: Mein Schüler Adolf Hitler. Das Tagebuch seines Lehrers*, Munique, 2003, p. 8.
158. Cf. *Dossiê Hitler*, p. 98. De fato, Hitler teve aulas de interpretação em 1932 em que testou gestos, modos de falar, expressões faciais. Seu professor, Paul Devrient, um dos mais bem-sucedidos cantores de ópera da República de Weimar, ficou satisfeito com os progressos do aluno. Devrient ensinou-lhe todos os truques indispensáveis, sem os quais um ator não tem sucesso — e ele educou a sua voz. Antes das aulas de interpretação, Hitler frequentemente ficava rouco após um discurso, entregava-se até a exaustão e ficava em dúvida quanto ao efeito da sua palestra. Segundo dados do então médico do HNA, que cuidava de Hitler, havia o risco de uma paralisia das cordas vocais. Depois das aparições, ele perguntava ao seu séquito: “Como eu me saí?” Devrient eliminou estas deficiências. Ele escreveu no seu diário: “Ele é, tenho de concordar, realmente um bom ator.” Cf., no mesmo lugar, pp. 16, 24.
159. Cf. Jürgen W. Falter, *Hitlers Wähler*, Munique, 1991, pp. 365-374.
160. Michael Burleigh, *Die Zeit des Nationalsozialismus. Eine Gesamtdarstellung*, Frankfurt/Main, 2000; Ian Kershaw, *Hitlers Macht*, Munique, 2000.
161. Cf. Hannah Arendt, *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft. Antisemitismus, Imperialismus, Totalitarismus*, Munique, Zurique, 2000 (7ª edição de bolso), pp. 814-839; Max Weber, *Wirtschaft und Gesellschaft. Grundriss der verstehenden Soziologie*, Colônia, Berlim, 1964, pp. 38-87.
162. Cf. Hans-Peter Schwarz, *Das Gesicht des Jahrhunderts. Monster, Retter und Mediokritäten*, Berlim, 1998, p. 305 e segs.
163. Sepp Dietrich, o antigo comandante da Leibstandarte, via em Hitler nada menos do que o “pai” dos seus comandados. Cf. Baur, *Mit Mächtigen*, l.c., p. 114.
164. Cf. *Dossiê Hitler*, p. 392.
165. Uma explicação para a lealdade da SS e não só dos seus Leibstandarte poderia ser o fato de Hitler sugerir uma relação de lealdade recíproca. Quando a SA e a SS foram proibidas em 1932, ele formulou um manifesto no qual constava: “Enquanto eu viver, eu pertencerei a vocês e vocês pertencerão a mim.” Cit. segundo: *Völkischer Beobachter*, 15.4.1932, p. 1.
166. Cf. Gert Robel, “União Soviética”, em: Wolfgang Benz, *Dimension des Völkermordes. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus*, Munique, 1991, p. 560.
167. Cf. *Dossiê Hitler*, p. 196.
168. Kershaw desconfia, assim, que nas conversações entre Hitler e Himmler em dezembro de 1940 foi tratado o “consenso geral” para o planejamento do holocausto. Cf. Kershaw, *Hitler*, vol. 2, cap. 1, p. 470. Na agenda de trabalho de Himmler não há

- indícios da extensão dos pormenores das mortes em massa nas suas conversas com Hitler. Cf. Peter Witte, entre outros, *Der Dienstkalendar Heinrich Himmlers 1941/42*, Hamburgo, 1999, esp. p. 71, 205 e ss., 228-231.
169. Cf. Richard Breitman, *Heinrich Himmler. Der Architekt der "Endlösung"*, Zürich, 2000, p. 291.
 170. Cf. Kershaw, *Hitler*, vol. 2, l.c., p. 638.
 171. Cf. Robel, "União Soviética" em: Benz, *Dimension des Völkermordes*, l.c., pp. 560.
 172. Cf. Rayfield, *Stalin und seine Henker*, cap. 1, pp. 515-523; com visões também sobre outros atos de perseguição: Arno Lustiger, *Robuch: Stalin und die Juden. Die tragische Geschichte des Jüdischen Antifaschistischen Komitees und der sowjetischen Juden*, Berlim, 1998.
 173. Cf. Matthias Uhl, "E por isto a tarefa consiste em colocar a contra-espionagem novamente de pé". Sobre as grandes limpezas na contra-espionagem militar soviética em 1937/38", em: *Jahrbuch für historische Kommunismusforschung*, Berlim, 2004, pp. 87-92.
 174. Cf. Plano para o livro "*Wolkenschlösser*", sem data, GARE, 9401/2/553, fl. 1-111; rascunho "Sobre Hitler", 1948, GARE, 9401/2/553, fl. 118-123; rascunho "Sobre Hitler", 1949, GARE, 9401/2/554, fl. 89 e ss.
 175. Para uma biografia de Parparov, ver: Kolpakidi/Prochov, *Wneschnaja raswedka Rossii*, l.c., p. 318 e ss.; Helmut Röwer/Stefan Schäfer/Matthias Uhl, *Lexikon der Geheimdienste im 20. Jahrhundert*, Munique, 2003, p. 341.
 176. Donal O'Sullivan, *Stalins "Cordon sanitaire". Die sowjetische Osteuropapolitik und die Reaktionen des Westens 1939-1949*, Paderborn, entre outros, 2003, pp. 74.
 177. Cit. segundo: ib., p. 78. sobre a flexibilidade de Stalin no aspecto ideológico, cf. suas preleções na Universidade de Sverdlov em 1924: "A estratégia (...) permanece (...) na sua essência inalterada pela duração da etapa em tela... A tática consiste na fixação da linha de ação do proletariado durante o relativamente curto período de cheia ou de vazante do movimento, de subida ou de descida da revolução; ela é a luta pela fixação desta linha através da substituição das antigas formas de luta e organização, por novas..." Cf. J. Stalin, "Sobre os fundamentos do leninismo", em: no mesmo, *Fragen des Leninismus*, Berlim, 1956, p. 78.
 178. Cf. Karlsch/Stokes, "*Faktor Öl*", cap. 1, p. 208.
 179. Rolf-Dieter Müller, *Das Tor zur Weltmacht. Die Bedeutung der Sowjetunion für die deutsche Wirtschafts — und Rüstungspolitik zwischen den Weltkriegen*, Boppard am Rhein, 1984, pp. 322-339.
 180. Cf. O'Sullivan, *Stalins "Cordon sanitaire"*, l.c., p. 125 e ss.
 181. Após a leitura do aviso de Harro Schulze-Boysen ("Choro") do dia 16.6.1941, Stalin recomendou que o informante fosse enviado de volta para sua "mãe prostituta".

Ele ignorou os relatórios de Richard Sorge, vindos de Tóquio, por considerá-los produto da fantasia de um “idiota mentiroso”. Stalin quis que um agente estacionado em Berlim fosse castigado, porque ele lhe teria enviado “provocações inglesas”. Cf. Helmut Roewer, *Skrupellos. Die Machenschaften der Geheimdienste in Russland und Deutschland 1914-1941*, Leipzig, 2004, p. 650.

182. Cf., entre outros, Hillgruber, *Strategie*, cap. 1; Magenheimer, *Militärstrategie Deutschlands*, cap. 1; Hoffmann, *Stalins Vernichtungskrieg*, l.c.; Bianka Pietrow-Ennker (org.), *Präventivkrieg? Der deutsche Angriff auf die Sowjetunion*, Frankfurt/Main, 2000; Werner Maser, *Der Wortbruch. Hitler, Stalin und der Zweite Weltkrieg*, Munique, 1994.
183. A caracterização apresentada por Magenheimer de uma “guerra de dois agressores”, que teriam se preparado simultaneamente para o ataque, presta-se para a descrição dos fatos, mas encobre os motivos ideológicos de Hitler. Cf. Magenheimer, *Militärstrategie*, l.c., p. 61.
184. Cf. Adolf Hitler, *Mein Kampf*. Citado segundo a 548-552ª edição, Munique, 1940, p. 743.
185. Detalhadamente: Hillgruber, *Strategie*, l.c., pp. 516-535.
186. Helmut Roewer, ex-diretor de um serviço de informações alemão, investigou os serviços secretos dos anos de 1939 até 1941 pela primeira vez de forma sistemática e chegou ao seguinte parecer: “Os fatos em que Hitler se baseava eram uma mistura de reconhecimentos incorretos e de conclusões errôneas.” Nenhuma análise alemã daqueles anos resiste a um “controle sério.” Cf. Roewer, *Skrupellos*, l.c., p. 620.
187. Cf. Hoffmann, *Stalins Vernichtungskrieg*, l.c., p. 98.

Biografias

Constam deste apêndice biográfico os personagens que fazem parte da ação ou que eram contemporâneos, mas não estão listadas figuras históricas como Frederico II, por exemplo. O objetivo é permitir ao leitor de hoje fazer associações e reconstituições. Denominações oficiais, como as de determinadas localidades em províncias prussianas, foram substituídas por uma descrição aproximada da localização (exemplo: Baixo-Reno, Prússia oriental ou lago de Starnberg). As cidades maiores (exemplo: Oberhausen, na região do Ruhr, Görlitz, na Silésia, hoje Estado Livre da Saxônia) constam geralmente sem essas indicações. Acrescentamos um ponto de interrogação ou uma informação imprecisa (por exemplo: depois de 1956) nos casos em que não foi possível informar as datas ou elas não são exatas.

Consultamos inúmeros registros civis para evitar compilações imprecisas. Algumas cidades, bem como o registro civil de Berlim com jurisdição sobre as regiões orientais do Reich alemão, não têm condições de fornecer as informações sobre todos os casos devido à deficiência em termos de pessoal ou de tecnologia atualizada de informática. Determinados municípios não fornecem informações por razões de confidencialidade. Mesmo os dados exatos informados podem ser falhos, como no caso de uma pessoa dada como desaparecida e depois declarada oficialmente morta.

As diferentes patentes militares foram informadas de acordo com a respectiva unidade. No caso em que foi anotado o ingresso na SA ou na SS, informamos as respectivas patentes sem acrescentar a unidade. A informação freqüente “reingresso no NSDAP” explica-se pela interdição do Partido, após o fracasso do golpe de Estado Hitler-Ludendorff em 1923, e a reconstrução da sua organização depois de 1925, levada adiante com velocidade diferenciada de região

para região. Designações contemporâneas são reproduzidas sem aspas, mesmo que atualmente pareçam estranhas ou depreciativas.

Para facilitar a leitura, nem todas as patentes e cargos foram listados. Pessoas como Hermann Göring ou Heinrich Himmler detinham uma tal quantidade de cargos que é inútil enumerar todos os postos, colocações e cargos honorários. Pelo mesmo motivo, as patentes e cargos de militares também não foram mencionados na íntegra.

O grande número de obras de referência sobre a época do regime nacional-socialista fornece informações confiáveis sobre muitas pessoas. As obras de referência são citadas na bibliografia. Para complementar, recorreremos a documentos do Instituto de História Contemporânea do antigo *Berlin Document Center* (documentos da SS e do NSDAP) e do Arquivo Militar de Freiburg. Não foi possível identificar inequivocamente algumas das pessoas, devido à grafia fonética dos nomes. Para outros, há muitas variantes de nomes e homônimos. Assim, o fichário de pessoal da SS contém 17 pessoas com o nome Sander, muitas das quais pertenciam ao SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”.

Adam, Arthur (* ?, † ?): guarda no batalhão de comunicações do quartel-general do *Führer*, promovido a chefe da guarda após o atentado de 20.7.1944.

Alba y de Tormes, Jacobo Fitz-James Stuart Falcó, duque de (* 17.10.1878 Madri, † 24.9.1953 Lausanne): estudou Direito, História e Belas-Artes na Grã-Bretanha e em Madri, viajou pela Europa, América, África e Ásia, trabalhou como escritor e cientista, 1918 membro da Real Academia de História em Madri, seu diretor desde 1927, conselheiro do rei, ministro da Instrução Popular, ministro de Estado, esteve ao lado de Franco durante a Guerra Civil, 1939 embaixador em Londres, fez esforços pela aproximação da Espanha com os Aliados.

Albrecht, Alwin-Broder (* 18.9.1903 St. Peter [Frísia], † 1.5.1945 Berlim): 1922 ingressou na Marinha do Reich, 1926 tenente-do-mar, 1934 capitão-tenente, oficial de ligação de Hitler com a Marinha de Guerra, 1937 capitão-de-corveta, de junho de 1938 até junho de 1939 ajudante-de-Marinha de Hitler, após casamento com pessoa que não era da sua categoria foi despedido da ativa por ordem de Raeder, nomeado então por Hitler ajudante pessoal e NSKK-*Oberführer*, morto em 1.5.1945 na evasão da Chancelaria do Reich.

Alfieri, Dino (* 8.6.1886 Bolonha, † 2.1.1966 Milão): estudou Direito, advogado, fundou em 1910 o Grupo Nazionalista Milanese, participação na Primeira Guerra Mundial, ingresso no movimento fascista, 1921 deputado por Milão, 1929 subsecretário de Estado no Ministério do Exterior, 1936 até 1939 ministro da Imprensa e da Propaganda da Itália, 1940 até 1943 embaixador italiano em Berlim, a partir de 1942 membro do Grande Conselho fascista, votou em 25.7.1943 pela deposição de Mussolini, fuga para a Suíça, condenado à revelia por um tribunal da Repubblica Sociale Italiana, trabalhou como advogado e escritor após a guerra.

Almer, possivelmente Christine: comerciante de antigüidades em Munique.

Alvensleben, Ludolf von (* 17.3.1901 Halle, † 1.4.1970 Santa Rosa de Calamuchita [Argentina]): 1911 ingresso no Corpo de Cadetes Prussiano, 1912 herança da propriedade arrendada Schochwitz, 1918 cadete, 1920 Corpo de Voluntários Maercker, 1923 até 1928 arrendador em Altmark, 1929 ingresso no NSDAP (nº 149345), diversas funções no distrito de Halle-Merseburg, inspetor distrital entre outros, 1933 até 1945 membro do Congresso, 1934 passou da SA para a SS (nº 177002), *Sturmbannführer*, 1935/36 *Standartenführer* de Halle, depois diretor dos setores da SS em Stuttgart e Schwerin, de novembro de 1938 até janeiro de 1941 ajudante-chefe do *Reichsführer* SS Himmler, diversos comandos em territórios ocupados desde o início da guerra, 1940 *SS-Brigadeführer*, a partir de outubro de 1941 chefe de polícia e da SS na Rússia do sul, respectivamente Ucrânia, a partir de 1943 chefe supremo de polícia e da SS na região do Grupo do Exército A, 1943 *SS-Gruppenführer*, 1944/45 diretor do setor superior da SS Elbe, 1945 prisão, fuga para a Argentina com apoio da Igreja Evangélica, lá inspetor

de pesca, condenado à revelia por um tribunal polonês pelo assassinato de 4.247 pessoas com a pena de morte, 1964 ordem de prisão pelo Tribunal da Comarca de Munique, não extraditado.

Amann, Max (* 24.11.1891 Munique, † 29.3.1957 Munique): comerciante, 1914 até 1918 serviço militar como suboficial, a partir de 1919 atuou no Setor de Desenvolvimento do Ministério da Guerra bávaro, 1919/20 Sociedade Thule, 1921 NSDAP, 1921 até 1923 administrador do Partido, 1921 administrador-geral do *Völkischer Beobachter*, 1922 até 1945 administrador e diretor do Grupo Editorial Eher, 1923 participou no golpe de Estado fracassado, prisão, 1924 libertação, 1925 reingresso no NSDAP (nº 3), 1932 ingresso na SS (nº 53143), 1933 até 1945 NSDAP-*Reichsleiter* para a imprensa, 1936 SS-*Obergruppenführer*, diversos cargos em associações profissionais (presidente da Associação do Reich dos Editores de Jornal Alemães, entre outros), 1945 preso, 1948 condenado a dez anos em campo de trabalho, 1953 libertado.

Anders, Wladyslaw (* 11.8.1892 Blonie, perto de Varsóvia, † 12.5.1970 Londres): oficial de carreira, 1936 general, 1939 prisão soviética, 1941 libertado, organização de um exército voluntário polonês, entrada em ação com a sua tropa ao lado dos Aliados no Oriente, África e Itália, em fevereiro de 1945 comandante-em-chefe de todas as tropas polonesas no Ocidente, exílio britânico depois da desmobilização.

Antonescu, Ion (* 2.6.1882 Pitesti [Romênia], † 1.6.1946 prisão militar Jilava em Bucareste [executado]): soldado de carreira, 1904 tenente, promoção rápida, diretor da Divisão de Operações do Estado-Maior romeno durante a Primeira Guerra Mundial, 1919 participação determinante na derrubada da República húngara, depois adido militar em Paris e Londres, 1933 chefe de Estado-Maior, 1934 demissão, removido para Pitesti como comandante de divisão, 1937/38 ministro da Guerra, ligações com a Guarda de Ferro, preso, libertado, banido, 1940 primeiro-ministro com poderes ilimitados, adesão da Romênia ao Pacto das Três Potências, 1941 apoiado por Hitler no golpe de Estado da Guarda de Ferro, 1941 guerra contra a União Soviética com o objetivo de recuperar a Bessarábia, marechal, 1942/43 esforços frustrados por uma paz em separado, 1944 conversações de sondagem com a União Soviética, preso em 23.8.1944 por ordem do rei e extraditado para a União Soviética, transferido depois do fim da guerra para os órgãos comunistas da Romênia, condenado à morte.

Arendt: mulher do cenógrafo dos Reichstheater.

Arndt, Wilhelm (* 6.7.1913, † 22.4.1945 em Börnersdorf, perto de Pirna [Saxônia]): ingresso no SS-Leibstandarte "Adolf Hitler", formação na Escola de Hotelaria Pasing, a partir de 1943 camareiro de Hitler, *Hauptscharführer*, decolou de Staaken com um Ju 352 da esquadrilha do *Führer* em 22.4.1945, morto na queda do aparelho; designado erroneamente como SS-*Hauptsturmführer* no *Dossiê Hitler*.

Asensio, Carlos Cabanillas (* 14.11.1896 Madri, † 28.4.1970 na Espanha): academia de infantaria, 1914 oficial, entrada em ação no Afrika-Korps, 1930 até 1935 estudo na Escuela Superior de Guerra, 1935 tenente-coronel, novamente na África, chefe de tropa em Tetuán, participante no golpe de Estado contra a República Espanhola, comandante de tropa em todos os *fronts* da Guerra Civil Espanhola, 1939 alto comissário no Marrocos, 1942 até 1945 ministro do Exército, mais tarde diretor de várias escolas de guerra, administrador do Parlamento, presidente do Supremo Conselho de Ação Social no Ministério do Exército.

Assmann, Heinz (* 15.8.1904, † 15.10.1954): 1922 ingresso na Marinha do Reich, 1926 tenente-do-mar, 1934 capitão-tenente, 1937 diretor no alto-comando da Marinha, a partir de outubro de 1937 Academia da Marinha, 1938 capitão-de-corveta e oficial do Estado-Maior da armada no Grupo Oeste de Comando da Marinha, a partir de novembro 1939 diretor no alto-comando da Marinha, de janeiro até março de 1941 comissário da direção de guerra naval junto ao almirante Lütjens (navio de guerra *Gneisenau*), 1942 capitão-de-fragata e primeiro-oficial do navio de guerra *Tirpitz*, 1943 capitão do mar, a partir de agosto de 1943 no Estado-Maior da Wehrmacht.

Attolico, Bernardo (* 17.1.1880 Canneto [província de Bari], † 9.2.1942 Roma): ingresso no serviço diplomático após o estudo de Direito, 1920/21 comissário por Dantzig na Liga das Nações, 1922 até 1927 vice-secretário-geral da Liga das Nações, de 1927 até 1930 embaixador no Brasil, 1930 embaixador em Moscou, 1935 embaixador em Berlim, chamado em maio de 1940 e substituído por Dino Alfieri, já que ele se empenhara desde o início da guerra pela não-participação da Itália na guerra.

Axmann, Artur (* 18.2.1913 Hagen, † 24.10.1996 Berlim): 1928 fundador do primeiro grupo da Juventude Hitlerista no bairro de trabalhadores de Wedding, em Berlim, dirigente escolar da JH, a partir de 1931 estudo de Economia Política e de Direito, ingresso no NSDAP, 1933 funcionário oficial, *Gebietsführer* de Berlim, diretor do Serviço Social da Reichsjugendführung, a partir de 1939 serviço militar, 1940 dispensado como suboficial, 1940 *Reichsjugendführer* do NSDAP, 1941 serviço militar como tenente, dispensado após ser ferido, a partir de fevereiro de 1945 comandante da brigada de caça a blindados "Hitlerjugend" do Volkssturm, em 2.5.1945 fuga de Berlim, em 15.12.1945 aprisionado por tropas americanas, 1949 libertado após procedimentos de desnazificação, representante comercial, trabalhou no comércio Ocidente-Oriente (RDA, China), 1958 condenado em Berlim ocidental a pagar uma multa por sua atividade no regime Nacional Socialista, trabalhou em um empreendimento imobiliário em Gran Canaria, a partir de 1976 na Creditreform.

Baarova, Lida (* 16.11.1914 Praga, † 27.10.2000 Salzburgo): atriz de teatro, primeiros papéis em filmes aos 17 anos em Praga, 1934 comprometida com a UFA, bem-sucedida com papéis vivos e exóticos (em 1935 *Barcarole*, entre outros), convidada para uma visita à Chancelaria do Reich em janeiro de 1935 durante uma visita de Hitler e de Goebbels ao estúdio, desde então relacionamento descompromissado com Goebbels, a partir de 1936 sua amante, 1938 despedida por ordem de Hitler, regresso a Praga, 1942 emigração para a Itália, escalada principalmente em comédias e melodramas insignificantes, trabalhou no entanto com Federico Fellini (1953 *Os boas-vidas*), a partir de 1955 na Espanha, a partir de 1957 papéis no teatro na Áustria e na RFA.

Bach-Zelewski, Erich von dem (* 1.3.1899 Lauenburg [Pomerânia], † 8.3.1972 Munique): 1914 voluntário na guerra, 1916 tenente, 1918 comandante de companhia, 1919 corpo de voluntários, defesa da fronteira na Silésia, ingresso no Deutschvölkische Freiheitspartei, aceito na Reichswehr, 1924 dispensado devido a atividades políticas, motorista de táxi, administrador, 1930 fazenda própria, ingresso no NSDAP (nº 489101), 1931 SS (nº 9831), *Sturmführer*, 1932 comandante do SS-*Standarte* "Ostmark", *Standartenführer*, *Oberführer*, desde outubro 1932 comandante oficial do setor XII da SS (Frankfurt/Oder), 1933 *Brigadeführer*, 1934 comandante do setor superior do nordeste da SS (Königsberg), *Gruppenführer*, 1936 diretor da superintendência da polícia nacional em Königsberg, comandante do setor superior do sudeste da SS (Breslau) após medida disciplinar, 1938 supremo comandante da SS e da polícia do sudeste, a partir de 1938 ao mesmo tempo no distrito de Sudeten, 1939 Alta Silésia, 1941 tenente-general da polícia, a partir de novembro de 1941 SS-*Obergruppenführer* e general da polícia, a partir de 1941 HSSPF Rússia Central, 1942 procurador especial para a "Bandenbekämpfung", 1943 chefe dos "Bandenkampfverbände", 1944 general da Waffen-SS, a partir de outubro de 1944 general comandante do Korpsgruppe von dem Bach, dirigiu o esmagamento do Levante de Varsóvia, a partir de novembro de 1944 comandante do XIV Corpo do Exército da SS, a partir de janeiro de 1945 comandante do X Corpo do Exército da SS, a partir de fevereiro de 1945 comandante do Corpo de Oder, 1945 preso, 1946 testemunha de acusação no processo dos principais criminosos de guerra, 1950 libertado, 1951 condenado por uma comissão de desnazificação a dez anos de prisão, libertado, 1958 preso novamente, acusado várias vezes e condenado à prisão perpétua em 1962 em Munique por ordenar o assassinato de seis comunistas, morreu no hospital da prisão.

Backe, Herbert (* 1.5.1896 Batumi [Grusínia, Rússia], † 6.4.1947 Nuremberg [suicídio]): Ginásio Tiflis, 1914 internado, 1918 fuga para a Alemanha, serralheiro, contador, estudo de agricultura, arrendador, 1922 SA, 1932 membro da Assembléia Prussiana, funcionário oficial do NSDAP, funcionário público, outubro de 1933 secretário de Estado para Alimentação e Agricultura no Ministério do Reich, 1942 incumbido da condução

do ministério depois do afastamento de Walter Darré, 1944 ministro do Reich para Alimentação e Agricultura, *SS-Obergruppenführer*, ministro da Alimentação no gabinete de Dönitz, acusado no “Processo da Wilhelmstrasse”.

Badoglio, Pietro (* 18.9.1871 Grazzano Monferrato [província de Asti], † 1.11.1956 Grazzano Monferrato [hoje G. Badoglio]): soldado de carreira, academia militar de Turim, Escola de Engenharia da Artilharia, serviço militar na Eritréia, a partir de 1899 formação para oficial de Estado-Maior, mobilização na Líbia e durante a Primeira Guerra Mundial, 1917 chefe do Estado-Maior do Exército italiano, 1918 general do exército, 1919 até 1949 senador, 1921 retorno como chefe do Estado-Maior, missões diplomáticas, entre outras, na Romênia, USA, 1925 rompimento com Mussolini, de novo chefe do Estado-Maior, planejamento das guerras na Líbia e Abissínia, 1926 marechal, 1928 concedido título de nobreza, 1939 contra a entrada na guerra do lado alemão, 1940 pediu demissão após a derrota do Exército italiano na Grécia, 1943 nomeado primeiro-ministro por Vittorio Emanuel III, mais tarde chefe de governo de uma coalizão antifascista, que conseguiu uma trégua com as tropas dos EUA e declarou guerra ao Reich alemão, 1947 pediu demissão.

Bärenfänger, Erich (* 12.1.1915 Menden [Sauerland], † 2.5.1945 Berlim [suicídio]): aprendizado comercial, 1935/36 *Reichsarbeitsdienst*, 1936 ingresso no Exército, 1937 dispensado como suboficial da reserva, trabalhou como comerciante, 1939 reativado, tenente, 1941 primeiro-tenente, 1942 capitão e comandante de companhia, 1943 major, comandante de regimento na 50ª Divisão de Infantaria, janeiro de 1944 tenente-coronel e inspetor do Reich para o fortalecimento da defesa, a partir de fevereiro de 1945 comandante do Setor de Defesa A em Berlim, em 20.4.1945 promovido a brigadeiro, pulando a patente de coronel, em 1.5.1945 fuga do *bunker*, suicidou-se na estação de metrô de Prenzlauer Berg.

Barra y Camer, Alfonso (* ?, † ?): coronel, adido militar espanhol em Varsóvia, 1935 transferido para o Ministério da Guerra, mais tarde adido militar em Londres.

Bastians, Hans (* 2.11.1894, † 14.6.1940): mecânico e motorista, entre 1914 e 1919 diversos inquéritos, penalizado por roubo grave, falsificação de documentos e desfalque entre outros, 1931 ingresso no NSDAP (nº 504982) e na SS (nº 8363), 1933 *Untersturmführer*, 1934 *Obersturmführer* no Estado-Maior do *Reichsführer* SS; motorista de Himmler, se matou por acidente com uma pistola automática no quartel-general “Wolfsschlucht”.

Baumbach, Werner (* 27.12.1916 Cloppenburg, † 20.10.1953 sobre o Rio de la Plata [Argentina]): oficial da Luftwaffe, piloto alemão de bombardeiro mais bem-sucedido na Segunda Guerra Mundial, temporariamente piloto de Albert Speer, 1944 coronel, comodoro do Esquadrão de Combate 200, responsável pelos aviadores camisas alemães,

protestou por escrito no início de 1945 junto a Göring contra a insensata continuação da guerra e entregou seu cargo, participou em 1945 da rendição da cidade de Hamburgo, prisão britânica, 1948 libertado, a partir de 1949 conselheiro militar na Argentina, morreu num vôo de teste.

Baur, Hans (* 19.6.1897 Ampfing, perto de Mühldorf, em Inn, † 17.2.1993 Neuwiddersberg, perto de Herrsching, no lago Ammer [Baviera]): formação comercial, 1915 voluntário de guerra, a partir de 1916 piloto de avião, vice-sargento, 1919/20 Corpo de Voluntários Epp, a partir de 1920 no correio aéreo bávaro, mais tarde no Junkers Luftverkehr, a partir de 1926 Lufthansa, 1932 piloto de Hitler na campanha eleitoral, 1933 encarregado da formação de uma esquadrilha aérea do governo, outubro de 1933 *SS-Standartenführer*, 1934 *Oberführer* no serviço secreto do Reich, 1944 *Brigadeführer*, 1945 *Gruppenführer* da Waffen-SS, tenente-general da polícia, em 1.5.1945 fuga da Chancelaria do Reich, prisão soviética, 1955 libertado.

Beck, Ludwig (* 29.6.1880 Biebrich, próximo de Wiesbaden, † 20.7.1944 Berlim [assassinado]): 1898 aspirante, 1899 tenente, frequentou a escola de artilharia e engenharia, 1908 até 1911 academia de guerra, 1912 designado para o grande Estado-Maior, 1913 capitão, a partir de 1914 no Estado-Maior do XIV Corpo do Exército, a partir de 1917 no Estado-Maior do Grupo do Exército Kronprinz Wilhelm von Preussen, aceito pela Reichswehr, lá também altas funções no Estado-Maior, 1922 no Estado-Maior da 6ª Divisão, 1923 tenente-coronel, 1929 comandante do Regimento de Artilharia 5, 1931 brigadeiro, 1932 tenente-general, 1933 chefe do serviço de tropa no Ministério da Defesa do Reich, 1935 chefe do Estado-Maior do Exército, tentativa de influência política, 1938 general da artilharia, março/abril temporariamente comandante-em-chefe do oeste, exigiu a renúncia coletiva do generalato em 1938 para diminuir o risco de guerra, dispensado como major-general, membro de diversos círculos de oposição, previsto como chefe de Estado no planejamento do golpe de Estado, em 20.7.1944 tentou suicídio, morto a tiro por um suboficial por ordem de Fromm.

Bedford, Williams Sackville Russel Hastings, 12º duque de (* 21.12.1888, † 9.10.1953 [acidente de caça]): estudo em Oxford, mestre em artes, ingresso no Royal Army, participação na Primeira Guerra Mundial, tenente, herdeiro de vários baronatos (entre outros, Streatham, Thornhaugh), 1940 12º duque de Bedford, atividade como ornitólogo, sob observação do serviço secreto britânico MI 5 durante a Segunda Guerra Mundial, devido a contatos com diplomatas e políticos alemães.

Behrens, Manja (* 11.4.1914 Dresden, † 18.1.2003 Dresden): atriz, de 1935 até 1954 no Teatro Estadual de Dresden, além disso papéis em filmes da UFA (1936 *Susanna im Bade*, entre outros), durante a Segunda Guerra Mundial amante de Martin Bormann, ia ocasionalmente para Berghof, após 1945 carreira na DEFA, em filmes de Wolfgang Staudte

e de Konrad Wolf, entre outros (1958 *Sonnensucher*), 1952 atriz convidada no Theater am Schiffbauerdamm (Berliner Ensemble), 1953 até 1967 Volksbühne Berlin, depois Maxim-Gorki-Theater, a partir de 1991 atriz convidada na Suíça e na Áustria (Burgtheater).

Below, Nikolaus von (* 20.9.1907 Jargelin/Greifswald, † 24.7.1983 Detmold): a partir de 1928 formação como piloto civil, 1929 ingresso na Reichswehr, 1932 tenente, 1933 transferência para a Luftwaffe, 1935 Fliegergruppe Döberitz, 1936 capitão de esquadrilha numa esquadrilha de caça, 1937 capitão e ajudante da Luftwaffe junto a Hitler, 1941 major, 1943 tenente-coronel, 1944 coronel, 1945 preso pelo exército britânico, 1948 libertado.

Benes, Edvard (* 28.5.1884 Kozlany/Pilsen, † 3.9.1948 Sezimovo Usti/Tabor): estudo de Economia Política em Praga, Paris, Londres e Berlim, 1909 docente em Ciências Econômicas na Academia de Comércio de Praga, mobilização pela criação de um Estado tchecoslovaco, a partir de 1918 ministro do Exterior da Tchecoslováquia, apoiou-se na França e na União Soviética (1935 Pacto de Mútua Ajuda), 1935 presidente, renúncia após o encerramento do Acordo de Munique, professor em Chicago, 1939 formação do Comitê Nacional Tchecoslovaco em Paris, 1940 presidente do governo do exílio em Londres, 1945 presidente da Tchecoslováquia, posicionou-se contra a transformação em um regime comunista, renúncia em 7.6.1948.

Berger, Heinrich (* ?, † 20.7.1944 perto de Rastenburg [Prússia oriental]): estenógrafo do Congresso Alemão, conselheiro do governo, ferido mortalmente no atentado contra Hitler.

Bergeret, Jean-Marie Joseph (* 1895, † 1956): oficial da Força Aérea francesa, 1938 coronel, serviu na África do Norte, 1939 chefe da Divisão de Operações no quartel-general da Força Aérea francesa, 1940 brigadeiro, co-signatário da trégua francesa em 21.6.1940, de setembro de 1940 até abril de 1942 ministro do Transporte Aéreo francês, 1942 general-de-divisão, de abril de 1942 até novembro de 1942 inspetor da defesa aérea, de novembro de 1942 até março de 1943 alto comissário, chefe da administração civil e militar na África do Norte francesa, em outubro de 1944 preso e condenado à prisão por colaboracionismo.

Bergmüller, Johann, "Hans" (* 10.5.1894 Gunzenhausen [Baviera], † ?): 1914 até 1918 serviço militar, 1919 ingresso na polícia, primeiro-sargento criminal, mais tarde secretário criminal, 1933 transferido para o Estado-Maior do *Reichsführer SS* (Kriminalkommando), rebaixado para o Führer-Begleitkommando, 1934 membro da SS (nº 249997), 1934 *Untersturmführer*, 1937 aceito no NSDAP (nº 4053966), 1938 *Obersturmführer*, 1940, após perturbação da ordem em estado de total embriaguez, condenado por um tribunal da SS e da polícia de Munique a três anos de detenção por desacato e ofensa, pena suspensa por

liberdade condicional, mobilização na Waffen-SS na França e na campanha na Rússia, 1941 expulso do NSDAP e da SS, 1942 anistiado por Himmler e aceito novamente na SS como *Untersturmführer*, a partir de 1942 novamente no Begleitkommando de Hitler, 1943 *Obersturmführer* e, após aprovação de Hitler, nomeado *Kriminalkommissar*, em junho de 1944 aceito novamente no NSDAP e promovido a *SS-Hauptsturmführer*, depois de 20.7.1944 encarregado do interrogatório dos conspiradores, em 1.5.1945 fuga da Chancelaria do Reich, prisão soviética, 1949 libertado.

Bernadotte af Wisborg, Folke Graf (* 2.1.1895 Estocolmo, † 17.9.1948 Jerusalém [assassinado]): sobrinho do rei sueco Gustavo V, 1918 tenente, 1923 mestre da cavalaria, *Regimentsquartiermeister*, a partir de 1928 (após casamento com a filha de um industrial americano) atividade na indústria, diversas missões diplomáticas, 1943 vice-presidente da Cruz Vermelha na Suécia, negociou em abril de 1945 em Lübeck com Himmler, 1946 presidente da Cruz Vermelha na Suécia, 1948 mediador da ONU no conflito da Palestina, assassinado com um tiro por extremistas sionistas após conseguir uma trégua.

Best, Sigismund Payne (* 14.4.1885, † 21.9.1978): importador nos Países Baixos, capitão da “seção Z” do MI-6, em 9.11.1939 raptado pelo serviço secreto (assim chamado incidente Venlo), longos interrogatórios pelo serviço secreto e Gestapo, até 1945 em prisão alemã, após o fim da guerra não foi recolocado.

Betz, Georg (* 15.6.1903 Kolbermoor, próximo de Rosenheim [Baviera], † 2.5.1945 Berlim): eletrotécnico, formou-se piloto pela Lufthansa, a partir de 1932 piloto de grandes distâncias, 1935 *SS-Untersturmführer* no Estado-Maior do *Reichsführer* SS, enviado para a esquadrilha do governo, segundo piloto de Hitler, 1944 *Obersturmbannführer*, foi morto na fuga do *bunker*.

Blaschke, Hugo (* 14.11.1881 Neustadt, na Prússia Ocidental, † 6.12.1959 Nuremberg): estudo de Odontologia na Filadélfia e em Londres, especialização como cirurgia de maxilar, a partir de 1911 consultório próprio em Berlim, durante a Primeira Guerra Mundial dentista-militar em Frankfurt/Oder, dentista de Hermann Göring, a partir de 1933 de Adolf Hitler, 1931 NSDAP, 1935 SS, nomeado professor, 1943 dentista-chefe no Estado-Maior do *Reichsführer* SS, *SS-Brigadeführer* e brigadeiro da Waffen-SS, 1946 preso, 1948 libertado, até a aposentadoria dentista em Nuremberg.

Blomberg, Werner von (* 2.9.1878 Stargard [Pomerânia], † 14.3.1946 Nuremberg): cadete, 1897 tenente, 1905-1908 academia militar, diversas funções no Estado-Maior e nas tropas, 1911 capitão, 1914 oficial de uma divisão da reserva, 1917/18 oficial de Estado-Maior I a no 7º Exército, 1919/20 diretor de repartição no Ministério da Defesa do Reich, depois no Estado-Maior da Brigada Döberitz, respectivamente da Brigada de Defesa do Reich 10, 1921 até 1924 chefe do Estado-Maior da 5ª Divisão e do Círculo de Defesa V, 1925 coronel e diretor de instrução no Ministério da Defesa do Reich, 1927

até 1929 chefe do Departamento das Tropas no Ministério de Defesa do Reich, de 1929 até 1933 comandante da 1ª divisão e comandante no Círculo de Defesa I (Prússia oriental), 1933 general da infantaria e ministro da Defesa do Reich, declarações de lealdade a Hitler, a partir de 1935 ministro da Guerra do Reich e comandante-em-chefe das forças armadas, 1936 marechal-de-campo, em janeiro de 1938 demitido do cargo de ministro e das forças armadas devido ao casamento com uma prostituta condenada anteriormente (foram testemunhas Hitler e Göring), 1945 preso pelos Aliados, morreu na prisão do tribunal de Nuremberg.

Bock, Fedor von (* 3.12.1880 Küstrin an der Oder, † 3.5.1945 Lensahn [Holsácia oriental]): cadete, 1898 tenente, 1910 designado para o grande Estado-Maior, 1914-1918 comandante de batalhão e oficial do Estado-Maior, 1916 chefe de operações no Estado-Maior da 200ª Divisão de Infantaria, 1917 chefe de operações do Grupo do Exército Kronprinz Wilhelm von Preussen, transferência para a Reichswehr, mais altas funções no Estado-Maior, entre outras, 1920 chefe do Estado-Maior no Círculo de Defesa III, tenente-coronel, 1925 coronel, 1926 comandante do Regimento de Infantaria 4, 1929 brigadeiro no Ministério de Defesa do Reich, 1931 tenente-general, 1932 comandante da 2ª Divisão e comandante no Círculo de Defesa II, 1935 general da infantaria e comandante-em-chefe do Gruppenkommando III (Dresden), 1938 comandante-em-chefe do 8º Exército (entrada na Áustria), major-general, 1939 comandante-em-chefe do Grupo do Exército do Norte (campanha na Polônia), depois do Grupo do Exército B (campanha na França) 1940 marechal-de-campo, até dezembro de 1941 chefe do Grupo Central do Exército, janeiro de 1942 até julho de 1942 chefe do Grupo do Exército do Sul, 1942 transferido para a reserva do *Führer*, colocou-se em 1945 à disposição do governo Dönitz, morreu num ataque aéreo.

Bodenschatz, Karl Heinrich (* 10.2.1890 Rehau [Alta-Francônia], † 25.8.1979 Erlangen): 1910 aspirante no Exército bávaro, 1912 tenente, durante a Primeira Guerra Mundial, inicialmente, comandante de pelotão e de companhia, 1916 passou para a tropa de aviação, 1917 ajudante no esquadrão de caça Richthofen, 1919 incorporação pela Reichswehr, diversos postos na infantaria, 1932 major, 1933 chefe do Departamento de Defesa Aérea no Ministério da Defesa do Reich, em setembro de 1933 passou para a Luftwaffe, ajudante-chefe do comandante-em-chefe da Luftwaffe (Göring), 1934 tenente-coronel, 1935/36 ao mesmo tempo ajudante da Luftwaffe junto a Hitler, 1936 coronel e chefe do Departamento do Estado-Maior no Ministério da Aviação, 1937 chefe do Departamento de Ministros, 1938 brigadeiro, 1938/39 oficial de ligação no quartel-general do *Führer*, 1941 general dos aviadores, em 20.7.1944 gravemente ferido, incapacitado para o serviço, 1945 até 1947 prisão, testemunha de defesa de Göring no processo dos principais criminosos de guerra.

Boehm-Tettelbach, Karl (* 1910 nos EUA, † após 1981): 1915 retorno com a família para a Alemanha, 1931 ingresso no Exército, formação de piloto no centro de aviação da Reichswehr em Lipezk (União Soviética), 1934 primeiro-tenente, prova para tradutor de inglês, mais tarde também para francês e russo, 1935 professor na escola de pilotos de caça em Schleissheim, após queda ajudante da Luftwaffe junto ao ministro da Guerra do Reich von Blomberg, 1939 oficial do Estado-Maior no Comando do Distrito Aéreo IV em Dresden, a partir de novembro de 1939 oficial no Estado-Maior do V Corpo de Aviadores, após a campanha na França atividade no Departamento Exterior/Defesa, durante a campanha na Rússia de novo no V Corpo de Aviadores, a partir de maio de 1942 serve no Estado-Maior do comandante da Luftwaffe Centro (Berlim), de agosto de 1943 até junho de 1944 comodoro da Esquadra de Destruição 26, em setembro/outubro de 1944 comandante da Verbandsführerschule junto ao general dos pilotos de caça, tenente-coronel, então designado para a Divisão de Mobilização junto ao subchefe do Estado-Maior de operações no comando superior da Wehrmacht, trabalhou no Estado-Maior da Wehrmacht, em 8.5.1945 participou da negociações da rendição em Berlim-Karlshorst, preso com o governo Dönitz em 23.5.1945, em dezembro de 1945 fuga de um campo de prisioneiros de guerra, 1946 funcionário do Exército dos EUA em Würzburg, 1951 emigração para os EUA, atividade no departamento de treinamento da Panamerican Airways, 1957 Dispatcher License, de 1959 até os anos 70 diretor do aeroporto da PanAm em Nuremberg.

Bohle, Ernst-Wilhelm (* 28.7.1903 Bradford [Inglaterra], † 9.11.1960 Düsseldorf): frequentou a escola na África do Sul, estudo na Alemanha, 1923 comerciante, trabalhou em diversas firmas inglesas e americanas na Alemanha (Chrysler, Hamburgo, entre outras), a partir de 1930 independente como importador, 1932 admissão no NSDAP (nº 999185), 1933 diretor de departamento na direção do NSDAP, de 1933 até 1945 membro do congresso, de 1934 até 1945 diretor de distrito e da organização no exterior do NSDAP, secretário de Estado no Departamento do Exterior, 1936 ingresso na SS como *Brigadeführer* (nº 276915), 1943 SS-*Obergruppenführer*, 1945 preso pelos americanos, testemunha no processo dos principais criminosos de guerra em Nuremberg, acusado no “processo da Wilhelmstrasse”, condenado a cinco anos de prisão, 1949 libertado, depois disso trabalhou como comerciante em Hamburgo.

Boldt, Gerhard (* 1918, † ?): 1937 ingresso na cavalaria, primeiro-tenente da reserva e comandante de esquadrão na seção de reconhecimento da Divisão 158, 1943 mestre-cavaleiro, colocado na Divisão de Exércitos Estrangeiros Leste, 1944 oficial para missões especiais junto ao chefe do Estado-Maior Guderian, e, após a demissão deste, oficial-ordenança do seu sucessor Krebs, após 1945 atividade na Organização Gehlen, mais tarde no Bundesnachrichtendienst (Agência de Notícias Alemã).

Borgman, Heinrich (* 15.8.1912, † abril 1945 Berlim): 1932 ingresso na Reichswehr, 1935 tenente, 1940 primeiro-tenente, capitão e comandante de batalhão no Regimento de Infantaria 46, no final de 1942 major na 3ª Divisão de Campo da Luftwaffe, janeiro de 1943 oficial do Estado-Maior da 327ª Divisão de Infantaria, a partir de junho de 1943 no Estado-Maior da 94ª Divisão de Infantaria, em setembro de 1943 designado para a ajudância da Wehrmacht junto a Hitler, a partir de outubro de 1943 ajudante da Wehrmacht junto a Hitler, ferido no atentado em 20.7.1944, retorno em janeiro de 1945 ao quartel-general do *Führer*, tenente-coronel, a partir de março de 1945 comandante de uma divisão de aspirantes do 12º Exército, foi morto nos combates em Berlim.

Bormann, Albert (* 2.9.1902 Halberstadt, † 8.4.1989 Munique): irmão de Martin Bormann, formação em comércio após a conclusão do ensino médio, a partir de 1922 bancário, 1927 ingresso no NSDAP e na SA, de 1929 até 1931 *Gauführer* da Juventude Hitlerista na Turíngia, 1931 encarregado na Caixa de Auxílios do NSDAP, a partir de outubro de 1931 ativo na chancelaria particular do *Führer*, de 1933 até 1945 diretor da chancelaria particular de Hitler, 1933 SA-*Sturmabteilungsführer*, 1934 ajudante de Hitler, 1938 NSKK-*Brigadeführer* e ajudante no Estado-Maior pessoal de Hitler, ao mesmo tempo *Reichshauptamtsleiter* do NSDAP com a patente de *Oberdienstleiters* do NSDAP, 1940 *Gruppenführer* do NSKK, em 21.4.1945 foi de avião de Berlim para Obersalzberg, depois disso trabalhou como agricultor sob nome falso ("Roth") na Baviera, entregou-se em abril de 1949, detido, libertado em outubro de 1949, viveu no sul da Alemanha.

Bormann, Gerda, nascida Buch (* 23.10.1909 Constança, † 23.3.1946 Meran [Tirol]): filha do supremo juiz do NSDAP Walter Buch, a partir de 1923 formação como professora de jardim de infância, 1929 casamento com Martin Bormann (foram testemunhas Hitler e Hess), nasceram nove crianças dessa união, das quais duas morreram, fugiu para o Tirol em 26.4.1945 após a destruição da propriedade dos Bormann em Obersalzberg, morreu de câncer abdominal.

Bormann, Martin (* 17.6.1900 Halberstadt, † 2.5.1945 Berlim [suicídio]): 1918/19 canhoneiro, após a baixa foi agricultor, membro do Corpo de Voluntários Rosbach, 1922/23 membro do Deutschvölkischen Freiheitspartei, 1923 participou de um assassinato com motivações políticas, 1924 condenado a um ano de prisão, 1925 ingresso no Frontbann, 1927 ingresso no NSDAP (nº 60508), diretor e administrador de distrito na Turíngia, 1928 troca para o Estado-Maior do supremo-comandante da SA, 1930 na direção do NSDAP, diretor da Caixa de Auxílio do NSDAP, 1931 SA-*Standartenführer*, 1933 até 1945 membro do Congresso, a partir de julho de 1933 diretor do Estado-Maior na repartição do vice do *Führer*, desde outubro de 1933 com a patente de um *Reichsleiter*, pessoa de ligação entre Hess e Hitler, responsável pela reforma de Obersalzberg para servir de residência, 1937 transferência para a SS (nº 278267), SS-*Gruppenführer*, a partir de 1938 no

Estado-Maior pessoal de Hitler, 12.5.1941 diretor da Chancelaria do Partido do NSDAP, 12.4.1943 secretário do *Führer*, 1944 ministro do Reich sem área de atuação, em 1.5.1945 tentativa de fuga da Chancelaria do Reich, 1946 condenado à morte, à revelia, como um dos principais criminosos de guerra, 1954 declarado morto oficialmente.

Bornholdt, Hermann (* 30.3.1908 Böningstedt [Holstein], † 1.8.1976 Hamburgo): agricultor, 1929 ingresso no NSDAP (nº 125342), 1931 ingresso na SS (nº 10992), 1933 ingresso no Leibstandarte “Adolf Hitler”, designado para o *Führer*-Begleitkommando, 1939 *Untersturmführer*, 1942 *Obersturmführer*, 1944 *Hauptsturmführer*.

Brandt, Anni, nascida Rehborn (* 25.8.1904 Langenberg, próximo de Bochum, † ?): 1923 e 1924 campeã de natação alemã (100 metros nado livre, 100 metros nado de costas), outros êxitos até 1929, medalha de bronze nas competições européias de 1927, entre outros, desde 1925 amiga de Adolf Hitler, 1931 operada por Karl Brandt após um acidente esportivo, 1932 noivado, apresentou Brandt em 1933 a Hitler, 1934 casamento (foram testemunhas Hitler e Göring), pertenceu até 1945 ao círculo mais próximo de Hitler, viveu após o fim da guerra no norte da Alemanha.

Brandt, Heinz (* 11.3.1907 Berlim-Charlottenburg, † 22.7.1944 Rastenburg [Prússia oriental]): 1925 ingresso na Reichswehr, 1928 tenente, 1932 até 1936 Escola de Cavalaria de Hannover, primeiro-tenente, competidor nos Jogos Olímpicos de Berlim (equitação/salto), 1936 mestre da cavalaria, 1936 até 1938 academia de guerra, 1938 oficial de Estado-Maior na 25ª Divisão, 1940 no Estado-Maior da 297ª Divisão de Infantaria, major, mudança para a divisão de operações do alto-comando do Exército, 1942 tenente-coronel, 1943 coronel, gravemente ferido no atentado contra Hitler em 20.7.1944, morreu no hospital de Rastenburg, nomeado postumamente brigadeiro.

Brandt, Karl (* 8.1.1904 Mühlhausen [Alsácia], † 2.6.1948 Landsberg am Lech [executado]): estudo de medicina, 1928 doutorado em medicina, especialização cirúrgica no hospital Bergmannsheil em Bochum, 1932 ingresso no NSDAP (nº 1009617), 1933 mudança para a Clínica Cirúrgica Universitária na Ziegelstrasse, em Berlim, 1934 ingresso na SS, *Unterscharführer*, médico no Begleitkommando de Hitler, 1937 *Sturmabführer* no Estado-Maior da repartição central da SS, primeiro médico na clínica cirúrgica, 1939 serviço militar no SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”, após o retorno da expedição na Polônia foi confiada a ele a execução do programa de assassinato dos doentes mentais (“programa de eutanásia”), 1940 professor adjunto, designado junto a Hitler, durante o período da guerra, procurador especial de Hitler no campo dos serviços sanitários, 1942 coordenador dos serviços sanitários civis e militares, 1943 comissário-geral dos serviços de saúde e sanitários, autorização especial para pesquisa na medicina (iniciador das experiências com seres humanos nos campos de concentração), 1944 comissário do Reich para os serviços de saúde e sanitários, membro do conselho de pesquisas do Reich, *SS-Gruppenführer* e

tenente-general da Waffen-SS, dispensado como médico-assistente por Morell após conflitos pelo tratamento de Hitler, em 16.4.1945 preso pela SS por ordem de Hitler, por ter retirado mulher e filho de Berlim sem consentimento, condenado à morte em 17.4, detido, em 3.5.1945 libertado em Flensburg, em 23.5 preso junto com o governo Dönitz, 1947 condenado à morte no processo dos médicos em Nuremberg.

Brauchitsch, Walther von (* 4.10.1881 Berlim, † 18.10.1948 Hamburgo): cadete, 1900 tenente, 1909 até 1912 academia de guerra, 1913 capitão, designado para o grande Estado-Maior, diversas funções no Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, 1919/20 atuou em postos de desenvolvimento, admissão na Reichswehr, 1922 ingresso no Ministério da Defesa do Reich, a partir de 1925 funções nas tropas, tenente-coronel, 1927 chefe do Estado-Maior da 6ª Divisão e da Circunscrição de Defesa VI, 1929 diretor de departamento no Ministério da Defesa do Reich, 1931 brigadeiro, 1932 inspetor da artilharia, 1933 comandante da 1ª Divisão de Infantaria e comandante na Circunscrição de Defesa I, tenente-general, 1935 general da artilharia, general comandante do I Corpo do Exército, 1937 comandante supremo do Gruppenkommando 4, fevereiro de 1938 major-general, comandante supremo do Exército, 1940 marechal-de-campo, após a fracassada ofensiva contra Moscou em 19.12.1941 foi transferido para a reserva do *Führer*, desde 1946 prisioneiro dos britânicos.

Bräuer, Curt (* 24.2.1889 Breslau, † 8.9.1969 Wiesbaden): estudo de Direito, assessor de tribunal, participou da guerra, 1920 ingresso no serviço de relações exteriores, vice-cônsul na Cidade do Cabo, posteriormente cônsul em Pretória (África do Sul), 1926 serviço de relações exteriores em Berlim, 1928 conselheiro de legação, 1930 conselheiro enviado em Bruxelas, 1931 conselheiro enviado 1ª classe, 1935 admissão no NSDAP (membro nº 2553264), 1937 encarregado especial do Departamento do Exterior, a partir de novembro de 1937 conselheiro da embaixada em Paris, a partir de novembro de 1939 enviado de 1ª classe em Oslo, 1940 Wehrmacht, no final de 1940 foi excluído do serviço diplomático.

Braun, Eva, mais tarde Eva Hitler (* 6.2.1912 Munique, † 30.4.1945 Berlim [suicídio]): curso comercial, recepcionista em um consultório médico, mais tarde trabalhou com o fotógrafo Heinrich Hoffmann, 1929 travou conhecimento com Hitler, a partir de 1930 encontros ocasionais, após a morte de Geli Raubal relação mais íntima, 1932 e 1935 tentativas de suicídio, desde 1936 constantemente com Hitler, apartamento próprio, respectivamente aposentados, em Berghof e nos QGs do *Führer*, a partir de 7.3.1945 permanentemente em Berlim, em 28.4.1945 casamento com Adolf Hitler (foram testemunhas Goebbels e Martin Bormann), suicídio junto com Hitler.

Braun, Franziska (* 12.12.1885 Geiselhöring, perto de Munique, † 13.1.1976 Ruhpolding): dona-de-casa e mãe de Eva, Margarete e Ilse Braun.

Braun, Friedrich Wilhelm, "Fritz" (* 17.9.1879 Stuttgart, † 22.1.1964 Ruhpolding): pai de Eva Braun, marceneiro, projetista de móveis, mestre de ofício, 1914 voluntário de guerra, primeiramente numa divisão de esquis, após adoecimento contador, 1919 segundo-sargento no Corpo de Voluntários Oberland, a partir de 1920 novamente mestre de ofício, 1921 separação de Franziska Braun, 1922 novo casamento com Franziska Braun, *Stahlhelm*, a partir de 1934 NSKK, 1937 NSDAP (nº 5021670), 1944 chefe de administração de um hospital da reserva, após 1945 auxiliar de marcenaria, depois desempregado.

Braun, Ilse (* 1909 Munique, † 28.6.1979 Munique): irmã mais velha de Eva Braun, colégio interno, secretária, a partir de 1937 secretária de Albert Speer, após poucas semanas dispensa e casamento, 1940/41 voluntária no *Deutschen Allgemeinen Zeitung*, a partir de 1941 redatora no folhetim, 1941 separação, casamento renovado, mudança para Breslau, 1945 fuga para Obersalzberg, detida por pouco tempo, depois em Ruhpolding, mais tarde em Heidelberg e Munique.

Braun, Margarete, "Gretl", Fegelein de casada (*31.8.1915 Munique, † 10.10.1987 Steingaden [Baviera]): irmã mais nova de Eva Braun, liceu, colégio conventual, a partir de 1932 funcionária do fotógrafo Hoffmann, a partir de 1943 frequentou o Estabelecimento Público de Ensino de Fotografia da Baviera, amiúde com a sua irmã Eva, em 3.6.1944 casamento com Hermann Fegelein (foram testemunhas Himmler e Martin Bormann), 1945 no Berghof, em 5.5.1945 nascimento de uma filha em Garmisch, mudança para Munique, 1954 casamento com um representante têxtil.

Braun, Wernher von (* 23.3.1912 Wirsitz, perto de Posen, † 16.6.1977 Alexandria, perto de Washington): engenheiro, a partir de 1932 empregado no Departamento de Armas do Exército (Posto de Experimentos Kummersdorf), desenvolvimento de foguetes de combustível líquido, 1934 engenheiro, 1937 diretor técnico do desenvolvimento de foguetes na instalação de testes Peenemünde, ingresso no NSDAP, 1940 SS-*Sturmabführer*, a partir de 1943 deslocamento dos locais de produção do foguete A4 ("arma de retaliação 2") para a região do Harz no campo de concentração Dora-Mittelbau, entre outros, 1945 fuga para a Baviera, detido por tropas americanas, no âmbito da Operação *Paperclip* voou juntamente com colaboradores de alto escalão para os EUA, lá participou do desenvolvimento de armas, 1955 naturalizou-se, 1960 diretor do George C. Marshall Space Flight Center em Huntsville (Texas), participou do programa espacial Apollo, 1970 diretor do Departamento de Planejamento da NASA.

Brückner, Wilhelm (* 11.12.1884 Baden-Baden, † 18.8.1954 Herbstdorf [Chiemgau]): estudo de economia política e legal, 1914 até 1918 serviço militar como primeiro-tenente, 1919 Corpo de Voluntários Epp, 1920 técnico de filmagem na Arri-Film Munique, 1922 NSDAP, comandante de regimento da SA em Munique durante o golpe de Hitler,

preso, 1924 libertado, trabalhou como funcionário de associação, professor de tênis e representante de artigos esportivos, 1930 reingresso no NSDAP (nº 298623), ajudante da SA de Hitler, de 1930 até 1933 segundo-ajudante pessoal de Hitler, 1932 SA-*Oberführer*, de 1934 até 1940 ajudante-chefe de Hitler, 1934 SA-*Obergruppenführer*, de 1936 até 1945 membro do Congresso, 1940 demitido do cargo de ajudante-chefe após desavença com Hitler, convocação para a Wehrmacht como major, 1944 tenente-coronel, 1945 coronel, de 1945 até 1948 detido pelo Exército dos EUA.

Brugmann, Walter (* 2.4.1887 Leipzig, † 26.5.1944): arquiteto, 1912 engenheiro, serviço militar, 1920 ingresso no serviço municipal em Stargard, 1922 mudança para o Departamento de Edificações da cidade de Nuremberg, seu diretor a partir de 1925, de 1928 até 1940 Conselho Municipal de Obras e diretor do Departamento de Edificações, atuação principalmente em planejamento urbano, projetos próprios de edificações industriais e comerciais, 1933 ingresso no NSDAP (nº 3181417), 1934 incumbido por Speer da direção da construção da sede do Partido, 1937 título de professor, 1940 diretor-geral de obras para a reorganização de Berlim e diretor do Estado-Maior de obras de Speer na Rússia.

Buchholz, Heinz (* ?, † após 1945): estenógrafo no QG do *Führer*.

Büchs, Herbert (* 20.11.1913 Beuthen [Alta-Silésia], † 19.5.1996 Meckenheim, perto de Bonn): estudo de economia política, 1935 ingresso na Marinha do Reich, mudança para a Luftwaffe, 1937 tenente, 1939 piloto na Esquadrilha de Combate 77, 1941 Academia de Guerra Aérea, a partir de outubro de 1942 capitão no Estado-Maior do Luftwaffenkommando Don, a partir de março de 1943 no Estado-Maior do VIII Corpo de Aviadores, a partir de agosto de 1943 major no Estado-Maior da Luftwaffe, no Estado-Maior do I Corpo de Aviadores, a partir de novembro de 1943 no Estado-Maior da Wehrmacht, 1945 prisioneiro dos americanos, após a libertação foi funcionário comercial e tradutor, 1957 ingresso na Bundeswehr como major, professor na academia da Luftwaffe, mais tarde na academia de comando, 1958 tenente-coronel, 1960 coronel, 1962 diretor de subdepartamento no Estado-Maior da Luftwaffe no Ministério da Defesa, brigadeiro, 1964 chefe do Estado-Maior da Bundeswehr, após reestruturação chefe do Estado-Maior da Divisão Forças de Combate, respectivamente chefe do Estado-Maior do inspetor-geral da Bundeswehr, 1964 brigadeiro, 1967 tenente-general, vice-inspetor-geral, 1971 constituiu uma agência gerenciadora para sistemas de telefonia (NIOS) por incumbência da OTAN, 1974 aposentadoria.

Buhle, Walter (* 26.10.1894 Heilbronn, † 27.12.1959 Stuttgart): 1913 cadete num regimento de infantaria, durante a Primeira Guerra Mundial comandante num batalhão lança-minas, entre outros, 1919 admissão na Reichswehr, diversas funções em regimentos de infantaria, 1924 designado para o Departamento de Instrução do Ministério da

Defesa do Reich, 1926 designado para o Arquivo do Reich, ingresso na Divisão de Operações do alto-comando do Exército, 1930 chefe de companhia num regimento de infantaria, 1932 retorno para a Divisão de Operações, 1936 tenente-coronel e comandante de batalhão, 1937 oficial no Estado-Maior do V Corpo do Exército, 1938 chefe da Divisão de Operações no alto-comando do Exército, 1939 coronel, 1940 brigadeiro, a partir de fevereiro de 1942 chefe do Estado-Maior do Exército no alto-comando leste, 1944 general de infantaria, representante do Departamento de Organização do Exército no quartel-general do *Führer*, em 1.2.1945 nomeado chefe de armamento da Wehrmacht.

Bullit, William C. (* 25.1.1891 Filadélfia, † 15.2.1967 Paris): estudo de Direito sem conclusão, jornalista, correspondente de guerra na Europa durante a Primeira Guerra Mundial, após o ingresso dos EUA na guerra, diretor do Departamento Secreto para Assuntos da Europa Central no Departamento de Estado, 1919 negociações com Lenin, a partir de 1921 atividade de aconselhamento político, mais tarde escritor, 1933 chamado de volta para o serviço público por Roosevelt, primeiro embaixador americano em Moscou, 1936 chamado de volta por desejo da União Soviética (ligações com "círculos trotskistas"), 1936 embaixador em Paris, 1940 chamado de volta, enviado especial para o Oriente Próximo, atividade no Marine Department, 1944 correspondente da revista *Life*, a partir de agosto de 1944 no Estado-Maior de Charles de Gaulle, chefe da condução de guerra psicológica, a partir de 1949 atividade como escritor, diversas missões diplomáticas, na China, entre outras (1949).

Burgdorf, Wilhelm (* 14.2.1895 Fürstenwalde, † 2.5.1945 Berlim): 1914 cadete, 1915 tenente, 1919 incorporado pela Reichswehr, diversas funções nas tropas, 1930 capitão e chefe de companhia, 1935 major e professor de táticas na escola de guerra de Dresden, 1937 ajudante no comando geral do IX Corpo do Exército, 1938 tenente-coronel, 1940 comandante de um regimento de infantaria, coronel, 1942 brigadeiro e chefe da 2ª Divisão do Departamento de Pessoal do Exército, no mesmo ano vice-chefe do departamento, 1943 tenente-general, 1944 general da infantaria, chefe do Departamento de Pessoal do Exército e, sucedendo Schmundt, ajudante-chefe da Wehrmacht junto a Hitler.

Busch, Ernst (* 6.7.1885 Essen-Steele, † 17.7.1945 acampamento Aldershot, em Londres): cadete, 1904 tenente, diversas funções nas tropas, 1912/13 Escola de Guerra de Kassel, durante a Primeira Guerra Mundial comandante de companhia e de batalhão, capitão, 1919 Corpo de Voluntários Watter, transferência para a Reichswehr, 1921 diversas funções no Estado-Maior, 1925 major, ingresso no Ministério de Defesa do Reich, a partir de 1928 no Estado-Maior da 2ª Divisão, 1930 tenente-coronel e comandante de batalhão, 1932 coronel e comandante de um regimento de infantaria, 1935 brigadeiro, comandante da 23ª Divisão, 1938 general de infantaria, general comandante do VIII Corpo do Exército, 1940 major-general, supremo comandante do 16º Exército, 1943 marechal-

de-campo, de outubro de 1943 até junho de 1944 chefe do Grupo Central do Exército, transferido para a reserva do *Führer*, a partir de 20.3.1945 supremo comandante do Grupo do Exército Nordeste, em 23.3.1945 prisão britânica, morreu de infarto.

Busse, Theodor (* 15.12.1897 Frankfurt/Oder, † 21.10.1986 Wallerstein): 1915 cadete, 1917 tenente, serviço militar num regimento de infantaria, incorporado pela Reichswehr, 1925 primeiro-tenente, 1929 no Estado-Maior da 5ª Divisão, 1932 capitão, 1936 major, a partir de 1937 Estado-Maior da 22ª Divisão, 1939 tenente-coronel, 1940 oficial no Estado-Maior do 11º Exército, 1941 coronel, 1942 oficial no Estado-Maior do Grupo do Exército Don, mais tarde Sul, 1943 major-general e chefe do Estado-Maior do Grupo do Exército Sul, 1944 general comandante do I Corpo do Exército e general de infantaria, a partir de 9.1.1945 comandante supremo do 9º Exército, em 6.5.1945 prisioneiro; após a libertação, Busse viveu em Württemberg.

Canaris, Wilhelm (* 1.1.1887 Aplerbeck, perto de Dortmund, † 9.4.1945 KZ Flossenbürg [executado]): 1905 ingresso na Marinha, 1914 participou da batalha nas ilhas Falkland, detido no Chile, fuga, 1916 atividade no serviço de informações na Espanha, 1917 comandante de submarino, 1919/20 organização de defesas de moradores, participou do Golpe Kapp, a partir de 1920 no Estado-Maior da Armada do mar Báltico, 1932 comandante do navio de linha *Schlesien*, 1935 chefe do Departamento do Exterior/Defesa no Ministério da Guerra do Reich (a partir de 1938 do alto-comando da Wehrmacht), a partir de 1938 contatos com grupos de resistência, em fevereiro de 1944 demitido, devido ao desmascaramento de diversos colegas como agentes duplos, em 23.7.1944 preso, condenado à morte em 8.4.1945 por um conselho de guerra, devido a ligações com os conspiradores do atentado de 20 de julho.

Cavalero, Ugo Conte (* 20.9.1880 Casale Monferrato [Itália], † 10.9.1943 Frascati bei Rom [suicídio]): militar de carreira, primeiro na tropa montanhesa, depois formação para o Estado-Maior, 1917 coronel, a partir de novembro de 1917 chefe da Divisão de Operações do alto-comando do Exército italiano, a partir de 1920 atividade na indústria, 1925 subsecretário de Estado no Ministério da Guerra, 1926 senador, 1927 tenente-general, 1928 título de nobreza, diversas missões políticas, 1938 alto comandante na Guerra da Abissínia, 1940 chefe do Estado-Maior italiano, ao mesmo tempo 1940/41 comandante-em-chefe na Albânia, 1942 marechal da Itália, 1943 preso pelo governo Badoglio, libertado por tropas alemãs, suicidou-se imediatamente depois, por temer represálias por ter mantido conversações com os opositores de Mussolini.

Chamberlain, Arthur Neville (* 18.3.1869 Birmingham, † 9.11.1940 Heckfield, próximo de Reading [Berkshire]): formação comercial, estudos metalúrgicos, 1890 fazendeiro nas Bahamas, a partir de 1897 político municipal em Birmingham, 1915/16 prefeito, a

partir de 1918 membro da Câmara dos Comuns, desde 1922 diversos postos de ministro, entre outros de 1924 até 1929, 1931 até 1935, 1935 até 1937, chanceler do Tesouro, 1937 até 1940 primeiro-ministro; representante mais identificado com a política de *appeasement* em relação à Alemanha, em 10.5.1940 demissão.

Christian, Eckhard (* 1.12.1907 Berlim-Charlottenburg, † 1985): 1926 ingresso na Marinha, 1930 tenente-do-mar, 1934 como primeiro-tenente para a Luftwaffe, cursou a escola de pilotos de reconhecimento (Mar) em Warnemünde, 1935 capitão, a partir de 1938 no Ministério da Aeronáutica do Reich, 1940 major, 1941 oficial de Estado-Maior junto ao chefe do Estado-Maior da *Wehrmacht*, representante de Jodl no quartel-general do *Führer*, 1942 tenente-coronel, 1943 coronel, 1944 brigadeiro e chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, voou em 22.4.1945 para Schleswig-Holstein, aprisionado em 8.5.1945 pelos ingleses com o governo Dönitz, 1947 libertado, viveu na Alemanha Ocidental.

Christian, Gerda, nascida Daranowski (* 13.12.1913 Berlim, † 14.4.1997 Düsseldorf): funcionária administrativa numa loja de roupas, 1937 secretária na ajudância pessoal de Hitler, atividades em diversos quartéis-generais do *Führer*, 1943 casamento com Eckhard Christian, em 1.5.1945 fuga bem-sucedida para a Alemanha Ocidental.

Churchill, Winston (* 30.11.1874 Blenheim Palace [Oxfordshire, Inglaterra], † 24.1.1965 Londres): formação na Academia Militar de Sandhurst, tenente da cavalaria, correspondente de guerra em Cuba, Índia e África do Sul, lá prisão, fuga, a partir de 1900, deputado conservador na Câmara dos Comuns, 1904 até 1922 como liberal, de 1924 até 1965 novamente como deputado conservador, por pouco tempo ministro do Comércio e do Interior, 1911 até 1915 Primeiro Lorde do Almirantado, 1917 Ministro da Munição, 1919 até 1921 ministro da Guerra e da Aeronáutica, 1924 até 1929 chanceler do Tesouro, opositor da política de *appeasement* de Chamberlain, 1939/40 novamente Primeiro Lorde do Almirantado, 1940 primeiro-ministro de uma coalizão de todos os partidos, em 12.7.1941 conclusão de um acordo de defesa com a União Soviética, aproximação reforçada com os EUA, coordenação juntamente com Roosevelt dos objetivos da guerra (Carta do Atlântico, de 14.8.1941), excluído da configuração da Europa do pós-guerra com a derrota nas eleições na primavera de 1945, a partir de 1951 terceiro mandato como primeiro-ministro, 1955 demissão, 1953 Prêmio Nobel de Literatura.

Chuciov, Vassili I. (* 12.2.1900 Serebrjannyje Prudy/Moscou, † 18.3.1982 Moscou): serralheiro, 1917 marinheiro, 1918 ingresso no Exército Vermelho, desde 1919 membro do Partido Comunista da Rússia (bolchevique), nomeação no mesmo ano como comandante de regimento, de 1922 até 1925 freqüentou a Academia Militar de Frunse, depois, até 1927, estudo na Faculdade do Leste da Academia Militar, depois conselheiro militar na China, 1935 curso na Academia para Mecanização e Motorização do Exército Vermelho, depois diversos comandos em unidades blindadas, comandante do 9º Exército na

guerra soviético-finlandesa, 1942 comandante do 62º Exército, mobilização em Stalingrado, desde abril de 1943 comandante do 8º Exército de Guarda, 1945 participou dos combates em Berlim, 1945/46 chefe da administração militar da Turíngia, de 1946 até 1949 vice-comandante-em-chefe, de 1949 até 1953 comandante-em-chefe das tropas de ocupação soviéticas na Alemanha, ao mesmo tempo chefe da Comissão de Controle Soviética, de 1952 até 1961 candidato, a partir de 1961 membro do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, de 1953 até 1960 chefe do distrito militar de Kiev, 1955 marechal, de 1960 até 1964 alto-comandante das forças armadas nacionais, após a queda de Kruchev chefe da Defesa Civil soviética, 1972 transferido para o grupo dos inspetores-gerais do Ministério da Defesa.

Chvalkovsky, Frantisek (*30.7.1885 Jilové [Boêmia], † 25.2.1945 perto de Berlim): estudo de Direito na Universidade de Praga, 1908 formatura como doutor, 1909/10 cursou a Escola Superior de Comércio em Londres, de 1914 até 1916 participou da Primeira Guerra Mundial no exército real-imperial, de 1916 até 1918, advogado em Praga, 1919/20 secretário particular do ministro do Interior e diretor do parlamento da Assembléia Nacional Tcheco-Eslovaca, 1920/21 diretor da seção política do Ministério do Exterior, 1921 até 1923 enviado em Tóquio, 1923 a 1925 em Washington, 1925 a 1927 membro da Câmara dos Deputados da Assembléia Nacional pelo Partido Republicano, 1927 a 1932 enviado em Berlim, 1932 a 1938 em Roma, 1938/39 ministro do Exterior tcheco-eslovaco, depois enviado do protetorado Boêmia e Morávia em Berlim, morreu em um ataque aéreo americano na auto-estrada perto de Berlim.

Ciano di Cortelazzo, Galeazzo Conte (* 18.3.1903 Livorno, † 11.1.1944 Verona [executado]): estudou Direito, a partir de 1925 no serviço diplomático, trabalhou na América do Sul e na China, entre outros, 1930 casamento com a filha de Mussolini, Edda, 1933 chefe de Imprensa de Mussolini, 1935 ministro da Propaganda, 1936 até 1943 ministro do Exterior da Itália, votou em 1943 no Grande Conselho Fascista pela deposição de Mussolini, preso por tropas alemãs, condenado à morte por um tribunal especial na Repubblica Sociale Italiana de Mussolini.

Codreanu, Corneliu (* 13.9.1899 Husi [Romênia], † 30.11.1938 perto de Tincabeni [Romênia; assassinado]): estudo de Direito, doutor, 1923 fundador da Liga Antijudaica na União Nacional Cristã, foi levado várias vezes a julgamento e absolvido devido aos ataques terroristas dos seus membros, 1927 fundação da Legião do Arcanjo Miguel, da qual surgiu a Guarda de Ferro, 1932 deputado do Parlamento romeno, enérgica desestabilização da monarquia romena, 1938 preso depois da criação da ditadura real de Carlos II, condenado a dez anos de trabalhos forçados, assassinado provavelmente por ordem do rei.

Conti, Leonardo (* 24.8.1900 Lucerna [Suíça], † 6.10.1945 Nuremberg [suicídio]): estudo de medicina, combatente voluntário, 1922 Deutschvölkische Freiheitspartei, 1923

formatura como doutor em medicina, 1923 ingresso na SA, a partir de 1925 clinicou em Berlim, 1927 NSDAP, constituição do serviço sanitário da SA, fundador da União dos Médicos NSD, 1930 SS, 1932 membro da Assembléia da Prússia, 1933 convocação para o Ministério do Interior prussiano, 1939 até 1944 *Reichsgesundheitsführer*, diretor da Central de Saúde Pública na direção do NSDAP, 1944 SS-*Obergruppenführer*, inicia experiências com seres humanos em campos de concentração, participou do morticínio de doentes mentais ("programa de eutanásia"), preso em maio de 1945 em Flensburg e transferido para a prisão judicial de Nuremberg.

Coulondre, Robert (* 11.9.1885 Nîmes, † 1959): estudo de Direito, ingresso no serviço diplomático, 1919 cônsul em Marrocos, 1920 membro da delegação nas negociações franco-soviético/russas, depois no Ministério do Comércio, de 1929 a 1932 procurador francês em negociações internacionais, 1934 diretor da Divisão Política do Ministério do Exterior, de 1936 a 1938 embaixador francês em Moscou, a partir de 1938 embaixador em Berlim, chamado de volta em março de 1939, 1939/40 ministro do Exterior, 1940 embaixador em Berna, foi aposentado no mesmo ano, 1945 membro da Comissão de Reparação em Moscou.

Crockett, James C. (* 1893, † 1973): coronel do Exército dos EUA, de 1933 a 1939, ajudante do adido militar dos EUA em Berlim, 1941 oficial do serviço secreto nas Forças de Combate Blindado dos EUA, 1944 colaborador do adido militar dos EUA em Moscou.

Daladier, Edouard (* 18.6.1884 Carpentras [Departement Vaucluse, França], † 11.10.1970 Paris): professor de história e geografia, de 1919 até 1940 e de 1946 até 1958 deputado do Partido Socialista Radical, várias vezes presidente deste partido (1927 a 1931, 1935 a 1938, 1957/58), diversos cargos ministeriais em governos efêmeros (1924/25 ministro das Colônias, 1925/26 ministro do Ensino, 1930/31/32 ministro do Trabalho), 1933 presidente do Conselho de Ministros, 1934 primeiro-ministro e ministro do Interior, 1936 a 1938 ministro da Defesa da Frente Popular, 1938 a 1940 primeiro-ministro e ministro da Defesa, 1939/40 também ministro do Exterior, 1938 signatário do Pacto de Munique, 1939 reconhecimento da Espanha de Franco, em 21.3.1940 deixou de ser primeiro-ministro, porém continuou ministro da Guerra, em 8.9.1940, por exigência do governo Pétain, foi preso no Marroco Francês, 1942, devido a sua co-responsabilidade pela derrota de 1940, foi levado a um tribunal, 1943 extraditado para a Alemanha, 1945 libertado, 1947 a 1954 dirigente da União dos Republicanos de Esquerda, opositor da guerra do Vietnã, dos tratados de defesa europeus e da constituição da V República.

Dänicke, possivelmente Kurt (* 7.10.1902 Berlim, † ?): engenheiro na Guatemala, 1939 retorno para a Alemanha, admissão no NSDAP (nº 7139310), serviço militar como cadete, escrevente no Estado-Maior da Wehrmacht.

Daranowski, Gerda (ver Christian, Gerda).

Deverell, Cyrril John (* 9.11.1874, † 1947): 1895 ingresso no Exército, serviço militar na Índia, 1907 formação no Estado-Maior, 1908 retorno para a Índia, a partir de 1912 no Estado-Maior das Forças Armadas Coloniais, 1914 até 1919 serviço militar na British Expeditionary Force na Bélgica e França, como comandante-de-divisão, entre outros, de 1919 a 1921 em Gales, de 1921 até 1925 comandante de distrito na Índia, de 1927 até 1930 chefe de quartel-general na Índia, 1930/31 chefe de Estado-Maior na Índia, de 1931 a 1933 general-comandante do Eastern Command, de 1933 a 1936 general-comandante do Western Command, 1936/37 chefe do Estado-Maior das Forças Armadas Britânicas, 1937 aposentadoria.

Diesing, Kurt (* 3.9.1885 Magdeburgo, † 1941 ?): escola de comércio, ajudante no serviço de meteorologia, início de um estudo de mecânica na Universidade Halle, 1915 até 1918 serviço militar como aeronauta e observador de balões, depois estudo de matemática e ciências em Königsberg e Leipzig, assistente no Instituto Geofísico de Leipzig, 1923 formatura como doutor em ciências naturais com uma dissertação sobre as consequências de uma “frente de calor”, conselheiro de educação em Magdeburgo, Zeitz, Breslau, Alemanha Central, 1933 admissão no NSDAP (nº 2006316), a partir de 1939 serviço militar no Exército, meteorologista relator nos planejamentos das conquistas da Dinamarca e Noruega.

Dietrich, Josef, “Sepp” (* 25.5.1892 Hawangen [Unterallgäu], † 21.4.1966 Ludwigsburg): cocheiro, técnico em hotelaria, 1911 soldado, combatente, 1919 primeiro-sargento no Regimento de Defesa I de Munique, 1920 a 1927 na polícia nacional bávara, temporariamente no Corpo de Voluntários Oberland, 1923 NSDAP, participou do golpe de Hitler, 1928 reingresso no NSDAP (nº 89015) e ingresso na SS como *Sturmabannführer* (nº 1177), 1929 *Standartenführer*, dirigente da brigada da SS Bayern, 1930 *Oberführer*, 1930 a 1945 membro do Parlamento, 1933 encarregado da formação dos Leibstandarte “Adolf Hitler”, 1934 SS-*Obergruppenführer*, a partir de 1939 serviço militar, 1941 general Waffen-SS, 1942 comandante-de-divisão, 1944 *Oberstgruppenführer* e major-general das Waffen-SS, alto comandante do 5º, posteriormente do 6º Exército Blindado da SS, preso em 8.5.1945 na Áustria, 1946 condenado à prisão perpétua por crimes de guerra (Processo Malmedy), 1955 posto em liberdade, 1957 condenado a 18 meses de prisão pela cumplicidade em homicídio durante as disputas pelo poder em 1934 (Golpe de Röhm), 1959 posto em liberdade.

Dietrich, Otto (* 31.8.1897 Essen, † 22.11.1952 Düsseldorf): voluntário de guerra, mais tarde tenente, a partir de 1918, faculdade de filosofia e ciências políticas, 1921 formatura como doutor em ciências políticas, funcionário de associação na região do Ruhr, 1926 redator de jornal, 1929 ingresso no NSDAP (nº 126727), 1930/31 vice-redator-chefe da

Essener Nationalzeitung, 1931 a abril de 1945 chefe de imprensa do NSDAP, 1933 SS (nº 101349), 1934 SS-*Brigadeführer*, 1941 SS-*Obergruppenführer*, 1936 até 1945 membro do Parlamento, 1937 a 1945 secretário de Estado no Ministério da Propaganda, 1938 a 1945 chefe de Imprensa do governo do Reich, 1945 preso, 1947 acusado no Processo da Wilhelmstrasse, 1949 condenado a sete anos de prisão, 1950 posto em liberdade, depois trabalhou em cargo de direção numa empresa de transportes.

Dirr, Adolf (* 14.2.1907 Munique, † ?): ferreiro, boxeador semiprofissional (peso pluma), 1929 SA e NSDAP, 1932 ingresso no Führer-Begleitkommando, 1934 *Untersturmführer*, 1944 *Hauptsturmführer*, em 22.4.1945 fugiu para Obersalzberg, detido em maio de 1945, 1948 posto em liberdade, viveu no sul da Alemanha; erroneamente qualificado de *Obersturmbannführer* no *Dossiê Hitler*.

Dodd, William E. (* 1869, † 1940): curso de história e ciências sociais na Universidade de Leipzig, doutor em filosofia, trabalhou como historiador, dissertações sobre a História dos EUA no século XIX; de 1900 a 1908, professor de ensino secundário, de 1908 a 1933, professor na Universidade de Chicago; de 1933 a 1938, embaixador em Berlim; autor de relatórios críticos sobre a política alemã, tradutor do manual da Juventude Hitlerista para o inglês; apoiou a emigração dos judeus para os EUA; foi espiado por sua filha Martha durante o tempo em que foi embaixador, por incumbência do serviço secreto soviético NKVD.

Dollmann, Eugen (* 21.8.1900 Regensburg, † 17.5.1985 Munique): curso de nova filologia, doutor em filosofia, desde 1927 estudo de arquivos na Itália e no Vaticano, 1934 em Roma; ingresso no NSDAP (nº 3402541), membro no Estado-Maior do *Reichsführer* SS Himmler, 1937 *Obersturmführer*, 1938 *Hauptsturmführer*, 1941 oficial de ligação da SS junto a Mussolini, utilizado como tradutor, entre outros, 1941 *Obersturmbannführer*, 1943 SS-*Standartenführer*, mobilização para o Vaticano e a casa real italiana, 1945 participou nas negociações de rendição na Itália, preso em maio de 1945 por tropas americanas juntamente com seu preposto Wolff, entregue ao serviço secreto britânico, 1946 fuga de um campo de prisioneiros de guerra, nova fuga para a Espanha com a ajuda da Igreja Católica, lá exerceu atividade jornalística e científica.

Dönitz, Karl (* 16.9.1891, Berlim, † 24.12.1980 Aumühle, Hamburgo): 1910 cadete da Marinha, 1913 tenente da Marinha, 1916 mudança para a força submarina, 1918 comandante de um submarino, de outubro de 1918 a julho de 1919 prisão de guerra britânica, após o retorno comandante de um torpedeiro, 1923/24 relator no Serviço de Submarinos na inspeção do Serviço de Torpedos e Minas, 1924 curso de Estado-Maior da Armada, 1924 a 1927 diretor da Divisão de Marinha do Ministério da Defesa do Reich, 1928 capitão-de-corveta, chefe da 4ª Meia-Flotilha de Torpedeiros, 1930 a 1934 primeiro-oficial do Estado-Maior da Armada na estação da Marinha no mar do Norte, 1933

capitão-de-fragata, 1934 comandante do cruzador *Emden*, 1935 capitão-do-mar, 1935/36 capitão da flotilha de submarinos *Weddingen*, 1936 dirigente, respectivamente, a partir de 1939, comandante da Força Submarina, 1939 contra-almirante, 1942 almirante, 1943 grão-almirante e comandante supremo da Marinha de Guerra, em 30.4.1945 nomeado por Hitler presidente do Reich e comandante supremo da Wehrmacht, preso em 23.5.1945 pelo Exército britânico, 1946 condenado a dez anos de prisão como principal criminoso de guerra em Nuremberg, 1956 posto em liberdade.

Doose, Heinrich (* 1.7.1912 Kiel, † 16.1.1952 Piding [Alta-Baviera]): 1934 ingresso no SS-Leibstandarte "Adolf Hitler", a partir de 1937 no Führer-Begleitkommando, motorista de Julius Schaub, 1943/44 entrada em ação no *front* no leste, 1945 *Untersturmführer*, em 21.4.1945 voou juntamente com Schaub para Obersalzberg, destruição dos documentos de Hitler nos escritórios de Obersalzberg, preso em junho de 1945, 1948 posto em liberdade, viveu em Munique.

Dopfer, Alfons (* ?, † ?): doutor em medicina e medicina veterinária, especialista em doenças de cães e gatos, proprietário de uma clínica veterinária em Munique.

Dörnberg zu Hausen, Alexander Barão de (* 17.3.1901 Darmstadt, † 7.8.1983 Oberaula-Hausen, Bad Hersfeld): 1919/20 corpo de voluntários, estudo de Direito, 1925 formatura como doutor, 1927 ingresso no Departamento do Exterior, 1930 adido em Bucareste, 1933 Reval, 1934 secretário de legação, ingresso no NSDAP, 1936 Departamento do Exterior em Berlim, 1937 Londres, *protegé* de Ribbentrop, 1938 conselheiro de legação na seção de protocolo do Departamento do Exterior, SS-*Hauptsturmführer*, 1939 *Obersturmbannführer*, 1940 *Oberführer* no Estado-Maior do *Reichsführer* SS, enviado de 1ª classe, dirigente ministerial, 1945 preso, 1948 inocentado pela câmara de sentença de Garmisch-Partenkirchen, devido a "resistência passiva e ativa".

Dornberger, Walter (* 6.9.1895 Giessen, † 26.6.1980 Ottersweier [Baden]): 1914 voluntário de guerra, promovido a tenente, 1918 em prisão francesa, após retorno admissão na Reichswehr, de 1925 a 1930 destacado para o estudo de construção de máquinas na Escola Técnica Superior de Berlim, engenheiro, capitão na repartição de armamentos do Exército, assistente no curso de balística, ocupou-se com o desenvolvimento de projéteis de foguetes, 1935 major, diretor do campo de provas da instalação experimental do Exército em Kummersdorf, diretor responsável pelo desenvolvimento de foguetes, experiências desde 1936 com foguetes de combustível líquido, ocupado a partir de 1937 com a construção do Instituto de Desenvolvimento de Foguetes em Peenemünde, coronel, 1943 comandante do Instituto Experimental para Desenvolvimento de Foguetes em Peenemünde, brigadeiro, 1944 tenente-general e chefe do desenvolvimento de foguetes, 1945 fuga para a Baviera, em 12.5.1945 preso pelos americanos junto com colaboradores de alto escalão, preso por tropas britânicas num teste de foguetes no final de 1945,

1947 emigração para os EUA após arquivamento da acusação como criminoso de guerra, conselheiro da Força Aérea dos EUA, a partir de 1950 atividade na Bell Aircraft, 1960 vice-presidente, responsável pela técnica de viagem espacial, desenvolvimento de um *spaceshuttle*, 1965 aposentadoria, morreu durante uma viagem de visita à Alemanha.

Douglas-Hamilton, Douglas (* 3.2.1903 Londres, † 1973): herdeiro de grandes áreas de terras na Escócia, detentor de vários títulos de nobreza (entre outros, conde de Lanark, marquês de Clydesdale, conde de Arran e Cambridge, marquês de Douglas), estudo em Oxford, formação como piloto, 1933 piloto-chefe de uma expedição ao Himalaia, membro da Royal Geographic Society, atividade como escritor, viagens pela Europa, conhecido de Rudolf Hess, piloto da Royal Air Force durante a Segunda Guerra Mundial, 1940 membro da Câmara dos Comuns pelo Partido Conservador, 1941 encontro com Hess, recebeu sua proposta de paz, 1948 a 1973 chanceler da St. Andrew University, inúmeros cargos honorários e mandatos de conselho fiscal.

Dreesen, Fritz (* 5.2.1884 Bad Godesberg, † ?): proprietário do Rheinhof, em Bad Godesberg, próximo de Bonn, 1925 convidou Hitler para férias de repouso, desde então organização de congressos do NSDAP, 1933 ingresso no NSDAP (nº 1757195), colaboração nos restaurantes e estabelecimentos de hospedagem do seu grupo administrativo.

Dufving, Theodor von (* ?, † ?): tenente-coronel, 1944 academia de guerra, comandante do Regimento Blindado de Artilharia 76, a partir de janeiro de 1945 na fortificação Breslau, chefe do Estado-Maior da 609ª Divisão, coronel, 10.3.1945 chefe do Estado-Maior do LVI Corpo de Blindados (em Weidling), em maio de 1945 prisão soviética, 1955 libertado, depois no Ministério da Defesa da RFA.

Eicken, Carl von (* 31.12.1873 Mülheim/Ruhr, † 29.6.1960 Heilbronn): doutor em medicina, 1903 habilitação em otorrinolaringologia na Universidade de Freiburg, 1909 professor assistente na Universidade de Giessen, 1911 catedrático, 1922 Universidade de Berlim, 1926 diretor da HNO-Klinik der Charité, médico conselheiro da inspeção sanitária do Exército, 1944 no conselho do procurador do Serviço de Saúde (Brandt), 1950 jubilado, emigração para a RFA.

Eigruber, August (* 16.4.1907 Steyr [Alta-Áustria], † 28.5.1946 Landsberg em Lech [executado]): topógrafo, mecânico de precisão, 1922 ingresso na Nationalsozialistische Arbeiterjugend da Áustria, 1925 seu dirigente, 1928 ingresso no NSDAP-Áustria (nº 83432), 1930 diretor da comarca Steyr-Stadt, condenado várias vezes com curtas penas de detenção por sua atividade no NSDAP, 1935 administrador distrital do ilegal NSDAP no distrito Alta-Áustria, 1936 até 1945 diretor distrital da Alta-Áustria, 1938 capitão, SA-*Oberführer*, transferência para a SS como *Standartenführer* (nº 292778), ainda no mesmo ano SS-*Oberführer*, 1939 *Brigadeführer*, a partir de 1940 governador de Oberdonau,

inúmeras outras funções públicas e no partido, 1942 comissário de defesa do Reich, 1943 SS-*Obergruppenführer*, a partir de 1944 dirigente do Volkssturm no distrito Oberdonau, 1945 incumbido da construção do Forte dos Alpes, em 10.5.1945 prisão americana, condenado à morte em 29.3.1946 por sua responsabilidade em crimes no campo de concentração Mauthausen.

Eisenhower, Dwight David (* 14.10.1890 Denison [Texas, USA], † 28.3.1969 Washington): formando da Academia Militar de Westpoint, depois disso diversas funções nas tropas, ocupou-se com o desenvolvimento de novas possibilidades de utilização da força blindada, estadias no Panamá, Paris e nas Filipinas, formação para o Estado-Maior no Fort Leavenworth, 1926 major, a partir de 1930 no Departamento de Guerra, ocupou-se com questões da mobilização industrial, 1933 a 1935, oficial do Estado-Maior, a partir de 1935 destacado para as Filipinas, 1941 brigadeiro, subchefe da divisão de operações no Estado-Maior do Exército dos EUA, 1942 designado como comandante das Forças Armadas dos EUA na Europa, ocupou-se com o planeamento para a abertura do Segundo *Front*, empenho, num primeiro momento por pressão da Grã-Bretanha, no engajamento militar na África do Norte, comandante-em-chefe dos desembarques na África do Norte, Sicília e norte da França, promovido a general de cinco estrelas em dezembro de 1944, do final da guerra até novembro de 1945 governador militar da zona de ocupação americana na Alemanha, depois até 1948 chefe do Estado-Maior do Exército dos EUA, 1948 retirou-se, presidente da Columbia University de Nova York, 1950 reativado, comandante-em-chefe da OTAN na Europa, 1952 candidatura bem-sucedida à presidência (Partido Republicano, reeleição 1956) na política interna expoente do “conservadorismo dinâmico”, na política externa relacionamento tático com a União Soviética com simultânea expansão do engajamento americano, especialmente no assim chamado Terceiro Mundo.

Elser, Johann Georg (* 4.1.1903 Hermaringen [Württemberg], † 9.4.1945 Dachau [assassinado]): torneiro, marceneiro, trabalhou excursionando em fábricas de relógios suíças e alemãs, entre outras, 1928/29 brevemente membro do Roter Frontkämpferbund, 1932 desempregado, trabalhos temporários, trabalhou a partir de 1936 numa fábrica de armamentos, opositor do NSDAP devido a concepções pacifistas, desde março de 1939 construção de uma bomba, deixou-se trancar, sem ser notado, entre trinta a 35 noites no salão do Bürgerbräukeller, no dia da detonação, 8.11.1939, foi preso na fronteira suíço-alemã, mantido preso no campo de concentração de Sachsenhausen como prisioneiro especial para um futuro processo público, levado em dezembro de 1944 ou janeiro de 1945 para o campo de concentração de Dachau, onde foi assassinado por ordem de uma alta patente de Berlim.

Engel, Gerhard (* 13.4.1906 Guben, † 9.12.1976 Düsseldorf): conclusão do ensino médio, 1925 ingresso na Reichswehr, 1930 tenente, frequentou a Escola de Infantaria de Dresden, 1933 primeiro-tenente, 1937 capitão e chefe de companhia, a partir de 1938,

ajudante do Exército junto a Hitler, ao mesmo tempo oficial de comunicação do comandante-em-chefe do Exército com o *Führer* e chanceler do Reich, 1940 major, 1943 tenente-coronel, comandante do Regimento de Infantaria 27, 1944 coronel e comandante da 12ª Divisão de Infantaria, em novembro de 1944 brigadeiro, em abril de 1945 tenente-general e comandante da Volksgrenadier-Division "Ulrich von Hutten", 1945 até 1947 em prisão americana.

Erhardt, Walter (* 19.5.1911 Neckarrems, perto de Waiblingen, † ?): pintor e gessoiro, 1931 ingresso no NSDAP (nº 915199) e na SA, 1932 transferência para a SS (nº 49557), 1933 ingresso no Leibstandarte "Adolf Hitler", *Sturmmann*, a partir de 1936 *Unterscharführer* no Führer-Begleitkommando, 1938 *Oberscharführer*, em 21.6.1944 promovido a *Untersturmführer*, em 9.11.1944 a *Obersturmführer*; designado erroneamente no *Dossiê Hitler* como SS-*Obersturmbannführer*.

Falkenhorst, Nikolaus von (na verdade, Jastrzembski) (* 17.1.1885 Breslau, † 18.6.1968 Holzminden): cadete, 1904 tenente, durante a Primeira Guerra Mundial primeiramente *Kompanieführer*, a partir do final de 1914 diversas funções no Estado-Maior, a partir de 1917 no Estado-Maior da 2ª Divisão, 1918 no Estado-Maior da 7ª Divisão do mar Báltico, a partir de junho 1918 I a do general alemão na Finlândia, depois na guarda de fronteira na Silésia, 1920 transferência para a Reichswehr, a partir de 1923 na Divisão do Exército do Departamento de Tropas no Ministério da Defesa do Reich, 1925 major, a partir de 1928 comandante de batalhão em Königsberg, a partir de 1930 no Estado-Maior da 4ª Divisão em Dresden, 1932 coronel, chefe do Estado-Maior da divisão, 1933 ingresso no Departamento de Exércitos Estrangeiros no Ministério da Defesa do Reich, no mesmo ano como adido militar em Praga, 1935 no Estado-Maior do Gruppenkommando III, brigadeiro, 1936 comandante da 32ª Divisão, 1937 tenente-general, 1939 general comandante do XXI Corpo do Exército, general de infantaria, 1940 comandante da operação "Weser-Übung" (ocupação da Dinamarca e da Noruega), major-general, 1941 até 1944 comandante-em-chefe do alto-comando do Exército da Noruega, ao mesmo tempo comandante da Wehrmacht da Noruega, demitido em 18.12.1944, 1946 condenado à morte por um tribunal militar anglo-norueguês pelo assassinato de soldados ingleses, pouco tempo depois indultado com uma pena de vinte anos de prisão e posto em liberdade em 1953.

Fanger, Paul (* 11.4.1899 Schöningen [Braunschweig], † 15.4.1945 Schöningen): cadete da Marinha, 1911 tenente, oficial da guarda durante a Primeira Guerra Mundial, ajudante e oficial de artilharia no navio de linha *Deutschland* e no cruzador *Moltke*, 1919 comando da marinha em Kiel, diversas funções, 1921 professor na Escola de Artilharia da Marinha, 1926 para a inspeção da artilharia da Marinha, 1927 capitão-de-corveta,

1929 no comando da Marinha, 1932 comandante do navio-escola da artilharia *Bremse*, 1933 comandante da Escola de Artilharia da Marinha, 1934 capitão-do-mar, 1935 até 1937 comandante do encouraçado *Deutschland*, depois comandante das fortificações na costa da Frísia Oriental, 1938 contra-almirante, 1940 diretor de divisão no alto-comando da Marinha, 1943 à disposição do alto-comandante da Marinha, a partir de agosto de 1944 inspetor no comando da Marinha na Noruega, janeiro a março de 1945 comandante das fortificações costeiras em Molde (Noruega), morto em operações militares em Schöningen.

Färber, Gotthard (* 13.5.1896 Munique, † ?): escola comercial, 1914 a 1918 serviço militar, depois atividade como comerciante, 1930 ingresso no NSDAP (nº 306004), a partir de 1933 administrador do NSDAP, atividade na direção do NSDAP em Munique, 1934 *Hauptstellenleiter*, 1935 *Amtsstellenleiter*, diretor da administração predial e territorial do NSDAP, ocupou-se com as desapropriações dos vizinhos de Obersalzberg, entre outros.

Faupel, Wilhelm (* 29.10.1873 Lindenbusch [Baixa-Silésia], † 1.5.1945 Berlim): 1893 tenente, depois mobilização nas colônias, entre outras, 1911 até 1914 consultor militar na Argentina, depois serviço militar, promovido a tenente-general, 1919 dirigente de corpo de voluntários na Baixa-Silésia, 1921-1926 consultor militar na Argentina, 1926 até 1930 inspetor-geral no exército peruano, 1930 retorno para a Alemanha, presidente do Volksbundes für Arbeitsdienst, 1934 presidente do Instituto Ibero-Americano de Berlim, a partir de novembro de 1936 encarregado de negócios da Alemanha junto à Technischen Staatsjunta, respectivamente no quartel-general de Franco em Salamanca, 9.2.1937 embaixador, *de facto* consultor militar, chamado de volta em agosto de 1938 e aposentado.

Fegelein, Hermann (* 30.10.1906 Ansbach, † 29.4.1945 Berlim [executado]): 1927 aspirante da polícia civil bávara, oficial da polícia, cavaleiro de torneios, 1931 NSDAP, 1933 SS, 1935 fundador da Escola de Equitação da SS de Munique, 1936 *Sturmabführer*, 1939 mudança para a Waffen-SS como *Obersturmbannführer*, comandante da Brigada de Cavalaria da SS, SS-*Standartenführer*, 1942 inspetor do Órgão de Cavalaria e Viação no departamento central da direção da SS, 1943 SS-*Oberführer* e comandante da 8ª Divisão de Cavalaria da SS "Florian Geyer", mobilizado no combate aos *partisanen* (Pântanos de Pripiet), ferido, a partir de 1.1.1944, depois de curado, oficial de ligação da Waffen-SS com Hitler, 3.6.1944 casamento com a irmã de Eva Braun, Gretl, 21.6.1944 promoção a *Gruppenführer* e tenente-general da Waffen-SS, desertou em 27.4.1944 do *bunker* da Chancelaria do Reich, preso, condenado à morte por conselho de guerra e executado no jardim do Departamento do Exterior.

Fegelein, Johann (* 17.11.1876 Grettstadt [Baixa-Francônia], † ?): fazendeiro, primeiro-tenente reformado, proprietário de uma escola de equitação, pai de Hermann e Waldemar Fegelein.

Fegelein, Maria Barbara, nascida Jessberger (* 8.5.1883 Windmühle Schalkhausen, perto de Elpersdorf [Mainfranken], † ?): filha de um proprietário de terras, mãe de Hermann e Waldemar Fegelein.

Fegelein, Waldemar (* 9.1.1912 Ansbach, † 20.11.2000 Schwabmünchen, perto de Augsburg): estudo de veterinária em Munique, 1933 ingresso no NSDAP (nº 2942829) e na SS (nº 229780), veterinário, 1936 *Untersturmführer*, mudança para a SS-Verfügungstruppe respectivamente Waffen-SS, mobilização na guerra da Polónia, 1942 *Sturmabführer*, temporariamente na Escola de Equitação da SS e, depois, comandante do 2º Regimento na 8ª Divisão de Cavalaria da SS.

Fellgiebel, Fritz Erich (* 4.10.1886 Pöpelwitz [Silésia], † 4.9.1944 Berlim [executado]): conclusão do ensino médio, aspirante, tenente no grupo de comunicações, formação de Estado-Maior, durante a Primeira Guerra Mundial no alto-comando do 7º Exército, transferência para a Reichswehr, funções em diversos postos técnicos de comunicação da Reichswehr, 1939 chefe do Órgão de Notícias e Comunicação da Wehrmacht no alto-comando do leste, general da tropa de comunicações, desde 1939 ligações com a oposição, num futuro governo previsto como ministro dos Correios do Reich, nos planos do golpe de Estado de 20 de julho responsável pelo isolamento técnico das comunicações do quartel-general do *Führer*, que, no entanto, só teve êxito inicialmente, em 20.7.1944 preso, condenado à morte em 10.8.1944.

Feuchtinger, Edgar (* 9.11.1894 Metz, † 21.1.1960 Berlim [oriental]): 1914 aspirante, serviço militar na Artilharia, passou para a Reichswehr, 1925 primeiro-tenente, 1929 capitão e chefe de bateria, 1935 major, professor na Escola de Artilharia de Jüterbog, 1937 comandante-de-divisão no Regimento de Artilharia 26, 1938 tenente-coronel, 1939 comandante do Regimento de Artilharia 227, 1941 coronel, transferido em 16.8.1942 para a reserva do *Führer*, 1943 brigadeiro e comandante da 21ª Divisão de Blindados, 1944 tenente-general, condenado à morte em janeiro de 1945 por corrupção, em 2.3 liberdade condicional para o *front* numa divisão de infantaria blindada, fuga para Celle, prisão britânica; após a libertação viveu em Krefeld, trabalhou na indústria química, 1953 recrutamento pelo serviço secreto militar soviético GRU, reativação de velhas relações, forneceu material da Bundeswehr e da OTAN para a União Soviética, morreu num encontro com o seu oficial comandante.

Flandin, Pierre-Étienne (* 12.4.1889 Paris, † 13.6.1958 Saint-Jean-Cap Ferrat): formação de jurista, a partir de 1914 deputado conservador, porta-voz da Aliança Democrática, várias vezes ministro, em 1934/1935 ministro-presidente francês; em 1940, depois da derrota francesa, posto no gabinete de Pétain; em dezembro de 1940, ministro do Exterior do regime de Vichy, substituído já em fevereiro de 1941; preso no final de 1943 na Argélia e condenado em julho de 1946 a cinco anos de perda da honra por ter sido colaboracionista, reabilitado em 1948.

Forster, Albert (* 26.7.1902 Fürth, † 28.2.1954 Varsóvia [executado]): negociante bancário, 1923 ingresso no NSDAP, 1924 dispensado, depois propagandista jornalístico no panfleto antijudaico *Der Stürmer*, funcionário na dissidência minoritária de extrema direita Grossutsche Volksgemeinschaft, 1925 reingresso no NSDAP (nº 1924), funcionário e jornalista oficial do Partido, 1926 ingresso na SS (nº 158), trabalhou a partir de 1928 no *Deutschnationalen Handlungsgehilfenverband* (entre outros, em Nuremberg, Hamburgo e Dantzig), 1932 dispensado, de 1930 a 1945 membro do Congresso, 1939 governador da cidade livre de Dantzig, chefe da administração civil depois da anexação ao Reich alemão, de 1939 até 1945 chefe de distrito e governador do distrito do Reich Dantzig-Prússia ocidental, 1941 SS-*Obergruppenführer*, fuga em março de 1945 para Schleswig-Holstein, prisão, 1946 extraditado para a Polônia, 1948 condenado à morte, após transferência temporária para o serviço secreto foi executado, também consta como data da morte o dia 28.2.1952.

Forster, Ludwig (* 15.8.1891, † depois de 1956): policial, ingresso no NSDAP (nº 1723149), ingresso na SS (nº 242881), conselheiro criminal no serviço secreto do Reich, escalão mais alto em 1945 SS-*Obersturmbannführer*, chefe do serviço secreto do Reich 15 (Chancelaria do Reich).

Franco y Bahamonde, Francisco (* 4.12.1892 El Ferrol [Espanha], † 20.11.1975 Madri): Academia Militar de Toledo, a partir de 1912 serviço militar colonial no Marrocos, 1913 tenente, 1920 vice-comandante, 1922 comandante da Legião Estrangeira espanhola, 1926 general, a partir de 1928 diretor da Alta Academia Militar de Saragoça até a sua dissolução 1931, transferido para as Baleares, 1933 reativado, brigadeiro, 1934 incumbido da derrubada do levante nas Astúrias, 1935 chefe do Estado-Maior, após a vitória eleitoral do Governo da Frente Popular, governador militar das Ilhas Canárias, participou do planejamento de uma revolta militar, golpe de Estado em 18.7.1936, que desembocou numa guerra civil, 1936 formação de uma junta, alto-comandante dos revoltosos, 1937 criação de uma falange unipartidária de grupamentos de direita, em 30.1.1938 formação de um “Governo Nacional” em Burgos, após a conquista de Madri em 1939 foi reconhecido também pelos EUA, França e Grã-Bretanha, estabelecimento de uma ditadura militar com cunho clerical, em 4.9.1939 Declaração de Neutralidade, recusou em 1940 uma aliança mais estreita com o Reich alemão, inicialmente neutralidade benevolente em relação às potências do Eixo (fornecimento de matérias-primas, suporte na condução da guerra naval), 1941 criação de uma unidade de voluntários — a “División Azul” — para a expedição contra a Rússia, a partir de 1943 voltou-se para os Aliados ocidentais, retirada parcial da divisão, 1947 reintrodução formal da monarquia, no entanto chefe de Estado vitalício, colaboração estreita com os EUA (1953 acordos comerciais militares e de bases), a partir de 1956 descolonização gradual, desde os anos 1960 liberalização política e comercial cautelosa.

François-Poncet, André (* 13.6.1887 Province [França], † 8.1.1978 Paris): estudos em Paris, Munique, Heidelberg, Berlim, 1913 docente de literatura e história alemãs na Politécnica de Paris, combatente, a partir de 1917 colaborador da Divisão de Imprensa da embaixada francesa em Berna após ferimento, diretor do Posto de Notícias para a Imprensa durante a ocupação do Ruhr, 1928 a 1930 subsecretário de Estado, primeiramente de belas-artes, depois de economia política, 1930/31 delegado suplente na Sociedade das Nações, 1931 a 1938 embaixador francês em Berlim, 1938 a 1940 embaixador em Roma, 1940 a 1943 membro do Conselho Nacional francês, 1943 detido por tropas alemãs, prisão, após a Segunda Guerra Mundial conselheiro do governador militar francês na Alemanha, 1949 alto-comissário aliado na Alemanha, 1949 a 1955 embaixador em Bonn, a partir de 1951 engajou-se na política científica, 1952 membro da *Académie Française*, 1955 vice-presidente da Cruz Vermelha francesa, presidente do Conselho Francês do Movimento Europeu, 1961 a 1964 chanceler do Institut Français.

Frank, Bernhard (* 15.7.1913 Frankfurt/Main): estudo de história, filologia, folclore e economia nacional, 1934 ingresso na SS-Verfügungstruppe, aprendizado de comando, 1935 colaborador científico na escola da SS Wewelsburg, continuação dos estudos na Universidade de Münster, 1938 formou-se como doutor em filosofia, bibliotecário em Wewelsburg, 1939 serviço militar na Waffen-SS, comandante de pelotão, ajudante de batalhão e comandante de companhia, 1942 comandante de uma divisão de defesa antiaérea na Prússia oriental, 1943 transferido para Berghof (Divisão B de defesa antiaérea), 1944 SS-*Obersturmbannführer*, comandante das unidades da SS em Obersalzberg, incumbido em abril de 1945 da prisão de Göring, retirou-se para o Tirol em maio de 1945, mais tarde atividades científicas e jornalísticas, vive no sul da Alemanha.

Frank, Hans (* 23.5.1900 Karlsruhe, † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): 1918 voluntário de guerra, 1919 ingresso no Corpo de Voluntários Epp, membro da direção da Sociedade Thule em Munique, estudo na Universidade de Munique, auxiliar de Karl Haushofer, 1923 ingresso no NSDAP, participação no Golpe Hitler-Ludendorff, fuga, 1924 retorno, formatura como doutor em ciências jurídicas na Universidade de Kiel, 1925 reingresso no NSDAP (nº 14), 1926 saída, grande concurso público jurídico, assistente na Escola Técnica Superior de Munique, 1927 advogado, reingresso no NSDAP (nº 40079), diretor do Relatório para Assuntos Jurídicos na direção do NSDAP, de 1928 até 1936 dirigente da União dos Juristas Nacional-Socialistas Alemães, de 1930 até 1945 membro do Congresso, 1931 SA-*Gruppenführer*, 1933/34 ministro da Justiça bávaro, de 1934 até 1945 ministro sem pasta do Reich, diversos cargos na Justiça, administração científica e no Partido, de 1939 até 1945 governador-geral dos territórios poloneses ocupados, 1945 preso, condenado à morte no processo contra os principais criminosos de guerra em Nuremberg.

Frank, Karl Hermann (* 24.1.1898 Karlsbad [Boêmia], † 22.5.1946 Praga [executado]): 1918 conclusão do ensino médio e funcionário de uma administração pública, 1919/20 voluntário na defesa da fronteira da Silésia, contador, assistente de editora, 1925-1932 livreiro autônomo, depois funcionário de uma associação, a partir de 1933 membro da Sudetendeutschen Heimatfront, 1935 ingresso no Sudetendeutsche Partei (nº 18), 1935-1938 deputado do Parlamento tcheco-eslovaco, dirigente de grupo partidário, membro da direção, 1938 admissão no NSDAP (nº 6600002), 1938-1940 vice-diretor de distrito em Sudetenland, ingresso na SS (nº 310460), SS-*Brigadeführer*, de 1938 até 1945 membro do Congresso, 1939-1945 alto dirigente da SS e da polícia na Boêmia e Morávia, a partir de 1944 também na região dos sudetos, 1943 SS-*Obergruppenführer*, 1944 general da Waffen-SS, 1943-1945 ministro na Boêmia e Morávia, fuga em maio de 1945 para a Baviera, prisão americana, 1946 extraditado para a Tchecoslováquia, condenado à morte por alta traição.

Freisler, Roland (* 30.10.1893 Celle, † 3.2.1945 Berlim): estudou Direito, 1914 serviço militar, de 1915 a 1920 prisioneiro de guerra russo, lá comissário dos bolcheviques, continuação dos estudos na Universidade de Iena, 1922 formou-se como doutor em ciências jurídicas, a partir de 1924 advogado e deputado do Bloco Popular-Social em Kassel, 1925 ingresso no NSDAP (nº 9679), temporariamente vice-diretor de distrito e jurisconsulto em Hessen-Nassau do Norte, *Ortsgruppenleiter* de Kassel, 1930 membro da Assembléia da Província de Hessen-Nassau, a partir de fevereiro de 1933 diretor da Divisão Central do Ministério da Justiça prussiano, secretário de Estado, de 1933 até 1945 membro do Congresso, inúmeros cargos e funções no sistema de justiça nacional-socialista, 1934 até 1942 secretário de Estado no Ministério da Justiça do Reich, a partir de 24.8.1942 presidente do Tribunal Popular (*Volksgerichtshof*) e juiz-presidente do seu primeiro senado, por conseguinte juiz-presidente nos processos contra os conspiradores de 20.7.1944, morreu num ataque aéreo.

Frentz, Walter (* 21.8.1907 Heilbronn, † 6.7.2004 Überlingen, no lago de Constança): estudo de eletrotécnica, *cameraman* na UFA, *cameraman* de Leni Riefenstahl, a partir de 1939 documentarista no quartel-general do *Führer*, 1941 SS-*Untersturmführer*, 1942 tenente da Luftwaffe, em abril de 1945 fuga de Berlim, após longa prisão novamente atuante como fotógrafo e cinegrafista no sudoeste.

Freytag-Loringhoven, Bernd von (* 6.2.1914): 1934 ingresso na Reichswehr, 1937 tenente, 1939 primeiro-tenente no comando da 1ª Divisão Blindada, 1940 no comando geral do XIX Corpo do Exército, 1942 capitão no Regimento Blindado 2, 1943 major no comando da 111ª Divisão de Infantaria, 1943/44 Academia de Guerra, a partir de abril de 1944 na Divisão de Operações no Estado-Maior do Exército, ajudante de Guderian e de Krebs, saiu em 29.4.1945 do *bunker* com a incumbência de mobilizar o Exército Wenk

para o socorro imediato de Berlim, em 3.5.1945 prisão americana, após a libertação trabalhou em diversos órgãos federais alemães, a partir de 1956 Bundeswehr, promovido a brigadeiro, comandante da Brigada Blindada 19, mais tarde tenente-general, 1973 aposentado, vive em Munique.

Frick, Helmuth (* 25.11.1913 Schwerin, †?): serralheiro, 1931 ingresso na SS (nº 48881) e no NSDAP (nº 983731), 1933 transferência para o Leibstandarte "Adolf Hitler", *Hauptscharführer*, colocado no Führer-Begleitkommando, 1943 *Untersturmführer*, temporariamente combatente no Leibstandarte "Adolf Hitler", 1944 *Obersturmführer*.

Frick, Wilhelm (* 12.3.1877 Alsenz [Palatinado], † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): estudo de filologia e direito, 1901 formou-se como doutor em ciências jurídicas, 1903 prova para assessor, atuou na Administração de Impostos, a partir de 1905, simultaneamente, advogado público na direção da polícia de Munique, de 1907 até 1917 assessor público de circunscrição em Pirmasen, 1917 assessor de governo, diretor da Divisão de Usura de Guerra na direção da polícia de Munique, 1919 assessor público de circunscrição e diretor da polícia política na chefatura de polícia de Munique, de 1921 até 1923 diretor da Delegacia de Polícia III em Munique, de fevereiro de 1923 até 9.11.1923 diretor da polícia criminal, respectivamente do serviço secreto na chefatura de polícia de Munique, preso após o golpe Hitler/Ludendorff, condenado à pena condicional por apoio ao NSDAP e demitido do funcionalismo da polícia por prevaricação, de 1924 até 1945 membro do Congresso, primeiramente pelo Deutschvölkische Freiheitspartei, depois pelo NSDAP, 1925 ingresso no NSDAP, 1924/25 presidente de grupo parlamentar, após bem-sucedida revisão de processo, desde novembro de 1924 diretor da Divisão Criminal da chefatura de polícia de Munique, de 1926 até 1930 alto funcionário no *Obersicherungsamt* de Munique, a partir de 1928 presidente do grupo parlamentar do NSDAP, 1930/31 ministro do Interior e de Educação Popular na Turíngia, 1932/33 novamente no *Obersicherungsamt* de Munique, de 30.1.1933 até 18.7.1943 ministro do Interior e de 1934 até 1943 ministro do Interior prussiano, a partir de 1933 dirigente do NSDAP, *NSKK-Obergruppenführer*, de agosto de 1943 até 1945 protetor da Boêmia e da Morávia, bem como ministro sem pasta, preso no final de 1945 por tropas americanas, 1946 condenado à morte no processo de Nuremberg.

Friedel, prenome desconhecido (* ?, †?): 1943 major, 1944 no Estado-Maior da Wehrmacht, depois no Estado-Maior da Wehrinspektion em Posen, 1945 um dos que assinaram a declaração de rendição em Reims como testemunha.

Friedrichs, Helmuth (* 22.9.1899 Otterndorf [Baixo-Elba], † 31.12.1945 [declarado morto nesta data]): a partir de 1916 serviço militar num batalhão de batedores, 1918 tenente, prisão inglesa, 1920 libertado, ingresso no Corpo de Voluntários *Lichtschlag*, depois na defesa da fronteira na Alta-Silésia, 1921 mineiro, estudo de mineração em

Clausthal não concluído, 1929 ingresso no NSDAP (nº 124214), desde 1930 alto funcionário, administrador e diretor de pessoal do distrito de Hessen-Kassel, entre outros, 1933 membro da Assembléia Provincial, 1934 vice-diretor de distrito, a partir de 1934 atuou na direção do NSDAP, de 1934 até 1941 como diretor de repartição II (assuntos internos do Partido), depois diretor da Divisão de Mobilização, 1942 estreito colaborador de Martin Bormann como especialista, desde 1936 membro da SS (nº 278299), 1937 *Standartenführer*, 1938 *Oberführer*, 1942 *Brigadeführer*, 1944 *Gruppenführer*, desde 1943 comandante-em-chefe do NSDAP, combateu em abril de 1945 no Volkssturm, desde então desaparecido.

Fritzsche, Hans (* 21.4.1900 Bochum, † 27.9.1953 Colônia): 1918 serviço militar, estudo de filologia, história e filosofia não concluído, 1923 membro do DNVP, 1924 redator na *Telegraphen-Union*, 1932 diretor do *Drahtlosen Nachrichtendienstes*, na Radiodifusão Alemã, desde maio de 1933 membro do NSDAP e diretor de notícias na Divisão de Imprensa no Ministério de Esclarecimento Público e Propaganda, desde 1937 também comentarista radiofônico, 1942 diretor ministerial e diretor da Divisão de Radiodifusão do Ministério da Propaganda, identificou em 1945 em Berlim os cadáveres da família Goebbels, acusado no processo dos principais criminosos de guerra e absolvido em 1946 após distanciamento do nacional-socialismo, 1947 condenado por um tribunal de sentença a nove anos num campo de trabalhos forçados, 1950 posto em liberdade.

Fromm, Friedrich (* 8.10.1888 Berlim, † 12.3.1945 Brandemburgo [executado]): ginásio, estudo na Universidade de Berlim, 1906 ingresso no Exército, 1908 tenente, 1914 primeiro-tenente, diversas funções no Estado-Maior, a partir de 1917 no Estado-Maior da 30ª Divisão de Infantaria, 1919 transferência para a Reichswehr, 1920 chefe de bateria, a partir de 1922 novamente funções no Estado-Maior, a partir de 1928 no Ministério de Defesa do Reich, 1931 tenente-coronel, 1934 coronel e chefe do Serviço Geral do Exército no Ministério de Defesa do Reich, 1935 brigadeiro, 1938 tenente-general, 1939 general da artilharia, chefe de armamento do exército e comandante-em-chefe do exército de reserva, 1940 major-general, ordenou em 20.7.1944 as execuções legais de, entre outros, Olbricht e de Stauffenberg, preso em 21.7 devido aos seus contatos com a oposição, condenado à morte em fevereiro de 1945 pelo Tribunal Popular (*Volksgerichtshof*).

Funk, Walther (* 18.8.1890 Trakehnen [Prússia oriental], † 31.5.1960 Düsseldorf): estudo de filosofia, economia política, direito e ciências políticas, jornalista, a partir de 1912 redator, 1913 voluntário por um ano, a partir de 1914 serviço militar em um regimento de fuzileiros, a partir de julho de 1916 trabalhou na redação do *Berliner Börsenzeitung*, a partir de 1920 chefe de redação, de 1922 a 1930 redator-chefe, 1931 ingresso no NSDAP, redator do nacional-socialista *Wirtschaftspolitischen Pressediensts*, conselheiro econômico de Hitler, segundo-presidente do conselho econômico do NSDAP, 1932/33 membro do

Congresso, diretor da comissão de política econômica na direção do NSDAP, de 30.1.1933 a 7.2.1938 chefe de Imprensa do governo do Reich, a partir de março de 1933 ao mesmo tempo secretário de Estado no Ministério da Propaganda, a partir de 1938 ministro da Economia e 1938/39 procurador-geral para economia, a partir de janeiro de 1939 ao mesmo tempo presidente do Reichsbank, 1946 condenado à prisão perpétua no processo contra os principais criminosos de guerra, 1957 libertado da prisão de Berlin-Spandau por motivo de doença.

Gabriel, prenome desconhecido (* ?, † ?): oficial no alto-comando da Wehrmacht, 1945 ajudante de Keitel.

Janzenmüller, Albert (* 25.2.1905 Passau, † 20.3.1996 Munique): 1923 participação no golpe Hitler-Ludendorff, estudo de construção de máquinas e eletromecânica, doutor em engenharia, 1931 ingresso no NSDAP, a partir de 1931 empregado na Deutsche Reichsbahn (ferrovia), ocupado com questões da eletrificação, após a anexação (*Anschluss*) da Áustria diretor da Companhia de Eletricidade de Innsbruck, 1941 vice-presidente da Hauptseisenbahn-Direktion de Poltava, a partir de fevereiro de 1942 comissário-geral ferroviário para a área da Hauptseisenbahn-Direktion oriental em Poltava, a partir de maio de 1942 vice-diretor da Deutsche Reichsbahn e secretário de estado no Ministério do Trânsito do Reich, responsável pela utilização da Reichsbahn no transporte dos judeus (comboios especiais para os campos de extermínio), fuga em 21.4.1945 de Berlim, membro do governo Dönitz, preso em maio de 1945, 1947 fuga para a Argentina, 1955 retorno para a RFA, 1960 instrução de um processo devido à colaboração em milhares de assassinatos, arquivado em 1973 por motivos de saúde.

Gariboldi, Italo (* 20.4.1879 Lodi [Itália], † 12.2.1970 Roma): carreira militar, oficial do Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, comandante de diversas unidades nas guerras coloniais da Itália, 1928 brigadeiro, 1936 governador-militar de Adis-Abeba, mais tarde chefe do Estado-Maior do Exército italiano da África Oriental, 1939 chamado de volta, 1940 comandante-em-chefe do 5º Exército na África do Norte, vice de Graziani no ataque ao Egito, depois que este foi chamado de volta comandante-em-chefe das forças armadas italianas na África do Norte, 1941 governador-geral da Líbia, a partir de junho de 1942 comandante do 8º Exército Italiano na expedição contra a União Soviética, chamado de volta na primavera de 1943, preso após a retirada da Itália da guerra, extraditado para o governo Mussolini, condenado a dez anos de prisão, 1945 posto em liberdade e transferido para a reserva.

Gaus, Friedrich (* 26.2.1881 Mahlum [Braunschweig], † 17.7.1955 Göttingen): estudo de direito, doutor, 1907 ingresso no Ministério do Exterior, de 1914 a 1916 serviço militar, 1919 diretor jurídico da delegação nas negociações de paz em Versalhes, diretor do

relatório de direito internacional no Ministério do Exterior, 1924 diretor-ministerial, diretor do Departamento Jurídico do Ministério do Exterior, 1939 subsecretário de Estado, colaboração nos Tratados de Locarno (1925) e no Pacto de Não-Agressão com a União Soviética (1939), 1943 exonerado da direção do Departamento Jurídico, embaixador, 1947 principal testemunha de acusação no “Processo da Wilhelmstrasse”.

Gebhardt, Karl (* 23.11.1897 Haag [Baixa-Baviera], † 2.6.1948 Landsberg, em Lech [executado]): estudo de medicina, 1922 formou-se como doutor em medicina, 1924 médico-assistente de Ferdinand Sauerbruch, 1932 habilitação para cirurgia e ortopedia, 1933 ingresso no NSDAP, 1935 professor-adjunto, diretor do sanatório da SS em Hohenlychen, 1937 professor catedrático da Universidade de Berlim, 1938 médico de Himmler, 1940 cirurgião conselheiro da Waffen-SS, 1943 clínico-chefe no Estado-Maior do médico do Reich SS Grawitz, iniciador de experiências em seres humanos nos campos de concentração, SS-*Gruppenführer* e tenente-general da Waffen-SS, condenado à morte em 1947 em Nuremberg.

Gehlen, Reinhard (* 3.4.1902 Erfurt, † 8.6.1979 Berg, no lago Starnberg): 1920 ingresso na Reichswehr, 1923 tenente, de 1933 até 1935 Academia de Guerra, depois diversas funções no Estado-Maior, entre outras como ajudante do comandante do quartel, 1939 major, com o início da guerra foi para o Estado-Maior da 213ª Divisão de Infantaria, a partir de outubro de 1939 no Estado-Maior do Exército, 1940 *Gruppenleiter* de fortificação terrestre na divisão de operações no alto-comando do Exército, oficial de ligação durante a campanha na França, a partir de outubro de 1940 *Gruppenleiter* das Operações Orientais, 1941 tenente-coronel, 1942 chefe da Divisão de Exércitos Estrangeiros Oriente no Estado-Maior do Exército, coronel, 1944 brigadeiro, dispensado em 9.4.1945, a partir de 8.5.1945 prisão americana, por incumbência dos militares dos EUA constituição da Organização Gehlen, que foi incorporada em 1955 pela Bundeswehr como Serviço de Informações Federal, tenente-general, aposentado em 1968.

Geilenberg, Edmund (* 13.1.1902 Buchholz, perto de Hattingen, † 19.10.1964 Ibbenbüren [Westfália]): engenheiro, diretor das Indústrias Hermann-Göring, desde 1939 diretor da Siderúrgica Braunschweig, a partir de 1942 ao mesmo tempo diretor da Comissão de Munição do Ministério de Armamentos do Reich, a partir de maio de 1944 comissário-geral para medidas imediatas junto ao ministro do Reich para armamentos e produção bélica (Speer), participação decisiva no planejamento da transferência de indústrias de armamentos para abrigos subterrâneos e da exploração de prisioneiros dos campos de concentração.

Gercke, Rudolf (* 17.8.1884 Nikolaiken [Prússia oriental], † 17.2.1947 Marburg): 1903 ingresso no Exército, 1904 tenente, de 1911 até 1914 Academia de Guerra, diversas funções no Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, entre outras junto ao chefe da

companhia ferroviária e no Estado-Maior do Grupo do Exército Kronprinz Rupprecht von Bayern, 1919 mudança para a defesa de fronteiras, 1923 baixa, depois diretor comercial da Companhia de Eletricidade AEG, em Königsberg, desde 1928 funcionário no Ministério da Defesa do Reich, 1933 major e diretor de departamento, 1937 coronel, 1939 chefe dos transportes do Exército, brigadeiro, 1942 general da infantaria, 1945 prisão americana, morreu no hospital.

Giesing, Erwin (* 7.12.1907 Oberhausen, † 22.5.1977 Krefeld): estudo de medicina, doutor em medicina, médico-assistente no Hospital de Virchow, em Berlim, 1932 ingresso no NSDAP, 1936 especialista em otorrinolaringologia, 1939 serviço militar como tenente-médico, mobilizado para diversos hospitais, 1944 chamado ao quartel-general do *Führer* para tratar do ferimento no ouvido de Hitler, foi dispensado em setembro de 1944 após divergências sobre os métodos de tratamento de Morell, 1945 preso pelo exército dos EUA, 1947 posto em liberdade, depois médico em Krefeld.

Giesler, Paul (* 15.6.1895 Siegen, † 4.5.1945 Berchtesgaden [suicídio]): de 1914 até 1918 serviço militar, por último como comandante de companhia, estudo de construção em Darmstadt, de 1922 até 1933 arquiteto autônomo em Siegen, 1922 ingresso no NSDAP e na SA, a partir de 1924 orador do NSDAP, 1928 reingresso no NSDAP (nº 72741), desde 1929 *Ortsgruppenleiter* e orador distrital na Westfália, 1932 *SA-Standartenführer*, de 1933 a 1945 membro do Congresso, 1934 *SA-Brigadeführer*, a partir de 1935 dirigente do Grupo da SA Oldenburg-Frísia oriental, a partir de 1936 do Grupo da SA Hochland (Munique), a partir de 1938 Grupo da SA Alpenland (Linz), participou das campanhas na Polônia e na França, 1941 na categoria de vice-diretor de distrito delegado pela chancelaria do Partido em Munique, de novembro de 1941 a junho de 1943 diretor do distrito Westfália-Sul do NSDAP, desde junho de 1942 diretor administrativo do distrito Munique-Alta-Baviera, 1943 *SA-Obergruppenführer*, a partir de 12.4.1944 diretor do distrito Munique-Alta-Baviera do NSDAP e primeiro-ministro bávaro, a partir de 25.9.1944 dirigente do Volkssturm alemão no distrito Munique-Alta-Baviera, organizou um movimento terrorista nacional-socialista, fuga em 29.4.1945 de Munique, previsto no testamento de Hitler como ministro do Interior do Reich, suicídio por envenenamento malsucedido, deixou-se matar com um tiro no hospital.

Goebbels, Joseph (* 29.10.1897 Rheydt, próximo de Mönchengladbach, † 1.5.1945 Berlim [suicídio]): 1917 conclusão do ensino médio, inapto para o serviço militar por deficiência física, breve período como soldado no escritório do Serviço Assistencial da Pátria, estudo de germanística, história e filologia antiga, 1922 formou-se como doutor em filosofia, estagiário na *Westdeutsche Landeszeitung*, 1923 bancário, desempregado, atividade de escritor, 1924 co-fundador do Nationalsozialistische Freiheitspartei na Renânia, redator-chefe do jornal *Völkische Freiheit*, 1925 ingresso no NSDAP (nº

8762, admissão oficial em 1926, retroativamente membro nº 22), administrador do distrito do NSDAP Renânia-Norte, redator do jornal *Nationalsozialistische Briefe*, a partir de 28.10.1926 diretor do distrito do NSDAP de Berlim-Brandemburgo, editor do jornal *Der Angriff*, de 1928 a 1945 diretor do distrito do NSDAP da Grande Berlim, 1928-1945 membro do Congresso, 1930-1945 diretor de Propaganda do NSDAP como *Reichsleiter*, de 13.3.1933 a 30.4.1945 ministro do Reich para Propaganda, editor de diversos jornais e revistas, presidente da Câmara de Cultura e do Senado de Cultura do Reich, de 1942 a 1.5.1945 comissário de Defesa do Reich para a Grande Berlim, 1943 até 1945 inspetor do Reich das medidas de guerra aérea civil, de 25.7.1944 a 1.5.1945 procurador do Reich para a mobilização total de guerra, de 25.9.1944 a 1.5.1945 dirigente do *Deutscher Volkssturm* no distrito da Grande Berlim, em 29.4.1945 nomeado chanceler do Reich pelo testamento de Hitler, 30.4/1.5.1945 chanceler do Reich, suicídio após infrutíferas negociações de rendição.

Goebbels, Magda, nascida Ritschl, adotada. Friedländer, separada Quandt (* 11.11.1901 Berlim, † 1.5.1945 [suicídio]): 1904 adotada por um comerciante judeu, 1919 exame final do ensino médio, em seguida formação num pensionato, 1921 casamento com o industrial Günther Quandt, nascimento do filho Harald, 1929 separação, 1930 ingresso no NSDAP, trabalhou como secretária na direção do distrito do NSDAP da Grande Berlim, 1931 casamento com Josef Goebbels, seis filhos: Helga (* 19.1932 Berlim), Hilde (* 12.4.1934 Berlim), Hellmut (* 2.10.1935 Berlim), Holde (* 19.2.1937 Berlim), Hedda (* 2.5.1938 Berlim), Heide (* 29.10.1940), mudou-se em 23.4.1945 para o *bunker* sob a Chancelaria do Reich, matou seus filhos em 1.5.1945 juntamente com o médico Stumpfegger, algumas horas depois suicidou-se com veneno, segundo outra versão morreu com um tiro dado por seu marido.

Goerdeler, Carl (* 31.7.1884 Schneidemühl [Prússia ocidental], † 2.2.1945 Berlim [executado]): estudo de direito, doutor, funcionário administrativo, combatente na Primeira Guerra Mundial, 1920 vice-prefeito em Königsberg, 1930 alto-prefeito de Leipzig, 1931/32 e 1934/35 ao mesmo tempo comissário do Reich para a formação e o controle de preços, 1937 aposentadoria forçada, figura central do Peditório Conservador-Burguês de Opositores do Regime, contatos com personalidades influentes nos EUA, Inglaterra e França, através de suas atividades para a firma Bosch, editor de diversos memoriais e planos de paz, participou no planejamento de um golpe de Estado, previsto para chanceler do Reich, preso em agosto de 1944, em 8.9.1944 condenado à morte pelo Tribunal Popular (*Volksgerichtshof*).

Göhler, Johannes (* 15.9.1918 Bischofswerda, em Dresden, † ?): 1937 ingresso no NSDAP (nº 5229214) e na SS (nº 310963), comandante de esquadrão na Divisão de Cavalaria da SS durante a Segunda Guerra Mundial, mobilizado para o 8º Exército (Grupo do

Exército Sul) no *front* oriental, cargo mais alto SS-*Sturmabführer*, 1945 ajudante de Hermann Fegelein.

Göring, Edda (* 2.6.1938 Berlim): filha de Hermann e de Emmy Göring, presa juntamente com a sua mãe após o fim da guerra, disputa judicial infrutífera pelo patrimônio paterno, mais tarde trabalhou como assistente médica numa metrópole alemã.

Göring, Emmy, nascida Sonnemann (* 24.3.1893 Hamburgo, † 8.6.1973 Munique): bem-sucedida atriz de teatro, entre outros no Teatro de Weimar, em 20.4.1935 casamento com Hermann Göring, protagonista na vida social do Reich alemão ("First Lady"), após o fim da guerra presa na casa de campo de Göring em Obersalzberg, 1948 posta em liberdade, foi imposta pela câmara de sentença alemã a proibição de se apresentar, viveu em Etzelwang (Alto-Palatinado), mais tarde em Munique.

Göring, Hermann (* 12.1.1893 Rosenheim, † 15.10.1946 Nuremberg [suicídio]): cadete, 1914 tenente em um regimento de infantaria, combatente na Alsácia, mudança para a tropa de aviadores, primeiro como observador de bordo, depois piloto, 1918 comandante da esquadrilha de caça "Freiherr von Richthofen", 1919 despedida como capitão, 1920 piloto chefe da Svenska Lufttrafik, 1922/23 estudo de história e economia política na Universidade de Munique, conheceu Hitler, 1922 ingresso no NSDAP, constituição da Sturmabteilung (SA), dirigente da SA na tentativa de golpe de Estado de 1923, ferido, fuga para a Áustria, pesada dependência de medicamentos, fuga para a Suécia, estadia em clínicas psiquiátricas, 1926 retorno à Alemanha após a revogação da ordem de prisão, 1928 reingresso no NSDAP, candidato de ponta nas eleições para o Parlamento, 1928 a 1945 membro do Congresso, vice-diretor de grupo partidário, secretário, de 30.8.1932 a 1945 presidente do Congresso, ao mesmo tempo encarregado pessoal de Hitler para o NSDAP em Berlim, 1931 SA-*Gruppenführer*, de 30.1.1933 a 5.5.1933 ministro do Reich sem área de atuação, de 11.4.1933 a 1945 primeiro-ministro prussiano, 1933/34 simultaneamente ministro do Interior e chefe da polícia prussiana, general da polícia nacional, chefe da polícia secreta de defesa do Estado, a partir de maio de 1933 ministro do Reich para Aviação, incumbido da constituição da Luftwaffe, 1935 general dos pilotos, 1935 até 1945 alto-comandante da Luftwaffe, 1936 major-general, 1938 marechal-de-campo, 1940 marechal do Reich, de 1936 até 1945 encarregado do Reich para questões de matérias-primas e de divisas, ao mesmo tempo encarregado do plano quadrienal e com isso pela economia armamentista, de 1937 até 1945 presidente da Reichswerke AG für Erzbergbau und Eisenhütten (mineradora e siderúrgica) "Hermann Göring", desde 1938 encarregado da regulamentação da questão dos judeus, de 1939 até 1945 primeiro-ministro para a Defesa do Reich, de 1940 a 1945 diretor da economia de guerra, de 1941 a 1945 diretor do Estado-Maior econômico oriental, de 1934 a 1945 inspetor das matas e caçador-mor do Reich, em 23.4.1938 nomeação como substituto de Hitler em todas as

funções para o caso do impedimento de cumprimento dos deveres deste “por doença ou outros eventos”, em 1.9.1939 nomeação oficial como substituto e sucessor de Hitler como chanceler do Reich, preso e destituído de todos os cargos em 23.4.1945 por ordem de Hitler, em 29.4.1945 excluído do NSDAP por Hitler em seu testamento, em 8.5.1945 preso pelos militares dos EUA, condenado à morte em Nuremberg, suicídio por envenenamento.

Göring, Karin, nascida von Fock, separada von Kantzow (* 21.10.1888 Estocolmo, † 25.9.1931 Castelo Rockelstad [Östergötland, Suécia]): filha de um oficial sueco de ascendência alemã, esposa do oficial sueco Nils von Kantzow, em fevereiro de 1920 conheceu Hermann Göring, passando a viver com ele a partir do verão de 1920, engajou-se no NSDAP, separação de Nils von Kantzow, em 3.2.1923 casamento com Hermann Göring, 1923 fuga com Hermann Göring para a Áustria, depois para a Suécia, 1927 retorno para Berlim, assumiu compromissos sociais, apesar de gravemente doente, morreu de doença cardíaca durante uma visita à sua família.

Gort, John Standish (* 10.7.1886 Londres, † 13.3.1946 Londres): formação em Sandhurst, mobilização na França durante a Primeira Guerra Mundial, 1937 nomeação para chefe do Estado-Maior britânico, desde novembro de 1939 comandante-em-chefe da Força Expedicionária Britânica na França, dirigiu em maio de 1940 a bem-sucedida retirada do vale de Dunquerque, em julho de 1940 inspetor-geral do Exército, marechal-de-campo, 1941 alto-comandante em Gibraltar, 1942 governador e alto-comandante da ilha de Malta, 1945 alto-comissário para a Palestina e a Transjordânia.

Grawitz, Ernst (* 8.6.1899 Berlim-Charlottenburg, † 24.4.1945 Berlim [suicídio]): estudo de medicina, doutor em medicina, habilitação, 1931 ingresso na SS, 1932 ingresso no NSDAP, 1933 médico dirigente no Hospital Westend, em Berlim, 1935 chefe do Departamento Sanitário da SS, inúmeras outras funções, 1937 médico do *Reich* na SS, presidente da Cruz Vermelha alemã, 1940 inspetor sanitário da Waffen-SS, iniciador de experiências com seres humanos nos campos de concentração, 1941 professor honorário da Universidade de Graz, 1944 SS-*Obergruppenführer* e general da Waffen-SS; designado equivocadamente no *Dossiê Hitler* como dirigente da Liga Médica do NSD.

Graziani, Rodolfo (* 11.8.1882 Filetino [Lácio, Itália], † 11.1.1955 Roma): estudo de direito, 1906 subtenente, soldado de carreira, participou da expedição contra a Líbia e da Primeira Guerra Mundial, mais tarde vice-governador da Cirenaica, expedições contra os beduínos, 1935 governador da Somália, comandante-em-chefe das tropas enviadas pela Somália na guerra da Abissínia, 1936 vice-rei da Etiópia, 1937 marechal, 1939 chefe do Estado-Maior do Exército, 1940 ao mesmo tempo comandante das tropas italianas na Líbia, demissão de todos os cargos em 1942 após derrotas, 1943 ministro da Guerra da Repubblica Sociale Italiana, 1945 preso por tropas americanas, diversos processos, 1950

condenado por um tribunal militar italiano a 19 anos de prisão, posto em liberdade ainda no mesmo ano, agricultor numa propriedade no Lácio.

Greim, Robert Ritter von (* 22.6.1892 Bayreuth, † 24.5.1945 Salzburgo [suicídio]): 1913 tenente, desde 1916 piloto de avião, primeiro-tenente, 1918 *Staffelführer*, capitão, de 1920 até 1922 estudo de direito, de 1924 até 1927 estadia em Cantão (China), organização da aviação chinesa, de 1928 até 1934 diretor da Escola de Aviação em Würzburg, 1934 tenente-coronel da Luftwaffe, 1935 comodoro da esquadrilha de caça “Freiherr von Richthofen”, a partir de novembro de 1935 inspetor de segurança e aparelhagem aérea, a partir de 1937 chefe do Departamento de Pessoal da Luftwaffe, 1938 brigadeiro, 1939 comandante da 5ª Divisão de Pilotos, 1940 tenente-general e general comandante do V Corpo de Pilotos, 1941 comandante do Comando da Luftwaffe Leste, 1943 major-general e alto-comandante da Frota Aérea 6, em 26.4.1945 nomeado por Hitler como sucessor de Göring para marechal-de-campo e comandante-em-chefe da Luftwaffe, vôo para o governo Dönitz, fuga para o Tirol, preso em maio de 1945 por tropas americanas.

Guderian, Heinz (* 17.6.1888 Kulm [Prússia ocidental], † 14.5.1954 Schwangau, Füssen [Alta-Baviera]): cadete, 1908 tenente, 1913 academia de guerra, durante a Primeira Guerra Mundial primeiramente oficial de comunicações, 1915 capitão, a partir de 1916 diversas funções no Estado-Maior, em novembro de 1918 mudança para o Ministério da Guerra (Posto Central de Defesa de Fronteira Leste), a partir de 1919 no Estado-Maior da defesa de fronteiras, 1920 chefe de companhia num batalhão de caça, a partir de 1922 na Divisão Automotiva do Ministério da Defesa do Reich, 1924 no Estado-Maior da 2ª Divisão, 1927 major, trabalhou na Divisão de Transportes do Ministério da Defesa do Reich, 1930 comandante da Divisão Automotiva, 1931 tenente-coronel, 1933 coronel, 1934 chefe do Estado-Maior junto ao inspetor das tropas automotivas, 1935 comandante da 2ª Divisão de Blindados, 1936 brigadeiro, 1938 general-comandante do XVI Corpo do Exército, 1939 do XIX Corpo do Exército, 1940 comandante-em-chefe do 2º Grupo de Blindados (a partir de 1941, Exército Blindado), major-general, em dezembro de 1941 transferido para a reserva do *Führer* por causa de sua proposta de recuo, 1943 reativado, inspetor-geral das Forças Blindadas, em 21.7.1944 foi-lhe confiada a defesa dos negócios do chefe do Estado-Maior do Exército, membro da corte honorária do exército que expulsou os conspiradores de 20 de julho da Wehrmacht, dispensado em 28.3.1945 devido à sua proposta de iniciar negociações de rendição com o Leste, 1945 prisão americana, 1948 posto em liberdade.

Günsche, Otto (* 24.9.1917 Jena, † 2.10.2003 Lohmar, Bonn): 1931 ingresso na Juventude Hitlerista, 1934 ingresso no SS-Leibstandarte “Adolf Hitler” (membro-SS nº 257773), 1935 admissão no NSDAP (nº 3601524), a partir de 1936 *Unterführer* no Führer-Begleitkommando, 1941/42 frequentou a Escola de Cadetes Bad Tölz, entrou

em combate no *front*, de janeiro até agosto de 1943 vice-ajudante pessoal de Hitler, entrada em combate no *front* como chefe de companhia na Divisão de Blindados do SS-Leibstandarte "Adolf Hitler", a partir de fevereiro de 1944 novamente ajudante pessoal de Hitler, 1944 SS-*Sturmabführer*, a partir de 2.5.1945 prisioneiro dos soviéticos, 1950 condenado a trabalhos forçados por 25 anos, 1955 transferido para a RDA, 1956 libertado do Presídio Bautzen, fugiu para a RFA, viveu na Alemanha Ocidental.

Haase, Werner (* 2.8.1900 Köthen [Anhalt], † 30.11.1950 Moscou): 1918/19 serviço militar, estudo de medicina, 1924 formou-se como doutor em medicina, especializou-se em cirurgia, 1927 médico naval, 1933 ingresso no NSDAP e na SA, 1934 médico-assistente na Clínica Cirúrgica Universitária de Berlim, mudança para a SS, 1935 como médico acompanhante no Estado-Maior do *Führer*, 1935 SS-*Sturmführer*, desligado do serviço para Hitler por motivo de doença, 1936 habilitação, 1937 docente na Universidade de Berlim, 1938 SS-*Obersturmführer*, 1940 professor adjunto de cirurgia, 1943 SS-*Obersturmbannführer*, médico superior na Clínica Cirúrgica Universitária, a partir de abril de 1945, diretor do posto médico no *bunker* da nova Chancelaria do Reich, preso em 3.5.1945 por tropas soviéticas, morreu no hospital-prisão de Butyrka.

Haberstock, Karl (* 19.6.1878 Augsburg, † ?): comerciante de artes e antiguidades em Berlim, 1933 ingresso no NSDAP (nº 1772846), comprou pinturas por incumbência de Hitler.

Hácha, Emil (* 12.7.1872 Trhove-Sviny bei Budweis [Boêmia], † 27.6.1945 Praga): estudo de direito, doutor, advogado, membro da comissão bávara em Praga, 1916 conselheiro áulico no Tribunal Administrativo de Viena, após a independência da Tchecoslováquia segundo-presidente da Suprema Corte em Praga, a partir de 1925 seu primeiro-presidente, 1938 presidente da República Tchecoslovaca, assinou em 15.3.1939 o acordo para incorporação do seu território ao Reich alemão como "Protetorado da Boêmia e Morávia", continuou presidente da Boêmia e Morávia, preso em 12.5.1945, morreu no hospital da prisão.

Haig, prenome desconhecido (* ?, † ?): major, assistente do adido militar britânico em Berlim.

Halder, Franz (* 30.6.1884 Würzburg, † 2.4.1972 Aschau [Alta-Baviera]): 1904 tenente, de 1911 a 1914 Academia de Guerra, oficial do Estado-Maior na Primeira Guerra Mundial, capitão, 1920 Reichswehr, continuou oficial do Estado-Maior, além disso serviu como professor de táticas e chefe de bateria, 1929 tenente-coronel, 1931 coronel, chefe do Estado-Maior no Wehrkreiskommando VI, 1934 brigadeiro, comandante da 7ª Divisão de Infantaria, 1936 *Oberquartiermeister* II no Estado-Maior do Exército, 1937 diretor do Estado-Maior de manobras da Wehrmachtsmanöver, fevereiro de 1938

Oberquartiermeister I do Exército, general da Artilharia, desde setembro de 1938 chefe do Estado-Maior do Exército, 1940 major-general, transferido para a reserva do *Führer* em 24.9.1942, desde 1938 cuidadosa aproximação a diversos círculos de oposição, depois de 20.7.1944 preso e enviado ao campo de concentração de Dachau, preso em maio de 1945 pelos militares americanos, libertado em 1947, de 1946 a 1961 dirigiu a divisão alemã na Historical Division do Exército dos EUA.

Halifax, Edward Frederick, visconde, desde 1944 conde de (* 16.4.1881 Powderham Castle [Devonshire, Inglaterra], † 23.12.1959 Garrowby Hall [Yorkshire, Inglaterra]): estudo de história, diversas viagens, publicações jornalísticas e científicas, de 1910 até 1925 membro da Câmara dos Comuns, depois membro da Câmara dos Lordes, de 1935 a 1938 seu porta-voz, durante a Primeira Guerra Mundial inicialmente oficial da cavalaria na França, 1917/18 no Ministério para Serviços Nacionais, 1921/22 subsecretário de Estado no Ministério Colonial, de 1922 a 1924 e de 1932 a 1935 ministro da Educação, 1924/25 ministro da Agricultura, de 1925 até 1931 governador-geral e vice-rei da Índia, 1935 ministro da Guerra, de 1935 a 1937 lorde Guardião do Selo no gabinete de Chamberlain, em novembro de 1937 conversações com Hitler e Göring, a partir de fevereiro de 1938 ministro do Exterior, apoiador da política de *appeasement* britânica em relação ao Reich alemão, suspensão das negociações com a União Soviética, dezembro de 1940 a maio de 1946 embaixador em Washington, participou das Conferências de Dumberton Oaks (1944) e de San Francisco (fundação da ONU, 1945).

Hamann, Otto (* 23.5.1916 Berlim, † 2. (?) 5.1945 Berlim): ingresso na Juventude Hitlerista, 1933 *Unterbannführer*, dirigente do Bann Berlim-Tempelhof, estudo, 1935 admissão no NSDAP (nº 3706571), 1938 *Oberbannführer*, diretor do Estado-Maior da Juventude Hitlerista-Região Berlim, 1942 *Hauptbannführer*, dirigente da Juventude Hitlerista-Berlim, 1943 *Gaubannführer*, estreita colaboração com Axmann, organizou no início de 1945 o Regimento Berlim da Juventude Hitlerista, morto nos combates em Berlim.

Hamilton (ver Douglas-Hamilton).

Hammitzsch, Angela, nascida Hitler, viúva Raubal (* 28.7.1883 Viena, † 30.10.1949 Dresden): escola pública, casamento com o oficial de impostos Leo Raubal, três filhos: Leo (* 2.10.1906), Angela ("Geli"), Elfriede (* 10.1.1910), chefe da cozinha num lar para meninas vienense após a morte do marido, a partir de 1926 governanta de Adolf Hitler na Casa Wachenfeld (Berghof), 1935 dispensada por ridicularizar a aparição pública de Eva Braun (segundo Joachimsthaler); não há nenhum fundamento para a versão de defesa de uma vítima do "golpe de Estado de Röhm" mencionada no *Dossiê Hitler*. 1936 casamento com o arquiteto professor doutor em engenharia Martin Hammitzsch.

Hammitzsch, Martin (* 22.5.1878 Plauen, Dresden, † 5.6.1945 Oberwiesenthal, Erzgebirge [suicídio]): estudou arquitetura, doutor em engenharia, 1905 professor de construção civil na Escola Pública Superior de Construção Civil de Dresden, ao mesmo tempo trabalhou como arquiteto (entre outros, a Fábrica de Cigarros Yenidze 1908/10, Dresden), 1909 professor na Academia de Ofícios Chemnitz, combatente da Guerra Mundial, posto mais alto capitão, 1918 professor, 1919 chamado pela Escola Pública de Construção Civil de Dresden, a partir de 1920 seu diretor, 1935 admissão no NSDAP (nº 3693268), 1936 casamento com Angela Raubal, nascida Hitler.

Hanke, Karl (* 24.8.1903 Lauban [Silésia], † junho de 1945 em Neudorf [região dos sudetos; fuzilado]): moleiro, 1920 voluntário temporário, membro de várias associações de defesa, professor de ofícios em Berlim, 1928 ingresso no NSDAP (nº 102606), 1931 dispensado do serviço na escola, diretor distrital do NSDAP em Berlim, de abril de 1932 a dezembro de 1932 membro da Assembléia da Prússia, de novembro de 1932 a 1945 membro do Congresso do Reich, a partir de março de 1933 assessor pessoal e diretor do secretariado particular de Joseph Goebbels no Ministério da Propaganda do Reich, em fevereiro de 1934 ingresso na SS (nº 203013), SS-*Sturmabführer*, a partir de 1935 *Obersturmbannführer* no Estado-Maior do *Reichsführer* SS, 1937 diretor ministerial, SS-*Oberführer*, vice-presidente-dirigente da Câmara de Cultura do Reich, 1938 secretário de Estado no Ministério da Propaganda, voluntário na expedição contra a Polônia e a França, 1941 primeiro-tenente da Wehrmacht, por motivos pessoais esfriou o relacionamento com Josef Goebbels (durante uma crise matrimonial, tomou o partido da esposa), 1941 *Gauleiter* e presidente na Baixa-Silésia (Breslau), 1941/42 comissário de Defesa do Reich, 1942 até 1945 comissário de Defesa do Reich para o distrito da Baixa-Silésia, 1943/44 chefe comissarial do Departamento Central do Ministério do Reich para Armamentos e Produção Bélica, 1944 SS-*Obergruppenführer*, a partir de setembro de 1944 dirigente do *Deutscher Volkssturm* no distrito da Baixa-Silésia, 1945 papel importante na declaração de Breslau como cidade-fortaleza e, com isso, responsável pela destruição da cidade e pela morte de seus habitantes, fuga em 5.5.1945 de Breslau, preso por rebeldes tchecos e provavelmente fuzilado sem ser identificado.

Hansen, Max (* 32.7.1908 Niebüll [Frísia do Norte], † 7.3.1990 Niebüll): 1933 ingresso na Leibstandarte "Adolf Hitler", 1939 chefe de companhia, 1942/43 *Sturmabführer* e comandante do II Batalhão do 1º Regimento de Infantaria Blindada da SS, 1944 *Standartenführer*, comandante do 1º Regimento de Infantaria Blindada da Leibstandarte "Adolf Hitler", participou da batalha das Ardenas e da ofensiva fracassada na Hungria, 1945 preso, provavelmente libertado em 1949.

Harlan, Veit (* 22.9.1899 Berlim, † 13.4.1964 Capri [Itália]): desde 1915, ator em Meiningen e Berlim, a partir de 1926 papéis bem-sucedidos em filmes, 1934 direção de

teatro e cinema, inúmeros dramas — principalmente com sua mulher, Kristina Söderbaum, no papel principal —, a partir de 1937 filmes que enalteciam os princípios ideológicos fundamentais do regime nacional-socialista, direção e colaboração no filme panfletário anti-semita *Jud Süß*, 1941 direção na biografia filmada de Frederico II da Prússia (*O grande rei*), desde 1942 direção no épico monumental *Kolberg* (estréia em 30.1.1945), após 1945 inicialmente proibido de exercer a profissão, a partir de 1950 novamente atuante como diretor de cinema.

Hase, Paul von (* 24.7.1885 Hannover, † 8.8.1944 Berlim [executado]): estudo de direito, 1905 ingresso no exército como voluntário por um ano, mudança para a carreira de oficial, 1907 tenente, 1914 primeiro-tenente, diversas funções no Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, 1920 chefe de companhia na Reichswehr, a partir de 1923 novamente funções em diversos estados-maiores, 1926 diretor do campo de tiro (o posterior campo de provas do exército) Kummersdorf, 1928 major, 1933 tenente-coronel, 1934 comandante do Regimento de Infantaria Küstrin, 1938 brigadeiro, 1939 comandante da 46ª Divisão de Infantaria, tenente-general, desde novembro de 1940 comandante de Berlim; no planejado golpe de Estado de 1944 foi destinado um papel decisivo para as unidades comandadas por Hase. Preso em 20.7.1944, condenado à morte em 8.8.1944.

Hasselbach, Hans-Karl von (* 2.11.1903 Berlim, † 1988 Munique): estudo de medicina, 1927 formou-se como doutor em medicina, especialização cirúrgica em Munique, 1933 ingresso no NSDAP, 1934 admissão na SS, a partir de 1935 médico de Hitler, a partir de setembro de 1939 oficial da Wehrmacht, *SS-Hauptsturmführer*, a partir de setembro de 1942 médico permanente de Hitler, atuou nos respectivos QGs do *Führer*, 1943 nomeação como professor, em 9.10.1944 (juntamente com Karl Brandt) dispensado por Hitler, diretor de hospital de campanha no *front* oriental, de 1945 a 1948 prisão americana, depois médico-chefe das instalações hospitalares Bethel em Bielefeld, posteriormente médico em Munique.

Hassell, Ulrich von (* 12.11.1881 Anklam, † 8.9.1944 Berlim [executado]): estudo de direito, 1909 ingresso no Ministério do Exterior, 1911 vice-cônsul em Gênova, 1914 serviço militar, ferido, depois serviço administrativo, 1917 diretor da Liga dos Territórios Prussianos, 1919 ingresso no DNVP, retorno ao Ministério do Exterior, secretário enviado em Roma, 1920 conselheiro da embaixada e encarregado de negócios, 1921 cônsul-geral em Barcelona, 1926 enviado em Copenhague, 1930 enviado em Belgrado, 1932 embaixador em Roma, 1938 transferido por Ribbentrop para a reserva, desde março de 1939 atuante no planejamento de um golpe de Estado, opositor da perseguição aos judeus e da política totalitária do Reich alemão, previsto como ministro do Exterior do governo Goerdeler no planejamento do golpe de Estado de 20.7.1944, preso em 28.7.1944, condenado à morte em 8.9.1944 pelo tribunal popular (*Volksgerichtshof*).

Haushofer, Albrecht (* 7.1.1903 Munique, † 23.4.1945 Berlim [assassinado]): filho de Karl Haushofer, historiador e geógrafo, a partir de 1928 secretário-geral da Sociedade Geográfica, autor de dramas e romances históricos, docente na Escola Superior de Política em Berlim, 1940 professor de geografia política na Faculdade de Ciências Estrangeiras da Universidade de Berlim, conselheiro de política externa de Rudolf Hess, 1941 preso e interrogado em Obersalzberg, posteriormente ligações com os conspiradores de 20.7.1944, preso em dezembro de 1944, fuzilado sem sentença judicial.

Haushofer, Karl (* 27.8.1869 Munique, † 13.3.1946 Pähl [Alta Baviera; suicídio]): 1887 ingresso no exército bávaro, carreira militar, Academia de Guerra, a partir de 1903 professor de história da guerra, 1908 até 1910 observador no Exército japonês, estudo de geografia, 1913 formou-se como doutor em filosofia, funções no Estado-Maior na Primeira Guerra Mundial, posteriormente comandante de uma divisão, brigadeiro, 1919 reforma e habilitação em geografia na Universidade de Munique, presidente da Sociedade de Geopolítica, 1921 professor honorário, mentor acadêmico de Rudolf Hess, 1933 professor catedrático, de 1934 até 1937 senador da Academia Alemã, 1939 jubinado, conselheiro da Volksdeutsche Mittelstelle conduzida pela SS, a partir de 1941 interrogatórios pela Gestapo, 1944 preso por pouco tempo, matou-se para escapar da prisão pela polícia militar dos Aliados.

Heines, Edmund (* 21.7.1897 Munique, † 30.6.1934 Munique [assassinado]): 1914 conclusão do ensino médio, voluntário de guerra, tenente, 1919 Corpo de Voluntários Oberland, 1920 participou do planeamento de um crime de motivações políticas, 1921 Corpo de Voluntários Rossbach, ingresso no NSDAP e SA, 1922/23 comandante de um batalhão da SA em Munique, participou do golpe de Estado, condenado à prisão militar, 1925 reingresso no NSDAP, dirigente da Schilljugend (organização precursora da Juventude Hitlerista), 1927 excluído do NSDAP, 1928 condenado a cinco anos de prisão, 1929 anistiado, 1929 readmissão no NSDAP, dirigente do SA-Standarte München-Land, a partir de 1930 membro do Congresso, a partir de abril de 1931 dirigente da SA em Berlim, a partir de maio de 1931 vice de Röhm, SA-*Gruppenführer*, desde o outono de 1931 dirigente da SA na Silésia, 1933 SA-*Obergruppenführer* e chefe da polícia em Breslau, 1934 dirigente do III, respectivamente, VIII SA-Obergruppe Silésia, prisão em 30.6.1934 em Bad-Wiessee relacionada com o “golpe de Röhm”, levado para a prisão de München-Stadelheim e lá assassinado.

Heinrich, Gotthard (* 25.12.1886 Gumbinnen [Prússia oriental], † 13.12.1971 Endersbach, Waiblingen): 1905 ingresso no Exército, 1906 tenente, oficial do Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, transferido para a Reichswehr, continuou atuando em diversos estados-maiores, 1924 chefe de companhia num regimento de infantaria, 1926 major, 1927 mudança para o Ministério de Defesa do Reich, divisão de organiza-

ção do exército, 1930 tenente-coronel e comandante de batalhão, 1932 no Estado-Maior do Gruppenkommando 1, 1933 coronel e chefe de divisão no Ministério de Defesa do Reich, 1936 brigadeiro, 1937 comandante da 16ª Divisão, 1938 tenente-general, 1940 dirigente do VII Corpo do Exército, depois do XII Corpo do Exército, general da infantaria, 1942 comandante-em chefe do 4º Exército, 1943 major-general, 1944 comandante-em-chefe do 1º Exército Blindado, a partir de março de 1945 do Grupamento do Exército Weichsel, dispensado em 28.4.1945, prisão inglesa; passou a viver em Württemberg depois de 1948.

Helldorf, Wolf Heinrich Graf von (* 14.10.1896 Merseburg, † 15.8.1944 Berlim [executado]): serviço militar, 1919 no Corpo de Voluntários Lützow e Rossbach, 1920 participação no golpe “Kapp-Lüttwitz”, a partir de 1920 agricultor em fazenda própria, 1923 dirigente do Stahlhelm na região de Unstrut, ajudante do dirigente de Stahlhelm Theodor Duesterberg, 1924 fuga para a Itália, após anistia comandante da Frontbann, de 1927 até 1933 presidente da Câmara de Agricultura da Província da Saxônia, 1930 ingresso no NSDAP (nº 325408), 1931 dirigente do SA-Standarte 2, SA-*Oberführer*, 1931/32 dirigente da SA-Gruppe Berlim-Brandemburgo, a partir de 1932 SS-*Führer* no distrito de Brandemburgo, 1931 condenado a seis meses de prisão, a partir do final de 1932 novamente dirigente do Obergruppe I, presidente do grupo do NSDAP na Assembléia Prussiana, de 1933 a 1935 chefe da polícia em Potsdam, diretor da Central da Stapo, de 1933 a 1944 membro do Congresso, de 1935 a julho de 1944 chefe da polícia em Berlim, 1938 SA-*Obergruppenführer*, a partir de 1938 ligações com o círculo de Goerdeler, 1939 dirigente da polícia da Grande Berlim, 1941 temporariamente comandante de um batalhão blindado no *front* oriental na patente de cavaleiro, preso após o atentado contra Hitler em julho de 1944, condenado à morte em 8.8.1944.

Henderson, Neville (* 10.6.1882 Sedwick Park Horsham [Sussex], † 30.12.1942 Londres): 1905 ingresso no serviço diplomático, nas missões de São Petersburgo, Tóquio, Roma, Paris, entre outras, de 1929 a 1935 embaixador britânico em Belgrado, de 1935 a 1937 em Buenos Aires, de 1937 a 1939 em Berlim, participou das assembléias partidárias do NSDAP em 1937 e em 1938, foi um dos mais influentes representantes da política britânica de *appeasement*.

Hennicke, Paul (* 31.1.1883 Erfurt, † 25.7.1967 Braunschweig): mecânico, a partir de 1910 ferroviário, inspetor ferroviário, no serviço técnico da Feldeisenbahn durante a Primeira Guerra Mundial, 1920 participou do golpe “Kapp-Lüttwitz”, 1922 ingresso no NSDAP, SA-*Führer* na Turíngia, 1925 reingresso no NSDAP (nº 36492), a partir de 1927 vereador em Gotha, 1929 ingresso na SS (nº 1332), SS-*Führer* oficial, 1931 *Standartenführer*, 1933 *Oberführer*, dirigente do trecho da SS XXVII, 1934 *Brigadeführer*, 1937 até 1942 chefe da polícia de Weimar, 1938 SS-*Gruppenführer*,

1942/43 *SS-Führer e Polizeiführer* em Rostov, 1943/44 *SS-Führer e Polizeiführer* em Kiev, 1944/45 dirigente de uma comissão especial, 1945 representante do *Führer* no SS-Oberabschnitt Fulda-Werra, preso por tropas americanas em junho de 1945, testemunha em processos de crimes de guerra, 1948 absolvido por um tribunal alemão da acusação de crime premeditado, 1949 absolvido da acusação de assassinato, 1950 condenado por um tribunal a um ano de prisão por ter pertencido à SS, depois passou a viver em Braunschweig.

Hentschel, Johannes, “Hans” (* 10.5.1908 Berlim, † 27.4.1982 Achern [Baden]): mecânico, prova para máquinas elétricas, desde 1934 maquinista na Velha Chancelaria do Reich, a partir de meados de abril de 1945 permanente no *bunker* do *Führer*, preso em 2.5 por tropas soviéticas como último remanescente no *bunker*, 1949 libertado.

Hermani, August (* 31.5.1911, † ?): 1928 ingresso na Reichswehr, 1934 tenente, 1937 primeiro-tenente e ajudante no Regimento de Infantaria 42, 1940 capitão, 1940 designado chefe de transportes no Estado-Maior do Exército, 1942 chefe de transportes no distrito de Poltava, a partir de novembro de 1942 oficial de Estado-Maior no Estado-Maior da 304ª Divisão de Infantaria, 1943 major e *Quartiermeister* do LII Corpo do Exército, a partir de agosto de 1943 no Estado-Maior do XLII Corpo do Exército, 1944 tenente-coronel e no Estado-Maior da 26ª Divisão de Infantaria, transferido em setembro de 1944 para a divisão de operações do Estado-Maior, em abril de 1945 chefe do Estado-Maior do Korps Reimann, 1956 ingresso na Bundeswehr.

Herrmann, Harry (* 27.5.1909 Berlim, † 12.3.1995 Altenstadt, Schongau [Alta-Baviera]): 1929 ingresso na polícia de segurança pública, 1934/35 Escola de Polícia Potsdam-Eiche, tenente, participou de um curso na Escola de Pára-Quedistas Stendal, 1937 ajudante de batalhão, 1939 inspetor da Escola de Pára-quedistas, 1940 mobilização nos Países Baixos, 1941 em Creta, capitão, depois chefe de companhia no Regimento de Ensino de Tropas de Pára-Quedistas 1, diretor da Divisão de Provas, 1943 mobilização na Itália, coronel, 1944 comandante do Regimento de Pára-Quedistas 21, a partir de setembro de 1944 comandante da 6ª Divisão de Pára-Quedistas, 1945 coronel, comandante da Brigada de Pára-Quedistas Caça-Blindados, em 19.4.1945 nomeado comandante da 9ª Divisão de Pára-Quedistas, colocação em Berlim, em 2.5.1945 prisão soviética, 1955 libertado, 1957 ingresso na Bundesluftwaffe, diretor de Divisão de Aterrissagem no serviço das tropas, 1959 coronel da Bundeswehr, vice-comandante da 1ª Divisão de Aterrissagem, 1962 comandante da Escola de Transportes e Aterrissagem de Altenstadt, 1967 aposentadoria.

Hess, Alfred (* 29.3.1897 Alexandria [Egito], † 9.6.1963 Reichholdsgrün, perto de Wunsiedel [Fichtelgebirge]): irmão de Rudolf Hess, mudança para a Alemanha para formação escolar e de comércio, 1920 ingresso no NSDAP, 1924 retorno ao empreendimento

paterno em Alexandria, desde 1926 constituição do NSDAP no Egito, 1932 readmissão no NSDAP (nº 1368285), 1933 *Landesgruppenleiter* do NSDAP no Egito, constituição do Serviço de Comércio Exterior do NSDAP em Berlim, a partir de 1934 vice-diretor da organização no exterior do NSDAP, 1945 prisão americana, 1946 testemunha de defesa no processo dos principais criminosos de guerra, libertado após veredicto.

Hess, Ilse, nascida Pröhl (* 22.6.1900 Hannover, † 7.9.1995 Lilienthal [Allgäu]): travou conhecimento com Rudolf Hess e Adolf Hitler ainda como ginásiana, 1921 ingresso no NSDAP, estudo de germanística, ativista do Partido, trabalhos temporários, 1925 reingresso (nº 25071), 1927 casamento com Rudolf Hess, um filho, 1941 sofreu represálias, que cessaram após a intervenção de Hitler, 1943 mudança para a região de Allgäu, 1947 presa, 1948 condenada a uma pena condicional por um tribunal de sentença, depois de libertada viveu do plantio de legumes, desde 1952 organizadora das cartas e escritos do seu marido, 1955 inaugurou uma pensão.

Hess, Rudolf (* 26.4.1894 Alexandria [Egito], † 17.8.1987 Berlim [suicídio]): formação comercial em Hamburgo, 1914 voluntário de guerra, primeira infantaria, posteriormente tenente da Tropa de Aviadores, a partir de 1919 estudo de economia política, geografia e geopolítica em Munique, membro da Sociedade Thule e do Corpo de Voluntários Epp, 1920 ingresso no DAP respectivamente no NSDAP (membro nº 16), participou do golpe de 1923, condenado à prisão militar, a partir de 1925 secretário particular de Hitler, 1932 presidente da comissão central política do NSDAP, em 21.4.1933 nomeado vice do *Führer* no NSDAP, 1933 SS-*Obergruppenführer*, membro do Congresso, ministro sem pasta do Reich, 1938 membro do Conselho Secreto dos Ministros, 1939 membro do Conselho Ministerial para Defesa do Reich, em 10.5.1941 vôo com um Me 110 para a Escócia para preparar negociações de paz, declarado psicopata por Hitler, em 15.10.1941 tentou suicídio, 1945 transferido para Nuremberg, acusado no processo dos principais criminosos de guerra, condenado à prisão perpétua, desde 1966 único prisioneiro na prisão para criminosos de guerra em Berlim-Spandau.

Hessen, Mafalda, princesa de (* 9.11.1902, † 28.8.1944 campo de concentração de Buchenwald): filha do rei italiano Vittorio Emanuel III, casada com o príncipe Philipp de Hesse, levada para o campo de concentração de Buchenwald em 9.9.1943, morreu num ataque aéreo dos Aliados.

Hessen, Philipp, príncipe de (* 6.11.1896 Castelo Rumpenheim, Hanau, † 25.10.1980 Roma): oficial, arquiteto, 1930 ingresso no NSDAP, 1931 admissão na SA, posteriormente SA-*Gruppenführer*, a partir de 1933 alto-presidente da Província de Hessen-Nassau, foram confiadas a ele diversas missões diplomáticas semi-oficiais, enviado em 9.9.1943 para o campo de concentração em Flossenbürg, posteriormente em Dachau, emigração para a Itália após o fim da guerra.

Heusinger, Adolf (* 4.8.1897 Holzminden, † 30.11.1982 Colônia): 1915 aspirante, a partir de 1916 serviço militar como tenente, 1917 chefe de companhia, prisão inglesa, 1919 retorno, admissão na Reichswehr, 1925 primeiro-tenente, 1927 até 1929 formação de ajudante de comando, a partir de 1929 oficial do Estado-Maior, 1932 capitão no Ministério da Defesa do Reich, 1934 chefe de companhia em um regimento de infantaria, 1936 major, no Estado-Maior da 11ª Divisão, 1937 mudança para a Divisão de Operações no Estado-Maior do Exército, 1938 tenente-coronel, 1940 coronel e chefe da Divisão de Operações no alto-comando do exército, 1941 brigadeiro, 1943 tenente-general, a partir de junho de 1944 vice do chefe do Estado-Maior, após o atentado contra Hitler temporariamente preso pela Gestapo, escreveu na prisão um memorial para Hitler, 1945 a 1948 prisioneiro de guerra, testemunha no processo dos principais criminosos de guerra, 1948 a 1950 chefe da Divisão de Valorização na Organização Gehlen, a partir de 1950 conselheiro militar do governo federal, 1952 especialista militar no Instituto Blank, chefe da Divisão Militar, 1955 transferido como tenente-general para a Bundeswehr, a partir de novembro de 1955 presidente do conselho-diretor militar, 1957 diretor da Divisão das Forças Armadas no Ministério da Defesa Federal, inspetor geral da Bundeswehr, 1961 presidente da Comissão Militar Permanente da OTAN em Washington, 1964 desligado, depois conselheiro militar do CDU.

Hewel, Walther (* 2.1.1904 Colônia, † 2.5.1945 Berlim [suicídio]): 1923 estudo de técnica e política econômica na Escola Técnica Superior de Munique, 1923 porta-bandeira da tropa de ataque de Hitler no golpe em Munique, condenado à prisão militar, comerciante em Hamburgo após a libertação, depois na Inglaterra, a partir de 1927 num empreendimento de plantio na Companhia das Índias Orientais Holandesa, 1933 ingresso na organização do exterior do NSDAP, trabalhou a partir de 1934 na administração central das Companhias Reunidas de Plantação, 1935 relator econômico da seção Bandoeng, 1936 retorno para a Alemanha, diretor principal de distrito e relator da Ásia Oriental do NSDAP (AO), 1937 SS-*Sturmabführer* e principal relator na Divisão Inglaterra na repartição de Ribbentrop, 1938 conselheiro de legação 1ª classe no Departamento do Exterior, diretor do Estado-Maior pessoal do ministro, SS-*Standartenführer*, a partir de junho de 1938 encarregado do ministro do Exterior junto a Hitler, advertência antes da invasão da região dos sudetos, 1939 conselheiro de legação conferencista, advertência ante o desencadeamento de uma guerra, 1940 enviado de 1ª classe e dirigente ministerial, encarregado permanente do ministro do Exterior junto a Adolf Hitler, 1942 *Brigadeführer*, 1943 embaixador para situações especiais, 1944 ferido na queda de um avião, freqüentemente na proximidade de Hitler, em 1.5.1945 fuga da Chancelaria do Reich juntamente com Martin Bormann, suicídio com veneno e tiro de pistola.

Himmler, Heinrich (* 7.10.1900 Munique, † 23.5.1945 perto de Lüneburg [suicídio]): desde 1915 formação militar, 1918 aspirante, dispensado sem ser mobilizado para a guerra, 1919 Corpo de Voluntários Landshut e Oberland, estudo de agricultura em Munique, membro da Defesa dos Cidadãos, 1922/23 trabalhou numa firma de adubos, 1922/23 membro da Reichsflagge, 1923 ingresso no NSDAP (nº 42404) e na tropa de ataque de Hitler, participação no golpe Hitler-Ludendorff, depois em diversas associações de extrema direita, a partir de julho de 1924 secretário e vice-diretor de distrito no Nationalsozialistischen Freiheitspartei, ao mesmo tempo representante comercial, a partir de 1925 diretor de distrito do Artamanenbund na Baviera, reingresso no NSDAP (nº 14303), vice-diretor e administrador do distrito do NSDAP da Baixa-Baviera, 1926/27 na mesma função no distrito da Alta-Baviera, de 1926 a 1930 vice-diretor de Propaganda do NSDAP, 1927 a 1929 vice-*Reichsführer* SS, membro do Estado-Maior do alto-comando da SA, de 6.1.1929 a 29.4.1945 *Reichsführer* SS, membro da direção do NSDAP, 1930 a 1945 membro do Congresso, em março/abril de 1933 comissário-chefe de polícia da chefatura de polícia de Munique, implantação do campo de concentração de Dachau, a partir de 1.4.1933 comandante da polícia política na Baviera, a partir do outono de 1933 em outros 12 estados, a partir de 1934 inspetor da polícia secreta prussiana, em 30.6.1934 participação importante no assassinato de inúmeros altos dirigentes da SA e opositores do governo ("Röhm-Putsch"), desde julho de 1934 diretor do NSDAP e encarregado de questões de índole nacional, a partir de 1934 subchefe da Gestapo prussiana, a partir de 1936 chefe da polícia alemã, principal responsável pela constituição do aparelho de terror do governo e a partir do início da guerra pelo genocídio dos judeus, poloneses, russos e outras etnias, a partir de 1939 comissário para a fortificação da nacionalidade alemã, comissário para o departamento de colonização alemã, 1940 a 1943 chefe do comando da Waffen-SS e chefe do SS-Führungshauptamts, a partir de 1942 diretor das Partisanenaktionen, temporariamente chefe dos Bandenkampfverbände, inúmeros outros cargos e funções partidárias, a partir de 21.7.1944 comandante respectivamente comandante-em-chefe do exército de reserva, encarregado em 1.9.1944 da defesa no leste, em 1.10.1944 encarregado do *Führer* para a organização da resistência nacional no oeste, dezembro de 1944/janeiro de 1945 comandante-em-chefe do Grupo do Exército Alto-Reno, de janeiro de 1945 a 20.3.1945 comandante-em-chefe do Grupo do Exército Weichsel, de todos os comandos após a negativa de Hitler para negociações de paz em 29.4.1945, destituído das funções e dos cargos e expulso do NSDAP, desapareceu sob nome falso após o fim da guerra, preso em 23.5.1945, após a constatação da sua identidade suicidou-se por envenenamento.

Hindenburg, Paul von Beneckendorff und von (* 2.10.1847 Posen, † 2.8.1934 Neudeck [Pomerânia]): cadete, 1866 tenente em um regimento de guarda, combatente nas guerras de 1866 e 1870/71, 1877/78 formação de Estado-Maior, capitão, depois funções al-

ternadas no Estado-Maior e nas tropas, 1888 a 1893 chefe de departamento no Ministério da Guerra, 1893 comandante de regimento, 1894 coronel, 1897 brigadeiro, 1900 tenente-general e comandante de divisão, 1903 general comandante do IV Corpo do Exército, 1905 general de Infantaria, 1908 reformado, 1914 reativado, comandante-em-chefe do 8º Exército, major-general, promovido a marechal-de-campo após a vitória sobre as tropas russas em Tannenberg, em 1916 chefe do supremo comando do Exército, 1919 novamente reformado, 1925 eleito presidente do Reich como candidato dos partidos conservadores, 1932 reeleição após apoio do SPD, bem-sucedidas tentativas de estabilização da República através de gabinetes presidenciais e decretos de emergência, em 30.1.1933 nomeação de Hitler como chanceler do Reich, apoiou a gradual intensificação da autoridade de Hitler através de decretos de emergência de ações simbólicas ("Tag von Potsdam"), desde o outono de 1933 frequentemente doente e sem influência nos acontecimentos políticos.

Hitler, Angela (ver: Hammitzsch, Angela).

Hoepner, Erich (* 14.9.1886 Frankfurt/Oder, † 8.8.1944 Berlim [executado]): 1905 aspirante, 1906 tenente em um regimento de dragões, formação de Estado-Maior, combateu na Primeira Guerra Mundial, 1920 transferência para a Reichswehr como cavaleiro, diversos comandos de tropas e Estado-Maior, 1926 major, 1933 coronel e chefe do Estado-Maior no Círculo de Defesa I (Prússia oriental), 1935 chefe do Estado-Maior no Gruppenkommando I em Berlim, primeiros contatos com a oposição militar, Beck e Halder, 1936 brigadeiro, 1937 comandante da 1ª Divisão Leve, 1938 tenente-general, general comandante do XVI Corpo do Exército Motorizado, 1939 general da Cavalaria, mobilização na Polônia e na França, 1940 major-general, 1941 comandante-em-chefe do Grupo Blindado 4, respectivamente do 4º Exército Blindado, desligado sem honras em 8.1.1942, devido a "covardia e desobediência" após a retirada do seu exército diante de Moscou e observações depreciativas sobre a "direção ignorante" da expedição contra a Rússia, intensificação dos contatos com Olbricht e posteriormente com von Stauffenberg, previsto como comandante-em-chefe no território de guerra pátrio nos planos de golpe de Estado, preso no fim de julho de 1944 e condenado à morte pelo Tribunal Popular (*Volksgerichtshof*).

Hofer, Franz (* 27.11.1902 Badgastein [Salzburgo], † 18.2.1975 Mülheim/Ruhr): comerciante autônomo, social-democrata, 1931 ingresso no NSDAP (nº 610451), 1932 diretor de comarca em Innsbruck, vice-diretor de distrito para o Tirol, de novembro de 1932 até julho de 1934 diretor de distrito do NSDAP (ilegal desde junho de 1933) no Tirol, fuga após a prisão, primeiro para a Itália, depois para a Alemanha, 1937/38 diretor do ponto de encontro dos membros da Áustria em Berlim, de maio de 1938 até 1945 diretor de distrito pelo Tirol-Vorarlberg, a partir de maio de 1938 governador do Tirol, a

partir de 1940 governador do Tirol e Vorarlberg, a partir de 1942 comissário de Defesa do Reich, 1938 NSKK-*Gruppenführer*, 1939 NSKK-*Obergruppenführer*, a partir de setembro de 1943 alto comissário das províncias italianas de Bozen, Trento e Belluno, supremo comissário na zona de operações no Alpenvorland, a partir de setembro de 1944 dirigente do Deutscher Volkssturm no distrito de Tirol-Vorarlberg, nomeado em 29.4.1945 comissário para a Fortificação dos Alpes, preso em 6.5.1945 por tropas americanas, 1948 fugiu, viveu sob nome falso na região do Ruhr, posteriormente comerciante autônomo e diretor de uma metalúrgica, condenado à revelia por um tribunal de sentença a dez anos de campo de trabalho e à morte por um tribunal austríaco, 1953 condenado por um tribunal de relação em Munique a três anos e cinco meses em campo de trabalho, 1959 instrução de processo de investigação pelo Ministério Público de Duisburg, 1963 arquivado.

Hoffmann, Heinrich (* 12.9.1885 Fürth, † 16.12.1957 Munique): desde 1908 fotógrafo em Munique, repórter fotográfico durante a Primeira Guerra Mundial, 1920 ingresso no NSDAP, 1925 reingresso (nº 425), direitos exclusivos sobre todas as fotografias de Hitler, constituição de uma lucrativa editora fotográfica, 1933 membro do Congresso, 1938 título de professor, 1945 preso pelo Exército dos EUA, 1947 condenado a dez anos de campo de trabalho e proibido de exercer a profissão num procedimento em um tribunal de sentença, 1950 libertado, 1956 apelação bem-sucedida.

Högl, Peter (* 19.8.1897 Passau, † 2.5.1945 Berlim): moleiro, a partir de 1916 serviço militar como suboficial em um regimento de infantaria, 1919 transferência para a polícia, 1932 mudança para a polícia criminal, a partir de 1933 no “Führerschutz”, 1934 admissão no NSDAP (nº 3289992) e na SS (nº 249998), SS-*Obersturmführer*, 1935 diretor do Posto de Serviço I no serviço de segurança (defesa e escolta), 1937 *Hauptsturmführer*, 1940 *Sturmbannführer*, 1944 diretor criminal e *Obersturmbannführer*, morto na fuga da Chancelaria do Reich.

Hollidt, Karl Adolf (* 25.4.1891 Speyer, † 22.5.1985 Siegen): 1909 aspirante, 1910 tenente em um regimento de infantaria, mobilização no *front* durante a Primeira Guerra Mundial, transferência para a Reichswehr, diversas funções no Estado-Maior e nas tropas, 1935 coronel, 1938 brigadeiro, comandante do Regimento de Infantaria 9, incumbido da constituição da 52ª Divisão de Infantaria, 1939 chefe do Estado-Maior junto ao comandante-em-chefe do oeste na Polônia, tenente-general, chefe do Estado-Maior do 9º Exército durante a expedição contra a França, a partir de outubro de 1940 comandante da 50ª Divisão de Infantaria, mobilizado na expedição contra os Bálcãs e a Rússia, a partir de janeiro de 1942 general-comandante do XVII Corpo do Exército, general da Infantaria, a partir de novembro de 1942 comandante da Divisão do Exército Hollidt, a partir de março de 1943 comandante-em-chefe do 6º Exército reconstituído após a ca-

tástrafe de Stalingrado, major-general, transferido em 7.4.1944 para a reserva do *Führer*, 1945 prisão americana, 1948 condenado a cinco anos de prisão no processo contra o alto-comando da Wehrmacht, 1949 libertado.

Horthy von Nagybánya, Nikolaus (Miklós) (* 18.6.1868 Kenderes [Hungria], † 9.2.1957 Estoril [Portugal]): formando da Real e Imperial Academia de Marinha de Fiume, 1909 ajudante de campo do imperador Franz Joseph I, comandante de uma grande companhia na Ádria do Norte durante a Primeira Guerra Mundial, 1917 comandante de esquadra, contra-almirante, 1919 ministro da Guerra do governo de oposição em Szeged, comandante-em-chefe do “Exército Nacional” da Hungria, 1920 regente da Hungria (como regente até a planejada reconstrução da monarquia), empenhou-se pela revisão do Tratado de Trianon, apoio à Itália, desde 1934 ao Reich alemão, adesão em 23.2.1939 da Hungria ao Pacto-Antikomintern, em 30.8.1940 ampliação do território húngaro às custas da Romênia (“Arbitragem de Viena”), adesão em 20.11.1940 da Hungria ao Pacto das Três Potências, participou das expedições contra a Iugoslávia e a União Soviética, 1943 retirada do exército húngaro, sondagens de uma paz em separado com os Aliados ocidentais, renúncia forçada em 16.10.1944, depois prisão no castelo de Hirschberg, perto de Weilheim, de maio a dezembro de 1945 prisão americana, testemunha no processo contra os principais criminosos de guerra, 1948 emigração para Portugal.

Hotblack, Frederick Elliot (* 1887, † 1979): de 1914 a 1916, oficial do serviço secreto britânico na França, a partir de 1916 no Royal Tank Corps, de 1923 a 1931 oficial do Estado-Maior, de 1932 a 1935 instrutor no Staff College, em Chamberley, de 1935 até 1937 adido militar britânico em Berlim, 1939/40 comandante de divisão, 1941 despedida da ativa.

Hoth, Hermann (* 12.04.1884 Neuruppin, † 25.1.1971 Goslar): 1904 alferes, 1905 tenente, 1918 transferência para a Reichswehr, 1932 coronel e comandante do Regimento de Infantaria 17, 1934 brigadeiro, 1938 general da Infantaria e comandante do XV Corpo do Exército, participação na expedição contra a Polônia e a França, 1942 comando-em-chefe sobre o 4º Exército Blindado, tentativa frustrada de mobilização em Stalingrado, 1943 destituído do seu comando por traição, condenado no processo do alto-comando do leste a 15 anos de prisão, 1954 indultado.

Hube, Hans-Valentin (* 29.10.1890 Naumburg/Saale, † 21.4.1944 Thundorf/Salzburg [queda de avião]): 1910 tenente, 1914 comandante de pelotão, ajudante de regimento, 1918 capitão, 1919 numa companhia de voluntários, a partir de 1925 professor de infantaria e táticas na Escola de Guerra de Dresden, 1931 major, 1934 tenente-coronel, 1935 comandante da Escola de Infantaria de Dresden, 1936 coronel, 1939 comandante de regimento, 1940 brigadeiro, comandante da 16ª Divisão de Infantaria, 1942 tenente-general e general comandante do XIV Corpo Blindado, cercado em Stalingrado, voou

para condecoração, em 8.1.1943 retorno para Stalingrado, em 18.1.1943 voou novamente, pedido em vão a Hitler, de permitir uma tentativa de fuga, general da Tropa Blindada, reconstituição do XIV Corpo Blindado, mobilização contra a Sicília, a partir de outubro de 1943 comandante-em-chefe do I Exército Blindado (*front* oriental), promovido em 20.4.1944 em Obersalzberg a major-general, queda na decolagem no aeroporto de Ainring. Huebner, Rudolf (* 29.4.1897 Erlental, perto de Posen, † 28.2.1965 Lemgo): 1916 alistamento como voluntário de guerra, promovido a tenente, estudo de odontologia após o fim da guerra, 1923 formação como doutor em odontologia, dentista em Saarau (Silésia), 1935 ativado como capitão, chefe de companhia, 1940 major, comandante de batalhão no Regimento de Infantaria 529, 1942 tenente-coronel e comandante do Regimento de Infantaria 529, 1943 coronel, redação do escrito “Para que lutamos?”, depois transferido para o Departamento de Pessoal do Exército, a partir de abril de 1944 no Estado-Maior nacional-socialista no alto-comando da Wehrmacht, a partir de agosto de 1944 chefe do Estado-Maior nacional-socialista no alto-comando da Wehrmacht, a partir de janeiro de 1945 chefe do Estado-Maior nacional-socialista do Exército, brigadeiro, a partir de 1.2.1945 comandante da 303ª Divisão de Infantaria “Döberitz”, nomeado em 10.3.1945 comandante do Tribunal Especial Volante do Leste, condenou à morte os responsáveis pela não destruição da ponte de Remagen, a partir de 28.4.1945 comandante de Munique, ordenou o assassinato de duzentos dos supostos amotinados, preso em maio de 1945, 1948 libertado, condenado a quatro anos de prisão nos anos 1960 pelas sentenças ilegais em Remagen.

Huntziger, Charles (* 25.6.1880 Lesneven, perto de Finistere, † 12.11.1941 Le Vigan [Gard; queda de avião]): militar de carreira, de 1934 a 1938 comandante-em-chefe francês na Sria, 1939 comandante-em-chefe do 2º Exército, a partir de agosto de 1940 comandante do 5º Exército, assinou em 22.6.1940 em Compiègne o acordo de cessar-fogo com a Wehrmacht, em 24.7.1940 em Roma o cessar-fogo com as forças armadas italianas, desde setembro de 1940 ministro da Guerra do governo francês em Vichy, 1941 comandante-em-chefe na África do Norte.

Innitzer, Theodor (* 25.12.1875 Weipert-Neugeschrei [Boêmia], † 9.10.1955 Viena): teólogo católico, 1911 professor universitário para Exegese do Novo Testamento, 1928/29 reitor da Universidade de Viena, 1929/30 ministro austríaco para a Administração Social, 1932 até 1955 arcebispo de Viena, cardeal desde 1933, em 18.3.1938 iniciador da declaração de lealdade dos bispos austríacos, tentou sem sucesso negociar um acordo com o NSDAP para a proteção da Igreja, iniciou um “posto de ajuda para católicos não-arianos”, após 1945 renovador da Academia Católica, fortaleceu o papel dos leigos na Igreja.

Jaenecke, Erwin (* 22.4.1890 Freren [Emsland], 3.7.1960 Colônia): 1911 ingresso no Exército, 1912 tenente, na Primeira Guerra Mundial primeiramente comandante de pelotão, depois oficial do Estado-Maior, 1918 no grande Estado-Maior, a partir de 1919 na Divisão de Exércitos Estrangeiros, transferido para a Reichswehr, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, 1930 major, Estado-Maior do Gruppenkommando 1, frequentou a Academia de Guerra, 1932 no Estado-Maior da 7ª Divisão, 1933/34 diretor de ensino na Academia de Guerra de Berlim, tenente-coronel, 1934 comandante de um batalhão de pioneiros, 1936 coronel, de julho de 1936 até novembro de 1938 chefe no Estado-Maior especial "W" no alto-comando da Wehrmacht (Guerra Civil na Espanha), 1938 *Oberquartiermeister* do 8º Exército na entrada na Áustria, 1939 brigadeiro na entrada em Praga, de 1940 até 1942 *Oberquartiermeister* na Bélgica e em Paris, 1941 tenente-general, 1942 general dos pioneiros, comandante do IV Corpo do Exército, 1943/44 comandante-em-chefe do 17º Exército (Cáucaso, Criméia), major-general, sugeriu a Hitler evacuar Sebastopol, transferido para a reserva do *Führer*, em janeiro de 1945 despedida da ativa, de junho de 1945 a outubro de 1955 prisioneiro soviético.

Jagwitz, Eberhard von (* 21.4.1887 Bensberg, Colônia, † ?): comerciante, de 1914 até 1918 serviço militar como major, depois comerciante na Argentina, lá em 1933 ingresso no NSDAP (nº 1634749), funcionário do NSDAP (AO), mais tarde chefe do NSDAP (AO) na Espanha, 1937 diretor do Grupo de Negócios para o Comércio Exterior junto ao procurador do plano quadrienal, conselheiro ministerial, respectivamente diretor do Departamento Central no Ministério da Economia do Reich, subsecretário de Estado, diretor de repartição do NSDAP (AO), membro da SS (nº 448976), 1944 *Sturmabannführer* da reserva no Departamento Central da SS, não foi convocado como testemunha nos processos de Nuremberg, data do óbito não registrada no cartório de Bensberg/Bergisch Gladbach, provável falecimento em 1945.

Jeckeln, Friedrich (* 2.2.1895 Hornberg, na Floresta Negra, † 3.2.1946 Riga [executado]): serviço militar como oficial na Primeira Guerra Mundial, de 1919 até 1925 arrendador, depois engenheiro autônomo em Braunschweig, 1929 ingresso no NSDAP (nº 163348), 1930 ingresso na SS (nº 4367), dirigente do SS-Standarte Braunschweig, a partir de 1933 funções em altos cargos policiais, 1936 SS-*Obergruppenführer*, 1938 comandante da SS e da polícia [HSSPF] Centro (Braunschweig, Hannover, Anhalt), 1940/41 HSSPF Leste (Düsseldorf), 1941 general da polícia, 1941 até 1945 HSSPF Oriente (Riga), 1944 general das Waffen-SS, a partir de janeiro de 1945 HSSPF Alta-Silésia, general comandante na área de Breslau, prisão soviética em maio de 1945, condenado à morte em Riga.

Jeschonnek, Hans (* 9.4.1899 Hohensalza, perto de Bromberg, † 19.8.1943 perto de Goldap [Prússia oriental; suicídio]): 1914 ingresso no Exército, a partir de 1917 piloto de caça, 1919 transferido para um regimento de cavalaria, 1925 primeiro-tenente, 1928

mudança para o Ministério de Defesa do Reich, formação como ajudante-de-ordens, participou do armamento aéreo secreto, 1934 capitão e mudança para a Luftwaffe, ajudante junto a Milch, 1935 major, comandante de grupo na esquadra de combate “Hindenburg”, 1937 tenente-coronel, comodoro da esquadra de instrução, 1938 chefe de departamento no Estado-Maior da Luftwaffe, desde fevereiro de 1939 chefe de Estado-Maior da Luftwaffe, brigadeiro, 1940 general-aviador, suicídio após pesados ataques a cidades alemãs, nomeado major-general postumamente.

Jodl, Alfred (* 10.5.1890 Würzburg, † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): cadete, 1910 alferes, 1912 tenente em um regimento de artilharia, funções no Estado-Maior e no *front* durante a Primeira Guerra Mundial, 1919 membro da Volkswehr, transferência para a Reichswehr, 1921 capitão, formação de ajudante-de-ordens, 1931 major, a partir de 1932 no Departamento das Tropas no Ministério da Defesa do Reich, 1933 promovido a tenente-coronel e enviado para o Exército turco, 1935 coronel e chefe da Divisão de Defesa Nacional na direção da Wehrmacht, a partir de 1938 em Viena, 1939 brigadeiro, a partir de agosto de 1939 chefe do Estado-Maior da Wehrmacht no alto-comando da Wehrmacht, 1940 general da Artilharia, 1944 major-general, assinou em 7.5.1945 a capitulação incondicional em Reims, membro do governo Dönitz, preso em 23.5.1945, condenado à morte em 1.10.1946 como um dos principais criminosos de guerra.

Johannmeyer, Willy (* 27.7.1915, † ?): 1933 ingresso na SS (nº 262992), 1936 ingresso no Exército como aspirante, 1938 tenente em um regimento de infantaria, alta condecoração, 1942 capitão, 1943 comandante de batalhão no Regimento de Infantaria 503, 1944 major no Departamento de Pessoal do Exército, designado em novembro de 1944 como oficial-ordenança para a ajudância da Wehrmacht junto a Hitler, em abril de 1945 sucessor de Albert Bormann como ajudante, levou o testamento de Hitler para Ferdinand Schörner, 1945 preso por tropas americanas.

John von Freyend, Ernst (* 25.3.1909, † 1980): 1936 tenente da reserva, 1937 ativado, 1941 capitão, desde fevereiro de 1942 no Departamento Central do Estado-Maior da Wehrmacht no alto-comando da Wehrmacht, a partir de março de 1942 ajudante de Exército junto ao chefe do alto-comando do leste, Keitel, patente mais alta tenente-coronel, 1945 preso, testemunha no processo dos principais criminosos de guerra.

Junge, Gertraud, nascida Humps (* 16.3.1920 Munique, † 11.2.2002 Munique): escola de comércio, funcionária de escritório em uma metalúrgica, 1938/39 secretária em uma banca de advogados, a partir de fevereiro de 1939 secretária da redação na editora de revistas Munique, a partir de setembro de 1942 secretária da Chancelaria do Reich (chancelaria do *Führer*), designada em novembro de 1942 para a “Toca do Lobo”, QG do *Führer*, colocada em 30.1.1943 como secretária de Hitler, até 30.4.1945 no *bunker*, presa pelos soviéticos após evasão e fuga, viveu então com um oficial soviético, 1946 fuga para a Baviera,

lá presa e libertada em 1947, trabalhou como secretária, entre outras, na revista ilustrada *Quick*, posteriormente atividade jornalística.

Jungfer, prenome desconhecido (* ?, † ?): “mestre-de-cerimônias” na Chancelaria do Reich.

Kaltenbrunner, Ernst (* 4.10.1903 Ried [Alta-Áustria], † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): estudo de direito, 1926 formou-se como doutor, advogado em Linz, 1930 ingresso no NSDAP Áustria (nº 3179), 1931 na SS (nº 13039), 1934 dirigente do SS-Standarte Linz, preso e condenado a seis meses de detenção por atividades sigilosas, 1935 dirigente da ilegal SS no trecho VIII (Alta e Baixa-Áustria), 1936 SS-*Standartenführer*, 1937 SS-*Oberführer*, encarregado por Himmler da direção da SS na Áustria (trecho da SS do Danúbio), de março de 1938 até março de 1940 secretário para segurança pública na Áustria, SS-*Brigadeführer*, 1938 a 1943 alto dirigente da SS e da polícia junto aos governadores de Viena, Alto e Baixo Danúbio, 1941 tenente-general da polícia, a partir de 30.1.1943 chefe da polícia de segurança e do serviço secreto, bem como chefe do Departamento Central de Segurança do Reich, secretário de Estado no Ministério do Interior do Reich, SS-*Obergruppenführer* e general da polícia, desde fevereiro de 1944 simultaneamente diretor do departamento do Exterior/Defesa no alto-comando da Wehrmacht, general da Waffen-SS, no fim de abril tentativa de formar um governo para a Áustria, preso em 12.5.1945 por tropas americanas, condenado à morte no processo dos principais criminosos de guerra.

Kammler, Hans (* 26.8.1901 Stettin, † maio de 1945 próximo de Pilsen [desaparecido]): em fevereiro de 1919 ingresso na Reichswehr, de maio de 1919 até julho de 1919 Corpo de Voluntários Rossbach, estudo na Escola Técnica Superior de Munique e de Dantzig, 1923 diplomado em engenharia para edificações altas, trabalhou como diretor de obras e colaborador científico, 1932 doutor em engenharia, ingresso no NSDAP (nº 1011855), encarregado na direção de Distrito do NSDAP em Hannover, 1933 diretor do Departamento para Moradia e Bairros na direção do Distrito do NSDAP da Grande Berlim, diretor da Departamento para Bairros Camponeses no Ministério da Alimentação do Reich, ingresso na SS (nº 113619), *Unterscharführer*, 1934 conselheiro do governo, 1936 diretor do Departamento de Construção Civil no Ministério da Aviação do Reich, SS-*Untersturmführer*, mudança para o Departamento de Raça e de Bairros da SS, 1937 *Obersturmführer*, 1938 *Sturmbannführer*, *Obersturmbannführer*, 1940 diretor de Edificação no Departamento Central Administrativo e Econômico da SS, 1941 SS-*Oberführer*, ocupou-se com o planejamento e construção de campos de concentração e de extermínio em Majdanek e em Auschwitz, a partir de dezembro de 1941 diretor do Departamento C, responsável, entre outras coisas, pelos campos de concentração e indústrias de armamentos, a partir de 1943 ocupou-se predominantemente com o desloca-

mento de indústrias em locais subterrâneos, 1942 SS-*Brigadeführer* e brigadeiro da Waffen-SS, desde 1943 diretor de escritórios para desenvolvimento de armas, encarregado especial para questões construtivas da produção do A4 (V2), construção do campo de concentração Dora, em Nordhausen, 1944 SS-*Gruppenführer*, diretor do Estado-Maior especial de Kammler, subordinado diretamente a Himmler, procurador-geral para a produção do V2, a partir de março de 1945 procurador-geral para aviões a jato, desaparecido desde 17.4.1945, suicídio segundo testemunhos, inúmeras lendas sobre seu paradeiro.

Kannenber, Arthur (* 23.2.1896 Berlim-Charlottenburg, † 26.1.1963 Düsseldorf): cozinheiro, garçom, adegueiro, contador, a partir de 1915 serviço militar em um batalhão telegráfico, 1918 cabo, dirigiu a partir de 1919 os empreendimentos gastronômicos do seu pai, 1930 falência, no mesmo ano diretor de um local freqüentado por Göring e Goebbels, 1931 diretor do “Casino im Braunen Haus”, Munique, desde 1933 na governança da Chancelaria do Reich, 1945 preso na Baviera, 1946 libertado, mais tarde dono de restaurante em Düsseldorf.

Kaschula, Herbert (* 23.9.1912 Berlim-Lichterfelde, † ?): farmacêutico, 1931 ingresso no NSDAP (nº 531107) e na SA, transferência para a SS (nº 23708), 1933 ingresso no Leibstandarte “Adolf Hitler”, 1934 *Unterscharführer*, 1935 *Oberscharführer*, 1936 *Führerlehrgang*, *Untersturmführer*, 1937 *Obersturmführer*, 1939/40 comandante de batalhão na expedição contra a Polônia e a França, 1940 *Hauptsturmführer*, 1943 transferido para o Batalhão de Instrução de Infantaria Blindada da SS em Berlim, 1944 *Sturmabführer*, desde março de 1945 no Grupo de Combate de Mohnke.

Kastrup, prenome desconhecido (* ?, † ?): amiga e conviva de Eva Braun.

Keitel, Wilhelm (* 22.9.1882 Helmscherode em Harz, † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): 1901 tenente, durante a Primeira Guerra Mundial inicialmente na Artilharia, capitão, mais tarde oficial do Estado-Maior da Marinha, 1919 Reichswehrbrigade Hannover, aceitação na Reichswehr, 1923 major, diversos comandos no Estado-Maior, 1929 tenente-coronel no Ministério da Defesa do Reich, 1930 diretor de Departamento para Organização do Exército, 1931 coronel, 1934 brigadeiro, comandante de Infantaria VI Bremen, 1935 chefe da repartição da Wehrmacht no Ministério da Guerra do Reich, 1936 tenente-general, 1937 general da artilharia, 1938 major-general, chefe do alto-comando da Wehrmacht, promovido a marechal-de-campo após a rendição da França em 1940, em 8.5.1945 assinou a rendição incondicional do Reich alemão em Berlin-Karlshorst, condenado à morte em 1.10.1946 como um dos principais criminosos de guerra.

Kempka, Erich (* 16.9.1910 Oberhausen, † 24.1.1975 Freiburg-Heutingsheim): eletrotécnico, mecânico de automóveis, 1930 NSDAP e SS, motorista no distrito de Essen, 1932 motorista no Begleitkommando de Hitler, a partir de 1936 motorista permanente

de Hitler, diretor do parque automobilístico, SS-*Obersturmbannführer*, fuga de Berlim em 1.5.1945, preso pelo Exército americano em 18.6.1945, 1947 libertado, depois viveu em Munique e mais tarde no sudeste da Alemanha.

Keppler, Wilhelm (* 14.12.1882 Heidelberg, † 13.6.1960 Kressbronn no Bodensee): estudo de construção de máquinas, voluntário por um ano, 1910 tenente do Reich, de 1911 até 1922 engenheiro diretor de uma indústria química em Baden, 1921 até 1933 diretor das Indústrias Químicas Odin, em Eberbach (Baviera), 1927 ingresso no NSDAP (nº 62424), 1932/33 trabalhou como conselheiro econômico pessoal de Hitler, fundador do *Freundeskreis der Wirtschaft* (mais tarde *Freundeskreis des Reichsführers SS*), 1933 ingresso na SS (nº 50816) como *Standartenführer*, 1933 até 1945 diretor honorário no Estado-Maior do *Reichsführer SS*, 1933/34 encarregado de Hitler para questões econômicas, ao mesmo tempo diretor do Departamento de Política Econômica na direção do NSDAP, de 1934 até 1945 presidente do conselho fiscal da Braunkohle-Benzin [lignite-gasolina] AG (Brabag), mais tarde diversos mandatos em conselhos fiscais de indústrias armamentistas, entre outras Steyr-Daimler-Puch, 1935 SS-*Brigadeführer*, diretor de diversos estados-maiores e comissões para matérias-primas e materiais, bem como gorduras industriais, 1936 SS-*Gruppenführer*, de 1936 até 1945 membro do Conselho Ministerial para o Plano Quadrienal, 1937 encarregado para assuntos austríacos no NSDAP, secretário junto à embaixada alemã em Viena, de 1938 até 1945 vice-ministro do Exterior, encarregado da incorporação econômico-armamentista dos territórios anexados, 1942 SS-*Obergruppenführer*, preso em 10.5.1945, 1947 acusado no processo da "Wilhelmstrasse" e condenado a dez anos de prisão em 1949, 1951 libertado.

Kesselring, Albert (* 30.11.1885 Markstett [Baixa-Francônia], † 16.7.1960 Bad Nauheim): 1904 ingresso no Exército bávaro, 1906 tenente, frequentou a Escola de Artilharia e Engenharia, 1913 primeiro-tenente, durante a Primeira Guerra Mundial ajudante do general bávaro da artilharia, capitão, a partir de 1917 no Estado-Maior de uma divisão, a partir de 1918 no Estado-Maior do II Exército Bávaro, 1919 aceito na Reichswehr, 1921 chefe de bateria no Regimento de Artilharia 7, 1922 mudança para o Ministério da Defesa do Reich, 1925 major no Estado-Maior da direção do Exército, 1926 na Defesa, depois diversos altas funções em estados-maiores, 1932 coronel, 1933 transferência para a Luftwaffe, chefe da repartição de administração da Luftwaffe, 1934 brigadeiro, 1936 tenente-general, chefe da repartição de comando da Luftwaffe, 1937 general dos aviadores, general-comandante e comandante no Perímetro Aéreo III, 1938 chefe da Esquadra Aérea 1, 1940 chefe da Esquadra Aérea 2, marechal-de-campo, 1943 alto comandante do Grupo do Exército Sul (espaço do mar Mediterrâneo, Itália), depois do Grupo do Exército C, a partir de 1945 do Grupo do Exército D (Leste), 1945 prisioneiro de guerra dos ingleses, 1947 condenado à morte, indultado com a prisão perpétua, 1952 libertado.

Kirdorf, Emil (* 8.4.1847 Mettmann [Renânia], † 13.7.1938 Mülheim/Ruhr): estudo comercial, inicialmente trabalhou na indústria têxtil paterna, a partir de 1869 em empresa de mineração, 1871 diretor comercial da mina Holland, em Wattenscheid, de 1873 até 1926 (desde 1892 diretor-geral) da mineradora Gelsenkirchner Bergwerks AG, co-fundada por ele, ao mesmo tempo até 1925 presidente do Sindicato do Carvão da Renânia e Westfália, 1926 participou da fundação do Vereinigten Stahlwerke AG [metalúrgicas reunidas], 1927 demissão, conhecimento com Hitler desde 1927, mudança do DNVP para o NSDAP, reconhecimento público e apoio financeiro do NSDAP, 1928 safda, no entanto seguiu com doações financeiras para Hitler, 1934 reingresso no NSDAP.

Kleist, Ewald von (* 8.8.1881 Braunfels [Hessen], † 16.10.1954 Campo de Wladimirowka [União Soviética]): 1901 ingresso no Exército, 1902 tenente, 1910 até 1913 frequentou a Academia de Guerra, durante a Primeira Guerra Mundial primeiramente cavaleiro num regimento húsaro, a partir de 1915 diversos postos no Estado-Maior, por último no Estado-Maior do VII Corpo do Exército, aceito pela Reichswehr, diversas funções no Estado-Maior, 1929 coronel, chefe do Estado-Maior da 3ª Divisão, 1931 comandante de um regimento de infantaria, 1932 brigadeiro, 1933 tenente-general, 1935 general comandante do VIII Corpo do Exército, 1938 dispensado, 1939 ativado, general comandante do XXII Corpo do Exército, 1940 major-general, 1941/42 comandante-em-chefe do 1º Exército Blindado, 1942 até 1944 comandante-em-chefe do Grupo A do Exército, respectivamente Ucrânia do Sul, 1943 marechal-de-campo, dispensado em março de 1944, em maio de 1945 prisão inglesa, 1946 extraditado para a Iugoslávia, condenado lá a 15 anos de detenção, 1948 extraditado para a União Soviética.

Klopfer, Gerhard (* 18.2.1905 Schreibersdorf [Silésia], † 29.1.1987 Ulm): estudo de direito, 1927 formou-se como doutor, juiz, 1933 NSDAP, SA, ingresso no Ministério da Agricultura prussiano, 1934 mudança para a Gestapo, 1935 no Estado-Maior do vice do *Führer*, Hess, SS, 1941 diretor ministerial, estreito colaborador de Martin Bormann, participou da Conferência de Wannsee, diretor no Departamento Central do serviço secreto, 1944 SS-*Gruppenführer*, 1945 preso, 1949 “desnazificado”, 1956 advogado em Ulm, foram instruídos processos de investigação em 1962 pelo Ministério Público.

Kluge, Hans Günther von (* 30.10.1882 Posen, † 19.8.1944 próximo de Metz [suicídio]): cadete, 1901 tenente, 1908 até 1911 Academia de Guerra, 1912 designado para o grande Estado-Maior, 1914 capitão no Estado-Maior do XXI Corpo do Exército, a partir de 1916 no Estado-Maior do Exército do Sul, depois no Estado-Maior da Corporação dos Alpes, a partir da primavera de 1918 I a no Estado-Maior da 236ª Divisão de Infantaria, aceito pela Reichswehr, 1923 mudança para o Ministério da Defesa do Reich, 1927 tenente-coronel, 1930 coronel, comandante de um regimento de artilharia, 1933 brigadeiro, inspetor das tropas de informações, 1934 tenente-general e comandante da 6ª Di-

visão, comandante no Círculo de Defesa VI, 1935 comandante do VI Corpo do Exército, 1939 comandante-em-chefe do 4º Exército, major-general, 1940 marechal-de-campo, 1941 comandante do Grupo Central do Exército, 1943 transferido para a reserva do *Führer*, nomeação em 1944 como comandante do leste e dos Grupos D e B do Exército, dispensado em 16.8.1944 e lotado no quartel-general do *Führer*; suicidou-se por temer perguntas sobre seus contatos com a oposição militar e sobre sua atitude quando da invasão das tropas aliadas.

Knesebeck, von dem, prenome desconhecido (*?, †?): tenente-coronel no alto-comando do Exército.

Koch, Erich (* 19.6.1896 Elberfeld, † 12.11.1986 Barczewo [Polônia]): formação comercial, candidato a funcionário da Reichsbahn, de 1915 até 1918 serviço militar, de 1919 até 1926 assistente ferroviário, entre 1919 e 1923 em diversos corpos de voluntários e associações de defesa, 1922 ingresso no NSDAP, 1922/23 administrador de distrito do NSDAP na região do Ruhr, preso várias vezes por militares franceses, 1926 reingresso no NSDAP (nº 32672), diretor do distrito do NSDAP Essen e administrador do grande distrito do Ruhr, dispensado da Reichsbahn, 1927/28 vice-diretor do grande distrito do Ruhr, após divergências intrapartidárias diretor de distrito do NSDAP na Prússia oriental até 1945, de 1930 até 1945 membro do Congresso, de 1933 até 1945 alto-presidente da Província da Prússia oriental e de 1939 até 1945 ao mesmo tempo comissário de Defesa do Reich, 1938 SA-*Obergruppenführer*, 1941 até 1944 chefe da administração civil na comarca de Bialystok, de maio de 1942 até setembro de 1944 comissário do Reich para a Ucrânia, a partir de 25.9.1944 dirigente do Deutscher Volkssturm no distrito da Prússia oriental, fuga em 23.4.1945 para Flensburg, desapareceu como agricultor, 1949 preso, 1950 extradição para a Polônia, preso, condenado à morte em 9.3.1959 pelo tribunal regional de Varsóvia pelo planejamento, preparação e organização de assassinatos em massa, 1960 indultado com prisão perpétua.

Koller, Karl (* 22.2.1898 Glonn, Munique, † 22.12.1951 Glonn): 1914 voluntário de guerra, primeiramente motorista, a partir de 1916 formação como serralheiro especial, mobilização, a partir de 1917 piloto, prisioneiro de guerra dos ingleses, 1919 retorno, aceito na polícia, 1922 tenente, a partir de 1930 instrutor na Reichswehr, 1933 capitão, 1935 transferido para a Luftwaffe, Escola Superior da *Luftwaffe* Gatow, 1936 capitão-de-esquadrilha, de 1936 até 1938 Academia de Guerra Aérea, depois diversas altas funções de Estado-Maior, entre outras no Gruppenkommando III, 1939 tenente-coronel, 1941 coronel, chefe do Estado-Maior da Frota Aérea 3, 1943 brigadeiro, chefe do Estado-Maior de comando no Estado-Maior da Luftwaffe, ferido em 20.7.1944, desde 1.11.1944 chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, general dos aviadores, 1945 prisioneiro de guerra, 1947 libertado.

Körber, August (* 20.1.1905, † após 1945): membro do NSDAP (nº 4202), 1932 ingresso na SS (nº 5887), 1933 *Obersturmführer* no Begleitkommando do *Führer*, 1935 *Hauptsturmführer*, até abril de 1945 na Chancelaria do Reich, levou em 21/22.4 documentos para o Berghof, preso em maio de 1945 por tropas americanas.

Korten, Günther (* 26.7.1898 Colônia, † 22.7.1944 Rastenburg [Prússia oriental]): 1914 voluntário de guerra, comandante de pelotão, 1915 tenente, 1919 aceito na Reichswehr, diversas colocações nos batalhões dos pioneiros, 1931 capitão, 1933 mudança para a Luftwaffe, 1934 major no Estado-Maior da Luftwaffe, 1936 comandante do Grupo de Reconhecimento 122, 1937 tenente-coronel, chefe de divisão no Estado-Maior, 1938 chefe do comando da Luftwaffe na Áustria, 1939 chefe da Frota Aérea 4, coronel, 1940 brigadeiro, 1941 chefe do Estado-Maior da Frota Aérea do Sudoeste, 1942 tenente-general, 1943 chefe da Frota Aérea 1, a partir de agosto de 1943 chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, ferido mortalmente no atentado contra Hitler em 20.7.1944, nomeado postumamente major-general.

Köster, homem da SS, provavelmente trata-se de August Körber.

Krancke, Theodor (* 3.3.1893 Magdeburg, † 18.6.1973 Wentorf/Hamburgo): 1912 cadete-do-mar, durante a Primeira Guerra Mundial oficial da guarda na IX Frota de Torpedeiros, 1917 primeiro-tenente, ajudante da estação naval do mar do Norte, 1920 comandante de um caça-minas, 1922 tenente-capitão, chefe da II Frota de Torpedeiros, de 1927 a 1930 formação de ajudante de chefia, 1930 capitão-de-corveta, chefe da 4ª Meia-Frota de Torpedeiros, 1932 oficial do almirantado no Estado-Maior do comando das frotas, a partir de 1935 no Ministério da Guerra, capitão-de-fragata, 1937 capitão-do-mar, 1937 comandante da Academia Naval, a partir de agosto de 1939 chefe do Estado-Maior do comandante da Área de Defesa do mar do Norte, 1939/40 comandante do cruzador *Admiral Scheer*, a partir de fevereiro de 1940 membro do Estado-Maior de planejamento da operação “Exercício Weser” (invasão da Dinamarca e Noruega), a partir de abril de 1940 chefe de Estado-Maior junto ao almirante comandante na Noruega, de junho de 1940 a junho de 1941 novamente comandante do *Admiral Scheer*, contra-almirante, a partir de junho de 1941 chefe da Divisão de Comando Naval, vice-almirante, de janeiro de 1942 até fevereiro de 1943 ao mesmo tempo oficial de ligação do comandante-em-chefe da Marinha de Guerra no quartel-general do *Führer*, 1943 almirante, a partir de abril de 1943 chefe-comandante do Gruppenkommando Naval Leste (Paris), a partir de outubro de 1944 chefe-comandante do Estado-Maior Naval Leste, em 26.4.1945 chefe no Comando Naval Noruega, de agosto de 1945 até julho de 1947 prisão britânica.

Krause, Alfred (* 22.9.1880 Leopoldshall, † ?): 1935 NSDAP (nº 3601751) e SS (nº 257499), oficial de abastecimento do SS-Leibstandarte “Adolf Hitler”, 1943 SS-*Obersturmbannführer*, desde abril de 1945 no Grupo de Combate Mohnke.

Krebs, Hans (* 4.3.1898 Helmstedt, † 1.5.1945 Berlim [suicídio]): 1914 voluntário de guerra, 1915 tenente, depois de 1919 em associações de voluntários, aceito pela Reichswehr, 1925 primeiro-tenente, 1931 mudança para o Ministério da Defesa do Reich, 1933 assistente do adido militar em Moscou, desde outubro de 1934 em diversas funções de Estado-Maior, entre outras em 1937 no Estado-Maior do Exército, 1938 tenente-coronel e chefe da Divisão de Formação do Exército, 1939 chefe do Estado-Maior do VII Corpo do Exército, 1942 chefe do Estado-Maior do 9º Exército, 1943 do Grupo Central do Exército, 1944 do Grupo B do Exército, general da Infantaria, nomeado em 1.4.1945 chefe do Estado-Maior do Exército, negociações de rendição na noite de 30.4 para 1.5.1945 com o general soviético Chuicov.

Krüger, Else, casada James (* 9.2.1915 Hamburgo-Altona, † ?): 1942 secretária de Martin Bormann, fuga de Berlim em 1.5.1945, 1945 presa pelo exército inglês, casou-se com seu interrogador, mudou-se para a Inglaterra.

Krüger, Heinz (* ?, † ?): SS-*Hauptscharführer*, ordenança junto a Hitler.

Krupp von Bohlen und Halbach, Alfred (* 13.8.1907 Essen, † 1.1.1967 Essen): filho mais velho de Gustav Krupp, estudou engenharia, desde 1931 membro fomentador da SS, posteriormente *Standartenführer* no Corpo de Aviadores Nacional-Socialista, 1936 membro da diretoria da firma Fried. Krupp AG, 1938 membro do diretório, ingresso no NSDAP, desde dezembro de 1943 único proprietário da firma Krupp, membro das Associações do Reich de Carvão e Aço e do Conselho de Armamentos do Reich, 1945 preso, 1948 condenado à pena de 12 anos de detenção e desapropriação do patrimônio, devido a crimes contra a humanidade e infrações ao direito de guerra, 1951 libertado da prisão, a partir de 1953 novamente na direção do conglomerado, mudança da firma para produção civil, decretou a fundação da Instituição Alfred-Krupp-von-Bohlen-und-Halbach.

Krupp von Bohlen und Halbach, Gustav (* 7.8.1870 Den Haag, † 16.1.1950 Blühnbach, próximo de Salzburgo): comerciante, 1906 casamento com Bertha Krupp, única herdeira da Fried. Krupp AG, 1909 presidente do conselho fiscal, de 1931 até 1934 presidente da Associação das Indústrias Alemãs, participou de forma decisiva nos programas de armamentos do Reich alemão, acusado no processo dos principais criminosos de guerra em Nuremberg como representante das indústrias armamentista e pesada alemãs, arquivamento do processo por incapacidade de negociação.

Kube, Wilhelm (* 13.11.1887 Glogau, † 22.9.1943 Minsk [assassinado]): estudo de história, economia nacional, história da Igreja e geografia em Berlim sem conclusão, 1912 até 1914 preceptor, depois atividade jornalística, 1917 co-fundador do Partido Conservador Alemão, 1919 até 1923 membro do DNVP, 1920 até 1923 secretário-geral da associação nacional do DNVP em Berlim, 1922/23 dirigente da Juventude-Bismarck, 1924 ingresso no Deutschvölkische Freiheitspartei, 1926/27 seu diretor, 1924 até 1928 mem-

bro do Congresso pelo DVFP, 1928 ingresso no NSDAP (nº 71682), de 1928 até 1933 dirigente de grupo do NSDAP na Assembléia Prussiana, 1933 ingresso na SS como *Oberführer* (nº 114771), de 1933 até 1936 diretor de distrito do NSDAP em Kurmark e alto-presidente da província de Brandenburg, 1934 SS-*Gruppenführer*, exclusão da SS em agosto de 1936, devido a denúncias injustificadas de altos membros do Partido, desligado de todas as funções públicas e do Partido, nomeado em 17.7.1941 comissário-geral de Weissruthenien (hoje Bielo-Rússia), diretor da administração civil em Weissruthenien, morreu em um atentado com explosivos.

Kuhlmann, Franz (* 1905, † 1989): tenente-capitão do Reich, comandante da ponte de Rügendamm, 1945 comandante de um batalhão de artilharia da Marinha em Stralsund mobilizado em Berlim no final de abril de 1945.

Lammers, Hans Heinrich (* 27.5.1879 Lublinitz [Alta-Silésia], † 4.1.1962 Düsseldorf): estudo de direito, juiz, a partir de 1914 serviço militar, na administração após ser ferido, desde 1921 funcionário no Ministério do Interior do Reich, ingresso no DNVP, 1932 ingresso no NSDAP, de 30.1.1933 a 23.4.1945 secretário de Estado e chefe da Chancelaria do Reich, a partir de 1937 na posição de ministro do Reich, 1933 ingresso na SS como *Brigadeführer*, 1940 SS-*Obergruppenführer*, em março de 1945 colapso nervoso, apoiou em 23.4.1945 a proposta de Göring de transferir os negócios públicos para ele, preso, libertado pelos militares americanos e novamente preso, condenado em 1949 no “processo da Wilhelmstrasse” a 20 anos de prisão, 1951 libertado.

Lanz, Hubert (* 22.5.1896 Entringen [Württemberg], † 12.5.1982 Munique): 1914 ingresso no Exército, 1915 tenente dos caçadores montanheses, aceito na Reichswehr, a partir de 1921 no Estado-Maior da 5ª Divisão responsável pela instrução, 1929 capitão no Ministério da Defesa do Reich, 1933 chefe de companhia em um regimento de infantaria, 1934 major, diversas altas funções no Estado-Maior, entre outras como I a do IX Corpo do Exército, tenente-coronel, 1938 comandante do Regimento dos Caçadores Montanheses 100, 1939 coronel, chefe do Estado-Maior do XVIII Corpo Montanhês, brigadeiro, 1942 tenente-general, a partir de janeiro de 1943 comandante do Grupo Lanz, a partir de fevereiro de 1943 general-comandante do XXII Corpo Montanhês, general da tropa montanhesa, em 8.5.1945 prisioneiro de guerra, 1947 condenado a 12 anos de prisão por crime de guerra, 1951 libertado, depois trabalhou na indústria madeireira, presidente da Comissão de Defesa Política do FDP.

Lasch, Otto (* 25.6.1893 Pless [Alta Silésia], † 29.4.1971 Bad Godesberg): 1913 ingresso no Exército, serviço militar como comandante de pelotão, depois na tropa de aviadores, 1920 dispensado, transferência para a polícia, 1921 capitão, a partir de 1924 na administração, 1927 até 1934 comandante da Escola de Polícia de Sensburg, 1934/35

oficial de Estado-Maior I c na Inspetoria de Polícia Nacional de Breslau, 1935 mudança para o Exército, major, 1939 coronel, comandante do Regimento de Infantaria 43, 1942 brigadeiro, comandante da 217ª Divisão de Infantaria, tenente-general, comandante da 349ª Divisão de Infantaria, 1944 general-comandante do LXIV Corpo do Exército, general de Infantaria, a partir de janeiro de 1945 comandante do forte Königsberg, rendição em 10.4.1945, prisão russa, condenado à morte à revelia na Alemanha, condenado a 25 anos de prisão na União Soviética, 1955 libertado, depois atividade de escritor.

Laval, Pierre (* 28.6.1883 Châteldon [em Puy-de-Dôme], † 15.10.1945 Fresnes, próximo de Paris): estudo de direito, 1907 advogado, de 1914 a 1919 parlamentar socialista, a partir de 1924 prefeito da vila de Aubervillier, de 1924 a 1927 deputado independente, de 1927 a 1940 senador, desde 1925 várias vezes ministro, entre outros da Justiça (1926), Trabalho (1930 até 1932), 1931/32 primeiro-ministro francês, de 1934 a 1936 ministro do Exterior, 1935/36 primeiro-ministro e ao mesmo tempo ministro do Exterior, protagonista de uma aproximação com a Itália e a Alemanha, 1935 assinatura de um pacto de assistência com a União Soviética, 1936 excluído do círculo interno do poder com a vitória eleitoral da Frente Popular, mudança para a extrema direita, 1940 vice-primeiro-ministro e ministro do Exterior sob Pétain, de 1942 até 1944 primeiro-ministro do governo de Vichy, condenado à morte em 9.10.1945 por colaboracionismo e traição à pátria.

Leander, Zarah, na verdade Zarah Stina Hedberg (* 15.3.1907 Karlstad [Suécia], † 23.6.1981 Estocolmo): desde 1929 atriz de teatro e cantora na Suécia, 1936 sucesso em Viena, 1937 primeira produção da UFA, sucesso com papéis dramático-melancólicos, ocasionalmente com papéis infames e exóticos, bem como cantora ("Ich weiss, es wird einmal ein Wunder geschehen", "Davon geht die Welt nicht unter"), 1943 retorno para a Suécia, 1945 proibida de trabalhar na Alemanha e na Suécia, desde 1949 novamente atriz e cantora.

Leeb, Wilhelm Ritter von (* 5.9.1876 Passau, † 29.4.1954 Hohenschwangau [Baviera]): 1895 ingresso no Exército bávaro, 1897 tenente, Escola de Artilharia e Engenharia de Munique, 1900 regimento de artilharia-de-campo asiático-oriental, 1901 retorno, de 1903 a 1906 Academia de Guerra, 1907 primeiro-tenente no posto central do Estado-Maior bávaro, de 1909 a 1911 no grande Estado-Maior, 1912 capitão, durante a Primeira Guerra Mundial no Estado-Maior da 11ª Divisão de Infantaria Bávara, a partir de 1917 no Estado-Maior do Grupo do Exército "Kronprinz Rupprecht von Bayern", 1919 chefe de departamento no Ministério da Guerra bávaro, a partir de outubro de 1919 no Ministério da Defesa do Reich, 1920 tenente-coronel, a partir de 1921 diversas altas funções de Estado-Maior, 1926 comandante do Regimento de Artilharia 7, 1929 brigadeiro, 1930 comandante da 7ª Divisão de Infantaria, comandante no Wehrkreis VII, 1933 comandante-em-chefe do Gruppenkommando II, 1934 general da artilharia, em fevereiro de

1938 desligado do serviço ativo em função do “caso Fritsch”, reativado já em outubro de 1938, comandante do 12º Exército na ocupação da região dos sudetos, 1939/40 comandante-em-chefe do Grupo do Exército C, 1940 marechal-de-campo, 1941/42 comandante-em-chefe do Grupo do Exército Norte, transferido para a reserva do *Führer*, 1945 preso, 1948 condenado a três anos de prisão, que já tinham sido cumpridos.

Le Luc, Maurice Athanase (* 1885, † 1964): militar de carreira, 1937 contra-almirante, chefe da área de defesa de Brest, 1939 co-comandante da Marinha francesa, desde 1939 vice-chefe do Estado-Maior da Marinha, 1940 vice-almirante, chefe de Estado-Maior, secretário de Estado da Marinha, 1941 atividade de conselheiro para o governo francês, 1942 chefe do Estado-Maior da Marinha, 1943 transferido para a reserva, 1944 dispensado, 1949 condenado a dois anos de prisão, 1951 aposentado com honras.

Ley, Robert (* 15.2.1890 Niederbreidenbach, perto de Gummersbach, † 25.10. 1945 Nüremberg [suicídio]): estudo de ciências naturais, formação como químico alimentar, 1914 voluntário de guerra, primeiro na infantaria, 1917 transferido para a aviação, abatido e gravemente ferido, até 1920 prisioneiro de guerra francês, 1920 graduou-se como doutor em filosofia, 1921 colocação na Bayer em Leverkusen, 1924 ingresso no Nationalsozialistische Freiheitspartei, diretor de distrito do NSFP na Renânia, 1925 ingresso no NSDAP (nº 18441), diretor de distrito do NSDAP na Renânia do Sul, 1927 demitido das Indústrias Bayer, de 1928 até 1931 editor do jornal *Westdeutscher Beobachter*, diretor de organização do distrito do NSDAP Colônia-Aachen, condenado inúmeras vezes por panfletagem antijudaica a penas pecuniárias e condicionais, 1930 membro da Assembléia Prussiana, de 1930 a 1945 membro do Congresso, diversas altas funções no NSDAP (entre outras em 1932 inspetor de organização do Reich), de 1932 até 1934 vice-diretor de organização do Reich do NSDAP, de 1933 a 1945 dirigente, respectivamente, diretor do Reich da “Einheitsgewerkschaft Deutsche Arbeitsfront” (DAF), de 1934 até 1945 diretor de organização do Reich do NSDAP, 1937 SA-*Obergruppenführer*, diversas funções públicas (entre outras, de 1942 a 1945 comissário da Habitação do Reich), proibição de manifestação em público a partir de fevereiro de 1942 após aparições em estado de total embriaguez, nomeado em 28.3.1945 comandante do Freikorps “Adolf Hitler”, em 20.4.1945 fuga de Berlim, preso em 15.5.1945 a leste de Berchtesgaden, acusado no processo dos principais criminosos de guerra, enforcou-se após receber o libelo acusatório.

Liebel, Willy (* 31.8.1897 Nuremberg, † 20.4.1945 [suicídio]): 1914 até 1918 serviço militar como tenente, depois em associações de defesa, 1924 assistente pessoal de Erich Ludendorff, dono de gráfica, editor (Editora Panzerfaust), 1925 ingresso no NSDAP (nº 23091), 1926 saída, 1928 reingresso, NSDAP-*Ortsgruppenleiter* de Nüremberg, ao mesmo tempo diretor de organização do NSDAP no distrito da Francônia, 1933 até 1945

prefeito de Nuremberg, SA-*Standartenführer*, de 1936 a 1945 membro do Congresso, 1941 SA-*Obergruppenführer*, atuou em diversas associações, altas funções no NSDAP (entre outras, a partir de 1943 *Reichshauptamtsleiter*), 1942 a 1944 chefe do Departamento Central e vice de Albert Speer, ministro do Reich para Armamentos e Indústria Bélica, licenciado a partir do fim de 1944 por motivos de saúde.

Lindloff, Ewald (* 27.9.1908 Stuba/Dantzig, † 2.5.1945 Berlim): escola de engenharia, 1932 ingresso na SS, a partir de 1933 no Leibstandarte "Adolf Hitler", desde 1934 no Führer-Begleitkommando, 1934 *Unterscharführer*, 1938 *Hauptscharführer*, 1941 *Untersturmführer*, 1942/43 mobilização *front*, *Obersturmführer*, 1945 *Hauptsturmführer*, participou da queima dos cadáveres de Adolf Hitler e Eva Braun, enterrou os restos mortais no jardim da Chancelaria, foi morto na fuga da Chancelaria.

Linge, Heinz (* 23.3.1913 Bremen, † 24.6.1980 Bremen): pedreiro, freqüentou uma escola técnica sem conclusão, 1932 ingresso no NSDAP (nº 1260419) e na SS (nº 35795), 1933 mudança para o Leibstandarte "Adolf Hitler", 1935 ordenança de Hitler após estudo em uma escola de hotelaria, a partir de 1939 criado pessoal, SS-*Untersturmführer*, chefe do serviço pessoal de Hitler, patente mais alta SS-*Sturmabführer*, preso em 2.5.1945 por tropas soviéticas, interrogado pelo NKVD por vários anos, 1950 condenado a 25 anos de trabalhos forçados, em 1955 libertado para a República Federal da Alemanha.

List, Wilhelm (* 14.5.1880 Oberkirchberg, perto de Ulm, † 16.8.1971 Garmisch-Partenkirchen): cadete, 1900 tenente no Exército bávaro, freqüentou a Escola de Artilharia e Engenharia de Munique, 1908 até 1911 a Academia de Guerra, 1913 capitão, 1914 no posto central do Estado-Maior bávaro, depois diversas funções de Estado-Maior, a partir de 1918 no Ministério da Guerra bávaro, 1920 major no Estado-Maior do Wehrkreis VII, a partir de 1926 no Ministério da Defesa do Reich, 1927 coronel, 1930 comandante da Escola de Infantaria de Dresden, 1933 comandante no Wehrkreis IV e comandante da 4ª Divisão, 1938 comandante-em-chefe do Gruppenkommando 2, após a "anexação" da Áustria comandante-em-chefe do Gruppenkommando 5 em Viena, 1939/40 comandante-em-chefe do 12º Exército na expedição contra a França, 1940 marechal-de-campo, 1941 comandante-em-chefe do Sudoeste (Atenas), 1942 assumiu o Grupo do Exército A, transferido para a reserva do *Führer* após a derrota da "ofensiva de verão" na campanha contra a Rússia em setembro de 1942, 1945 preso por militares americanos, condenado à prisão perpétua em 1948 em Nuremberg pelas represálias alemãs nos combates aos *partisans* nos Bálcãs, 1952 libertado por motivo de saúde.

Löhlein, Manfred (* 5.1.1882 Berlim, † 14.9.1954 Essen): estudo de medicina, doutor em medicina, especialização em oftalmologia, 1910 habilitação na Universidade de Greifswald, 1914 professor não-estatutário, 1921 professor catedrático, 1924 mudança para a Universidade de Iena, 1932 para Freiburg, 1933 ingresso no NSDAP, desde 1934

professor catedrático da Universidade de Berlim, diretor da Clínica de Olhos da Charité, especialista em transplantes de córnea e doenças hereditárias dos olhos, a partir de 1944 convocado várias vezes por Morell para tratamento da conjuntivite de Hitler, membro do conselho do comandante para serviços sanitários, Brandt, 1945 formalmente afastado da Universidade de Berlim, mas continuou em atividade, 1949 professor honorário da “Freie Universität Berlin”.

Löhr, Alexander (* 20.5.1885 Turnu-Severin [Romênia], † 16.2.1947 Iugoslávia [executado]): 1906 ingresso no Exército Real e Imperial, 1910 até 1913 Escola de Guerra de Viena, oficial de Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, entre outros na Divisão Aérea, 1919 transferência para o Exército nacional, 1928 coronel e diretor da 5ª Divisão Aérea no Ministério da Guerra, 1933 comandante das forças de combate aéreo austríacas, 1934 brigadeiro, 1938 tenente-general da Wehrmacht alemã, comandante da Luftwaffe na Áustria, 1939 chefe da Esquadra Aérea 4, major-general, comandante do sudoeste de Viena, participação na expedição da Polônia e dos Bálcãs, 1941 comandante da Esquadra Aérea 4 no ataque à União Soviética, comandante-em-chefe da Luftwaffe na Ucrânia, 1942 comandante da Wehrmacht Sudoeste, 1943 provisoriamente comandante-em-chefe do Sudoeste, depois chefe do Grupo E do Exército (Grécia), extraditado em maio de 1945 para a Iugoslávia pelo exército britânico, condenado à morte pelo bombardeio de Belgrado (que se deu sem declaração de guerra por determinação de Hitler).

Lohse, prenome desconhecido (* ?, † ?): chefe do batalhão de comunicações do *Führer*.
Lohse, Hinrich (* 2.9.1896 Mühlenbarbek, próximo de Itzehoe, † 25.2.1964 Mühlenbarbek): serviço militar, 1916 ferido, escola comercial, bancário, 1923 NSDAP, a partir de 1924 deputado em Altona pelo Bloco Popular-Social, a partir de 1925 diretor de distrito em Schleswig-Holstein, desde 1932 membro do Congresso, desde 1933 alto-presidente de Schleswig-Holstein, 1934 SA-*Gruppenführer*, 1941 a 1944 chefe da Administração Civil para o Báltico e desde 1942 também para a Bielo-Rússia, como comissário do Reich “Leste” em Riga, 1945 preso por tropas britânicas, 1948 condenado por um tribunal alemão a dez anos de prisão, 1951 libertado.

Lorenz, Heinz (* 7.8.1913 Schwerin, † 23.11.1985 Düsseldorf): estudo de direito e ciências políticas, 1932 estenógrafo da imprensa no Serviço Telegráfico Alemão, 1934 redator-assistente, desde 1936 junto a Otto Dietrich, responsável por relatórios de política externa, 1942 redator-chefe no Serviço de Notícias Alemão, trabalhou no QG do *Führer* até 28.4.1945, preso em maio de 1945 por militares britânicos, 1947 libertado, depois trabalhou como jornalista.

Mackensen, Eberhard von (* 24.9.1889 Bromberg, † 19.5.1969 Altmühlendorf [Holstein]): 1908 ingresso no Exército, 1910 tenente, 1915 ferido, oficial ordenança após

a cura, 1917 cavaleiro, designado para o Estado-Maior do Grupo do Exército de Scholtz, 1919 no Estado-Maior do alto-comando da Defesa de Fronteira Norte, 1920 mudança para a Reichswehr, diversas funções nas tropas, 1924 ingresso no Ministério de Defesa do Reich, 1932 tenente-coronel, chefe da Divisão de Transportes do Exército, 1933 chefe do Estado-Maior da Cavalaria, 1935 coronel, 1935 chefe do Estado-Maior do X Corpo do Exército, 1937 comandante da 1ª Brigada de Cavalaria, 1939 chefe do Estado-Maior do Gruppenkommando V, mais tarde do 14º e do 12º Exércitos, 1940 general da Cavalaria, 1941 general-comandante do III Exército Motorizado, 1942 comandante-em-chefe do 1º Exército Blindado, 1943 major-general e comandante-em-chefe do 14º Exército, transferido em julho de 1944 para a reserva do *Führer*, 1945 preso por militares britânicos, condenado à morte por crimes de guerra, indultado com pena de 21 anos de prisão, 1952 libertado.

Mandtal, Erich (* ?, † ?): ingresso na SA, 1923 membro da "Stabswache" junto a Hitler, desde 1925 guarda-costas de Hitler, membro do Führer-Begleitkommando, até 1945 designado na ajudância pessoal de Hitler.

Manstein, Erich von, na verdade Fritz-Erich von Lewinski (* 24.11.1887 Berlim, † 9.6.1973 Irschenhausen [Alta-Baviera]): corpo de cadetes Plön, 1907 tenente, combatente na Primeira Guerra Mundial, promovido a capitão, de 1921 até 1923 chefe de companhia em Angermünde, de 1923 até 1927 formação de oficial de Estado-Maior, 1933 coronel, 1934 chefe do Estado-Maior no Wehrkreiskommando III Berlim, 1936 ajudante de Beck, 1938 comandante de divisão, 1939 chefe do Estado-Maior do Grupo do Exército Sul, depois do Grupo do Exército A, junto com Guderian primeiro esboço do "Sichelschnittplans" para a expedição contra a França, 1940 general de Infantaria, chefe do XXXVIII Exército, 1941 comandante-em-chefe do 11º Exército, em março de 1942 major-general, em julho de 1942 marechal-de-campo, a partir de novembro de 1942 comandante-em-chefe do Grupo do Exército do Don, depois Sul, transferido em 31.3.1944 para a reserva do *Führer*, 1945 preso por militares britânicos, 1949 condenado a 18 anos de prisão por um tribunal militar britânico em Hamburgo por crimes de guerra, 1953 libertado, de 1953 a 1960 conselheiro oficial do governo alemão.

Manteuffel, Hasso von (* 14.1.1897 Potsdam, † 24.9.1978 Reith [Áustria]): a partir de 1916 serviço militar como tenente em um regimento hussaro, 1919 corpo de voluntários, 1920 aceito na Reichswehr, diversas funções nas tropas em ligas motorizadas, 1933 cavaleiro, a partir de 1937 no Estado-Maior do inspetor das tropas blindadas, 1939 diretor de ensino na Escola de Tropas Blindadas II, tenente-coronel, 1941 comandante de regimento na 7ª Divisão Blindada, coronel, 1942 comandante da 7ª Brigada de Artilharia Blindada, a partir de 1943 da Divisão "von Manteuffel" na Tunísia, 1943 brigadeiro, comandante da 7ª Divisão Blindada, 1944 tenente-general, comandante da Divisão de

Artilharia Blindada "Grossdeutschland", em setembro de 1944 general da tropa blindada, comandante do 5º Exército Blindado durante a ofensiva nas Ardenas, comandante-em-chefe do 5º Exército Blindado, a partir de março de 1945 comandante-em-chefe do 3º Exército Blindado, de 1945 a 1947 prisioneiro dos britânicos, 1948 diretor de exportações em uma indústria de hélices, tomada de partido publicamente pelo rearmamento, conselheiro militar do FDP, 1953 a 1957 no Congresso alemão como membro do FDP (a partir de 1956 membro da Freiheitlichen Volkspartei, depois da Deutschen Partei), 1959 condenado a dois anos de prisão devido a uma sentença injustificada.

Manziarly, Constanze (* 14.4.1920 Innsbruck, † 2.5.1945 Berlim [provavelmente suicídio]): frequentou uma escola para governantas, assistente de nutrição, desde 1943 no Kurheim Zabel em Bischofswiesen, a partir de setembro de 1944 cozinheira nutricionista de Hitler.

Marras, Efisio (* 2.8.1888 Cagliari [Sardenha], † 28.1.1981 Roma): 1908 subtenente, durante a Primeira Guerra Mundial capitão e chefe de bateria, 1918 major, depois oficial de Estado-Maior, 1937 brigadeiro, adido militar em Berlim, 1940 general-de-divisão I, 1942 general de corpo do Exército, extraditado em 31.3.1944 pelos alemães para o governo de Mussolini, detido na prisão de Verona, fuga em agosto de 1944 para a Suíça, após o fim da guerra comandante de região em Milão, a partir de 1.2.1947 chefe de Estado-Maior do Exército italiano, 1950 chefe do grande Estado-Maior, participou da reorganização das forças de combate italianas no âmbito da OTAN, 1954 aposentadoria.

Marshall, George Catlett (* 31.12.1880 Uniontown [Pensilvânia, EUA], 16.10.1959 Washington): 1901 tenente, mobilizado na França durante a Primeira Guerra Mundial, tenente-coronel, depois diversos comandos, entre outros na China, general, docente no Army War College, em Washington, a partir de outubro de 1938 vice-chefe de Estado-Maior das forças armadas dos EUA, a partir de setembro de 1939 chefe de Estado-Maior, desde 1942 respondia somente ao presidente Roosevelt, participou de todas as conferências de cúpula dos Aliados, demissão em 21.11.1945, depois missões diplomáticas, 1947 ministro do Exterior (criador do European Rescue Program, "Plano Marshall"), 1949 demissão, 1950/51 ministro da Defesa, 1953 Prêmio Nobel da Paz.

Martin, Benno (* 12.2.1893 Kaiserslautern, † 2.7.1975): estudo de direito, combatente na guerra, 1919 no Corpo de Voluntários Epp, ingresso na polícia nacional bávara, 1923 graduou-se doutor em ciências jurídicas, a partir de 1925 na direção da polícia em Nuremberg-Fürth, 1933 ingresso no NSDAP, desde 1933 chefe de polícia em Nuremberg, inicialmente comissário, 1934 ingresso na SS, 1942 brigadeiro da polícia, 1942 SS-*Gruppenführer* e tenente-general da polícia, alto dirigente da polícia e da SS em Main, 1944 SS-*Obergruppenführer* e general da Waffen-SS, 1945 preso, acusado pela deportação de judeus da Francônia, 1953 absolvido pelo Tribunal Nacional de Nuremberg.

Meichssner, Joachim (* 4.4.1906 Deutsch-Eylau [Prússia ocidental], † 29.9.1944 Berlim [executado]): 1924 conclusão do ensino médio, ingresso na Reichswehr, oficial em um departamento de comunicações, 1935 a 1937 formação de Estado-Maior na Academia de Guerra de Berlim, desde setembro de 1937 no alto-comando do Exército, interrompido por comandos de tropas, a partir de 1940 *Gruppenleiter* no Serviço Geral do Exército, na expedição contra a Rússia 1941/42 oficial do Estado-Maior, 1943 coronel, chefe da Divisão de Organização no alto-comando da Wehrmacht, respectivamente no Estado-Maior da Wehrmacht, sabia dos planos de atentado, que no entanto refutou, preso no final de julho de 1944, condenado à pena de morte em 29.9.1944.

Meissner, Otto (* 13.3.1880 Bischweiler [Alsácia], † 27.5.1953 Munique): estudo de direito, 1903 graduação como doutor, 1906 assessor de tribunal, 1911 conselheiro do governo na administração da ferrovia do Reich, 1915 serviço militar na Infantaria, a partir de 1917 no comando geral da Ferrovia Militar em Bucareste, a partir de 1918 na administração militar da Ucrânia ocupada, 1919 encarregado de Negócios alemão na Ucrânia, a partir de abril de 1919 conselheiro relator no gabinete do presidente do Reich, 1920 diretor ministerial e chefe de gabinete, 1923 secretário de Estado, conselheiro jurídico de Hindenburg, 1935 chefe da chancelaria presidencial, 1937 ministro de Estado, 1945 preso, 1949 inocentado no “processo da Wilhelmstrasse”, 1951 classificado por um tribunal como “culpado”, 1952 arquivamento de outros processos.

Mertz von Quirnheim, Albrecht (* 25.3.1905 Munique, † 20.7.1944 Berlim [executado]): 1923 ingresso na Reichswehr, amigo de von Stauffenberg desde um curso de Estado-Maior, 1939 oficial de Estado-Maior no Departamento de Organização do Estado-Maior, 1941 no QG do *Führer* em Winniza, 1942 tenente-coronel, a partir de novembro de 1942 chefe do Estado-Maior do XXIV Corpo do Exército, 1943 coronel, desde setembro de 1943 sabedor dos planos de atentado, elaborou, juntamente com seus superiores Olbricht e von Stauffenberg, o plano de operação “Valquíria”, 1944 sucessor de von Stauffenberg como chefe do Estado-Maior do Serviço Geral do Exército, insistiu em 20.7.1944 na dissolução da “Valquíria”, após processo no conselho de guerra fuzilado no pátio do Bendlerblock.

Meyer, Kurt, “Pantermeyer” (* 23.12.1910 Jerxheim bei Schöningen [Braunschweig], † 23.12.1961 Hagen): estudo comercial, mineiro, 1929 ingresso na polícia nacional de Mecklenburg, 1931 ingresso na SS, 1932 *Untersturmführer*, 1933 mudança para o Leibstandarte “Adolf Hitler”, 1934 participou de um curso das tropas blindadas, depois comandante de pelotão no Leibstandarte “Adolf Hitler”, a partir de 1936 constituição de uma companhia de caças-blindados no Leibstandarte, 1939 *Hauptsturmführer*, mobilizado na expedição contra a França, 1940 comandante da Divisão Blindada de Reconhecimento, primeiro na expedição dos Bálcãs, a partir de 1941 na expedição contra a União

Soviética, 1944 *Standartenführer*, comandante do Regimento de Artilharia Blindada da SS 22 na Divisão “Juventude Hitlerista”, mobilizado no *front* da invasão, preso por revoltosos belgas em setembro de 1944 e entregue aos americanos, declarado morto pelo lado alemão e nomeado postumamente *Brigadeführer* e brigadeiro da Waffen-SS, 1945 condenado à pena de morte por um tribunal de guerra canadense, indultado com pena de prisão perpétua, 1954 libertado para a RFA.

Milch, Erhard (* 30.3.1892 Wilhelmshaven, † 25.1.1972 Wuppertal-Barmen): 1911 tenente em um regimento de artilharia, piloto desde 1915, 1918 diretor do Grupo de Caça 6, 1920 despedida como capitão, depois na esquadrilha de aviadores da polícia da Prússia oriental, mudança para a aviação civil, 1923 diretor de aviação da firma Junkers, 1926 diretor técnico e membro da diretoria da Deutsche Lufthansa, 1933 secretário de Estado no Ministério da Aviação do Reich, 1934 brigadeiro, 1936 general da aviação, 1938 major-general e inspetor-geral da Luftwaffe, 1940 marechal-de-campo, a partir de 19.11.1941 *Generalluftzeugmeister*, desligamento deste cargo em 20.6.1944, desligado em 7.1.1945 como inspetor-geral, preso em abril de 1945 por tropas americanas, condenado em 1947 no segundo processo de perseguição em Nuremberg à pena de prisão perpétua, libertado em 1954.

Model, Walter (* 24.1.1891 Genthin, Brandenburg, † 21.4.1945 perto de Lintorf [distrito Mettmann; suicídio]): 1910 tenente em um regimento de artilharia, diversas funções no Estado-Maior e nas tropas durante a Primeira Guerra Mundial, 1919 aceito na Reichswehr, capitão, 1929 major, diretor de departamento no Ministério da Defesa do Reich, 1932 tenente-coronel, 1934 coronel, 1938 chefe do Estado-Maior do IV Corpo do Exército, 1939 brigadeiro, 1940, na expedição contra a França, chefe do Estado-Maior do 16º Exército, a partir de novembro de 1940 comandante da 3ª Divisão Blindada, a partir de outubro de 1941 general-comandante do XLI Corpo do Exército Motorizado, general da Tropa Blindada, 1942 major-general, comandante em chefe do 9º Exército, a partir de janeiro de 1944 comandante-em-chefe do Grupo do Exército Norte, marechal-de-campo, a partir de março comandante-em-chefe do Grupo do Exército da Ucrânia do Norte, a partir de junho de 1944 do Grupo Central do Exército, nomeado em 16.8.1944 comandante-em-chefe do leste, a partir de setembro de 1944 comandante-em-chefe do Grupo B do Exército, dissolução em 17.4.1945 do Grupo do Exército para evitar a rendição formal.

Mohnke, Wilhelm (* 15.3.1911 Lübeck, † 6.8.2001 Damp, Eckernförde): vendedor e armazenista, 1931 ingresso na SS, 1933 Comando Especial da SS em Berlim, mudança para o Leibstandarte “Adolf Hitler”, 1933 *Sturmführer*, participou de diversas expedições, 1943 SS-*Obersturmbannführer*, 1944 SS-*Standartenführer*, comandante de um regimento de artilharia blindada, nomeado em janeiro de 1945 chefe de brigada e brigadeiro da

Waffen-SS, incumbido em 23.4.1945 da defesa do bairro do governo em Berlim ("cidadeela"), em 1.5.1945 prisioneiro de guerra soviético, 1955 libertado; depois passou a viver no norte da Alemanha.

Montgomery-Massingberd, Archibald Armar (* 6.12.1871, † 1947): formação na Royal Military Academy, 1891 tenente em um regimento de artilharia, de 1899 até 1902 mobilização na guerra de Bure, 1904/formação de Estado-Maior, diversas funções no Estado-Maior, 1909 major, de 1912 a 1914 mobilização na Índia, de 1914 a 1919 oficial do Estado-Maior da British Expeditionary Force, 1915 brigadeiro, 1916 brigadeiro, 1919 chefe do Estado-Maior do British Army of the Rhine, de 1920 a 1922 vice-chefe de Estado-Maior na Índia, de 1923 a 1926 comandante da 1ª Divisão, de 1928 a 1931 comandante do Southern Command, de 1931 a 1933 ajudante-geral das forças armadas britânicas, de 1933 a 1936 chefe de Estado-Maior britânico, 1936 marechal-de-campo, depois aposentado.

Morell, Theodor (* 22.7.1886 Trais-Münzenberg, perto de Giessen, † 26.5.1948 Tegernsee): formou-se como professor de escola primária, a partir de 1907 estudo de medicina, curso em Paris, 1912 formou-se doutor em medicina, 1913 médico naval, a partir de 1915 serviço militar como cirurgião no *front* do leste, depois de adoecer passou por vários hospitais no território do Reich, 1918 dispensa como médico do Estado-Maior, prática urológica desde o final de 1918 em Berlim, mais tarde ampliação do campo de atuação para doenças sexuais, 1933 ingresso no NSDAP, 1936 convocado por intermediação de Heinrich Hoffmann para o tratamento (bem-sucedido) das cólicas estomacais de Hitler, desde então clínico de Hitler, desde 1941 estada predominante nos respectivos quartéis-gerais do *Führer*, em abril de 1945, após consulta a Hitler, fuga de Berlim, preso na Baviera, detido em diversos campos e hospitais, 1947 libertado como incapacitado para prisão e interrogatórios.

Müller, Erich, "Kanonenmüller" (* 2.11.1892 Berlim, † 15.4.1963 Kettwig/Ruhr): prático em uma empresa de melhoramentos na Reichsbahn, 1914 voluntário de guerra, tenente, a partir de 1919 estudo de engenharia, construtor em Borsig, assistente na Escola Técnica Superior de Berlim, seguiu sua formação na Reichsbahn e nos EUA (na Ford), 1926 conselheiro ferroviário do Reich, diretor da empresa de melhoramentos Königsberg, depois trabalhou no laboratório experimental da Reichsbahn, 1931 doutor em engenharia, nova viagem de estudos para os EUA, 1932 diretor da repartição de desenvolvimento de veículos, 1933 ingresso no NSDAP e na SA, 1934 diretor do Reichsbahnwerk em Berlim-Tempelhof, 1935 mudança para a Fried. Krupp AG, a partir de 1936 diretor da Divisão de Desenvolvimento da Artilharia, 1938 vice-diretor, ao mesmo tempo na diretoria da Krupp Stahlbau AG Rheinhausen, 1940 até 1945 diretor da Junta de Armas, respectivamente da Comissão de Armas no Ministério de Armamentos, 1941 vice-presi-

dente da Fried. Krupp AG, 1943 membro do diretório da Firma Krupp, 1945 preso, 1948 condenado a 12 anos de detenção no processo Krupp em Nuremberg, 1951 libertado.

Müller, Heinrich, "Heinz" (* 7.7.1896 Pasing, próximo de Munique, † 27.4.1945 Potsdam): 1914 voluntário de guerra, 1919 corpo de voluntários, estudo de direito, 1920 graduou-se doutor em ciências jurídicas e políticas, 1921 ingresso no NSDAP, 1923 assistente na administração financeira do Reich, 1927 conselheiro do governo, 1930 diretor do Departamento de Finanças em Alsfeld (Hessen), no NSDAP *Ortsgruppenleiter*, *Kreisleiter*, a partir de 1931 deputado na Assembléia da Província de Hessen, em março de 1933 comissário do Reich por Hessen, temporariamente ministro do Interior, 1933/34 alto-prefeito de Darmstadt, 1935 presidente do Departamento de Finanças de Colônia, de 1938 a 1945 presidente do Senado do Tribunal de Contas do Reich Alemão, presidente do Conselho Fiscal da Deutsche Revisions-und Treuhand AG, inúmeros cargos honorários, relator pessoal de Martin Bormann durante a Segunda Guerra Mundial com a manutenção dos demais cargos.

Müller, Heinrich, "Gestapomüller" (* 28.4.1900 Munique, † maio de 1945 Berlim [desaparecido]): montador de aviões durante a Primeira Guerra Mundial, suboficial, 1919 ingresso na polícia bávara, no departamento político designado para vigiar o Partido Comunista Alemão, 1933 inspetor criminal, 1934 SS, SD, 1937 conselheiro criminal e SS-*Obersturmbannführer* no RSHA, diretor da Divisão Central "Combate aos Opositores", 1939 ingresso no NSDAP, chefe do Departamento IV (Gestapo), 1940 SS-*Brigadeführer*, 1941 SS-*Gruppenführer* e tenente-general da polícia, inúmeras especulações sobre o seu paradeiro, provável suicídio.

Mummert, Werner (* 31.3.1897 Lüttewitz [Saxônia], † janeiro/fevereiro de 1950 União Soviética): 1914 voluntário de guerra, 1916 tenente em um regimento de cavalaria saxão, 1918 saída, 1936 reativado como primeiro-tenente da reserva, 1938 cavaleiro, 1939 comandante de uma divisão blindada de reconhecimento numa divisão de infantaria, 1942 tenente-coronel, 1944 coronel e comandante do Regimento de Artilharia Blindada 103, a partir de janeiro de 1945 comandante da Divisão de Artilharia Blindada "Müncheberg", brigadeiro, comandante de um setor de defesa em Berlim, a partir de abril de 1945 prisão soviética.

Mussolini, Benito (* 29.7.1883 Predappio [Romagna, Itália], † 28.4.1945 Giulino di Mezzegra [província de Como, Itália; fuzilado]): professor de escola primária, jornalista, 1912 redator-chefe do diário socialista *Avanti*, 1915 voluntário de guerra, 1919 fundador do Fasci di Combattimento (associação dos combatentes), da qual surgiu o Partido Fascista, 1922 "marcha sobre Roma", 1934 acordo de interesses com a Alemanha, formação do "eixo" Roma-Berlim (1937 ampliado para o Pacto-Antikomintern e 1939 para uma aliança militar com o Reich alemão), iniciador das guerras na Líbia, na Abissínia e

da malsucedida expedição contra a Grécia no outono de 1939, impôs a entrada da Itália na guerra em 10.6.1940 ao lado do Reich alemão e comprometeu-se com a participação da Itália na expedição contra a União Soviética, destituído em 25.7.1943 pelo Grande Conselho Fascista, preso, libertado em 12.9.1943 por uma missão de comando alemã, depois dirigente de um Estado títere no norte da Itália (Repubblica Sociale Italiana, “Reppublica de Salò”), preso em 28.4.1945 pelos *partisans* e fuzilado junto com a sua amante; os cadáveres foram expostos no dia seguinte na Piazzale Loreto em Milão.

Mussolini, Edda (* 1.9.1910, † 9.4.1995): filha de Benito Mussolini, 1930 casamento com o conde Ciano, três filhos, viveu desde o final dos anos 1930 separada do marido, conde Ciano, 1941 enfermeira na Itália, 1943 divergência com o marido, fuga com apoio alemão para a Baviera após a queda do seu pai, levou seus filhos para a Suíça, tentou salvar seu marido, fuga para a Suíça após a execução deste, 1946 retorno para a Itália, temporariamente presa na ilha Lipari, restituição bem-sucedida de parte do patrimônio da família, nenhuma atuação política.

Mussolini, Vittorio (* 1913 Milão, † 12.6.1997 Roma): filho de Benito Mussolini, jornalista, piloto, ingresso na Força Aérea Italiana, 1935 tenente, mobilizado na Guerra da Abissínia e na Guerra Civil Espanhola, depois voluntário em produções cinematográficas em Potsdam-Babelsberg e Hollywood, 1939 novamente oficial da Força Aérea, 1943 secretário do recém-criado Partido Republicano-Fascista, 1945 escondido por religiosos católicos, fuga para a Argentina, atuou como escritor e empresário, 1951 condenado à revelia a uma pena de prisão por deserção, 1959 retorno para a Itália, reabilitado, jornalista, atividade no Partido Neofascista.

Natzmer, Oldwig von (* 29.6.1904 Liegnitz, † 7.04.1980): 1925 cadete, 1928 tenente, diversos comandos nas tropas e no Estado-Maior, 1938 major no Estado-Maior do Exército, 1941 oficial do Estado-Maior I a da 161ª Divisão de Infantaria, a partir de junho de 1941 I a no Estado-Maior do XXXIV Corpo Blindado, 1942 tenente-coronel, chefe do Estado-Maior da Divisão Blindada “Grossdeutschland”, 1943 coronel, desde 1.7.1944 brigadeiro e chefe do Estado-Maior do Grupo do Exército Norte, a partir de janeiro de 1945 chefe do Estado-Maior do Grupo do Exército Kurland, a partir de 17.2.1945 chefe do Estado-Maior do Grupo Central do Exército, em 15.3.1945 tenente-general, depois de 1945 passou a viver no nordeste da Alemanha.

Naumann, Werner (* 16.6.1909 Guhrau [Silésia], † 25.10.1982 Lüdenscheid): 1928 ingresso no NSDAP e SA, jornalista, 1933 SA-*Brigadeführer*, conselheiro ministerial no Ministério da Propaganda do Reich, relator pessoal de Goebbels, mudança para a SS como *Hauptsturmführer*, 1940/41 chefe de batalhão no Leibstandarte “Adolf Hitler”, 1941 ferido, após cura em 1942 chefe do gabinete do ministro no Ministério da Propaganda,

1943 *SS-Brigadeführer*, 1944 secretário de Estado, em abril de 1945 com Goebbels no *bunker* do *Führer*, designado no testamento de Hitler como sucessor de Goebbels, fuga, no início pedreiro, a partir de 1950 diretor de uma empresa de exportação e importação, 1953 preso por militares britânicos como mentor de um círculo de antigos nacional-socialistas, libertado no mesmo ano, atividade política no partido de extrema direita Deutsche Reichspartei, mais tarde chefe da diretoria da firma Busch-Jaeger, em Lüdenscheid, pertencente ao Grupo Quandt.

Neurath, Constantin, *barão de* (* 2.2.1873 Klein-Glattbach [Württemberg], † 14.8.1956 Enzweihingen [Württemberg]): estudo de direito, 1901 ingresso no serviço diplomático, diversas funções no interior e no exterior, entre outras, de 1914 até 1916 conselheiro na embaixada de Constantinopla, de 1919 até 1921 enviado em Copenhagen, de 1922 até 1930 embaixador em Roma, de 1932 até 1938 ministro do Exterior do Reich, 1937 ingresso no NSDAP, de 1939 até 1943 protetor do Reich da Boêmia e Morávia, no entanto em 1941 foi licenciado e substituído por Reinhard Heydrich, 1943 nomeado *SS-Obergruppenführer*, condenado à pena de 15 anos de detenção no processo dos principais criminosos de guerra em Nuremberg, 1954 libertado por motivo de saúde.

Noël, Léon (* 28.3.1888, † 6.8.1987): estudo de direito, desde 1913 a serviço do governo francês, 1927 diretor da Comissão Francesa na Renânia, 1930 prefeito do departamento Haut-Rhin [Alto-Reno], 1931 secretário de Estado no Ministério do Interior, 1932 até 1935 embaixador em Praga, procurador do governo nas negociações em Londres e Stresa, 1935 até 1940 embaixador em Varsóvia, 1940 participou das negociações de rendição com o Reich alemão e a Itália, 1944 membro da Academia, membro do RPF, 1948 presidente da comissão para política externa na Assembléia Nacional.

Ochs, prenome desconhecido (* ?, † ?): camareiro de Joseph Goebbels, *SS-Unterscharführer*, segundo fontes soviéticas *Hauptsturmführer*, 1945 preso, prisão de Posen, provavelmente transferido para Riga, depois dado como desaparecido pelo NKVD.

Olbricht, Friedrich (* 4.10.1888 Leisning [Saxônia], † 20.7.1944 Berlim [executado]): 1908 tenente em um regimento de infantaria, Escola de Guerra Dresden, funções nas tropas e no Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, 1919 aceito pela Reichswehr, diversos comandos nas tropas e no Estado-Maior, 1926 relator no Departamento T 3 (exércitos estrangeiros) no Ministério da Defesa do Reich, 1931 comandante de um batalhão de caça, 1933 chefe do Estado-Maior da 4ª Divisão de Infantaria "Dresden", 1934 coronel, 1935 chefe do Estado-Maior do IV Corpo do Exército, 1937 brigadeiro, 1938 comandante da 24ª Divisão de Infantaria, 1939 participou da expedição contra a Polônia, tenente-general, a partir de março de 1940 chefe do Departamento Geral do Exército no alto-comando do Exército, desde 1943 também chefe do Departamento de Indenização

do Exército no alto-comando da Wehrmacht, desenvolveu juntamente com von Stauffenberg, de comum acordo com Beck e Goerdeler, o plano de operação “Valquíria”, disparou em 20.7. 1944 o alarme “Valquíria”, foi fuzilado no pátio do Bendlerblock depois de um veredicto de corte militar.

Oshima, Hiroshi (* 1886, † 1975): militar e diplomata japonês, 1923/24 adido militar em Budapeste e Viena, 1930/31 comandante de regimento, de 1931 a 1934 diretor de departamento no Estado-Maior, tenente-general, de 1934 até 1938 adido militar em Berlim, 1938/39 e de 1941 até 1945 embaixador japonês em Berlim, tentou sem sucesso em 1943 intermediar um cessar-fogo entre o Reich alemão e a União Soviética, 1945 preso, retorno para o Japão após interrogatório, acusado e condenado à pena de prisão perpétua por “conspiração contra a paz”, 1955 libertado.

Osterholz, Liesl (* ?, † ?): camareira de Eva Braun, no *bunker* até o suicídio do casal Hitler.

Papen, Franz von (* 29.10.1879 Werl, † 2.5.1969 Obersasbach [Baden]): cadete, pajem na corte imperial, 1899 tenente, 1902 até 1904 Escola de Cavalaria em Hannover, de 1907 até 1910 Academia de Guerra em Berlim, 1911 primeiro-tenente no Regimento Ulane, em Potsdam, 1911/12 no grande Estado-Maior, 1913 capitão, adido militar em Washington, 1915 chamado de volta devido a suposta espionagem, 1916 comandante de batalhão no *front* francês, depois funções no Estado-Maior na França, Mesopotâmia e Palestina, por último como tenente-coronel junto ao Exército turco, de 1918 até 1932 membro do Clube do Exército, 1920 ingresso no Zentrumspartei, de 1921 até 1928 e de 1930 até 1932 membro da Assembléia Prussiana, 1923 até 1931 principal acionista e presidente do conselho fiscal da editora jornalística Germania, nomeado em 1.6.1932 chanceler do Reich (gabinete presidencial), saída do Zentrumspartei, a partir de 20.6.1932 comissário do Reich pela Prússia, demissão em 17.11.1932 como chanceler do Reich, de 1933 a 1945 membro do Congresso, no primeiro gabinete de Hitler de 30.1.1933 a 30.7.1934 vice-chanceler, colocado em prisão domiciliar durante três dias durante o “*putsch* de Röhm”, de 1934 a 1938 embaixador em Viena, de 1939 a agosto de 1944 embaixador em Ancara, 1945 preso, 1946 inocentado no processo contra os principais criminosos de guerra, 1947 condenado por um tribunal de sentença alemão à pena de oito anos de trabalhos forçados, 1949 libertado.

Parisot, Henri (* 1881, † 1963): militar de carreira, 1934 brigadeiro, 1936/37 adido militar em Roma, 1938 general-de-divisão, comandante da 15ª Divisão de Infantaria Motorizada francesa, co-assinante do cessar-fogo francês, 1940 novamente adido militar em Roma.

Patton, George Smith (* 11.11.1885 San Gabriel [Califórnia], † 21.12.1945 Mannheim [acidente]): militar de carreira, 1909 Academia Militar de West Point, 1917 comandante de uma brigada blindada na França, depois diversas missões de comando e ensino, 1939

coronel, 1940 brigadeiro, desde abril de 1941 comandante da 2ª Divisão Blindada dos EUA, desembarcou em novembro de 1942 no Marrocos, a partir de fevereiro de 1943 comandante-em-chefe do II Corpo dos EUA, brigadeiro, comandante-em-chefe do 7º Exército (desembarque na Sicília), desde 1.8.1944 comandante do 3º Exército na Normandia, avanço para as Ardenas, em março de 1945 para o Reno, depois até a Boêmia, a partir de maio de 1945 governador militar na Baviera, morreu em um acidente de automóvel.

Paulus, Friedrich (* 23.9.1890 Breitenau/Melsungen [Hessen], † 1.2.1957 Dresden): 1909 cadete, 1911 tenente em um regimento de infantaria de Baden, ajudante de batalhão durante a Primeira Guerra Mundial, depois em funções de Estado-Maior, capitão, aceito na Reichswehr, diversos comandos nas tropas e no Estado-Maior, 1931 major, 1934 comandante da Divisão Motorizada 3, 1935 coronel, 1938 chefe do Estado-Maior do XVI Corpo do Exército (motorizado) sob Guderian, 1939 brigadeiro, chefe do Estado-Maior do 10º Exército, continuou chefe do Estado-Maior após a mudança de denominação de 10º Exército para 6º Exército, tenente-general, a partir de setembro de 1940 *Oberquartiermeister* I no Estado-Maior do Exército, a partir de janeiro de 1942 comandante-em-chefe do 6º Exército, general da Tropa Blindada, major-general em 1942, rendeu-se em 31.1.1943 em Stalingrado após cerco pelo Exército Vermelho, antes disso promovido a marechal-de-campo em 30.1, prisão soviética, após 20.7.1944 adesão ao Comitê Nacional Alemanha Livre, testemunha de acusação no processo dos principais criminosos de guerra, 1953 libertado da prisão, mudou-se para Dresden.

Pavolini, Alessandro (* 27.9.1903 Florença, † 28.4.1945 Dongo [Província de Como; assassinado]): estudo de direito e ciências políticas, 1920 ingresso no Movimento Fascista, secretário do fascismo em Florença, 1924 dirigente da milícia em Florença, membro do diretório nacional do Partido, 1934 presidente da União dos Desportistas e Artistas, 1938 voluntário na guerra da Abissínia, 1939 até 1943 Ministro da Cultura do Povo, 1943 redator-chefe do jornal *Il Messaggero*, chefe de um governo provisório após a prisão de Mussolini, a partir de setembro de 1943 secretário do Partido Fascista-Republicano, preso em abril de 1945 por *partisans* e fuzilado.

Peiper, Joachim, "Jochen" (* 30.1.1915 Berlim, † 13/14.7.1976 Traves [França; assassinado]): oficial no SS-Leibstandarte "Adolf Hitler", 1939/40 ajudante de Himmler, 1942 comandante de batalhão, 1943 *Sturmabführer* e comandante do 1º Regimento Blindado do Leibstandarte, mobilizado na Itália, participou de diversos crimes de guerra, durante a ofensiva das Ardenas dirigente do Grupo Blindado Peiper na 1ª Divisão Blindada do Leibstandarte "Adolf Hitler", 1946 condenado à morte por um tribunal militar americano pelo massacre de Malmedy (matança de prisioneiros de guerra americanos), 1956 libertado da prisão, depois atuou no ramo de propaganda, entre

outros para a Porsche, emigração para a região do Jura francês, segundo consta foi assassinado por comunistas.

Peltz, Dietrich (* 9.6.1914 Gera, † 10.8.2001 Munique): brevê de piloto, conclusão do ensino médio, 1934 soldado em uma divisão motorizada, mudança para a Luftwaffe, segundo-tenente, Escola de Aviação Salzwedel, 1936 tenente na Esquadra de Caça “Immelmann”, 1939 capitão-de-esquadrilha de uma esquadra de Stukas, primeiro-tenente, participou da expedição contra a França e da batalha aérea da Inglaterra, 1941 transferido para o *front* oriental, 1942 major, incumbido da constituição de uma escola de comando de unidades, constituiu uma unidade especial para o combate de encouraçados (bombas planadoras), diversas mobilizações no espaço do mar Mediterrâneo e no Atlântico Norte, 1942 tenente-coronel, funções no Estado-Maior, entre outras inspetor dos pilotos de combate, 1943 coronel, comandante do IX Corpo de Aviadores e Diretor de Ataque Leste, 1944 brigadeiro, general-comandante do II Corpo de Caça durante a ofensiva nas Ardenas, a partir de março de 1945 inspetor da Defesa do Reich, em maio de 1945 preso pelos Aliados ocidentais, após ser libertado trabalhou na iniciativa privada.

Pétain, Henri Philippe (* 24.4.1856 Cauchy-à-la-Tour, próximo de Calais, † 23.7.1951 Port Joinville [Ilha de Yeu, Atlântico]): militar de carreira, 1911 coronel, 1914 brigadeiro, 1915 comandante do 2º Exército, 1916 chefe do Grupo Central do Exército, dirigiu a defesa de Verdun, 1917 comandante-em-chefe do Exército francês, 1918 marechal, 1922 a 1931 inspetor-geral do Exército, de 1931 a 1934 da defesa aérea, vice-presidente do Supremo Conselho de Guerra, 1934 ministro da Guerra, 1939 embaixador junto a Franco, 1940 assinou as rendições à Alemanha e à Itália, 1940 até 1942 primeiro-ministro e chefe de Estado (“Vichy-França”), a partir de 1942 chefe de Estado, fugiu em 20.8.1944 para a Alemanha, detido à força no Castelo Sigmaringen, em abril de 1945 “empurrado” para a Suíça, apresentou-se ao Supremo Tribunal, condenado à morte em 14.8.1945, indultado por Charles de Gaulle com a pena de prisão perpétua.

Petter, Kurt (* 3.2.1909 Dorndorf/Röhn, † 3.10.1969 Hamburgo): estudou medicina em Jena, 1930 ingresso no NSDAP (nº 263062), *Bannführer* da Juventude Hitlerista no *Bann* Weimar/Jena, 1934 graduação como doutor em medicina, atividade de médico, a partir de dezembro de 1934 relator no Departamento de Pessoal da Reichsjugendführung, 1936 diretor de ligação da Juventude Hitlerista com o Ministério da Educação do Povo e com a União de Professores do NS, subchefe do Departamento de Pessoal da Juventude Hitlerista, 1937 *Oberbannführer*, inspetor das Escolas Adolf Hitler, *Gebietsführer*, 1938 comandante da Academia para Direção da Juventude em Braunschweig, 1939 diretor da Reichsführerschule da Juventude Hitlerista em Potsdam, 1939/40 serviço militar como paramédico, 1940 até 1942 encarregado do Reichsjugendführer na Noruega, a partir de julho de 1942 novamente comandante das Escolas Adolf Hitler, ao mesmo tempo atuou

na direção do NSDAP, a partir de novembro de 1943 *Obergebietsführer* da Juventude Hitlerista, chefe de repartição no posto do *Reichsleiter* de Schirach em Viena, 1945 médico na 38ª Divisão de Granadeiros “Nibelungen” da Waffen-SS, responsável pelo ingresso de colegas na Divisão “Nibelungen”, preso em maio de 1945, fuga em 10 de maio de 1945, depois da desnazificação atuou como pediatra em Hamburg-Barmbek.

Pferdmenges, Robert (* 27.3.1880 Mönchengladbach, † 29.9.1962 Colônia): depois da conclusão do ensino médio aprendizado como negociante bancário, trabalhou em diversos bancos, entre outros, de 1905 até 1914, na filial londrina da Disconto-Gesellschaft, trabalhou na administração civil para a Bélgica durante a Primeira Guerra Mundial, 1916 ingresso no A. Schaaffhausen'schen Bankverein, Düsseldorf, 1919 seu presidente, 1921 presidente da União dos Bancos e dos Banqueiros na Renânia e na Westfália, desde 1920 conselheiro financeiro de inúmeras sociedades anônimas, entre outras Colônia-Versicherung, Klöckner-Werke, AEG, Demag, Harpener Bergbau, Mitteldeutsche Stahlwerke, desde 1931 acionista da Casa Bancária Sal. Oppenheim jun. & Cie. em Colônia, “arianização” da casa bancária Levy e em 1938, após acordo com os acionistas judeus, também da casa bancária Oppenheim (de 1938 até 1947 “Pferdmenges & Co.”), 1944 temporariamente preso, 1945 co-fundador do CDU [partido precursor CDP], vereador em Colônia, membro do Conselho Provincial, 1946 proibição das atividades políticas, 1947 permissão para voltar à atividade comercial, novamente inúmeros mandatos de conselheiro fiscal, conselheiro de economia política de Konrad Adenauer, a partir de 1950 deputado pela CDU, de 1950 a 1960 presidente da União Nacional dos Bancos Privados.

Pick, Gerhard (* 7.11.1910 Rehden, próximo de Graudenz, † 1.5.1987 Werl): 1941 capitão, comandante do II Batalhão no Regimento de Infantaria 490 da 296ª Divisão de Infantaria, 1944 major, comandante do Regimento de Artilharia 577 da 305ª Divisão de Infantaria, 1945 tenente-coronel, temporariamente comandante de combate do bairro do governo, em abril de 1945 comandante do regimento “Pick” na Divisão “Scharnhorst”; prisioneiros dos americanos.

Pintsch, Karl Heinz (* 3.6.1909, † ?): aprendizado comercial, 1925 ingresso no NSDAP (nº 24400), comerciante em Elberfeld, Berlim e Cottbus, 1928 reingresso no NSDAP, desde 1934 ajudante de Rudolf Hess, SA-*Oberführer*, 1941 degradado e transferido para uma unidade penal como suposto conhecedor do voo para a Inglaterra, 1944 promovido a tenente, 1945 prisão soviética, 1955 libertado.

Pleiger, Paul (* 29.9.1899 Buchholz [Westfália], † 25.7.1985 Hattingen): serralheiro, engenheiro da Harpener Bergbau AG, a partir de 1925 construção de uma fábrica de máquinas, 1932 ingresso no NSDAP e na SA, 1933 SA-*Sturmführer* e conselheiro econômico distrital do NSDAP no distrito Westfália-Sul, 1934 convocação no Departamento

de Matérias-Primas em Berlim, 1937 foi-lhe confiada a direção da Reichswerke AG para Mineração e Siderurgia “Hermann Göring”, a partir de 1941 ao mesmo tempo encarregado do Reich para o abastecimento de carvão na Alemanha (“*Reichsvereinigung Kohle*”), a partir de 1942 também encarregado do Reich para toda a economia do leste, 1949 condenado no “processo Wilhelmstrasse” a 15 anos de detenção, devido à sua responsabilidade decisiva na exploração dos territórios ocupados e com as medidas coercitivas e de terror a isso relacionadas, 1951 libertado, depois diretor de uma indústria na Westfália.

Poensgen, Ernst (* 19.9.1871 Düsseldorf, † 22.7.1949 Berna): estudo de siderurgia, 1900 ingresso no empreendimento paterno, 1905 presidente, 1910 presidente da Phönix AG, 1914 presidente da União dos Empregadores da Indústria do Ferro do Nordeste, 1926 co-fundador da Vereinigte Stahlwerke AG, vice-presidente, 1929 presidente da União dos Industriais Alemães de Ferro e Aço, depois do Grupo Econômico da Indústria Produtora de Ferro, 1935 presidente da Vereinigte Stahlwerke, conselheiro fiscal de inúmeras indústrias de aço e químicas, ligações pessoais com Hitler e Göring, tentou evitar a fundação da Hermann-Göring-Werke, demissão de todos os cargos em 1942, devido a rivalidades, passou o fim da sua vida em Kitzbühel, respectivamente na Suíça.

Posse, Heinz (* 6.2.1879 Dresden, † dezembro de 1942 Dresden): historiador de arte, professor doutor em filosofia, a partir de 1910 diretor da Galeria Pública de Pintura de Dresden, 1938 demitido, 1939 readmitido por iniciativa de Hitler, a partir de 1939 diretor da “Missão Especial Linz” (escolha de pinturas para as residências de Hitler e seu planejado Museu de Linz).

Puttkamer, Karl-Jesko von (* 24.3.1900 Frankfurt/Oder, † 4.3.1981 Neuried, próximo de Munique): 1917 ingresso na Marinha, 1920 tenente-do-mar, 1930 tenente-capitão, de 1933 até 1935 oficial de ligação da Marinha com o alto-comando do Exército, 1935 segundo-ajudante da Marinha junto a Hitler, 1938 capitão-de-corveta, 1938 comandante de navio na 4ª Frota de Destruição, a partir de outubro de 1939 capitão-de-fragata e ajudante da Marinha junto a Hitler, 1941 capitão-do-mar, 1943 contra-almirante, voo em 21.4.1945 de Berlim para Obersalzberg, preso em maio de 1945 nas proximidades de Berghof por tropas americanas, 1947 libertado.

Rabe von Pappenheim, Friedrich-Carl (* 5.10.1894 Münster, † 6.7.1977): 1914 cadete, chefe de companhia na Primeira Guerra Mundial, 1918 aceito na Reichswehr, de 1931 até 1933 no Estado-Maior da Divisão de Cavalaria de Weimar, a partir de 1934 como major no Ministério da Defesa do Reich, 1937 adido militar em Bruxelas, 1940 coronel e comandante do Regimento de Infantaria 436, 1942 adido militar em Budapeste, brigadeiro, no fim de 1943 comandante da 97ª Divisão de Caça, 1944 tenente-general, com o fim da guerra prisão soviética, 1955 libertado para a RFA.

Radó, Sándor (* 5.11.1899 Budapeste, † 20.8.1981 Budapeste): 1917/18 estudo de geografia na Universidade de Leipzig, 1918/19 participou da Revolução Húngara, fuga para a Áustria, continuou os estudos em Viena, 1920 fundação de uma agência de notícias, 1922 mudança para Iena, membro no Aparelho-M do Partido Comunista Alemão, 1923 diretor operacional das Proletarischen Hundertschaften no levante saxão, fuga para a União Soviética, a partir de meados dos anos 1920 correspondente da agência de notícias soviética TASS em Berlim, 1935 emigração para a França, a partir de março de 1936 residente do serviço de informações militar soviético GRU na Suíça, como disfarce fundou a agência de notícias Atlas Permanent, 1944 preso após a descoberta de várias redes de espionagem, fuga para a França, acusado, libertado após intervenção de autoridades suíças, 1945 retorno para a União Soviética, condenado a uma longa pena de detenção, 1955 libertado, depois professor de geografia na Universidade de Budapeste, 1966 aposentadoria.

Raeder, Erich (* 24.4.1876 Wandsbek, junto a Hamburgo, † 6.11.1960 Kiel): 1894 ingresso na Marinha de Guerra, 1897 tenente, na Primeira Guerra Mundial inicialmente oficial do almirantado, depois comandante do cruzador *Köln*, 1919 aceito na Reichswehr, atuou no Arquivo da Marinha, 1925 vice-almirante, chefe da estação da Marinha no mar Báltico, 1928 almirante, chefe da direção da Marinha, 1934 general-almirante, desde 1935 comandante-em-chefe da Marinha de Guerra, 1939 grão-almirante, 1943 transferido para a reserva do *Führer*, 1946 condenado à prisão perpétua no processo contra os principais criminosos de guerra, 1955 libertado antecipadamente por motivos de saúde.

Rattenhuber, Johann (* 30.4.1897 Oberhaching, próximo de Munique, † 30.6.1957 Munique): conclusão do ensino médio, serviço militar, 1918 tenente, Corpo de Voluntários Epp, 1920 ingresso na Polícia Disciplinar de Bayreuth, 1922 transferência para a polícia nacional bávara, 1933 ajudante do chefe de polícia bávaro Heinrich Himmler, incumbido no mesmo ano da constituição de um comando para uso especial de Hitler, capitão, SS-*Obersturmbannführer*, 1935 diretor do posto independente do serviço de segurança do Reich, 1944 SS-*Brigadeführer* e brigadeiro da polícia, 1945 SS-*Gruppenführer*, preso em 2.5.1945 por tropas soviéticas, 1951 libertado.

Raubal, Angela, "Geli" (* 4.1.1908 Linz, † 18.9.1931 Munique [suicídio]): chamada equivocadamente no *Dossiê Hitler* de "Nicki", filha da meia-irmã de Hitler Angela Raubal, 1927 conclusão do ensino médio, iniciou estudo de medicina em Munique, a partir de 1928 formação como cantora, morou a partir de 1929 com Hitler na Prinzregentenplatz; matou-se com a pistola de Hitler, dando um tiro na região do coração após uma briga; as circunstâncias exatas nunca foram esclarecidas.

Raubal, Angela (ver: Hammitzsch, Angela).

Rauch, Josef (* 27.2.1902 Kinding, próximo de Eichstätt, † 14.8.1984): 1919 voluntário temporário, aceito na Reichswehr, 1931 desligado como segundo-sargento, 1935

reingresso como primeiro-tenente (pioneiros), 1940 cursos nas Escolas de Pioneiros em Rosslau e Königsbrück, major, comandante do Batalhão-Reserva dos Pioneiros 8, 1942 tenente-coronel e comandante do Regimento de Artilharia Blindada 110, 1943 curso de comando de regimento blindado em Wünsdorf, em maio de 1943 comandante do Regimento de Artilharia Blindada 192, 1944 coronel, novembro/dezembro de 1944 curso de comandante-de-divisão em Hirschberg, a partir de 1.1.1945 comandante da 18ª Divisão de Artilharia Blindada, nomeado brigadeiro em 20.4.1945, prisão soviética em 2.5.1945 em Berlim, 1949 condenado a 25 anos de trabalhos forçados, 1955 libertado para a RFA. **Reichenau, Walter von** (* 8.10.1884 Karlsruhe, † 17.1.1942 próximo de Poltava): 1903 cadete, 1904 tenente, 1911 até 1914 designado para a Academia de Guerra, serviço militar como ajudante e oficial de Estado-Maior, capitão, 1919 aceito na Reichswehr, 1919 no Estado-Maior no Wehrkreis VI, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, 1924 major, 1927 comandante de um departamento de comunicações, 1929 tenente-coronel e chefe de Estado-Maior junto ao inspetor das tropas de comunicação, 1931 coronel, chefe do Estado-Maior da 1ª Divisão de Infantaria, 1933 chefe do Departamento do Ministro no Ministério da Defesa do Reich (a partir de 1934 Wehrmachtsamt), 1934 brigadeiro, 1935 tenente-general, general-comandante do VII Corpo do Exército, 1936 general da Artilharia, 1938 comandante-em-chefe do Gruppenkommando IV, 1939 comandante-em-chefe do 10º Exército, depois do 6º Exército, major-general, 1940 marechal-de-campo, promoveu a formação da Waffen-SS e encobriu os crimes dos grupos de ação, em dezembro de 1941 comandante-em-chefe do Grupo Sul do Exército, morreu de derrame.

Reinecke, Hermann (* 14.2.1888 Wittenberg, † 10.10.1973): cadete, 1905 tenente, 1911 ajudante de batalhão, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, desde 1918 no Ministério da Guerra prussiano, aceito na Reichswehr, diversos postos no Ministério da Defesa do Reich, 1929 major, 1933 tenente-coronel, 1934 retorno ao Ministério da Defesa do Reich, diretor de Departamento para Escolas Técnicas do Exército e para Abastecimento, 1935 coronel, mudança para o recém-formado Wehrmachtsamt, 1938 diretor do Departamento de Assuntos Gerais da Wehrmacht, 1939 curso para Departamento de Assuntos Gerais da Wehrmacht no alto-comando da Wehrmacht, seu diretor até o fim da guerra, brigadeiro, 1942 general da Infantaria, desde 22.12.1943 chefe do Estado-Maior nacional-socialista no alto-comando leste, 1943 aceito no NSDAP, desde 1934 juiz-adjunto no Tribunal do Povo, membro da Corte Honorária da Wehrmacht após o atentado contra Hitler, membro do Volksgerichtshof no sentenciamento dos conspiradores de 20.7.1944, 1945 preso, 1948 condenado à prisão perpétua no processo contra o alto-comando da Wehrmacht por ter co-formulado ordens e instruções contra o direito dos povos, 1951 recusou indultamento, 1954 libertado.

Reinhardt, Georg-Hans (* 1.3.1887 Bautzen, † 22.11.1963 Munique): 1907 cadete, 1908 tenente, 1913 ajudante de regimento, serviço militar como ajudante, 1916 designado para a formação no Estado-Maior, a partir do final de 1916 em diversos estados-maiores, 1917 I a no Estado-Maior da 192ª Divisão de Infantaria, 1919 defesa da fronteira, aceito pela Reichswehr, alternadamente funções nas tropas e no Estado-Maior, 1926 professor de táticas na Escola de Infantaria de Dresden, depois docente para tática e história da guerra, diretor de ensino para ajudantes de comando, 1931 tenente-coronel e comandante de batalhão, 1933 chefe do Estado-Maior da 4ª Divisão, depois diretor de departamento no Ministério da Defesa do Reich, 1934 coronel, 1935 chefe do Departamento de Formação no Estado-Maior do Exército, 1937 brigadeiro, 1938 comandante da 4ª Divisão Blindada na expedição contra a Polónia, 1939 tenente-general, 1940 general comandante do XLI Corpo Blindado, general das tropas blindadas, 1941 comandante-em-chefe do Grupo Blindado 3, a partir de 1942 do 3º Exército Blindado, major-general, 1944 comandante-em-chefe do Grupo Central do Exército, dispensado em 25.1.1945 devido à perda da Prússia oriental, 1945 na prisão, condenado em 1948 à pena de 15 anos de prisão no processo contra o alto-comando da Wehrmacht, 1952 libertado.

Reisser, Hans (* 15.6.1909 Memmingen, † ?): segeiro, 1928 ingresso na SA, 1930 ingresso no NSDAP (nº 102784) e SS (nº 4844), a partir de 1933 *Sturmmann* no Leibstandarte "Adolf Hitler", membro no Führer-Begleitkommando, 1934 *Unterscharführer*, outras promoções, 1939 *Untersturmführer*, 1942 *Obersturmführer*, transferência em abril de 1944 para a Waffen-SS, em 1.5.1945 fuga do *bunker*, prisão soviética, 1955 libertado para a RFA.

Reitsch, Hanna (* 29.3.1912 Hirschberg, † 28.8.1979 Frankfurt/Main): estudo de medicina sem conclusão, aviadora de planadores, 1932 recorde mundial de vôos de longa duração para mulheres, 1934 recorde mundial de vôo em altitude para mulheres, 1937 capitã da aviação, desde 1939 piloto de testes da Luftwaffe, companheira de Ritter von Greim, em 26.4.1945 vôo com Greim para Berlim, em 29.4.1945 ao encontro de Dönitz para Kiel, seguindo para Kitzbühel, 1945 presa, 1946 libertada, 1947 classificada como "não acusada" por um tribunal, atividade jornalística, novos sucessos desportivos.

Remer, Ernst Otto (* 18.8.1912 Neubrandenburg, † 4.10.1997 Marbella [Espanha]): 1933 conclusão do ensino médio, cadete, 1935 tenente, diversas funções nas tropas (Infantaria), 1941 capitão, 1942 comandante de batalhão no Regimento de Artilharia Blindada "Grossdeutschland", 1943 major, a partir de maio de 1944 comandante do Regimento de Guarda "Grossdeutschland" em Berlim, promovido a coronel por seu papel decisivo na derrota do golpe de Estado de 20.7.1944, a partir de agosto de 1944 comandante da Führer-Begleitbrigade, até 15.11.1944 em Rastenburg, depois até janeiro de 1945 na mobilização nas Ardenas, promovido em 30.1.1945 a brigadeiro, comandante da

Führer-Begleitdivision acrescentada à Divisão Blindada, a partir de maio de 1945 prisioneiro de guerra, 1947 libertado, 1950 co-fundador do [de extrema direita] Partido Socialista do Reich (SRP, 1952 proibido), atividade jornalística, 1982 fundação do Círculo de Amigos de Ulrich von Hutten, 1983 fundador da Deutsche Freiheitsbewegung [movimento de libertação alemã], condenado várias vezes, entre outras por incitação do povo ao ódio racial e ofensas, 1991 até 1993 editor da *Remer-Depesche*, na qual o Holocausto era negado, 1993 confirmação de uma sentença de prisão pelo Tribunal Nacional, fuga para a Espanha.

Rendulic, Lothar (* 23.11.1887 Wiener Neustadt, † 18.1.1971 Eferding perto de Linz): 1910 tenente no Exército Real e Imperial, chefe de companhia durante a Primeira Guerra Mundial, ajudante de regimento e a partir de 1916 oficial de justiça, 1917 capitão, aceito no Exército Nacional, professor na Escola de Oficiais, a partir de 1922 trabalhou no Departamento de Organização do Ministério Nacional de Defesa da Pátria, 1929 tenente-coronel, 1933 coronel, adido militar austríaco em Paris, 1935 dispensado devido a ligações com o NSDAP, comandante de uma brigada motorizada, a partir de 1938 coronel da Wehrmacht, chefe do Estado-Maior do XVII Corpo do Exército, 1939 brigadeiro, 1940 comandante da 52ª Divisão de Infantaria, 1942 general da Infantaria, comandante do XXXV Corpo do Exército, 1943 comandante-em-chefe do 2º Exército Blindado, 1944 major-general e comandante do XX Exército Montanhês, 1945 comandante-em-chefe de diversos grupos do Exército (Curland, Norte, Grupo Sul do Exército), em maio de 1945 prisioneiro de guerra americano, 1948 condenado a 25 anos de prisão por crimes de guerra, 1951 indultado e libertado, atividade jornalística até a morte.

Renondeau, Gaston-Ernest (* 1879, † 1967): de 1932 até 1938 adido militar francês em Berlim, 1939/40 comandante da 2ª Divisão, brigadeiro, 1940 inicialmente oficial comandante do setor de defesa Baixo-Reno, depois comandante da 103ª Divisão de Fortificação, depois comandante do XLII Corpo de Fortificação.

Reymann, Hellmuth (* 24.11.1892 Neustadt [Alta-Silésia], † 8.12.1988 Garmisch-Partenkirchen): cadete, 1912 tenente, a partir de 1915 ajudante de batalhão, a partir de 1916 ajudante de regimento, 1920 mudança para a polícia como primeiro-tenente, 1921 capitão, 1922 até 1928 professor na Escola de Polícia Frankenstein, 1928 até 1932 na administração da polícia em Elberfeld, major, 1933 até 1935 professor na Alta Escola da Polícia Eiche em Potsdam, 1935 professor de táticas na Escola de Guerra de Dresden, 1936 tenente-coronel, 1938 comandante do Batalhão de Infantaria da Fronteira 125 Saarbrücken, 1939 coronel e comandante do Regimento de Infantaria 205, 1942 brigadeiro e comandante da 212ª Divisão de Infantaria, 1943 comandante da 13ª Divisão de Campo da Luftwaffe, comandante da 11ª Divisão de Infantaria, transferido em novembro de 1944 para a reserva do *Führer*, a partir de 6.3.1945 comandante de combate de

Berlim, depois comandante da Guarnição Potsdam, a partir de 23.4.1945 comandante do Grupo do Exército Spree, em 7.5.1945 prisioneiro de guerra dos ingleses, 1946 libertado, viveu em Iserlohn.

Ribbentrop, Joachim von (* 30.4.1893 Wesel, † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): estudo bancário em Montreal, trabalhou em construção de estrada de ferro, repórter, 1913 abriu um negócio de importação de vinhos alemães em Ottawa, 1914 retorno para a Alemanha, de 1915 até 1918 serviço militar como soldado de cavalaria, promovido a tenente, 1919 dispensado, abriu uma loja de vinhos em Berlim, 1920 casamento com Annelies Henkell, representante da Adega de Champagne Henkell em Berlim, desde 1930 apoio financeiro para o NSDAP, 1932 ingresso no NSDAP (nº 1199927), 1933 até 1945 membro do Congresso, ingresso em 30.5.1933 na SS (nº 63083), *Standartenführer*, a partir de 1933 colaborador para política externa de Hitler, de 1934 até 1939 encarregado do NSDAP para questões de política externa no Estado-Maior do vice do *Führer*, 1934/35 encarregado do governo do Reich para questões de desarmamento, 1935 SS-*Oberführer*, 1936 SS-*Gruppenführer*, a partir de junho de 1936 embaixador alemão em Londres, de 5.2.1938 até 30.4.1945 ministro do Exterior do Reich, 1940 SS-*Obergruppenführer*, caiu na clandestinidade em maio de 1945 com o nome "Reiser", preso em 14.6.1945 pelo Exército britânico, acusado no processo contra os principais criminosos de guerra, condenado à morte.

Richthofen, Wolfram, barão de (* 10.10.1895 Barzdorf/Striegau [Silésia], † 12.7.1945 Bad Ischl [Áustria]): cadete, formando da Escola de Guerra de Kassel, 1914 tenente, mobilização na guerra, a partir de 1917 aviador, 1918 na Esquadrilha de Caça 1 "von Richthofen", 1920 desligamento como primeiro-tenente, estudo de construção de máquinas, 1923 reingresso na Reichswehr, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, 1928 capitão, 1929 doutor em engenharia, de 1929 até 1932 adido militar em Roma, 1934 mudança para a Luftwaffe, major, diretor do Departamento de Exames, 1936 tenente-coronel, a partir de novembro de 1936 diretor do Comando de Provas 88 (chefe de Estado-Maior disfarçado da Legião Condor), 1937 comodoro da Esquadra de Combate 153 Liegnitz, retorno para a Legião Condor, 1938 coronel, comodoro da Esquadra de Combate 257, brigadeiro, 1939 comandante do VIII Corpo de Aviadores, 1940 general dos aviadores, 1942 major-general e comandante-em-chefe da Frota Aérea 4, ao mesmo tempo comandante do sudoeste, 1943 marechal-de-campo, chefe da Frota Aérea 2 na Itália, adoeceu em outubro de 1944 e foi licenciado, 1945 preso por militares americanos, teve que se submeter a uma operação no cérebro, morreu em decorrência das consequências dessa operação.

Riefenstahl, Leni (* 22.8.1902 Berlim, † 8.9.2003 Pöcking, no lago Starnberg): estudou dança, entre outros, com Mary Wigman, a partir de 1923 apresentações solo, 1926 pri-

meiro trabalho como atriz, papéis em filmes de aventuras, entre outros, em 1929, *O inferno branco do Piz Palü*, 1932 primeiro trabalho de direção (*A luz azul*), depois documentários por encomenda do NSDAP e de órgãos do governo, sob sua responsabilidade artística (1933 *A vitória da crença*, 1934 *O triunfo da vontade*, 1935 *O dia da liberdade — Nossas forças armadas*), tornou-se um grande sucesso o filme em duas partes sobre os Jogos Olímpicos de 1936 em Berlim (*Ídolos do estádio, Vencedores olímpicos*), depois filmes em que ela empregou membros das etnias sinti e roma deportados para campos de concentração, após o término das filmagens, 1945 presa, fotógrafa depois de libertada e desnazificada, fotos espetaculares na tribo dos Nuba e do mundo submarino do Oceano Índico, entre outros.

Roatta, Mario (* 2.2.1887 Modena, † 7.1.1968 Roma): 1906 segundo-tenente, militar de carreira, oficial do Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, funções diplomáticas, até 1930 adido militar em Varsóvia, 1930 coronel, comandante de um regimento de infantaria, 1933 chefe do Estado-Maior de um corpo do Exército, depois chefe do serviço de espionagem no Estado-Maior, de 1936 a 1938 comandante do Corpo de Intervenção Italiano na Guerra da Espanha, general de corporação, de julho de 1939 até outubro de 1939 adido militar em Berlim, a partir de novembro de 1939, sob Graziani, vice-chefe do Estado-Maior do Exército, a partir de março de 1941 chefe do Estado-Maior, 1942 comandante-em-chefe do 2º Exército na Croácia, depois comandante-em-chefe do 6º Exército na Sicília, a partir do final de julho de 1943 novamente chefe do Estado-Maior do Exército, passou para o lado de Badoglio, deu a ordem para a defesa de Roma contra a Wehrmacht, que no entanto não foi obedecida, 1945 condenado a uma longa pena de prisão; fuga para a Espanha, 1948 a sentença foi suspensa pela Suprema Corte de Apelação de Roma, 1949 absolvido da acusação de ter desocupado a capital sem luta, viveu em Roma.

Röchling, Hermann (* 12.11.1872 Völklingen [Saarland], † 24.8.1955 Mannheim): 1898 assumiu o conglomerado paterno de mineração e siderurgia, produtor expressivo de armamentos durante a Primeira Guerra Mundial, condenado à revelia após a guerra por um tribunal francês à pena de dez anos de detenção por crime de guerra e roubo, desapropriação das subsidiárias da Siderúrgica Völklinger situadas na França, engajamento político pela reanexação do Saarland ao Reich alemão, expansão do conglomerado para a Alemanha Central, após 1935 diretor do Grupo Econômico das Indústrias Produtoras de Ferro no Distrito Sudoeste, 1940 restituição da antiga propriedade em Lothringen, 1940 até 1942 comandante-geral da indústria de ferro e aço em Lothringen, Meurthe-Moselle e Longwy, a partir de julho de 1942 diretor da Reichsvereinigung Eisen [União do Ferro], 1946 preso, desapropriado de seus bens em 1947 e extraditado para a França, condenado a sete anos de prisão por abuso contra prisioneiros de guerra e trabalhadores forçados,

na apelação pena aumentada para dez anos, 1951 libertado com a imposição de nunca mais pisar na Saarland.

Rohland, Walter, “Panzer-Rohland” (* 14.12.1888 Inden, perto de Jülich, † 26.2.1981): assistente no Instituto Kaiser-Wilhelm para Pesquisa de Ferro, doutor em engenharia, 1933 ingresso no NSDAP (nº 2267484), diretor das Aciarias Bochum, incumbido por Todt da execução do Programa Blindado, vice-presidente do Vereinigten Stahlwerke, 1939 como membro da diretoria do Deutsche Edelstahlwerke, conselheiro da Kohle-und Eisenforschung GmbH [pesquisa de carvão e ferro], a principal sociedade de pesquisas armamentistas alemã, 1942 vice-presidente da Reichsvereinigung Eisen, vice-chefe do Departamento de Armamentos do Ministério de Armamentos, 1945 preso, após ser libertado trabalhou na indústria siderúrgica.

Röhm, Ernst (* 28.11.1887 Munique, † 1.7.1934 Munique [assassinado]): conclusão do ensino médio, cadete, Escola de Guerra de Munique, militar de carreira, combatente no *front* durante a Primeira Guerra Mundial, a partir de 1918 diversas funções de Estado-Maior, ligações com corpos de voluntários, 1920 ingresso no DAP (membro nº 623), amigo íntimo de Hitler, 1923 participação no golpe de Estado com a unidade armada própria “Reichskriegsflagge”, 1924 dispensado da Reichswehr, condenação condicional a 15 meses de detenção, fundador de uma Associação Central de Associações Armadas Populares, membro do Congresso pelo Deutschvölkische Freiheitspartei, 1928 até 1930 consultor militar na Bolívia (tenente-coronel), 1931 chefe do Estado-Maior da SA, 1933 ministro sem pasta e ministro de Estado na Baviera; após demandar a conclusão da “revolução nacional-socialista” e de fazer planos que puderam ser interpretados como preparativos para um golpe de Estado, preso em 30.6.1934 em um hotel de Bad Wiessee, levado por um comando da SS para a prisão de München-Stadelheim, onde lhe foi entregue uma pistola carregada com a instrução de se matar. Como Röhm se negou a fazê-lo, foi fuzilado por ordem de Hitler.

Rommel, Erwin (* 15.1.1891 Heidenheim an der Brenz, † 14.10.1944 perto de Herrlingen, em Württemberg [suicídio]): 1912 tenente, combateu no *front* Isonzo durante a Primeira Guerra Mundial, entre outros, 1918 capitão, aceito na Reichswehr, 1929 professor de tática na Escola de Infantaria de Dresden, 1932 major, 1933 comandante de batalhão, 1935 comandante de grupos de aprendizado na Escola de Infantaria de Potsdam, 1937 coronel, 1938 comandante da Escola de Guerra Wiener Neustadt, 1939 comandante do quartel-general do *Führer* durante a ocupação da Tchecoslováquia, brigadeiro, comandante da 7ª Divisão Blindada, a partir de fevereiro de 1941 general-comandante do Corpo do Exército da África, em janeiro de 1942 major-general, comandante-em-chefe do Exército Blindado da África, em julho de 1942 marechal-de-campo, 1943 comandante-em-chefe do Grupo do Exército B no Norte da Itália, a partir do fim de 1943

inspetor dos fortes na costa da França, crescentes críticas à condução de guerra alemã, exigiu por escrito em 15.7.1944 que Hitler terminasse a guerra, gravemente ferido em 17.7 num bombardeio, forçado a se suicidar com veneno, devido aos seus contatos com os conspiradores de 20.7.1944 (sem seu conhecimento, foi escolhido como comandante-em-chefe do Exército).

Roosevelt, Franklin Delano (* 30.1.1882 Hyde Park, em Nova York, † 12.4.1945 Warm Springs [Geórgia, EUA]): estudo de direito, advogado, 1910 ingresso no Partido Democrático, eleito para a Assembléia do Estado de Nova York, 1913 até 1920 vice-ministro da Marinha, 1920 candidatura frustrada à vice-presidência, trabalhou em diversas empresas, 1928 governador do Estado de Nova York (reeleição em 1930), 1932 venceu as eleições presidenciais (reeleições em 1936, 1940, 1944), centro de gravidade na política interna (*New Deal*), engajamento na política externa reforçado desde o seu segundo mandato, 1933 reconhecimento diplomático da União Soviética, defesa da neutralidade dos EUA na guerra da Espanha e da Abissínia, a partir de 1937 aproximação com a Grã-Bretanha e com a França, iniciativas políticas para conservação da paz, desde 1939 apoio financeiro aos opositores das potências do Eixo, em 14.8.1941 acordo de objetivos de guerra em comum com Churchill (Carta do Atlântico), ingresso dos EUA na guerra depois do ataque a Pearl Harbor em 7.12.1941, estabeleceu em 24.1.1943 em Casablanca a fórmula da “rendição incondicional” das potências do Eixo, assegurou em 1.12.1943 em Teerã obrigatoriamente a abertura de um segundo *front* na Europa, iniciou o programa atômico americano, anunciou para o pós-guerra estreita colaboração com a União Soviética, morreu surpreendentemente de poliomielite.

Rosenberg, Alfred (* 12.1.1893 Reval, † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): estudou em Reval e Moscou, 1918 arquiteto, depois professor de desenho em Riga, 1918 emigração para Munique, 1919 membro da Sociedade Thule, ingresso no DAP (nº 625), 1921 ingresso na SA, de março de 1923 até dezembro de 1937 (com interrupções em 1924 e 1926) redator-chefe do *Völkischer Beobachter*, depois seu editor, 1929 fundador da Liga de Combate para a Cultura Alemã, de 1930 até 1945 membro do Congresso, de abril de 1933 até 1945 diretor do Departamento de Política Externa do NSDAP, desde junho de 1933 no posto de *Reichsleiter*, desde 1934 como encarregado do *Führer* para a vigilância de toda a educação e ensinamento intelectual e ideológico do NSDAP (Departamento Rosenberg) de certo modo “líder ideológico” do Partido, inúmeros outros cargos, de 17.6.1941 até 30.4.1945 ministro do Reich para os territórios ocupados no leste, fuga em maio de 1945 para Holstein, preso pela polícia militar americana, acusado e condenado à morte no processo dos principais criminosos de guerra.

Rundstedt, Karl Rudolf Gerd von (* 12.12.1875 Aschersleben, 24.2.1953 Hannover): cadete, 1893 tenente em um regimento de infantaria, 1894 até 1897 Academia de Guer-

ra, durante a Primeira Guerra Mundial principalmente funções de Estado-Maior na Turquia e na França, major, 1919 aceito na Reichswehr, 1923 coronel, 1925 comandante de regimento, 1928 brigadeiro e comandante da 2ª Divisão de Cavalaria, 1932 comandante-em-chefe do Gruppenkommando 1 de Berlim, general da Cavalaria, 1938 major-general, comandante-em-chefe do Grupo do Exército Sul, desde outubro de 1940 comandante-em-chefe do leste, comandante-em-chefe do Grupo do Exército A na expedição contra a França, 1940 marechal-de-campo, comandante-em-chefe do leste, comandante-em-chefe do Grupo do Exército Sul na expedição contra a Rússia, transferido para a reserva do *Führer* após bater em retirada de Rostov em 28.11.1941, de março de 1942 a 10.3.1945 comandante-em-chefe do leste, licenciado temporariamente no verão de 1944, presidente do tribunal de honra da Wehrmacht que expulsou os conspiradores de 20.7 da Wehrmacht, dispensado em 3.3.1945 do comando-em-chefe do oeste, preso em maio de 1945 por tropas americanas em Bad Tölz e entregue aos militares britânicos, testemunha de acusação nos processos de Nuremberg, 1949 libertado da prisão devido a uma doença cardíaca.

Sander, prenome desconhecido (* ?, † ?): membro do Leibstandarte "Adolf Hitler", mobilizado como ordenança.

Sandig, Rudolf (* 11.9.1911 Eppendorf/Hamburgo, † 1994): desde 1933 membro do SS-Leibstandarte "Adolf Hitler", *Unterscharführer*, 1941 *Hauptsturmführer*, chefe de companhia, 1942 comandante de batalhão no Regimento de Artilharia Blindada 2, 1943 *Sturmabannführer*, 1944 SS-*Obersturmbannführer*, comandante do Regimento de Artilharia Blindada 2, mobilizado no Grupo do Exército Sul.

Saukel, Fritz (* 27.10.1894 Hassfurt [Baixa-Francônia], † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): marinheiro, 1914 prisioneiro de guerra francês na Austrália, até 1919 preso como civil na França, 1919 até 1921 aprendiz como serralheiro de ferramentas, 1919 membro do Deutschvölkischer Schutz-und Trutzbund, 1921 guarda de pelotão na Baixa-Francônia, 1922 ingresso na SA, 1922/23 estudo técnico em Ilmenau, 1923 ingresso no NSDAP (nº 1395), 1923 a 1925 diretor de organizações camufladas do NSDAP, 1925 reingresso no NSDAP, diretor administrativo no distrito de Thüringen, 1927 a 1945 diretor do distrito de Thüringen, 1930 a 1932 dirigente do grupo do NSDAP na Assembléia da Turíngia, 1932/33 primeiro-ministro, 1933 até 1945 governador da Turíngia, 1933 SA-*Gruppenführer*, 1934 SS-*Gruppenführer*, 1939 até 1942 Comissário de Defesa do Reich no Wehrkreis IX, 1942 a 1945 comissário de Defesa do Reich para a Turíngia, 1942 SS-*Obergruppenführer*, a partir de 21.3.1942 representante-geral para a mobilização de força de trabalho, com a sua competência ampliada gradualmente, a partir de 25.9.1944 dirigente do Deutscher Volkssturm na Turíngia, fuga em 10.4.1945 de Weimar, preso em

19.4.1945 por militares americanos na Alta-Baviera, condenado à morte no processo contra os principais criminosos de guerra.

Saur, Karl-Otto (* 16.6.1902 Düsseldorf, † 28.7.1966 Munique): diplomado em engenharia, trabalhou na indústria de mineração e siderúrgica, 1929 diretor da Siderúrgica August-Thyssen em Duisburg, 1931 ingresso no NSDAP, 1935 diretor do Departamento de Técnica no distrito de Essen, 1939 chefe do Departamento de Técnica no Departamento Central do NSDAP, vice de Todt, a partir de 1940 vice de Todt também no Ministério do Reich para Armamentos, 1942 diretor do Departamento Técnico no Ministério da Armamentos, vice-diretor do Estado-Maior de Armamentos, 1944 chefe do "Jägerstab", nomeado sucessor de Speer no testamento de Hitler, 1945 prisão britânica, transferido para Nuremberg, principal testemunha de acusação no processo Krupp, diretor de um escritório de técnica de aviação em Munique após ser libertado.

Schach, Gerhard (* 8.3.1906 Berlim, † 27.1.1972 Dickel/Diepholz): vendedor têxtil, assistente comercial, 1928 ingresso no NSDAP, *Strassenzellenleiter*, *Sektionsleiter*, *Kreisleiter* em Berlim, 1932 inspetor distrital, 1934 diretor de organização no distrito da Grande Berlim, 1933 até 1945 membro do Congresso, 1935 até 1945 vereador da cidade de Berlim, 1937 NSKK-*Standartenführer*, 1940 NSKK-*Oberführer*, 1943 NSKK-*Brigadeführer*, 1942 diretor do Departamento de Estado-Maior da Direção Distrital do NSDAP da Grande Berlim, 1944/45 vice-diretor distrital da Grande Berlim, a partir de 30.1.1945 *Oberdienstleiter* do NSDAP, no *Dossier Hitler* erroneamente declarado morto em combate.

Schacht, Hjalmar (* 22.1.1877 Tingleff [Nordschleswig], † 3.6.1970 Munique): cresceu nos EUA, estudo de ciências econômicas em Kiel, Munique e Berlim, 1903 formou-se como doutor em ciências políticas, empregou-se no Dresdner Bank, a partir de 1908 em cargos de chefia, 1916 diretor do (privado) Nationalbank, 1922 diretor do Darmstädter und Nationalbank, 1918 co-fundador do Deutsche Demokratische Partei [Partido Democrático Alemão] (1926 saída), 1923 comissário monetário do Reich, presidente do Reichsbank, 1930 demissão após crítica à política da dívida do governo do Reich, 1931 adesão ao Harzburger Front, membro do Keppler-Kreis, 1932 intervenção junto a Hindenburg pela nomeação de Hitler como chanceler do Reich, 1933 novamente presidente do Reichsbank, a partir de 1934 ao mesmo tempo Ministro da Economia do Reich, a partir de 1935 comandante-geral para a economia de guerra, 1937 demissão como Ministro da Economia e comandante-geral, 1939 demissão do cargo de diretor do Reichsbank, contatos com a oposição civil em torno de Goerdeler, preso em 29.7.1944, colocado no campo de concentração de Ravensbrück após interrogatórios, 1945 transferido para o campo de concentração de Flossenbürg, libertado por tropas americanas e preso novamente, acusado no processo dos principais crimino-

sos de guerra, inocentado, 1947 classificado por um tribunal de sentença alemão como culpado e condenado a oito anos de trabalhos forçados, 1948 revisão da sentença, libertado, depois trabalhou como consultor econômico e financeiro e também como banqueiro (Aussenhandelsbank Schacht & Co.).

Schädle, Franz (* 19.11.1906 Westerheim [Kreis Memmingen], † 1.5.1945 Berlim [suicídio]): técnico de edificações, 1930 ingresso no NSDAP (nº 73023) e na SS (nº 2605), desde 1932 no Begleitkommando de Hitler, 1933 ingresso no Leibstandarte "Adolf Hitler", membro do Führer-Begleitkommando, *Sturmführer*, 1934 *Obersturmführer*, cargo mais alto *Obersturmbannführer*, desde 5.1.1945 chefe do Begleitkommando, ferido na perna em 28.4.1945 por estilhaços de granada, motivo pelo qual não participou da fuga da Chancelaria do Reich.

Schaub, Julius (* 20.8.1898 Munique, † 27.12.1967 Munique): farmacêutico, serviu em hospitais durante a Primeira Guerra Mundial, depois trabalhou no Departamento Central de Abastecimento bávaro, 1920 ingresso no NSDAP e na SA, participou do golpe de Estado em 1923, prisão militar, a partir de 1925 trabalhou inicialmente como funcionário particular de Hitler, depois formalmente como ajudante pessoal de Hitler, reingresso na SS (nº 7) e no NSDAP (nº 81), 1932 *SS-Sturmführer*, 1933 *Standartenführer*, 1935 *Brigadeführer*, 1940 ajudante-chefe do *Führer*, 1943 *Obergruppenführer*, destruiu em 1945 documentos pessoais de Hitler em Berchtesgaden e Munique, preso, 1949 inocentado por falta de provas da acusação de ajuda no assassinato, depois farmacêutico em Munique.

Scheel, Gustav Adolf (* 22.11.1907 Rosenberg [Baden], † 23.3.1979 Hamburgo): estudo de direito, economia política e teologia, 1929 ingresso na União Estudantil Nacional-Socialista (NSDStB), 1930 ingresso no NSDAP (nº 391271) e na SA, a partir de 1930 estudo de medicina, *Hochschulgruppenführer* do NSDStB, 1934 formou-se como doutor em medicina, 1934 *SA-Sturmführer*, passou para a SS (nº 17189), de setembro de 1934 até maio de 1941 *SS-Führer* no Departamento Central do serviço de segurança (a partir de 1939 Departamento Central de Segurança do Reich), de 1935 até 1939 diretor do Setor de Segurança Sudeste (Stuttgart), 1935 *Obersturmführer*, 1936 *Sturmabannführer*, 1937 *Standartenführer*, de 1936 até 1945 *Reichsstudentenführer*, 1940 serviço militar como paramédico, 1940/41 comandante da polícia de segurança e do serviço de segurança junto ao chefe da administração civil na Alsácia, 1941 *SS-Brigadeführer*, comandante do setor da SS *Alpenland* (Salzburgo), de novembro de 1941 até 1945 diretor distrital do NSDAP em Salzburg, ao mesmo tempo governador do Reich, inúmeros outros cargos no governo e no Partido, 1944 *SS-Obergruppenführer* e general da polícia, a partir de 25.9.1944 comandante do Deutscher Volkssturm no distrito de Salzburg, preso em maio de 1945 por tropas americanas, 1948 condenado por um tribunal de sentença alemão à

pena de cinco anos de trabalhos forçados, libertado no final de 1948, depois foi médico em um hospital em Hamburgo, preso várias vezes entre 1951 e 1954, a partir de 1954 consultório médico próprio em Hamburgo.

Schenck, Ernst Günther (* 3.8.1904 Marburg, † 21.12.1998 Aachen): estudo de ciências naturais e medicina, 1927 formou-se como doutor em filosofia natural, 1929 formou-se como doutor em medicina, médico-assistente em Heidelberg, 1931 primeiro-assistente no Instituto Kaiser Wilhelm para Pesquisas Médicas em Heidelberg, 1933 ingresso na SA, 1934 habilitação e docência, experiências alimentares e de fome principalmente em si mesmo, 1937 NSDAP, médico-chefe na Divisão de Internação em uma clínica de Munique, diretor no Departamento Central para Saúde Pública na direção do NSDAP, conselheiro do dirigente da Saúde para Assuntos de Alimentação, cooperação com a SS, 1940 SS-*Untersturmführer*, inspetor de alimentação da Waffen-SS, trabalhou nos departamentos centrais de administração e econômico da SS, 1942 *Sturmabführer* e professor-adjunto, a partir de meados de 1944 inspetor para abastecimento das tropas da Wehrmacht, médico-chefe da Wehrmacht, SS-*Obersturmbannführer*, participou de experiências com seres humanos em campos de concentração, após a dissolução do cargo trabalhou no hospital na Chancelaria do Reich, fuga do *bunker* em 1.5.1945, prisão soviética, 1955 libertação, trabalhou na indústria farmacêutica, médico em Munique e em Aachen, perito em processos de tribunal social.

Scherff, Walter (* 1.11.1898 Bad Cannstatt, † 24.5.1945 Saalfelden [Áustria; suicídio]): 1915 voluntário de guerra, 1917 tenente em um regimento de fuzileiros, transferido para a Reichswehr, a partir de 1920 diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, a partir de 1931 no Estado-Maior da 9ª Divisão, 1931 designado para o Ministério da Defesa do Reich, 1933 capitão, 1935 no Estado-Maior do Exército, 1936 major, 1937 no Estado-Maior da 21ª Divisão, 1938 diretor da 7ª Divisão no Estado-Maior do Exército, 1939 tenente-coronel no alto-comando do Exército, a partir de novembro de 1940 no Estado-Maior da Wehrmacht, desde fevereiro de 1941 chefe da divisão de história da guerra no alto-comando da Wehrmacht, coronel, desde 17.5.1942 encarregado do *Führer* como historiador militar, em 1945 Scherff destruiu grande parte dos documentos por ele arquivados, entre outros os protocolos das conferências militares no quartel-general do *Führer*, e depois se dirigiu para a prisão americana.

Schirach, Baldur von (* 9.5.1907 Berlim, † 8.8.1974 Kröv/Mosela): 1925 ingresso no NSDAP (nº 17251), estudo de história das artes, germanística e filosofia, 1928 dirigente da União Estudantil Alemã Nacional-Socialista, atividade jornalística, 1931 *Reichsjugendführer* do NSDAP, 1932 casamento com a filha de Heinrich Hoffmann (testemunhas Hitler e Röhm), 1932 até 1945 membro do Congresso, 1933 *Jugendführer* do Reich alemão, diretor do NSDAP, 1939/40 serviço militar, tenente, a partir de agosto de

1940 governador e diretor de distrito em Viena, preso em junho de 1945 pela polícia militar americana, 1946 condenado a vinte anos de prisão como um dos principais criminosos de guerra, 1966 libertado, atividade jornalística.

Schleicher, Kurt von (* 7.4.1882 em Brandemburgo, † 30.6.1934 Potsdam [assassinado]): cadete, 1900 tenente em um regimento de guarda, 1910 frequentou a Academia de Guerra de Berlim, depois na Divisão de Ferrovias do grande Estado-Maior, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, a partir de 1916 diretor de divisão no quartel-general do alto-comando do exército, 1918 major, passou para a Reichswehr, lá trabalhou no Departamento das Tropas, 1922 diretor da Divisão Política, 1926 diretor do departamento da Wehrmacht no Ministério da Defesa do Reich, 1929 secretário de Estado, diretor do Departamento Ministerial, brigadeiro, de junho de 1932 até dezembro de 1933 no gabinete de Papen, ministro da Defesa do Reich, de dezembro de 1932 a janeiro de 1933, durante 57 dias, último chanceler da República de Weimar, tentativa infrutífera de dividir o NSDAP em colaboração com Gregor Strasser, morto com um tiro junto com a mulher em sua própria casa durante o “*putsch* de Röhm”.

Schlünder, Ernst (* 23.5.1898 Oespel/Dortmund, † ?): 1914 voluntário de guerra, tenente, estudo de ciências econômicas, 1922 formou-se como doutor em ciências políticas, síndico, bancário, 1927 professor de esportes na Reichswehr “preta”, 1931 Reichssportwart do Kyffhäuserbund, 1933 passou para a Juventude Hitlerista, ingresso no NSDAP (nº 3018311), inicialmente diretor no Departamento para Desenvolvimento Corporal, desde 1936 *Oberbannführer* e diretor do Departamento para Educação Física, diretor de Comunicação com o Ministério da Guerra do Reich e outros postos, 1941 conselheiro ministerial junto ao *Reichsjugendführer*, chefe do Departamento Central II, 1944 ingresso na SS (nº 476195), *Hauptsturmführer* na Divisão Blindada da SS “Juventude Hitlerista”, a partir de junho de 1944 na Divisão do Estado-Maior do Departamento de Pessoal da SS, dirigiu a última atuação da Juventude Hitlerista nas pontes de Pichelsdorf em Berlim, depois de 1945 membro da diretoria da União Witiko, engajamento na União dos Expatriados e Injustiçados, alto conselheiro do governo no Ministério da Economia de Hessen.

Schmidt, Paul-Otto (* 23.6.1899 Charlottenburg em Berlim, † 21.4.1970 Munique): 1918 serviço militar como atirador de metralhadora, após ferimento estudo de filologia em Berlim, participou de um curso de intérpretes no Departamento do Exterior, 1923 formou-se como doutor em filosofia, ingresso no Departamento de Idiomas do Departamento do Exterior, tradutor desde 1924, tradutor-chefe desde 1927, 1933 secretário de legação, 1935 conselheiro de legação, 1938 conselheiro relator de legação, enviado, 1940 enviado de 1ª classe, dirigente ministerial, diretor do escritório do ministro, 1943 ingresso no NSDAP, preso em maio de 1945 por militares americanos, 1948 libertado, 1950

classificado por uma corte de sentença bávara como “testemunha de defesa”, depois trabalhou como tradutor e jornalista, desde 1952 diretor de um instituto de idiomas em Munique, membro do partido conservador Deutsche Partei.

Schmit, Max (* ?, † ?): general belga, desde 1927 adido militar em Berlim.

Schmundt, Rudolf (* 13.8.1896 Metz, † 1.10.1944 Rastenburg [Prússia oriental]): 1914 voluntário de guerra, cadete, 1915 tenente, 1921 passou para a Reichswehr, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, 1935 major, 1936 no Estado-Maior da 18ª Divisão, desde 1938 ajudante-chefe da Wehrmacht junto a Hitler, a partir de outubro de 1942 tenente-general e chefe do Departamento de Pessoal do Exército, ferido gravemente em 20.7.1944 no atentado contra Hitler, morreu devido aos ferimentos.

Schnäbele, Carl (* 20.1.1896 Pirmasens, † fim de outubro de 1942 em Shitomir): formação como talhador, ingresso na polícia de segurança pública, lá promovido até a major, 1928 ingresso no NSDAP (nº 48114), formação como capitão aviador, serviço na Deutsche Lufthansa, 1936 passou para a SS como *Sturmabführer* (nº 276326), piloto de Himmler, 1938 promovido a SS-*Obersturmbannführer*, morto a tiro por *partisans*.

Schneider, Herta, nascida Ostermeier (* 4.4.1913 Nuremberg, † 1994): colega de escola de Eva Braun, hóspede freqüente em Berghof, passou a viver no sul da Alemanha depois de 1945.

Scholze, Georg (* 21.8.1897 Löbau [Saxônia], † abril de 1945 Berlim [suicídio]): 1914 voluntário de guerra, 1915 tenente em um regimento de infantaria, 1918 desmobilizado, 1934 reativado, capitão, diversos comandos nas tropas e no Estado-Maior, major no Estado-Maior do III Corpo do Exército, 1939 professor na Escola de Infantaria Döberitz, 1940 tenente-coronel, 1942 coronel e comandante do Regimento-Escola de Infantaria, a partir de dezembro de 1942 comandante do Regimento de Infantaria 901, 1944 membro da missão militar alemã na Romênia, a partir de 1.1.1945 comandante da 20ª Divisão de Artilharia Blindada, promovido em 20.4.1945 a brigadeiro, suicidou-se durante o combate por Berlim.

Schönmann, Marion, nascida Petzl (* 19.12.1899 Viena, † 17.3.1981 Munique): conhecida de Erna, esposa de Heinrich Hoffmann, de 1935 até 1944 hóspede freqüente em Berghof, amiga de Eva Braun, casada desde 1937 com o empresário de construção subterrânea Fritz Schönmann, de Munique.

Schörner, Ferdinand (* 12.6.1892 Munique, † 2.7.1973 Munique): 1911/12 voluntário por um ano, estudo de filosofia e da nova filologia, 1914 tenente no Regimento de Infantaria Bávaro, mobilizado nos *fronts* do leste e de Isonzo, 1918 primeiro-tenente, 1919 Corpo de Voluntários Epp, 1920 passou para a Reichswehr, diversos comandos nas tropas e no Estado-Maior, 1934 major, 1935 até 1937 *Gruppenleiter* na Divisão de Exércitos Estrangeiros no Estado-Maior, 1937 comandante de regimento, 1939 coronel, 1940

comandante da 6ª Divisão de Caçadores da Montanha, brigadeiro, mobilização na Grécia e na expedição contra a União Soviética, 1942 tenente-general, general das tropas da montanha, 1944 major-general, de março a abril de 1944 chefe do Estado-Maior nacional-socialista no alto-comando do Exército, depois comandante-em-chefe de diversos grupos do exército no *front* oriental, até julho de 1944 Grupo do Exército da Ucrânia do Sul, até janeiro de 1945 Grupo Norte do Exército, em janeiro de 1945 Grupo A do Exército, a partir de 25.1.1945 Grupo Central do Exército, promovido em 5.4.1945 a marechal-de-campo, fuga em 8.5.1945 para o Tirol, preso por militares americanos e extraditado para a União Soviética, lá ficou em diversos campos e prisões de criminosos de guerra, 1955 libertado, 1957 condenado em Munique a quatro anos de prisão por assassinato, 1960 libertado.

Schreiber, Helmut, “Kalanag” (* 23.11.1903 Stuttgart, † 24.12.1963 Gaildorf, próximo de Schwäbisch Hall): desde 1919 prestidigitador em Munique, organizador do Primeiro Congresso Mundial de Magia, mais tarde ilusionista, ator e dramaturgo em Berlim, editor do periódico especializado *Magie* até 1945, depois de 1933 chefe de produção dos Tobis e diretor da Bavaria Filmkunst, 1939 ingresso no NSDAP (nº 7040625), depois de 1945 montou um grande Teatro de Revista, apresentações como convidado na América do Sul, EUA e Canadá, lá inúmeras aparições na televisão, fundou uma Sociedade de Produção de Programas de Televisão na Alemanha, presidente de honra do Círculo Mágico da Alemanha; Gloria, esposa de Schreiber, era sua assistente no palco e escrevia seus textos.

Schroeder, Christa (* 19.3.1908 Hannoversch Munden, † 28.6.1984 Munique): formação comercial, estenotipista, 1930 secretária na direção do NSDAP (trabalhou principalmente na alta direção da SS), ingresso no NSDAP, 1933 a 1939 secretária na ajudância pessoal do *Führer*, depois em diversos QGs do *Führer* como secretária, fuga em 22.4.1945 para a Baviera, presa, classificada por um tribunal de sentença como “ré principal”, libertada em 1948 após processo de revisão, depois secretária em diversas indústrias.

Schröder, Kurt, barão de (* 24.11.1889 Hamburgo, † 4.11.1966 Hamburgo): estudo de direito e economia nacional, 1909 tenente, 1914 a 1918 serviço militar como capitão, 1921 a 1945 co-proprietário da casa bancária J. H. Stein, em Colônia, inúmeros mandatos como conselheiro fiscal, desde 1932 membro do Keppler-Kreis, engajou-se pela nomeação de Hitler como chanceler do Reich, arranhou em 4.1.1933 o encontro entre Hitler e von Papen, em fevereiro de 1933 ingresso na NSDAP, 1934 diretor da Divisão de Bancos Privados, 1936 ingresso na SS, *Brigadeführer*, membro do círculo de amigos do *Reichsführer* SS, presidente da Câmara de Indústria e Comércio de Colônia, a partir de 1942 presidente da Câmara Econômica do distrito de Colônia-Aachen, 1945 preso pela polícia militar francesa, 1947 condenado por um tribunal de sentença a três meses de

prisão e na apelação a uma multa pecuniária, viveu depois disso recluso em Eckernförde, próximo de Kiel.

Schulenburg, Friedrich Werner Graf von der (* 20.11.1875 Kemberg/Wittenberg, † 10.11.1944 Berlim [executado]): estudo de direito, 1901 ingresso no serviço diplomático, 1917 cônsul em Damasco, 1918/19 como capitão no Cáucaso, depois no Departamento do Exterior em Berlim, 1921 conselheiro, 1923 enviado de 2ª classe em Teerã, 1931 enviado de 1ª classe em Bucareste, 1934 ingresso no NSDAP, embaixador em Moscou, defesa do entendimento entre o Reich alemão e a União Soviética, 1939 participação determinante na realização do Pacto de Não-Agressão, preveniu o governo soviético em maio de 1941 sobre os planos de ataque alemães, chamado de volta em 24.6.1941, depois diretor do Relatório da Rússia na divisão política do Departamento do Exterior, contatos com a oposição militar, previsto como subnegociador em conversações de paz com a União Soviética, preso em agosto de 1944, condenado à morte em 23.10.1944 pelo Tribunal Popular.

Schuschnigg, Kurt (* 14.12.1897 Riva [Tirol do Sul], † 18.11.1977 Mutters [Tirol]): estudo de direito, político cristão-conservador, 1927 deputado da Assembléia Nacional, fundou em 1930 a associação de defesa cristã "Ostmärkische Sturmscharen", desde 1932 ministro da Justiça, 1933/34 ministro da Educação, de 29.7.1934 até 11.3.1938 *Bundeskanzler*, ao mesmo tempo ministro da Educação e do Exército, tentou garantir a independência da Áustria, ao firmar a união com a Itália de Mussolini e ao propagar a Áustria como a "segunda nação alemã", marcou um plebiscito para o dia 13.3.1938, que foi antecedido pela "entrada" das tropas alemãs, demissão como *Bundeskanzler*, preso até 1945, 1948 emigração para os EUA, de 1948 a 1967 professor de Direito Público na University of St. Louis, depois volta ao Tirol.

Schuster, Kurt Oskar (* 31.10.1909 Oelsnitz/Vogtland, † 21.4.1995 Kaufbeuren): estudo de ciências naturais nas Escolas Técnicas Superiores de Munique e de Dresden, 1933 ingresso no NSDAP (nº 2446393), 1934 estagiário, 1935 ingresso no Serviço Meteorológico do Reich, 1939 conselheiro do governo e diretor do Observatório Meteorológico junto ao chefe do Estado-Maior da Luftwaffe, meteorologista relator no quartel-general do *Führer*.

Schwägermann, Günther (* 24.7.1915 Uelzen, † ?): comerciante, 1937 ingresso no SS-Leibstandarte "Adolf Hitler", 1938 SS-Junkerschule, 1939 Polícia de Segurança Pública Berlim-Centro, depois ajudante pessoal de Goebbels, fuga em 1.5.1945 do *bunker* do *Führer*, preso por tropas americanas, 1947 libertado, viveu no norte da Alemanha, politicamente ativo no FDP.

Schwerin von Krosigk, Johann Ludwig Lutz Graf (* 22.8.1877 Rathmannsdorf [Anhalt], † 4.3.1977 Essen): estudo de direito e ciências políticas, 1909 ingresso na administração

pública prussiana, 1914 prova para estagiário, na administração do Exército durante a Primeira Guerra Mundial, 1919 jurista administrativo na Alta-Silésia, 1920 conselheiro do governo na Divisão de Reparação do Ministério das Finanças do Reich, a partir de 1923 relator no Departamento de Economia Doméstica, 1929 dirigente ministerial e diretor do Departamento de Economia Doméstica, a partir de 1931 ao mesmo tempo diretor do Departamento de Reparação, desde junho de 1932 ministro das Finanças do Reich, de 3 a 23.5.1945 diretor do governo gerencial do Reich em Mürwik, em Flensburg, ministro do Exterior e das Finanças, preso por militares britânicos, 1949 condenado a dez anos de prisão no “processo da Wilhelmstrasse”, 1951 libertado, depois atividade jornalística.

Schwiedel, Werner (* 29.10.1920 Bielefeld, † após 1956): 1933 ingresso na Juventude Hitlerista, tipógrafo, 1939 ingresso na SS, *Sturmmann* no Leibstandarte “Adolf Hitler”, a partir de 1941 Führer-Begleitkommando, 1942 SS-*Unterscharführer*, colocado como ordenança no serviço a hóspedes, cargo mais alto *Oberscharführer*, fuga do *bunker* em 1.5.1945.

Serrano Súñer, Ramón (* 12.9.1901 Cartagena [Espanha], † 1.9.2003 Madri): estudo de direito na Espanha e na Itália, diretor de uma Organização Juvenil, político conservador, cunhado de Franco, seu conselheiro a partir de 1937, de 1938 a 1940 ministro do Interior, depois ministro do Exterior, intermediou o encontro de Franco com Mussolini, 1942 dispensado, ativo até sua morte como mentor do movimento franquista.

Seydlitz-Kurzbach, Walter von (* 22.8.1888 Hamburgo, † 28.4.1976 Bremen): 1910 tenente, combatente na Guerra Mundial, 1919 passou para a Reichswehr, 1930 como major-ajudante do chefe da Repartição de Armas do Exército, 1936 coronel e comandante do Regimento de Artilharia 22, 1939 brigadeiro, 1940 comandante da 12ª Divisão de Infantaria, 1941 tenente-general, desde maio de 1942 general comandante do LI Corpo do Exército, general da artilharia, rendição em janeiro de 1943 na encosta de Stalingrado, prisão soviética, vice-presidente do Comitê Nacional Alemanha Livre, desde setembro de 1943 ao mesmo tempo presidente da Associação dos Oficiais Alemães, 1944 condenado à morte, à revelia, pelo Tribunal de Guerra do Reich, “encostado” pelo NKVD devido a ambições políticas e militares para uma Alemanha pós-guerra autônoma, 1950 condenado à morte por um tribunal militar soviético por suposto crime de guerra, 1955 libertado para a RFA.

Seyss-Inquart, Arthur (* 22.7.1892 Stannern, perto de Iglau [Morávia], † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): estudo de direito, 1914 voluntário de guerra, mobilização no *front* de Isonzo, 1916 tenente, 1917 formou-se como doutor em ciências jurídicas, 1919 estagiário, 1921 advogado empregado, a partir de 1923 autônomo, membro em associações alemãs-nacionalistas, 1932 presidente do Deutscher Klub e presidente da Associação das Uniões Germânicas da Áustria, contatos com o NSDAP,

1937 conselheiro de Estado, a partir de 16.2.1938 ministro do Interior, a partir de 11.3.1938 *Bundeskanzler*, de 15.3.1938 até 30.4.1939 governador da “Ostmark”, 1938 aceito no NSDAP (nº 6270392), aceito na SS como *Gruppenführer* (nº 292771), 1938 até 1945 membro do Congresso, desde maio de 1939 ministro do Reich sem área de atuação, 1940 comissário do Reich para os Países Baixos ocupados, 1941 SS-*Obergruppenführer*, determinado no testamento de Hitler como ministro do Exterior do Reich, preso por militares aliados, condenado à morte no processo contra os principais criminosos de guerra.

Sima, Horea (* 3.7.1906 Mandra, próximo de Fugaras [Romênia], † 25.5.1993 Madri): fazendeiro, membro do movimento nacionalista, místico-cristão, anti-semita, Guarda de Ferro, seu dirigente a partir de 1938, 1940 vice-primeiro-ministro, depois de um golpe de Estado fracassado foi salvo pelo serviço secreto da SS e preso na Alemanha, fuga do campo de Berkenbrück, capturado e enviado para o campo de concentração de Buchenwald, após a rendição da Romênia em agosto de 1944 primeiro-ministro de um “governo nacional” romeno em Viena, depois viveu em Madri, 1951 iniciou uma operação de guerrilha na Romênia apoiada pelos EUA, 1953 fracassou, depois trabalhou como jornalista, a partir de 1989 infrutífera propaganda dos seus inalterados objetivos políticos na Romênia.

Skorzeny, Otto (* 12.6.1908 Viena, † 5.7.1975 Madri): engenheiro, 1930 NSDAP, diretor e sócio de uma construtora de andaimes, 1939 ingresso no Leibstandarte “Adolf Hitler”, 1940 foi para a Divisão da SS “Das Reich”, mais tarde para a Divisão da SS “Totenkopf”, 1943 passou para o Departamento de Sabotagem no exterior (na repartição VI) do RSHA, comandou a partir de julho de 1943 a mobilização para a libertação de Mussolini, 1944 participou da prisão do regente húngaro Horthy, chefe da Brigada Blindada 150 da SS durante a ofensiva nas Ardenas, que executou missões de comando, 1945 promovido a *Obersturmbannführer* e nomeado *Verbandsführer* dos SS-Jagdverbände no *front* oriental, em maio de 1945 prisioneiro de guerra americano, 194/ inocentado por um tribunal militar americano, 1948 fuga do campo de prisioneiros em Darmstadt para a Espanha, lá trabalhou como comerciante, fundador de um agrupamento político de extrema direita.

Smend, Günther (* 29.11.1912 na Westfália, † 8.9.1944 Berlim [executado]): 1932 aspirante a oficial, 1934 tenente, mobilização na guerra com um regimento de infantaria na França e na União Soviética, 1942 tenente-coronel, transferido para o Estado-Maior, 1943 coronel, ajudante do chefe do Estado-Maior Zeitzler, contatos com os conspiradores de 20.7.1944, preso em 1.8.1944, condenado à morte em 30.8.1944 pelo *Volksgerichtshof*.

Smith, Truman (* 25.8.1893 West Point [EUA], † 3.10.1970): 1916 formatura na Columbia University, 1917/18 oficial da American Expeditionary Force na França, 1919/20 conselheiro político em Koblenz, 1920 até 1924 assistente do adido militar dos EUA

em Berlim, 1928 até 1932 instrutor na Escola de Infantaria de Fort Benning, a partir de 1933 serviço no 27º Regimento de Infantaria no Havaí, de 1935 até 1939 adido militar americano em Berlim, 1939 até 1945 especialista em Alemanha no serviço secreto militar e conselheiro pessoal do general George C. Marshall.

Sonnemann, Emmy (ver: Göring, Emmy).

Sonnleithner, Franz von (* 1.6.1905 Salzburgo, † 18.4.1981 Ingelheim no Reno): estudo de direito nas universidades de Viena e Innsbruck, 1928 formou-se como doutor, comissário de polícia em Viena e em Salzburgo, depois no Bundeskanzleramt, 1934 preso devido ao seu engajamento pelo ilegal NSDAP e devido à sua defesa da anexação da Áustria ao Reich alemão, 1936 condenado por alta traição e abuso de autoridade, libertado após a anexação, desde 2.12.1938 no Departamento do Exterior em Berlim, 1939 conselheiro de legação, 1940 conselheiro de 1ª Classe no escritório do ministro, posteriormente no Estado-Maior pessoal do ministro do Exterior do Reich, 1941 conselheiro, 1943 dirigente ministerial e enviado de 1ª Classe, representante permanente do Departamento do Exterior no quartel-general do *Führer*, lá vice de Hewel, de abril de 1945 até 1949 prisioneiro dos americanos, a partir de 1949 trabalhou na indústria e como jornalista.

Speer, Albert (* 19.3.1905 Mannheim, † 1.9.1981 Londres): estudo de arquitetura com Heinrich Tessenow, entre outros, 1928 seu assistente na Escola Técnica Superior de Berlim-Charlottenburg, 1931 ingresso no NSDAP (nº 474481) e na SA, de 1932 até 1942 autônomo, desde 1932 incumbências do NSDAP, de 1934 até 1941 encarregado da construção civil no NSDAP, diretor de departamento no Estado-Maior do vice do *Führer*, ao mesmo tempo diretor do subdepartamento para acabamento técnico e artístico de grandes manifestações, a partir de 1934 construção da Assembléia em Nuremberg, 1936 encarregado da reconfiguração de Berlim, 1937 professor, inspetor geral de obras para Berlim, 1938/39 diretor da obra da Nova Chancelaria do Reich, 1939 até 1942 diretor do “Estado-Maior de obras Speer”, a partir de 9.2.1942 ministro do Reich para Armamentos e Munição, chefe da Organização Todt, inspetor-geral de vias públicas, bem como para água e energia, diretor do Departamento Central Técnico do NSDAP, a partir de 2.9.1943 ministro do Reich para Armamentos e Produção de Guerra, de 5.5 até 23.5.1945 ministro-diretor da Economia e da Produção, preso por militares britânicos em Flensburg, 1946 condenado à pena de vinte anos de prisão por crime contra a humanidade no processo contra os principais criminosos de guerra, 1966 libertado, depois atividade jornalística.

Speer, Margarete, nascida Weber (* 1906, † ?),: conheceu Albert Speer em 1922, casou-se com ele em 1927, seis filhos.

Sperrle, Hugo (* 7.2.1885 Ludwigsburg, † 2.4.1953 Munique): 1903 cadete, 1904 tenente, 1913 academia de guerra, piloto durante a Primeira Guerra Mundial, 1917 comandante dos pilotos do 7º Exército, 1919 comandante da tropa de pilotos do Corpo de

Voluntários Lüttwitz, em seguida em diversos comandos de tropas na Reichswehr, 1924/25 designado para o Ministério da Defesa do Reich, 1931 tenente-coronel, 1933 coronel, comandante de um regimento de infantaria, 1934 passou para a Luftwaffe, comandante da 1ª Divisão da Luftwaffe, 1935 brigadeiro e comandante no Distrito Aéreo V (Munique), 1936/37 comandante da Legião Condor, tenente-general, 1938 comandante da Frota Aérea 3, general dos aviadores, a partir de 1940 responsável pela condução da guerra aérea contra a Inglaterra, marechal-de-campo, destituído do seu comando em 23.8.1944, 1945 prisão, 1948 absolvido no processo contra o alto-comando da Wehrmacht.

Stahel, Rainer (* 15.1.1892 Bielefeld, † 30.11.1955 Campo Woikowo [União Soviética]): 1911 cadete, 1912 tenente, comandante de pelotão na Primeira Guerra Mundial, depois ajudante de batalhão, a partir de 1915 chefe de companhia, 1916 primeiro-tenente, 1918 despedida como capitão, mudança para o Exército finlandês, comandante de um batalhão de caça, depois comandante do Regimento de Infantaria Helsingfors e comandante do Corpo de Defesa Abo, 1933 ingresso na Luftwaffe alemã, capitão, responsável pelo teste de armas no Ministério da Aviação do Reich, 1936 major, 1938 comandante de uma divisão Flak, 1939 tenente-coronel, comandante do Regimento Flak em Leipzig, 1943 comandante de um grupo de combate da Luftwaffe, comandante do Forte Vilnius, brigadeiro, depois comandante de Roma, ordenou a defesa do Vaticano, depois dirigente do Estado-Maior especial Stahel, 1944 comandante da Luftwaffe na Romênia, comandante de Bucareste, em julho de 1944 tenente-general, prisão soviética na Romênia.

Stauffenberg, Claus Schenk, conde de (* 15.11.1907 Jettingen [Württemberg], † 20.7.1944 Berlim [executado]): 1927 tenente, 1934 capitão, participou das expedições contra a França e a Polónia, 1940 major no Estado-Maior do Exército, a partir de 1941 responsável pela organização de associações de voluntários nos territórios soviéticos ocupados, contatos com a oposição militar, a partir de janeiro de 1943 no Afrika-Korps, gravemente ferido em 7.4.1943, coronel, a partir do outono de 1943 chefe do Estado-Maior no Departamento Geral do Exército do Alto-Comando do Exército (junto a Olbricht), participou dos planejamentos para o golpe de Estado (senha "Valquíria"), a partir de 1.7.1944 chefe do Estado-Maior do Exército de Reserva (subordinado a Fromm); colocou em 20.7.1944 a pasta de documentos cheia de explosivos na barraca de conferências no QG do *Führer*, chegando a Berlim tentou conduzir o golpe de Estado ao sucesso, após o fracasso do levante condenado à morte por um tribunal militar e fuzilado no pátio do alto-comando da Wehrmacht.

Steiner, Felix Martin (* 23.5.1896 Stallupönen [Prússia oriental], † 12.5.1966 Munique): 1914 voluntário de guerra, promovido a primeiro-tenente na Primeira Guerra Mundial, 1919 chefe de companhia em um corpo de voluntários prussiano-oriental, 1922

passou para a Reichswehr, freqüentou a Academia de Guerra, 1927 capitão, ajudante de regimento em Königsberg, 1932 chefe de companhia, 1933 saída da Reichswehr, diretor de Instrução da Inspetoria da Polícia Nacional Leste, ingresso no NSDAP, 1935 ingresso na SS-Verfügungstruppe como *Sturmabführer*, 1936 comandante do SS-Standarte “Deutschland”, 1940 diretor-de-brigada e brigadeiro da Waffen-SS, comandante da Divisão de Artilharia Blindada da SS “Wiking”, formada por voluntários europeus, 1942 *Gruppenführer* e tenente-general da Waffen-SS, 1943 general-comandante do III Corpo Blindado da SS, 1944 SS-*Obergruppenführer* e general da Waffen-SS, nomeado em fevereiro de 1945 comandante-em-chefe do 11º Exército, depois comandante do Grupo do Exército Steiner, recusou-se em 21.4.1945 a cumprir a ordem desesperada de levantar o cerco de Berlim, passou o exército em 3.5.1945 para prisão britânica, da qual foi libertado em 1948, depois trabalho jornalístico.

Stevens, Richard H. (* ?, † 13.1.1967): 1933 oficial do serviço secreto britânico na Índia, entre 1935 e 1937 participou no desenvolvimento de planos de mobilização, 1938 ingresso no SIS, 1939 serviu na Holanda, preso em 9.11.1939 no “Caso Venlo” por membros do serviço secreto no exterior, interrogado e levado para um campo de concentração, 1945 libertado no Tirol do Sul por tropas aliadas, não foi recolocado no M16 por ter revelado nomes de agentes britânicos enquanto esteve preso.

Stieff, Helmuth (* 6.6.1901 Deutsch-Eylau, † 8.8.1944 Berlim [executado]): a partir de 1917 serviço militar voluntário, 1919 aceito na Reichswehr (Artilharia), 1922 tenente, 1934 capitão, freqüentou a academia de guerra, a partir de 1936 no Estado-Maior da 21ª Divisão, 1938 chefe de bateria, a partir de novembro de 1938 major no Estado-Maior do *Oberquartiermeister I* do Estado-Maior do Exército, *Gruppenleiter* com o início da guerra, 1940 tenente-coronel, 1941 I a do 4º Exército, 1942 coronel, desde dezembro de 1942 chefe da Divisão de Organização do Estado-Maior, promovido em 30.1.1944 a brigadeiro, desde 1943 em contato com von Tresckow, participou da preparação do atentado, preso em 20.7.1944, condenado à morte em 8.8.1944 pelo *Volksgerichtshof*.

Stinnes Jr., Hugo (* 16.10.1897 Mülheim/Ruhr, † 10.3.1982 Mülheim): curso comercial, 1924 assumiu as empresas paternas (cerca de 1.500, principalmente nas áreas de mineração, metalurgia e logística), 1925 reorganização, depois participação familiar de 40%, inúmeros mandatos em conselhos fiscais, após 1933 adequação consciente de empreendimentos (principalmente mineração de carvão, indústrias químicas e usinas hídricas) para a economia de guerra, após 1939 confisco do patrimônio do exterior nos países aliados, atividade empreendedora nos países ocupados, 1945 preso, 1948 libertado e encarregado do desmembramento das suas empresas, gradual devolução do patrimônio a partir de 1955 após intervenção do governo federal nos EUA, 1956 reorganização do grupo, apoio financeiro a partidos e grupos conservadores e de extrema direita, 1971 falência, viveu depois recluso na região do Ruhr.

Stohrer, Eberhard von (* 5.2.1883 Stuttgart, † 7.3.1953 Konstanz): estudo de direito, 1909 ingresso no serviço diplomático, 1913 até 1918 secretário de legação em Madri, 1919 Departamento do Exterior em Berlim, 1920 conselheiro de legação de 1ª classe, 1923 conselheiro de legação relator, dirigente da Divisão de Imprensa, 1924 diretor ministerial, diretor do Departamento de Pessoal e Administrativo, 1927 enviado de 2ª classe no Cairo, 1936 nomeado embaixador alemão em Madri, assumiu o cargo em setembro de 1937 junto ao governo nacional-hispânico (Franco) em Salamanca, 1943 aposentadoria.

Stork, Sophie (* 5.5.1903 Munique, † 21.10.1981 Seeshaupt, no lago Starnberg): pintora e artesã, amante temporária de Wilhelm Brückner, 1931 ingresso no NSDAP (nº 787084), amiga de Eva Braun, participou da decoração do Berghof, sustentada financeiramente por Hitler, após 1945 presa temporariamente.

Strecker, Karl (* 20.9.1884 Radmannsdorf, município de Kulm [Prússia ocidental], † 10.4.1973 Riezlern [Áustria]): cadete, 1905 tenente em um regimento de infantaria, a partir de 1911 ajudante de um comandante de batalhão, ajudante de regimento durante a Primeira Guerra Mundial, 1915 capitão, 1917 transferido para o Estado-Maior, 1918 I a no Estado-Maior da 121ª Divisão de Caça, 1919 mudança para a polícia de segurança, 1921 professor na Escola de Polícia de Münster, 1924 professor na Escola de Polícia Eiche, em Potsdam, 1927 diretor da Inspetoria de Polícia Pankow (Berlim), 1932 tenente-coronel, 1933 coronel, 1934 brigadeiro da polícia, comandante da Inspetoria de Polícia Norte, 1935 passou para o exército, brigadeiro, 1937 comandante do Regimento de Infantaria 4, 1938 comandante do Regimento de Infantaria 34, 1939 comandante da 79ª Divisão de Infantaria, 1940 tenente-general, 1942 general da Infantaria e comandante do XVII Corpo do Exército, depois do XI Corpo do Exército, preso no cerco de Stalingrado, promovido a major-general por indicação própria, preso em 2.2.1943 pelos soviéticos, desde 1944 membro do Comitê Nacional Alemanha Livre, libertado em outubro de 1955 para a Alemanha Ocidental.

Streicher, Julius (* 12.2.1885 Fleinhausen/Augsburg, † 16.10.1946 Nuremberg [executado]): professor de escola primária, de 1914 até 1918 serviço militar na infantaria do *front* do leste e do sul, de 1919 até 1928 novamente no serviço escolar com interrupções, desde 1919 atuou em associações e partidos de extrema direita e anti-semitas, no Deutschvölkischen Schutz-und Trutzbund entre outros, 1922 ingresso no NSDAP juntamente com dois mil membros do Deutschsoziale Partei, de 1923 a 1944 editor e temporariamente redator-chefe do panfleto anti-semita *Der Stürmer*, após o fracassado golpe de Estado Hitler-Ludendorff fundou organizações substitutas, de abril de 1924 até 1932 membro da Assembléia da Bavária (primeiro pelo Völkischer Block, a partir de 1925 pelo NSDAP), 1925 reingresso no NSDAP (nº 17), diretor de distrito para a Bavária do Nor-

te, a partir de 1928 diretor do distrito do NSDAP Nuremberg-Fürth (a partir de 1929 Francônia Central, a partir de 1936 Francônia), 1925 e 1930 condenado a curtas penas de prisão por difamação e agitação anti-semita, 1933 até 1945 membro do congresso, 1933 diretor do “Comitê Central para Repulsa ao Horror e Boicote Demagógico Judaicos”, presidente de várias associações nacional-socialistas e antijudaicas, 1937 SA-*Obergruppenführer*, imposição de proibição de se manifestar em 1938, devido a corrupção, 1940 exonerado da administração distrital, viveu depois na sua propriedade, Pleikershof, em Cadolzburg, 1945 fuga com o nome “Seiler”, preso em 22.5.1945 pela polícia militar americana e acusado no processo dos principais criminosos de guerra, condenado à morte por crimes contra a humanidade.

Streve, Gustav (* ?, † ?): 1941 tenente-coronel da Wehrmacht, comandante do QG de Hitler, 1944 coronel, desde 1.9 comandante de armazenagem do QG do *Führer*, após a transferência de Remer novamente comandante do QG do *Führer*.

Streve: chefe do Estado-Maior do Grupo Central Exército, errado no *Dossiê Hitler* (ver: Natzmer, Oldwig von).

Stuckart, Wilhelm (* 16.11.1902 Wiesbaden, † 15.11.1953 perto de Hannover): 1919 membro do corpo de voluntários Epp, estudo de direito, 1922 ingresso no NSDAP, a partir de 1926 conselheiro jurídico do NSDAP, 1930 juiz, 1931 demitido por favorecimento do NSDAP, 1932/33 advogado, 1933 prefeito comissarial em Stettin, a partir de junho de 1933 secretário de Estado no Ministério da Educação prussiano, 1935 secretário de Estado no Ministério do Interior do Reich, participou da elaboração das “Leis de Nuremberg”, co-autor do *Kommentar zur Rassengesetzgebung*, 1936 aceito na SS como *Standartenführer*, após 1938 colaboração determinante na incorporação técnico-administrativa dos territórios anexados e ocupados pelo Reich alemão, em 20.1.1942 representante do Ministério do Interior na Conferência de Wannsee, 1942 SS-*Gruppenführer*, 1944 SS-*Obergruppenführer*, 1945 preso e acusado em 1948 no “processo Wilhelmstrasse”, condenado, devido a provas insuficientes, a três anos e dez meses de prisão e libertado imediatamente, depois atividade política na Associação dos Desterrados e Injustiçados, diretor do Instituto para Fomento da Economia Baixo-Saxã, morreu em um acidente de automóvel.

Student, Kurt (* 12.5.1890 Birkholz, Província de Brandenburgo, † 1.6.1978 Bad Salzuflen): cadete, 1911 tenente, durante a Primeira Guerra Mundial piloto de reconhecimento, depois de bombardeiros e a partir de 1916 de caça, 1918 capitão, 1919 em posto de desenvolvimento junto ao inspetor das tropas de aviadores, 1920 relator para técnica de voo junto ao inspetor para armas e aparelhagem, depois trabalhou no Departamento de Armas do Exército, 1928 chefe de companhia em um regimento de infantaria, 1930 major, 1931 comandante de batalhão, 1933 comandante das Escolas Técnicas em Jüterbog,

passou para a Luftwaffe, tenente-coronel no Ministério da Aviação do Reich, 1935 comandante dos postos de provas em Rechlin, coronel, 1937 inspetor das escolas de aviadores, 1938 brigadeiro e comandante das tropas dos pára-quedistas de caça, 1939 comandante da 7ª Divisão dos Pára-Quedistas de Caça, 1940 tenente-general, em maio de 1940 comandante da primeira Operação de Aterrissagem sobre os Países Baixos, gravemente ferido com tiro no cérebro, promovido a general dos aviadores, 1941 general comandante do XI Corpo de Aviadores, iniciador e comandante da sangrenta operação de pára-quedistas de caça contra Creta em maio de 1941, 1943 encarregado, juntamente com Skorzeny, da libertação de Mussolini, 1944 comandante-em-chefe do Exército dos Pára-Quedistas de Caça, major-general, de novembro de 1944 até janeiro de 1945 comandante-em-chefe do Grupo do Exército H, nos últimos dias da guerra comandante-em-chefe do Grupo do Exército Weichsel, 1946 condenado a cinco anos de prisão por um tribunal militar britânico em Lüneburg, libertado antecipadamente.

Stumpfegger, Ludwig (* 11.7.1910 Munique, † 2.5.1945 Berlim [suicídio]): estudou medicina, 1933 ingresso na SS, 1935 aceito no NSDAP, 1937 formou-se como doutor em medicina, médico no Hospital da SS Hohenlychen, temporariamente clínico de Himmler, 1943 SS-*Obersturmbannführer*, a partir de outubro de 1944 médico-assistente de Hitler, fuga do *bunker* em 1.5.1945, matou-se juntamente com Martin Bormann.

Stürtz, Emil (* 15.11.1892 Wiebs, perto de Allenstein, † 31.12.1945 ? em prisão soviética): marinheiro, mobilizado na Força Submarina durante a Primeira Guerra Mundial, 1918 dispensado como inválido, depois serralheiro e motorista, 1925 ingresso no NSDAP (nº 26929), *Kreisleiter* em Dortmund, 1929 deputado da Assembléia Provincial da Westfália, de 1930 até 1945 membro do Parlamento, a partir de 1930 administrador distrital do NSDAP na Westfália-Sul, mais tarde vice-diretor, 1936 como sucessor de Wilhelm Kubes diretor do distrito de Kurmark, respectivamente do distrito de Mark-Brandenburg, 1937 alto-presidente da Província de Brandemburgo, 1942 comissário de Defesa do Reich para Kurmark, a partir de 25.9.1944 diretor do *Deutscher Volkssturm* no distrito de Kurmark, 1945 preso por militares soviéticos, a data da morte foi determinada judicialmente.

Thierack, Otto Georg (* 19.4.1889 Wurzen [Saxônia], † 22.11.1946 Sennelager/Bielefeld [suicídio]): estudo de direito, 1914 formou-se como doutor, de 1914 até 1918 combatente de guerra, dispensado como tenente, 1920 assessor, 1921 procurador da República no Tribunal Nacional de Leipzig, 1926 no Supremo Tribunal de Dresden, em agosto de 1932 ingresso no NSDAP, de 1933 a 1935 ministro de Estado da Justiça na Saxônia, 1934 aceito na SA, 1935 vice-presidente do *Reichsgericht*, de 1.5.1936 até 19.8.1942 presidente do Tribunal Popular (*Volksgerichtshof*), ao mesmo tempo diversas funções no

NSDAP (1942 *Oberbefehlsleiter* e *SA-Gruppenführer*), de 20.8.1944 até o final da guerra ministro da Justiça do Reich, responsável pela transmissão sistemática de competências da justiça para a Gestapo e a SS, 1945 preso por militares britânicos, evitou a acusação através de suicídio.

Thomas, Kurt (* 2.3.1896 Bünde [Westfália], † 5.5.1943 mar Mediterrâneo, perto da Tunísia): a partir de agosto de 1914 serviço militar em um batalhão de batedores, passou para a Reichswehr, 1925 primeiro-tenente em um regimento de cavaleiros, 1930 cavaleiro, 1933 mudança para a Divisão Motorizada Kassel, 1935 major, ajudante em uma brigada blindada, 1937 comandante em uma divisão blindada, tenente-coronel, 1940 comandante da Divisão de Reserva Blindada 1, a partir de 22.1.1940 comandante do Führer-Begleitkommando, a partir de 15.2.1940 comandante do quartel-general do Führer, 1941 coronel, transferido em setembro de 1942 para a reserva do Führer, a partir de outubro de 1942 comandante da Brigada-África 999^a, promovido em abril de 1943 a brigadeiro, comandante da 999^a Divisão-África, abatido em um vôo sobre o mar Mediterrâneo entre a Tunísia e a Sardenha, nomeado postumamente tenente-general.

Tippelskirch, Kurt von (* 9.10.1891 Charlottenburg/Berlim, † 10.5.1957 Lüneburg): cadete, 1911 tenente em um regimento de guarda e artilharia, 1914 mobilização na guerra, prisioneiro francês após ferimento, mais tarde preso na Suíça, estudo de filologia e diploma como tradutor militar para francês, italiano e inglês, 1918 retorno à Alemanha, capitão e chefe de companhia em um regimento de infantaria, passou para a Reichswehr, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, trabalhou temporariamente na Divisão de Exércitos Estrangeiros no Ministério da Defesa do Reich, 1933 tenente-coronel, 1934 comandante do Regimento de Infantaria 27 em Rostock, 1935 coronel e chefe da Divisão de Exércitos Estrangeiros/*Attachégruppe* no Ministério da Guerra, 1938 brigadeiro, *Oberquartiermeister* IV, responsável pelas Divisões de Exércitos Estrangeiros Leste e Oeste, entre outros, 1940 tenente-general, a partir de janeiro de 1941 comandante da 30^a Divisão de Infantaria, mobilizado na expedição contra a Rússia, 1942 general da Infantaria, general alemão junto ao 8º Exército Italiano, 1943/44 comandante do XII Corpo do Exército, ferido em julho de 1944 numa queda de avião, em outubro/novembro de 1944 comandante-em-chefe do 1º Exército na França, de dezembro de 1944 até 22.2.1945 comandante do 14º Exército na Itália, a partir de 27.4.1945 comandante-em-chefe do 21º Exército em Mecklenburg e vice-comandante-em-chefe do Grupo do Exército Weichsel, rendição em 2.5.1945, conduziu as tropas para prisão de guerra britânica, 1948 libertado, atividade jornalística, morreu de infarto.

Tiso, Josef Gaspar (* 13.10.1887 Velka Bytca [Eslováquia Central], † 18.4.1947 Bratislava [executado]): estudo de teologia católica, religioso desde 1910, doutor em teologia, 1918 professor no seminário de padres em Nitra (Eslováquia), desde 1925 deputado do Parti-

do Popular Eslovaco, 1927 até 1929 ministro da Saúde da Tchecoslováquia, 1938 presidente do Partido Popular eslovaco, 1938/39 primeiro-ministro eslovaco, 1939 até 1945 presidente, 1945 preso e 1947 condenado à morte por um tribunal popular.

Todt, Fritz (* 4.9.1891 Pforzheim, † 8.2.1942 Rastenburg): estudo técnico em Munique, 1914 voluntário de guerra, oficial, observador de bordo, após ferimento continuação dos estudos em Karlsruhe, 1922 ingresso no NSDAP, 1931 SA-*Oberführer* no Estado-Maior de Röhm, 1933 chefe do Departamento Central para Técnica na direção do NSDAP, a partir de 30.6.1933 inspetor-geral de Vias Públicas alemão, 1938 procurador-geral de Edificações, responsável pela construção de fortificações militares (“Muralha do Atlântico”), fundador da Organização Todt, que utilizava trabalhadores estrangeiros e forçados em grandes obras, SA-*Obergruppenführer*, brigadeiro da Luftwaffe, a partir de 1940 ao mesmo tempo ministro do Reich para armamentos e munição, a partir de 1941 também inspetor-geral para água e energia, morreu em uma queda de avião.

Tornow, Fritz (* ?, † ?): segundo-sargento da Wehrmacht, adestrador de cães de Hitler.

Troost, Gerhardine, “Gerdy”, nascida Andersen (3.3.1904, † 8.2.2003 Bad Reichenhall): artista plástica, 1925 casamento com Paul Troost, 1932 NSDAP, dirigiu a partir de 1934 o ateliê do marido, 1934 diretora da Casa da Arte Alemã, 1937 título de professora, 1938 conselheira da Bavaria Filmkunst, após 1945 atividade como autônoma em Schützing/Chiemsee.

Troost, Paul Ludwig (* 17.8.1878 Elberfeld, † 21.1.1934 Munique [suicídio]): arquiteto formado em 1902, arquiteto de interiores do Norddeutscher Lloyd, inúmeras obras em Munique, para o NSDAP, entre outros.

Trotha, Ivo Thilo von (* 16.7.1905 Berlin-Charlottenburg, † 1998): 1925 cadete, 1915 tenente em um regimento de Infantaria, 1937 até 1939 Academia de Guerra em Berlim, a partir de 1.9.1939 no alto-comando da Wehrmacht, a partir de abril de 1941 I a da 267ª Divisão de Infantaria, 1942 tenente-coronel, a partir de outubro de 1942 I a do 4º Exército, 1943 coronel, a partir de abril de 1944 I a do Grupo do Exército da Ucrânia do Sul, a partir de outubro de 1944 chefe do Estado-Maior do 1º Exército Blindado, a partir de março de 1945 chefe do Departamento de Operações no alto-comando do Exército, promovido em 1.4.1945 a brigadeiro, do final de abril de 1945 até a rendição chefe do Estado-Maior do Grupo do Exército Weichsel, prisão britânica, após a libertação viveu em Wiesbaden.

Truman: adido militar (ver Smith, Truman).

Truman, Harry Spencer (* 8.5.1884 Lamar [Missouri, EUA], † 26.12.1972 Kansas City [Missouri]): bancário, a partir de 1906 trabalhou na fazenda da sua família, participou da Primeira Guerra Mundial na França como oficial, após o retorno trabalhou em empreendimentos, depois estudo de direito, ingresso no Partido Democrático, 1935 a 1944

senador pelo Missouri, desde 1940 presidente da Comissão do Senado para Controle das Medidas de Defesa, 1944 vice-presidente, presidente dos EUA após a morte de Roosevelt (reeleito em 1948), introduziu na Europa após o fim da guerra uma política de confrontação em relação à União Soviética (Guerra Fria), ordenou em agosto de 1945 o lançamento de bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, 1947 anúncio da Doutrina Truman (represamento do comunismo), iniciou ações para o apoio financeiro da reconstrução da Europa com simultâneo implemento do desenvolvimento democrático, organizou um sistema de pacto militar mundial, acordo com o Japão (Pacto de Segurança 1951), ordenou em 1951 a mobilização de tropas na Guerra da Coreia, desistiu em 1952 de uma nova candidatura à presidência.

Udet, Ernst (* 26.4.1896 Frankfurt/Main, † 17.11.1941 Berlim [suicídio]): 1914 voluntário de guerra, a partir de 1915 piloto de caça, 1918 tenente, segundo mais bem-sucedido piloto de caça da Primeira Guerra Mundial, 1919 desligado como primeiro-tenente, fundador de uma empresa construtora de aviões, a partir de 1925 piloto profissional acrobático e de testes, participação em várias produções cinematográficas, 1933 comodoro na Liga Desportiva Aérea Alemã, 1935 coronel no Ministério da Aviação do Reich, 1936 inspetor dos pilotos de caça, a partir de junho de 1936 chefe do Departamento Técnico da Luftwaffe, a partir de fevereiro de 1938 *Generalluftzeugmeister*, 1939 brigadeiro, 1940 major-general, suicidou-se após fortes desentendimentos com Göring, que o responsabilizava pelo armamento insuficiente da Luftwaffe.

Uiberreither, Siegfried (* 29.3.1908 Salzburg, † 29.12.1984 ?): 1924 ingresso na Schilljugend, estudo de direito, assistente de obras, 1930 secretário da Caixa de Previdência de Steiermark em Graz, 1933 formou-se como doutor em ciências jurídicas, secretário da direção da Caixa de Previdência, 1931 SA, 1937 dirigente da ilegal Brigada da SA Steiermark, 1938 SA-*Brigadeführer*, aceito no NSDAP (nº 6102560), em março de 1938 diretor comissarial de polícia em Graz, de 24.5.1938 até 1945 diretor de distrito do NSDAP de Steiermark, a partir de junho de 1938 capitão nacional, SA-*Gruppenführer*, 1939/40 serviço militar temporário, participou do desembarque na Noruega, dispensado em abril de 1940 como tenente da Wehrmacht, a partir de março de 1940 governador de Steiermark, 1941 chefe da administração civil nos territórios iugoslavos ocupados de Untersteiermark, 1942 comissário de Defesa do Reich para o Distrito de Steiermark, 1943 SA-*Obergruppenführer*, a partir de 25.9.1944 diretor do Volkssturm em Steiermark, entregou em 8.5.1945 os negócios públicos, preso no final de maio de 1945, testemunha nos processos de crimes de guerra, 1947 fuga, devido à ameaça de deportação para a Iugoslávia (provavelmente com apoio dos americanos); indícios não comprovados de permanência na Argentina; Uiberreither viveu provavelmente com a sua família em Sindelfingen (Baden-

Württemberg); nem a data nem o local da morte foram comprovados (outra data mencionada é o dia 7.1.1986).

Umberto de Savoya (* 15.9.1904 Castelo Racconigi [Província de Cuneo, Itália], † 18.4.1983 Genebra [Suíça]): filho de Vitério Emanuel III da Itália, príncipe herdeiro, comandante-em-chefe de diversos grupos do Exército italiano durante a Segunda Guerra Mundial, fuga em setembro de 1943 para as tropas aliadas no sul da Itália, detentor desde 4.6.1944 do direito à coroa, formalmente rei da Itália a partir de 9.5.1946 após a abdicação do seu pai, forçado a abdicar em 2.6.1946 com o referendo pela República, viveu em Portugal e na Suíça.

Vitério Emanuel III da Itália (* 11.11.1869 Nápoles, † 28.12.1947 Alexandria [Egito]): formação militar, comandante de um corpo do Exército, rei desde 1900, apoio ao ingresso da Itália na guerra em 1915, apoio a Mussolini, 1936 imperador da Etiópia; mandou prender Mussolini e colocou o marechal Badoglio como chefe de governo em 1943 após o início da invasão dos Aliados em julho, fuga ao encontro das tropas americanas no sul da Itália após a ocupação de Roma por tropas alemãs, instado a transferir o direito à coroa ao seu filho Umberto em 12.4.1944, devido à sua ligação com o regime fascista, abdicou em 9.5.1946.

Vögler, Albert (* 8.2.1877 Borbeck no Ruhr, † 14.4.1945 Wittbräucke/Dortmund [suicídio]): estudo técnico em Karlsruhe, 1901 doutor em engenharia, engenheiro siderúrgico, 1902 engenheiro-chefe de uma indústria de mineração e siderurgia, 1906 diretor da Union AG para Indústria de Ferro e Aço, em Dortmund, 1909 mudança para o Deutsch-Luxemburgischen Bergwerks-und Hütten AG, de 1915 até 1926 diretor-geral da mesma empresa, 1917 presidente da União dos Siderúrgicos, presidente da União dos Metalúrgicos, fundação em 1920, junto com Hugo Stinnes [pai], de diversas empresas de mineração e transporte, 1926 co-fundador da Vereinigte Stahlwerke, até 1936 seu diretor, depois membro do conselho fiscal (1939 até 1945 seu diretor), inúmeros outros mandatos no conselho fiscal, 1918 até 1933 membro do Deutsche Volkspartei, 1920 até 1924 deputado no Congresso, desde 1930 apoio financeiro a Hitler, a partir de 1932 membro do Keppler-Kreis, a partir de 1933 membro do Congresso pelo NSDAP, sem ser membro do Partido, 1941 até 1945 membro do Conselho Industrial para a Produção de Aparelhos para a Luftwaffe, 1942 até 1945 membro do Conselho de Armamentos do Reich, 1942 até 1945 membro do Conselho de Pesquisas do Reich, 1940 até 1945 presidente da Sociedade Kaiser Wilhelm, 1944/45 procurador-geral para armamentos na região Reno-Ruhr, suicídio com veneno enquanto prisioneiro americano.

Voss, Hans-Erich (* 30.10.1897 Angermünde [Uckermark], † 18.11.1969 Berchtesgaden): 1915 cadete-do-mar, 1917 tenente-do-mar, 1928 tenente-capitão, 1934

capitão-de-corveta, 1937 capitão-de-fragata, 1938 comandante da 3ª Divisão de Ensino de Suboficiais da Marinha, 1939 oficial do Estado-Maior da Armada no Grupo de Comando da Marinha Oeste, Capitão-do-Mar, a partir de novembro de 1939 chefe da Divisão de Esquadra e de Treinamento, depois da Divisão de Comando da Direção de Guerra de Marinha, a partir de janeiro de 1942 chefe do Grupo de Comando do Departamento de Comando da Marinha, de outubro de 1942 a fevereiro de 1943 comandante do cruzador *Prinz Eugen*, a partir de 1.3.1943 contra-almirante e vice permanente do comandante-em-chefe da Marinha de Guerra no QG do *Führer*, 1944 vice-almirante, preso em 2.5.1945 por tropas soviéticas, libertado em janeiro de 1955.

Wächtler, Fritz (* 7.1.1891 Triebes/Zeulenroda [Turíngia], † 19.4.1945 Herzogau em Waldmünchen [floresta bávara, assassinado]): professor primário, 1913 voluntário por um ano em um regimento de infantaria, de 1914 até 1918 serviço militar inicialmente como operador de metralhadora, ferido de guerra, tenente na parte administrativa do Exército, de 1919 a 1932 novamente professor, 1926 ingresso no NSDAP (nº 35313), *Ortsgruppenleiter* em Vippachedelhausen/Weimar, de 1927 até 1932 NSDAP-*Kreisleiter* de Weimar-Norte, chefe distrital da Associação Nacional-Socialista dos Professores, 1930/31 relator junto ao ministro de Educação Popular Frick, de 1932 a 1935 diretor de organização e vice-diretor do Distrito da Turíngia, de 1932 a 1936 ministro de Estado da Turíngia para Educação Popular, de 1933 a 1936 ministro do Interior e vice-primeiro-ministro, 1934 aceito no SS (nº 29058), 1936 *Brigadeführer*, 1937 *Gruppenführer*, 1944 *Obergruppenführer*, de dezembro de 1935 até 19.4.1945 diretor do Distrito de Bayerische Ostmark (a partir de 1943 Distrito Bayreuth), 1935 até 1943 diretor do Departamento Central para Educadores na direção do NSDAP, 1942 a 1945 comissário de Defesa para o Distrito de Bayerische Ostmark, a partir de 25.9.1944 diretor do Deutscher Volkssturm no Distrito de Bayreuth, transferência em 12.4.1945 da direção para um quartel de evasão, entrega pacífica de Bayreuth, fuzilado em 19.4.1945, por ordem de Hitler, por um comando da SS, devido a “covardia diante do inimigo” e “abandono da capital do distrito”.

Wagner, Eduard (* 1.4.1894 Kirchenlamitz [Fichtelgebirge], † 23.7.1944 Zossen/Berlim [suicídio]): 1914 tenente em um regimento de artilharia bávaro, comandante de pelotão e depois de bateria, 1919 Corpo de Voluntários Epp, passou para a Reichswehr, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, no Estado-Maior de um departamento de ferrovia e como comandante de bateria, entre outros, 1932 major, desde 1933 no Departamento de *Quartiermeister* do Ministério da Defesa do Reich, 1935 tenente-coronel, 1936 chefe da 6ª Seção no Estado-Maior do Exército, 1937 coronel, desde 1938 contatos com a oposição militar de Beck, 1939 comandante do Regimento de Artilharia 10, 1940 briga-

deiro e *Generalquartiermeister* do Exército, 1942 tenente-general, 1943 general da Artilharia, participou do planejamento do atentado de 20.7.1944.

Wagner, Gerhard (* 23.11.1898 Schwerin, † 26.6.1986): 1916 ingresso na Marinha de Guerra, 1918 tenente-do-mar, 1919 Corpo de Voluntários Potsdam, passou para a Reichsmarine, 1923 primeiro-tenente, ajudante do almirante comandante do mar do Norte, 1925 oficial da guarda, mais tarde comandante da 3ª Meia-Flotilha de Torpedeiros, 1929 tenente-capitão, 1930 missões de propaganda nos cruzadores *Emden* e *Karlsruhe*, 1931 Academia da Marinha, 1933 relator na Seção de Operações no alto-comando da Marinha de Guerra, 1935 capitão-de-corveta, 1936 guerra da Espanha, 1937 comandante do destróier *Leberecht Maass*, 1939 capitão-de-fragata e I a na Seção de Operações da Direção de Guerra Naval, 1940 capitão-do-mar, em junho de 1941 chefe da Seção de Operações, ao mesmo tempo oficial de ligação da Direção de Guerra Naval com o alto-comando naval, 1943 contra-almirante, em junho de 1944 almirante junto ao comandante-em-chefe da Marinha, 1945 prisioneiro, 1947 libertado, funcionário comercial em uma gráfica, a partir de 1949 colaborador do U.S. Naval Historical Team, trabalhou a partir de 1952 em diversos órgãos alemães, 1956 contra-almirante, diretor da Seção de Marinha no Ministério Federal da Defesa, mais tarde vice-inspetor e chefe do Estado-Maior da Marinha, a partir de junho de 1961 comandante do Comando da OTAN “Europa do Norte e Central” (mar Báltico) em Kiel-Holtenau, 1962 vice-almirante, aposentadoria no final de 1962, atividade jornalística.

Wagner, Walter (* 24.7.1907, † ?): conselheiro municipal e diretor de departamento distrital em Berlim, funcionário do Ministério da Propaganda, funcionário do registro civil no casamento Hitler/Braun.

Wagner, Winifred, nascida Williams (* 23.6.1897 Hastings [Sussex, Inglaterra], † 5.3.1980 Überlingen no Bodensee): órfã, adotada por um professor de piano berlinense, 1914 travou conhecimento com a família do compositor Richard Wagner, 1915 casamento com Siegfried Wagner, a partir de 1923 apoio financeiro do NSDAP, 1926 ingresso no Partido, após a morte de Siegfried Wagner em 1930 diretora dos Festivais de Bayreuth, desde 1933 apoio financeiro de Hitler, 1947 classificada como “culpada”, 1948 revisão da sentença do Tribunal de Sentença, já que ela também apoiara opositores ao regime nacional-socialista; 1951 declinou da direção do Festival de Bayreuth, ainda em 1975 reconhecimento público a Hitler.

Wagner-Lafferenz, Verena (* 2.12.1920 Bayreuth): filha de Siegfried e Winifred Wagner, 1939/40 formação como enfermeira, 1943 casamento com o chefe de departamento do NSDAP e diretor da organização do DAF “Kraft durch Freunde” Bodo Lafferenz, cinco filhos, 1949 exclusão do Conselho da Direção do festival, membro-honorário de várias sociedades wagnerianas, nenhuma atividade artística.

Waizenegger, Heinz (* 22.10.1913, † ?): 1932 ingresso na polícia, 1934 tenente, 1935 passou para o Exército, ajudante em um regimento de infantaria, 1938 como primeiro-tenente chefe do 9º Batalhão no Regimento de Infantaria 56, 1940 capitão e oficial-ordenança I junto ao comando-geral do V Corpo do Exército, destacado em março de 1942 para o alto-comando 3 do Exército, a partir de agosto de 1942 oficial de Estado-Maior da Wehrmacht, 1943 major, 1944 tenente-coronel, a partir de março de 1945 oficial-ordenança I junto ao alto-comando 2 do Exército.

Wanderer, Madeleine (* 1925 ?, † ?): cantora e dançarina na ópera de Berlim, amante de Robert Ley.

Warlimont, Walter (* 3.10.1894 Osnabrück, † 9.10.1976 Kreuth [Alta-Baviera]): 1913 cadete, serviço militar como tenente em um regimento de artilharia, ajudante e comandante de bateria, 1920 passou para a Reichswehr, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, 1925 capitão no Ministério da Defesa do Reich, 1929 destacado como observador no Exército americano para estudar os métodos e a mobilização econômica, 1933 novamente Ministério da Defesa do Reich, 1934 chefe do Departamento Econômico, 1935 tenente-coronel, 1936 comandante de batalhão em um regimento de artilharia, 1936/37 procurador do Ministro da Guerra do Reich junto a Franco, 1937 comandante do Regimento de Artilharia 26, 1938 coronel, chefe da Seção de Defesa Nacional no alto-comando da Wehrmacht, trabalhou temporariamente em Viena, 1939 encarregado da defesa dos negócios do chefe do Departamento de Direção da Wehrmacht (representação de Jodl), 1940 brigadeiro, participou do desenvolvimento dos planos para a expedição contra a União Soviética, desde dezembro de 1941 subchefe do Estado-Maior da Wehrmacht, 1942 tenente-general, 1944 general da Artilharia, 1945 preso, 1948 condenado à prisão perpétua no processo do alto-comando do leste, devido à participação na formulação de ordens contra o direito dos povos (especialmente *Kommissarbefehl*, *Kommandobefehl*), 1951 indultado com 18 anos de prisão, 1957 libertado.

Wauer, prenome desconhecido (* ?, † 2.5.1945 Berlim), ordenança de Hitler, SS-Unterscharführer, geralmente servia os hóspedes, morto na fuga do *bunker*.

Wavell, Archibald (* 5.5.1883 Colchester [Inglaterra], † 24.5.1950 Londres): formando da Academia Militar de Sandhurst, adido militar durante a Primeira Guerra Mundial, entre outros na Rússia, 1919/20 no Egito, 1932/33 ajudante do rei, 1937 como tenente-general comandante-em-chefe da Palestina, a partir de 2.8.1939 comandante-em-chefe de todas as forças armadas no Oriente Próximo, no outono de 1940 defesa bem-sucedida do ataque italiano contra o Egito, pesadas perdas após o ataque do Afrika-Korps alemão, 1941 dispensado e nomeado comandante-em-chefe na Índia, dispensado após derrotas em Malaia e na Índia Holandesa e nomeado vice-rei da Índia, 1946 reconvocato, aposentadoria; chamado erroneamente no *Dossiê Hitler* de comandante do Corpo Expedicionário em Dunquerque.

Weber, Christian (* 25.8.1883 Pölsingen, † 11.5.1945 em Schwäbisch Alb [acidente]): cavaliço, serviço militar na Primeira Guerra Mundial como suboficial na Cavalaria, a partir de 1919 comerciante, 1921 NSDAP (nº 3850), 1922 *Fuhrparkleiter* do NSDAP, membro do Stosstrupp de Hitler, 1923 participou no golpe de Estado, 1926 conselheiro municipal em Munique, dirigente de grupo partidário, 1935 vereador, inúmeros cargos na SS, inspetor das escolas de montaria, entre outros, posto mais alto *SS-Standartenführer*, preso em 1.5.1945, morreu em um acidente de trânsito durante a transferência para um outro campo de prisioneiros.

Weichs an der Glon, Maximilian, Barão de (* 12.11.1881 Dessau, † 27.9.1954 Castelo Rösberg, em Bonn): 1900 cadete, 1902 tenente, 1908 até 1910 Escola de Cavalaria, 1910 até 1913 Academia de Guerra, 1913/14 no posto central do Estado-Maior bávaro, no início da Primeira Guerra Mundial oficial-ordenança e depois oficial do Estado-Maior, 1917 I a no Estado-Maior do III Corpo do Exército bávaro, 1919 no Estado-Maior da Brigada de Defesa do Reich 23, depois várias funções nas tropas, 1925 professor de táticas na Escola de Infantaria de Dresden, 1928 tenente-coronel, 1930 chefe do Estado-Maior de uma divisão de cavalaria, coronel, 1933 brigadeiro, comandante da 3ª Divisão de Cavalaria, 1935 tenente-general, comandante de uma divisão blindada, 1936 general da Cavalaria, 1937 general-comandante do XIII Corpo do Exército, 1939 comandante-em-chefe do 2º Exército, mobilizado na expedição contra a França, 1940 major-general, 1941 mobilizado na expedição dos Bálcãs, depois na expedição da Rússia, desde julho de 1942 comandante-em-chefe do Grupo B do Exército, 1943 marechal-de-campo, a partir de agosto de 1943 comandante-em-chefe dos Grupos F e Sudoeste do Exército, transferido em 25.3.1945 para a reserva do *Führer*, preso em 2.5.1945 por militares americanos e acusado no processo contra os generais do sudoeste, liberado antes do início do processo por motivos de saúde.

Weidling, Helmuth (* 2.11.1891 Halberstadt, † 17.11.1955 Campo de Władimirowka [União Soviética]): 1911 cadete no Batalhão da Aeronáutica, 1912 tenente, durante a Primeira Guerra Mundial comandante dos Zeppelins 85, 97 e 113, a partir de 1917 no Estado-Maior do general-comandante das Forças Armadas da Aeronáutica, 1919 passou para a Reichswehr (Artilharia), 1922 capitão, a partir de 1923 instrutor na Escola de Artilharia, 1927 chefe de bateria, 1933 major, comandante de seção em um regimento de artilharia, 1935 tenente-coronel, comandante do Regimento de Artilharia 75, mais tarde do Regimento de Artilharia 56, 1938 coronel, 1942 brigadeiro e comandante da 86ª Divisão de Infantaria, 1943 tenente-general, comandante do XLI Corpo Blindado, 1944 general da artilharia, após 20.7.1944 reserva do *Führer*, a partir de 12.4.1945 general-comandante do LXI Corpo Blindado e comandante de combate de Berlim, em 3.5.1945 prisioneiro soviético.

Welczeck, Johannes, conde de (* 2.9.1878 Laband [Alta-Silésia], 11.10.1972 Marbella [Espanha]): 1904 ingresso no serviço diplomático, diversas funções no exterior, 1915 mudança para o Departamento do Exterior, 1919 pediu demissão, 1923 reingresso no serviço diplomático, enviado de 1ª classe na Hungria, 1926 embaixador em Madri, 1936 embaixador em Paris, chamado de volta em 23.8.1939, 1940 aposentadoria provisória, 1944 fora de serviço, após 1945 emigração para a Espanha.

Welczeck, Johannes Bernhard, conde de (* 1.10.1911 Santiago do Chile, † 4.4.1969 Caracas [Venezuela]): filho de Johannes, conde de Welczeck, estudo de direito e filologia, doutor em ciências jurídicas, ingresso no serviço diplomático, 1940 casamento com Sigrid von Laffert, que, como parente de Viktoria von Dirksen, fazia parte do círculo íntimo de Hitler, 1941 adido na embaixada alemã de Madrid, amigo de Hewel, 1942 chamado de volta, serviço militar como tenente, a partir de 1949 no serviço diplomático da RFA, a partir de 1968 embaixador na Venezuela, entre outros postos.

Wenck, Walther (* 18.9.1900 Wittenberg, † 1.5.1982 Bad Rothenfelde/Osnabrück [acidente de automóvel]): 1919 cadete no Corpo de Voluntários von Oven, passou para a Reichswehr, 1923 tenente, diversas funções nas tropas (Infantaria), 1933 mudança para a Tropa Blindada (seção de reconhecimento), 1934 capitão, 1935/36 Academia de Guerra, depois no Estado-Maior do Comando das Tropas Blindadas, 1939 I a no Estado-Maior da 1ª Divisão Blindada, 1940 tenente-coronel, temporariamente professor na Academia de Guerra, coronel, a partir de setembro de 1942 chefe do Estado-Maior do LVII Corpo Blindado, a partir de novembro de 1942 chefe do Estado-Maior do 3º Exército Romeno, em fevereiro de 1943 brigadeiro, chefe do Estado-Maior do 1º Exército Blindado, abril de 1944 tenente-general e chefe do Estado-Maior do Grupo da Ucrânia do Sul do Exército, a partir de julho de 1944 chefe da Seção de Operações no Estado-Maior do Exército, em 17.2.1945 acidente de automóvel, depois de curado em abril de 1945 general das Tropas Blindadas e comandante-em-chefe do 12º Exército (Exército de Defesa para Berlim), depois membro da diretoria da firma de armamentos Diehl.

Weygand, Maxime (* 21.1.1867 Brüssel, † 28.1.1965 Paris): formando da Academia Militar de Saint-Cyr, carreira na Cavalaria francesa, 1914 comandante do 9º Exército, 1918 chefe do Estado-Maior junto ao comandante-em-chefe dos Exércitos Aliados na França, marechal Foch, redigiu em 11.11.1918 em Compiègne o texto do acordo de cessar-fogo, 1923/1924 comandante-em-chefe do Exército do Levante, 1930 chefe do Estado-Maior francês, 1931 inspetor-geral do exército, bem como vice-presidente do Supremo Conselho de Guerra, 1935 aposentadoria, 1939 reativado, comandante de um exército, a partir de 19.5 comandante-em-chefe das forças armadas franco-britânicas na França após o decurso catastrófico das operações dos Aliados, pediu cessar-fogo em 12.6.1940, temporariamente ministro da Guerra no governo Pétain, depois gover-

nador-geral na África do Norte Francesa com sede em Algier, chamado de volta em 1941 após a conclusão do Acordo Weygand-Murphy com os EUA sobre cooperação econômica com os EUA, 1942 detido e mantido na prisão em Hamburgo, libertado em maio de 1945 da prisão alemã, extraditado para a França e preso, absolvido da acusação de colaboração e reabilitado em 1948.

Wibizek, prenome desconhecido (* ?, † ?): ordenança desleal da SS.

Wiedemann, Fritz (* 16.8.1891 Augsburg, † 17.1.1970 Fuchsrub/Pfarrkirchen [Bavária]): 1910 cadete, freqüentou a academia de guerra, 1912 tenente, 1915 ajudante no Estado-Maior do 16º Regimento de Infantaria Bávaro, no qual Hitler se alistara, 1919 dispensado como capitão, agricultor, co-fundador de uma leiteria, após dificuldades comerciais pediu emprego a Hitler, a partir de 1.2.1934 *Hauptstellenleiter* no Estado-Maior do vice do *Führer*, Hess, aceito no NSDAP, de janeiro de 1935 até janeiro de 1939 ajudante pessoal de Hitler, 1936 NSKK-*Standartenführer*, *Reichshauptamtsleiter* do NSDAP, confiadas a ele diversas missões diplomáticas não oficiais (entre outras, em 1936/37 na Áustria, em 1938 em Londres), 1937 NSKK-*Brigadeführer*, 1938 membro do Congresso, dispensado da função de ajudante, devido a avaliações políticas “pessimistas”, de fevereiro de 1939 a julho de 1941 côsul-geral em San Francisco, a partir de novembro de 1941 diretor do consulado-geral em Tientsin (China), 1945 preso lá por militares americanos, testemunha no processo dos principais criminosos de guerra, 1948 libertado, classificado em um processo de tribunal de sentença como “partidário”, voltou a trabalhar como agricultor.

Wilberg, Helmut (* 1.6.1880 Berlim, † 20.11.1941 em Dresden): 1899 segundo-tenente, 1900 tenente em um regimento de fuzileiros, 1910 até 1913 Academia de Guerra de Berlim, 1913 ajudante na inspeção da Tropa de Aviação, comandante da Divisão de Pilotos de Campo II durante a Primeira Guerra Mundial, a partir de 1915 comandante dos aviadores em diversos altos-comandos do Exército, 1919 a 1926 relator no Ministério da Defesa do Reich, 1921 major, 1926/27 no Departamento das Tropas, depois diversos comandos nas tropas, 1932 despedida como brigadeiro, 1934 ativado, diretor de seção no Ministério da Defesa do Reich, tenente-general, 1935/36 comandante da Alta Escola da Luftwaffe, de 1.10.1937 até 31.3.1938 comandante do Estado-Maior Especial “W” (Legião Condor) no alto-comando do Exército, general dos pilotos, a partir de agosto de 1939 alto-comandante da Instrução de Pilotos 4, morreu em uma queda de avião.

Winter, Anni, nascida Schuler (* 27.2.1905 Pfakofen, em Regensburg, † 17.10.1970 Munique): escola primária, formação em economia doméstica, depois empregada de uma condessa, a partir de 1.10.1929 governanta de Hitler na residência na Prinzregentenplatz 16 em Munique, 1945 presa, depois de libertada passou a viver novamente em Munique.

Winter, August (* 18.1.1897 Munique, † 16.2.1979 Munique): 1916 cadete, 1916 até 1918 serviço militar em uma seção de telefonia, passou para a Reichswehr, primeiro-tenente na Seção de Comunicações 7, 1930 no Estado-Maior da 7ª Divisão, 1933 capitão, a partir de 1934 trabalhou no ensino da Academia de Guerra, a partir de 1937 no alto-comando do Exército, 1939 tenente-coronel, a partir de 1940 no Estado-Maior do Grupo A do Exército, depois Sul, depois B, 1941 coronel, 1943 chefe do Estado-Maior do 2º Exército Blindado, depois do Grupo E do Exército, brigadeiro, 1944 chefe do Estado-Maior do Grupo F do Exército, tenente-general, a partir de dezembro de 1944 vice de Jodl no alto-comando da direção da Wehrmacht, promovido em 1.12.1944 a general da Tropa Montanhosa, viveu em Munique após ser libertado da prisão.

Wisch, Theodor (* 13.12.1907 Dithmarschen, † 11.1.1995 Hamburgo): 1930 ingresso na SS e no NSDAP, 1933 passou para o Leibstandarte "Adolf Hitler", 1941, lá, comandante de batalhão, 1942 comandante do Regimento de Infantaria Motorizado 2 da SS, 1943 comandante do Regimento de Artilharia Blindada 2 do SS-Leibstandarte "Adolf Hitler", 1944 SS-*Brigadeführer* e brigadeiro da Waffen-SS, comandante da 1ª Divisão de Artilharia Blindada do SS-Leibstandarte "Adolf Hitler", 1944/45 serviço no Departamento Central da Direção da SS.

Witzleben, Erwin von (* 4.12.1881 Breslau, † 9.8.1944 Berlim [executado]): cadete, 1901 tenente, formação para Estado-Maior, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior durante a Primeira Guerra Mundial, capitão, 1919 passou para a Reichswehr, novamente comandos nas tropas e no Estado-Maior, 1929 tenente-coronel, 1931 coronel, comandante do Regimento de Infantaria 8, 1934 brigadeiro, comandante da 3ª Divisão de Infantaria, 1935 general-comandante do III Corpo do Exército (Berlim), 1936 general da Infantaria, 1938 comandante-em-chefe do Gruppenkommando 2, esboçou, juntamente com o major-general Beck e outros, planos para a deposição de Hitler, a partir de 1.9.1939 comandante-em-chefe do 1º Exército, 1940 marechal-de-campo, comandante-em-chefe do Grupo do Exército D, a partir de maio de 1941 comandante-em-chefe do leste, transferido em março de 1942 para a reserva do *Führer*, colocou-se à disposição dos conspiradores de 20 de julho como potencial comandante-em-chefe, preso em 21.7.1944, condenado à morte em 8.8.1944.

Wöhler, Otto (* 12.7.1894 Grossburgwedel, perto de Hannover, † 5.2.1987 Grossburgwedel): 1913 cadete, 1914 tenente, comandante de pelotão, de companhia e de batalhão durante a Primeira Guerra Mundial, passou para a Reichswehr, de 1923 a 1926 formação para assistente do *Führer*, 1925 capitão, diversas funções no Estado-Maior e nas tropas, 1935 tenente-coronel, 1936 I a no Estado-Maior do VIII Corpo do Exército, 1937 Estado-Maior da Academia da Wehrmacht, 1938 coronel, I a no Estado-Maior do Gruppenkommando 5 (Viena), 1939 chefe do Estado-Maior do XVII Corpo do Exér-

cito, 1940 do 11º Exército, 1942 do Grupo Central do Exército, tenente-general, em março de 1943 reserva do *Führer*, a partir de abril de 1943 general-comandante do I Corpo do Exército, general da Infantaria, final de 1943 comandante-em-chefe do Grupo Wöhler, respectivamente do 8º Exército, depois do Grupo Sul do Exército, dispensado em 25.3.1945, a partir de maio de 1945 prisioneiro de guerra, 1948 condenado a oito anos de prisão no processo contra o alto-comando da Wehrmacht por perseguição da população civil e apoio ao SS-Einsatzgruppe D, 1951 libertado.

Wolf, Johanna (* 1.6.1900 Munique, † 5.6.1985 Munique): formação como estenotipista, 1929 ingresso no NSDAP, secretária na chancelaria particular de Hitler (com Rudolf Hess), 1933 mudança para Berlim (ajudância pessoal de Hitler), serviço em diversos quartéis-generais do *Führer*, fuga em 22.4.1945 para a Bavária por determinação de Hitler, presa até 1948, viveu em Kaufbeuren, depois em Munique.

Wolff, Karl (* 13.5.1900 Darmstadt, † 15.7.1984 Rosenheim): 1917 formatura na Escola de Guerra, cadete, tenente, 1919 no Corpo de Voluntários Hessen, 1920 temporariamente na Reichswehr, 1920 a 1922 curso bancário, depois empregado comercial, a partir de 1925 proprietário de uma agência de anúncios em Munique, 1931 ingresso no NSDAP (nº 695131) e na SS (nº 14235), 1932 SS-*Sturmführer*, 1933 *Sturmhauptführer*, ajudante do governador da Baviera, a partir de junho de 1933 no Estado-Maior do *Reichsführer* SS Himmler, representante de Himmler no círculo de amigos do *Reichsführer* SS, *Sturmbannführer*, 1934/35 primeiro-ajudante de Himmler, *Standartenführer*, *Oberführer*, a partir de novembro de 1935 ajudante-chefe de Himmler, *Brigadeführer*, 1936 a 1939 chefe do Estado-Maior pessoal do *Reichsführer* SS, 1937 *Gruppenführer*, 1939 a 1945 chefe do Departamento Central do Estado-Maior pessoal do *Reichsführer* SS (licenciado a partir de fevereiro de 1943), a partir de agosto de 1939 oficial de ligação da SS junto a Hitler, 1942 SS-*Obergruppenführer* e general da Waffen-SS, por algum tempo coordenador da deportação de judeus para os campos de extermínio, a partir de fevereiro de 1943 alto-comandante de polícia e da SS na Itália, de setembro de 1943 a 29.4.1945 supremo comandante da SS e da Polícia na região do Grupo do Exército B e na região do comandante-em-chefe sul (Itália), procurador-geral da Wehrmacht alemã na Itália, diretor da administração militar, promovido em 20.4.1945 a *Oberstgruppenführer* e major-general da Waffen-SS, desde fevereiro de 1945 negociações secretas com os Aliados ocidentais com o resultado da rendição antecipada das tropas alemãs na Itália em 2.5.1945, testemunha de acusação no processo dos principais criminosos de guerra, depois prisioneiro britânico, 1948 condenado à pena de cinco anos de prisão por um tribunal de sentença de Hamburgo, na revisão do processo a pena foi reduzida; libertado, 1949 a 1960 representante-geral do Departamento de Anúncios da *Illustrierte Revue*, 1962 preso e condenado em 1964 à pena de 15 anos de

detenção, devido à colaboração em assassinato em pelo menos três mil casos, 1969 libertado por motivo de saúde.

Wollenhaupt, August (* 17.4.1886 Grossalmerode [Harz], † ?): barbeiro de Hitler em Berlim e nos QGs do *Führer*, 1937 aceito no NSDAP (nº 5589794).

Zander, Wilhelm (* 22.4.1911 Saarbrücken, † 27.9.1974 Munique): Escola de Comércio, comerciante, trabalhou no comércio madeireiro, ingresso em 1.6.1931 no NSDAP na Itália (nº 552659), após seu retorno ingresso na SS (nº 27789), *Scharführer*, 1933 *Sturmführer* no Departamento de Pessoal do *Reichsführer* SS, 1935 ajudante do *SS-Oberabschnittsführers* do Nordeste, 1936 na mesma posição junto ao *Oberabschnittsführer* do Centro, 1937 *Sturmabannführer*, transferido depois de um duelo para o Estado-Maior do *Führer*, respectivamente para o *Reichsleiter* Martin Bormann, 1940 *Reichsamtsleiter* do NSDAP, 1941 até 1943 em diversos estados-maiores da Waffen-SS, 1943 *Oberbereichsleiter* do NSDAP, *SS-Obersturmbannführer*, em setembro de 1944 *SS-Standartenführer*, até 29.4.1945 no *bunker*, levou uma cópia do testamento de Hitler para a Bavária.

Zeitler, Kurt (* 9.6.1895 Cossmar, distrito de Luckau, † 25.9.1963 Hohenaschau [Alta-Baviera]): 1914 cadete, serviço militar como chefe de companhia em um batalhão de batedores, tenente, a partir de 1917 ajudante de regimento, 1918 primeiro-tenente, 1919/20 Corpo de Voluntários Torgau, passou para a Reichswehr, diversas funções nas tropas e no Estado-Maior, entre outras primeiro-ajudante no Regimento de Infantaria 18, a partir de 1926 em diversos estados-maiores de divisões, 1928 capitão, 1932 chefe de companhia em um regimento de infantaria, a partir de 1934 no Ministério da Defesa do Reich (repartição do ministro), major, 1937 tenente-coronel, a partir de 1938 no alto-comando da Wehrmacht, 1939 coronel e comandante do Regimento de Infantaria 60, a partir de agosto de 1939 chefe do Estado-Maior do XXII Corpo do Exército, a partir de 1940 chefe do Estado-Maior do Grupo Blindado I, a partir de 1941 do Estado-Maior do 1º Exército Blindado, brigadeiro, a partir de abril de 1942 chefe do Estado-Maior junto ao comandante-em-chefe do leste (Grupo do Exército D), a partir de 24.9.1942 general da Infantaria e chefe do Estado-Maior do Exército, em janeiro de 1944 major-general, licenciado após um colapso em julho de 1944, transferido em 18.8.1944 para a reserva do *Führer*, dispensado em janeiro de 1945, 1945 preso por militares britânicos, exerceu atividade jornalística depois de libertado.

Zhukov, Georgi K. (* 19.11.1896 Strelkowa, perto de Kaluga, † 18.6.1974 Moscou): peleteiro, a partir de 1915 serviço militar no Exército russo, 1916 sargento, ferido, 1918 mobilizado no Exército Vermelho, 1919 ingresso no Partido Comunista, 1920 comandante de esquadrão, 1923 comandante do 39º Regimento de Cavalaria, 1928 participou de um curso da Reichswehr alemã para oficiais do Exército Vermelho, 1930 comandante

de brigada, 1933 comandante da 4ª Divisão de Cavalaria, 1937/38 comandante do 6º Corpo de Cossacos, 1939 comandante do 1º Exército na batalha em Chalchyn-Gol, 1940 comandante do Distrito Militar de Kiev, a partir de janeiro de 1941 chefe do Estado-Maior e vice-ministro da Defesa, 1941 até 1946 candidato do comitê central do Partido Comunista WKP(B), a partir de junho de 1941 membro do STAWKA dos alto-comandantes, desligado em julho de 1941 como chefe do Estado-Maior, 1941/42 comandante do Exército Vermelho no contra-ataque soviético diante de Moscou, 1942/43 coordenador das ofensivas em Stalingrado, Leningrado e Kursk, a partir de fevereiro de 1944 comandante do 1º *Front* ucraniano, desde novembro de 1944 alto-comandante do 1º *Front* bielo-russo, que tomou Berlim em 1945, 1945/46 alto-comandante do Grupo das Forças Armadas Soviéticas na Alemanha e chefe da administração militar soviética, chamado de volta em 1946 e transferido para o cargo decorativo de chefe das forças armadas nacionais, desde 1946 investigações devido a enriquecimento pessoal, transferido para o distrito militar de Odessa, 1948 a 1953 chefe do distrito militar do Ural, participou em junho de 1953 da deposição de Beria, nomeado pouco tempo depois membro do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e 1º vice-ministro da Defesa, 1955 a 1957 ministro da Defesa, desde 1957 membro do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, destituído em outubro de 1957 de todos os cargos e aposentado em março de 1958.

Bibliografia e indicação das fontes

I. ARQUIVOS

1. Arquivo Estatal Russo de História Contemporânea (RGANI):
5/30/462a
2. Informações do arquivo do presidente da Federação Russa (AP RF):
3/58/530
3/58/531
3/58/532
3. Arquivo Militar Estatal Russo (RGWA):
460/1871 (processo de prisão de Linge)
460/1878 (processo de prisão de Günsche)
4. Arquivo Estatal da Federação Russa (GARF):
9401/2/96
9401/2/97
9401/2/199
9401/2/236
9401/2/550
9401/2/551
9401/2/552
9401/2/553
9401/2/554
9401/2/555
5. Instituto para História Contemporânea, Arquivo:
Fa 74 Günsche, Otto, Akz. 2108/57
Fa 74 Linge, Heinz, Akz 2108/57
F 135/1, Akz 6714/83

II. MEMÓRIAS, TESTEMUNHOS DE ÉPOCA, FONTES PUBLICADAS

- Akten zur deutschen auswärtigen Politik (ADAP) 1918-1945. Das Relações Exteriores. Arquivo do Ministério alemão.* Série C: 1933-1937, 6 vols., Göttingen, 1971-1975; Série D: 1937-1941, 13 vols., Baden-Baden, 1950-1970; Série E: 1941-1945, 8 vols., Göttingen, 1967-1979.
- Arquivo nowejszej istorii Rossii. Tom I., "Osobaja pap, I. W. Stalina, Is materialow Sekretariata NKWD-MWD SSSR 1944-1953 gg. Katalog dokumentow,* Moscou, 1994ss.
- Axmann, Artur: *"Das kann doch nicht das Ende sein. Hitlers letzter Reichsjugendführer erinnert sich"* ("Não pode ter sido o fim. Memórias do último líder da Juventude Hitlerista), Koblenz, 1995.
- Baur, Hans: *Ich flog die Mächtigen der Welt* (Piloto dos poderosos do mundo), Kempten, 1956.
- Below, Nicolaus von: *Als Hitlers Adjutant 1937-1945* (Ajudante de Hitler 1937-1945), Selent, 1999.
- Bernecker, Walther L. (Hg.): *Der spanische Bürgerkrieg. Materialien, Quellen* (A Guerra Civil Espanhola, materiais, fontes), Frankfurt/Main, 1986.
- Boehm-Tettelbach, Karl: *Als Flieger in der Hexenküche* (Piloto na casa das bruxas), Mainz, 1981.
- Boldt, Gerhard: *Die letzten Tage der Reichskanzlei* (Os últimos dias da Chancelaria do Reich), coord. por Ernst A. Hepp, Hamburgo, Stuttgart, 1947.
- Bor, Peter: *Gespräche mit Halder* (Conversas com Halder), Wiesbaden, 1950.
- Bundesministerium der Verteidigung (Ministério da Defesa alemão): *Adolf Heusinger. Ein deutscher Soldat im 20. Jahrhundert* (Adolf Heusinger, um soldado alemão no século 20), o. O., 1987.
- Devrient, Paul: *Mein Schüler Adolf Hitler. Das Tagebuch seines Lehrers* (Meu aluno Adolf Hitler, diário de um professor), coord. por Werner Maser, Munique, 2003.
- Domarus, Max: *Hitler. Reden 1932 bis 1945* Kommentiert v. einem deutschen Zeitgenossen (Hitler. Discursos 1932 a 1934. Comentados por um contemporâneo alemão), 2 vols., Wiesbaden, 1973.
- Caso 7: Das Urteil im Geismordprozess, gefällt am 19.2.1948 vom Militärgerichtshof V der Vereinigten Staaten von Amerika* (Sentença de 19/2/1948 no caso do processo de assassinato de refém, no Tribunal Militar V dos EUA), Berlim Oriental (Ost), 1965.
- Caso 12: Das Urteil gegen das Oberkommando der Wehrmacht, gefällt am 28.10.1948 in Nürnberg vom Militärgerichtshof V der Vereinigten Staaten von Amerika* (Sentença contra o alto-comando da Wehrmacht, 28/10/1948, Nuremberg, Tribunal Militar V dos EUA), Berlim Oriental (Ost), 1960.

- François-Poncet, André: *Als Botschafter in Berlin 1931-1938* (Minha vida como embaixador em Berlim 1931-1938), Mainz, 1949.
- Giesler, Hermann: *Ein anderer Hitler. Bericht seines Architekten* (Um outro Hitler: relato do seu arquiteto), Leoni, 1978.
- Hedin, Sven: *Ohne Auftrag in Berlin. Begegnungen mit Mächtigen des Dritten Reiches* (Em Berlim sem missão, encontros com os poderosos do Terceiro Reich), Kiel, 2000.
- Heiber, Helmut (coord.): *Hitlers Lagebesprechungen. Die Protokollfragmente seiner militärischen Konferenzen 1942-1945* (As reuniões de estratégia militar de Hitler 1942-1945), Stuttgart, 1962.
- Heiber, Helmut (coord.): *Goebbels-Reden, 1939-1945* (Discursos de Goebbels, 1933-1945), 2 vols., Bindlach, 1991.
- Hess, Ilse: *Ein Schicksal in Briefen. England-Nürnberg-Spandau. Gefangener des Friedens, Antwort aus Zelle Sieben* (Uma trajetória através de cartas. Inglaterra-Nuremberg-Spandau. Prisioneiro da paz. Respostas da cela nº 7), Leoni 1971.
- Hillgruber, Andreas (coord.): *Staatsmänner und Diplomaten bei Hitler. 1. Teil: Vertrauliche Aufzeichnungen über Unterredungen mit Vertretern des Auslandes 1939-1941* (Estadistas e diplomatas com Hitler. *Primeira parte*: Relatos confidenciais de reuniões com representantes do exterior 1939-1941), Frankfurt/Main, 1967.
- Hillgruber, Andreas (coord.): *Staatsmänner und Diplomaten bei Hitler. 2. Teil: Vertrauliche Aufzeichnungen über Unterredungen mit Vertretern des Auslandes 1942-1944* (Estadistas e diplomatas com Hitler. *Segunda parte*: Relatos confidenciais de reuniões com representantes do exterior 1942-1944), Frankfurt/Main, 1970.
- Hitler, Adolf: *Mein Kampf*, Munique, 1940.
- Hofer, Walther (coord.): *Der Nationalsozialismus. Dokumente 1933-1945* (O nacional-socialismo. Documentos 1933-1945), Frankfurt/Main, 1957.
- Hossbach, Friedrich: *Zwischen Wehrmacht und Hitler 1934-1938* (Entre a Wehrmacht e Hitler 1934-1938), Wolfenbüttel, Hannover, 1949.
- Hubatsch, Walther: *Hitlers Weisungen für die Kriegsführung 1939-1945. Dokumente des Oberkommandos der Wehrmacht* (Ordens de Hitler para a condução da guerra 1939-1945. Documentos do alto-comando da Wehrmacht), Bonn, 1983.
- Huber, Heinz/Artur Müller (coord.): *Das Dritte Reich. Seine Geschichte in Texten, Bildern und Dokumenten* (O Terceiro Reich, sua história em textos, imagens e documentos), 2 vols., Munique, 1964.
- Joachimsthaler, Anton (coord.): *Christa Schroeder. Er war mein Chef. Aus dem Nachlass der Sekretärin von Adolf Hitler* (Meu chefe. O espólio da secretária de Adolf Hitler), Munique, Viena, 1985.

- Jochmann, Werner (coord.): *Adolf Hitler. Monologe im Führerhauptquartier 1941-1944* (Adolf Hitler. Monólogos no QG do Führer 1941-1944), Munique, 2000.
- Junge, Traudl, e Melissa Müller: *Bis zur letzten Stunde. Hitlers Sekretärin erzählt ihr Leben* (Até o último momento: a secretária de Hitler fala sobre a sua vida), Munique, 2003.
- Keitel, Wilhelm: *Mein Leben. Pflichterfüllung bis zum Untergang* (Minha vida: cumprindo tarefas até a derrocada), coord. por Werner Maser, Berlim, 1998.
- Kotze, Hildegard von (coord.): *Heeresadjutant bei Hitler 1938-1943. Aufzeichnungen des Majors Engel* (Ajudante de Hitler 1938-1943. Anotações do major Engel), Stuttgart, 1974.
- Kuch, Kurt: *Bei Hitlers. Zimmermädchen Annas Erinnerungen* (Trabalhando com Hitler: memórias da camareira Anna), St. Andrä-Wördern, 2003.
- Lehmann, Armin D.: *Der letzte Befehl. Als Hitlers Botenjunge im Führerbunker* (A última ordem: mensageiro de Hitler no bunker do Führer), Bergisch Gladbach, 2003.
- Linge, Heinz: *Bis zum Ende. Als Chef des Persönlichen Dienstes bei Hitler* (Até o final: chefe do serviço pessoal de Hitler), coord. por Werner Maser, Munique, 1980.
- Lubjanka. *Stalin i glavnoe upravlenie gosbesopasnosti NKWD, Archiv Stalina. Dokumenty vychich organow partijnij i godudarstvennoj vlasti, 1937-1938*, Moscou, 2004.
- Malvezzi, Piero/Giovanni Pirelli (coord.): *Letzte Briefe zum Tode Verurteilter aus dem europäischen Widerstand* (Últimas cartas de condenados à morte da resistência europeia), Munique, 1962.
- Manstein, Erich von: *Verlorene Siege* (Vitórias perdidas), Bonn, 1955.
- Manstein, Rüdiger/Theodor Fuchs (coord.): *Erich von Manstein. Soldat im 20. Jahrhundert* (Erich von Manstein. Soldado no século XX), Koblenz, 1983.
- Meissner, Otto: *Staatssekretär unter Ebert* (Secretário de Estado no governo Ebert), *Hindenburg, Hitler*, Hamburgo, 1950.
- Noël, Léon: *Der deutsche Angriff auf Polen* (A invasão alemã na Polônia), Paris, 1948.
- Picker, Henry: *Hitlers Tischgespräche im Führerhauptquartier* (Conversas de Hitler à mesa no QG do Führer), Berlim, 1993.
- Rückert, Adalbert (coord.): *NS-Vernichtungslager im Spiegel deutscher Strafprozesse* (Campos de extermínio nos autos da Justiça), Munique, 1977.
- Ruhm von Oppen, Beate (coord.): *Helmuth J. von Moltke. Briefe an Freya* (Helmuth von Moltke: Cartas para Freya), Munique, 1995.
- Schacht, Hjalmar: *76 Jahre meines Lebens* (76 anos de minha vida), Bad Wörishofen, 1953.
- Schenck, Ernst Günther: *Das Notlazarett unter der Reichskanzlei. Ein Arzt erlebt Hitlers Ende in Berlin* (O ambulatório na Chancelaria do Reich: um médico vivencia o fim de Hitler em Berlim), Wiesbaden, 2000.

- Schirach, Henriette von: *Frauen um Hitler* (Mulheres à volta de Hitler), Munique, 1983.
- Schirach, Henriette von: *Der Preis der Herrlichkeit* (O preço da maravilha), Munique, 2003.
- Schmidt, Paul: *Statist auf Diplomatischer Bühne 1923-1945* (Figurante no palco diplomático 1923-1945), Bonn, 1949.
- Schramm, Percy Ernst (coord.): *Kriegstagebuch des Oberkommandos der Wehrmacht (Wehrmachtführungsstab) 1940-1945*. (Diário de guerra do alto-comando da Wehrmacht 1940-1945, edição de estudos em 8 volumes, Bonn o.J. (Primeira edição 1961-1965).
- Schukow, Georgi K.: *Erinnerungen und Gedanken* (Lembranças e reflexões), Stuttgart, 1969.
- Schulz, Alfons: *Drei Jahre in der Nachrichtenzentrale des Führerhauptquartiers* (Três anos na central de notícias do QG do Führer), Stein am Rhein, 1996.
- Skorzeny, Otto: *Meine Kommandounternehmen* (Minhas missões de comando), Munique, 1981.
- Smersch. *Istoritscheskie otscherki i archiwnye dokumenty*, Moscou, 2003.
- Speer, Albert: *Erinnerungen*, Berlim, 1969.
- Speer, Albert: *Spandauer Tagebücher* (Diários de Spandau), Frankfurt/Main, Berlim, Viena, 1975.
- Speer, Albert: *Der Sklavenstaat. Meine Auseinandersetzungen mit der SS* (O Estado escravo. Minhas escaramuças com a SS), Stuttgart, 1981.
- Staff, Ilse (coord.): *Justiz im Dritten Reich. Eine Dokumentation* (Justiça no Terceiro Reich), Frankfurt/Main, Hamburgo, 1964.
- Stalin, Josef W.: *Werke* (Obras), Berlim 1950ff.
- Udet, Ernst: *Mein Fliegerleben* (Minha vida como piloto), Berlim 1935.
- Unknown Pages of the History of World War II: Hitler. Documents from KGB secret archives*, Moscou, 1995 (CD-ROM).
- Wagner, Friedelind: *Nacht über Bayreuth. Die Geschichte der Enkelin Richard Wagners* (Noite em Bayreuth: a história da neta de Richard Wagner). Com um posfácio de Eva Weissweiler, Munique, 2002.
- Die Wehrmachtsberichte 1939-1945* (Os relatórios da Wehrmacht 1939-1945). 3 volumes, Colônia, 1989.
- Weissenstein, Helmut: *Über Steigerung körperlicher Leistungsfähigkeit durch Pervitin* (Sobre o aumento da capacidade física através do Pervitin), Berlim, 1941.
- Welles, Sumner: *Jetzt oder nie!* (Agora ou nunca!) Estocolmo, 1944.
- Witte, Peter e outros: *Der Dienstkalender Heinrich Himmlers 1941/42* (A agenda de serviço de Heinrich Himmler 1941/42), Hamburgo, 1999.

III. OBRAS DE CONSULTA

- Ministério do Exterior, Serviço Histórico (coord.): *Biographisches Handbuch des deutschen Auswärtigen Dienstes 1871-1945* (Manual biográfico do Serviço Alemão do Exterior 1871-1945), Munique, Viena, Zurique, 2000.
- Bathe, Horst/Johann Heinrich Kumpf (revisores): *Die Mittelbehörden der Reichsfinanzverwaltung und ihre Präsidenten 1919-1945* (Os órgãos financiadores da administração do Reich e seus presidentes 1919-1945), Brühl, 1999.
- Benz, Wolfgang/Walter H. Pehle: *Lexikon des deutschen Widerstandes* (Dicionário da resistência alemã), Frankfurt/Main, 1994.
- Benz, Wolfgang/Herbert Graml/Hermann Weiß (org.): *Enzyklopädie des Nationalsozialismus* (Enciclopédia do nacional-socialismo), Munique, 2001.
- Benz, Wolfgang: *Legenden, Lügen, Vorurteile. Ein Wörterbuch zur Zeitgeschichte* (Lendas, mentiras, preconceitos: um dicionário de História Contemporânea), Munique, 2002.
- Benz, Wolfgang: *Lexikon des Holocaust* (Dicionário do Holocausto), Munique, 2002.
- Bishop, Chris (coord.): *Waffen des Zweiten Weltkrieges. Handfeuerwaffen, Flugzeuge, Artillerie, Kriegsschiffe, U-Boote* (Armas da Segunda Guerra Mundial: armas de fogo de mão, aviões, artilharia, navios de guerra, submarinos), Augsburg, 2000.
- Broszat, Martin/Norbert Frei: *Das Dritte Reich im Überblick. Chronik, Ereignisse, Zusammenhänge* (O Terceiro Reich em resumo: crônica, acontecimentos, inter-relações), Munique, Zurique, 1999.
- Degener, Herrmann A. L. (coord.): *Wer ist's?* (Quem é?) 10ª edição, Berlim, 1935.
- Diroll, Bernd: *Personen-Lexikon der NSDAP* (Enciclopédia de pessoas do NSDAP). Volume 1: Líderes da SS A-B, Norderstedt, 1980.
- Hahn, Fritz: *Waffen und Geheimwaffen des deutschen Heeres 1933-1945* (Armas e armas secretas do Exército alemão), 2 volumes, Bonn, 1998.
- Heinsohn, Gunnar: *Lexikon der Völkermorde* (Dicionário dos genocídios), Reinbek, Hamburgo, 1998.
- Hildebrand, Hans H./Ernest Henriot: *Deutschlands Admirale 1849-1945. Die militärischen Werdegänge der See-, Ingenieur-, Sanitäts-, Waffen — und Verwaltungsoffiziere im Admiralsrang* (Almirantes alemães, 1849-1945), Osnabrück, 1988.
- Hildebrand, Karl-Friedrich: *Die Generale der deutschen Luftwaffe 1935-1945. Die militärischen Werdegänge der Flieger-, Flakartillerie, Fallschirmjäger-, Luftnachrichten — und Ingenieur-Offiziere einschliesslich der Ärzte, Richter, Intendanten und Ministerialbeamten im Generalsrang* (Os generais da Luftwaffe alemã, 1935-1945), 3 volumes, Osnabrück, 1990.

- Hildebrand, Karl-Friedrich/Dermot Bradley/Markus Rövekamp: *Die Generale des Heeres 1921-1945. Die militärischen Werdegänge der Generale, sowie Ärzte, Veterinäre, Intendanten, Richter und Ministerialbeamten im Generalsrang* (Os generais do Exército 1921-1945), 5 volumes, Osnabrück, 1993.
- Höffkes, Karl: *Hitlers politische Generale. Die Gauleiter des Dritten Reiches* (Os generais políticos de Hitler: os *Gauleiter* do Terceiro Reich), Tübingen, 1997.
- Kammer, Hilde/Bartsch, Elisabeth: *Lexikon Nationalsozialismus. Begriffe, Organisationen und Institutionen* (Dicionário do nacional-socialismo: conceitos, organizações e instituições), Reinbek, Hamburgo, 2002.
- Keilig, Wolf: *Die Generale des Heeres und die Sanitätsoffiziere im Generalsrang. Alphabetisches Verzeichnis, Daten, Laufbahn, Dienststellungen, Auszeichnungen* (Os generais do Exército e os oficiais da área de saúde, registro alfabético), Friedberg, 1983.
- Lilla, Joachim: *Statisten in Uniform. Die Mitglieder des Reichstages 1933-1945, ein biographisches Handbuch* (Figurantes de uniforme: membros do Reichstag 1933-1945, um manual biográfico), Düsseldorf, 2004.
- McLean, French L.: *The Camp Men: The SS Officers who ran the Nazi Concentration Camp System*, Atglen, 1999.
- McLean, French L.: *The Field Men: The SS Officers who led the Einsatzkommandos — the Nazi mobile killing units*, Atglen, 1999.
- Overesch, Manfred/Friedrich-Wilhelm Saal: *Chronik deutscher Zeitgeschichte. Politik, Wirtschaft, Kultur* (Crônica da História Contemporânea Alemã: política, economia, cultura), 3 volumes, Düsseldorf, 1999.
- Preradovich, Nikolaus von: *Die Generale der Waffen-SS* (Os generais da Waffen-SS), Berg am See, 1985.
- Roewer, Helmut/Stefan Schäfer/Matthias Uhl: *Lexikon der Geheimdienste im 20. Jahrhundert* (Dicionário dos serviços secretos no século XX), Munique, 2003.
- Schulz, Andreas/Günter Wegmann: *Die Generale der Waffen-SS und der Polizei. Die militärischen Werdegänge der Generale, sowie der Ärzte, Veterinäre, Intendanten, Richter und Ministerialbeamten im Generalsrang* (Os generais da Waffen-SS e da Polícia), volume 1, Bissendorf, 2003.
- Seidler, Franz W.: *Die Kollaboration 1939-1945* (A colaboração 1939-1945), Munique, Berlim, 1995.
- Steinbach, Peter/Johannes Tuchel (coord.): *Widerstand gegen den Nationalsozialismus* (Resistência contra o nacional-socialismo), Bonn, 1994.
- Stockhorst, Erich: *5000 Köpfe. Wer war wer im Dritten Reich* (Quem é quem no Terceiro Reich), Kiel, 1998.

- Thomas, Franz/Günter Wegmann: *Die Ritterkreuzträger der Deutschen Wehrmacht* (Os condecorados com a Cruz de Cavaleiro na Wehrmacht alemã), 2 volumes, Osnabrück, 1993.
- Thomas, Franz: *Die Eichenlaubträger 1940-1945* (Condecorados com a Folha de Carvalho 1940-1945), 2 volumes, Osnabrück, 1997.
- Vierhaus, Rudolf/Ludolf Herbst (coord.): *Biographisches Handbuch der Mitglieder des Deutschen Bundestages 1949-2002* (Manual biográfico dos membros do Bundestag alemão 1949-2002), 3 volumes, Munique, 2002.
- Weiss, Hermann (coord.): *Biographisches Lexikon zum Dritten Reich* (Dicionário biográfico do Terceiro Reich), Frankfurt/Main, 1998.
- Wer leitet? Die Männer der Wirtschaft und der einschlägigen Verwaltung einschliesslich Adressbuch der Direktoren und Aufsichtsräte 1941-42* (Quem lidera? Quem é quem na economia e na administração), Berlim, 1942.
- Wistrich, Robert: *Wer war wer im Dritten Reich? Ein biographisches Lexikon* (Quem foi quem no Terceiro Reich? Um dicionário biográfico), Frankfurt/Main, 1989.
- Wörterbuch zur Deutschen Militärgeschichte* (Dicionário da história militar alemã), 2 volumes, Berlim Oriental (Ost), 1985.
- Zentner, Christian/Friedemann Bedürftig (coord.): *Das grosse Lexikon des Zweiten Weltkrieges* (O grande dicionário da Segunda Guerra Mundial), Munique, 1988.
- Zentner, Christian (coord.): *Der Zweite Weltkrieg. Ein Lexikon* (A Segunda Guerra Mundial. Um dicionário), Viena, 2003.

IV. DESCRIÇÕES

- Absolon, Rudolf: *Die Wehrmacht im Dritten Reich* (A Wehrmacht no Terceiro Reich), 5 volumes, Boppard am Rhein, 1975.
- Agonija i smert' Adol'fa Gitlera*, Moscou, 2000.
- Arendt, Hannah: *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft. Antisemitismus, Imperialismus, Totalitarismus* (Origens do totalitarismo). Munique, Zurique, 2000.
- Aust, Stefan/Stephan Burgdorff (coord.): *Die Flucht. Über die Vertreibung der Deutschen aus dem Osten* (A fuga: expulsão dos alemães do Leste), Stuttgart, Munique, 2002.
- Backes, Uwe e outros: *Reichstagsbrand. Aufklärung einer historischen Legende* (Incêndio do Reichstag. Esclarecimento de uma lenda histórica), Munique, 1986.
- Bahar, Alexander/Wilfried Kugel: *Der Reichstagsbrand. Wie Geschichte gemacht wird* (O incêndio do Reichstag: como se faz História), Berlim, 2001.
- Barkai, Avraham: *Das Wirtschaftssystem des Nationalsozialismus* (O sistema econômico do nacional-socialismo), Frankfurt/Main, 1998.

- Bartov, Omer: *Hitlers Wehrmacht. Soldaten, Fanatismus und die Brutalisierung des Krieges* (A Wehrmacht de Hitler: soldados, fanatismo e a brutalização da guerra), Reinbek, Hamburgo, 1999.
- Beevor, Antony: *Stalingrad*, Munique, 2001.
- Beevor, Antony: *Berlin 1945. Das Ende* (Berlim 1945: o fim), Munique, 2002.
- Benz, Wolfgang (org.): *Dimension des Völkermordes. Die Zahl der jüdischen Opfer des Nationalsozialismus* (Dimensão do genocídio. O número de vítimas judaicas do nacional-socialismo), Munique, 1996.
- Benz, Wolfgang (org.): *Die Juden in Deutschland 1933-1945. Leben unter nationalsozialistischer Herrschaft* (Os judeus na Alemanha 1933-1945. Vivendo sob o poder nacional-socialista), Munique, 1996.
- Benz, Wolfgang/Werner Bergmann (coord.): *Vorurteil und Völkermord. Entwicklungslinien des Antisemitismus* (Preconceito e genocídio. A evolução do anti-semitismo), Bonn, 1997.
- Berger, Florian: *Mit Eichenlaub und Schwertern. Die höchstdekorierten Soldaten des Zweiten Weltkrieges* (Folhas de carvalho e espadas: os soldados mais condecorados da Segunda Guerra Mundial), Viena, 1999.
- Besymenski, Lew: *Der Tod des Adolf Hitler. Unbekannte Dokumente aus Moskauer Archiven* (A morte de Adolf Hitler. Documentos desconhecidos de arquivos de Moscou), Hamburgo, 1968.
- Besymenski, Lew: *Die letzten Notizen von Martin Bormann. Ein Dokument und sein Verfasser* (As últimas anotações de Martin Bormann: um documento e seu autor), Stuttgart, 1974.
- Besymenski, Lew: *Der Tod des Adolf Hitler. Der sowjetische Beitrag über das Ende des Dritten Reiches und seines Diktators* (A morte de Adolf Hitler: a contribuição soviética para o fim do Terceiro Reich e de seu ditador), Munique, 1982.
- Besymenski, Lew: *Stalin und Hitler. Das Pokerspiel der Diktatoren* (Stalin e Hitler. O poder dos ditadores), Berlim, 2004.
- Besymenskij, Lew A.: *Operazija "Mif" ili skol'ko ras choronili Gitlera*, Moscou, 1995.
- Beyrau, Dietrich: *Schlachtfeld der Diktatoren. Osteuropa im Schatten von Hitler und Stalin* (Campo de batalha dos ditadores: a Europa do Leste na sombra de Hitler e Stalin), Göttingen, 2000.
- Boelcke, Willi A.: *Die deutsche Wirtschaft 1930-1945. Interna des Reichswirtschaftsministeriums* (A economia alemã 1930-1945), Düsseldorf, 1983.
- Boelcke, Willi A.: *Die Kosten von Hitlers Krieg. Kriegsfinanzierung und finanzielles Kriegserbe in Deutschland 1933-1948* (O preço da guerra de Hitler: financiamento da guerra e a herança financeira na Alemanha 1933-1948), Paderborn, 1985.

- Bracher, Karl Dietrich: *Die deutsche Diktatur. Entstehung, Struktur, Folgen des Nationalsozialismus* (A ditadura alemã. Origem, estrutura e conseqüências do nacional-socialismo), Colônia, 1972.
- Bracher, Karl Dietrich/Manfred Funke/Hans Adolf Jacobsen (coord.): *Nationalsozialistische Diktatur 1933-1945. Eine Bilanz* (Ditadura nacional-socialista 1933-1945. Um balanço), Bonn, 1986.
- Braese, Stephan (org.): *Rechenschaften. Juristischer und literarischer Diskurs in der Auseinandersetzung mit den NS-Massenverbrechen*, Göttingen, 2004.
- Braüninger, Werner: *Hitlers Kontrahenten in der NSDAP 1921-1945* (Os adversários de Hitler no Partido Nazista 1921-1945), Munique, 2004.
- Buchstab, Günter/Brigitte Kaff/Hans-Otto Kleinmann: *Christliche Demokraten gegen Hitler. Aus Verfolgung und Widerstand zur Union* (Democratas-cristãos contra Hitler. Perseguição e resistência), Freiburg, Basileia, Viena, 2004.
- Bullock, Alan: *Hitler und Stalin. Parallele Leben* (Hitler e Stalin. Vidas paralelas), Berlim, 1991.
- Burleigh, Michael: *Die Zeit des Nationalsozialismus. Eine Gesamtdarstellung* (O tempo do nacional-socialismo), Frankfurt/Main, 2000.
- Chaussy, Ulrich/Christoph Püschner: *Nachbar Hitler. Führerkult und Heimatzerstörung am Obersalzberg* (Vizinho Hitler: culto ao Führer e destruição na região de Obersalzberg), Berlim, 2004.
- Collier, Richard: *Mussolini. Aufstieg und Fall des Duce* (Mussolini: ascensão e queda do Duce), Munique, 1995.
- Cornwell, John: *Forschen für den Führer. Deutsche Naturwissenschaftler und der Zweite Weltkrieg* (Pesquisando para o Führer. Cientistas alemães e a Segunda Guerra Mundial), Bergisch Gladbach, 2004.
- Dahms, Hellmuth Günther: *Francisco Franco. Soldat und Staatschef* (Francisco Franco: soldado e estadista), Zurique, Frankfurt/Main, 1972.
- Deutscher, Isaac: *Stalin. Eine politische Biographie* (Stalin, uma biografia política), Berlim, 1990.
- Dierich, Wolfgang (org.): *Die Verbände der Luftwaffe 1935-1945. Gliederungen und Kurzchroniken. Eine Dokumentation* (As agremiações da Luftwaffe), Stuttgart, 1976.
- Döscher, Hans-Jürgen: *SS und Auswärtiges Amt im Dritten Reich. Diplomatie im Schatten der "Endlösung"* (SS e Ministério do Exterior no Terceiro Reich. A diplomacia na sombra da "Solução Final"), Frankfurt/Main, Berlim, 1991.
- Durth, Werner: *Deutsche Architekten. Biographische Verflechtungen 1900 bis 1970* (Arquitetos alemães. Teias biográficas 1900 a 1970), Munique, 1992.

- Ebbinghaus, Angelika/Klaus Dörner (Hg.): *Vernichten und Heilen. Der Nürnberger Ärzte-Prozess und seine Folgen* (Destruir e curar: o processo dos médicos em Nuremberg e suas conseqüências), Berlim, 2001.
- Engelmann, Joachim: *Die 18. Infanterie und Panzergrenadier-Division 1934-1945* (A 18ª Divisão de Infantaria e de Granadeiros Panzer 1934-1945), Eggolsheim o.J.
- Falter, Jürgen W.: *Hitlers Wähler* (Os eleitores de Hitler), Munique, 1991.
- Fest, Joachim/Bernd Eichinger: *Der Untergang. Das Filmbuch* (A queda: roteiro do filme), Berlim, 2004.
- Foltmann, Josef/Hanns Möller: *Opfergang der Generale* (Sacrifício dos generais), Berlim (Oriental), 1952.
- Frank, Bernhard: *Geheime Regierungsstadt Hitlers* (A cidade secreta do governo de Hitler), Obersalzberg, Berchtesgaden, 2004.
- Friedländer, Saul: *Das Dritte Reich und die Juden. Die Jahre der Verfolgung 1933-1939* (O Terceiro Reich e os judeus. Os anos da perseguição 1933-1939), Munique, 2000.
- Frieser, Karl-Heinz: *Blitzkrieg-Legende. Der Westfeldzug 1940* (A lenda da blitzkrieg: a campanha do Oeste 1940), Munique, 1995.
- Führerhauptquartier Wolfsschanze 1940 bis 1945. Zeitgeschichte in Farbe* (O QG do Führer de Wolfsschanze 1940 a 1945. História em cores), Kiel, 2001.
- Furet, François: *Das Ende der Illusion. Der Kommunismus im 20. Jahrhundert* (O fim da ilusão. O comunismo no século XX), Munique, 1996.
- Gall, Lothar (coord.): *Krupp im 20. Jahrhundert* (Krupp no século XX), Berlim, 2002.
- Glantz, David M./Jonathan M. House: *When Titans Clashed: How the Red Army stopped Hitler*, Kansas, 1995.
- Gorodetsky, Gabriel: *Die grosse Täuschung. Hitler, Stalin und das Unternehmen "Barbarossa"* (O grande engodo: Hitler, Stalin e a Operação "Barbarossa"), Berlim, 2001.
- Groehler, Olaf: *Die Neue Reichskanzlei. Das Ende* (A Nova Chancelaria do Reich. O fim), Berlim, 1995.
- Günther, Sonja: *Design der Macht. Möbel für Repräsentanten des "Dritten Reiches"* (Design do poder. Móveis para representantes do Terceiro Reich), Wiesbaden o.J.
- Haffner, Sebastian, *Anmerkungen zu Hitler* (Observações sobre Hitler), Munique, 1975.
- Hamann, Brigitte: *Winifred Wagner oder Hitlers Bayreuth* (Winifred Wagner ou a Bayreuth de Hitler), Munique, Zúrique, 2003.
- Hass, Gerhart (org.) *Deutschland im Zweiten Weltkrieg* (A Alemanha na Segunda Guerra Mundial), Berlim Oriental, 1974.
- Heer, Hannes/Klaus Naumann (coord.): *Vernichtungskrieg. Verbrechen der Wehrmacht 1941-1944* (Guerra de aniquilamento. Crimes da Wehrmacht 1941-1944), Hamburgo, 1995.

- Henke, Klaus-Dietmar/Hans Woller: *Politische Säuberung in Europa. Die Abrechnung mit Faschismus und Kollaboration nach dem Zweiten Weltkrieg* (Limpeza política na Europa. O balanço com fascismo e colaboracionismo depois da Segunda Guerra Mundial), Munique, 1991.
- Hilberg, Raul: *Die Quellen des Holocaust. Entschlüsseln und Interpretieren* (As fontes do Holocausto: decifrando e interpretando), Frankfurt/Main, 2002.
- Hildebrand, Klaus: *Das vergangene Reich. Deutsche Aussenpolitik von Bismarck bis Hitler* (O Reich passado. Política externa alemã de Bismarck a Hitler), Stuttgart, 1995.
- Hildermeier, Manfred: *Geschichte der Sowjetunion 1917-1991. Entstehung und Niedergang des ersten sozialistischen Staates* (História da União Soviética 1917-1991. Origens e queda do primeiro Estado socialista), Munique, 1998.
- Hillgruber, Andreas: *Hitlers Strategie. Politik und Kriegführung 1940 bis 1941* (A estratégia de Hitler. Política e condução da guerra 1940 a 1941), Munique, 1982.
- Hitlers Neue Reichskanzlei. "Haus des Grossdeutschen Reiches" 1938-1945* (A Nova Chancelaria do Reich de Hitler 1938-1945), Kiel, 2002.
- Hobsbawm, Eric: *Das Zeitalter der Extreme. Weltgeschichte des 20. Jahrhunderts* (A Era dos Extremos. A História Universal no século XX), Munique, 1998.
- Hoffmann, Joachim: *Stalins Vernichtungskrieg 1941-1945. Planung, Ausführung, Dokumentation* (A guerra de extermínio de Stalin 1941-1945. Planejamento, execução, documentação), Munique, 1999.
- Hoffmann Peter: *Widerstand, Staatsstreich, Attentat. Der Kampf der Opposition gegen Hitler* (Resistência, golpe, atentado. A luta da oposição contra Hitler), Munique, 1969.
- Hoffmann, Peter: *Die Sicherheit des Diktators* (A segurança do ditador), Munique, Zúri-que, 1975.
- Höhne, Heinz: *Der Orden unter dem Totenkopf. Die Geschichte der SS* (A Organização da Caveira: a história da SS), Bindlach, 1990.
- Höhne, Heinz: *"Gebt mir vier Jahre Zeit". Hitler und die Anfänge des Dritten Reiches* ("Dêem-me quatro anos". Hitler e os primórdios do Terceiro Reich), Berlim, 1999.
- Horstmann, Bernhard: *Hitler in Pasewalk. Die Hypnose und ihre Folgen* (Hitler em Pasewalk: a hipnose e suas consequências), Düsseldorf, 2004.
- Instituto para História Contemporânea (org.): *Dokumentation Obersalzberg. Die tödliche Utopie. Bilder, Texte, Daten zum Dritten Reich* (Documentos sobre Obersalzberg. A utopia mortal. Fotos, textos, dados sobre o Terceiro Reich), Munique, Berlim, 2000.
- Irving, David: *Goebbels. Macht und Magie* (Goebbels, poder e magia), Kiel, 1997.
- Jeckel, Hartmut: *Menschen in Berlin. Das letzte Telefonbuch der alten Reichshauptstadt* (Berlenses. O último catálogo telefônico da velha capital do Reich), Munique, 2000.

- Jesse, Eckard (org.): *Totalitarismus im 20. Jahrhundert. Eine Bilanz der internationalen Forschung* (Totalitarismo no século XX. Um balanço da pesquisa internacional), Bonn, 1996.
- Joachimsthaler, Anton: *Hitlers Weg begann in München 1913-1923* (O caminho de Hitler começou em Munique 1913-1923), Munique, 2000.
- Joachimsthaler, Anton: *Hitlers Liste. Ein Dokument persönlicher Beziehungen* (A lista de Hitler: a relação de amigos pessoais), Munique, 2003.
- Joachimsthaler, Anton: *Hitlers Ende. Legenden und Dokumente* (O fim de Hitler. Lendas e documentos), Munique, 2004.
- Karlsch, Rainer/Raymond G. Stokes: *"Faktor Öl". Die Mineralölwirtschaft in Deutschland 1859-1974* (Fator "petróleo": a economia petrolífera na Alemanha 1859-1974), Munique, 2003.
- Karlsch, Rainer: *Hitlers Bombe. Die geheimen deutschen Kernwaffenversuche* (A bomba de Hitler: os testes nucleares alemães secretos), Munique, 2005.
- Keegan, John: *Der Zweite Weltkrieg* (A Segunda Guerra Mundial), Berlim, 2004.
- Kershaw, Ian: *Hitlers Macht* (O poder de Hitler), Munique, 2000.
- Kershaw, Ian: *Hitler*, 3 volumes, Munique, 2002.
- Klass, Gert von: *Die drei Ringe. Lebensgeschichte eines Industrieunternehmens* (Os três anéis História de uma empresa industrial), Tübingen, Stuttgart, 1953.
- Klee, Ernst: *Was sie taten, was sie wurden. Ärzte, Juristen und andere Beteiligte am Kranken — oder Judenmord* (O que fizeram, o que se tornaram: médicos, juristas e outros participantes do extermínio de doentes e judeus), Frankfurt/Main, 1992.
- Klee, Ernst: *Auschwitz. Die NS-Medizin und ihre Opfer* (Auschwitz, a medicina nazista e suas vítimas), Frankfurt/Main, 1997.
- Knyschewskij, Pawel Nikolaewitsch: *Moskaus Beute. Wie Vermögen, Kulturgüter und Intelligenz nach 1945 aus Deutschland geraubt wurden* (O butim de Moscou: como se roubaram fortunas, bens culturais e inteligência da Alemanha depois de 1945), Munique, 1995.
- Kogon, Eugen/Hermann Langbein/Adalbert Rückerl e outros (org.): *Nationalsozialistische Massentötungen durch Giftgas* (Extermínio em massa dos nazistas com gás letal), Frankfurt/Main, 2003.
- Kolpakidin, Alexander I./Dimitrij P. Prochorow: *Wneschnaja raswedka Rossii*, São Petersburgo, Moscou, 2001.
- Kopperschmidt, Josef/Johannes G. Pankau (coord.): *Hitler der Redner* (Hitler, o orador), Munique, 2003.
- Koslow, Wladimir A.: *"Gde Gitler?" Powtornoe rassledowanie NKWD-MWD SSSR obstojatel'stwistschesnwenija Adol'fa Gitlera 1945-1949*, Moscou, 2003.

- Kurowski, Franz: *Hitlers letzte Bastionen. Endkampf um das Reich 1944-1945* (Os últimos bastiões de Hitler, batalha final pelo Reich 1944-1945), Utting, o.J.
- Ladwig-Winters, Simone: *Wertheim. Ein Warenhausunternehmen und seine Eigentümer. Ein Beispiel der Entwicklung der Berliner Warenhäuser bis zur Arierisierung* (Wertheim. Uma loja de departamentos e seu patrimônio. Um exemplo da evolução das lojas de departamentos em Berlim até a "arianização"), Münster, 1997.
- Landdorf, Werner: *Die grossen Militärparaden des Dritten Reiches. Zeitgeschichte in Bildern* (As grandes paradas militares do Terceiro Reich), Kiel, 2002.
- Lang, Jochen von/Claus Sibyll: *Der Sekretär. Martin Bormann — Der Mann, der Hitler beherrschte* (O secretário. Martin Bormann, o homem que dominava Hitler), Munique, 1987.
- Lehmann, Rudolf: *Die Leibstandarte* (O Leibstandarte), 4 volumes, Osnabrück, 1977.
- Liddell Hart, Basil H.: *Jetzt dürfen sie reden* (Agora podem falar), 1948.
- Liddell Hart, Basil H.: *Geschichte des Zweiten Weltkrieges* (História da Segunda Guerra Mundial), Düsseldorf, Viena, 1985.
- Lobsien, Richard: *Legion Condor. Sie flogen jenseits der Grenze* (Legião Condor. Voando além dos limites), Kiel, 2003.
- Longerich, Peter: *Die braunen Bataillone. Geschichte der SA* (Os batalhões marrons. História da SA), Augsburg, 1999.
- Lusar, Rudolf: *Die deutschen Waffen und Geheimwaffen des 2. Weltkrieges und ihre Weiterentwicklung* (As armas alemãs e as armas secretas da Segunda Guerra Mundial), Munique, 1958.
- Lustiger, Arno: *Rotbuch. Stalin und die Juden, die tragische Geschichte des Jüdischen Antifaschistischen Komitees und der sowjetischen Juden* (Livro Vermelho. Stalin e os judeus, a história trágica do comitê antifascista judaico e dos judeus soviéticos), Berlim, 1998.
- Machtan, Lothar: *Hitlers Geheimnis. Das Doppelleben des Diktators* (O segredo de Hitler. A vida dupla do ditador), Frankfurt/Main, 2003.
- Macksey, Kenneth: *Guderian, der Panzergeneral* (Guderian, o general Panzer), Düsseldorf, Viena, 1975.
- Magenheimer, Heinz: *Die Militärstrategie Deutschlands 1940-1945. Führungsentschlüsse, Hintergründe, Alternativen* (A estratégia militar da Alemanha 1940-1945. Decisões de liderança, bastidores, alternativas), Munique, 1997.
- Maier, Helmut: *Rüstungsforschung im Nationalsozialismus. Organisation, Mobilisierung und Entgrenzung der Technikwissenschaften* (Pesquisa sobre armamento no nacional-socialismo), Göttingen, 2002.
- Mammach, Klaus: *Der Volkssturm. Bestandteil des totalen Kriegseinsatzes der deutschen Bevölkerung 1944/45* (Volkssturm, elemento da mobilização total da população alemã 1944/45), Berlim Oriental, 1981.

- Martin, Bernd/Stanisława Lewandowska (coord.): *Der Warschauer Aufstand* (O levante de Varsóvia), Varsóvia, 1999.
- Martin, Bernd: *Deutschland und Japan im Zweiten Weltkrieg 1940-1945. Vom Angriff auf Pearl Harbor bis zur deutschen Kapitulation* (A Alemanha e o Japão na Segunda Guerra 1940-1945. Do ataque a Pearl Harbor até a capitulação alemã), Hamburgo, 2001.
- Maser, Werner: *Nürnberg. Tribunal der Sieger* (Nuremberg, tribunal dos vencedores), Düsseldorf, 1977.
- Maser, Werner: *Adolf Hitler. Das Ende der Führerlegende* (Adolf Hitler, o fim de uma lenda), Düsseldorf, Viena, 1980.
- Maser, Werner: *Hindenburg*, Rastatt, 1990.
- Maser, Werner: *Adolf Hitler. Legende, Mythos, Wirklichkeit* (Adolf Hitler, lenda, mito e realidade), Munique, Esslingen, 1993.
- Maser, Werner: *Der Wortbruch. Hitler, Stalin und der Zweite Weltkrieg* (A traição: Hitler, Stalin e a Segunda Guerra Mundial), Munique, 1994.
- Maser, Werner: *Hermann Göring. Hitlers janusköpfiger Paladin, eine politische Biographie* (Hermann Göring, uma biografia política), Berlim, 2000.
- Maser, Werner: *Fälschung, Dichtung und Wahrheit über Hitler und Stalin* (Falsificações, poesia e verdade sobre Hitler e Stalin), Munique, 2004.
- Medwedew, Roy: *Das Urteil der Geschichte. Stalin und der Stalinismus* (A sentença da História, Stalin e o stalinismo), Berlim, 1992.
- Michalka, Wolfgang (org.): *Der Zweite Weltkrieg. Analysen und Grundzüge. Forschungsbilanz* (A Segunda Guerra Mundial, análises e bases, balanço de pesquisas), Munique, 1989.
- Middeldorf, Eike: *Taktik im Russlandfeldzug. Erfahrungen und Folgerungen* (Tática na campanha da Rússia, experiência e consequências), Frankfurt/Main, 1956.
- Militärgeschichtliches Forschungsamt (Instituto de Pesquisas de História Militar) (org.): *Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg* (O Reich alemão e a Segunda Guerra Mundial), 9 volumes, Stuttgart, 1978-2004.
- Möller, Horst: *Weimar. Die unvollendete Demokratie* (Weimar, a democracia incompleta), Munique, 1997.
- Mommsen, Hans: *Von Weimar nach Auschwitz. Zur Geschichte Deutschlands in der Weltkriegsepoche* (De Weimar a Auschwitz: sobre a História da Alemanha na época da Guerra Mundial), Stuttgart, 1999.
- Mommsen, Hans: *Alternative zu Hitler. Studien zur Geschichte des deutschen Widerstandes* (Alternativa a Hitler. Estudos sobre a história da resistência alemã), Munique, 2000.
- Morzik, Fritz/Gerhard Hümmelchen: *Die deutschen Transportflieger im Zweiten Weltkrieg* (Os pilotos alemães na Segunda Guerra Mundial), Frankfurt/Main, 1966.
- Müller, Christian: *Stauffenberg*, Düsseldorf, 2003.

- Müller, Rolf-Dieter: *Das Tor zur Weltmacht. Die Bedeutung der Sowjetunion für die deutsche Wirtschafts — und Rüstungspolitik zwischen den Weltkriegen* (O portão para o poder mundial: a importância da União Soviética para a política alemã econômica e armamentista entre as guerras mundiais), Boppard am Rhein, 1984.
- Müller, Rolf-Dieter/Gerd Ueberschär: *Kriegsende 1945. Die Zerstörung des Deutschen Reiches* (Final da guerra 1945. A destruição do Reich alemão), Frankfurt/Main, 1994.
- Müller, Rolf-Dieter/Hans-Erich Volkmann (Hg.): *Die Wehrmacht. Mythos und Realität* (A Wehrmacht, mito e realidade), Munique, 1999.
- Museum für Verkehr und Technik (coord.): *Ich diene nur der Technik. Sieben Karrieren zwischen 1940 und 1950* (Eu apenas servi à tecnologia: sete trajetórias entre 1949 e 1950), Berlim, 1995.
- Musial, Bogdan: “*Konterrevolutionäre Elemente sind zu erschiessen*”. *Die Brutalisierung des deutsch-sowjetischen Krieges im Sommer 1941* (“Elementos contra-revolucionários devem ser fuzilados”. A brutalização da guerra teuto-soviética no verão de 1941), Berlim, 2001.
- Naasner, Walter: *Neue Machtzentren in der deutschen Kriegswirtschaft 1942-1945. Die Wirtschaftsorganisation der SS, das Amt des Generalbevollmächtigten für den Arbeitseinsatz und das Reichsministerium für Bewaffnung und Produktion/Reichsministerium für Rüstung und Kriegsproduktion im nationalsozialistischen Herrschaftssystem* (Novos núcleos do poder na economia de guerra alemã 1942 a 1945), Boppard am Rhein, 1994.
- Neufeld, Michael J.: *Die Rakete und das Reich. Wernher von Braun, Peenemünde und der Beginn des Raketenzeitalters* (O foguete e o Reich. Wernher von Braun, Peenemünde e o início da era dos foguetes), Berlim, 1997.
- Neulen, Hans Werner: *Europa und das 3. Reich. Einigungsbestrebungen im deutschen Machtbereich 1939-1945* (A Europa e o Terceiro Reich. Tentativas de união na esfera de poder alemã 1939-1945), Munique, 1987.
- Neumayer, Anton: *Hitler. Wahnideen, Krankheiten, Perversionen* (Hitler. Delírios, doenças, perversões), Viena, 2001.
- Novick, Peter: *Nach dem Holocaust. Der Umgang mit dem Massenmord* (Depois do holocausto: lidando com o genocídio), Munique, 2001.
- Orth, Karin, *Die Konzentrationslager-SS* (Os campos de concentração da SS), Munique, 2004.
- O’Sullivan, Donal: *Stalins “Cordon sanitaire”. Die sowjetische Osteuropapolitik und die Reaktionen des Westens 1939-1949* (“Cordão sanitário”: a política soviética em relação à Europa Oriental e as reações do Ocidente 1939-1945), Paderborn e outros, 2003.

- Overy, Richard: *Die Wurzeln des Sieges. Warum die Alliierten den Zweiten Weltkrieg gewannen* (As raízes da vitória: por que os Aliados ganharam a Segunda Guerra), Reinbek, Hamburgo, 2002.
- Pätzold, Kurt/Manfred Weissbecker: *Geschichte der NSDAP 1920-1945* (História do NSDAP 1920-1945), Colônia, 1998.
- Pätzold, Kurt/Manfred Weissbecker: *Rudolph Hess. Der Mann an Hitlers Seite* (Rudolph Hess, o homem ao lado de Hitler), Leipzig, 1999.
- Peter, Antonio/Robert Maier (org.): *Die Sowjetunion im Zeichen des Stalinismus* (A União Soviética na era do stalinismo), Colônia, 1991.
- Petersen, Jens: *Hitler-Mussolini. Die Entstehung der Achse Berlin-Rom 1933-1936* (Hitler-Mussolini, a gênese do eixo Berlim-Roma 1933-1936), Tübingen, 1973.
- Petrowa, Ada: *Sagadka smerti Adol'fa Gitlera*, Moscou, 2004.
- Petzina, Dieter: *Autarkiepolitik im Dritten Reich. Der nationalsozialistische Vierjahresplan* (Política de autonomia do Terceiro Reich), Stuttgart, 1968.
- Piekalkiewicz, Janusz: *Stalingrad. Anatomie einer Schlacht* (Stalingrado, anatomia de uma batalha), Munique, 1977.
- Pietrow-Ennker, Bianca (org.): *Präventivkrieg? Der deutsche Angriff auf die Sowjetunion* (Guerra preventiva? O ataque alemão à União Soviética), Frankfurt/Main, 2000.
- Podewin, Norbert (coord.): *Braunbuch. Kriegs — und Naziverbrecher in der Bundesrepublik und in Berlin (West)* (O Livro Marrom, criminosos de guerra e do nazismo na República Federal da Alemanha e em Berlim Ocidental), Berlim, 2002.
- Poliakov, Léon/Josef Wulf: *Das Dritte Reich und seine Diener. Auswärtiges Amt, Justiz, Wehrmacht* (O Terceiro Reich e seus servos — Ministério do Exterior, Justiça, Wehrmacht), Berlim, 1956.
- Pressac, Jean-Claude: *Die Krematorien von Auschwitz. Die Technik des Massenmordes* (Os crematórios de Auschwitz, a tecnologia dos assassinatos em massa), Munique, 1994.
- Presse in Fesseln: Eine Schilderung des NS-Pressetrustes* (Imprensa acorrentada, um relato do truste de imprensa nazista), Berlim, 1947.
- Rauscher, Walter: *Hitler und Mussolini. Macht, Krieg und Terror* (Hitler e Mussolini. Poder, guerra e terror), Graz, Viena, Colônia, 2001.
- Rayfield, Donald: *Stalin und seine Henker* (Stalin e seus algozes), Munique, 2004.
- Remy, Maurice Philip: *Mythos Rommel* (O mito Rommel), Berlim, 2002.
- Reschin, Leonid: *Feldmarschall Friedrich Paulus im Kreuzverhör 1943-1953* (O marechal-de-campo Friedrich Paulus no interrogatório 1943-1953), Augsburg, 2000.
- Rhodes, Richard: *Die deutschen Mörder. Die SS-Einsatzgruppen und der Holocaust* (Os criminosos alemães, as tropas da SS e o Holocausto), Bergisch Gladbach, 2004.
- Ritter, Gerhard: *Carl Goerdeler und die deutsche Widerstandsbewegung* (Carl Goerdeler e o movimento de resistência alemão), Stuttgart, 1954.

- Roewer, Helmut: *Skrupellos. Die Machenschaften der Geheimdienste in Russland und Deutschland 1914 bis 1941* (Sem escrúpulos: as negociatas dos serviços secretos na Rússia e na Alemanha, 1914 a 1941), Leipzig, 2004.
- Rossija i SSSR w wojnach XX weka. Statistitscheskoe issledowanie, Moscou, 2001.
- Rshewskaja, E. M.: *Berlin, maj 1945*, Moscou, 1967.
- Ryan, Cornelius: *The last Battle*, Nova York, 1965.
- Sabrow, Martin/Ralph Jessen/Klaus Grosse Kracht (org.): *Zeiggeschichte als Streitgeschichte. Grosse Kontroversen nach 1945* (As grandes controvérsias depois de 1945), Munique, 2003.
- Scheel, Klaus (coord.): *Die Befreiung Berlins 1945* (A libertação de Berlim em 1945), Berlim, 1985.
- Schenck, Ernst Günther: *Patient Hitler. Eine medizinische Biographie* (O paciente Hitler: uma biografia médica), Augsburg, 2000.
- Schmidt, Rainer F.: *Rudolf Hess. "Botengang eines Toren?" Der Flug nach Grossbritannien vom 10. Mai 1941* (Rudolf Hess: "missão de um desvairado"? O voo para a Grã-Bretanha de 10 de maio de 1941), Munique, 2000.
- Schulze, Dietmar: *"Euthanasie" in Bernburg. Die Landes-Heil — und Pflegeanstalt Bernburg/Anhaltische Nervenlinik in der Zeit des Nationalsozialismus* ("Eutanásia" em Bernburg), Essen, 1999.
- Schwarz, Hans-Peter: *Das Gesicht des Jahrhunderts. Monster, Retter und Mediokritäten* (O rosto do século: monstros, salvadores e mediocridades), Berlim, 1998.
- Schwengler, Walter: *Völkerrecht, Versailler Vertrag und Auslieferungsfrage. Die Strafverfolgung wegen Kriegsverbrechen als Problem des Friedensschlusses 1919/20* (Direito dos povos, Acordo de Versalhes e a questão da extradição. Crimes de guerra como problema do acordo de paz 1919/1920), Stuttgart, 1982.
- Seidler, Franz W.: *Verbrechen an der Wehrmacht. Kriegsgreuel der Roten Armee 1941/42* (Crimes contra a Wehrmacht: horrores de guerra do Exército Vermelho 1941/42), Selent, 1998.
- Seidler, Franz W.: *"Deutscher Volkssturm". Das letzte Aufgebot 1944/45* (Volkssturm: a mobilização final 1944/45), Augsburg, 1999.
- Seidler, Franz W./Dieter Zeigert: *Die Führerhauptquartiere. Anlagen und Planungen im Zweiten Weltkrieg* (Os quartéis-generais do Führer: instalações e planejamentos na Segunda Guerra Mundial), Munique, 2000.
- Seidler, Franz W.: *Avantgarde für Europa. Ausländische Freiwillige in Wehrmacht und Waffen-SS* (Vanguarda para a Europa: voluntários estrangeiros na Wehrmacht e na Waffen-SS), Selent, 2004.
- Siegmund, Anna Maria: *Die Frauen der Nazis* (As mulheres dos nazistas), 3 volumes, Viena, 1998-2002.

- Smelser, Ronald: *Robert Ley. Hitlers Mann an der "Arbeitsfront"* (Robert Ley, o homem de Hitler na "frente de trabalho"), Paderborn, 1989.
- Smelser, Ronald/Enrico Syring (coord.): *Die Militärélite des Dritten Reiches. 27 biographische Skizzen* (A elite militar do Terceiro Reich: 27 esboços biográficos), Frankfurt/Main, 1995.
- Smelser, Ronald/Enrico Syring/Rainer Zitelmann: *Die braune Elite* (A elite marrom), 2 volumes, Darmstadt, 1999.
- Steinbach, Peter/Johannes Tuchel (coord.): *Widerstand in Deutschland 1933-1945. Ein historisches Lesebuch* (Resistência na Alemanha 1933-1945. Um livro de leituras histórico), Munique, 2000.
- Stettner, Ralf: *"Archipel GULag". Stalins Zwangslager, Terrorinstrument und Wirtschaftsgigant* (O arquipélago Gulag: campo de trabalhos forçados de Stalin, instrumento de terror e gigante da economia), Paderborn, 1996.
- Suwenirow, Oleg F.: *Tragedija RKKa 1937-1938*, Moscou, 1998.
- Telford, Taylor: *Die Nürnberger Prozesse. Hintergründe, Analysen und Erkenntnisse aus heutiger Sicht* (Os processos de Nuremberg — bastidores, análises e conhecimentos atuais), Munique, 1994.
- Tessin, Georg: *Formationsgeschichte der Wehrmacht 1933-1939. Stäbe und Truppenteile des Heeres und der Luftwaffe* (História de formação da Wehrmacht 1933-1939), Boppard am Rhein, 1959.
- Tissier, Tony le: *Der Kampf um Berlin 1945. Von den Seelower Höhen zur Reichskanzlei* (A batalha de Berlim, 1945), Berlim, 1997.
- Turner Jr., Henry Ashby: *Die Grossunternehmer und der Aufstieg Hitlers* (Os empresários e a ascensão de Hitler), Berlim, 1985.
- Ueberschär, Gerd R. (coord.): *Das Nationalkomitee "Freies Deutschland" und der Bund Deutscher Offiziere* (O Comitê Nacional "Freies Deutschland" e a Liga de Oficiais Alemães), Frankfurt/Main, 1996.
- Ueberschär, Gerd R. (coord.): *Hitlers militärische Elite. Vom Kriegsbeginn bis zum Weltkriegsende* (A elite militar de Hitler, do início ao fim da guerra), 2 volumes, Darmstadt, 1998.
- Ueberschär, Gerd R. (coord.): *Der Nationalsozialismus vor Gericht. Die alliierten Prozesse gegen Kriegsverbrecher und Soldaten 1943-1952* (O nacional-socialismo nos tribunais. Os processos dos Aliados contra criminosos de guerra e soldados 1943-1952), Frankfurt/Main, 1999.
- Ueberschär, Gerd R./Winfried Vogel: *Dienen und Verdienen. Hitlers Geschenke an seine Eliten* (Servir e ganhar: os presentes de Hider para suas elites), Frankfurt/Main, 2001.
- Vogel, Thomas (coord.): *Aufstand des Gewissens. Militärischer Widerstand gegen Hitler und das NS-Regime 1933-1945* (Revolta da consciência: resistência militar contra Hitler e o regime nazista 1933-1945), Hamburgo, Berlim, Bonn, 2000.

- Völklein, Ulrich (coord.): *Hitlers Tod. Die letzten Tage im Führerbunker* (A morte de Hitler. Os últimos dias no bunker do Führer), Göttingen, 1998.
- Wallach, Jehuda L.: *Das Dogma der Vernichtungsschlacht* (O dogma da guerra de extermínio), Munique, 1970.
- Walther, Herbert: *Die 1. SS-Panzer-Division Leibstandarte* (A 1ª Divisão Panzer Leibstandarte), Utting o.J.
- Wassiljewa, Larissa: *Die Kreml-Frauen. Erinnerungen, Dokumente, Legenden* (As mulheres do Kremlin. Memórias, documentos, lendas), Zurique, 1994.
- Wegner, Bernd: *Hitlers politische Soldaten. Die Waffen-SS 1933-1945* (Os soldados políticos de Hitler. A Waffen-SS 1933-1945), Paderborn u.a., 1996.
- Weihsmann, Helmut: *Bauen unterm Hakenkreuz. Architektur des Untergangs* (Construindo sob a Suástica: arquitetura do declínio), Viena, 1998.
- Weinberg, Gerhard L.: *Eine Welt in Waffen. Die globale Geschichte des Zweiten Weltkriegs* (Um mundo em armas: a história global da Segunda Guerra Mundial), Stuttgart, 1995.
- Weissmann, Karlheinz: *Der Weg in den Abgrund. Deutschland unter Hitler 1933-1945* (O caminho para o precipício: a Alemanha sob Hitler 1933-1945), Munique, 1997.
- Wette, Wolfram: *Die Wehrmacht. Feindbilder, Vernichtungskrieg, Legenden* (A Wehrmacht: imagem do inimigo, guerra de aniquilamento, lendas), Frankfurt/Main, 2002.
- Wilderotter, Hans: *Alltag der Macht. Berlin Wilhelmstrasse* (Cotidiano do poder: Berlim-Wilhelmstrasse), Berlim, 1998.
- Wilhelm, Friedrich: *Die Polizei im NS-Staat. Die Geschichte ihrer Organisation im Überblick* (A polícia no Estado nazista: história de sua organização), Paderborn u.a., 1997.
- Willing, Georg Franz: *Die Reichskanzlei 1933-1945. Rolle und Bedeutung unter der Regierung Hitler* (A Chancelaria do Reich 1933-1945, seu papel e sua importância no governo Hitler), Tübingen, Buenos Aires, Montevideu, 1984.
- Wojak, Irmtrud: *Eichmanns Memoiren. Ein kritischer Essay* (Memórias de Eichmann: um ensaio crítico), Frankfurt/Main, 2004.
- Wolkogonow, Dimitri: *Stalin. Triumph und Tragödie* (Stalin: triunfo e tragédia), Düsseldorf, 1990.
- Zdral, Wolfgang: *Der finanzierte Aufstieg des Adolf H.* (A ascensão financiada de Adolf H.), Viena, 2002.
- Zelnhefer, Siegfried: *Die Reichstage der NSDAP. Geschichte, Struktur und Bedeutung der größten Propagandafeste im nationalsozialistischen Feierjahr* (Os Congressos do Partido Nazista: história, estrutura e importância das maiores festas de propaganda), Nuremberg, 1991.
- Zitelmann, Rainer: *Hitler. Selbstverständnis eines Revolutionärs*, Munique, 1998.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os funcionários dos arquivos russos e alemães aos quais recorremos, pelo seu envolvimento e pela sua ajuda. Como representantes de todos eles, citamos Natalia G. Tomilina, diretora do Arquivo Russo de História Contemporânea (RGANI) e Michail Ja. Prosumenchtchikov, diretor do Departamento de Publicações do RGANI, bem como Berit Pistora, do Arquivo Federal de Koblenz.

Nosso especial agradecimento ao Professor Dr. Vladimir N. Chaustov, que checkou e confirmou a autenticidade do *Dossiê Hitler* com base nos documentos do arquivo do presidente da Federação Russa, ao qual não temos acesso.

Agradecemos ainda a Helmut Ettinger pela sua bem-sucedida tradução do texto amorfo para a língua alemã, ao nosso agente Thomas Karlauf pelos bons conselhos e a Elmar Klupsch representando toda a equipe da Editora Gustav Lübbe.

Não por último, devemos gratidão aos nossos colegas do Instituto para História Contemporânea Munique-Berlim e à Universidade Martin Luther, em Halle-Wittenberg. Eles nos ajudaram em múltiplos aspectos.

Fotografias

Nº 1: BA Koblenz (Arquivo Federal de Koblenz) 183-R80329; *Nº 2:* BA Koblenz 146-1982-044-11; *Nº 3:* Heinrich Hoffmann, Bayerische Staatsbibliothek, Munique; *Nº 4:* origem desconhecida; *Nº 5:* BA Koblenz 102-14569; *Nº 6:* BA Koblenz 102-17311; *Nº 7:* BA Koblenz 183-2004-1202-500; *Nº 8:* BA Koblenz 102-14886; *Nº 9:* BA Koblenz 183-2004-1202-503; *Nº 10:* BA Koblenz 183-2004-1202-501; *Nº 11:* BA Berlin 146-1972-061-38; *Nº 12:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 183-2004-1202-501; *Nº 13:* origem desconhecida; *Nº 14:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 146-1974-132-10A; *Nº 15:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 146-1973-034-42; *Nº 16:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 146-1990-048-29A; *Nº 17:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 183-1999-0412-502; *Nº 18:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 146-1991-077-31; *Nº 19:* BA Koblenz 146-1985-064-28A; *Nº 20:* BA Koblenz 146-1980-101-27; *Nº 21:* BA Koblenz 183-E03059; *Nº 22:* Heinrich Hoffmann, Bayerische Staatsbibliothek, Munique; *Nº 23:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 146-1976-033-06; *Nº 24:* BA Koblenz 183-2004-1202-505; *Nº 25:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 146-1970-050-07; *Nº 26:* BA Koblenz 183-B03212; *Nº 27:* BA Koblenz C13771; *Nº 28:* BA Koblenz 183-2004-1202-504; *Nº 29:* BA Koblenz 183-E12329; *Nº 30:* BA Koblenz 183-E12359; *Nº 31:* BA Koblenz 146-2004-0191; *Nº 32:* BA Koblenz 101-796-0229-12A; *Nº 33:* BA Koblenz 146-2004-0192; *Nº 34:* BA Koblenz 146-1995-009-07; *Nº 35:* BA Koblenz 146-1971-015-30; *Nº 36:* BA Koblenz 146-1982-089-18; *Nº 37:* BA Koblenz 101-407-0651-09; *Nº 38:* BA Koblenz 101-209-0086-12; *Nº 39:* BA Koblenz 146-1979-060-14; *Nº 40:* BA Koblenz 183-B24543; *Nº 41:* BA Koblenz 122-F51673-059; *Nº 42:* BA Koblenz 183-J31330; *Nº 43:* BA Koblenz 183-N0827-318; *Nº 44:* BA Koblenz 146-1974-132-28A; *Nº 45:* origem desconhecida; *Nº 46:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 146-1970-097-76; *Nº 47:* BA Koblenz 146-1969-069-29; *Nº 48:* Heinrich Hoffmann, BA Koblenz 183-J00340; *Nº 49:* origem desconhecida; *Nº 50:* Europapress, BA Koblenz 146-1987-108-

10; *Nº 51*: Tass, BA Koblenz 183-W0128-316; *Nº 52*: Heinrich Hoffmann, Bayerische Staatsbibliothek, Munique; *Nº 53*: Heinrich Hoffmann, Bayerische Staatsbibliothek, Munique; *Nº 54*: BA Koblenz 183-W0129-325; *Nº 55*: Aus den Haftakten Linges, Russisches Staatliches Militärarchiv Moscou; *Nº 56*: Aus den Haftakten Günsches, Russisches Staatliches Militärarchiv Moscou.

Índice

(Números de páginas em *itálico* remetem a informações no capítulo “Biografias”, p. 471)

- Abakumov, Viktor p. 375, 376.
Adam, Arthur 222, 288, 331, 473
Adenauer, Konrad 552
Alba y de Tormes, Jacobo Fitz-James Stuart
 Falcó, duque de 184, 473
Albrecht, Alwin-Broder 55, 298, 300, 307,
 364, 368, 473
Alfieri, Dino 101, 473, 475
Almer (Christine?) 39, 473
Alvensleben, Ludolf von 88-89, 473 s.
Amann, Max 38, 103, 474
Anders, Wladyslaw 205, 474
Antonescu, Ion 133 s., 171-172., 236, 322, 474
Arendt (mulher do cenógrafo do Teatro do
 Reich) 284, 474
Arndt, Wilhelm 307, 474
Asensio, Carlos Cabanillas 110, 475
Assmann, Heinz 220, 246, 475
Attolico, Bernardo 68, 475
Axmann, Artur 281, 284 s., 286 s., 298, 301,
 328, 341 s., 348, 350, 358-362, 364, 451,
 475 s.
Baarova, Lida 44, 576
Bach-Zelewski, Erich von dem 255, 476 s.
Backe, Herbert 137 s., 350, 478
Badoglio, Pietro 183, 185, 190 s., 477, 489,
 559
Bärenfänger, Erich 284, 336 s.-337, 477
Barra y Camer, Alfonso 184, 477
Bastians, Hans 103, 477
Baumbach, Werner 334, 477
Baur, Hans 43, 128, 189, 298, 300, 306 s., 324,
 326, 356 s., 362, 364, 373, 377 s., 379 s.,
 383 s., 390 s., 462, 478
Beck, Ludwig 223, 224, 478 s., 523, 541, 549,
 588
Bedford, Williams Sackville Russel Hastings,
 12º duque e de 116, 478
Behrens, Manja 167, 478
Below, Nikolaus von 146, 156 s., 161, 165,
 177, 198 ss., 210, 211, 220, 222, 246,
 303, 306, 308 ss., 309, 315 s., 321, 334,
 339, 479
Below (mulher de Nikolaus von B.) 198 s., 210,
 315
Bens (Benesch), Edvard 75, 479
Berger, Heinrich 222, 479
Bergeret, Jean-Marie Joseph 107, 479 s.
Bergmüller, Hans 225, 479
Beria, Lavrenti P. 9, 22, 374 s., 375-378, 383,
 403, 591
Bernadotte af Wisborg, conde Folke 288, 344,
 444, 480
Best, Sigismund Payne 91 s., 480
Besymenski, Lev 382
Betz, Georg 300, 307, 356 s., 364, 480 s.
Bismarck, Otto von 32, 40, 74

- Blaschke, Hugo 230 s., 306, 374, 480
 Blomberg, Werner von 47, 49 s., 55 s., 61, 480
 Bock, Fedor von 63, 481 s.
 Bodenschatz, Karl Heinrich 145 s., 220, 222, 246, 315, 481
 Boehm-Tettelbach, Karl 334, 482
 Bohle, Ernst-Wilhelm 118, 482 s.
 Boldt, Gerhard 246, 305, 324, 382, 482
 Borgmann, Heinrich 199, 220, 222, 246, 483
 Bormann, Albert 115 s., 298, 301, 306, 483, 528
 Bormann, Gerda 167, 201, 212, 483 s.
 Bormann, Martin 38, 66, 85, 90, 115 ss., 116, 118, 116 ss., 128, 138-140, 144 s., 154, 163-167, 180, 181, 186, 189, 192 s., 198, 201, 210 ss., 222, 227, 231, 242 s., 245 s., 249 s., 264, 271-275, 280 ss., 293, 301, 305, 307, 309-312, 315, 318 s., 324 s., 329, 332 s., 335 s., 340., 342-345, 348-352, 355 s., 358-364, 368, 380, 385, 392, 399, 478, 483, 485, 505, 521, 535, 590
 Bornholdt, Hermann 76, 484
 Borsig, August 73
 Brandt, Anni 164, 166, 198 s., 201, 210 s., 484
 Brandt, Heinz 164, 203, 211, 220, 222, 484 s.
 Brandt, Karl 145, 166, 198, 201, 222, 484, 516, 540
 Brauchitsch, Walther von 62, 97, 103, 108 s., 125 ss., 168, 485 s.
 Bräuer, Curt 72, 485
 Braun, Eva (nome de casada: Hitler) 23, 40, 46, 51 s., 59 s., 60, 65, 66, 71, 85, 93, 95, 137, 140, 154, 159, 162-167, 180, 197-202, 204, 209 ss., 217, 231, 247, 256, 257, 258, 270, 277, 279, 287, 291, 293, 296, 298, 300, 301, 303, 317, 322-331, 333, 337 s., 345 s., 351, 352 ss., 357, 358-360, 362, 373 s., 381, 385, 387, 390, 391, 486, 530, 539
 Braun, Franziska 140, 180, 198, 201, 210 s., 485
 Braun, Friedrich Wilhelm 180, 210, 486
 Braun, Ilse 208 s., 486
 Braun, Margarete 166, 195 s., 201, 209 ss., 317, 486 s., 499
 Braun, Wernher von 159 s., 486
 Breitmann, Richard 468
 Brückner, Wilhelm 31, 43, 65, 67, 82, 103, 486, 575
 Brugmann, Walter 156, 487
 Buchholz, Heinz 220, 487
 Büchs, Herbert 218, 246, 487 s.
 Buhle, Walter 146, 155, 159, 198, 221, 222, 246, 293, 304, 306, 313, 487
 Bulganin, Nikolai A. 383
 Bullit, William C. 72, 488 s.
 Bullock, Alan 19, 371, 407
 Burgdorf, Wilhelm 230, 239ss., 246, 264, 268, 272-274, 275, 277, 281, 292ss., 300-304, 307, 308, 311ss., 315, 321s., 336s., 340, 351 ss., 342, 343, 344, 351, 355, 358-363, 364, 488
 Busch, Ernst 215, 219, 281, 488
 Busse, Theodor 272-274, 305, 321, 340, 489
 Canaris, Wilhelm 111, 487 s.
 Cavaleiro, Ugo Conte 180, 489
 Chamberlain, Arthur Neville 60, 64-68, 69-72, 81, 96, 105, 489
 Christian, Eckhard 147, 218, 239, 315s., 490
 Christian, Gerda (ver Daranowski, Gerda)
 Churchill, Sir Winston 97, 104, 114, 184, 335 s., 490, 561
 Chvalkovsk, Frantiek 75, 491
 Ciano, Edda, condessa 185, 491, 547
 Ciano di Cortelazzo, Galeazzo, conde 69, 105, 184 s., 491, 547
 Codreanu, Corneliu 236, 491 s.
 Conti, Leonardo 450, 491 s.
 Coulondre, Robert 86, 87, 492
 Crockett, James C. 51, 492

- Daladier, Edouard 69-72, 105, 492
 Dänicke (possivelmente Kurt) 148, 492
 Daranowski, Gerda (também Christian) 89,
 119, 291, 296, 307, 313, 329, 347, 349,
 354, 362, 363 s., 366 ss., 490 s.
 Darré, Walter 477
 Deverell, Cyrill John 57, 493
 Devrient, Paul 467
 Diesing, Kurt 97, 493
 Dietrich, Josef ("Sepp") 31, 95, 101, 122 ss.,
 129, 141-143, 178, 187, 240-243, 248,
 252, 256, 265-268, 402, 493
 Dietrich, Otto 31, 117, 145, 150, 164, 169,
 198, 201, 245 s., 315, 385, 493
 Dietrich (mulher de Otto D.) 164, 166, 189
 Dimitroff, Georgi 459, 463
 Dirksen, Viktoria von 586
 Dirr, Adolf 271, 494
 Dodd, Martha 494
 Dodd, William E. 51, 494
 Dollmann, Eugen 121, 494
 Dönitz, Karl 144, 162, 198, 245, 263 s., 275,
 302, 312, 322, 327, 348-350, 361, 494,
 556
 Doose, Heinrich 301, 364, 442, 495
 Dopfer, Alfons 234, 495
 Dörnberg zu Hausen, Alexander Freiherr von
 65, 66, 185 s., 495 s.
 Dornberger, Walter 132, 495
 Douglas-Hamilton, Douglas 116 s., 496
 Dreesen, Fritz 64, 66, 496
 Drosdow, Viktor A. 378
 Dufving, Theodor von 362 s., 496 s.
 Duesterberg, Theodor 518

 Eicken, Carl von 260, 496
 Eigruher, August 280, 496
 Eisenhower, Dwight D. 184, 239, 497 s.
 Elser, Johann Georg 89-91, 497
 Engel, Gerhard 121, 146, 497
 Engels, Friedrich 458
 Erhardt, Walter 271, 498
 Ettinger, Helmut 28

 Falkenhorst, Nikolaus von 97s., 498s.
 Fanger, Paul 55, 498
 Färber, Gotthard 38, 499
 Faupel, Wilhelm 55, 499s.
 Fegelein, Hermann 24, 209 ss., 222, 239,
 245ss., 272-274, 278s., 281, 291ss., 300
 ss., 304 s., 307, 309, 311-313, 315, 321,
 329, 337ss., 344 ss., 350, 385, 391, 486,
 499, 507
 Fegelein, Johann 210, 499
 Fegelein, Maria Barbara 210, 500
 Fegelein, Waldemar 210, 500

 Fellgiebel, Fritz Erich 226, 500.
 Fellini, Federico 476
 Fest, Joachim 460
 Feuchtinger, Edgar 168, 500
 Foch, Ferdinand 586
 Forster, Albert 80s., 251, 308, 501
 Forster, Ludwig 308, 501
 Francisco José I de Habsburgo 525
 Franco y Bahamonde, Francisco 55-57, 83, 110
 ss., 113, 473, 501 s., 551, 570, 584
 François-Poncet, André 51, 502
 Frank, Bernhard 333, 502 s.
 Frank, Hans 89 s., 502
 Frank, Karl Hermann 77 s., 503
 Frederico II von Hohenstaufen 139
 Frederico II von Preussen 40, 74, 141, 165, 26/,
 279, 471
 Freisler, Roland 225, 503
 Frentz, Walter 164, 165, 272, 273, 306, 503
 Freytag-Loringhoven, Bernd von 246, 263, 295,
 298, 305, 309, 313, 315, 318, 321, 324
 328, 340, 503
 Frick, Helmuth 345, 358, 504

- Frick, Wilhelm 78, 504
 Friedel (major) 277, 291, 504
 Friedrichs, Helmuth 252, 504
 Fritzsche, Hans 169, 505
 Fromm, Friedrich 221, 223-227, 478, 505
 Funk, Walther 93, 331, 505
- Gabriel (ajudante de Keitel) 126, 506
 Gandhi, Mahatma 401
 Ganzenmüller, Albert 137, 506
 Gariboldi, Italo 173 s., 506
 Gaulle, Charles de 488, 551
 Gaus, Friedrich 67, 506 s.
 Gebhardt, Karl 262, 507
 Gehlen, Reinhard 249 s., 507
 Geilenberg, Edmund 255, 554
 Gercke, Rudolf 279, 507
 Giesing, Erwin 230, 437, 508
 Giesler, Paul 350, 398, 508
 Goebbels, Joseph 42 ss., 49 s., 72, 83 s., 89, 110, 169 ss., 202, 223, 229, 251, 260, 262, 270, 280, 281ss., 283s., 286, 288 ss., 309 ss., 314, 315, 319, 323-325, 328, 330 s., 333, 336 s., 339 s., 342, 347, 349, 352, 354, 365 s., 375, 398 s., 476, 485, 505, 508s, 515, 530, 547, 569
 Goebbels, Magda 44, 284, 314, 319, 349, 351 s., 357, 361, 365 s., 373 ss., 375, 505, 509
 Goebbels, filhos 314, 334, 347, 351, 365, 373, 374, 375, 505, 509
 Goerdeler, Carl 226, 509, 549
 Göhler, Johannes 246, 509 s.
 Göring, Edda 198, 246, 303, 510
 Göring, Emmy 198, 246, 303, 510
 Göring, Hermann 33, 44, 47, 49, 52, 55 s., 62 s., 69, 72, 75, 83 s., 86 s., 93, 97 s., 100 s., 107 ss., 114, 116 s., 134, 134, 138, 145s., 154, 159 ss., 161ss., 175, 179 s., 189, 191, 198 s., 214 s., 229, 233, 246 s., 260, 263, 267, 288ss., 293 ss., 302 s., 315, 317, 331-334, 344, 373 s., 385, 395, 400, 478, 480 s., 484, 502, 510 s., 512, 514, 530, 536, 553, 580
 Göring, Karin 246, 511
 Gort, John Standish 100, 511
 Grawitz, Ernst 345, 507, 511
 Graziani, Rodolfo 190, 506, 511
 Greim, Robert Ritter von 281, 334 s., 512, 556
 Greiser, Arthur 251
 Guderian, Heinz 125, 126, 208, 224, 230, 231 s., 234, 239, 241, 242, 245 s., 248 ss., 252, 261-264, 266, 385, 396, 503, 512, 541
 Guilherme II da Prússia 82, 97, 145
 Günsche, Otto 23-27, 45, 106 ss., 124 ss., 141-144, 146, 149s., 151, 155, 157, 159, 166, 169, 174, 176, 177s., 179, 211, 220, 221, 227, 235, 239, 243 s., 246 s., 252, 263, 266-270, 276, 277 s., 281, 284 s., 288-293, 299, 300 s., 303, 307, 309 s., 313 s., 315, 319 s., 324, 330-340, 342, 344 ss., 351-367, 373 s., 375 s., 380, 381-386, 389 s., 393, 394 s., 402 s., 406, 512
- Haakon VII da Noruega 98
 Haase, Werner 299, 308, 353, 366, 513
 Habersack, Karl 39 s., 513
 Hachá, Emil 75 ss., 513f.
 Haig (major britânico) 57, 513
 Halder, Franz 88, 97, 125, 137, 139, 141, 149, 168, 223, 513, 523
 Halifax, Edward Frederick, Visconde de 60 s., 81, 514
 Hamann, Otto 361, 514f.
 Hamilton (ver Douglas-Hamilton)
 Hammitzsch, Angela (nome de viúva: Raubal) 84 s., 514
 Hammitzsch, Martin 84, 515
 Hanfstaengel, Ernst 387, 462
 Hanke, Karl 251, 451, 515f.
 Hansen (SS-Mann) 76

- Hansen, Max 266, 515
 Harlan, Veit 283, 515 s.
 Hase, Paul von 223, 226, 516
 Hasselbach, Hans-Karl von 222, 230, 516f.
 Hassell, Ulrich von 226, 516
 Haushofer, Albrecht 116, 517
 Haushofer, Karl 118, 502, 517
 Heines, Edmund 34, 517
 Heinrichi, Gotthardt 282, 295 s., 297, 517
 Helldorf, Wolf Heinrich Graf von 226, 518f.
 Henderson, Neville 62, 67, 86, 87, 518
 Henkell, Annelies 558
 Hennicke, Paul 160, 518-519
 Henrique, Príncipe da Prússia 141
 Henschel, Josef 379f.
 Hentschel, Johannes ("Hans") 338, 519
 Hermani, August 277, 291, 519s.
 Herrmann, Harry 367 s., 519
 Hess, Alfred 118, 519-520
 Hess, Ilse 168, 520 s.
 Hess, Rudolf 42 s., 49, 72, 74, 80-83, 87, 93, 95, 107 s., 115-118, 138, 391, 392, 394, 496, 517, 519, 520, 552, 587, 589
 Hesse, Mafalda princesa de 180, 183, 520
 Hesse, Philipp, príncipe de 180 ss., 520
 Heusermann, Käthe 374
 Heusinger, Adolf 174, 208, 215 ss., 219-222, 225, 512f.
 Hewel, Walther 65, 67 s., 71, 102, 145 s., 164, 180, 198, 201, 203, 235 s., 245 s., 272-274, 290, 293, 300 s., 304, 307, 309, 315, 324, 344, 355, 363 s., 365-368, 521, 572, 586
 Heydrich, Reinhard 548
 Hillgruber, Andreas 469
 Himmeler, Heinrich 32 s., 47, 76, 77, 87, 90, 134 ss., 145, 160, 162, 170 s., 184 s., 186, 198, 200, 210, 211 s., 214, 220, 222, 225, 227, 230, 247, 255, 260, 261 s., 267 s., 278s., 301, 315, 331, 337 s., 344s., 373 s., 385, 392, 394, 399, 403 s., 473, 477, 480, 486, 522, 529 s., 550, 555, 567, 589
 Hindenburg, Paul von Beneckendorff und von 37, 43 s., 522 s., 563
 Hitler, Angela (ver Hammitzsch, Angela)
 Hitler, Eva (ver Braun, Eva)
 Hoepner, Erich 126, 223, 523
 Hofbeck, Hans 355, 378f.
 Hofer, Franz 280, 523 s.
 Hoffmann, Erna 567
 Hoffmann, Heinrich 39, 43 ss., 53 s., 59, 68, 70, 102, 121, 128, 141, 145, 149 s., 154, 164, 165 s., 210 ss., 485, 524, 545
 Högl, Peter 86, 116, 165, 225, 228 s., 307, 327, 332, 363 s., 524
 Hollidt, Karl Adolf 204 s., 524-525
 Horthy von Nagybánya, Nikolaus (Miklós) 134 s., 171 ss., 525, 571
 Hotblack, Frederick Elliot 51 ss., 525
 Hoth, Hermann 175, 525
 Hube, Hans-Valentin 148, 195, 525 s.
 Huebner, Rudolf 272-276, 526
 Huntziger, Charles 107-109, 526
 Iljitschow, Leonid 22
 Innitzer, Theodor 63, 526
 Jaenecke, Erwin 57, 110, 527
 Jagwitz, Eberhard von 118, 527
 Jeckeln, Friedrich 255, 527
 Jeschonnek, Hans 146, 161 ss., 527 s.
 Joachimsthaler, Anton 85, 210, 371 s., 391, 514
 Jodl, Alfred 97, 99, 102 s., 104, 106 ss., 110, 133, 145 s., 148, 150 s., 155 s., 159, 162, 163, 169 s., 171 ss., 174, 176, 179 s., 182 s., 185, 187, 198, 203, 205 ss., 213 s., 220, 222, 229, 239 s., 245 s., 252 s., 263, 275 ss., 281, 294, 308 s., 311, 315, 322, 385 s., 528, 588

- Johannmeyer, Willy 246, 250 s., 263, 273, 277, 293 ss., 301, 304, 307, 309, 312, 315, 321, 339 s., 342, 350, 528
- John von Freyend, Ernst 220, 221, 316, 346, 528
- Junge, Gertraud ("Traudl") 145, 218, 291, 307, 313, 329, 347, 349, 355 s., 363 s., 366 ss., 528 s.
- Jungfer ("mestre-de-cerimônias" na Chancelaria do Reich) 41, 529
- Kaganowitsch, Lasar M. 383
- Kalinin, Michail I. 461
- Kaltenbrunner, Ernst 27, 262, 268, 529
- Kammler, Hans 260, 529 s.
- Kannenber, Arthur 271 s., 279, 530
- Kantzow, Nils von 511
- Kaschula, Herbert 350, 530
- Kastrup (amiga e dama de companhia de Eva Braun) 166, 198, 201, 530
- Keitel, Wilhelm 61 s., 70, 75 ss., 83 s., 93 s., 97, 99-102 s., 104-111, 113, 125 s., 128 s., 133, 145 s., 147 s., 151, 155, 159 s., 162, 163, 167, 169 s., 171-174, 176, 179 ss., 182, 185 ss., 189, 192, 198, 203, 205, 213 s., 220 s., 224, 226, 229 s., 239, 245 s., 263, 275 s., 280 s., 293 ss., 302, 304 s., 309-311, 315, 316, 322, 324 s., 528, 530
- Kempka, Erich 302 s., 327, 357, 360 s., 364 s., 368, 530 s.
- Keppler, Wilhelm 72, 531
- Kershaw, Ian 371, 382, 409
- Kesselring, Albert 112, 179 ss., 281, 531
- Kirdorf, Emil 42, 532
- Klausen, Julius K. 377, 381, 382
- Kleist, Ewald von 121, 122, 159, 128, 141, 207, 532
- Klopfer, Gerhard 252, 532
- Kluge, Hans Günther von 238 s., 532
- Knesebeck, von dem 277, 533
- Kobulov, Amayak S. 375 s., 378, 382
- Koch, Erich 79, 132, 136 ss., 231 s., 250 ss., 330, 533
- Koller, Karl 230, 246, 275, 281, 293, 304, 315, 533
- Körber, August 534
- Korten, Günther 161 s., 164, 203, 220, 222, 230, 534
- Köster 76, 534
- Krancke, Theodor 145 s., 198, 534 s.
- Krause, Alfred 350, 534
- Krebs, Hans 227, 264, 266, 275, 281, 291-295, 297, 302, 304 ss., 307 s., 315, 321, 324-326, 328, 331, 336, 339 s., 342 ss., 348, 351 s., 355, 358-362, 364, 372, 374, 375, 535
- Krivenko, Mikhail S. 378
- Kruchev, Nikita S. 22, 402, 580
- Krüger, Else 318, 329, 347, 350, 355, 363, 366 s., 535
- Krüger, Heinz 327, 357 s., 361, 364, 535
- Kruglov, Sergei N. 21, 376, 378, 385
- Krupp von Bohlen und Halbach, Alfried 42 s., 132 s., 535f.
- Krupp von Bohlen und Halbach, Gustav 42s., 191, 535
- Kube, Wilhelm 137, 535-536
- Kuhlmann, Franz 327, 536
- Kusnetzov, Fiodor F. 373ff.
- Lafferenz, Bodo
- Laffert, Sigrid von 56 s., 586
- Lammers, Hans Heinrich 162, 392, 536
- Lanz, Hubert 110, 536
- Lasch, Otto 250, 536 s.
- Laval, Pierre 113s., 537
- Leander, Zarah 283, 537
- Leeb, Wilhelm Ritter von 64, 72, 126 s., 537
- Le Luc, Maurice Athanase 107, 538

- Lersch, Heinrich 400
 Ley, Robert 44, 281, 285 s., 299, 330, 538
 Ley (Frauen) 285
 Liddel Hart, Basil 396
 Liebel, Willy 90 s., 538 s.
 Lindloff, Ewald 359 s., 539
 Linge, Heinz 23-27, 31, 42 ss., 45, 47, 54, 55, 61, 66, 67 s., 70, 79 s., 84, 86, 88, 90, 93, 95, 97, 99, 103, 114 ss., 119, 121, 125-129, 134, 136-138, 141, 146, 149 ss., 153 s., 156 s., 169, 172, 180, 185, 192 s., 196, 199, 207, 212, 213, 218 s., 222 s., 227, 234 s., 246, 257, 263, 271 ss., 279, 293, 297, 299-303, 305 s., 308, 311-314, 317 s., 320, 322 ss., 325-329, 332 ss., 338 s., 343 ss., 346 s., 348, 355, 357-360, 361-364, 365, 368 s., 376-377, 379 s., 381-386, 387-390, 393 ss., 402, 539
 List, Julius 103
 List, Wilhelm 64, 139, 539
 Löhlein, Manfred 279, 539 s.
 Löhr, Alexander 121, 540
 Lohse, Hinrich 137, 540
 Lohse (major) 317, 540
 Lorenz, Heinz 130, 164, 167, 198, 201, 272 ss., 293, 300 ss., 307, 309, 315, 324, 331, 340, 344, 540
 Lorenz (SS-OStbf.) 350
 Lubbe, Marinus van der 86
 Ludendorff, Erich 538
 Luís XIV da França, 73
 Lürjens, Günther, 475

 Mackensen, Eberhard von 158, 540f.
 Maginot, André 64, 72
 Malenkov, Georgi M. 383
 Mandtal, Erich 322, 541
 Manstein, Erich von (na verdade, Fritz-Erich von Lewinski) 147, 156, 158 s., 192 s., 207, 354, 396, 541
 Manteuffel, Hasso von 240 s., 242, 541-542
 Manziarly, Constanze 303, 329, 347, 354 s., 363 s., 366 ss., 542
 Marras, Efisio 173, 185, 542
 Marshall, George Catlett 52, 542, 572
 Martin, Benno 90 s., 542
 Marx, Karl 386
 Maser, Werner 389
 Meichssner, Joachim 228, 543
 Meissner, Otto 41, 172, 543
 Merkulov, Wselowod N. 376
 Mertz von Quirnheim, Albrecht 224, 543
 Meyer, Kurt 124, 543 s.
 Miguel II da Romênia 236
 Mikoian, Anastas I. 383
 Milch, Erhard 148, 528, 544
 Misch, Rochus 377, 379
 Model, Walter 175, 231, 240 s., 264, 276, 544
 Mohnke, Wilhelm 313, 327, 335, 341, 345-347, 350 s., 351 ss., 361, 362 ss., 368 s., 453, 544 s.
 Molotow, Wjatcheslaw M. 120, 383, 424
 Montgomery-Massingberd, Archibald Armar 58, 545
 Merell, Theodor 54, 59, 76, 86s., 102, 119, 128, 145s., 149, 153, 155, 163 164, 166, 196s., 198, 201, 207, 208, 218, 222, 274, 297, 298, 301, 308, 314, 318, 389, 419, 428, 545
 Morell (mulher de Theodor M.) 164, 198, 201
 Müller, Erich 130, 545 s.
 Müller, Heinrich ("Heinz") 252, 307, 318, 546
 Müller, Heinrich ("*Gestapomüller*") 365, 546
 Mummert, Werner 450, 546
 Mussolini, Benito 58, 68-69, 100 ss., 105 s., 120 ss., 171-174, 180, 183, 186-187, 322, 416, 422, 430, 432, 546 s., 547, 569, 577
 Mussolini, Edda (ver Ciano, Edda)
 Mussolini, Vittorio 189, 547
 Mussolini (mulher de Benito M.) 189

- Natzmer, Oldwig von 347, 547 s.
 Naumann, Werner 314, 339 s., 342 s., 358-362, 365, 368, 547 s.
 Neurath, Constantin Freiherr von 49 s., 55, 60, 78, 83 s., 548
 Noël, Léon 107, 548

 Ochs (camareiro de Goebbels) 314, 365, 548
 Olbricht, Friedrich 223, 224, 505, 523, 543, 548 s., 573
 Oshima, Hiroshi 87, 549
 Osipov, N. F. 381
 Osterholz, Liesl 303, 347, 549
 Overy, Richard 29

 Papen, Franz von 61, 62, 549 s.
 Parisot, Henri 107, 549
 Parparov, Fiodor Karpovitsch 24 s., 27, 375 s., 457, 468
 Passanov (sowj. OLT.) 452
 Patton, George Smith 239 s., 549 s.
 Paulus, Friedrich 25, 139, 146-151, 203, 550
 Pavolini, Alessandro 186, 550
 Peiper, Joachim ("Jochen") 550 s.
 Peltz, Dietrich 334, 551
 Pétain, Henri Philippe 109 s., 113 ss., 132, 322, 424, 551
 Petter, Kurt 251, 289, 332, 551 s.
 Pferdmenes, Robert 42, 552
 Pick, Gerhard 268, 552
 Pintsch, Karl Heinz 115-116, 552
 Pleiger, Paul 132, 552 s.
 Poensgen, Ernst 42, 553
 Poskrebyshev, Alexander N. 372
 Posse, Heinz 40, 553
 Puttkamer, Karl-Jesko Otto von 55, 144, 168 s., 199, 211, 220, 222, 246, 301, 306, 553
 Quandt, Harald 509

 Raabe von Pappenheim, Friedrich-Carl 50 s., 553
 Radó, Sándor 554
 Raeder, Erich 55 s., 97 s., 107 s., 421, 554
 Rattenhuber, Johann 135, 165, 298, 300 s., 353, 364, 367 s., 376, 378, 430, 554
 Raubal, Angela ("Geli") 46, 53, 413, 418, 459, 485, 554
 Raubal, Angela (nascida Hitler; ver Hammitzsch, Angela)
 Raubal, Elfriede 514
 Raubal, Leo 514
 Raubal, Leo (Jr.) 514
 Rauch, Josef 367, 449 s., 554 s.
 Reichenau, Walter von 128 s., 555
 Reinecke, Hermann 226, 555
 Reinhardt, Georg-Hans 219, 226, 556
 Reinhardt, Hans 226
 Reisser, Hans 359 s., 556
 Reiter, Maria 461
 Reitsch, Hanna 334 s., 556
 Remer, Ernst Otto 223, 228, 274, 556 s.
 Rendulic, Lothar 266, 557
 Renondeau, Gaston-Ernest 50, 557
 Reyman, Hellmuth 328, 338, 443, 557 s.
 Ribbentrop, Joachim von 24, 43, 65-75, 86 s., 101, 105, 107, 116 s., 145 s., 162, 171, 180, 198, 206, 214, 220, 235, 245, 289, 290, 298, 302, 313, 331, 419, 558
 Richthofen, Wolfram, barão de, 558
 Riefenstahl, Leni 84, 400, 558 s.
 Rings, Erich 379
 Roatta, Mario 183 s., 559
 Röchling, Hermann 42, 132 s., 191, 559 s.
 Roewer, Helmut 469
 Rohland, Walter 132, 255, 560
 Röhm, Ernst 34 s., 47, 560
 Rommel, Erwin 157 ss., 221 s., 560 s.
 Roosevelt, Franklin Delano 296, 488, 542, 561
 Rosenberg, Alfred 47, 137, 257, 298, 331, 561

- Rundstedt, Karl Rudolf Gerd von 119, 141 s.,
176, 226, 238 s., 240, 561 s.
- Salejev, Igor 384, 455
- Sander (homem da SS) 85, 562
- Sandig, Rudolf 266, 562
- Sauckel, Fritz 138 s., 562
- Sauerbruch, Ferdinand 507
- Saur, Karl-Otto 131, 253, 563
- Schach, Gerhard 270, 342, 364, 368, 563
- Schacht, Hjalmar 41, 42, 191, 563 s.
- Schädle, Franz 127, 229, 300, 307, 327, 343,
360, 363 s., 564
- Schaub, Julius 31, 76, 99, 124, 128, 131, 137,
141, 144 s., 192 s., 228, 247, 279, 298,
300 s., 322 ss., 495, 564
- Scheel, Gustav Adolf 564
- Schenck, Ernst Günther 367, 388, 459 s., 565
- Scherff, Walter 140, 175 s., 155, 198, 220, 222,
246, 315, 565
- Schirach, Baldur von 286, 552, 565 s.
- Schkarawski, Faust I. 374
- Schleicher, Kurt von 35, 566
- Schlünder, Ernst 251 s., 566
- Schmidt, Paul-Otto 60, 68, 70, 107 ss., 113,
133, 566 s.
- Schmit, Max 52, 567
- Schmundt, Rudolf 70, 75, 99, 103, 121, 126-
128, 133, 136, 138 s. 146, 149, 155,
159, 165, 192 s., 203, 217, 218, 220,
230, 488, 567
- Schnäbele, Carl 135, 567
- Schneider, Herta 197 s., 201, 567
- Scholze, Georg 567
- Schönmann, Fritz 567
- Schönmann, Marion 164 s., 197, 567
- Schörner, Ferdinand 281, 301, 312, 350,
444, 567s.
- Schramm, Percy Ernst 466
- Schreiber, Gloria 201, 568
- Schreiber, Helmut ("Kalanag") 201, 568
- Schroeder, Christa 80, 119, 145, 156, 218, 568 s.
- Schröder, Kurt, barão de 42, 568 s.
- Schulenburg, Friedrich Werner, conde de 226,
569
- Schulze-Boysen, Harro 468
- Schuschnigg, Kurt 59, 61-63, 75, 569
- Schuster, Kurt Oskar 242, 569
- Schwägermann, Günther 314, 365, 569
- Schweizer, Jan W. 455
- Schwerin von Krosigk, Johann Ludwig Lutz,
conde de 350, 569 s.
- Schwiedel, Werner 361, 570
- Semenovski, Pjotr S. 381
- Serov, Ivan A. 376, 378
- Serrano Súñer, Ramón 110, 570
- Seydlitz-Kurzbach, Walter von 148, 171, 570
- Seyss-Inquart, Arthur 62 s., 450, 570 s.
- Sidnew (major soviético)
- Sikorski, Wladyslaw 88
- Sima, Horea 236, 571
- Skorzeny, Otto 187, 189, 241, 243, 255, 571,
577
- Smend, Günther 208, 226, 571 s.
- Smirnov, Nikolai M. 457
- Smith, Truman 51 s., 571 s.
- Söderbaum, Kristina 516
- Sonnemann, Emmy (ver Göring, Emmy)
- Sonnleithner, Franz von 220, 572
- Sorge, Richard 469
- Speer, Albert 66, 131-132, 253, 254, 287, 298,
303, 328, 389, 425, 435, 462, 507, 539,
572
- Speer, Margarete 164, 572
- Sperrle, Hugo 56, 112, 572 s.
- Stahel, Rainer 157, 573
- Stalin, Josef Vissarionovitch 21 s., 24 s., 26 s.,
29, 169 ss., 372ss., 375 s., 377, 379, 382
ss., 384-386, 393 s., 397, 398, 401 s., 403
s., 406

- Staudte, Wolfgang 478
 Stauffenberg, Claus Schenk conde de 221, 223 s., 227, 228, 331, 435, 463, 505, 523, 573
 Steiner, Felix Martin 313, 316, 321 s., 324 s., 328, 331, 337, 344, 391, 573 s.
 Stern, Wolf S. 457
 Stevens, Richard H. 91, 574
 Stieff, Helmuth 226 s., 574
 Stinnes Junior, Hugo 42, 574
 Stinnes, Hugo 581
 Stohrer, Eberhard von 104, 575
 Stork, Sophie 85, 575
 Strasser, Gregor 566
 Streckert, Karl 149, 575
 Streicher, Julius 47, 330, 575 s.
 Streve, Gustav 198, 229, 284, 301, 576
 Stuckart, Wilhelm 75, 77, 576
 Student, Kurt 187, 189, 576 s.
 Stumpfegger, Ludwig 230, 257, 272 s., 298, 301, 307, 318, 320, 328, 347, 363, 366, 577
 Stürtz, Emil 256, 577

 Tessenow, Heinrich 572
 Thierack, Otto Georg 577 s.
 Thomas, Kurt 134s., 198, 578
 Tippelskirch, Kurt von 107, 578
 Tiso, Josef Gaspar 74, 173, 578 s.
 Tito, Josip Broz 463
 Todt, Fritz 93, 131, 563, 579
 Tornow, Fritz 353, 362, 579
 Tresckow, Henning von 574
 Troost, Gerhardine 233 s., 257, 579
 Troost, Paul Ludwig 47, 233, 579
 Trotha, Ivo Thilo von 281, 579
 Truman (adido militar; ver Smith, Truman)
 Truman, Harry Spencer 579 s.

 Uder, Ernst 161 s., 400, 580
 Uiberreither, Siegfried 280, 580 s.

 Umberto de Savóia 102, 182, 581
 Uritzki, Semion P.

 Vadis, Alexander A. 374
 Vitório Emanuel III da Itália 102, 182, 190, 477, 520, 581
 Vögler, Albert 42, 132, 255, 581
 Voss, Hans-Erich 198, 246, 293, 304, 307, 309, 315, 324, 327, 355, 363 s., 366, 581 s.
 Vosnesenski, Nikolai A.

 Wächtler, Fritz 330, 582
 Wagner, Eduard 225, 582 s.
 Wagner, Friedelind 401, 466
 Wagner, Gerhard 583
 Wagner, Richard 39
 Wagner, Siegfried 583
 Wagner, Walter 583
 Wagner, Winifred 56, 168, 583
 Wagner-Laffrenz, Verena 168, 583
 Waizenegger, Heinz 181, 246, 584
 Wanderer, Madeleine 285, 584
 Warlimont, Walter 145 s., 155, 162, 163, 179 ss., 198, 220, 222, 229, 239, 584
 Wauer (dirigente da SS) 317, 584
 Wavell, Archibald 99, 584
 Weber, Christian 46, 69, 585
 Weichs an der Glon, Maximilian, barão de 156 ss., 585
 Weidling, Helmuth 336 s., 340-343, 348 s., 350, 352, 361-363, 367, 372, 585
 Welczeck, Johannes Graf von 56, 586
 Welczeck, Johannes Bernhard Graf von 56, 586
 Wenck, Walther 230, 246, 264, 281, 311, 313, 316 ss., 324 ss., 329 s., 342 s., 586
 Wessel, Horst 82
 Weygand, Maxime 109, 586 s.
 Wibizek (homem da SS) 85, 587
 Wiedemann, Fritz 103, 587

- Wigman, Mary 558
Wilberg, Helmut 57, 587
Winter, Anni 46, 53
Winter, August 239, 246, 293, 304, 308, 315, 588
Wisch, Theodor 187, 588
Wittler, August 283
Wittler, Heinrich 283
Witzleben, Erwin von 224, 226, 588
Wöhler, Otto 195, 263 s., 588 s.
Wolf, Johanna 71, 145, 218, 589
Wolf, Konrad 479
Wolff, Karl 145, 182, 185, 189, 190, 209, 494, 589
Wollenhaupt, August 303, 590
Zander, Wilhelm 246, 277, 307, 315, 318, 331, 350, 590
Zeitler, Kurt 141, 145-149, 151, 155 s., 159 s., 164, 170, 172, 174, 175, 177, 194, 195, 203, 204, 571, 590
Zhukov, Georgi K. 372, 451, 590 s.



Minha Impalpável Biblioteca

Este livro foi composto na tipologia A Garamond, em corpo 11,5/16, e impresso em papel off-set 75g/m², no Sistema Cameron da Divisão Gráfica da Distribuidora Record.
